Cancioneiro de Musicas Populares

CANCIONEIRO
DE
MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

CANÇÕES, SERENATAS, CHULAS, DANÇAS, DESCANTES,
CANTIGAS DOS CAMPOS E DAS RUAS, FADOS, ROMANCES, HYMNOS NACIONAES,
CANTOS PATRIOTICOS, CANTICOS RELIGIOSOS DE ORIGEM POPULAR,
CANTICOS LITURGICOS POPULARISADOS, CANÇÕES POLITICAS,
CANTILENAS, CANTOS MARITIMOS, ETC.
E CANÇONETAS ESTRANGEIRAS VULGARISADAS
EM PORTUGAL

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

Gualdino de Campos

PREFACIADO

PELO EX.^{mo} SNR. DR.

Theophilo Braga

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80 — Rua da Fabrica — 80
—
1893

As melodias portuguezas

A poesia popular portugueza tem sido esmeradamente investigada em todas as provincias, estendendo-se esse interesse aos Açores, Madeira e ainda até ao Brazil, onde persistem os elementos tradicionaes da colonisação do seculo XVI. As collecções dos Cantos populares portuguezes formam um valioso documento ethnologico, pelo qual se podem já estabelecer relações com os rudimentos primitivos das nacionalidades peninsulares, e coadjuvar a explicação do problema da unidade das tradições poeticas occidentaes, evidente nos paradigmas dos romances communs a Portugal, Hespanha, França meridional, Italia e Grecia moderna. Porém, um simples exame do trabalho dos colleccionadores portuguezes mostra immediatamente que falta ahi o elemento vital da poesia popular — o canto.

E' esta falha, que importa preencher; e todos os esforços empregados para fixar pela escripta as melodias do povo, constituem a essencia da poesia tradicional, e mesmo a condição da sua verdadeira intelligencia. E por que só excepcionalmente têm sido colligidas as melodias populares? Por que depende esse trabalho de um conhecimento technico, começando por saber primeiramente transcrever em caracteres musicaes a melodia fugitiva, e depois possuir o dom de perceber a simplicidade ingenua da melodia e de conservar-lhe a sua espontanea naturalidade. A letra do canto, ou a poesia, é facil de colligir; o proprio rythmo ajuda a achar as fórmas estrophicas, que se decóram rapidamente, e que mesmo separadas da musica têm bellezas de expressão que tornam essa linguagem desataviada uma obra prima, revelando, já as emoções profundas do sentimento humano, já os lances dramaticos de uma phase social extincta. Mas a Poesia e o Canto são inseparaveis; assim nasceram no syncretismo mental das raças, quer nas fórmas cultuaes das religiões, quer nas rhapsodias heroicas das narrativas épicas; poesia e musica são como a côr e o perfume da mesma flôr. Póde essa flôr ser adivinhada pelo perfume vago, e póde tambem ser representada pela côr no desenho; mas da sua união é que depende a vida. Isto se demonstra pela propria letra dos cantos tradicionaes, cujos fragmentos se restituem pela musica; assim a antiquissima collecção dos hymnos religiosos do *Rig-Veda*, que os nossos antepassados Aryas compozeram doze mil annos antes da nossa éra ao entrarem nos valles de Septashindu até á sua constituição social theocratica, encerra simplesmente a letra poetica da sua adoração naturalista; e a musica d'esses cantos especialmente conservados no culto acha-se na collecção do *Sama-Véda*. O texto poetico, apesar da sua antiguidade e da sua auctoridade religiosa alterou-se; o canto, a melodia dos hymnos tal como se inseriu no *Sama-Véda*, revela que as fórmas grammaticaes se modificaram, e que a versificação do *Rig-Veda* soffreu uma recensão ulterior.

E' verdadeiramente a musica a alma da poesia popular; e tanto, que no nascimento da poesia moderna da Europa, o Lyrismo trobadoresco, as novas fórmas metricas foram moldadas sobre toadas velhas *un son viel e antic*. Pela persistencia da musica, muitos cantos populares chamados de serranilha, penetraram nos cancioneiros aristocraticos, como vemos nos *Cantares de amigo* do rei D. Diniz; e o seu typo estrophico reapparece em Gil Vicente intercalando esses cantos nos seus Autos e farças, chegando-se a determinar a sua persistencia ainda na transmissão immemorial de muitas aldeias portuguezas, como em Rebordainhos.

Um exemplo ainda mais frisante da dependencia da letra poetica da melodia popular é o que se dá com a fórma dos romances de *Estavillar* cantados nas Asturias; o romance é cantado por dois grupos, um de homens, outro de mulheres, para o effeito concertante, e alternadamente; um grupo canta um verso terminando em uma certa vogal; esse verso é repetido pelo outro grupo, mas alterando-o para que acabe em outra vogal determinada:

Ay un galan d'esta v*i*lla,
Ay un galan d'esta c*a*sa,
Ay, él por aqui ven*i*a,
Ay, él por aqui leg*a*ba.
Ay, diga él lo qu'el quer*i*a,
Ay, diga lo qu'el busc*a*ba.
Ay, busco la blanca n*i*ña,
Ay, busco la niña bl*a*nca, etc.

Esta fórma typica tambem se depara já inconscientemente empregada em muitos romances heroicos hespanhoes e portuguezes, mas como effeito tautologico e sem subordinação ao canto. Comtudo o canto revela-nos a phase primitiva da elaboração poetica, como se vê ainda na recitação da epopêa da Finlandia, o *kalévala*, em que dois individuos do povo, de mãos dadas, sentados um diante do outro vão recitando em alternancia os versos do grande poema da tradição nacional. Tambem em um dos mais antigos poemas tradicionaes portuguezes, a *Canção do Figueiral*, acham-se os vestigios da sua formação, e modos de recitação no genero do *Estavillar*:

No figueiral figueir*e*do
A no figueiral entr*e*i,
Seis niñas encontr*á*ra,
Seis niñas encontr*e*i,
Para ellas and*á*ra,
Para ellas aud*e*i, etc.

A musica d'esta canção chegou a ser colligida em um Cancioneiro manuscripto do seculo xv, pertencente a D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, e d'elle foi transcripta por D. Marianno Soriano Fuertes para a *Historia de la Musica en Hespaña;* e referindo-se tambem a essa musica, allude Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea,* a tel-a ouvido cantar a uma velha do Algarve de muita edade. Muitos problemas de psychologia e de arte se resolverão, quando se aproximarem dos cantos populares as musicas que os rithmaram e lhes deram universalidade.

Provada a importancia que o canto tem sobre a poesia, nasce outro problema: Como se inventam as melodias populares? Temos dois termos essenciaes para o exame: as antigas melodias, que nos Cancioneiros manuscriptos onde ellas vem notadas trazem o caracter de musica ecclesiastica acantochanada; as censuras dos moralistas catholicos da Edade-média contra os cantos do povo que se repetiam na egreja, como o da *Belle Alice,* e especialmente contra os effeitos profanos do *descante;* e as melodias modernas, muitas das quaes sairam das Oratorias religiosas do seculo xviii, que vieram simplificar-se nas reminiscencias populares. O recompôr esta mutua dependencia é uma das principaes condições da critica e da historia. A letra da poesia era muitas vezes uma indicação eventual da musica, que era fixa, assim achamos no *Cancioneiro portuguez da Vaticana,* a canção 1062, formada sob a dependencia da melodia: «*Esta cantiga foy seguida por huã baylada que diz:*

Vos avedel-os olhos verdes,
matar-m'edes com elles...»

Nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes encontram-se provas de uma vivissima poesia popular, cujos typos estrophicos foram imitados nas *serranilhas, cantares de amigo,* de *ledino, barcarollas,* e outras fórmas, que no seculo xiii e xiv se impunham exclusivamente pela sua sympathia musical; os cantores populares eram designados pelo nome dos instrumentos musicaes a que se acompanhavam: jograes de *bocca,* jograes de *penola,* jograes dos *atambores.* Em uma sirvente de Martim Soares, para satyrisar um trovador incorrecto compara-o com os cantores populares: (*Canc. da Vat.,* n.º 965).

Os aldeyãos e os concelhos
todolus avedes per pagados,
. . . .
por estes cantares que fazedes d'amor
em que lhis acham as filhas sabor,
e os mancebos que teem soldados.
Benquisto sodes dos Alfayates,
dos peliteyros e dos moedores,
d'a vosso bando são os tropeiros
e os jograes dos atambores,
porque lhis cabe nas trombas vosso son,
para atambores ar dizen que non
acham no mundo outros soẽs melhores.

E referindo ao contraste entre os cantos rimados ou litterarios, e os assonantados ou populares, conclue o trovador:

Os trovadores e as mulheres
de vossos cantares son nojados,
a hũa porque em pouco daria
poys mi dos outros fossem loados;
ca elles non sabem que xi van fazer,
queren bon son e bôo de dizer,
e os cantares fremosos e rimados.

Em uma serrania do trovador portuguez Estevam Coelho encontra-se uma graciosa descripção da poesia popular ainda ligada ao canto:

Sédia la fremosa, seu fuso torcendo,
sa voz manselinha, fremoso dizendo
cantigas de amigo.

Sédia lá fermosa seu fuso lavrando,
Sa voz manselinha, fremoso cantando.
cantigas de amigo.

— Por deus de cruz, dona, pey eu que avedes
amor mui coitado, que tambem dizedes
cantigas de amigo.

Par deus de cruz, dona, sey eu que andades,
d'amor mui coitada, que tambem cantades
cantigas d'amigo.

(*Canc. Vat.,* 321.)

Os cantos das *linhadas* ainda hoje se conservam nos costumes portuguezes.

Um caracteristico fundamental da poesia popular de Portugal e da Galliza, que com a das Asturias constituem uma unidade ethnica, é esta iniciativa directa da mulher na improvisação poetica e no canto. Observou-o o Marquez de Montebello no seculo xvii, Sarmiento no seculo xviii, e ainda agora todos os que estudam o folk-lore peninsular. Esse caracter poetico prepondéra nos documentos do seculo xiii e xiv, como vêmos no *Cancioneiro da Vaticana:*

Oy oj'eu hũa pastor cantar
d'u cavalgava per hũa ribeira;
e a pastor estava senlheira,
e ascondi-me pola ascuytar;
e dizia muy bem este cantar:

Sol-o ramo verde frolido
vodas fazem ao meu amigo;
e choram olhos d'amor!

E a pastor parecia muy bem,
e chorava e estava cantando,
e eu muy passo fui-me achegando
pola oyr, e sol nom faley rem;
e dizia este cantar muy bem:

Ay estorninho dó avelanedo,
Cantades vós, e moyr'e peno;
d'amores ey mal.

Esta canção do jogral Ayres Nunes continua se, intercalando nas estrophes litterarias como retornello uma estrophe de differentes serranilhas populares. O effeito poetico é lindo; mas lembrando-nos que a canção de Ayres Nunes (n.º 454) era escripta para ser cantada, mais graça teria quando repetisse as diversas melodias populares com a sua pastorella.

Esta fórma poetica trobadoresca esteve muito na moda das côrtes; na côrte de D. Diniz achou a sympathia do proprio monarcha, que era um trovador de primeira ordem e de grande talento. O jogral Lourenço emprega este processo em duas das suas canções (N.os 866 e 867):

Hunha moça namorada
dizia um cantar d'amor;
e diss'ello: «Nostro senhor,
oj'eu fosse aventurada,
que vysse o meu amigo,
como eu este cantar digo, etc.

Tres moças cantavam d'amor
mui fremosinhas pastoras,
mui coytadas dos amores
e diss'end'unha mha senhor:
Dizede, amigas, comigo
o cantar do meu amigo, etc.

E ainda uma canção de D. João de Aboym, conselheiro privado do rei D. Diniz, accentuando o mesmo caracter feminino da poesia popular portugueza:

Cavalgava n'outro dia
por hum caminho francez,
e hunha pastor siia
cantando com outras tres,
pastores; e non vos pez,
e direy-vos todavya
o que a pastor dizia
aas outras em castigo:
Nunca mulher crêa per amigo,
poys s'o meu foy e não falou migo.

(*Canc.*, n.º 278.)

A referencia ao *caminho francez*, que assim se denominava a estrada dos peregrinos de Sam Thiago, indica o meio galleziano da tradição lyrica. Poderiamos indicar um outro elemento musical, que no seculo XIV entrou na peninsula hispanica e se fundiu com a poesia popular; assim como imitamos o *lai* narrativo da Bretanha, tambem as nossas canções trobadorescas foram cantadas ao som dos *lais* musicaes. N'essas canções trobadorescas portuguezas donuncia-se um outro elemento musical, o das melodias de Bearn, ou bascos francezes, e dos bascos hespanhoes ou euskarianos, como se vê pelo estribilho: «*Etoy, lelia* de outro». As *zambras*, os *hudas* ou cantos de tropeiros dos Arabes, penetraram tambem no povo portuguez; e o *Lingui-lingui* arabe, é ainda a lenga-lenga ou canto narrativo mais recitado do que cantado que se usa em Portugal. Sómente colligindo a musica dos cantos populares em todas as provincias de Portugal é que se esclarecerão estes problemas tão complexos da nossa tradição nacional.

Raras vezes encontramos nos escriptores antigos referencias á musica do povo. No seculo XV, o prurido da erudição humanista fazia desprezar como indigna de consideração a poesia popular; assim o vemos na Carta celebre do Marquez de Santillana. Comtudo no seculo XV em Portugal, o povo cantava algumas seguidilhas sobre a sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Perira, e as quaes foram encontradas pelo padre José Pereira de Santa Anna entre manuscriptos de Azurare. Apenas se colligiu a letra; por ella vê-se que havia côro, e baile em volta da sepultura. No seculo XVI acha-se o inventario da poesia popular em Gil Vicente, que na *Rubena* traz a indicação das cantigas mais queridas e que andavam na moda no seu tempo; mas tambem na tragi-comedia *Triumpho de Inverno*, accusa o extraordinario phenomeno da decadencia do genio poetico ou depressão do povo portuguez, que abandona os pandeiros e os bailes de terreiro. Era a grande crise de reacção politica e religiosa começada por D. Manuel e levada ao seu extremo por D. João III. A consequencia foi a catastrophe do desvairado D. Sebastião, que deu azo a cahirmos nas garras de Philippe II. D'esta ruina resultou um canto lugubre, em que se cantava a morte de D. Sebastião, cuja musica foi copiada por Miguel Leitão de Andrada na sua *Miscellanea*. No seculo XVII ainda D. Francisco Monoel de Mello, em uma deliciosa scena do *Fidalgo aprendiz*, descreve os cantos populares que estavam no gosto da época, e os instrumentos musicos que um galanteador tinha de aprender. Existia uma grande quantidade de melodias populares, os *Tonos* que se cantavam nos Villancicos do Natal nas Egrejas, e nas procissões, escriptos por compositores notaveis, d'onde ficava na reminiscencia popular esse germen que veiu a produzir as *Modinhas* do seculo XVIII. Como este elemento se ligou com a poesia é prova superior o typo das Lyras de Thomaz Antonio Gonzaga na sua *Marilia de Dirceu;* e n'essas Modinhas encontrava Strafford os elementos generativos para se formar uma Musica dramatica portugueza, como dos *lieds* allemães se formou a surprehendente musica da Allemanha.

Firmin Caballero, no seu *Manual geographico administrativo* caracterisa as differentes nacionalidades peninsulares pelos seus cantos populares; diz elle: um andaluz passa horas inteiras cantando a *cana* ou a *rondena* emquanto ao navarro prefere jogar a *pelota* e o *mus;* emquanto a salamanquina enlouquece com as *habas verdes*, a gallega não acha nada com mais encanto do que a sua *muinheira;* a mesma differença nos instrumentos musicos: o manchego canta noites inteiras ao compasso das *castanuellas* e ao som do *guitarrilho* as suas quadras de seguidilha, ao passo que o basco prefere o *tamboril* para bailar algum *zorzico*. A *gaita* gallega chega a dominar até ás Asturias; a *zamponha* e *bandurria* nos bairros de Madrid, e em geral as *sonajas* e *pandereta*, a *guitarra* e a *bihuela* exprimem o garbo e o ardor do genio peninsular. Vê-se como estes aspectos da Vida são um documento scientifico para penetrar o genio dos povos, Hoje mais do que nunca, convém a Portugal estes estudos; porque na decadencia que por toda a parte nos ameaça, a revivescencia do genio nacional depende da vitalidade da sua tradição.

Theophilo Braga.

O LAVRADOR DA ARADA

LENDA RELIGIOSA

A S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya.

Adagio 8ª

1

Vin-do o la - vra-dor da a- - ra - da, ai Je - - sus! en-con-

trou um po - bre- - si - nho, ai Je- -sus! Ó po- -bre - si-nho lhe dis - - se, ai Je -

sus! le- va- - me n'es-se car- - ri - nho, ai, Je- -sus...

Para acabar

sus!

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho;
O pobresinho lhe disse:
Leva-me n'esse carrinho.

O lavrador o levou
P'ra a melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a cêa
Do melhor manjar que havia.

A toalha era de linho,
A melhor que em casa havia;
E depois da mesa posta
O pobre nada comia.

Os suspiros eram tantos
Que até a meza tremia;
As lagrimas eram tantas!
E o pobre nada dizia.

Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
Por baixo camelão roxo,
Por cima cambraia fina.

Foi o lavrador deitar-se
Mas o pobre não dormia;
Lá pela noite adeante,
O pobresinho gemia.

Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha,
E achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

— O' meu Senhor se eu soubesse
Que em minha casa vos tinha,
Mandava fazer preparos
Que n'esta casa não havia.

— Cala-te, ó lavrador,
Que, antes que chegue o dia,
Tu serás no paraizo
Em a minha companhia.

Lá no reino da gloria
P'ra ti um logar eu tinha,
Outro p'ra tua mulher
Que muito bem o merecia.

Amen Jesus.

A musica d'esta lenda é antiquissima e conserva-se generalisada em todo o paiz, com pequenas modificações; porém não succede o mesmo á letra de que ha innumeras variantes e versões, quasi todas incompletas ou fragmentadas.

Esta toada é caracteristicamente medievica e talvez fosse cantada da fórma seguinte: uma ou duas vozes cantavam a lenda e um coro respondia no fim de cada verso: — Ai Jesus — excepto no ultimo que está — Amen Jesus.

Provavelmente foi esta lenda que deu origem ao idiotismo portuguez — : *é o seu ai Jesus.*

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

TROBADORESCA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Xavier Braga.

2

No fi - guei-ral fi-guei - re - do, a no fi - guei-ral en - -trei, seis

ni-ñas en-con -tra- ra seis ni - ñas en-con -trei, pa-ra e - - llas an- -da - ra, pa-ra

e - - llas an- -dei lho - ran- do las a- cha- ra lho - ran - do las a - chei, lo -go

las pes-cu- -da - ra, lo-go las pes-cu- -dei, quem las mal-tra - ta - ra ya

tão ma -la ley ? No fi - guei-ral fi-guei - re - do, a no fi - guei-ral en- trei.

E' esta a canção portugueza mais antiga, de que se conservou notação musical escripta. Extrahida das *Epopéas da Raça Mosarabe* do Ex.mo sr. dr Theophilo Braga.

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Seis niñas encontrara,
Seis niñas encontrei.
Para ellas andara.
Para ellas andey,
Lhorando las achara
Lhorando las achei,
Logo las pescudara,
Logo las pescudei,
Quem las maltratara
Y a tão mala ley?

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Uma repricara:
«Infançom nam sey,
«Mal houvesse a terra
«Que teme o mal Rey,
«S'eu las armas usara
«Y a mim fee non sey
«Se hombre a mim levara
«De tão mala ley.
«A Deos vos vayades,
«Garçom, ca non sey
«Se onde me falades
«Mais vos falarey.»

No figueiral figueiredo,
A no figueiral entrei,
Eu lhe repricara:
«A mim fee non irey,
«Ca olhos d'essa cara
«Caro los comprarey;
«A las longas terras
«Entraz vos me irey.
«Las compridas vias
«Eu las andarey,
«Lingoa de aravias
«Eu las falarey,
«Mouros se me visse
«Eu los matarey.»

No figueiral figueiredo,
A no figueiral entrey,
Mouro que las goarda
Cerca lo achey,
Mal la ameaçara
Eu mal me anogey,
Troncom desgalhara
Todolos machuquey,
Las niñas furtara,
Las niñas furtei.
La que a mim falara
N'alma la chantey.
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.

TRADUCÇÃO

No figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.
Seis donzellas encontrara,
Seis donzellas encontrei;
Para ellas caminhara,
Para ellas caminhei;
Chorando a todas achara.
A todas chorando achei;
Logo ali lhes perguntara,
Logo ali lhes perguntei;
Quem foi que ousou maltratal-as
Tratal-as de tão má lei.

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Uma d'ellas respondera:
—«Cavalleiro, não no sei...
Mal haja, mal haja a terra
Que tem mau e fraco rei!
Que se eu as armas vestira,
Por minha fé, que não sei
Se homem ousara levar-me,
Levar-me de tão má lei...
Com Deus ide, cavalleiro,
Ide com Deus, que não sei
Se onde me falais agora
Nunca mais vos fallarei.»

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Eu então lhe replicara:
—«Por minha fé não irei;
Antes olhos d'essa cara
Bem caros os comprarei;
A longas terras distantes,
Só por seguir-vos, me irei;
Por caminhos desvairados
Atraz de vós andarei;
Linguas moiras de aravias
Por vós eu as falarei;
Moiros, se me apparecerem,
A todos os matarei.»

Lá no figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.
N'isto o moiro que as guardava
Perto d'ali encontrei:
Se elle bem me ameaçava,
Eu melhor o ameacei;
Um tronco secco esgalhara,
Um tronco secco esgalhei;
Com elle a todos matara,
A todos desbaratei;
As donzellas libertara,
Todas seis as libertei;
Aquella que me falara
Com ella me casarei.
No figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.

ANTHERO DO QUENTAL.

A *canção do Figueiral* data do seculo XIII e é formada sobre a lenda do *Tributo das donzellas*.

Conta-se que os reis mouros, que dominavam na peninsula, impunham aos reis christãos que avassalavam, em compensação de uma paz vergonhosa, pesados encargos, e, entre elles, o vexatorio tributo de darem para os harens do monarcha mouro um certo numero de donzellas, sendo quasi sempre umas tantas meninas fidalgas e filhas de familias distinctas, e outras tantas filhas de lavradores. Além d'este tributo, muitos personagens mouros traziam agentes a roubar donzellas para lh'as levarem aos seus palacios. Estas violencias originavam sempre grandes luctas, porque aos maneebos christãos não lhes consentia o animo deixarem ir suas irmãs e namoradas na posse dos infieis.

A *canção do Figueiral* narra um d'esses episodios em que um mancebo christão encontra n'um figueiral seis meninas chorosas e afflictas, guardadas por um mouro e creados. Uma das meninas falla-lhe, lastimando a sorte que as espera. O mancebo replica-lhe, indignado, jurando que as defenderá. Lançando a mão ao tronco d'uma figueira que esgalhara, tanta pancada distribue nos mouros guardas que os deixa ficar a todos impossibilitados de se mexerem; e tirando-lhes as donzellas as leva comsigo, consagrando especialmente o seu affecto á que lhe fallara.

CANNA VERDE

CHOREOGRAPHICA

Chula de S. Martinho de Dume, districto de Braga

Á Ex.ma Snr.a D. Elisa Carqueja.

3

Oh mi-nha can-ni-nha ver-de, oh meu Se-nhor do Bom-fim! oh mi-nha can-ni-nha ver-de, oh meu Se-nhor do Bom-fim! Lin-da ca-ra, lin-da ca-ra, lin-dos o-lhos, vi-rem-se vi-rem-se cá pa-ra mim a-i ó a-i, vi-rem-se cá pa-ra mim, lin-dos o-lhos lin-da ca-ra vi-rem-se cá pa-ra mim.

D. C.

Dança.—Chama-se *Canna verde cruzada* a dança d'esta cantiga, e executa-se da fórma seguinte:

Formam-se os pares em duas fileiras, fronte-a-fronte; o cavalheiro do primeiro par e a ultima dama da fileira opposta vem ao meio e recuam durante os primeiros quatro compassos, mudando-se em seguida o cavalheiro para o logar da dama e esta para o do cavalheiro. Repetem assim a dança nos outros quatro compassos, cruzando de novo, e voltando aos seus logares, ainda vem ao meio durante mais quatro compassos. Em seguida dança outro par pela mesma fórma, e assim vae continuando a dança que só finda quando todos os pares tenham feito a mesma evolução.

CANNA VERDE

Oh minha canninha verde,
Oh meu senhor do Bomfim:
Linda cara, lindos olhos,
Virem-se çá para mim.

Oh mínha canninha verde,
Oh meu Senhor do Padrão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

Eu pintei a canna verde,
Eu pintei a verde canna,
Eu pintei a canna verde
No travesseiro da cama,

Encostei-me á canna verde
Cuidando que não quebrava;
A canna verde era ôca
Coisa que me não lembrava.

Oh minha canninha verde
Verde canna de encannar,
Aqui estou á tua beira,
Quem 'sta bem deixa-se estar.

A canna verde no mar
Anda ao redor do vapor:
Inda está para nascer
Quem ha de ser meu amor.

A canna verde me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, canna verde,
Que eu vou para a minha terra.

A canna verde no mar
Bota raizes na areia:
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falseia.

Oh minha canninha verde,
Oh minha verde canninha,
Salpicadinha d'amores,
E d'amores salpicadinha.

Oh minha canninha verde,
Verde canna no botão,
Aqui estou á tua beira,
Prenda do meu coração.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Candida Leite Barata.

Allegreto

4

No mei - - - o d'a - quel - le mar, en- -tão, 'stá u - - - ma

pe - dra re- -don - da, en- -tão, és o meu a - mor! en- -tão, és o meu a - mor! 'stá

u - - - ma pe - dra re- don - da on- de o meu a - mor s'as-

sen - ta, en- -tão, quan -do vae to - mar a on - da, en- tão, és o meu a - mor! en -

tão, és o meu a - mor! quan- - do vae to - mar a on - da.

D. C.

Recolhida em Amarante, em 1890, pela Ex.ma Snr.a D. Isabel Augusta Nogueira.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

No meio d'aquelle mar,
Então,
Está uma pedra redonda
Então, és o meu amor!
Onde o meu amor se assenta
Então,
Quando vae tomar a onda.
Então, és o meu amor!

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedra amarella,
Tem um letreiro que diz:
Quem ama não considera.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha branca,
Não é pedra nem é nada,
E' o mar que se alevanta.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha verde,
Não é pedra nem é nada,
E' a onda que se ergue.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha azul,
Onde o meu amor se assenta,
Quando o vento não é sul.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedra dourada,
Não é pedra é a barquinha
Onde vem a minha amada.

No meio d'aquelle mar,
Vem navegando o vapor,
Alegra-te coração,
Que vaes ver o teu amor.

OH QUE SALERO!

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Ignez Chambers Ramos.

Andante gracioso

5

De-fron-te de Pe-na-co-va 'stá um sal-guei-ro no ri-o, quem tem som-bra tem re-ga-lo, quem tem re-ga-lo tem bri-o.

Tempo de valsa

Oh que sa-le-ro! oh que sa-le-ro! oh que sa-le-ro! na per-fei-ção; sen-te-se um ti-que, um ti-que ta-que, um ta-que ti-que, no co-ra-ção.

D.C.

Recolhida em Penacova, em 1882 pelo Ex.mo Snr. F. P. Nogueira.

Dança.—Damas e cavalheiros dançam de mãos dadas, em grande roda, durante oito compassos; em seguida largam as mãos fazendo *balancé* aos seus pares, dando estalos com os dedos, braço abaixo braço acima, durante oito compassos; em seguida dançam em valsa oito compassos.

OH QUE SALERO!

Defronte de Penacova
'Stá um salgueiro no rio;
Quem tem sombra tem regalo,
Quem tem regalo tem brio.

Oh que salero!
Oh que salero!
Oh que salero,
Na perfeição!
Sente-se um tique,
Um tique-taque,
Um taque-tique,
No coração.

Passarinhos que cantaes
N'um raminho de flores,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

Rouxinol, cantor de amores,
Que vens tu aqui fazer?
A negra noite vae alta,
E' forçoso adormecer.

Meu amor, quando passares,
Carrega a vista p'ra o chão,
Que nos podemos querer bem,
E o mundo pensar que não.

No tempo das bellas flores,
Quando eu ia a Sevilha,
Tinha quatorze amores,
Algum era maravilha.

Oh maravilha,
Oh maravilha,
Oh maravilha,
Bem sei quem é.
E' ter um anjo,
E' ter um anjo,
E' ter um anjo,
Aqui ao pé.

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua;
Suspira quando quizeres,
Que eu sou d'outro não sou tua.

Oh meu amor, se te vires
De saudades afflicto,
Chama por mim, que eu irei,
Logo ao teu primeiro grito.

Ando triste como a noite,
Ninguem me alegra o sentido:
Ninguem sabe o amor que tem
Senão depois d'elle perdido.

Quando percorremos a Beira e as provincias do norte, em colheita de canções, notamos em algumas melodias um mixto de musica hespanhola, e nos estribilhos a introducção de um ou outro termo castelhano. Alguem nos aconselhou a que supprimissemos os extrangeirismos em uma publicação cuja physionomia deveria ser essencialmente nacional. Resistimos á indicação; não alteramos nem supprimimos nada do que vimos, ouvimos ou chegou ao nosso conhecimento. Poderiamos fazer como Garrett: emendar, completar ou compor trovas; mas preferimos seguir o criterio dos srs. dr. Theophilo Braga e Consiglieri Pedroso.

O *folk-lorista* hespanhol Alvarez, nos *Cantes flamencos*, pronuncia-se do mesmo modo.

Quando se tracta de producções anonymas e collectivas d'um povo, diz o snr. Consiglieri, a genuinidade é o primeiro requisito a attender-se.

Nas poesias e musicas que ouvimos, respeitamos, por egual, o *erro* e a *cultura*.

SAN JOÃO

DESCANTE ANTIGO

A Madame Anne Trafford Sabatini.

Adagio UMA VOZ

6

A - -bai- xae - vos car - va- -lhei - ras, Com a ra - ma pa - ra o chã - o, Dei- -xae pas - sar as ro - -mei - ras, Que vão pa-ra o San Jo - - ã - o.

CORO

A - - bai - xai - vos car - va - -lhei - ras, Com a ra - ma pa - ra o chã - o.
Dei - - xai pas - sar as ro - -mei - ras, Que vão pa-ra o San Jo - - ã - o.

Or-va - - lhei-ras, or - va - - lhei - ras, or - va - lhei - ras E vi-va o ran-cho das mo - - ças sol - - tei - ras.

D. C.

E' esta a musica mais antiga das que actualmente se cantam ao San João, e sobre ella se tem feito muitas variantes, em differentes localidades, devido a circumstancias especiaes de que fallaremos em outro logar.

SAN JOÃO

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão,
Deixae passar as romeiras,
Que vão para o San João.

Orvalheiras, orvalheiras,orvalheiras,
Viva o rancho das moças solteiras,

Assentae-vos, raparigas,
A' sombra d'este pinheiro;
Ha um anno que esperamos
O San João verdadeiro.

Oh meu rico San João,
Que daes ás vossas romeiras?
—Dou agua fresca da fonte,
A' sombra das carvalheiras.

Oh meu rico San João,
Que daes a quem por vós chama?
—A's solteiras bom marido,
A's casadas boa fama.

Na noite de San João
E' que é tomar amores;
Estão os trigos nos campos,
Toda a terra tem flores.

Oh que lindo luar faz
Para colher a marcella;
Vamol-a colher ambinhos,
Faremos a cama n'ella.

Na noite de San João
E' bem tolo quem se deita;
Todos vão ás orvalhadas
Aos campos de Cedofeita.

Hei de queimar alcachofras
Na noite de San João,
Para ver se o meu amor
Ainda me quer bem ou não.

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
Viva o rancho das mulheres casadas.

Na noite de San João
Hei de ir banhar-me ao açude;
N'essa noite é benta a agua,
Para tudo tem virtude.

Até o pastor banha o gado
Na noite de San João;
Não lhe pega o mau olhado,
E se é doente fica são.

Na noite de San João,
O meu rosto hei de lavar;
Em vendo na agua a lua,
Mais formosa hei de ficar.

Hei de deitar na fogueira
A herva que reverdece;
Quero ver com estes olhos
Se o meu amor me esquece.

O nome do meu amor
Escrevi-o n'um papel;
Deitei-o n'agua, apagou-se,
Logo vi que era infiel.

Hei de deixar ao relento
Uma folha de figueira;
Se o San João a orvalhar,
Hei de encontrar quem me queira.

Do San João na fogueira
Cinco reis hei de deixar,
Para dar ao pobresinho
Que primeiro encontrar.

Repenica, repenica, repenica,
Ai, San João, meu amor cá fica.

Na noite de San João
N'agua um ovo hei de botar,
Quero saber o futuro
Que Deus do ceu me ha de dar.

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dôres,
N'este coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

Dizem que me queres bem,
Inda o hei de experimentar;
Na noite de San João
Junco verde hei de cortar.

Não córtes o junco verde,
Que não é experimentação;
Se tu queres experimentar,
Aqui tens meu coração.

Todas as hervas são bentas
Na noite de San João;
Só o trêvo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

San João adormeceu
Nas Escadas do Collegio;
Deram as moças com elle;
San João tem privilegio.

De todos os cantos do povo poriuguez que podem colligir-se para um cancioneiro popular, diz o snr. Consiglieri Pedroso, não ha nenhuns tão importantes como os de San João. Não são somente curiosos usos e superstições que n'elles se encontram, mas allusões mythicas, muito directas, ao phenomeno natural que a festa popular inconscientemente celebra. Na noute de San João todos os encantos se quebram; apparecem thesouros ao de cima da agua; têem uma virtude maravilhosa o orvalho apanhado antes do nascer do sol, as flores do campo, as hervas, etc., etc. Esta festa, commum a tantos povos, representa em Portugal o centro de todas as tradicções mythicas e legendarias.

A'cerca das superstições, crenças e prejuisos do povo, e para comprehensão de algumas das cantigas a San João, vejam-se :

Castilho, nas notas dos *Fastos de Ovidio;* Herculano, *Panorama;* Garrett, no *Cancioneiro* e *D. Branca*, notas; Theophilo Braga, *Lendas christãs. Historia da poesia popular portugueza;* Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza;* Pinhero Chagas, *Historia de Portugal;* Paul Mayer et Gaston Paris, *Romania;* Oliveira Martins, *Mythos;* J, Leite de Vasconcellos e outros.

Estes estudos têem mais importancia e interesse de que na generalidade se lhes attribue.

SAN JOÃO

VARIANTE DA FOZ DO DOURO

A' Ex.ma Snr.a D. Angelica d'Artayett e Lemos.

Andantino O piano 8ª

7

San Jo-ão a-dor-me-ce-u, Nas es-ca-das do Col-le-gio, Ai, as mo-ças de-ram com el-le. San Jo-ão tem pri-vi-le-gio. E a-la, a-la, ra-pa-ri-gas, a-la! Ai es-te tem-po é que nos re-ga-la. D. C.

San João adormeceu
Nas escadinhas do côro;
Deram as freiras com elle,
Abeijocaram-no todo.

E ala, ala, raparigas, ala!
Que este tempo é que nos regala.

San João pediu a Christo
Que o não adormecesse,
Para vêr dançar o sol,
De manhã quando nascesse.

Se o San João soubesse
Quando era o seu dia.
Descia do ceu á terra
Com prazer e alegria.

Repapoila, repapoila, repapoila,
Arroz doce na minha caçoila.

San João adormeceu
No regaço de Maria;
Acorda, João, acorda,
Que ámanhã é o teu dia.

San João perdeu a capa,
No caminho do estudo;
Ajuntae-vos, moças todas,
Comprae-lhe uma de velludo.

Raparigas, cantae victoria,
Pois San João está na gloria.

San João, p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão a ella,
San João todo se mata.

Recolhida em 1889.

SAN JOÃO

VARIANTE DE VILLA DO CONDE E POVOA DE VARZIM

A' Ex.ma Snr.a D. Sophia Gomes Quaresma.

Andante

8

O San Jo - ão cho - ra, cho - ra, La - gri - mas de pra - ta fi - na Que lhe fu - giu o car - nei - ro, Por a - quel - la ser - ra a - ci - ma.

D. C.

O San João vem do ceu,
Quem o traz são os anjinhos:
São guiados por estrellas
Que lhe ensinam os caminhos.

Que é aquillo, que é aquillo?
Ai, San João a caçar um grillo.

Oh San João, d'onde vindes,
Pela calma sem chapeu?
—Venho de ver as fogueiras
Que me fizeram no ceu.

Oh meu rico San João,
D'onde vindes orvalhado?
—Venho do Rio Jordão
De fazer um baptisado.

Oh que lindo baptisado
Se fez no Rio Jordão:
San João baptisou Christo
Christo baptisou João.

Não ê nada, não é nada, não é nada!
Ai, San João a comer pescada.

San João á minha porta,
Eu não tenho que lhe dar;
Dou-lhe uma canninha verde,
Para pôr no seu altar.

'Té os moiros da Moirama
Festejam o San João,
Quando os moiros o festejam,
Que fará quem é christão!

Vivam todos os ranchinhos
Das moças que aqui estão:
Ninguem deixe n'este dia
De cantar o San João.

Não é muito, não é muito, não é muito
Ai San João a comer presunto.

Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a vossa gente,
Que San João está no ceu
Gozando gloria eminente.

O San João da Lapa
Escreveu ao do Bomfim:
Que lhe mandasse dizer
Se a coisa ficava assim.*

* Esta quadra data de 1832 e é uma allusão politica ao termo das guerras civis d'aquella epocha. No Porto festejava-se o San João em tres egrejas e cada uma representava sua politica differente: na Lapa era constitucional, no Bomfim absolutista e em Cedofeita, republicana. Depois da convenção d'Evora-Monte appareceram estes versos em que «coisa» se refere á lucta civil.

SAN JOÃO BAPTISTA

A' Ex.ma Snr.a D. Maria José Ferreira de Vasconcellos.

Andantino

9

dolce

Oh meu San Jo - ão Ba - - ptis - ta, Ba - ptis - ta, Ba - - ptis - - - - ta, Oh meu san - to ma - ri - - nhei-ro, To - ma lá, dá cá.

San Jo - ão Ba - -ptis - ta, vem cá, vem cá. Le - -vae - me na vos-sa bar - ca, Ba-ptis-ta, Ba - -ptis - - - - ta, Pa - - ra o Ri - o de Ja - - nei-ro. To-ma lá, dá cá,

San Jo - ão Ba - -ptis - ta, Vem cá, vem cá.

Recolhida no Porto em 1885.

SAN JOÃO BAPTISTA

Fui ao San João á Lapa,
Da Lapa fui ao Bomfim;
Estava tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.

O San Pedro leva as chaves,
O San João leva a palma,
E Jesus que é pae de todos
Ha de levar a minha alma.

Oh meu San João da Ponte,
Enfeitado de açucenas,
Casae as moças de Braga,
Dae alivio ás auas penas.

Peguei no meu San João,
Levei-o para o jardim,
Lavei-o de pés e mãos
Em auguinha de alecrim.

Quem quizer curar feitiços,
Tome chá de herva cidreira,
Colhida por uma donzella
Na noite sanjoaneira.

Oh meu San João Baptista,
Dae sardinha em demasia,
Mas ao vir a vossa vespera,
Mandae ao mar maresia.

Oh meu San João Baptista.
Oh meu Santo pequenino,
Haveis de ser o compadre
Do meu primeiro menino.

Oh meu San João Baptista,
Oh meu Santo Precursor,
Levae-me na vossa barca
Para onde o meu amor.

Ali vem o Evangelista,
Lá por entre os olivaes,
Vae-te embora, Evangelista,
Que o Baptista póde mais.

Santo Antonio é a treze,
Por ser o santo mais nobre;
San João a vinte e quatro,
San Pedro a vinte e nove.

San João adormeceu
Debaixo da laranjeira;
Ficou coberto de flores,
San João que bem que cheira.

Sacudi do alto ceu
Nossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Meia noite já é dada,
Oh meu rico San João;
N'esta noite abençoada,
Ouvi a minha oração.

Uma corôa hei de tecer,
Na noite de San João,
De cheirosa madresilva,
Da verde murta em botão.

Vamos, raparigas todas,
Ao rosmaninho que cheira,
Na noite de San João
A fazer uma fogueira.

Dançae, moças. esta noite,
Se do vosso gosto é;
Cheiram bem todas as hervas
Onde vós pondes o pé.

Na noite de San João
Muita pancada apanhei,
Por causa de uma alcachofra
Que por meu amor queimei.

Eu hei de ir ao San João,
Com viola a com pandeiro,
Se achar as portas fechadas,
Hei de bailar no terreiro.

Já tenho a vista cançada,
De tanto olhar para o limão,
A ver se elle floresce
Na noite de San João.

San João me prometteu
De me dar um bom marido,
Quando está o trigo em grão
E o limoeiro florido.

San João e o seu carneiro
Iam ambos pelo caminho;
O carneiro ia dizendo:
— Dae-me uma pinga de vinho.

O San João do Bomfim
Mandou-me agora chamar:
Que tem o seu manto rôto,
Que lh'o fosse remendar.

San João foi ao moinho
E cahiu da ponte abaixo;
Acudi-lhe, raparigas,
Que lá vae rio abaixo.

Na noite de San João
Adormeci descuidada,
Sentindo o cheiro das flores
Entre a herva rociada.

SAN JOÃO

VARIANTE DE EXTREMOZ

A' la Signorina Frederica Fassini.

Adagio

10

No al- -tar de San Jo - - -ã - - - -o Nas - cem ro-sas a - ma - -rel - - -las; SanJo- -ã - - -o su-bi- -u ao ce - - -u A pe - - -dir pe- -las don- -zel - - -las.

No altar de San João
Nascem rosas amarellas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas.

No altar de San João
Nascem bellas cerejeiras:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas solteiras.

No altar de San João
Nascem rosas encarnadas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas casadas.

No altar de San João
Nascem rosas e esp'ranças:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas creanças.

No altar de San João
Nascem rosas, nascem uvas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas pelas viuvas.

O altar de San João
E' um jardim de flores,
Enfeitado pelas moças
Com sentido nos amores.

No altar de San João
Ha um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alivio ás suas penas.

No altar de San João
Está um tanque d'agua fria.
Onde se lavam os anjos
E mais a Virgem Maria.

A capella do Baptista
E' de rosas encarnadas;
A capella é do santo,
O santo é das casadas.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. F. P. da Silveira.

SAN JOÃO

VERSÃO LIVRE COM VARIAÇÕES

A Mimi.

11

Andante

f

O San Jo - ão, oh de-lim de-lim de - lim, tem um car - nei-ro, oh de-lam de lam, de - lam, tro - la - ro, la - ro, la - ro, la - ro, la - ro,

p

Com dois gui - zos ao pes - co - ço,

f

Quan - do to - ca oh de-lim, de-lim, de - lim, o gui - zo fi - no, oh de-lam, de-lam, de - lam, tro - la - ro, la - ro, la - ro la - ro la - ro,

p

Tam-bem to - ca o gui - zo gros - so.

Recolhida em Amarante.

Esta musica, demasiadàmente pittoresca, é resultante das composições variadas das philarmonicas d'aldeia. O povo rude, applaudindo taes peças, trauteia e estribilha as variações, por imitação dos instrumentos que as tocam. N'este genero ha innumeros ridiculos.

TYRANNA

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Margarida Ribeiro da Costa e Almeida.

12

Ty- ran - na, mi - nha ty- - ran - na. Ty- - ran - na, eu vou, eu vou, Ty- - ran - na, mi - nha ty - ran - na. Ty- - ran - na, eu vou, eu vou, Dar vi - da a quem me deu vi - da, Ma- tar a quem me ma - tou. Dar vi - da a quem me deu vi - da, Ma- tar a quem me ma - tou.

Recolhida em Ponte do Lima, em 1891.

Dança. — Formam-se os pares em duas filas frente-a-frente. Sae e cavalheiro da extremidade de uma fila, e a dama, da extremidade da fila opposta; vão uma vez ao meio; em seguida, atravessam; voltam ao meio dando as mãos que erguem acima da cabeça; dão duas voltas e tornam para o seu logar. Segue-se o par immediato, etc.

TYRANNA

Tyranna, minha tyranna,
Tyranna, eu vou, eu vou,
Dar vida a quem me deu vida,
Matar a quem me matou.

Tyranna, que, ora me matas,
Ora a vida me vaes dando,
Se me tens alguma aquella,*
Não andes vira-virando.

Ao vêr na areia as pégadas
Que tu deixaste ao passar,
Tive ciumes da onda
Que a praia as veio beijar.

Deixar de te amar não posso,
Tyranna, não posso, não,
Hão de sempre acompanhar-te
Os ais do meu coração.

Já tive dias felizes;
Assim agora os tivera;
Hoje vivo de tristezas,
Já não sou quem dantes era

Foi minha desgraça ver-te,
A primeira vez fallar-te,
Ventura foi conhecer-te,
Triste destino o amar-te.

Tyranna, já te disseram
Que eu, dormindo, suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Tyranna, cruel tyranna,
Tyranna, eu vi, eu vi,
Conversando á tua porta
O meu rival junto a ti.

Tyranna! com lealdade,
Guardei-te sempre respeito;
Não te mereço a desfeita,
Que fazes ao meu conceito.

Tyranna, hei de te amar,
Corra o perigo que correr
Uma vida só que tenho,
Quero por ti padecer.

Se te enfastia o querer-te,
Se é forçoso o deixar-te,
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Tyranna, de que me servem
Os bens que a fortuna dá?
Sem os bens tambem eu passo,
Mas sem ti quem viverá?

Quando comecei a amar-te,
Deitei sortes á ventura:
Hoje que quero deixar-te,
Já o meu mal não tem cura.

Qualquer pessoa que chegue
A possuir-te ou gosar-te,
Sera mais feliz do que eu,
Mas não é capaz d'amar-te.

* Por amizade.

TYROLANDO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Lelia Alves Costa Braga.

Andantino

13

Do ca- -bel-lo mais fi- -ni-nho, Que tens no teu pen-te- -a-do Hei de fa-zer a ca- -de - ia, Pa-ra prender-te ao meu la-do. Os teus o-lhos são ty-ro- -lan-do, Ty-ro- lan-do, ólé, ó- -lé, O- -lé, ó-lé, ty-ro- -lan-do, Ty-ro- lan-do brin-ca *us-* *-té,*

D.C.

Esses cabellos na testa
Mettem-te infinita graça,
Parecem meadas d'oiro
Aonde o sol se embaraça.

Fui deitar-me entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto;
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

Quem me dera ser o linho
Que na roca vós fiaes;
Quem vos dera tantos beijos
Como vós no linho daes.

Tendes os cabellos louros,
Em meadas ao comprido,
Parecem meadas d'ouro,
Ao martello rebatido.

Os meus olhos, de chorarem,
Já nenhuma graça teem;
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

Estes primeiros amores,
Que no mundo toma a gente,
Não sei que doçura teem,
Que duram eternamente.

Recolhida por Armando Nogueira, em 1887.

Esta musica é portugueza, e, se no estribilho da poesia apparece alguma palavra hespanhola, como succede em muitas canções da Beira, é provavel que esta invasão de neologismos ou extrangeirismos provenha das coloneas balneares que da Hespanha concorrem ás nossas praias.

Dança.—Os pares passeiam em roda, de braço dado, os primeiros oito compassos. Em seguida as damas dão o braço direito ao braço direito dos cavalheiros; executam uma volta (quatro compassos) e passam ao cavalheiro immediato, com o qual effectuam outra volta, seguindo como no principio.

A MANHÃ VAE RINDO

ANDANTE

A' Ex.ma Snr.a D. Maria Soares da Costa.

Moderato 8a

14

Já no ceu não ha es-trel-las, se-não u-ma ao pé da lua; nem ha no mun-do que eu sai-ba, ca-ra mais lin-da que a tua.

f Va-mos se-guin-do por es-ses cam-pos fó-ra, que a ma-nhã vae rin-do nos la-bios d'au-ro-ra.

D.C.

Recolhida em Carvalhaes de Gondolim, em 1892.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres:
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

Vamos seguindo
Por esses campos fóra,
Que a manhã vae rindo
Nos labios d'aurora.

As estrellas pequeninas
Fazem o ceu bem composto;
Assim são os signaes pretos,
Menina, n'esse teu rosto.

O sol é a caixa d'ouro,
A lua é a fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Se os campos todos fallassem,
Que diriam os rochedos?
Então se descobririam
Nossos primeiros segredos.

Se estas arvores fallassem,
Qualquer d'ellas te diria
Que a cantar por ti chamava,
Que a chorar por ti vivia.

Os corações não se vendem,
São cousas d'alto valor,
Não se vendem por dinheiro,
Rendem-se á força do amor.

Oh rapazes e cachopas,
Vêde lá por onde andaes;
Que a honra é como o vidro,
Se quebra, não pega mais.

Esta musica, cuja fórma é de contradança dividida em duas partes distinctas, sendo a primeira em menor e a segunda no relativo maior, applica-a o povo como marcha. Os cavalheiros dão o braço á dama quando caminham, ou marcham em filas de dois, tres ou quatro pares, unindo-se o mais proximo possivel para que as vozes concertem bem.

FADO DAS SALAS

A' Ex.^ma Snr.^a D. Maria Caldas.

15

Andante

express.

Vê- me,in - gra-ta, a-qui mor -rer, na se - - pul-tu - - ra vae

pôr u- -ma letra em ca-da can - to, A, M, O, R, a - mor. Es -

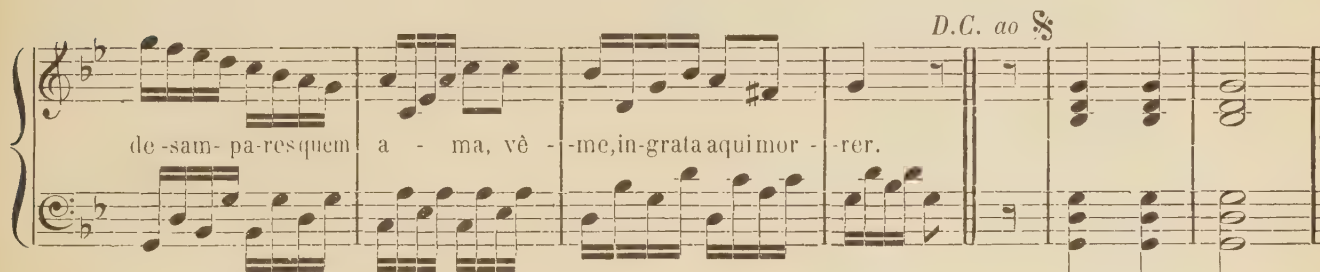
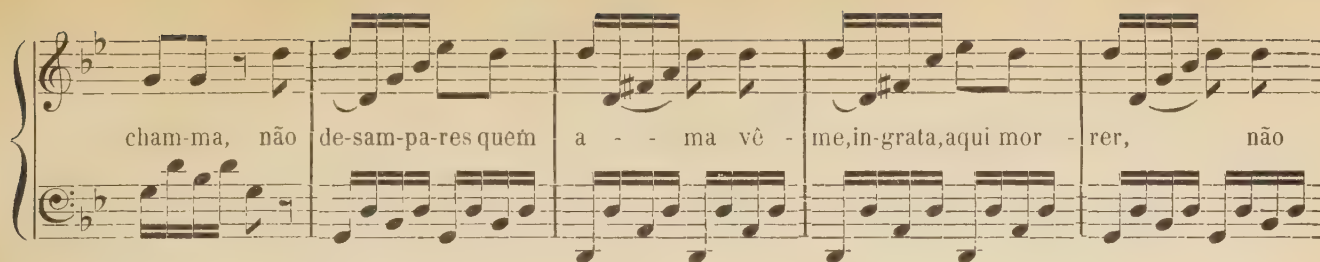
pe - ra, de- tem-te,in gra- ta, pre -sen - cei-a a mi-nha morte, que n'es - te hor-ri-vel trans

por -te, é meu a-mor quem me ma - ta. A - mor é quem des-ba- ra - ta mi-

nha e - xis-ten-cia,meu ser; tu que podeste accen -der a já quasi ex-tin - cta

cham-ma, não de-sam-pa-res quem a - - ma vê - me, in-grata, aqui mor - rer, não

D.C. ao 𝄋

de-sam- pa-res quem a - ma, vê - -me, in-grata aqui mor - -rer.

MOTE

Ve-me, ingrata, aqui morrer,
Na sepultura vae pór
Uma lettra em cada canto,
A, M, O, R, amor.

GLOSA

Espera, detem-te, ingrata,
Presenceia a minha morte,
Que n'este horrivel transporte
E' meu amor quem me mata.
Amor é quem desbarata
Minha existencia, meu ser;
Tu que podeste accender
A já quasi extincta chamma,
Não desampares quem ama,
Vê-me, ingrata, aqui morrer.

Quando os olhos se fecharem,
N'esses momentos finaes,
E, quando sombras fataes
Em meu rosto revoarem;
Quando amigos me levarem,
Ao logar de pranto e dôr,
Tu, armada de valor,
Faze o que sempre roguei:
Um signal de que te amei
Na sepultura vae pôr.

Empunha agudo cinzel,
N'aquelle triste logar,
E quando a dôr te dictar,
Escreve com mão fiel;
Mas, se lembrança cruel
Te arrancar amargo pranto,
Não graves na pedra tanto,
Inscripções tão enfadonhas,
Basta, ingrata, que lhe ponhas
Uma lettra em cada canto.

Como ali jaz sepultado
Quem com ternura te amou,
Quem toda a vida penou;
Por merecer teu agrado,
Diga o letreiro gravado
Que ali jaz um amador:
Cause tristeza a quem fôr
Indagar a pedra dura,
E leia na sepultura
A, M, O, R, amor.

MIGUEL ANTONIO DE BARROS

Poeta bracarense do principio d'este seculo.

A musica do fado, já não é hoje, como foi outr'ora, considerada *musica torpe e obscena*, propria só das viellas e dos antros do vicio, onde a maruja e a soldadesca embriagada, tangiam brutalmente em banzas immundas, acompanhando-a com indecorosos versos e batiam com danças lascivas.

Ha quarenta annos já se faziam fados especiaes, ou para narrar crimes ou algum escandalo amoroso, satyrizar homens celebres ou politicos importantes, ou para rebaixar homens altamente collocados, ou para ridicularizar corporações respeitaveis, ou para descompor qualquer sujeito. Eis um exemplo: o fallecido jornalista e poeta satyrico Urbano Loureiro, comparando um dia, no seu jornal a «Lucta», os versos d'um escriptor nosso contemporaneo, aos fados do Marcolino (um pobre musico ambulante, improvisador de fados), este sabendo da comparação, procurou o jornalista n'um estabelecimento da rua de Santo Antonio, que elle costumava frequentar e deixou-lhe o seguinte recado: — «Diga a esse snr. Urbanes Loureiro que se me torna, na sua gazeta, a comparar a esse outro snr. poeta, eu faço-lhe um fado que o... arrazo.»

Purificada na agua lustral da civilisação, a monotona musica dos fados, alegre ou sentimental, ingenua ou luxuriante, já não offende os castos ouvidos do bello sexo, que a perfuma sob seus dedos sem se roborisar de pudor, porque essas simples melodias não maculam as candidas rosas da sua alma pura. E' que a ideia do seu ponto de partida tem sido substituida pela assimilação do meio e pelo sentimento artistico, que despreza a materialidade da sua primitiva applicação e a propria poesia sensualista.

O grande numero de fados, quasi todos variantes uns dos outros, que se improvisam todos os dias, não são mais que uma especie de *passa-calle*, *lento*, de musica caracteristicamente portugueza: a muitos d'elles nunca os seus auctores applicaram lettra.

AS CARVOEIRAS

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Sophia Clementina Leite de Souza Viterbo.

Andante

16

Quem em- -bar - ca, quem em- -bar - ca, quem vem com - mi - go, quem vem? quem em - bar - ca nos meus o - lhos, oh que lin - da ma - ré tem.

São tão bo - ni - - tas as Car - vo - - ei - - - ras, são tão ca - - ti - - tas as fei - ti - - cei - - - ras,

Oh que bel - lo ran - cho da mo - ci - da - - de; dan - çae, ra - pa - - ri - gas, vi - va a li - ber - - da - de.

D.C.

Recolhida na Figueira da Foz, em 1891, por F. P. Nogueira.

As Carvoeiras, denominação d'uma philarmonica que, no antigo largo das Carvoeiras, na Figueira da Foz, costuma tocar, por occasião das festas do San João. Um rancho de raparigas e rapazes cantava e dançava alli, em 1891, em um palanque, esta musica que se popularisou em todo o paiz. Esta musica não é puramente d'origem popular, mas apropriada.

Dança. — Nos primeiros oito compassos os pares de mãos dadas, em grande roda, giram sobre a direita e repetem, voltando sobre a esquerda; nos seguintes oito compassos largam as mãos, e damas e cavalheiros, marcham uns atraz dos outros, batendo as palmas a tempo; nos ultimos oito compassos os cavalheiros tomam as damas e dançam em passo de polka.

AS CARVOEIRAS

Quem embarca? quem embarca?
Quem vem commigo? quem vem?
Quem embarca nos meus olhos?
Oh que linda maré tem!

São tão bonitas
As Carvoeiras!
São tão catitas
As feiticeiras!
Oh que bello rancho
Da mocidade!
Dançae, raparigas!
Viva a liberdade!

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe sua:
Eu não tenho liberdade
Nem de pôr os pés na rua.

Para ser bonita e bella,
Não preciso andar ornada;
Basta o marfim dos meus dentes,
Não tenho inveja de nada.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina,
Eu comtigo a comparei.

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe bella;
Eu não tenho liberdade
Nem de chegar á janella.

Não tenho inveja de nada,
Nem da corôa da rainha:
Não ha no mundo quem tenha
Uma trança egual á minha.

A côr parda é excellente,
E a branca muito fina,
Mas tambem ha muita gente
Que á morêna se inclina.

Tudo o que é verde se secca,
Na maior *zina* do verão;
Tudo que secca renova,
Só a mocidade não.

Eu adoro a Deus no ceu,
Os santos, em seu altar,
E ao meu amor, na terra:
Não tenho mais que adorar.

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes, a Deus altura,
Os homens, a liberdade,
As mulheres, a formosura.

QUERES A FLOR?

CANÇÃO DO PORTO

A' Ex.ma Snr.a D. Ignez Queiroz. *Poesia de Camillo Castello Branco.*

Andante

17

Em má ho-ra,an - - - jo per- - di-do, me pe- -dis-te u-ma flor!... Em má ho-ra,an - - - jo per- - di-do, me pe- dis-te u-ma flor!...

Das que te- -nho que são qua- - tro, ne-nhu-ma fal- la d'a- -mor. Das que te-nho que são qua-tro, ne-nhu- -ma fal - - - la d'a- -mor,

Esta musica appareceu na dicção popular, immediatamente á publicação da poesia, e tornou-se popularissima. Foram os cegos que a propagaram por todo o paiz, acompanhando-a com rebeca e violão.

QUERES A FLOR?

—

Em má hora, anjo perdido,
Me pediste uma flôr!...
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*
Cujo espinho atravessou
O coração, que a regara
Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um *martyrio*
Qne me deram quando amei...
Foi-me caro!... é um thesouro
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulchros,
É um *goivo*... não t'o dou!...
Fui colhel-o ao cemiterio...
Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta,
É uma *rosa*... mas olha...
Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha...

Esta poesia encontra-se no livro de Camillo Castello Branco *Inspirações*, e é datada de 5 d'abril de 1851.

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

OU

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

CANTIGA DAS RUAS

A' Ex.ma Snr.a D. Albertina Baptista Ferreira.

18

Andantino

f

p El- -Rei Senhor D. Jo-

-ão Man-dou dei-tar um pre- -gão El- - -Rei Senhor D. Jo- -ão Man-dou

dei-tar um pre- -gão: Que se ca-sas-sem as ve-lhas pa-ra ha- ver mais cre-a-

cresc.

ção, E oh do réo, tréo, préo, quem se ca-sa vae pr'o ceu.

D.C.

Esta musica é puramente hespanhola e parece ser trazida para Portugal no tempo da guerra peninsular. Ouvimos, na nossa infancia, tocal-a muitas vezes, da fórma que a deixamos escripta, por grupos de musicos hespanhoes, que então abundavam no nosso paiz.

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

El-rei, Senhor D. João,
Mandou deitar um pregão:
Que se casassem as velhas
Para haver mais creação.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

As velhas lhe responderam
Nas costas da petição:
—Porque não casaes as novas?!
Terra velha não dá pão.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

Com a musica d'esta cantiga, cantava-se, em 1846-1847, a seguinte lettra que tinha allusão aos factos politicos d'aquella epocha:

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

O Saldanha quer ser rei:
A mulher quer ser rainha;
Mas hão de ir governar
Nos aloques da Biquinha. (1)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé) (2)
Caramba, mire usté!

O Saldanha já mandou
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome,
E a palha está-se a acabar. (3)

A's portas da capital
Está um chafariz de vidro:
Onde o Cabral vae chorar
Lagrimas de arrependido. (4)

Já lá vem o inglez,
Das portas de Santarem,
De preparar os pasteis,
Mas pasteis não nos convem. (5)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé)
Caramba, miré usté!

Já lá vae para Hespanha
A divisão do Casal; (6)
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal.

A rainha não conhece
O seu povo verdadeiro,
Só conhece os Cabraes
Que nos roubam o dinheiro.

(1) Aloques eram uns tanques de curtir sola, que ultimamente serviam para depositos das immundicies, na cidade do Porto. na intransitavel rua da Biquinha, com o seu immundo Rio da Villa, hoje substituida pela rua do Mousinho da Silveira.

(2) O general D. José de la Concha, depois marquez del Duero, commandante da divisão hespanhola que veio a Portugal em 1847.

(3) Ambiguidade pittoresca, que tem relação com a cavallaria.

(4) Refere-se á legação e esquadra ingleza.

(5) Refere-se á intervenção diplomatica ingleza que propunha um ministerio mixto para conciliação das facções politicas em 1847.

(6) O general conde de Cazal que em Dezembro de 1847 atacou Braga.

ESTES MOÇOS DE AGORA

LUNDUM DE PORTO ALEGRE, BRAZIL

A' Ex.ma Snr.a D. Julieta Guimarães.

19

Vivo

p *cres.*

f *dim.*

p

Es - tes mo-ços de a - -go - ra, já não

sa - bem mais a - mar, Es - tes mo-ços de a - -go - ra já não sa-bem mais a - mar, Fa-zem

tu - do quan-to po-dem pa- r'as mo-ças en - ga - nar. Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

ah! ah! ah! ah! ah!

ESTES MOÇOS DE AGORA

Estes moços de agora
Já não sabem mais amar,
Fazem tudo quanto podem
Par'as moças enganar!

Ah! ah! ah!

Bandalheiros inconstantes,
Só querem pagodiar;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar!

Estes moços de agora
Só desejam especular,
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar!

Estes moços de agora
Só nos querem enganar,
Façamos nós outro tanto
Para a taboa todos dar!

Estes moços de agora
Sentimentos já não tem,
Fazem-nos promessas falsas
Dizendo que querem bem!

Ah! ah! ah!

Estes moços de agora
O seu prazer é mentir,
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir!

Estes moços de agora
A vergonha já perderam,
Da ronha e da maldade
Já todo o succo beberam!

Estes moços de agora
Não merecem compaixão,
Uns entes tão abjectos
Devem estar na correção.

OH PRETO, OH PRETA

CANTIGA DAS RUAS

A' Ex.ma Snr.a D. Francellina Campos Pinto.

Allegretto

20

f

Oh pre-to, oh pre - ta, la do Bi - -hé, jo - gas as car - tas co'o chim-pan - zé. Re-al Se - -nhor, eu vou pas - -san - do, En-cos - ta - do á ba - na - -nei - ra; diz o pre-to pa - ra a pre - ta 'stá bo - -ni - ta a brin - ca - dei - ra.

p

D.C

Oh preto, oh preta,	Oh preto, oh preta,	Oh preto, oh preta,	Oh preto, oh preta,
Lá do Bihé,	Do Ronhónhó,	Lá do sertão,	De Moçambique,
Jogas as cartas	Jogas as cartas	Jogas as cartas	Tem mão no barco
C'o chimpanzé.	Com teu sinhó.	Com teu patrão.	Que vae a pique.

Esta cantiga appareceu em 1890, quando os inglezes tratavam de nos empolgar varios terrenos em Africa.

SÓ HA PAPEL EM PORTUGAL

21

Já não ha pra - ta, nem ha me - -tal, só ha pa - pel, só ha pa - -pel, ó - lé, ti - ro - -lé, em Por - tu - -gal.

Quando em 1891 se deu a grande crise monetaria, sendo substituido o metal por cedulas de papel da Camara do Porto, do Banco de Portugal e da Casa da Moeda, o povo improvisou esta cantiga.

DUZENTOS GALLEGOS

AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Aurelina Guimarães.

22

f

Du - - zen-tos gal - le - gos não fa-zem um ho - mem tu - do o que el - les co - mem meu di - nhei - ro teu di - nhei - - ro; ho - mem tra - pa - cei - - ro ar - ris - ca - do an - da, na su - a de - man - da não fez o que o rei man - dou;

D.C. mais 3 vezes

Final

ir de sa-la em sa - la, da sa - la á co - si - nha, e no mei-o da sa - la, dar u-ma vol - ti - nha

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Tudo o que elles comem
Meu dinheiro teu dinheiro;
Homem trapaceiro
Arriscado anda,
Na sua demanda
Não fez o que o rei mandou;
Já se lhe pagou,
A'quelle tunante;
Se elle é estudante
Alfinetes são amores;

Sinto grandes dôres
De te vêr ausente;
Se tu estás doente
Meio mundo patarata;
Tudo se arremata
Na real fragata;
A preta na praia
Tambem vende mexilhão,
O pinhão, pinhão,
Tambem vende fava rica,
E da sua quica
Faz um mealheiro;

Quem tiver dinheiro
Eu lh'o guardarei;
Grito aqui-del-rei
Não ha quem me accuda;
Meu amor carcunda
Lá vae para o deserto;
Está o ceu aberto
P'ra te vêr, menina,
Ir de sala em sala,
Da sala á cosinha,
E no meio da sala
Dar uma voltinha.

Esta cantiga das ruas appareceu em 1846 a 1847, por occasião das luctas civis do povo com o governo de D. Maria II.

HYMNO NACIONAL

ADOPTADO POR S. M. O SENHOR D. CARLOS I

Musica e lettra de S. M. o Senhor D. Pedro IV.

23

Marcial *ff* *p*

O' Pa-tria, ó Rei, ó Po - vo, A-ma a tua Re-li - gi - ão, Ob - ser - va e guar-da sem - pre Di - vi- nal Cons-ti - tu - i - ção, Di - - vi- nal Cons-ti - - tu - i - ção.

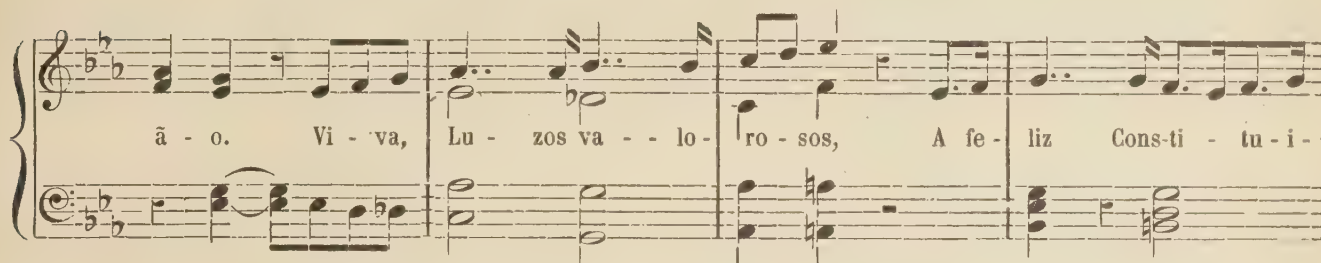
f Vi - va, vi - va, Vi-va o Re - i, Vi-va a San - ta Re - li - gi -

ã - o. Vi - va, Lu - zos va - - lo - ro - sos, A fe - liz Cons-ti - tu - i -

ção, A fe - liz Cons-ti - - tu - i - ção.

O' Patria. ó Rei, ó Povo,
Ama a tua Religião,
Observa e guarda sempre
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Oh com quanto desafogo,
Na commum agitação,
Dá vigor ás almas todas
Divinal Constituição!

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Venturosos nós seremos
Em perfeita união,
Tendo sempre em vista todos
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

A verdade não se offusca,
O Rei não s'engana, não:
Proclamemos, portuguezes,
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Possuimos um exemplar da folha volante em que esta poesia foi impressa com o seguinte titulo: *Hymno Imperial Constitucional* da composição do Senhor D. Pedro, em 1822.

Ha varias edições da musica d'este hymno, phantasiadas e com variações horriveis, talvez na intenção de lisongear o author a quem eram dedicadas.

Depois de 1826 denominou-se este hymno vulgarmente: *Hymno da Carta.*

Este hymno foi depois considerado officialmente como *Hymno Nacional*, e por isso obrigatorio em todas as solemnidades publicas.

NA ACCLAMAÇÃO DA RAINHA D. MARIA II

Finda a guerra civil, foi a seguinte poesia cantada com a musica do hymno da Carta.

Quanto, ó Pedro generoso,
Te devé a luza nação!
Por teu valor possuimos
Liberal constituição.

Viva, viva, viva Pedro,
Viva a santa religião,
Viva Maria segunda,
Liberal constituição.

Parabens, ó portuguezes:
Acabou a escravidão;
Só reina, só rege o povo
Liberal constituição.

Dos ferros do captiveiro
Surge altiva uma nação;
Lysia é livre e já proclama
Liberal constituição.

Já na patria libertada
Fluctua novo pendão,
Nossos males só extingue
Liberal constituição.

De verdes laureis c'roado,
Inda ao fogo do canhão,
Gravou Pedro em letras d'ouro
Liberal constituição.

A musica do hymno constitucional serviu para muitas outras poesias e allusões particulares.

CANTIGAS DAS RUAS

com a mesma musica

Venha a peste, fome e guerra,
E alguma excommunhão,
Sobre aquelles que não querem
Liberal constituição.

De um polo a outro polo
Retumbou forte trovão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

D. Pedro subiu ao ceu
Co'um requerimento na mão,
O Senhor lh'o despachou,
Liberal constituição.

Se todos os homens quizessem
Ouvir a nossa razão,
Levariamos ao fim do mundo
Liberal constituição.

Tremeu toda a fradaria,
Deu no Papa uma sezão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

O actual monarcha o Senhor D. Carlos I adoptou tambem para si o hymno da Carta, na vespera da sua acclamação, em consequencia de se ter reconhecido que um hymno que lhe fôra dedicado, e que já estava distribuido pelas bandas marciaes, era uma composição idiota e vil.

Quando S. M. em 1892 visitou o norte do paiz, os alumnos das aulas de musica do lyceu da Ordem do Carmo do Porto, na visita que S. M. fez áquella Veneravel Ordem, entoaram no hymno, á falta de outra melhor, a seguinte lettra que escrevi e que se popularisou n'aquella occasião.

Salvé, ó Rei, Carlos Primeiro!
Tronco egregio de Bragança!
D'este povo que vos ama,
Sois, ó Rei, a nova esperança!

Esse gladio que herdaste
De Affonso Henrique e Aviz:
E' o phanal autonomico
Do nosso querido paiz.

N'este preito de homenagem
Que o povo tributa ao Rei:
Jura amor, fidelidade,
A Deus, á Patria e á Lei...

Viva o Rei, Carlos Primerio,
Viva a Familia Real,
Viva a patria independente,
Viva, viva Portugal!

Cezar das Neves.

MARIA PAULA

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Helena Castro de Loureiro.

Andante

24

p O - li - vei - ra pe - que - ni - - - na que a - zei - - to - na pó - de dar? O - li - vei - ra pe-que - ni - - na que a - zei - to - na pó - de dar? *f*
Tam - bem eu sou pe - que - ni - - - na mas sou fir - me no a - mar. Tam - bem eu sou pe-que - ni - - na mas sou fir - me no a - mar. Oh Ma - ri - a Pau - la, o - lha a Can - di - di - nha que se vae em - bo - ra e eu fi - co só - si - nha.

D. C.

Oliveira pequenina,
Que azeitona póde dar?
Tambem eu sou pequenina,
Mas sou firme no amar.

Oh Maria Paula,
Olha a Candidinha,
Que se vae embora
E eu fico sósinha.

A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

Amar e saber amar
Qualquer amante faz isso:
Mas amar com lealdade
Só eu nasci para isso.

A oliveira pequena
Tambem dá pequena sombra;
Ainda que eu seja pequena,
Você commigo não zomba.

Amar e saber amar
Isso faz qualquer amante;
Amar depois de offendida
Só eu porque sou constante.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não têm conta,
Os que sabem são contados.

A folha da oliveira
Deitada no lume, estalla;
Assim é meu coração
Quando comtigo não falla.

Recolhida em Chaves, em 1888, por F. P. Nogueira.

ALVORADA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Nogueira.

Andantino

25

p dolce

A - quel - - la for - mo - sa a - ra - nha, d'o - lha-res se- re - - nos e bel - - los na tei - - a dos seus ca - bel - los os na - mo- ra - dos a - pa - - - - nha.

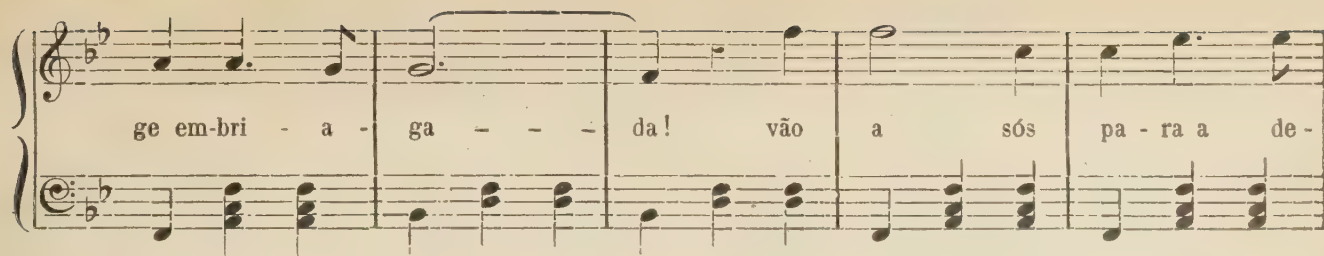
1.a vez

2.a vez

mf.

nha. não, nã - - - - - - o! não! nã - - - - - - o! El - les a - mam a na - tu - re - - - - - za, quan- do sur-

ge em-bri - a - ga - - - da! vão a sós pa - ra a de -

ve - za ao *cham* - *pa* - *gne* d'al - vo - ra - - da. *D. C.*

Recolhida em Leiria, em 1890, por F. Pinto Nogueira.

Aquella formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos,
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Não! Elles amam a natureza
Quando surge embriagada!
Vão a sós para a deveza
Ao *champagne* da alvorada.

E emquanto que elles, os loucos,
Mandam-lhes os ternos cantares,
Nas chammas dos seus olhares
Abraza-os a aranha aos poucos.

E ri-se... dos seus carinhos
E faz-lhe troça... de beijos!
A provocar-lhe os desejos
Com o piscar dos olhinhos!...

Ás vezes ella desata
Uma rosea flor da trança,
E sorrindo, a pobre, a lança
No branco lago de prata.

Então elles animados
Pelas promessas de amor,
Vão collocar outra flor
Nos cabellos perfumados

E assim a formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Esta poesia é composição litteraria moderna: parece referir-se *(aquella formosa aranha)* aos primeiros alvores do dia e aos raios do sol, que abrazam os *loucos* que são, certamente, os namorados passarinhos que amam a natureza, etc. Temos pena de não conhecer o author para nos explicar todas estas figuras por meudo.

PODE O FOGO CONGELAR-SE

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a Condessa de S. Januario.

Andantino

26

p

So-bran-ce-lhas co-mo as vos-sas é im-pos-si-vel ha-vel-as; são la-ços de fi-ta pre-ta com que se pren-dem es-trel-las,

mais lento *dolce*

um só não, não, mas mais d'um cen-to; só dois a-bra-ços, ai que tor-men-to! só dois a-bra-ços, ai que tor-men-to.

animado

Pó-de o fo-go con-ge-lar-se e as on-das do mar ar-der, mas eu dei-xar de te a-mar is-so lá não pó-de ser.

D. C.

Recolhida em Oliveira do Conhedo, em 1880, por F. P. Nogueira.

DANÇA.—Nos primeiros oito compassos os pares giram, formados em grande roda; nos doze compassos seguintes do estribilho, quando dizem *um só não, não,* vira-se o cavalheiro para a sua dama; e quando dizem *mas mais d'um cento*, vira-se para a dama da esquerda; quando dizem *só dois abraços*, abraça a dama; e quando dizem *ai que tormento,* voltam-se para o lado constrangidos. Os ultimos oito compassos são como o *grand chaine.*

PODE O FOGO CONGELAR-SE

Sobrancelhas como as vossas
E' impossivel havel-as,
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Uma só não, não,
Mas mais d'um cento;
Só dois abraços,
Ai que tormento!

Póde o fogo congelar-se,
E as ondas do mar arder;
Mas eu deixar de te amar
Isso lá não póde ser.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

D'aqui onde estou bem vejo
Duas meninas ao sol;
Namorei-me da mais moça
Com licença da maior.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei!
Darei-te a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor da murta;
Fui só por vêr os teus olhos,
Que a sede não era muita.

Perguntae ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

Quem nos vir sempre juntinhos
Nossa sorte ha de invejar,
Ou inveje ou não inveje,
Eu sem ti não posso estar.

As estrellas do ceu correm
Todas n'uma carreirinha,
Assim os amores correm
Da tua mão para a minha.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Eu comtigo a comparei.

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos de alegria;
Amal-os 'inda não pude,
Deixal-os 'inda não queria.

Tendes o pé pequenino
Do tamanho d'um vintem:
Podia calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram,
Teus lindos pés me fugiram
Quando morto me deixaram.

Os vossos labios, menina,
Ambos elles tem virtude,
Em beijando a um doente
Logo lhe dão a saude.

Tuas mãos brancas de neve,
Teus dedos são lindas flores,
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

CHORA LINDO AMOR

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Henriqueta da Fonseca Vasconcellos.

Andante

27

p

Pi-lhei u - ma bor - bo - le - ta que pou - zou em u - ma flor; Pi-lhei u - ma bor - bo - le - ta que pou - sou em u - ma flor.

f

Cho-ra lin-do a mor, co-mo vaes co-mo pas - sas; cho-ra lin-do a - mor, co-mo tens pas - sa - do.

p

Pren-di-lh'as a - zas á ro - sa e le - veia ao meu a - mor. Pren-di-lh'as a - zas á ro - sa e le - veia ao meu a - mor.

f

Cho-ra lin-do a - mor co-mo vaes co-mo pas - sas, cho-ra lin-do a - mor co-mo tens pas - - sa - do.

D. C.

DANÇA.—Formam os pares em roda, e assim giram; no estribilho *Chora lindo amor*, etc., abraçam-se e continuam dançando

CHORA, LINDO AMOR

Pilhei uma borboleta
Que pousou n'uma flor,
Prendi-lhe as azas á rosa,
E levei-a ao meu amor.

Chora, lindo amor,
Como vaes, como passas;
Chora, lindo amor,
Como tens passado?

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas eu quiz;
Encontrei os meus amores,
Oh que momento feliz!

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas havia;
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,
Não achei o meu amor;
Achei o retrato d'elle
Na mais delicada flor.

Fui ao jardim ás flores,
Achei o jardim fechado;
Até as flores se fecham
Ao mesquinho desgraçado.

Oh rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merece;
A terra é quem nos cria,
Deus do ceu quem nos conhece.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito;
Só uma flor bem bonita
Que se chama amor perfeito.

Já não tenho coração
Que m'o tiraram do peito;
No logar onde elle estava,
Nasceu um amor perfeito.

As flores do meu jardim,
De encarnadas aborrecem,
Não se dão a quem as pede,
Só sim a quem as merece.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Assim fresca e regalada
A' sombra de tua mãe.

Eu fui ao jardim ás flores,
Apanhei d'umas e d'outras;
Encontrei o meu amor:
D'estas venturas ha poucas.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar fechadinha;
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

ADELAIDINHA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Armanda Carneiro Peixoto.

28

p Já mor- reú a A - de - lai - di - nha, já lá vae p'r'a se - pul- tu - ra, Já mor-

reu a A - de - lai- di-nha, já lá vae p'r'a se-pul - tu - ra, a quem dei - xa - ri - a el - la o ces-

ti - nho da cos- tu - ra, a quem dei-xa - ri - a el - la o ces- ti - nho da cos- tu - ra.

D. C.

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae p'r'a sepultura,
A quem deixaria ella
O cestinho da costura?

O cestinho da costura;
Deixou-o a uma prima minha;
Que lhe rezasse por alma,
Por alma da Adelaidinha.

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae no seu caixão;
A quem deixaria ella
O seu lenço d'algodão.

O seu lenço d'algodão
Deixou-o a Nossa Senhora
Para que ella lhe valesse
Na sua ultima hora.

Já morreu a Adelaidinha
Já lá vae a enterrar;
A quem deixaria ella
O estojo de bordar?

O estojo de bordar
Deixou-o a minha mana,
Para lhe rezar por alma
Uma vez cada semana.

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae toda bonita;
A quem deixaria ella
O seu vestido de chita?

O seu vestido de chita
Deu-o a uma pobresinha
Para lhe rezar por alma
Mais uma Salve-Rainha.

TIA ANNICA DE LOULÉ

CANTIGA

Á Ex. Snr. D. Maria Aurora da Fonseca.

Allegretto

29

p Ti' An- | ni - ca, ti' An- | ni - ca, ti' An- | ni - ca, de Lou- | lé: A quem

dei - xa - ri - a | el - la a bar- | ra do ca-chi- | né (1) *f* O - | lé, o - | lá, es - ta

mo da não 'stá | má; o - | lá, o - | lé, ti' An- | ni-ca de Lou | -lé.

D. C.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica de Loulé;
A quem deixaria ella
A barra do cachiné. (1)

Olé olá,
Esta moda não está má;
Olá, olé,
Ti' Annica de Loulé.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica de Fuseta;
A quem deixaria ella
A barra da saia preta.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica d'Aljezur;
A quem deixaria ella
A barra da saia azul.

Olé, olá,
Está moda não está má;
Olá, olé,
Ti' Annica de Loulé.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica d'Alportel;
A quem deixaria ella
A barra do seu mantel.

Recolhida em Loulé, Algarve, pelo dignissimo official do exercito, o Ex.^mo Snr. F. P. da Silveira.
(1) Corrupção do francez *cache-nez*.

VIRGEM PURA

HYMNO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a Condessa de Calheiros.

Maestoso CORO

30

p

Vir-gem pu - ra, tu - a ter- nu - ra, é d'al- li - vio ao meu pe- nar; noi - te e di - a, de Ma- ri - a, a bel- le - za hei de can- tar; *mf* noi - te e di - a, de Ma- ri - a, a bel- le - za hei de can- tar.

POVO

E' don- *f* zel - la, to - da bel - la, a mais

san - ta em seu pri- mor; des - de a ho - ra que El-la

fô - ra con - ce- bi - da ao Cre - a - dor. des - de a

D. C.

ho - ra que El-la fô - ra con ce- bi - da ao Cre-a - dor.

Final

8ª

f

Ped. * Ped. * Ped. *

A musica d'este hymno, e a poesia, são duas producções mimosas, felizmente inspiradas, do que muito se devem orgulhar os seus authores anonymos. Se a concepção é sublime no ideal poetico, a phrase musical, curta e de uma simplicidade candida, a auxilia a elevar nossa alma ao mysticismo contemplativo. E' pena que o povo na sua rudeza lhe dê uma interpretação defeituosa, ligando o tempo forte ao tempo brando no final de cada phrase em logar de destacar o primeiro tempo e syncopar o segundo, como em rigor deve ser.

Este hymno appareceu por occasião das primeiras perigrinações a Lourdes e logo se popularisou por todo o paiz. Actualmente canta-se em todas as egrejas onde se solemnisa o SS. Coração de Maria, e por isso o denominam *hymno do Mez de Maria*; em Braga, porém, denominam-o *hymno da Senhora do Sameiro,* porque foi ao cantico d'este hymno, entoado por mais de trinta mil vozes com acompanhamento de instrumentos de sopro, que desfilou de Braga a procissão que conduziu ao monte Sameiro a collossal memoria de granito a Nossa Senhora, em 1879, e que um raio, pouco tempo depois, teve a irreverencia de partir. Fez-se nova memoria e segunda perigrinação ao Sameiro, mas não foi tão imponente como a primeira.

VIRGEM PURA

CORO

Virgem pura—tua ternura
E' d'allivio—ao meu penar;
Noite e dia—de Maria
A belleza—hei de cantar.

POVO

E' donzella—toda bella
A mais santa—em seu primor;
Desde a hora—que ella fôra
Concebida—ao Creador.

CORO

Foi creada—abençoada
Sem peccado—e escravidão;
Foi querida—do Céo, enchida
De mil graças—de benção.

POVO

Da inimiga—serpe antiga
A cabeça—Ella pisou;
Foi sua gloria—sua victoria,
Que seu Filho—lhe alcançou.

CORO

Do divino—seu Menino
Toda a graça—Ella nos dá;
Mãe piedosa—carinhosa
Nos olhando—sempre está.

POVO

Aos pedidos—dos queridos
Abre o terno—coração;
Ao gemido—do affligido
Ella é toda—compaixão.

CORO

Aos errantes—navegantes
Ella accode—no alto mar;
Peccadores—dos terrores
Ella guia-vos—a esperar.

POVO

Sobre a cama—aonde a chama
A voz perto—de morrer,
Abre o manto—e por encanto
Muda as dôres—em prazer.

CORO

Quando a lida—d'esta vida
Fôr comnosco—terminar;
Mãe piedosa—poderosa,
Vem teus filhos—amparar.

POVO

Saude certa—porta aberta
Para o reino—do Senhor;
Virgem pia—nossa guia,
Serás sempre—nosso amor.

RU-CHU-CHU

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina de Jesus Vieira da Motta.

31

As pom- bi - nhas da Ca- th'ri-na an - da - ram de mão em mão, as pom-

bi-nhas da Ca- th'ri-na an - da- ram de mão em mão, fo-ram ter á quin-ta no - va ao pom-

bal do D. Jo- ão, fo-ram ter á quin-ta no - va, ao pom- bal do D. Jo- ão.

As pombinhas da Cath'rina,
Andaram de mão em mão,
Foram ter á quinta nova,
Ao pombal do D. João.

Ao pombal do D. João,
A' quinta da Rozeirinha;
Andaram de mão em mão,
As pombinhas da Cath'rina.

Quem me chama Ru-chu-chu,(1)
Meu amor, gosto me dá,
Ru-chu-chu, agora, agora,
Ru-chu-chu, agora, já.

Minha mãe mandou-me á fonte,
E eu quebrei a cantarinha;
Oh minha mãe não me bata,
Que eu ainda sou pequenina.

Que eu ainda sou pequenina,
Minha mãe não bata não;
Eu não volto á quinta nova,
Ao pombal do D. João.

Vós chamaes-me Ru-chu-chu,
Meu amor, não se me dá;
Ru-chu-chu, agora, agora,
Ru-chu-chu, agora, já.

Esta canção appareceu no Porto por occasião das festas do S. João, em 1893.

(1) Ru-chu-chu, significa na linguagem popular, arroladora e meiga como as pombas, tambem se emprega para imitar o arrolar dos pombinhos.

MELODIA POPULAR D'ANADIA

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Alves de Ferrei.

Andante

32

p

A - le - crim é rei das her - - - vas; o ou - ro, rei dos me - ta - - - es: ro - sa, ra - i - nha das flo - - - res; Le - ão rei dos a - ni - maes.

Deus é rei u - ni-ver - sal; ho - mem, rei da cre - a - ção; Rei dos sa - - - bios Sa - lo - mão; rei dos

sa - - - bo - res o | sal; rei das | mat - tas o pi -

nhal; ca - | pi - tão, rei das ca - | ter - vas; Vir - gem,

ra - i - nha das | ser - - vas; ro - | mã, ra - i - nha dos

fru - ctos; o tri - go | é rei dos pro - | du - - ctos; a -

D. C.

le - - crim é rei das | her - - vas.

Esta musica é vulgarmente conhecida pelo nome de *Fado de Anadia*; é uma das musicas no estylo moderno, do genero, mais distincta e não monotona. A poesia que lhe applicamos, por não conhecermos lettra propria, é antiga, mas merece acceitação, por ser conceituosissima.

MOTE

Alecrim é rei das hervas;
Ouro, rei dos metaes;
Rosa, rainha das flores;
Leão, rei dos animaes.

Deus é rei universal;
Homem, rei da creação;
Rei dos sabios, Salomão;
Rei dos sabores o sal;
Rei das mattas o pinhal;
Capitão, rei das catervas;
Virgem, rainha das servas;
Romã, rainha dos frutos;
O trigo e rei dos productos;
Alecrim é rei das hervas.

Rei da riqueza o trabalho;
Aguia, rainha das aves;
Dó é rei dos sons suaves;
Rei dos martellos o malho;
Rei dos dentes é o alho;
O vinho, rei dos licores;
Cupido, rei dos amores;
Rei dos poetas foi Dante;
Rei das pedras o brilhante;
Rosa, rainha das flores;

E' o mar o rei das fontes;
Cruz, das armas é rainha;
Bacho é o rei da vinha;
O Sinae é rei dos montes;
O navio é rei das pontes;
Foi Adão o rei dos paes;
Coral rei dos mineraes;
Rei das amarguras o fel;
Rei dos doces é o mel;
O ouro, rei dos metaes.

Rei dos ventos é o norte;
E' o sol o rei dos astros;
O traquete é rei dos mastros;
Rainha do pranto a morte;
Rei dos dons é o bom porte;
Pena, rainha dos ais;
O ponto, rei dos signaes;
Rei das cannas o alcaçuz;
Rainha das cores, a luz;
Leão, rei dos animaes.

CHULA DE AMARANTE

CHOREOGRAPHICA

À insigne doutora, a Ex.ma Snr.a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

Andante

33

ff animato

meno mosso

mf. Quem quer bem dor - me na

ru - a, quem quer bem dor - me na ru - a, á por-ta do seu a -

mor: *f*

mf. Das pe-dras faz ca - - be-cei - ra, Das pe-dras faz ca - - - be-cei - ra, das es-trel-las co - ber - tor.

f *animato*

dolce

D. C.

f

A *Chula* é o typo classico da nossa musica popular. O Minho e o Douro são as provincias onde esta musica é melhor representada e n'ellas se conserva como hymno local invariavel no seu thema ou canto; mas que os tocadores habeis sobrecarregam com improvisadas variações e adornos caprichosos.

Em Amarante, os instrumentos que ordinariamente acompanham a chula são rebecas, violões, violas, guitarras, tambor e ferrlnhos.

DANÇA.—Um individuo defronte do outro, com os braços levantados. dando estallos com os dedos, ora afastando-se ora approximando-se um do outro e girando sempre em circulo, ou sobre os calcanhares, isto é a dança popular; nas salas dança-se de differentes maneiras com marcas mais delicadas.

CHULA DE AMARANTE

Assanhou-se o meu amor,
Não sei que lhe hei de fazer;
Hei de pisar o trovisco,
E dar-lhe o summo a beber.

O feto é feiticeiro,
Juro que me enfeitiçaste,
Eu desejava saber
Porque razão me deixaste.

Como silva me prendeste,
Como feto me enfeitiçaste,
Como giesta me quizeste,
Como sargaço me deixaste.

A' sargacinha do monte
Eu devo-lhe obrigações,
Porque me tem encobrido
Em certas occasiões.

Quem me estorva a mim de ver-te
D'isso me quer por preceito;
Não me estorva o eu trazer-te
Sempre dentro do meu peito.

Oh élo da videirinha,
Que assim te uniste á prisão;
Tambem eu me assujeitei
A amar o teu coração.

Nem o cravo, nem a rosa,
No jardim mais florido,
Só as estrellas do ceu
Tem comparação comtigo.

O **A** é a primeira lettra
Que no teu peito escrevi;
Se alguem padece no mundo
Sou eu por via de ti.

Fui ao mar por ver as ondas.
Ao jardim por ver as flores.
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

Quem aqui vem de tão longe
Com risco de se perder,
Correndo montes e rios,
Só pelo amor de te ver.

Eu vou deixar de te amar,
Vou deixar de te querer bem,
A quem amas á semana
Ama ao domingo tambem.

Ainda que o lume se apague
Na cinza fica o calor,
Ainda que o amor se auzente
No coração fica a dôr.

Se eu tivesse penna d'ouro,
Formava o papel de prata;
Com o sangue das minhas veias
Escrevia-te uma carta.

Escrevia-te uma carta
Com o sangue das minhas veias
Se não fosse considerar
Sangue meu por mãos alheias.

Meu amor hei de te amar,
Quer tu queiras quer não queiras
Que eu tenho da minha parte
Vinte e cinco feiticeiras.

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem,
São ballas com que me atiram,
Cadeias com que me prendem.

A' entrada d'esta rua
Dei um ai, tremeu a terra;
Encontraram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

De cada vez que te vejo
Devia-me confessar,
Eu não pecco em te ver,
Pecco em te desejar.

Oh meu amor da minh'alma,
Repara e considera
Que depois do mal estar feito,
Já não vale se eu soubera.

Lindo cerco leva a lua,
Ergue-te, amor, e vem ver;
Não ha sol que chegue á lua
Nem ao nosso bem querer.

Lindos olhos tem José,
Santa Luzia guardai-lh'os;
Se não forem para mim,
Santa Luzia tirai-lh'os.

Adeus villa d'Amarante,
Cercada de lampeões,
Onde o meu amor passeia
Com sapatos á Camões. (1)

Adeus villa d'Amarante,
Largo de Santa Luzia,
Onde o meu amor passeia
A toda a hora do dia.

Adeus ponte d'Amarante,
Onde a agua vangueleia;
Adeus oh Meia Laranja,
Onde o meu amor passeia.

Convento de S. Gonçalo,
Convento das Convertidas,
Onde estão os artilheiros,
Perdição das raparigas.

Eu já não vou a Amarante,
Nem passo a ponte, além;
Que me querem lá prender
Por namorar e querer bem.

Por namorar e querer bem,
Querem-me tirar a vida;
Oh que sorte tão tyranna!
Oh que pena tão sentida!

(1) Por occasião do tricentenario de Camões, o nome do nosso épico foi applicado como reclame a innumeras industrias, desde os pasteis *á Camões*, gravatas *á Camões*, Bosque e restaurante *á Camões*, etc. O povo na sua veia ironica parodiava os especuladores camoneanos, dizendo *á Camões* tudo o que fosse estravagante ou novidade.

MANÉ CHINÉ

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Rezende Pinto Barrote.

Andante

34

dolce

Se os | meus tris - tes ais voas - | sem, oh Ma-né Chi - | né, Da - | ri-a mil ca - da | ho-ra; *f* Vá di | ban-da, di ban-da é que | é, Vá di | ban-da oh Ma-né Chi- | né. *mf.* I - | ri-am ba-ter no | pei-to, oh Ma-né Chi- | né, De | quem me lem-brou a - | go-ra, *f* Vá di | ban-da, di ban-da é que | é, Vá di | ban-da oh Ma-né Chi | -né.

D.C.

Se os meus tristes ais voassem,
Oh Mané Chiné;
Daria mil cada hora;
Vá di banda,
Di banda é que é;
Vá di banda,
Oh Mané Chiné.
Iriam bater no peito,
Oh Mané Chiné,
De quem me lembrou agora,
Vá di banda,
Di banda é que é,
Vá di banda,
Oh Mané Chiné.

O amor que em ti puz,
Antes o puzera n'agua;
A agua vae e não volta,
Não deixa penas nem magua.

O tempo em que te amei,
Melhor estivera doente;
Tempo tão mal empregado
Dado de tão boamente.

Vae-te embora amor ingrato
Que eu não quero nada teu;
Foste repartir com outro
Um amor que era só meu.

Meu amor em braços d'outro
Como estava divertido;
Deixal-o ter essa gloria
Que a paixão fica commigo.

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol;
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor.

Os olhos do meu amor
São cadeias de bom ferro;
De tal modo me prenderam,
Que eu outros amores não quero.

A musica d'esta cantiga, que appareceu no Porto, no presente anno de 1893, por occasião das festas ao San João, é no genero da dos *batuques* africanos, vulgares nos centros mais civilisados da Africa portugueza. A lettra do estribilho é aproximadamente a linguagem de alguns dos nossos pretos que estiveram no Brazil.

CARRASQUINHA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Engracia Moreira de Sá.

Adagio

35

p Me - ni - nas, va-mos dan - çar u - ma mo da bo - ni - ti - nha, ve-nham to - das, gi re a ro - da, dan ce mos a Car-ras - qui-nha. *f* Ai, a mo da da Car - ras - qui - nha é u-ma mo-da as-sim ao la - do (1), quan - do po-nho o jo-e - lho em ter - ra (2) fi - ca tu-do ad - mi - ra - do. (3)

Meninas, vamos dançar
Uma moda bonitinha,
Venham todas, gire a roda,
Dancemos a Carrasquinha.

Ai, a moda da Carrasquinha
E' uma moda assim ao lado (1)
Quando ponho o joelho em terra (2)
Fica tudo admirado. (3)

Menina que está á janella,
Com o seu relogio á cinta,
Diga-me que horas são,
Falle verdade, não minta.

Mathilde saccode a saia, (4)
Mathilde levanta o braço, (5)
Mathilde dá-me um beijinho, (6)
Mathilde dá-me um abraço. (7)

Recolhida no Porto em 1870.

Dança.—De roda em que entram só meninas, de mãos dadas girando sempre, porém ao chegar ao estribilho, soltam as mãos e accompanham com movimentos emitativos cada verso, da forma seguinte: (1) voltam-se com o braço esquerdo dobrado, tendo a mão sobre o peito e o cotovello apontado para o peito da que fica á esquerda; (2) fazem com um joelho menção de ajoelhar; (3) ficam boquiabertas; (4) sacodem a saia, (5) levantam o braço direito; (6) beijam-se; (7) abraçam-se e deitando a mão á cinta uma da outra dão uma volta. Na repetição do estribilho canta-se a quadra de Mathilde.

CANÇÃO VILLANOVENSE

PATRIOTICA

Á Ex.ma Snr.a Viscondessa de Faro Oliveira.

Lettra de Manuel da Silva Passos.
Musica de João Antonio Ribas.

36

Allegretto — con 8a

f Vi - va, Vi - va, Vi - va.

p A Pe - dro im - mor - tal, fi - el gra - ti - dão, a - mor e res - pei - to á Cons - ti - tui - ção. A Pe dro im mor tal, fi - el gra - ti - dão, a - mor e res - pei - to á Cons - ti - tui - ção. Ao Por - to en - la - ça - da em do - ce u - ni -

ão Vil - la No - va ju - ra a Cons - ti - tui - ção. Vil-

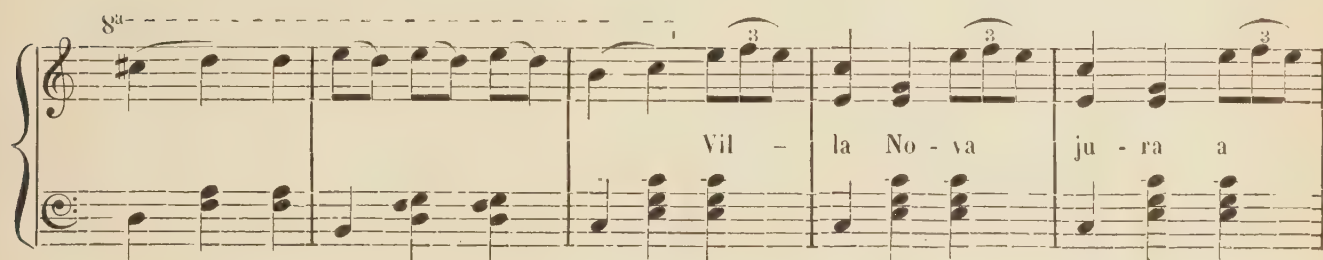
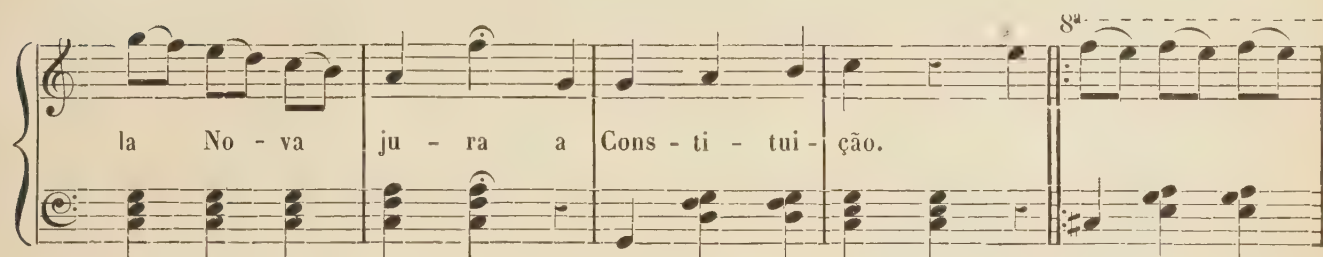
la No - va ju - ra a Cons - ti - tui - ção.

8ª

Vil - la No - va ju - ra a

1.ª vez 2.ª vez

Cons - ti - tui - ção. ção Vil - la No - va

ju - ra a Cons - ti - tui - ção.

O apontamento original d'esta musica conserva-o o distincto professor o Ex.mo Snr. Nicolau Ribas, como uma das recordações saudosas de seu extremoso pae. Aqui agradecemos a fineza de nol-o facultar.

CANÇÃO VILLANOVENSE

Viva, viva, viva,

A Pedro immortal,
Fiel gratidão:
Amor e respeito
A' Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Dos Filhos da Patria
Constante brazão,
Será defender
A Constituição.

Ao Porto enlaçada
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Será venturosa
A lusa Nação,
Guardando e cumprindo
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Em quanto um só Luso
Der culto á razão,
Eterna ha de ser
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

No original da lettra, que é uma folha volante, vem o seguinte titulo: — Canção Constitucional de Villa Nova de Gaya, que ha de ser cantada por occasião do juramento da Carta Constitucional, dada por El-Rei D. Pedro IV; a lettra é de Manoel da Silva Passos e a musica de João Antonio Ribas. (15 d'Agosto de 1826).

DEIXA-ME FALLAR BAIXINHO

BALLADA

Á Ex.ma Snr.a D. Carlota da Resurreição.

Allegretto — 37

p Ou-tro di-a fui á fon-te en-cher o meu can-ta-ri-nho, p ao pas-sar al-li no mon-te... pp dei-xa-me fal-lar bai-xi-nho.

No ultimo verso substituem-se estes compassos pelos seguintes:

Para acabar

lar bai-xi-nho.

Outro dia fui á fonte
Encher o meu cantarinho,
Ao passar alli no monte...
Deixa-me fallar baixinho.

Na fresca relva assentado
Estava o senhor morgadinho,
Ao passar, o malcreado...
Deixa-me fallar baixinho.

Deu-me um puxão pela saia,
Um pouco devagarinho;
Logo fez com que eu caia...
Deixa-me fallar baixinho.

Eu por levantar-me faço,
Já toda n'um desalinho,
Mas apanhei um abraço...
Deixa-me fallar baixinho.

Atraz d'um vieram dois;
Inda por cima um beijinho,
Lá vae o carro e os bois...
Deixa-me fallar baixinho.

Quando me lembra a partida
Lá do senhor morgadinho,
Fico rubra, entumecida,
Deixa-me fallar baixinho.

Recolhida em Castro Daire por F. P. Nogueira, em 1892.

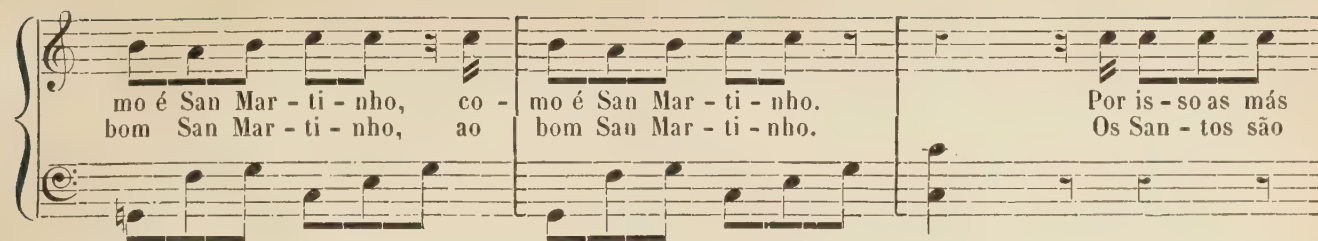
SAN MARTINHO

CANÇÃO

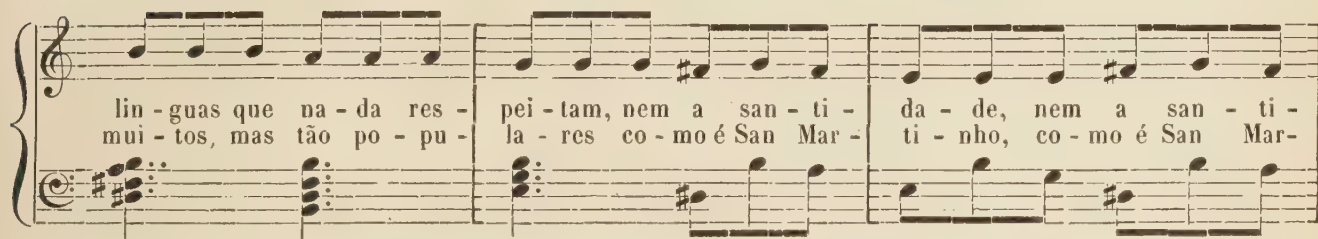
Á Ex.ma Snr.a D. Judith das Neves Bravo.

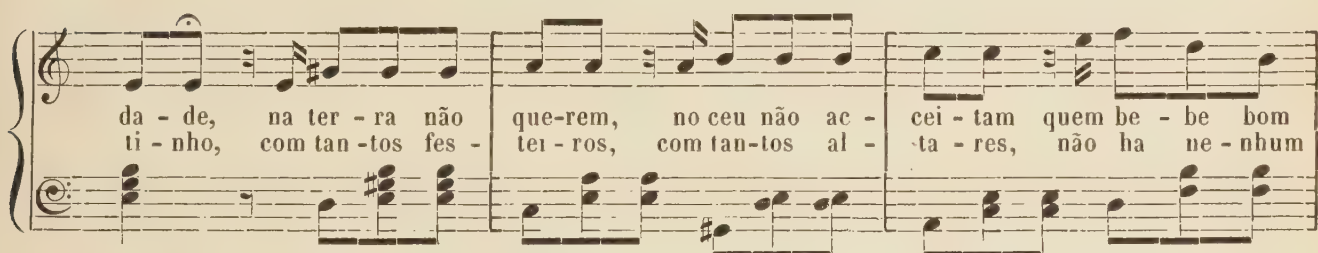
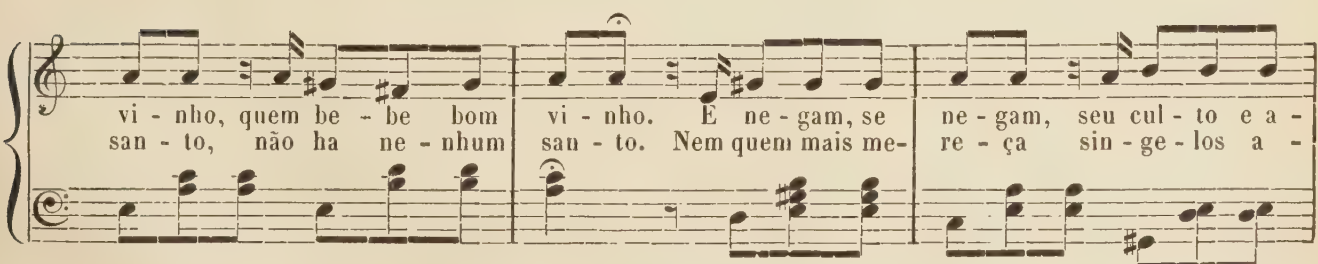
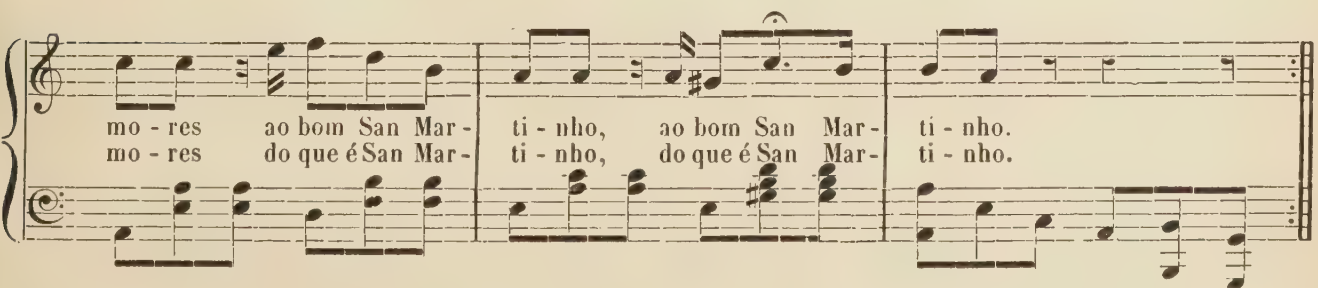
Lettra de L. A. Palmeirim.
Musica de José Doria.

38

Allegretto

f

Não | ha ue - nhum san - to com
Dei - | xa - los, que o san - to não

tan - tos de - vo - tos co - | mo é San Mar - ti - nho, co - | mo é San Mar - ti - nho. No
quer, nem pre - ci - sa, d'um | fal - so ca - ri - nho, d'um | fal - so ca - ri - nho. Da

ceu não ha san - to que | te - nha mais vo - tos de | nós pec - ca - do - res, de
sei - ta só pres - ta quem | te - nha a di - vi - sa de | li - vre de - vo - to, de

nós pec - ca - do - res, nem | tan - tos de - vo - tos, nem | tan - tos a - mo - res, co -
li - vre de - vo - to, quem | be - ba sem sus - to, quem | dê seus a - mo - res, ao

mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar - ti - nho. Por is - so as más
bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho. Os San - tos são

lin - guas que na - da res - pei - tam, nem a san - ti - da - de, nem a san - ti -
mui - tos, mas tão po - pu - la - res co - mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar-

da - de, na ter - ra não que-rem, no ceu não ac - cei - tam quem be - be bom
ti - nho, com tan - tos fes - tei - ros, com tan - tos al - ta - res, não ha ne - nhum

vi - nho, quem be - be bom vi - nho. E ne - gam, se ne - gam, seu cul - to e a -
san - to, não ha ne - nhum san - to. Nem quem mais me - re - ça sin - ge - los a -

mo - res ao bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho.
mo - res do que é San Mar - ti - nho, do que é San Mar - ti - nho.

No | di - a da fes - ta do | san - to mais san - to da

côr - te ce - les - te, da | côr - te ce - les - te. Sau | de - mos a - le - gres, a -

qui n'es - te can - to, quem | be - be bom vi - nho, quem | be - be bom vi - nho; ju -

ran - do de - vo - tos e - | ter - nos a - mo - res ao | bom San Mar - ti - nho. ao

bom San Mar - ti - nho.

Recolhida em Coimbra, em 1889.

SAN MARTINHO

Não ha nenhum santo com tantos devotos
Como é San Martinho.
No ceu não ha santo que tenha mais votos
De nós peccadores
Nem tantos devotos, nem tantos amores,
Como é San Martinho!

Por isso as más linguas que nada respeitam,
Nem a santidade!
Na terra não querem, no ceu não acceitam
Quem bebe bom vinho;
E negam, se negam, seu culto e amores
Ao bom San Martinho!

Deixal-os, que o santo não quer, nem precisa
D'um falso carinho:
Da seita só presta quem tenha a divisa
De livre devoto;
Quem beba sem susto, quem dê seus amores
Ao bom San Martinho!

Os santos são muitos; mas tão populares
Como é San Martinho,
Com tantos festeiros, com tantos altares,
Não ha nenhum santo;
Nem quem mais mereça singelos amores
Do que é San Martinho!

No dia da festa do santo mais santo
Da côrte celeste,
Saudemos alegres, aqui n'este canto,
Quem bebe bom vinho;
Jurando devotos eternos amores
Ao bom San Martinho!

TROLHA D'AFIFE

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta de Sampaio da Cunha Pimentel Carvalho.

Andante

39

dolce

Ai! oh mo - ças dan - - çae o vi - ra,

ai! oh mo - ças dan - - çae o vi - ra, ai! que lá

vem a vi - ra - ção, ai, que lá vem a vi - ra -

ção.

8a

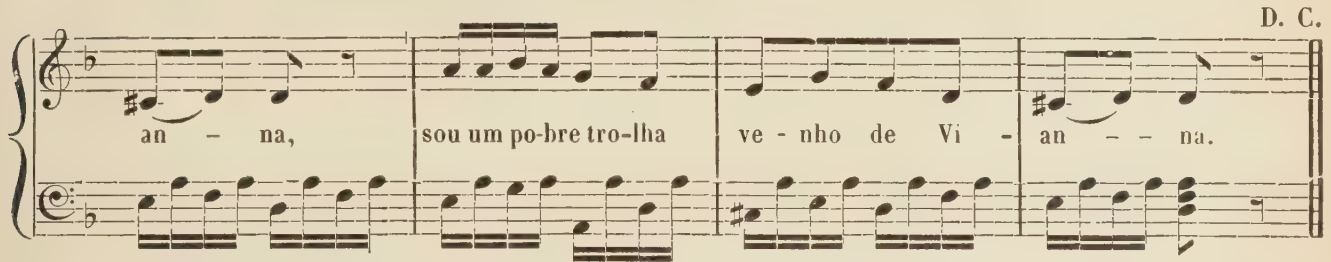
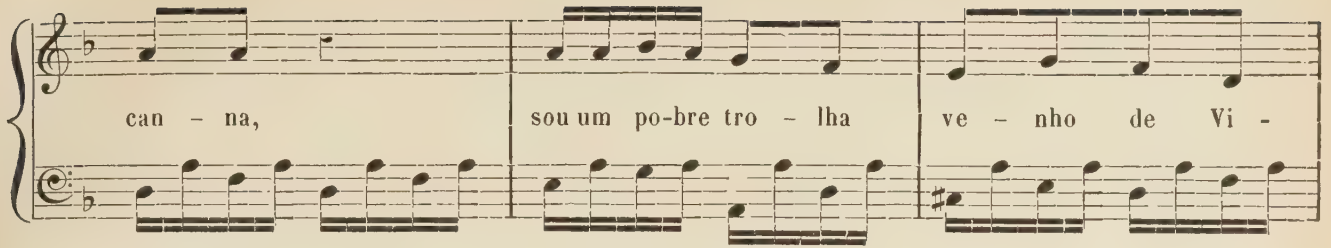
f

O-ra vi-ra, vi - ra, na fo - lha da

can - na, o - ra vi - ra, vi - ra, na fo - lha da

can – na, | sou um po-bre tro – lha | ve – nho de Vi -

D. C.

an – na, | sou um po-bre tro-lha | ve - nho de Vi - | an – – na.

Recolhida, em 1850, pelo extincto professor de musica e celebre violinista portuense, João Antonio Ribas.

Ai! oh moças,
Dançai o vira,
Ai! que lá vem
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha
Venho de Vianna.

Ai! cachopas
Mais vira, vira,
Ai! que chegou
A viração.

Ora vira, vira, etc.

Ai meninas,
Vira que vira,
Já sopra além
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha,
Venho de Vianna.

Ai meninas,
Vira revira,
Que já se foi
A viração.

Ora vira, vira, etc.

DANÇA.—Os pares formam: cavalheiro em frente da dama, e vão girando em roda a compasso, e no estribilho vão dando voltas cada um sobre si á maneira que dizem a palavra *vira*.

PERA VERDE

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Felismina Candida Cerqueira Montenegro.

Andantino

40

p To-da a me-ni-na bo-ni-ta não ha-vi-a de nas-cer, é co-
mo pe-ra ma-du-ra to-dos a que-rem co-mer.

f Dés-te-me u-ma pe-ra ver-de pa-ra eu a-ma-du-rar; pe-ra ver-de oh da ver-de pe-ra, vo-cê não me ha de en-ga-nar.

Vo-cê não me ha de en-ga-nar, vo-cê nãe me en-ga-na, não; pe-ra ver-de oh da ver-de pe-ra, a-mor do meu co-ra-ção.

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha,
Tambem tu, quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

Tenho uma maçã dourada
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deus não sejas tu.

Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava;
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

D'aqui para a minha terra
Tudo é caminho chão,
Tudo são cravos e rosas
Dispostos por minha mão.

Recolhida em Oliveira do Conhedo por F. P. Nogueira, em 1887.

DANÇA.—Em grande roda de mãos dadas os primeiros oito compassos; no estribilho «pera verde», *grand'chaine*; e na repetição—«Você não me ha de enganar», continuam a andar em roda, soltando as mãos e fazendo com o dedo indicador o signal negativo, durante quatro compassos; nos outros quatro dá cada individuo duas voltas sobre si mesmo.

PIROLITO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Portella Sobral.

41

Andante

p Tu di-zes que não, que não, in - da has de vir a querer; tan-to dá a a-gua na pe - dra que a faz a-mol - le - cer. f Pi-ro - li-to que ba - te que ba - te, Pi-ro - li-to que já ba - teu, quem gos-ta de mim é el - la, quem gos-ta d'el-la sou eu.

D. C.

Tu dizes que não, que não,
Inda has de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amollecer.

Pirolito que bate que bate.
Pirolito que já bateu;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada;
Em certas occasiões,
Mais vale bocca calada.

Quem de mim te poz tão longe,
Não teve boa eleição;
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora,
Mais padece quem não vê
O seu amor a toda a hora.

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer;
Hei de te tirar de casa
Sem teu pae, nem mae saber.

Foi esta uma das musicas com que o Visconde de Castilho fez cantar, nas escolas primarias, em 1850, o seu methodo repentino de leitura.

HYMNO DO TRABALHO

CANTO ESCOLAR

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca do Carmo Leite dos Santos.

Lettra de A. F. de Castilho.
Musica de Moraes Pereira.

42

f

VOZ

No re- ga - ço do lu - xo a o-pu- len - cia os can- ça - ços do ó - cio mal - diz.

En-tre as lu - ctas sor-ri a in - di - gen - cia, com o pão

ne - gro se jul - ga fe - liz.

CORO

Tra - ba - lhae, meus ir-mãos, que o tra-

ba - - lho é vir - tu - de, é ri - que-za, é vi - gor. Den-tre a or-

ches - tra da ser - ra e do ma - lho bro - tam vi - das, ci-da - des, a -

mor. Den-tre a or -ches - tra da ser - ra e do ma - lho bro - tam

vi - das. ci-da - des, a - mor. bro-tam vi - das, ci-da - des, a - mor.

D. C.

Este hymno data de 1852.

O author da lettra faz a seguinte advertencia:

«E' incrivel a rapidez com que este hymno se propagou na Ilha de S. Miguel até ao fundo da classe menos litteraria e menos cantante. Em poucas semanas, depois que se estreou na primeira exposição Industrial da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes, cantavam-n'o os operarios nas officinas, os rusticos na lavoira, os descalços pelas ruas, as senhoras nas suas casas de lavor e nas suas salas; cantavam-n'o os barqueiros e pescadores, cantavam-n'o os soldados; cantavam-n'o os presos; todos o cantavam.

A belleza da musica, era a unica explicação d'este phenomeno; tinha dado fortuna á poesia.

Depois que em Portugal se abriram escolas de leitura pelo novo methodo, d'ellas se diffundiu com egual generalidade este cantar, a que eu já quero muito bem, por ter mostrado a experiencia, que ha n'elle realmente certa virtude, que, ao menos emquanto elle soa, e na meia hora que apoz vem, concita os braços e as vontades para o trabalho. N'este sentido atrevo-me a recommendal-o aos donos de fabricas e officinas e ás mães de familia como um bom afugentador de somnolencias nos serões do inverno.»

HYMNO DO TRABALHO

No regaço do luxo, a opulencia
Os cançaços do ócio maldiz;
Ente as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é virtude, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Deus impondo ao peccado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a perguiça inimiga,
Reconquista o Eden terreal.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Quem dá graças aos Ceus ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E' o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
E' suicida; é mais vil que o suicida;
E' suicida a quem falta o valor.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é trabalho, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Mar e terra, Ar e Ceu, tudo lida:
Deus a todos poz luz e deu mãos:
Lei suprema o trabalho é na vida;
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

Trabalhar, meus irmãos, etc.

JÁ NÃO QUERO SER CASADO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda da Gloria Lima.

43

Allegretto

f

De sol - tei - ro é mau es - ta - do, vi-ve um ho - mem sem - pre só, sem nin - guem d'el - le ter dó, sem na - da ter ar - ran - ja - do, Quem me de - ra ser ca - sa - do. quem me de - ra ser ca - sa - do.

D. C.

Ter um botão despregado,
A camisa por coser,
E mil voltas p'ra fazer,
Sem nada ter arranjado;
Quem me dera ser casado.

Acordar sobresaltado
Ao chorar d'algum néné,
Perguntar quem está, quem é,
Julgando que está roubado...
Já não quero ser casado.

Ver-se um homem obrigado,
A recolher quando as gallinhas,
Ir p'ra casa, ouvir zanguinhas
Ser da esposa seringado;
Já não quero ser casado.

A sopeira e o creado,
Recostados na cosinha,
Ambos a comer gallinha,
E o patrão peixe salgado;
Quem me dera ser casado.

De manhã ser obrigado,
A largar algum dinheiro,
P'r'a leiteira e p'r'o padeiro,
Que não dão nada fiado;
Já não quero ser casado.

Já não quero ser casado,
Quem me dera dormir só,
Se filhos tiver um dia,
Dou a creal-os á avó.
Dou a creal-os á avó.

Recolhida em Fafe em 1888 por F. P. Nogueira.

SOU MARINHEIRO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Mollarinho Ramos.

Andantino

44

D'a - qui ao Por - to é lon - - ge, não che-gam lá meus sen -

ti - - dos; quan-do el - les lá che- ga - - rem, i - rão mais mor-tos que

vi - - vos. *p cres.* Sou ma - ri - nhei - ro, nas - ci no

mar; *p* quan -do as on - das me vem bei - .jar, *cres.* di - go, al -

ti - vo, rin-do tam- bem: bei - jos das on-das são bei-jos de mãe.

D. C.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira, em 1889.

Dança.—Os primeiros oito compassos dançam-se de roda girando as damas sempre voltadas para os cavalheiros; os outros oito compassos dançam-se em passo de valsa, prefazendo dois giros cada par.

SOU MARINHEIRO

Escrevi teu lindo nome
Na branca areia do mar,
Vieram as tristes ondas
C'o teu nome navegar.

Sou marinheiro,
Nasci no mar;
Quando as ondas
Me vem beijar,
Digo altivo,
Rindo tambem:
—Beijos das ondas
São beijos de mãe.

Eu fui ao mar buscar lume,
Embarquei n'uma faisca;
Namorei-me dos teus olhos
Logo á primeira vista.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria;
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde puderam chegar.

Coitadinho de quem tem
Seu amor além do rio;
Quer-lhe fallar e não póde,
Do coração faz navio.

Se eu soubera ler no mar,
Lêra no teu interior;
Via no teu coração
Se ainda me tens amor.

Sou marinheiro,
Olé que eu sou,
Que é da barquinha
Que se afundou?
Que se afundou,
Aonde andará?
Lá no mar alto
Se encontrará.

Oh menina tenha allento
Como as areias do mar;
Que estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello...
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Pelo cantar da sereia
Se perdem os navegantes;
Perdem-se as mães pelos filhos,
As damas pelos amantes.

Já passei o mar a nado,
A nado como uma enguia;
Mais vale não ter amores,
Do que passar por agua fria.

Corri todo o mar á roda,
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

DÁ-ME OS TEUS BRAÇOS

CHOREOGRAPHICA

Ex.ma Snr.a D. Leopoldina d'Abreu Magalhães.

Andante

54

dolce

A - mei e fui in - fe - liz, ju - rei nun- ca mais a - mar; os teus o - lhos me fi - ze - - ram meu ju - ra - men-to que - brar. Es - sa tu - a mão de ne - - - ve quan-do na mi - nha pe- gou, de - vé - ras ti - nha fei - ti - - - ços, que lo - go

Amei e fui infeliz,
Jurei nunca mais amar;
Os teus olhos me fizeram
Meu juramento quebrar.

Essa tua mão de neve,
Quando na minha pegou,
Devéras tinha feitiços,
Que logo me enfeitiçou.

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Aos olhos da minha fronte
Vinde os cantaros encher;
Não ha assim segunda fonte
Com duas bicas a correr.

Vou a encher a bilha e trago-a,
Vazia como a levei:
Mondego, que é da tua agua?
Qu'é dos prantos que eu chorei?

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Fechei na mão um sorriso
Da tua bocca formosa,
Quando fui a abrir a mão
Tinha-a toda côr de rosa.

O meu coração é um pobre,
Um pobresinho sem lar:
Dá-lhe tu que és rica e nobre,
A esmola do teu olhar.

Dá-me os teus braços, etc.

Eu gosto de te encontrar,
E tremo quando te vejo;
Por não te poder fallar
Como era meu desejo.

Nos jardins de Salamanca,
Nas margens do rio Tormes,
Colhi uma rosa branca,
Eras tu, anjo que dormes.

Dá-me os teus braços, etc.

Dança. — Os pares passeiam em circulo durante dezeseis compassos sobre a direita e outros dezeseis sobre a esquerda. No estribilho, muda-se para passo de valsa e abraçam-se.
Recolhida em Villa Real por F. P. Nogueira.

A DESPEDIDA

CANÇÃO DAS FURNAS

À Ex.ma Snr.ª D. Maria Thereza Soares da Cunha.

46

Moderato

dolce

N'es-ta Cin-tra mi-chae-len-se, n'es-te bos-que se-du-ctor, no ca-sal que me per-ten-ce pas-so a vi-da com sa-bor. A ven-tu-ra, que a-qui du-ra, no al-ber-gue do pas-tor, tal mis-tu-ra de ver-du-ra, diz es-p'ran-ça, diz a-mor.

D. C.

Recolhida nos Açores pelo Rev.mo padre Manuel d'Azevedo Cunha.

A DESPEDIDA

N'esta Cintra michaelense,
N'este bosque seductor,
No casal que me pertence
Passo a vida com sabor.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Mui brilhantes distracções
Tem a vida na cidade:
Mas aqui os corações
Batem com mais liberdade.

A ventura, etc.

Este val é minha terra,
E' minha terra natal;
E as bellezas que encerra
No mundo não tem rival.

A ventura, etc.

Adeus bosques innocentes,
Adeus tristes salgueiraes,
Adeus aguas das correntes,
Talvez para nunca mais.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Sôa a hora da partida,
Hora cruel e fatal,
Tão desejada e temida
Como não ha outra egual.

A ventura, etc.

Adeus, Furnas, vou deixar-te,
Por lei do fado cruel;
Para sempre abandonar-te
Linda flor de S. Miguel.

A ventura, etc.

OH SENHOR LADRÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta Marianna da Silva Tamegão.

Moderato

47

A' en - tra - da d'El - vas 'stão du - as ca - dei - ras, á en - tra - da d'El-vas 'stão du - as ca - dei ras, u - ma p'r'as ca - sa - das ou - tra p'r'as sol - tei - ras, u - ma p'r'as ca - sa - das ou - tras p'r'as sol - tei - ras.

A' entrada d'Elvas
Estão duas cadeiras,
Uma p'r'as casadas
Outra p'r'as solteiras.

Outra p'r'as solteiras,
Oh verde limão,
Rapaz que é janota
Rouba que é ladrão.

Oh senhor ladrão,
Ande ligeirinho,
Não queira ficar
Na roda sósinho.

Na roda sosinho,
Não hei de ficar,
A's bellas madamas
Me hei de abraçar.

Este ladrão novo
Que agora entrou,
Deixal-o roubar,
Qu'inda não roubou.

Se fôres a Elvas,
Eu tambem lá vou,
Buscar uma rosa
Que me lá ficou.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal
Com lettras que dizem,
Viva Portugal.

A' entrada d'Elvas
Eu achei achei,
Lettrinhas que dizem,
Viva o nosso rei.

Oh Elvas, oh Elvas,
Badajoz á vista,
Ja não faz milagres
S. João Baptista.

Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade,
Qu'é a melhor coisa
Que tem a cidade.

A' entrada d'Elvas
Achei um annel
Com lettras que dizem,
Viva D. Miguel.

Se fôres a Elvas,
Segue direitinho,
Olha não tropeces,
Qu'é mau o caminho.

Recolhida em Almaça, concelho de Penacova, em 1882, por F. P. Nogueira. Esta musica data do principio d'este seculo e é muito vulgar em todo o paiz.

Dança. — Grande roda, todos os pares de mãos dadas, e um cavalheiro no meio, giram sobre a direita. durante a primeira quadra; ao findar a segunda quadra os pares soltam as mãos e o cavalheiro que estava só procura tomar uma dama; o que fica sem par faz o mesmo; e aquelle que fica sem dama vae para o meio.

HYMNO PATRIOTICO

DA

NAÇÃO PORTUGUEZA

COMPOSTO E OFFERECIDO POR MARCOS ANTONIO PORTUGAL

AO PRINCIPE REGENTE D. JOAO

À Ex.ma Snr.a D. Fernanda Catalã do Amaral Ozorio de Mesquita.

Andante imperioso

48

8a

f

glo - - ria só te - - mos ven - - - cer ou mor-

rer, ven - cer ou mor- rer, ou mor-

rer, ou mor- rer.

D. C.

HYMNO PATRIOTICO DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Eis, principe excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados,
Vem livres fazer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Cruel inimigo
Debalde se avança;
De Affonso a herança
Eterna ha-de ser.

Por vós, etc.

Da guerra os horrores,
As perdas, os damnos,
Fieis lusitanos
Não sabem temer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Aos mares vos déstes,
A bem dos vassallos,
Julgando livral-os
De impio poder.

Por vós, etc.

Mal grado o tyranno,
Em breve vireis,
Os Lusos fieis,
Vós mesmo reger.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Um Deus vos escude,
Oh Principe Caro:
Deus é nosso amparo,
Não ha que temer.

Por vós, etc.

Nota.—Marcos Antonio Portugal escreveu a musica d'este hymno, dedicado ao principe regente (D. João VI), quando este monarcha se retirou para o Brazil, por causa da invasão franceza.

O exemplar que possuimos tém só quatro estrophes; a 2.ª e 3.ª encontramol-as na *Muza das Revoluções* do snr. Alberto Pimentel.

Possuimos uma variante d'esta poesia, impressa em folheto, tendo um preambulo e sete estrophes, que em seguida trasladamos. Vê-se que este folheto fôra mandado imprimir por uma companhia dramatica, quando D. João já era rei.

HYMNO NACIONAL

«A poesia do Hymno Patriotico, cuja musica foi composta pelo insigne professor *Marcos Antonio Portugal*, era toda filha das circumstancias do tempo da sua organisação; vindo por este motivo a formar simplesmente uma Canção particular e não generica e Nacional; no entanto agradou, e agrada pela expressão marcial, com que aquellas duas Artes, de mãos dadas, souberam grangear justiceiros applausos, estimulando ao mesmo passo os valorosos animos portuguezes, e convidando-os á continuação de heroicas acções: cumpriu por tanto, para ser favorecido este bem entendido gosto e para alongar a duração do Hymno, approprial-o mais ao estado actual das coisas, e generalisal-o quanto fosse compativel; por cuja razão, approveitando-se o essencial, se lhe fez (medeando o genio hostil) a alteração, que ao diante se segue, e que a Companhia Nacional, mandando imprimir, julgou a proposito ter a honra de offerecer aos sabios, e respeitaveis expectadores, cuja protecção generosa a ennobrece, e felicita.»

HYMNO

1.º

Eis, oh Rei Excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados
Vem livres fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer ou morrer.

2.º

A Lysia salvando,
Aos mares te lanças,
Do Monstro as esperanças
Fazendo perder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

3.º

Quanto as Nações Grandes
Obraram d'Espanto,
No lance outro tanto
Podeste fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

4.º

Dous mundos unindo,
Um reino formaste,
Politica obraste,
Cresceu-te o poder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

5.º

Quem tem como Tu
Imperio nas almas,
Sem custo vê palmas,
Vê louros crescer.

Por Ti, pela Patria, etc.

6.º

Será Portugal
Eterno, e ditoso,
Quem é virtuoso
Não lhe acaba o ser.

Por Ti, pela Patria, etc.

7.º

Um Deus te defende
Monarcha potente;
Ourique não mente,
Não ha que temer.

Por Ti, pela Patria, etc.

Porto: Typograf. á Praça de S. Thereza, (não tem data)—*com Licença.*

AO MENINO DEUS

LOAS PASTORIS

Á Ex.ma Snr.a D. Izabel Maria de Carvalho.

49

Andante

dolce

En- trae, en- trae pas - to - ri - - - nhos, por es - - te por - tal sa - gra - - - do; vin- de ver o Deus Me- ni - - - no, n'u - mas pa- lhi - nhas dei - ta - - - - do.

D. C.

Entrae, entrae, pastorinhos,
Por este portal sagrado;
Vinde ver o Deus Menino,
N'umas palhinhas deitado.

As palhinhas deitam lirios;
Menino, sois meus allivios.
As palhinhas deitam cravos;
Menino, sois meus cuidados.

Vimos dar as boas-festas
A estes nobres senhores.
Que é nascido o Deus Menino,
Em Belem entre os pastores.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado;
Em Belem nasceu, ha dias,
O Messias desejado.

—Oh meu menino Jesus,
Que é da vossa cabelleira?
—Deixei-a em Santa Clara,
No regaço d'uma freira!

—Oh meu menino Jesus,
Oh minha mimosa flôr:
Fizeste-vos tão pequenino,
Sendo tão grande Senhor!

—Oh meu menino Jesus,
Boquinha de marmellada,
Quem vol-a comêra toda,
Sem lhe deixar ficar nada!

—Oh meu menino Jesus
Que estaes sobre o altar,
Quando fôr missa acabada,
Quem irá sem vos beijar?

Já se ouve a gaita de folle,
Já nasceu o Deus Menino,
Gloria do ceu e da terra,
Seu thesouro peregrino.

Esta musica é do seculo XVIII.

CARINHOSA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Moreira.

Andantino

50

O - lhos pre - tos co-mo os te - - us tão

lin - dos in-da os não vi, tão mei-gos, tão ex-pres- si - vos, que ao ve-los qua-si mor-

ri. Só n'es - - te mun - do se pas - sam fa - di - - gas;

Só n'es - - te mun-do se pas - sam fa - di - - gas, Pa- re - ce que 'stás jo-

gan - - do com- mi-go as es-con- di-das; pa - re - ce que 'stás jo - gan - - do com-

mi - go as es-con- | di-das. Oh ca-ri- | nho-sa mi-nha ca-ri- | nho-sa, oh ca-ri- | nho-sa mi-nha ca-ri-

nho - sa, com- | ti - go m'hei de a-bra- | çar, ó ca - ra de | ne-ve, ó ca-ra de | ro - sa.

Esta noite sonhei eu
Que dois negros me matavam;
Mas eram esses teus olhos
Que de noite me fitavam.

Só n'este mundo
Se passam fadigas...
Parece que estás jogando
Commigo as escondidas...

O' carinhosa, minha carinhosa;
Comtigo me hei de abraçar,
O' cara de neve,
O' cara de rosa.

Lindos olhos de matar,
Sobrancelhas de sorrir;
Tendes a côr demudada;
Isso é de não dormir.

Eu defronte e vós á vista,
Eu fallo, vós não fallaes:
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não póde ser mais.

Volve a mim teus lindos olhos,
Que olhar só não é defeito;
D'este modo vae nascendo
Terno amor dentro do peito.

Dois olhos que tens no rosto
Parecem-me dois ladrões;
Elles póstos n'uma estrada
Podem roubar corações.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus.

Olhos pretos vão á fonte
Não sei que lá vão buscar;
Não sei se vão buscar agua,
Se penas para nos dar.

Se os teus olhos são brilhantes
Que prendem meu coração,
Se os teus braços são cadeias
Amor, me entrego á prisão.

O teu peito é um altar,
Com vellas e castiçaes;
Os santos que lhe eu adoro
São teus olhos, nada mais.

No dia em que tu nasceste,
Nasceram todos os soes,
E na pia do baptismo
Cantaram os rouxinoes.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira.

DANÇA: — Formam grande roda e dançam, girando sobre a direita, emquanto cantam a 1.ª quadra. Quando dizem a primeira vez: — *Só n'este mundo se passam fadigas*, voltam-se os cavalheiros para as suas damas fazendo gestos de lamentação; na segunda vez, voltam-se para as damas contrarias, repetindo o mesmo. Quando dizem (1.ª vez): — *Parece que estás jogando*, etc., etc., os cavalheiros voltam as costas para as damas e unidos de costas, fazem meiguices uns aos outros. Na segunda vez, repetem com as damas contrarias. Quando dizem: — *O' carinhosa, minha carinhosa*, 1.ª vez, dançam os cavalheiros com as suas damas, dando estalos com os dedos. Na repetição, fazem o mesmo com as damas contrarias. Os ultimos compassos dançam em passo de polka.

NOITE DE NATAL

LENDA RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Adozinda Barboza.

Andante UMA VOZ

51

mf. Pe-la noi-te de o na-tal, noi-te de tan-ta a--le-gri--a,

CORO *f* Pe--la noi--te de o na-tal, noi--te de tan--ta a--le-gri--a

UMA VOZ *mf.* Ca--mi-nhan-do vae Jo-sé, ca--mi-nhan-do vae Ma-ri--a,

CORO *f* Ca--mi-nhan-do vae Jo-sé, ca-mi-nhan-do vae Ma-ri--a.

D. C.

NOITE DE NATAL

Pela noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vae Josè,
Caminhando vae Maria.

Ambos os dois p'ra Belem,
Mais de noite que de dia,
E chegaram a Belem,
Já toda a gente dormia.

Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria.
A porta não quiz abrir
A gente que não conhecia.

Dilatem-se ahi, senhores,
Até que rompa o dia.
Não encontrando pouzada,
Foram p'ra uma estrebaria.

S. José foi buscar lume,
Porque a noite estava fria;
E do ceu veio uma estrella
Que todo o mundo alumia.

Quando S. José voltou,
Já viu a Virgem Maria,
Com o Deus Menino nos braços
Que no seu veu envolvia.

E veio um Anjo do Ceu,
Cantando — Avé-Maria;
E Deus-Padre perguntou
Como ficára Maria.

A Maria ficou boa,
Lá em uma estrebaria,
Entre um boi e uma mula,
E S. José por companhia.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito-Santo,
Para todo o sempre. Amen.

Com esta musica cantam-se tambem as Janeiras. E' nas noites de 31 de Dezembro e 1.º de Janeiro, costume antiquissimo o darem-se as boas-festas por meio de descantes, a gente do povo, e para isso reune-se um grupo de homens e mulheres, (4, 5 ou 6 individuos, ás vezes mais) e vão á porta das pessoas das suas relações cantar as Janeiras. Depois das cantigas que tem relação com o nascimento de Jesus, seguem-se outras cantigas, a que chamam *Vivas* e são dirigidas ás pessoas da casa; a musica dos *Vivas* é quasi sempre a da chula local ou a da *Canna-verde*, porém n'um andamento muito lento, e com compassos de espera de verso a verso, talvez para se entender bem a lettra, e para dar tempo ao cantor a improvisar o verso.

No fim o dono da casa manda dar uma esportula ou um beberete.

Os grupos phylarmonicos que improvisam estes descantes, compõe-se variavelmente da seguinte fórma, pela ordem indispensavel das vozes e instrumentos: uma ou duas sopranos, ou um tenor, para solos. Os córos são cantados por quasi todos os que tocam; o instrumental é formado por viola, ferrinhos, violão, rebeca, flauta, guitarra, bandolim e violoncello, e algumas vezes, pandeiro e castanholas.

JANEIRAS

VIVAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria da Gloria Vasconcellos.

Largo

52

Vi - - va o se - - nhor An - - to - - nio (1) Deus lhe dê mui - ta a - - le - - gri - - a,

Vi - - va tam - - bem sua es - - po - - - sa, mais a bel - - la com - - pa - - nhi - - a.

(1) Por exemplo:
Principiam sempre pelo nome do chefe ou dona da casa e vão descendo pela ordem de parentesco ou da respeitabilidade dos comensaes.

AS JANEIRAS

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados;
Mas nós vimol-as cantar,
Por ser annos melhorados.

Gosae, sim, senhor, sempre,
Mil prazeres venturosos;
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numera os passos,
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos,
Aqui vos vimos cantar;
Se o ceu cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Viva o senhor Antonio,
Deus lhe dê muita alegria;
Viva tambem sua esposa,
A senhora D. Maria.

Viva a menina mais velha,
A snr.ª D. Emilia,
Por ser a mais linda flôr
Que ha em toda a familia.

Assim proseguem as cantigas, improvisadas, ás principaes pessoas da casa.
Ha outra fórma de *vivas* mais pittorescos e são esses os que os rapazes adoptam :

Viva o snr. F.
Quando põe o seu chapeu,
No meio da sua sala,
Parece um anjo do ceu.

Viva o senhor F.
Raminho de salsa crua;
Quando está á sua janella,
Allumia toda a rua.

Viva o senhor F.
Raminho de perfeição;
Quando está á sua janella,
Parece um manjaricão.

Estas cantigas applicam-se sempre e improvisam-se outras, conforme as circumstancias o permittem.

Viva a senhora...
Vestidinha de cambraia;
Quando se põe á janella,
Allumia toda a praia.

Viva a senhora...
Raminho de rosmaninho;
No meio da sua casa,
Parece mesmo um anjinho.

Viva a senhora...
Raminho de salsa branca;
O seu corpinho é neve,
A sua alminha é santa.

Viva a senhora...
Raminho de perfeição;
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora...
Os annos que ella deseja;
Depois d'elles acabados,
Na gloria do ceu se veja.

Viva o senhor...
Quando veste o seu collete,
No meio da sua sala
Parece um ramalhete.

Viva o senhor...
Os annos que elle deseja;
Viva tambem uma rosa
Que elle levou á egreja.

Viva o senhor...
Os annos que elle quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

Viva o senhor...
A sua cara é um sol,
Cercado de diamantes,
Com aljofres ao redor.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a Senhora da Hora;
Vivam moços e creados,
Para não ficarem de fóra.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a folha do codeço,
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

Tambem viva, p'ra que viva,
Os compadres e parentes;
Vivam todos os da casa
E mais os que estão auzentes.

Depois d'estas cantigas se a esportula se demora, cantam as seguintes com a musica da *Canna verde*, ou outra qualquer em movimento vivo:

Vimos dar as boas-festas,
Nós tambem alegres vimos,
Mandem-nos o que poderem,
Bem sabeis p'ra quem pedimos.

Ora venha, se ha-de vir,
Não nos 'steja a delatar:
Que somos de muito longe,
Temos muito que andar.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papellão;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um capão.

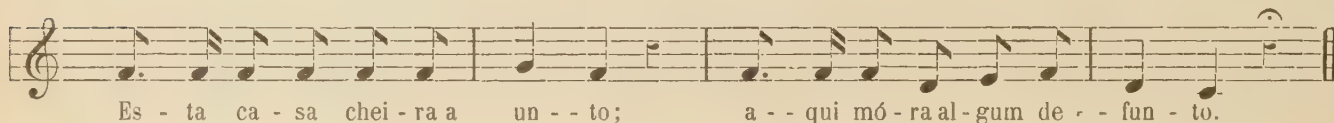
Esta casa é bem alta,
Forrada de pau de pinho:
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um quartinho.

Ora venha, se ha-de vir,
Venha com desembaraço;
Aqui está á sua porta
O nosso moço do sacco.

Quer a deis, quer a não deis,
Sempre com Jesus fiqueis;
Quer a daes, quer a não daes,
Sempre com os Anjos ficaes.

Se os donos da casa não mandam dar alguma cousa então aquella gente entoa-lhe á porta a seguinte cantiga, em cantochão funebre:

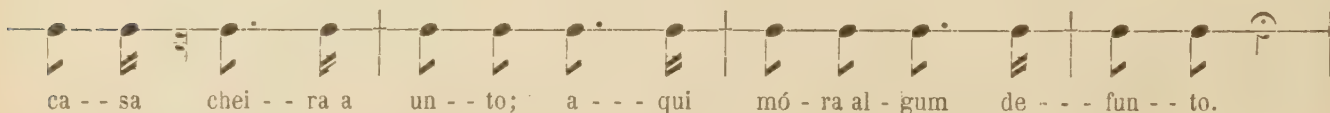
Es - ta ca - sa chei - ra a brê - - u; a - - qui mó - ra al - gum ju - - deu......

Es - ta ca - sa chei - ra a un - - to; a - - qui mó - ra al - gum de - - fun - to.

Dizem que esta cantiga tem por origem a seguinte anedocta:

«Um aldeão velhaco e avarento fez, ás escondidas, uma boa ceia na noite de festa, mas um gracioso que lh'a presentiu pelo cheiro, introduziu-se-lhe, embrulhado em um lençol, pela chaminé e improvisou o canto que os bandos ou os esturdias applicam n'esta noite a quem lhe não dá nada. Conta-se que a surpreza fizera o effeito desejado, porque o avarento ao vêr a avantesma fugiu espavorido, deixando ficar a ceia que depois foi comida por uma sucia de trocistas».

Os rapazes menores, tambem formam grupos, para ir cantar as Janeiras com a mesma lettra; a musica, porém, é variante conforme os limites das vozes infantis. O *instrumental* de que se servem é extravagante; compõe-se de ferrinhos ou qualquer objecto de ferro que imite o som do triangulo, castanholas ou conchas, campainhas e tambores feitos de pequenas barricas, ou panellas velhas tapadas com pelle de carneiro. Esta horrivel *phylarmonica* vae dar as boas-festas á porta das pessoas que conhece, para obter algum vintem ou uma mão cheia de figos. Se, porém, não lhe dão alguma cousa, em vez de cantarem os *vivas*, cantam a seguinte lettra, com o rythmo dos tambores, em Allegro vivace

Es - - ta ca - sa chei - - ra a brêu; a - - qui mó - ra al-gum ju - - deu. Es - - ta

ca - - sa chei - - ra a un - - to; a - - - qui mó - ra al - gum de - - - fun - - to.

Depois tudo parte a fugir com receio d'alguma baldada d'agua ou d'outra qualquer judiaria.

A VIDA DO MARUJO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Alice d'Azevedo Motta.

53

Tris- te vi-da é a do ma- ru-jo, qual d'el - las a mais can- ça-da, que pe - la tris te sol- da - da pas-sa tor- men - tos, pas-sa tor men-tos. Don, don.

D. C.

Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inferno
    As tempestades!
        Don, don.

As nossas necessidades
Nos obriga a navegar,
A passar tempos no mar,
    E aguaceiros.
        Don, don.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar;
Nem tão pouco mal assar
    Nossa comida.
        Don, don.

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canceira!
Sem a nossa bebedeira
    Nós não passamos!
        Don, don.

Quando socegados estamos
No rancho a descançar,
Então é que ouço gritar:
    Oh! leva arriba!
        Don, don.

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
Moços, ferra a cevadeira
    E o joanete.
        Don, don.

Tambem dá o seu falsete
Não podendo mais gritar:
Cada qual ao seu logar
    Até ver isto.
        Don, don.

Mais me valera ser visto
A' porta d'um botequim,
Do que ver agora o fim
    Da minha vida.
        Don, don.

Quando parece cumprida
A noite p'ra descançar
Então é que ouço tocar
    Certa matraca.
        Don, don.

O somno logo se atraca
Meu coração logo treme
Em cuidar que hei de ir ao leme
    Estar duas horas.
        Don, don.

Lembram-me certas senhoras
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
    Ao meu dinheiro.
        Don, don.

Foi um velho marinheiro
Que inventou esta cantiga,
Embarcado toda a vida
    Sem ter dinheiro.
        Don, don.

Esta canção é muito antiga. Foi recolhida no drama—*Probidade* do actor Cesar de Lacerda.

A VIDA DO FRADE

VARIANTE DA CANÇÃO DO MARUJO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena de Jesus e Souza.

54

Tris te vi-da é a do fra - de, pe - or do que a da frei-ra, an - dar de noi-te á car- rei - ra em pe-ni - ten-cia, em pe - ni - ten-cia.

Preciso ter paciencia
P'ra o nosso noviciado,
D'estar um anno encerrado
Eu não sabia.

Logo disse não queria
Ser frade n'este convento,
Porque tão grande tormento
Experimentei.

A' força eu professei
Por meu pae assim querer;
Sou defunto sem morrer
Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrasado
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente,
Mettido na enfermaria,
E' quando tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
Que a meus paes vou visitar,
Se vão outros passear
Eu tambem vou.

Logo que o canto voltou
O meu bello companheiro
Procura a rua primeiro
De seus amores.

Se é doente, não tem dores
Logo que solto se vê;
Ainda que a gotta lhe dê
Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira,
Quando desço é de carreira
A toda a pressa.

De missas, uma remessa
O guardeão sempre tem;
Ganhar o frade um vintem
Ora essa é boa.

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos resar,
Todos juntos a cantar
Eu quero velas.

De noite ás portas das cellas
Certas matracas tocando,
Vamo-nos alevantando
Orar para o côro.

Eu com isso quasi morro;
A's vezes somnanbulindo,
Se estou resando ou dormindo,
Tambem não sei.

Quando cuido dormirei
Toca o sino d'agonia
Vamos para a enfermaria
Versos cantar.

O frade quasi a expirar,
Sem acabar de morrer,
Havemos de amanhecer:
Ao côro vamos.

Toda a vida jejuamos,
Sempre estando a jejuar,
Passando sem almoçar,
Sem ter dormido.

Ja morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se tudo patente
Que officio temos.

Graças a Deus, já resamos;
Vamos para o refeitorio
Tomar um bom vomitorio
De arroz cosido.

Se algum meu conhecido
A frade se queira metter
Digo logo: vá beber
De arrosalgar.

Porque em vida tal
Ninguem se venha metter,
Antes se exponha a morrer
Do que ser frade.

Do mesmo se queixa a madre
Por acompanhar o frade,
Por não ter a liberdade...
E nada mais.

A VIDA DA FREIRA

CANTA-SE COM A MUSICA DA VIDA DO FRADE

Não sei para que nasci
De tão bello parecer;
Formosa, gentil mulher,
E tão bonita.

Metteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro,
Os meus peccados.

Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
Ao meio dia.

Nunca terei alegria,
Nem no mundo a póde haver,
Em cuidar que hei de comer
Em refeitorio.

Lá junto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós.

Em ver que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
Já me alevanto.

Agora faço o meu pranto,
Já me desvaneço em chôro,
Em cuidar que hei de ir ao côro
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas,
Lá por esses corredores,
Me lembram os meus amores,
Por quem eu morro.

Toda a minha cella corro,
Indo-me ver ao espelho;
Meu rosto já vejo velho,
Sem que eu queira.

E a abbadessa ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a Nôa
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que está mettida entre redes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.

A meu pae, eu torno a culpa,
E a meus irmãos tambem;
Podendo casar-me bem
Me desterraram.

A meu pae aconselharam
Que me não désse o meu dote;
Porque era melhor sorte
O ser eu freira.

Avisaram a porteira,
Tambem a madre abbadessa,
Que me mettesse em cabeça
Que casaria.

Eu como menina, cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.

Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio,
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.

Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.

Mais valêra ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.

Quando tudo é solitario
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Magua tamanha.

Minha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento,
Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem não me espozassem,
Que me botem d'aqui fóra,
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

Esta lettra é muito antiga.

NOITE D'ENCANTO

CANÇAO

À Ex.ma Snr.a D. Maria Priscilla d'Almeida Brandão.

Andantino

55

dolce

Que noi - te d'en- can - to, que lu - ci - do man - to, que noi - te a - mo tan - to seu mu - do fulgor. que noi - te a - mo tan - to seu mu - do ful gor. Oh vem, oh don- zel - la, não te - mas, oh bel - la, que á noi - te só ve - la quem so - nha d'a- mor... que á noi - te só ve - la quem so - nha d'a mor...

D. C.

Esta canção, muito popularisada no Porto, data de 1854.

NOITE D'ENCANTO

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, oh donzella,
Não temas, oh bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
D'amor e d'enleio,
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
Que os seios inflama,
Fanal de quem ama
Desponta nos ceus;
E a nitida fronte
Retrata na fonte,
E estende no monte
Seus candidos veus.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:
Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'amor e prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor;
E o hymno que entôa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo d'amor.

O facho da lua
Co'a sombra fluctúa,
Avança e recúa
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmin.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, oh donzella;
Não temas, oh bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A RAPTADA

OU

O CARAVELLEIRO DO MONDEGO

Á Ex.ma Snr.a D. Thomasia Miranda.

56

Andantino

mf.

Bar - ra fó - ra, bar - ra den - tro, so-bre a tol - da do na - vi - o, bar - ra fó - ra, bar - ra den - tro, so-bre a tol - da do na - vi - o, ju - rei - te, se - rei só teu, por - que sou ho-mem de bri - o, ju - rei - te, se - rei só teu, por - que sou ho-mem de bri - o.

Recitativo *ad libitum*

Oh ho-mem da ca-ra- vel - la! *Declamando* Que é lá? *Recit.* vol-ta a-traz que vaes per- di - do! *Decl.* Porquê? *Recit.* Es - sa mu- lher que a-hi le - vas! *Decl.* Que tem?

Recit. *Decl.*

E' ca-sa-da, tem ma-ri - do! Irra... Vou mar fó - ra, vem com-mi - go; oh que

ri - ca vi - a - ja - da; vou mar fó - ra, vem co - mi - go, oh que ri - ca vi - a -

ja - da, que im-por - ta di - gam de ter - ra, es - sa mu - lher vae rou - ba - da, que im-por-

ta di - gam de ter - ra, es - sa mu - lher vae rou - ba - da.

Barra fóra, barra dentro,
Sobre a tolda do navio:
Jurei-te, serei só teu...
Porque sou homem de brio.

Essa mulher que ahi levas,
Que tem?!
E' casada, tem marido!
Irra!!!

Oh bomem da caravella!...
Que é lá?
Volta atraz que vaes perdido!
Porque?

Vou mar fóra, vem comigo;
Oh que rica viajada!...
Que importa digam na terra
Essa mulher vae roubada.

Recolhida em Coimbra, em 1850.

SANTOS REIS

LENDA RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Rita Mourão.

Allegretto

57

f

p

São che- ga - dos os tres Re - is da par- te do O - ri en - te, vi - si- tar o Rei da glo - ria nos - so Deus om - - ni - po- ten - te.

f

São che- ga - dos os tres Re - is da par- te do O - ri- en - te, vi - si- tar o Rei da glo-ria nos - so Deus om - ni-po - ten-te.

D. C. ao 𝄋

SANTOS REIS

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Rei da gloria
Nosso Deus Omnipotente.

O caminho de um anno
Fizeram-no em treze dias,
Por favor muito soberano
Do Infante Rei Messias.

Guiados por uma estrella
Que a todo o mundo dá luz,
Buscar vão outra mais bella
Que é o Menino Jesus.

Herodes como malvado,
Como perverso e damninho,
Determinou ensinar-lhes
A's avessas o caminho.

Mas Deus que tudo sabe
Usou de tal maravilha;
Poz uma estrella no ceu
Para ser a sua guia.

A estrella se escondeu
Chegando a uma cabana,
Todos tres se ajoelharam
A Jesus neto de Anna.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres,
Adoraram a Jesus
Cada um por sua vez.

Offereceram-lhe ouro fino
Como Rei universal,
Incenso como divino
E myrrha como mortal.

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achando o mar em bonança
Em Belem descarregou.

Ella faz-se que vem pobre
Traz fazenda excellente;
Traz o Menino Jesus
Nosso Deus Omnipotente.

Patriarcha S. José
Accendeu o fogareiro;
Pois nos dizem que é nado
O bom Jesus verdadeiro.

Os anjos com alegria
Musica estão a cantar,
Porque o Rei dos altos ceus
Para a terra vem reinar.

Cantam-se estas duas quadras com a musica das Loas:

Entrae, pastores, entrae,
Por esse portal sagrado;
Vinde ver o Deus menino
N'umas palhinhas deitado.

Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o Rei da Gloria
Filho da Virgem Maria.

Cantam-se com a musica dos vivas das Janeiras:

Oh senhor dono da casa,
Raminho de bella aurora,
Deus vos dê muita saude
E a vossos filhos e senhora.

Oh senhor dono da casa
Já o sino está tocando,
Bem nos quereis perdoar,
São horas, vamos andando.

VARIANTE

Escutae, oh nobre gente,
Escutae e ouvireis,
Que da parte do Oriente
São chegados os tres Reis.

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Deus-Menino,
Alto Deus Omnipotente.

Foram a casa d'Herodes
Por ser o maior reinado,
Que lhes ensinasse o caminho
Onde Jesus era nado.

Herodes como malvado,
Como perverso maligno,
Aos Santos Reis ensinou
A's avessas o caminho.

Os tres Reis como eram santos
Uma estrella os guiou,
Em cima d'uma cabana
A estrella se pousou.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres:
Adoraram o Deus-Menino
Cada um por sua vez.

Todos tres lhe offereceram
Ouro, myrra e incenso,
Não lhe offereceram mais
Porque era o Deus immenso.

Ouro como summos reis,
Myrrha como mortaes,
Incenso como Divino,
Menino que quereis mais?

Os santos Reis adoraram
A Jesus recem-nascido,
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Santos Reis, santos coroados
Vinde ver quem vos coroou,
Foi o Menino Jesus
Que Deus ao mundo mandou.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado,
Em Belem nasceu ha dias
O Messias desejado.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre. Amen.

OH SENHOR CADETE

CANTIGA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Lucinda Aurora das Neves Carvalho.

Andante

58

mf

Oh se-nhor ca- de - te não co-ma pão quen - - te,

que é co-mi - da for - te, do ki - ri-ki - ki, faz ran-gel - o den - te, do ku - ru-ku-

ku, de Ma - ri - tan- guei - ro, do ki - ri - ki - ki, o gal - lo can- tou.

Quando esta musica se cantar a uma voz ou em unisono, deve ser com a notação inferior.
Esta cantiga é muito antiga e está vulgarisada em todo o paiz, ilhas e Brazil.

Com esta mesma musica tambem se canta a seguinte lettra :

Pelo mar abaixo
Vae uma cabaça,
Se ella leva vinho,
Oh tre-lan-tan-tan,
Tem a sua graça.
Oh tre-lin-tin-tin,
Oh tre-lan-tan-tan,
Oh tre-lin-tin-tin,
Oh do Mantangui!

Alli mais abaixo,
Alli mais além,
Se vende aguardente,
Oh do rum-tum-tum,
Copos a vintem.
Oh laré cantando,
Flandim, flandim,
Oh laré dançando,
Para o seu bem.

Recolhida nos Açores pelo rev.ᵐᵒ padre Manuel d'Azevedo Cunha.

OH SENHOR CADETE

Oh senhor cadete
Não coma pão quente,
Que é comida forte
Do ki-ri-ki-ki,
Faz rangel-o dente.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Se o gallo cantou
Deixal-o cantar,
Minha rica prima,
Do ki-ri-ki-ki,
Vamos passear.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Oh senhor cadete
Da gola amarella,
Não namore a moça,
Do ki-ri-ki-ki,
Que ella é donzella.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Se o gallo canta,
Canta a seu favor,
Minha rica prima,
Do ki-ri-ki-ki,
E's o meu amor.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Mo ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Oh senhor cadete
Da banda d'além,
Não namore a moça
Que ella é o meu bem.

Se o seu gallo canta,
Canta como d'antes,
Minha rica prima
Eu vou para Abrantes.

Oh senhor cadete,
Lá da Bandeirinha,
Não namore a moça
Que ella é já minha.

Se o seu gallo canta,
Canta cantadinho,
Minha rica prima
Eu vou para o Minho.

Oh senhor cadete
Que vem do Pará,
Não namore a moça
Que ella é minha já.

Se o seu gallo canta,
Meia noite é dada;
Minha rica prima
Eu vou para Almada.

Oh senhor cadete
Que vem da parada,
Não namore a moça
Que ella é casada.

Se o seu gallo canta,
Canta no poleiro,
Minha rica prima
Eu vou para Aveiro.

Oh senhor cadete
Não bula na tenda,
Não namore a moça
Que está de encommenda.

Se o seu gallo canta,
Deixal-o cantar,
Minha rica prima
Vamo-nos deitar.

HYMNO DA COROAÇÃO

DE S. M. F. O SENHOR D JOÃO. VI

Á Ex.ma Snr.a D. Olivia Corrêa Gonçalves. *Musica de A. S. Leite.*

Andante moderato

59

VOZ

Deus salve propicio nosso augusto Rei e illesos conserve o throno e a grei.

CORO

Cantemos, oh lusos, com doce alegria, a gloria, o triumpho de tão fausto dia,

D. C. ao 𝄋

Seu sceptro respeitem,
As nações da terra,
Na paz seja Numa,
Scipião na guerra.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Piedade e justiça,
Lhe escoltem o lado,
Seja a edade d'ouro,
Seu feliz reinado.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Seu nome eternise
O clarim da historia,
E subam seus feitos
Ao templo da gloria.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Virtudes e graças
A esposa lhe adornem,
E os dons da ternura
Sobre ella se entornem.

Cantemos, oh Lusos, etc.

De prole de heroes
O ceo o enriqueça,
Por quem nossa gloria
Prospere e floreça.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Mil votos d'amor
Fieis e rendidos,
Tributem-lhe sempre
Os reinos unidos.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Nota.—Transcripção do «Hymno patriotico a grande orchestra, cantado no Real Theatro de S. João da cidade do Porto, no dia em que se festejou a Coroação de S. M. F. o Senhor D. João VI, Rey do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarve. Offerecida á Magestade Augusta do mesmo Real Senhor e composto por seu humilde vassalo Antonio da Silva Leite, mestre de Capella da Cathedral da mesma Cidade (Anno 1820).» (Copia do frontespicio do hymno).

RAMALDEIRA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D Thereza de Jesus Malta Pauperio.

Allegro

60

Gracioso

Ma-no- | el, o-lhos a-zues, Ma-no- | el o-lhos a-zues, a-i oh | a-i, den tes de pe-ro-las | fi-nas; não sei que tu me fi- | zes-te que tan-to me des-a- | ti-nas. a-i oh | a-i, den tes de pe-ro-las | fi-nas, Ma-no-el o-lhos a- | zu-es, que tan-to me des-a- | ti-nas.

No momento da partida
Meu coração te entreguei,
Quando me vem á lembrança,
Como não morro, não sei:

Eu subi á amendoeira
Sem me lembrar do descer:
Desprezado dos teus olhos,
Quem me ha de agora querer?

Trago dentro do meu peito
Chegadas ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer, sim; deixar-te, não.

Quando comecei a amar-te
Talvez não soube o que fiz;
Quem só a paixão consulta
Raras vezes é feliz.

Trago dentro do meu peito
Uma parede formada
De penas e de cuidados,
Aqui não disfarça nada.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Esta chula é do concelho de Bouças, da importante freguezia de Ramalde, d'onde deriva o nome. Já no principio d'este seculo era conhecida.

Dança.—Os cavalheiros de um lado e as damas do outro vão duas vezes ao centro, depois dão uma reviravolta de 4 em quatro compassos e trocam de logar, repetindo o mesmo até que tornam a voltar ao seu logar; segue-se a mesma evolução por outro par; e assim por deante até que por fim dança tudo simultaneamente.

A VIUVINHA

CHOREOGRAPHICA ALEMTEJANA

Á Ex.ma Snr.a D. Senhorinha A. Vieira de Castro.

Allegro vivo

61

f

Oh a-mor, a-ma a ri-que-za que ao in-t'res-se tu-do vae, oh a-mor, a-ma a ri-que-za que ao in-t'res-se tu-do vae, des-pre-za a mi-nha po-bre-za, faz a von-ta-de a teu pae; des-pre-za a mi-nha po-bre-za, faz a von-ta-de a teu pae.

FIM.

ESTRIBILHO

f Eu sou u - ma tris-te vi- u - va, que ve-nho da ban-da d'a- lêm, que ro ca - sar não a - cho com quem. Quer's - me tu, oh meu bem?

ACCEITAÇÃO

Com - ti - go sim, sim; com-ti - go não. não; a-mor da mi- nh'al-ma, do meu co - ra ção; com - ti - go sim, sim; com-ti - go não, não; a-mor da mi- nh'al-ma, do meu co - ra - ção. Quer's - me tu? o - lé, pois não!

D. C. 𝄋

Recolhida em Villa Viçosa pelo Rev.mo Prior Joaquim José da Rocha Espanca.

Quando é uma voz só que canta, deve cantar as notas superiores.

Dança.—No meio da roda, formada pelos pares, está a viuvinha que, no fim do estribilho, indica, por uma inclinação de cabeça, o seu escolhido; se este acceita, canta logo a *acceitação* e no fim deixa a roda e passa para o centro d'ella; se regeita canta a *repulsa,* isto é, volta então ao principio. (*Da capo*) com a quadra: (Toma lá este cabaço,) e a viuvinha tem de proclamar outro no fim do estribilho.

A VIUVINHA

Oh amor, ama a riqueza
Que ao int'resse tudo vae:
Despreza a minha pobreza,
Faz a vontade a teu pae.

Eu sou uma triste viuva,
Que venho da banda d'além.

Quero casar
Não acho com quem.
Queres-me tu,
Oh meu bem?

ACCEITAÇÃO:

Comtigo, sim, sim;
Comtigo, não, não;
Amor da minh'alma
Do meu coração.

REPULSA: (veja-se a explicação da dança).

Toma lá este cabaço
Leva-o lá de tiracol:
Se te não agrada este,
Levarás outro maior.

Desprezaste-me por outra,
Levas isso em brasão,
Acharás outra mais rica,
Mas, mais leal, isso não.

Oh meu amor de tão longe,
Chega-te cá para o perto;
Já me doe o coração
De te ver n'esse deserto.

Agora que eu me arranjei
Tiram-me o meu rapaz;
Em logar de um vem dois,
Olha a falta que me faz!

Eu já fui a Olivença,
Subi a ladeira d'Alter,
Presumpção e agua benta
Cada qual toma a que quer.

Vou-te dar os parabens
D'este teu novo namoro;
Queira Deus que esse teu rir
Não te venha a dar em choro.

Mandei fazer uma torre
De pedra, cal e areia,
P'ra avistar os tristes campos
Onde o meu amor passeia.

A torre do Alandroal
Outra mais alta não vi;
Inda tu dizes, ingrato,
Que me não morro por ti.

A minha terra é Poiares
Por toda a ribeira arriba,
Oh! minha mãe, quem me dera
De lá uma rapariga.

Poz-se-me o sol ao baldio,
O ar de dia á Ribeira;
Já venho a tremer com frio,
A roupa está em Ferreira:

Não me falles á hespanhola
Que não entendo a tua falla,
Sem teres táto na bola
No *cante* quer's fazer gala.

Em se acabando o entrudo
Já se comem as filhozes,
Já não é tanto a miudo
Que se ouvem as tuas vozes.

Da palmeira nasce a palma,
A palma nasce do chão,
O querer bem nasce da alma,
Querer-te bem, do coração.

Rua grande, rua grande;
Comprida, que não tem fim,
Querem que eu perca a amisade
A quem não m'a perde a mim.

Ingrato reconhecido,
Aue te custava dizer
Qmor busca a tua alma,
De ti não quero saber?

O' falso, tres vezes falso,
O' falso, que me enganaste,
O' falso, que não cumpriste
O que commigo trataste.

Não sei se te diga adeus,
Se te diga vou-me embora,
O amor é uma saudade,
Quando abala sempre chora.

Ingrato, porque razão
Não fallas ao teu amor,
Tendo tu obrigação
De fallar seja a quem fôr?

Dão ao alecrim na tapada
A altura que elle queria;
Os olhos da minha amada
São pedras de cantaria.

Já ouvi cantar a c'ruja
Nas margens do Guadiana,
Quem tiver medo, que fuja,
Que eu sou maltez de cabana.

A maior parte d'estas quadras foram recolhidas no Alemtejo pelo Ex[mo] Snr. Antonio T. Pires.

REU, REU, PUM!

CANTIGA DAS RUAS

A M.[lle] Léontine Brissac.

62

Allegretto

f

U-ma ve-lha mui-to ve-lha, pum! mais ve-lha que o meu cha-peu, pum, ca-ta-pum, a-ga-ra a-go-ra, reu, reu, pum! fal-la-ram-lhe em ca-sa-men-to, pum! er-gueu as mãos pa-ra o ceu, pum, ca-ta-pum, a-go-ra a-go-ra, reu, reu, pum!

Uma velha, muito velha,
Pum!
Mais velha que o meu chapeu,
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!
Fallaram-lhe em casamento,
Pum!
Ergueu as mãos para o ceu!
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!

Uma velha, muito velha,
Pum!
Mais velha que a saragoça
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!
Fallaram-lhe em casamento.
Pum!
De velha tornou-se moça
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!

Esta cantiga já era conhecida no principio do presente seculo.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Germana Alexandrina Bastos.

63

Andantino

f

mf. Eu hei de te a-mar, a-mar, Ma-no-el! Eu hei de te que-rer, que-rer; Ma-no-el! Eu hei de te a-mar, a-mar, Ma-no-el! Sem teu pae nem mãe sa-ber. *f* Ma-no-el, tão lin-das mo-ças, Ma-no-el, tão lin-das são, Ma-no-el, que-ro-te bem, Ma-no-el do co-ra-ção.

D. C. 𝄋

Muito antiga e muito em uso no districto do Porto.

Dança. — Os pares, dando o braço, marcham em grande roda, (16 compassos). Depois cada par roda sobre si mesmo (4 compassos para o lado esquerdo, e 4 para o lado direito), passando o cavalheiro, em seguida, o braço á dama do par immediato. E assim vae continuando até voltar á sua primeira dama.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CANTIGA DO MINHO

Quando te eu peguei a amar,
Manoel!
Deitei sortes á ventura;
Manoel!
Quando me eu quiz retirar,
Manoel!
Já meu mal não tinha cura.
Manoel, tão lindas moças,
Manoel, tão lindas são:
Manoel, quero-te muito,
Manoel, do coração!

Manoel é um perdido,
Que perdeu a sua dama,
Olha, Manoel, não percas
O travesseiro da cama.

Manoel, vamos dançar,
Que nos importam fadigas,
Parece que estás brincando
Commigo, ás escondidas!

Trago dentro do meu peito
Um cravo roxo dourado,
Regado com aguas finas,
Que eu por ti tenho chorado.

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia!
Se elles não vêem a Deus
A toda a hora do dia!

Já lá vae quem eu amava,
Já lá vae quem eu queria,
Já está debaixo do chão,
Já o come a terra fria.

Eu p'ra ti sempre a olhar,
E tu sem nunca me veres;
Olha, amor, vê a differença
Que ha entre os nossos quereres.

Por mais que de ti me apartem,
Mais, amor, eu te hei de querer,
Que o meu coração é vara
Que ninguem pode torcer.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Se o meu amor te amofina
A culpa é do coração,
Se eu a ti nunca te vira
Nunca tivera paixão.

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido são pennas,
Em penas ando mettido.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia,
Tão triste que nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei,
Bebi a grama ao tojo
Até a falla mudei.

Semeei cravos na areia,
Diz, amor, se nascerão;
Dize-me se estão seguros,
Segredos na tua mão.

Eu defronte e vós á vista
Nem te vejo nem me vedes,
Oh mal haja os pedreiros
Que fizeram taes paredes..

Oh meus cuidados de noite!
Oh minha estada ao luar!
Minhas ovelhas perdidas
Onde vos irei achar?!!

Que tendes no pucarinho,
Menina, que tão bem cheira?
São as lagrimas do amor
Que se vae segunda-feira.

Fiz a cama na amoreira
Com tenção de madrugar,
Veio a noite embalou-me,
Eu dormi, deixei-me estar.

Estrellas do ceu baixai,
Fique o ceu sem esplendor,
Fiquem os campos sem luz,
Já que eu fiquei sem amor.

Não ha cousa n'este mundo
Como viver ao desdem,
Mostrar carinhos a todos
E não querer bem a ninguem.

Amar como eu, ninguem,
Mas sou mal afortunado,
Onde ponho o meu sentido
Acho o logar occupado.

Não ha machado que corte
A raiz ao pensamento,
Nem ha lettrado que diga
O que tenho no intento.

Tres dias antes que eu morra
Hei de ir passear ao adro;
Para ver a sepultura
Onde hei de ser enterrado.

Passarinho só tu podes
Com pennas andar cantando;
Pois eu cá não sou assim,
Com penas ando chorando.

Meu amor diz que me ama
Inda além da sepultura;
Tanto bem não é p'ra mim,
Não tenho tanta ventura.

O ATROADOR

MELODIA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Adelaide Alves Cerdeira.

Andante gracioso

64

Tres le - gu‹s de ra-be - cão, le - gua a le-gua u-ma c'ra-

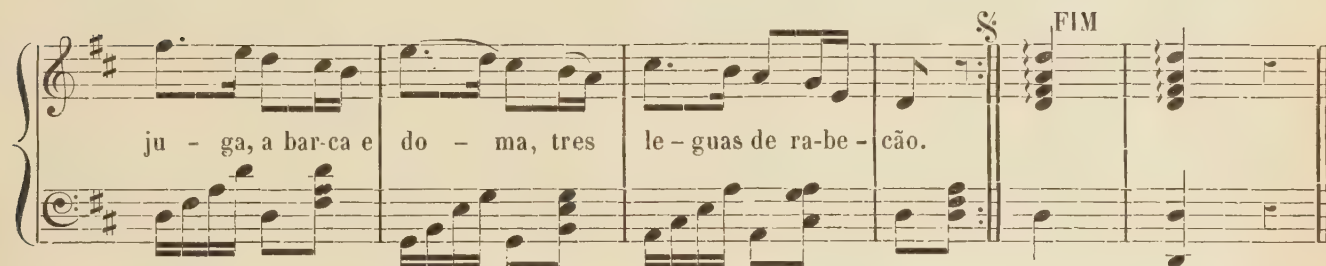
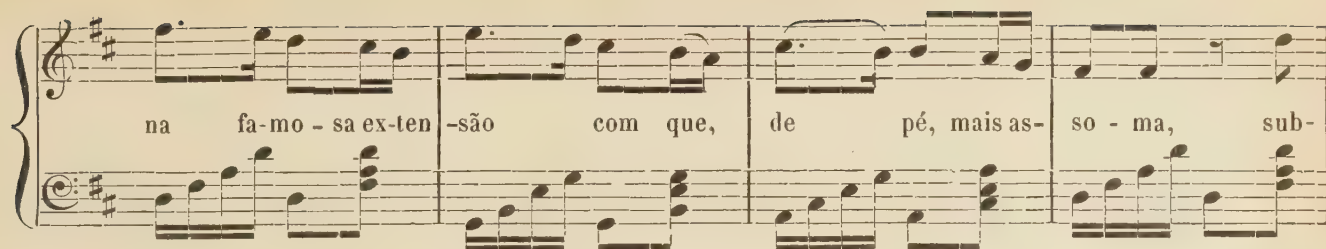
ve - lha, um ar - co co - mo o da ve - lha, em ca - da ar ca-da um tro-

vão. U - ma vez vi, sal-vo se - ja; um ho - mem de lon-ga

tes - ta, gi - gan - tes-co e de côr mes - ta, n'u - ma or ches - tra d'e-

gre - ja; qual- quer ou-tro que o ve - ja com- si - go se ad-mi-ra en -tão, pois

na fa-mo - sa ex-ten -são com que, de pé, mais as- so - ma, sub-

ju - ga, a bar-ca e do - ma, tres le - guas de ra-be - cão. FIM

Tres leguas de rabecão,
Legua a legua uma caravelha,
Um arco como o da velha,
Em cada arcada um trovão.

Uma vez vi, salvo seja,
Um homem de longa testa,
Gigantesco e de côr mesta,
N'uma orchestra de igreja.
Qualquer outro que o veja
Comsigo se admira então,
Pois na famosa extensão
Com que, de pé, mais assoma,
Subjuga, abarca, e doma,
Tres leguas de rabecão.

Eu, que tudo analysava,
Com grande admiração,
Vi que afinava co'a mão
E que do arco não usava.
Quando menos o pensava,
A tomal-o se apparelha,
E, posto de meia esguelha,
Quando eu menos o suppunha,
Baixa a mão, sem custo empunha
Um arco como o da velha!

Confesso que um leve instante
Fiquei absorto e mudo,
Quando vi tão grande tudo,
O instrumento e o gigante.
Eis senão quando, na estante,
Lhe vejo pôr solfa velha,
No nariz oc'los; e a celha
Pouco a pouco carregava,
Quando com força puxava,
Legua a legua, uma caravelha.

Então disse, de medroso:
Se tudo fôr d'esta sorte,
Que fará, roçando forte,
No grosso bordão asqueroso?!
Quiz sahir, mas já forçoso
Esperar-me era então.
Tudo guardava attenção!
Eis que rompe a symphonia,
E me agacho, quando ouvia
Em cada arcada um trovão.

Esta cantiga, assim como quasi todas as suas congeneres, da nova musa popular dos fados, não tem lettra propria. Applicam-lhe diversas poesias; nós dâmos preferencia á presente, não só por estar mais em relação com o titulo e rythmo da musica, mas ainda por ser uma engraçada hyperbole, excellentemente glosada. E' vagamente conhecida, apesar de ser antiga.

O NOIVADO DO SEPULCHRO

BALLADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia Kendall. *Lettra de Soares de Passos.*

Largo

65

p lento

p

Vae al - ta a lu - a, na man-ção da mor - te, já mei - a noi - te com va-gar so - ou. que paz tran-quil - la dos vai - vens da sor - te só tem des-can -ço quem a - li bai - xou. que paz tran-quil - la dos vai - vens da sor - te, só tem des can-ço quem a-li bai - xou.

D. C. FINAL

O NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a lua! na mansão da morte
Já meia noite, com vagar, soou:
Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte,
Só tem descanço quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas ao longe, ao longe,
Funérea campa com fragor rangeu:
Branco phantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se, na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz:
O vento geme no feral cypreste,
O môcho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se, com sombrio espanto,
Olhou em roda... não achou ninguem...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto d'uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com voz maguada
Os eccos tristes accordou assim:

«Mulher formosa, que adorei na vida,
«E que na tumba não cessei d'amar;
«Porque atraiçôas desleal, mentida,
«O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano, que na campa finda,
«Que a morte despe d'illusão fallaz;
«Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
«Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado n'este chão repousa;
«Ha já tres dias, e não vens aqui...
«Ai! quão pesada me tem sido a lousa
«Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai! quão pesada me tem sido!» e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que, rindo dos protestos nossos,
«Gozes com outro d'infernal prazer;
«E o olvido cobrirá meus ossos
«Na fria terra, sem vingança ter!

— «Oh! nunca, nunca!» de saudade infinda
Responde um ecco suspirando além...
«Oh! nunca, nunca!» repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmas divinaes, airosas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'rôa de virgineas rosas,
Lhe cerca a fronte d'um mortal pallôr.

«Não, não perdeste meu amor jurado:
«Vês este peito? reina a morte aqui...
«E já sem forças, ai de mim, gelado,
«Mas ainda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
«Da sepultura, succumbindo á dor;
«Deixei a vida... que importava o mundo,
«O mundo em trevas sem a luz do amor?

«Saudoso ao longe vês no ceu a lua?
— «Oh! vejo, sim... recordação fatal!
— «Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
— «Durante a vida, e na mansão final.

«Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
«Hoje o sepulchro nos reune emfim...
«Quero o repouso do teu frio leito.
«Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo,
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio,
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já d'esse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral, vasia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém, mais tarde, quando foi volvido,
Das sepulturas o gelado pó,
Dous esqueletos um ou outro unido,
Foram achados n'um sepulchro só.

PARODIA AO NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a noite na mansão do estudo,
Triste relogio duas horas dá!
Oh! que saudade do folgar das ferias
Soffre o que em livros sepultado está!

Oh! que saudades... mas não ha remedio
Que já do exame o cruel mez volveu:
Um pobre cabula esfregando os olhos
Por entre livros a cabeça ergueu!

Ergueu-se, ergueu-se, sobre a vasta meza
Onde um candieiro reflecte a luz;
Um leito fôfo que se ostenta proximo
Ao meigo somno tentador seduz!

Ergueu-se, ergueu-se, com tristonho rosto
Olhou em roda, não abriu nenhum
D'entre esses livros que a vista tremula
Par'cia, a custo, procurar algum.

Vendo, porém, uma brochura verde
Que entre as outras assomava ao fim
Parou, sentou-se, bocejando muito,
Tristes palavras arrancou assim:

«Cruel compendio que não vi nas aulas,
Mas que estes dias não cessei de ler,
Porque me negas da sciencia o premio
Que do estudo prometteste ser?

«Sciencia!... engano que no exame finda,
E que nas ferias não tem uso algum;
Qual d'entre os lentes vae depois lembrar-se
De quem brilhou no acto final?... nenhum.

«Junto dos livros sem dormir, coitado,
Ha já tres noites, inda nada sei;
Ai, que pesado me tem sido o estudo
Desde que alfim de cabular deixei!

«Ai quão pesado me tem sido...» e em meio
Com o somno os olhos a final cerrou,
Entre bocejos á brochura verde
Com dois espirros assim lhe fallou:

«Talvez que rindo d'este estudo insano
Asnos approvem por empenhos só,
E um R, um R, me darão do exame
No amphitheatro sem de mim ter dó.

—«Oh nunca, nunca!...» lhe responde o livro
Com voz rouquenha que ninguem ouviu:
«Oh nunca, nunca!...» repetiu ainda
O tal compendio que o estudo abriu.

Cobrem-lhe as folhas de papel d'imprensa
A capa verde, amarrotada já,
O simples titulo de—*Lições de Chimica*
No frontespicio em lettra gorda está!

«Não! não perdeste o promettido premio!
Vês estas folhas? reina a sciencia aqui:
Durante as aulas foram pouco lidas,
Mas não esmoreças, tem confiança em mim.

«Feliz que pude escapulir-me um dia
Que me quizeste, maganão, rasgar!
Durante um anno só me abriste as folhas,
Sem nem aos lentes attenção prestar.

«Vês do candieiro esse clarão tão pallido?
—«Oh! vejo, sim, recordação fatal!»
—«Foi á luz d'elle que juraste a cabula
Sem te lembrar a approvação final.

«Mas muito embora, se jámais as paginas
Durante as aulas me quizestes ler,
Rouba commigo esta noite ao leito
E lá no exame approvação vaes ter!»

E ao som dos carros apanhando o lixo,
E á luz do azeite que esmorece alfim,
Perdeu a noite decorando o triste,
Folhas e folhas que não tinham fim.

Quando o relogio fez ouvir oito horas,
Já d'este quadro não restava mais
Que um estudante preparado a exame
Fazendo figas á *extracção dos saes!*

Porém mais tarde quando ao quarto aos moveis
Veio a creada sacudir o pó,
Achou no chão aos pontapés a *Chimica*
De que restavam duas folhas só.

Ha trinta annos que possuimos, em um nosso album, esta parodia, que todas as gerações academicas, até á presente tem transmittido umas ás outras successivamente, conservando-se o seu author no anonymo.

O acolhimento que teve esta poesia tão despretenciosa e satyrica sobre um assumpto sympathico á mocidade estudiosa, despertou em muitos versejadores a mania de parodiar a mesma ballada em assumptos diversos, mas foram todas as parodias tão infelizes que apenas obtiveram uma existencia obscura e quasi ephemera.

OH SOLIDÃO!

CANTIGA DAS RUAS

A Ex.ma Snr.a D. Laura Alves.

66

Adagio *dolce*

p

Se fô - res ao ce-mi- te - ri - o, oh! so-li-dão, so-li - dão!

p

No di - a do meu en- ter - - ro, *rall.* ai, ai, ai, ai, ai, ai, *a tempo* ai!

Pe-de á ter-ra que não co - - ma, oh! so-li-dão, so-li - dão!

as tran-ças do meu ca -bel - - lo, *rall.* ai, ai, ai, ai, ai, ai, *a tempo* ai!

D. C.

Se fôres ao cemiterio,
Oh! solidão, solidão!
No dia do meu enterro,
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!
Pede á terra que não côma,
Oh! solidão, solidão!
As tranças do meu cabello.
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!

Escreve com tua mão
Sobre a minha sepultura:
—Aqui jaz quem sempre teve
Muito amor, pouca ventura.

Meus males, minhas desditas
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando deixar de viver.

Quando vou por meu caminho,
A chamar pela ventura;
Não acho melhor descanço
Do que a paz da sepultura.

Eu hei de morrer.... morrer...
Não sei a hora nem quando;
Terra que me has de comer
Podes-te ir apparelhando.

Recolhida no Porto, no verão de 1889.

O PADRE CURA

DIALOGO

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Penha Osorio.

67

Andante — *mf maestoso*

𝄋 *Camponeza* — *f*

Mui - to bo - as tar - - des,
Se - nhor Pa - dre Cu - - - ra,
Vae dar seu pas - sei - - - o,
Deus lhe dê ven - tu - - - ra.

Padre Cura — *p*

Não vou dar pas - sei - - - o,
Que faz mui - ta cal - - - ma,
Vou ver um do - en - - - te,
P'ra cui - dar - lhe n'al - - ma.

D. C.

𝄋 *Final*

pe - ço.

Esta musica tem mais de vinte annos. Devemos ao Rev.mo Padre Sebastião de Vasconcellos a acquisição da melodia e versos, cujo author foi o celebre jesuita, padre Carlos Rademaker.

O PADRE CURA

DIALOGO ENTRE O PADRE CURA E A CAMPONEZA

—Muito boas tardes,
Senhor padre Cura;
Vae dar seu passeio?
Deus lhe dê ventura.

«Não vou dar passeio
Que faz muita calma:
Vou ver um doente
P'ra cuidar-lhe n'alma.

—Ha já tanto tempo
Que ninguem o via...
Diga, Senhor Cura,
Onde se mettia?

«Pois de casa eu saio
A cada momento,
Ora a um enterro,
Ora a um casamento.

—Senhor Padre Cura,
Tem muito dinheiro;
Não lhe cabe o trigo
Já no seu celleiro.

«Se tenho dinheiro,
O que me consola,
E' que Deus m'o deu
P'ra fazer esmola.

—Sei que no passal
Não lhe falta nada;
Mas vel-o comnosco
Sempre nos agrada.

«No passal ha tudo
Para os pobresinhos;
Triste do mendigo
Que anda aos bocadinhos.

—Diga, Senhor Cura,
Quando é o dia
Da festa do Orago
Cá da freguezia?

«A festa do Orago
Já não tarda nada;
Tem o sachristão
Toda a Egreja armada.

—E' que tenho feito
Um vestido novo
Que ha de ser gabado
Pelo nosso povo.

«Quem á festa vae
Só para figurar,
Melhor era em casa
Deixar-se ficar.

—E' que, Senhor Cura,
Prometti tal dia
D'ir com outras moças
A uma Romaria.

«Vae antes á Egreja
Fazer oração
Que tem indulgencias
A nossa funcção.

—Perdão, Senhor Cura,
Porque não me explico;
Só ao fim da festa
Vou ao bailarico.

«Isso, minha tonta,
São os teus cuidados;
Logo ao fim da festa
Fazer mais peccados.

—Senhor Padre Cura,
Sempre é muito austero;
Não ralhe commigo
Isso é que eu não quero.

«Não ralho comtigo,
Mas te dou o ensino,
Vós, moças, andaes
Sempre em desatino.

—Somos ignorantes,
Eu bem o conheço,
Mas pela Quaresma
Vamos ao confesso.

«E não calles nada
Do mal que tens feito,
Pois callar peccados
Isso não tem geito.

—Senhor Padre Cura,
Sempre vou com mêdo,
Mas entrego tudo,
Tudo ao seu segredo.

«Filha, fazes bem,
E assim é preciso
Se quizeres entrar
Lá no Paraiso.

—Senhor Padre Cura,
Vae com tanta pressa...
Queria dizer-lhe,
Ai que não me esqueça.

«O que dizer queres
Estou advinhando,
Pois mudas de rosto,
Vejo estás corando.

—Queria dizer-lhe,
Queira apregoar-me,
Porque decidido
Tenho já casar-me.

«Pois Deus te abençôe
E a quem te deseja;
Domingo teu nome
Eu direi na egreja.

—Uma boa benção
Quero n'esse dia,
Que ha de ser por certo
Todo d'alegria.

«Guarda-te, innocente,
E vae procural-a
Ao arco cruzeiro
Onde eu hei de dal-a.

—E se algum filhinho
Deus me tiver dado
Eu hei de leval-o
A ser baptisado.

«Assim Deus permitta,
E seja com ventura,
Que hei de baptisal-o,
Sou teu Padre Cura.

—Senhor Padre Cura,
Não se vá embora,
Sempre está com pressa,
Nunca se demora.

«E' porque vou ver
Uma doentinha,
Péde a Deus por ella,
Pobre coitadinha!...

—E quando eu morrer,
Senhor Padre Cura,
Tambem irá ver-me
Para eu ir segura?

«Irei, sim, filhinha
Do meu coração,
Para consolar-te
Com a Extrema Uncção.

—E depois de morta,
Senhor Padre Cura,
Irá então rezar-me
Sobre a sepultura?

«Irei, sim, de certo,
Digo-t'o mui serio:
Rezando responsos
Té ao cemiterio.

—Senhor Padre Cura,
E' já tão velhinho,
Tudo n'este mundo
Leva seu caminho.

«Já vou caminhando,
Mas vou consolado,
Pois o bem de todos
Tenho procurado.

—Ah! se nos faltar,
Senhor Padre Cura,
Todos choraremos
Nossa desventura.

«Quando acabar,
Se vol-o mereço,
Pedi a Deus por mim,
Isso é o que eu vos peço.

A JUDIA

BARCAROLLA

A Ex.ma Snr.a D. Anna Adelaide Leite Bastos. *Poesia de Thomaz Ribeiro.*

68

Largo

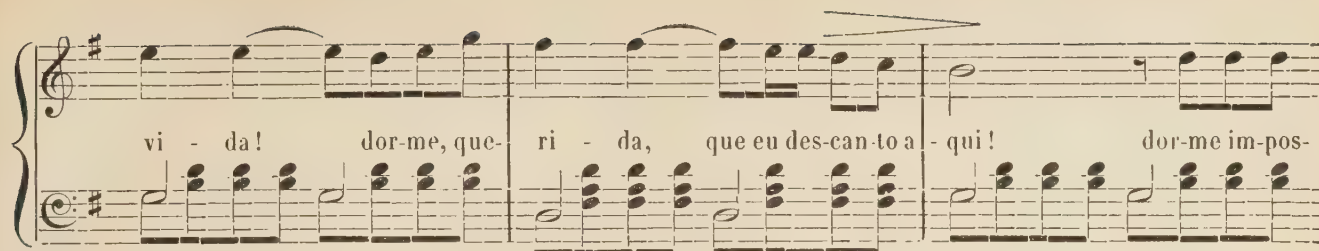
p

expressivo

Dor - - - - - - mes? eu ve - - - - lo, se - - - - - du-cto-ra i-

ma - - gem, gra - - - - - ta mi - ra - - - - gem

cres.

que no er-mo vi; dor-me, im-pos - si - vel, que en-con-trei na

vi - da! dor-me, que- ri - da, que eu des-can-to a - qui! dor-me im-pos-

si - vel, que en-con-trei na vi - da, dor-me, que- ri - da, que eu des-can-to a- qui!

D. C.

—« Dormes? eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
Virgens, risonhos, que te vem dos ceus!
Dorme! e não vejas o martyrio, as maguas,
Que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
Perto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebrea linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, oh bella?
Rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?
Mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle!
Victima imbelle que um tufão roubou!
Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
Ri, desaparece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
Sempre Ashevero a percorrer a esphera!
Desgraça austera! inabalavel fé!

Porque ha de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sina; remador, voltemos;
Não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui!

CIRANDA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina da Fonseca e Souza.

Allegretto

69

mf

Es-ta mo - da da Ci - ran - da é u - ma mo - da bem li - gei - ra; es-ta

mo - da da Ci - ran - da é u - ma mo - da bem li - gei - ra; faz an -

dar as ra - pa - ri - gas co - mo o tri - go na jo - ei - ra. faz an- dar as ra - pa-

ri - gas co - mo o tri - go na jo - ei - ra.

f

Oh Ci - ran - da, oh Ci - ran -

di - nha va - mos nós a ci - ran- dar, oh Ci- ran-da, oh Ci-ran- di - nha, va - mos

nós a ci - ran- dar, va-mos a dar mei - a vol - ta, mei - a vol - ta, va - mos

dar, va-mos a dar ou - tra mei - a, ou - tra mei - a e tro ca o par.

Esta moda da Ciranda
E' uma moda bem ligeira;
Faz andar as raparigas
Como o trigo na joeira.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos a dar meia volta,
Meia volta vamos dar;
Vamos a dar outra meia,
Outra meia e troca o par.

Gosto muito da Ciranda
Só pelo andar á roda:
Lá dará contas a Deus
Quem inventou esta moda.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Eu hei de ir ao teu serão,
Fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão.

A Ciranda por ter frio
Bebe por uma cabaça;
O diabo da Ciranda
Até no beber tem graça.

A Ciranda por castigo
Bebe por um assobio:
O diabo da Ciranda
Até no beber tem brio.

A Cirandinha me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, Cirandinha,
Que eu vou para a minha terra.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos a dar meia volta,
Meia volta vamos dar;
Vamos dar a volta inteira,
Quem 'stá bem deixa-se estar.

Quem está bem deixa-se estar;
Eu não posso estar melhor;
Estou ao pé do meu bemzinho,
Não ha regalo maior.

Não ha regalo maior,
Não o ha, nem pode haver,
Estou ao pé do meu bemzinho,
Estou ao pé do meu bem querer.

Esta *moda*, propria das eiras, vulgarissima em todo o paiz, e no Brazil, é talvez contemporanea da primitiva alfaia agricola, a *Ciranda*, que serve para joeirar os cereaes; é d'ella que lhe provem o nome, e a ella são allusivas todas as cantigas e se referem os ditos, como *beber por uma cabaça* ou *assobio*, que é o receptor dos grãos.

Dança.—As proprias cantigas d'esta moda indicam a maneira de a dançar. Os pares de braço dado, marcham em grande roda durante a primeira cantiga (16 compassos). O estribilho é com a mesma musica; durante 8 compassos segue a mesma roda, depois o cavalheiro dá a mão direita á direita da dama, e dão meia volta sobre o lado direito, em seguida dando as mãos esquerdas dão meia volta sobre o lado esquerdo, e repetem as mesmas voltas, salvo quando é para acabar, que como se diz na cantiga, dão volta inteira, e fica cada um com o seu par, terminando por marcharem de braço dado, improvisando qualquer cantiga desgarrada.

REGADINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Soares.

Andante

70

f

p

O cra-vo de-pois de sec-co si-gni-fi-ca a-mor per-di-do, an-tes que eu quei-ra não pos-so, ti-rar de ti o sen-ti-do.

Estribilho

f

A-gua le-va o re-ga-di-nho, vae re-gar o al-mei-rão, vi-ra par e tro-ca par, vi-ra-te p'r'a-qui Jo-ão.

REGADINHO

O cravo depois de secco
Significa (1) amor perdido:
Antes que eu queira não posso
Tirar de ti o sentido.

Agua leva o regadinho,
Vae regar o alecrim;
Vira par e troca par.,
Vira-te p'ra aqui Joaquim.

Quando a rosa é mais bonita
Tantos mais espinhos tem:
Teus feitiços tem-me preso,
Só a ti eu quero bem.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o almeirão;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui João.

Nós já somos conhecidos
Como antigos namorados:
Tu és uma feiticeira,
Tu tens sido os meus peccados.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o arcipreste;
Vira par e troca par,
Vira-te pr'a aqui Silvestre.

O nosso cura zangado,
Minha mãe já reprehendeu;
Isto não é vida assim,
Tir-te lá, arrenego-te eu. (2)

Agua leva o regadinho;
Vae regar o moscatel;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui Manoel. (3)

(1) *Senifica* diz a gente do campo.
(2) *Tira-te,* etc.
(3) *Manel,* na fórmr popular.

Dança.—Os cavalheiros dão o braço ás damas e marcham em grande roda emquanto a cantadeira entôa a cantiga, chegados ao estribilho as damas dão o braço direito ao cavalheiro, e viram, e em seguida passam o braço esquerdo ao cavalheiro do par immediato.

Cada dama e cada cavalheiro deve cantar uma cantiga.

Esta cantiga é de S. Mamede de Infesta, freguezia suburbana do Porto ; é uma das mais caracteristicamente portuguezas.

Canta-se tambem com esta musica em outras freguezias, as cantigas desgarradas com o estribilho de—*Oh Belem, oh Belemzinho.*

HYMNO DO LAVRADOR

A Ex.ma Snr.a D. Maria Christina Camara Reis.

Poesia de A. X. R. Cordeiro.
Musica de José Maria Christiano.

71

Maestoso

f

f

Nos - sos bra - zões do fu - tu - ro não se al-

can - çam com a es- pa - da, ha de o tra - ba - lho ad-qui- ril - os, ha

de gra - val - os a en- xa - da, ha de o tra - ba - lho ad-qui- ril - os, ha

CORO

de gra - val - os a en- xa - da, A - bra lei - - - vas a char-

ru - - - a, vá na ter - ra des - co - brir es - sas

vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re - mir. Es-sas

vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re -

mir, re - - - mir, re - - - mir.

HYMNO DO LAVRADOR

Nossos brazões do futuro
Não se alcançam com a espada,
Ha de o trabalho adquiril-os,
Ha de graval-os a enxada.

CÔRO

Abra leivas a charrua,
Vá na terra descobrir,
Essas veias de riqueza
Que o paiz hão de remir.

Chora o ebrio na cidade,
Sente tristeza o vadio;
Canta alegre o lavrador
Quando arrotêa o baldio.

Abra leivas a charrua, etc.

No campo vive a innocencia
Com a riqueza abraçada,
Mora no campo a alegria
Com a cultura ganhada.

Abra leivas a charrua, etc.

A terra é fonte de gosos,
E' encanto a agricultura;
O suor que o rosto alaga
E' a mais certa ventura.

Abra leivas a charrua, etc.

Trabalhemos, que o trabalho
E' a lei da Providencia,
Imposta ao homem na terra
Por preço da independencia.

Abra leivas a charrua, etc.

Este hymno foi escripto para solemnisar a exposição agricola que houve em Lisboa, em 1852; e dedicado por seus authores ao Ex.mo Snr. Ayres de Sá Nogueira. Tornou-se muito popular em todo o paiz, porém, actualmente, poucas pessoas o conhecem.

MARIA CACHUCHA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Ehlers Murat.

72

Allegretto

grazioso

Ma-ri - a Ca - chu - cha quem te ca - chu - chou? Foi um fra-de Lo - yo que a - qui pas - sou.

Ma-ri - a Ca - chu - - - cha quem te ca-chu - chou? Foi um fra-de Lo - yo que a - qui pas - sou.

D. C.

Maria Cachucha,
Quem te cachuchou?
—Foi um frade Loyo
Que aqui passou.

Maria Cachucha,
Que vida é a tua?
—Comer e beber,
Passear na rua.

Maria Cachucha,
Não vás ao Rocio;
Toma lá dinheiro,
Sustenta o teu brio.

Maria Cachucha,
Não vás ao quintal,
Em saínha branca,
Que parece mal.

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?
—Eu durmo sósinha
Sem medo nenhum.

Maria Cachucha,
Se fôres passeiar,
Vae pelas beirinhas,
Pódes-te molhar.

Recolhida em Lisboa. Cantam-se com esta musica muitos versos licenciosos que o decoro não nos permitte publicar.
Esta musica, vulgarissima em Portugal, é puramente hespanhola; pertence ao genero dos *fandangos:* é um thema como os das nossas chulas, sujeito ás infinitas variações que a phantasia dos tocadores lhe addiciona. Antigamente tambem se dançava como os *boleros.*

A VAREIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Agueda da Silva Martins (filha).

Poesia de A. Pinheiro Caldas.
Musica de Anthero Pinto Nogueira.

Andante

73

f

p

Nas- ci - da en-tre as fi - nas a - rei - as dou-

ra - das, que as mar-gens guar- ne - cem das prai - as d'O- var. Nas- ci-da en-tre as

fi - nas a - rei - as dou- ra - das, que as mar-gens guar- ne - cem das prai - as d'O-

var, Va - gan - do nas ri - bas d'es- pu - ma ba - nha-das, ri - so - nha ven-

tu - ra me vém a - fa - gar. A - qui, n'es - tes er - mos, é do - ce vi -

D. C.

ver; bem lon - ge do mun - do só go - so pra - zer.

Nascida entre as finas areias douradas,
Que as margens guarnecem das praias d'Ovar,
Vagando nas ribas, d'espuma banhadas,
Risonha ventura me vem afagar.

Aqui n'estes ermos,
E' doce viver;
Bem longe do mundo
Só góso prazer.

E quando serenas se agitam as vagas,
Qual peito de virgem que anceia d'amor,
E lá quando o vento descanta nas fragas
Um hymno sentido que envia o Senhor:

Então no meu barco,
Vou, leda, saltar,
E as velas desfraldo,
Voando no mar.

Voando, voando no dorso agitado
Da branca mareta bordada d'azul,
Qual vóa nos lagos o cysne nevado,
Por tardes calmosas, boiando taful.

E as fisgas e redes
Eu lanço no mar.
Que vida tão grata!
Que bello folgar!

A's vezes, de noite, por serras d'areia,
Caminho, sósinha, cantando ao luar;
Eu vou á cidade, que ao longe campeia,
Vender os productos das pescas do mar.

Com doces fadigas
Sustento meus paes;
Oh Ente Supremo,
Bemdito sejaes!

Nos imos do peito da humilde Vareira
Não calam os sonhos de negra ambição;
As ondas, as rochas, a brisa ligeira,
O limo das fragas, a areia do chão...

Os gosos são estes
Dos ermos d'aqui;
Com elles me quero,
Com elles nasci.

Nos dias de festa—que trajo engraçado!
Eu visto um collete de fino carmim,
Um cinto verdinho, chapeu desabado,
—Que coisas tão lindas, tão gratas p'ra mim.

E saia curtinha,
Com fitas d'anil,
Descobre os contornos
Da perna gentil!

E quando os mancebos seus olhos fitando
Nos meus tão escuros, me fallam... d'amor...
Eu sinto nos labios o riso pairando,
Nas faces morenas eu sinto o rubor;

Mas ai! que depressa
Se gela meu rir,
Que eu temo, medrosa,
Me queiram trahir.

Ai! serras, fraguedos, ai! vastas areias,
Ai! terras da patria, quão gratas que são!
Ha laços mais fortes, mais doces cadeias?
P'r'a filha das praias, por certo que não.

Que eu vivo gostosa
Nas terras d'Ovar,
Vagando nos ermos
A' beira do mar.

Esta canção está muito vulgarisada em todo o norte do paiz.

BALLADA DOS ESTUDANTES

Á Ex.ma Snr.a D. Elizabeth Fillippina Lorjó Tavares d'Oliveira.

Poesia do Dr. Alberto d'Oliveira.
Musica do Dr. João Antunes.

Andante

74

f

dolce

VOZ

p

A - deus Co - im - bra, ter-ra d'en- can - tos, flor do Mon- de - go, lá diz a tro - va... Flor tão bo - ni - ta, que os pro-prios San-tos, Por teu a - ro - ma, fo - gem da co - va, e vem ás noi - tes, com al - vos man - tos, co - mer com bei - jos a Lu - a no - va!

BALLADA DOS ESTUDANTES

VOZ

Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova...
Flôr tão bonita, que os proprios Santos,
Por teu aroma, fogem da cova,
E veem ás noites, com alvos mantos
Comer com beijos a Lua nova!

CÔRO:

São nossos prantos, são nossos cantos,
Como perpetuas sobre uma cova;
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova...

VOZ:

Adeus pequenas com quem dançamos
Pelas fogueiras do San João:
Quem sabe até se lá não deixamos,
Desfeito em cinzas, o coração?
Com vossos olhos, fazei os ramos
Para cobrirdes o meu caixão!

CÔRO:

Ai que olhos negros, juntos aos pares,
Florindo as cinzas do coração...
Adeus Coimbra, toda em cantares,
Em desgarradas ao San João!

VOZ:

Em sendo mortos, com negra sina
Já terminada no Mundo breve,
Lá das estrellas, nossa Alma deve
Ver no Passado (castello em ruina)
A negra capa mail-a batina,
Brancas de neve, brancas de neve!

CÔRO:

E choraremos o tempo de antes,
Faremos côro com os Poetas:
Adeus Coimbra dos estudantes,
Das raparigas como violetas!

VOZ:

Ai tu não davas, com teus licores,
Para matar uma sêde de agua,
Rio Mondego falto de côres,
E tão sequinho que fazes magua...
E, emtanto, os olhos dos meus Amores
São como duas nascentes de agua!

CÔRO:

Dá de beber ao pobre do rio
Pelos teus olhos, como em Bethleem,
Duas fontinhas, correndo em fio
Aos lavadoiros da Virgem-Mãe!

VOZ:

Alvas de prata! Poentes de oiro!
Choupos tecidos por mãos de fadas!
Aguas do rio correndo, em choro,
Dos olhos negros das Namoradas!
E as folhas seccas, cantando em côro,
Avè-Marias em sendo dadas...

CÔRO:

Teus Jardins são como campos santos,
Campas de freiras, quem sabe? eu pizo...
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Adeus até ao dia de Juizo!

Esta *Ballada* foi cantada em Coimbra, a primeira vez, em 1892, no theatro de D. Luiz, pelo curso do quinto anno juridico de 1891-92. Os versos foram escriptos pelo poeta Dr. Alberto d'Oliveira e a musica pelo Dr. João Antunes, ambos, ao tempo, quintanistas de Direito. Hoje acha-se bastante popularisada em varios pontos do paiz.

FOLIA DOS BISCOUTOS DA CALHETA

ILHA DE S. JORGE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Ursula do Carvalhal.

Andante

75

p

Oh Di - vi - - no Es - p'ri - to San - to, Es - p'ri - to con - so - la - dor! Oh Di - vi - no 'sp'ri-to San - - - - to, Di - vi - no con - so - la - - dor! con - so- lae a mi-nha al - ma quan-de d'es-te mun-do for; con-so-lae a mi - nh'al - - - - ma, quan-do d'es - te mun-do for.

d'es - - - te mun - - - do for.

D. C.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Esp'rito consolador;
Consolae vós a minh'alma
Quando d'este mundo fôr.

Pela manhã, ao darem a alvorada ao mordomo, isto é, ao que tem em sua casa a corôa do Espirito Santo, cantam o seguinte:

Oh senhor Imperador,
A vossa festa é chegada;
Em louvor do Esp'rito Santo
Acceitae nossa alvorada.

O gallo bateu as azas,
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram:
A gloria no ceu se deu.

Ao sahirem com a corôa para a egreja:

Sahi vós, Esp'rito Santo,
Sahi vós, mais quem vos leva,
Quando vós sahis a campo
Todo o mundo fica alegre.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Vós sois o rei d'alegria,
Daes a todos de jantar,
Em pinos do meio dia.

Vamos ver a barca nova,
Que do ceu se deita ao mar;
Nossa Senhora vae n'ella,
Os anjinhos a remar.

Leva vinte e quatro remos,
Outros tantos remadores,
Jesus! que tambem lhe fica
Nossa Senhora das Dores!

Ao entrarem na egreja:

Oh Virgem Nossa Senhora,
Oh Fonte de graça cheia,
Soccorrei-nos a noss'alma,
Morremos na terra alheia.

Oh Virgem Nossa Senhora,
Vós onde estaes bem nos vêdes;
Cortae os mastros aos moiros
Que roubam os portuguezes.

Recolhei-vos, pomba branca,
Anda caçador em terra;
Atira com ballas d'oiro,
Aonde faz ponto não erra.

Ao sahirem da egreja:

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

Quem me dera ser dos anjos,
P'ra com os anjos cantar,
Que do ceu vira sahir
Um estandarte real.

Deixae vós vir a bandeira
Pela rua das fomosas;
Que ella vem resplandecente,
E vem cheirando a rosas.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Que daes a quem vos vem ver?
—Aos solteiros, boa sorte;
Aos casados, bom viver.

Oh Divino Esp'rito Santo
Esp'rito Santo Divino;
Do ceu caia sobre nós,
Excelso amor mais fino.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae a correr,
Vae ajudar os mordomos
Que teem muito que fazer.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae á *Relvinha* (1)
Vae ajudar os mordomos
A peneirar a farinha.

Ao distribuir as esmolas:

Lá está o ceu aberto,
As portas de par em par,
Para receber as esmolas
Que vós tendes para dar.

Dae vós as vossas esmolas,
Dae-as de bom coração,
Pois lá á meza da gloria
Achareis o galardão.

Dae vós as vossas esmolas,
Ali estão os pobres juntos,
No ceu são apresentadas
Por alma de vossos defuntos.

Em casa do mordomo ao jantar:

Entrae cavalleiros,
Meninos fidalgos,
Entrae cavalleiros
Pr'a o vosso logar,
P'ra ver os anjinhos
Que estão no altar.
Entrae cavalleiros,
Meninos mimosos,
Entrae cavalleiros
Para os vossos postos.

A' meza:

A—espiga—é segredo,
Traz o grão escondido,
Favorecei-me, senhor,
Que venho desfavorecido.

Que rica sôpa de vacca,
Manda o nosso imperador,
Assentae-vos, comei d'ella,
No prato tem bella côr.

A cada prato que vem para a meza os foliões levantam-se e cantam uma quadra alusoria. No final do jantar:

Deus vol-o pague, Senhor,
A mercê mais o favor;
O Senhor Esp'rito Santo
Ha de ser o pagador.

A quem nos a nós fez isto,
A quem nos a nós fez tanto,
Pague-lo Deus, Deus lo pague,
Pague-lo o Esp'rito Santo.

Agradecimento ao dono da casa e á mudança da corôa para a casa do imperador do domingo seguinte:

Nobre imperador,
Vos peço perdão.
Se vos não servimos
De bom galardão.

Em duas palavras,
Vos quero dizer:
Toda a fidalguia
Manda agradecer.

Manda agradecer,
Folhinha de cravo
Ao nobre mordomo
Ficamos obrigado.

Meu nobre senhor
A carta está lida,
Os nossos foliões
Dão-na despedida.

Vamos nós embora,
C'uma *baja* d'oiro;
Vae acompanhar-nos,
Cabeça de peloiro (2).

Toda a fidalguia
Que esteve ao jantar,
Façam-no favor
De nos acompanhar.

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

A nobre mordoma
Tem a roupa armada,
Esperando uma prenda
Que é tão desejada.

A nobre familia
Brinca no terreiro,
Esperando uma prenda
Que é Deus verdadeiro.

Ao entrarem em casa da nova mordoma:

Senhora nobre mordoma
Já póde estar descançada,
Que já tem na sua posse
A prenda bem desejada.

(1) Relvinha é um sitio d'esta freguezia.
(2) Cabeça de peloiro é o mordomo para a festa seguinte.

Recolhida pelo Rev.^mo^ padre Manuel d'Azevedo Cunha, que nos diz que esta musica é dos velhos *foliões* (dos quaes actualmente ainda existem tres).

Todos os versos de redondilha menor, são entoados com um rythmo adequado.

A festa do Espirito Santo, é, no archipelago açoriano, de todas a mais popular; a Fé e a Caridade, reunem-se para tributar graças a Deus, ainda que com um misto de paganismo. O terror pelos terramotos excitou nos primeiros povoadores das ilhas a devoção pelo Divino Espirito Santo, e como consequencia organisaram confrarias ou devoções ao Paracleto com o nome de *Imperios;* e estes tinham por fim solemnisar o dia do padroeiro, dar bodo aos pobres e jantar aos membros da confraria.

Esta solemnidade, que tem logar desde o Pentecostes até ao dia de S. Pedro, foi sempre muito dispendiosa para os mordomos e especialmente para o *imperador* e *imperatriz*, que assim se denominam o juiz e a juiza da festa, e que são quasi sempre duas creanças de familias ricas.

Actualmente formam-se em differentes ruas *Imperios* (ou commissões de ruas) que tem por fim dar aos pobres pão, carne e vinho, etc. Os mordomos vão buscar a coroa e o sceptro a casa do mordomo que a tem para coroar o novo *imperador* e então vão á egreja e são acompanhados pelo parocho. O *imperador* tem por seu turno de ir coroar a *imperatriz* a quem tem tambem de dar uma prenda. Depois da assistencia á missa segue-se a distribuição do bodo aos pobres e o jantar que o *imperador* dá a todo o *imperio.*

Os *foliões* são uns cantadores que se acompanham com qualquer instrumento de corda ou de percussão (ou cantam a secco) e fazem parte do prestito, assistem aos jantares, cantando a pretexto de qualquer coisa as tradicionaes cantigas, e organisam bailados.

O Ex.^mo^ Snr. Dr. Theophilo Braga,no seu livro *O povo portuguez* resume o que se tem escripto sobre esta funcção que tambem se celebra ainda em algumas localidades do continente de Portugal e no Brazil.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena Azeredo.

Lettra e musica do Padre Delgado.

Marcial

76

Al - va pom - ba que mei - ga ap-par' -ces - - te ao Mes- si - as no ri - o Jor-

dão, es-ten- dei vos - sas a-zas ce - les - tes so-bre os po - vos do or - be chris-

f

tão. Vin-de, oh vin - de en-tre nu - vens de glo - - ri - a, en - tre os

an - jos e ben - çãos d'a - mor, en - tre can - tos de e-ter - na vi -

cto - ri - a, os ch'ru - bins vos e - le - vam, Se - nhor, os ch'ru -

bins vos e - l e - vam, Se - nhor.

f

ff *ff*

D. C. 𝄋

Este hymno, cujo author é da Ilha de S. Miguel, foi escripto para ser cantado nas festas do Espirito Santo, n'esta ilha, mas vulgarisou-se rapidamente e hoje toda a gente o canta nos Açores.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

Alva pomba, que meiga appareceste
Ao Messias, no rio Jordão;
Estendei vossas azas celestes
Sobre os povos do orbe christão.

CÔRO:

Vinde, oh! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e bençãos d'amor,
Entre os cantos d'eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Quem aos pobres seus braços estende,
Quem lhes veste seus hombros tão nús,
Achará que tudo isso só tende
Para a gloria e honra da Cruz.

Vinde, oh! vinde, etc.

Offertae as mais bellas offerendas,
Offertae-as em nome de Deus,
Colhereis, lá um dia, mil prendas
Quando entrardes no reino dos ceus.

Vinde, oh! vinde, etc.

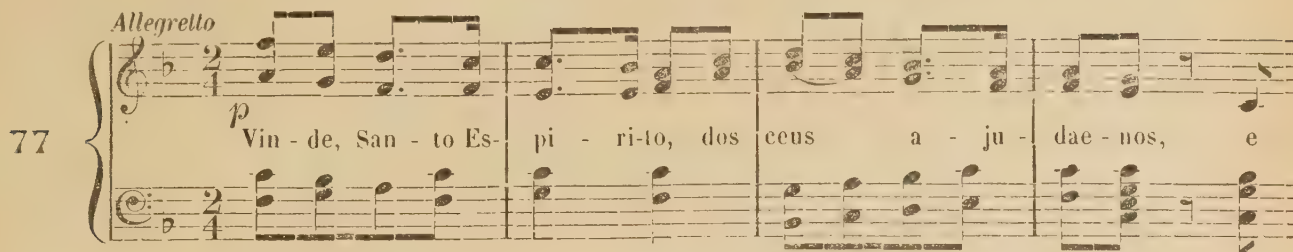
Semeando vosso oiro entre os pobres
A colheita no ceu a fareis!
O triumpho de esforços tão nobres
Só no seio de Deus achareis.

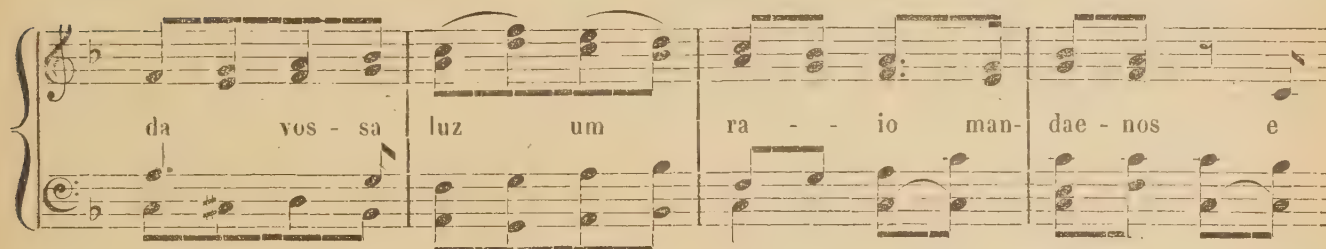
CÔRO:

Vinde, oh! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e bençãos d'amor,
Entre os cantos de eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Vinde, irmãos, vinde todos contrictos,
Uma esmola d'amor offertar!
E' dever consolar os afflictos
E a fome do pobre matar!

Vinde, oh! vinde, etc.

Traga rosas e ramos de loiro
Quem esmola melhor não tiver;
Assim mesmo offerece um thesoiro!
Ganhará o brazão de esmoler!

Vinde, oh! vinde, etc.

LOUVORES DO ESPIRITO SANTO

HYMNO RELIGIOSO

A Ex.ma Snr.a D. Mafalda Mathieu Driscoll.

Allegretto

77

Vin - de, San - to Es- pi - ri-to, dos ceus a - ju - dae - nos, e da vos - sa luz um ra - - io man- dae - nos e da vos - sa luz um ra - - io man - dae - nos.

Vinde, Santo Espirito
Dos ceus ajudae-nos;
E da vossa luz
Um raio mandae-nos.

Vinde, pae dos pobres,
Que os dons repartis;
Luz dos corações,
Que aos cegos luzís.

Sois consolador,
Benigno excellente;
Sois de nossas almas
Hospede decente.

Doce refrigerio,
Que abrandaes a calma;
Com que o apetite
Nos abraza a alma.

Oh Luz gloriosa,
Que encher vos digneis
Os intimos peitos
Dos vossos fieis.

No trabalho sois
Descanço seguro;
Allivio no pranto,
Ao coração puro.

Lavae o que está
Sordido e manchado;
Regae o que tem
A culpa seccado.

Dobrae o que é rijo,
Que o frio aquentaes,
Para nosso desvio
Vós bem nos guiaes.

Sem vosso poder
Nada é innocente;
Nada tem o homem
Que é pobre e doente.

Os vossos fieis
Em vós se esperancem;
Dae-lhe os sete dons
Que os ceus lhes alcancem.

Dae-lhes da virtude
O merecimento,
Dae-lhes de vos verem
O contentamento.

Vinde, Santo Espirito
Dos ceus ajadae-nos:
E da vossa luz
Um raio mandae-nos.

Cada estrophe é repetida em côro.
Recolhido nos Açores, pelo Rev.mo padre M. d'Azevedo e Cunha.
A traducção d'este hymno da egreja é obra do padre Radmaker, já fallecido. Canta-se nas casas onde está a corôa do Espirito Santo, e em seguida ao Terço do Rosario, que é sempre cantado durante os oito dias da permanencia ahi da corôa. A epocha d'estas festas vae do domingo da Paschoa ao domingo da Trindade.

AS PENEIRAS

CANTIGA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Ludovina Tenreiro.

Allegretto

78

f *p*

As pe- nei-ras nos o - lhos tem si - do sem-pre o- lha-das com ri-so e des - dem, pois dos ho-mens o mais en- ten- di - do tem pe - nei - ras nos o - lhos tam- bem.

f Ai quem me dá de pren-da um ri - so as - sim, Ai! que me ma - tas! que mor-res! não mor-ras por mim.

Esta musica já tem mais de quarenta annos. Foi então recolhida pelo fallecido professor de musica João A. Ribas, com as primeiras quatro quadras seguintes, e o estribilho que parece ser uma addição popular, procedente de Vizeu.

As peneiras nos olhos tem sido
Sempre olhadas com riso e desdem,
Pois dos homens o mais entendido
Tem peneiras nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
Um riso assim!
Ai! que me matas! que morres!
Não morras por mim.

O amante mais terno e mavioso,
Mil carinhos fazendo ao seu bem,
Quando julga que é só o ditoso,
E' peneiras nos olhos que tem.

Ai! quem me dá, etc.

O janota que em manta se abafa,
A fingir que tem frio e não tem:
E' patéta, e bem póde gabar-se
Ter peneira nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
Um riso assim!
Ai que me matas! que morres!
Não morras por mim.

Se um velhote, por falta de tino,
Aos oitenta casar ainda vem,
Só depois de ser pae de meninos
Reconhece a peneira que tem.

Ai! quem me dá, etc.

AS PENEIRAS

O *borlista* que muita mesura
Faz aqui, faz ali, faz além,
Se não julga que o povo o censura,
Que peneiras nos olhos não tem!

E, quando entra na casa do nobre,
Se pergunta se está lá alguem,
Com receio de achar *outro pobre,*
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, tornando-se humilde *capacho,*
Em serviços que não lhe convéem,
Sem vergonha descendo tão baixo,
São peneiras nos olhos que teem!

E, soffrendo sem dar o cavaco
Os insultos que aos centos lhe véem,
P'ra comer sem gastar um pataco,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se á mesa não vê o creado
Quando já não lhe falta ninguem,
Ir servil-o, porém de mau grado,
Mil peneiras nos olhos só tem.

Quando a dama acompanha na rua,
Na distancia que ao moço convem,
Affagando o setim que flutua,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, seguindo a brutal cadeirinha,
Ao gallego a fallar com desdem,
Se vè n'este uma vida mesquinha
Nos seus olhos peneiras só tem.

Quando ao pé d'um barão repimpado,
Vae as ruas correndo n'um trem,
Se imagina ser mais respeitado,
Tem peneiras nos olhos tambem.

Se nos bailes do tom apparece,
Onde vae a pedido d'alguem,
Sem a todos julgar que aborrece,
Tem peneiras de certo, oh se tem!

E, se diz pertencer á nobreza,
Sem na bolsa tinir-lhe um vintem,
Quando falla na tia marqueza,
Tem peneiras nos olhos tambem.

Se dizendo em francez mil asneiras,
Affectando instrucção que não tem,
Cuida pôr-nos nos olhos peneiras,
Tem peneiras, e mais que ninguem!

Se na terra só tem pecegueiros,
Cujo fructo vender-se aqui vem,
Quando finge ter mundos inteiros,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se a terra deixou das cavacas,
Cujas fórmas na cara já tem,
P'ra correr sempre ao som das matracas,
Tem peneiras, mas come, e faz bem.

Se filado n'um pobre assignante,
No theatro não gasta um vintem,
E as trombas não vê, cada instante,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se ufano percorre a plateia,
Onde n'um intervallo só vem,
E p'ra ter um namoro se arreia,
E' peneira nos olhos que tem.

E o maluco, patau *fidalgote*
Que paciente o *borlista* mantem,
Se o não manda zurzir c'um chicote,
Tem peneiras nos olhos tambem.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Esta poesia appareceu no semanario portuense *Bico de Gaz*, publicação ephemera que Camillo Castello Branco redigiu em 1854. E' uma satyra vibrada a um famigerado parasita, assiduo papa-jantares e implacavel *borlista* frequentador de theatros e de todas as reuniões, em casas nobres, onde se apresentava sempre, mesmo sem ser convidado. Era descendente d'uma familia d'Amarante que se dizia de antiga linhagem, e desempenhava um modesto emprego publico. De fato coçado, no ultimo fio, mas sempre escovado e correcto, mesureiro e prestando pequenos serviços, attencioso para com as damas, era infallivel em todas as diversões e espectaculos. Os seus expedientes *borlistas* eram infinitos; até conseguia viajar de graça nos vapores, demorando-se no lugar mais escuso, e fingindo-se muito contrariado, quando o vapor levantava ferro.

A carapuça, talhada por mão de mestre, póde, porém encaixar-se em innumeras cabeças.

Poesia e musica vulgarisaram-se em todo o paiz e no Brazil. Sobre o thema *São peneiras nos olhos que tem* composeram-se posteriormente outras poesias que foram cantadas nos theatros, como cançonetas.

HIJA DEL GUADALQUIVIR

FADO NOCTURNO

Á Ex.ma Snr.a D. Idalina Barboza.

Andante dolce

79

Se eu | po - des - se em noi-te es | -cu - ra por | ti ser a - ga-sa-

lha - do, no a- | ça - fa - te da cos- | tu - ra, dor - | mi - a mes-mo en-ros-

ca - do. *p* Hi- | ja del Gua-dal-qui | -vir, oh | for - mo - sa se-vi-

lha - na, des - | cer-ra a tu-a ven- | ta - na, vem | mi-nhas tro-vas ou- | vir, *f* Não

con 8a

per - cas tem-po em dor- | mir, que el Ma- | no - lo te pró- | cu - ra, por

mi ma - dre bue-na e pu - ra, Pe-pi - ta, quan - to te quie - ro, Yo

te qui - ta-ba el sa- le - ro, se eu po- des - se, em noite-es - cu - ra.

MOTE

Se eu podesse em noite escura,
Por ti ser agasalhado,
No açafate da costura
Dormia, mesmo enroscado.

GLOSA

Hija del Guadalquivir!
Oh formosa sevilhana!
Descerra a tua *ventana,*
Vem minhas trovas ouvir;
Não percas tempo em dormir,
Que el Manolo te procura,
Por mi madre buena e pura,
Pepita, quanto te quiero!
Yo te quitaba el salero,
Se eu podesse, em noite escura.

Desde Sevilha a Granada,
Ninguem te vê que não peque;
Porque fere mais teu leque
Que o gume da fina espada:
Se tu me deras pousada
Em tua alcobita escura,
Verias com que ternura
Eu dormia enroscadinho,
Mais meigo que um gatinho,
No açafate da costura.

El lunar que te vigia,
Caramba, por Dios, condeno!
Maldito seja o sereno
Que ronda a *calle* sombria.
Quando elle principia
A bradar: *el sol és nado,*
Eu corro, fujo assustado,
Por essas *callitas* fóra,
Podiendo en aquella hora
Por ti ser agasalhado.

Salero como en ti, hija,
Não ha nas terras de Hespanha,
Desde as margens que o Tormes banha
Até á côrte de Madrid;
Tu alma mi alma pide,
Chiquita, por Dios louvado;
Se eu me pilhara deitado
No teu leitinho de alvura,
Com tua mantilha escura
Dormia mesmo enroscado.

Recolhida em Alcobaça, em 1885, por F. Pinto Nogueira.
Os *fados novos* teem actualmente a designação de *Nocturnos*.
Esta melodia tem a suavidade germanica. Parece que a musica teutonica inspirara o melodista, que não temos o gosto de saber quem é. Tambem não conhecemos o author da poesia que, sobre um antigo mote portuguez, glosou esse gracioso mixto das linguas hespanhola e portugueza, em doce união iberica.
Esta melodia está muito divulgada em todo o paiz porém com innumeras variantes.

CHULA DE PENAFIEL

Á Ex.ma Snr.a D. Joaquina Santos Lima Arriaga e Nunes.

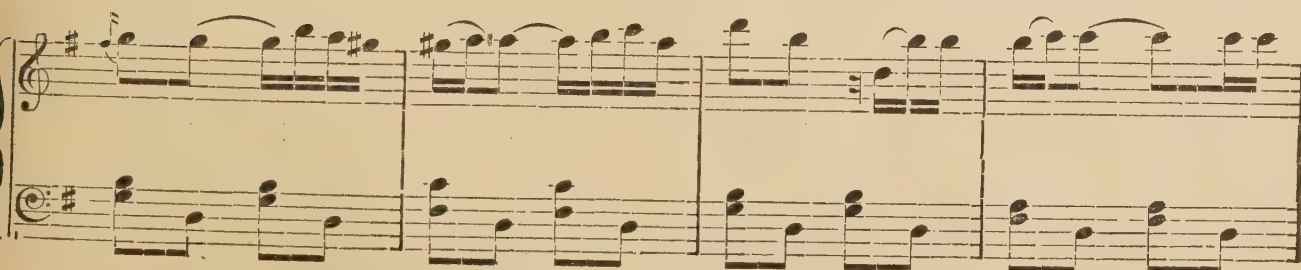
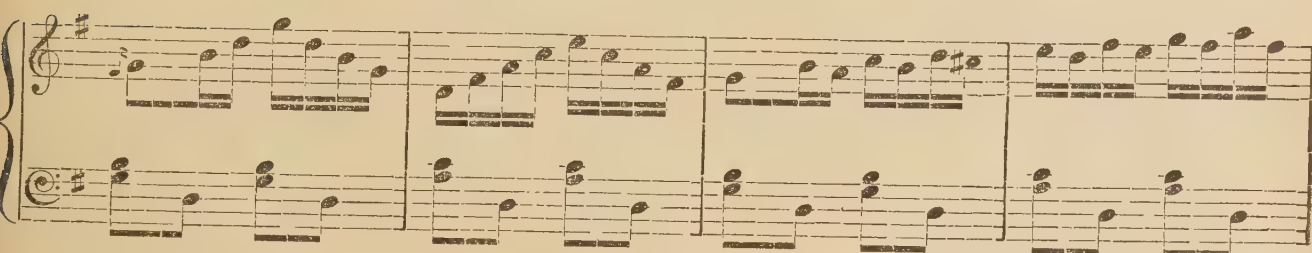
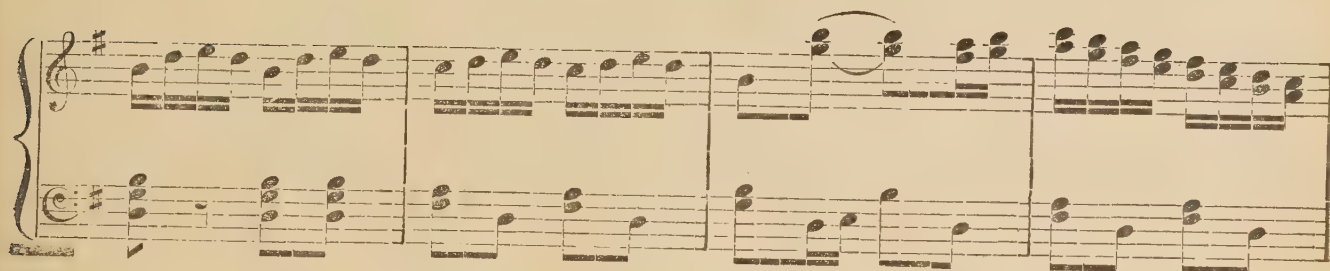
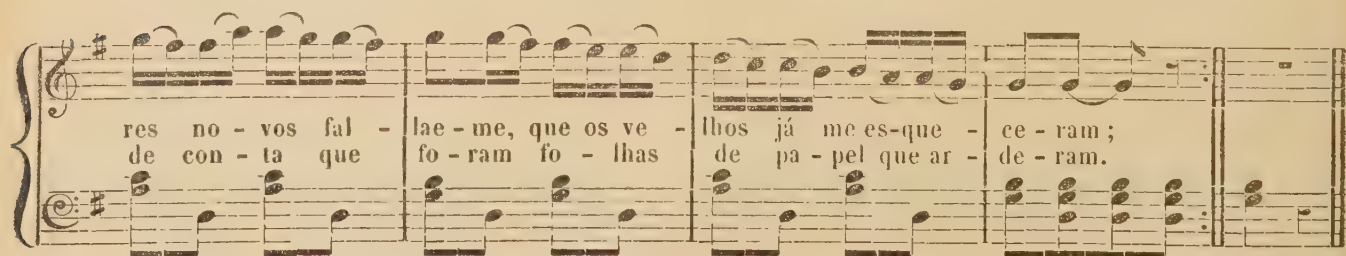
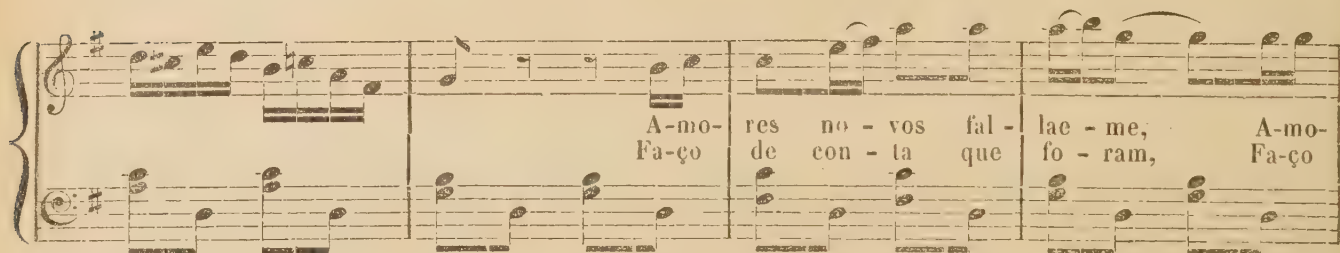
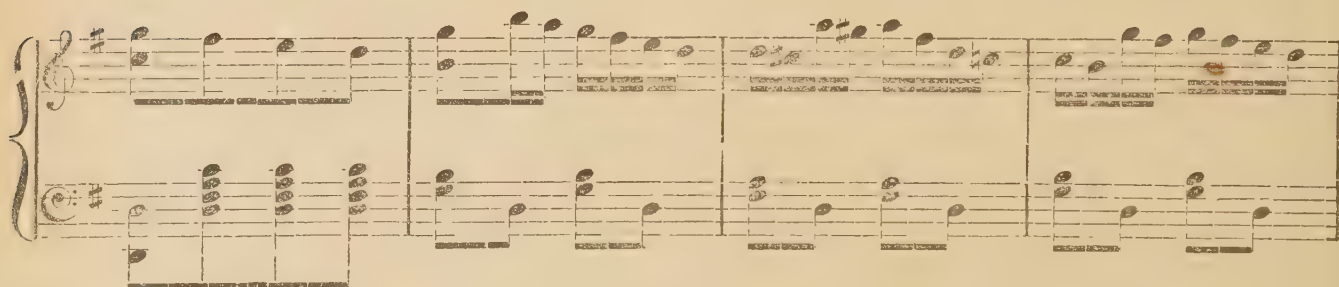
Andante

80

p

cres.

A-mo- | res no - vos fal - | lae - me, A-mo- | res no - vos fal - | lae - me, que os ve - | lhos já me es-que - | ce - ram;

Fa-ço | de con - ta que | fo - ram, Fa-ço | de con - ta que | fo - ram fo - lhas | de pa - pel que ar - | de - ram.

O cantador descanta em falsete. Quando no rancho ha cantadeira, então improvisam-se cantigas ao desafio, alternando os dois: isto entremeado de interminaveis variações.

O instrumental na aldeia compõe-se de rebecas, violas, violões, e outros instrumentos de corda, ferrinhos e um tambor, e algumas vezes flauta e clarinete.

CHULA DE PENAFIEL

Amores novos, fallae-me,
Que os velhos já me esqueceram;
Faço de conta que foram
Folhas de papel que arderam.

Semeei o meu faval
Já tenho muitas favinhas;
Já tomei novos amores,
Os velhos que torçam linhas.

Eu amo a tres amores,
Dois de manhã, um de tarde:
Trago a dois enganados,
Só a um fallo verdade.

Já te quiz e bem, na vida,
Isso quiz, que eu não o nego;
Fizeste-me uma traição,
Agora nem ver-te quero.

Cala-te, meu coração,
Tu nada queiras dizer;
Quem se cala vence tudo,
Tambem tu has de vencer.

Eu amar *hei-te* amar,
Foi palavra que te dei;
Por fim *hei-te* deixar,
Como tu fazes tambem.

Hei de amar a pedra dura,
E ao teu coração não;
Que a pedra dura não queima,
E tu queimas sem razão.

Sois agua, não mataes sede,
Sois pimenta, não queimaes,
Sois uns e pintae-vos *oitros*
Quando commigo fallaes.

Domingo, se fôres á missa,
Bem sabes onde eu me ponho;
Dá-me um aceno c'os olhos,
Que eu co' isso me componho.

Dizes que me queres bem,
Eu por obra o quero ver;
O dizer quero-te bem.
Quem quer o póde dizer.

Se eu soubesse quem tu eras,
E qual é teu coração,
Uma falla que te dei
Ou t'a daria ou não.

Se eu soubesse quem tu eras,
Ou quem tu vinhas a ser;
Mandava vir da botica
Remedio para morrer.

O amor de homem casado
Quem me dera sequer um;
Para *couços* de panella,
Que ainda não tenho nenhum.

O amor de homem casado
Quem o quer? quem o cobiça?
E' como o cant'ro quebrado,
Com a rolha de cortiça.

O amor de homem casado
Quem o ha de pretender?
E' como o vinho botado,
Que se não póde beber.

Hei de escrever uma carta
Ao rigor d'esse teu corpo;
Juro que não chegará
Quanto papel tem o Porto.

Deste-me um ar do teu riso,
Quando por ti fui passando;
Empiscaste-me os teus olhos,
Eu logo me fui chegando.

Amores ao pé da porta,
Quem m'os dera a todo o risco;
Ainda que a bocca não falle,
Os olhos sempre lhe empisco.

Aos olhos do meu amor,
Hei-lhes atirar um tiro;
Já que elles por bem não querem
Deixar de fallar commigo.

Os olhos requerem olhos,
Os corações, corações;
Tambem as boas palavras
Requerem as boas acções.

Os olhos requerem olhos,
Tudo requer o que é seu;
Eu requeiro o meu amor,
E por justiça que é meu.

O amor quando se encontra
Causa pena e causa gosto;
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

Hei de subir ao teu peito
Por alta escada de vidro,
Com fechaduras de prata
Para me fechar comtigo.

O sol quando quer nascer
A' minha porta vem dar,
Vem pedir obediencia
Dos raios que ha de deitar.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece;
Desgraçada rapariga
Que até o sol aborrece.

Eu fui a que disse ao sol
Que era escusado nascer;
A' vista d'esses teus olhos,
Que vem o sol cá fazer?

Oh meu cravinho vermelho,
Salpicado na botica,
Adeus que me vou embora,
Meu coração cá te fica.

Dizes que te vaes embora,
E já te estás preparando;
Quem me fôra livre minha,
Que te fôra acompanhando.

Agora é que vou morrer,
Vou passar o meu martyrio,
Vou morrer sem acabar.
Padecer sem ter allivio.

Já lá vae o sol abaixo,
Já não nasce onde nascia,
Já não dou as minhas fallas
A quem as dava algum dia.

POESIA, AMOR

BALLADA

A Ex.ma Snr.a D. Maria Canedo.

Allegretto

81

f

p

Que nu-vem mi- mo-sa cor-re pres-su- ro-sa na es-tei-ra do ce - u que de a-zul sem

veu co-bre to-do o ceu chei-o de ma- gi - a, quan-do nas-ce o

sol dou-ran-do o len- çol que bran-queia a au - ro - ra, n'es - sa mei-ga

POESIA, AMOR

Que nuvem mimosa
Corre pressurosa
Na esteira do ceu,
Que de azul sem veu
Cobre todo o ceu
Cheio de magia;
Quando nasce o sol
Dourando o lençol
Que branqueia a aurora,
N'essa meiga hora,
N'essa meiga hora
Do romper do dia.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Oh! que linda moça,
Sae d'aquella choça,
Mimosa, engraçada:
Traz arregaçada
A saia encarnada
De chita grosseira;
Vae cantarolando,
Vae gentil guiando
Seu mimoso gado,
Seu enamorado,
Seu rebanho amado
Da cançada feira!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Desabrocham flores,
Das mais lindas cores,
Na verde campina,
Que mais se illumina
Co'a luz matutina
De bellezas mil.
Como esmaltado
Lá se ostenta o prado,
As cores mimosas,
Boninas e rosas
Qual das mais formosas
Das rivaes gentil.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Por detraz do monte
Lá se esconde a fonte
Dos montes rainha,
Corre, coitadinha,
Toda apressadinha.
Com que agonia,
A modesta lua,
Corre leda e nua!
Como vae correndo,
Empallidecendo,
De susto tremendo,
Ao nascer do dia!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

FEIJOADA, AMOR

PARODIA

Oh! que feijoada,
Tão engordurada,
Tão cheia de brêdos,
Que me atóla os dedos
De limões azedos,
Pimentão ardente.
Oh! que bello vinho,
Que negro toucinho
Que na meza bole!
Para ficar molle
Só lhe falta o golle
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Que pretos tisnados
Correm apressados
Aqui nos Brazis;
Que negras gentis,
Bonitas e feias,
Vestidas de tanga,
Vendendo pitanga,
Laranjas e manga,
No campo da feira,
Tudo é bebedeira,
Tudo é bandalheira
Que nos causa zanga.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça tola,
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
Que ha n'esta terra
De Napoleão.
Que porcos mimosos,
Carneiros cheirosos,
Cabras berradeiras,
Gallinhas pódeiras
A's segundas-feiras
Vão p'ra correição.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça feia,
De meiguice cheia,
Nas suas janellas;
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipellas
Encobre o balcão!
Quantos impostores
Formados doutores,
Da rapaziada,
Andam á cabeçada!
Pela namorada,
Só a cachação!

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Esta musica e lettra é brazileira, mas está tambem muito vulgarisada em Portugal. Não conhecemos os authores porque a recolhemos na tradição.

A PASTORINHA DA LAPA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Alzira Candida Gomes Martins.

Inda agora vim da Lapa,
Quem me dera lá tornar,

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Só por vêr a pastorinha
Que lá ficava assentada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'uma roquinha á cintura,
E uma cestinha á ilharga;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Foram dizer ao marido
Que ella andava namorada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'um sacerdote de missa,
E elle missa não dizia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

—Confessa-te, mulher minha,
Que hoje te tiro a vida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Essa tenção era minha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Peço-te, marido meu,
Que me enterres na ermida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá acima ao altar mór,
Aos pés de Santa Cath'rina.»

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá no fim de nove mezes
Um lindo *cante* se ouvia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Quer por dentro, quer por fóra,
A ermida retinia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Foram dizer ao marido,
Menina que era nascida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

San José a baptisava,
Nossa Senhora era a madrinha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Aqui tens, marido meu,
A vida em que eu andava;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Quem a Virgem serve bem
Sempre lhe dá boa paga;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Amen.

Esta xacara é antiquissima. Foi recolhida em Elvas, a musica pelo rev.mo Snr. Padre Philipe Nery de Souza Penalva, e a lettra pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

mor! ai a - mor! ai a - mor. Quem a vi - da qui - zer ver - de -

dei - ra, é fa - zer - se u - ma vez vi - van dei - ra.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor;
Quem não canta na força da guerra:
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida que eu passo
Com tão lindo, gentil mocetão:
Se eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'r'o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor:
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim;
E depois, só depois da batalha,
Vel-o salvo, cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo trigueira,
Mais t'eu amo gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida,
Nem n'as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar.

Que eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices d'amor.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração:
Mas prestemos attentos ouvidos
Ai taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vae cadente fallando d'amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu:
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pae, nem a mãe conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira;

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Esta poesia appareceu por volta de 1850, e com ella a musica.

O RECRUTA

RATAPLÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Izaura Mattos.

Allegretto

84

Cá me fi- ze-ram sol- da-do, a-mor do meu co – ra- ção,

Não te es-que- ças de mim, não, por an dar lon- ge, coi- ta-do!

Ai a mor! o tam- bor, ra-ta- plão, já lá ber- ra;

Ai a- de – – us mi-nha ter – – ra, ra-ta- plão, que eu vou pa-ra a guer ra.

O RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!

Ai! amor,
O tambor
Que já berra;
Rataplão,
Adeus, minha terra,
Rataplão,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu Maria,
Na aldeia o que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!

Ai! amor, etc.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que não sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.

Ai! amor, etc.

Pergunta, bem perguntado,
Se eu te quero bem ou não,
A's pedras do teu balcão,
A's telhas do teu telhado!

Ai! amor, etc.

Fui pobre folha cahida
Que na cheia amor levou
E n'um remanso deixou
A' tua porta detida.

Ai! amor, etc.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer,
Se te tinha ali defronte?

Ai amor, etc.

A' noite, quando fiavas,
Dizia ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!

Ai! amor, etc.

Agora, ás costas a farda,
Agora á esquerda volver,
Agora, marchar e ter
Só por amante a espingarda!

Ai! amor, etc.

Agora, sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter ao menos mortalha.

Ai! amor, etc.

Mas se eu voltar que te veja
Logo de longe acenar,
Vae depois, vae-me esperar,
Com um padre, ao pé da egreja.

Ai! amor, etc.

E se na guerra, Maria,
Uma bala me dér fim,
Resa cá, resa por mim,
Resa uma vez cada dia.

Ai! amor, etc.

MALHÃO

CHOREORAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Megre Restier.

Andante

85

f

Oh Ma- lhão, tris - te Ma - lhão, oh Ma - lhão, *f* tris te Ma lhão, tris - te vi - da eu te hei de dar; tris - te vi - da eu te hei de dar; não hei de ca - sar com- ti - - - - go, não hei

de ca - - sar com ti - - - go, nem te hei de dei - xar ca -

D. C.

sar, nem te hei de dei - xar ca - sar.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, triste coitado!
Por tua causa, Malhão,
Ando roto, esfarrapado.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, sem ter rival,
E's da terra do bom vinho,
E's do Porto natural.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste vida eu te hei de dar:
Eão hei de casar comtigo,
Nem te hei de deixar casar.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste ha de ser o teu fim;
Has de acabar os teus dias
A' porta d'um botequim.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão endiabrado,
Por tua causa, Malhão,
Hei de morrer estafado.

Oh Malhão, triste Malhão,
O que foste e o que és!
Oh Malhão que estás virado
Co'a cabeça para os pés.

O Malhão é dança campestre do districlo do Porto. O nome provém-lhe talvez de algum instrumento agricola, anterior ao mangoal. A dança na aldeia é simples: as damas e os cavalheiros formam-se em fila, frente a frente; e, ora se approximam, ora se affastam, batendo com os pés o rythmo indicado na introducção d'esta musica. Por fim fecha a roda e todos dançam pulado.

Transportada para a cidade, esta dança tomou um caracter lubrico e foi adoptada nas orgias e bacchanaes do povo rude. Parece que foi esta musica que deu origem ao fado, pela semilhança da dança. Dois individuos frente a frente, affastam-se e approximam-se em requebros e tregeitos dando, ameudadas vezes, pançadas e sapateados em rythmo binario. Tal se dança na cidade.

As cantigas, na aldeia, são desgarradas; porém, na cidade, addicionaram-lhe muitas outras, das quaes, a maior parte são licenciosas.

A BARQUINHA

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Lydia Leite Borges de Faria.

Andante

86

f

p Vem meu an-jo que eu não pos - so vi - ver n'es te er-mo sem ti. Vem meu an jo, se não vo - as cui-da-rei que te per - di.

Que noi te se - re - na, que lin - do lu-ar, que lin - da bar -qui - nha que ve - jo no mar.

Vem, vem oh meu an - jo, fu ja-mos d'a- qui, que a noi-te es-tá

bel-la, que a noi-te es-tá bel-la, o a-mor nos sor- ri. Fu-já-mos d'a - qui. D. C.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!...
Vem, meu anjo, senão vôas,
Cuidarei que te perdi.

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Que vejo no mar!
Vem, vem, oh meu anjo,
Fujamos d'aqui
Que a noite está bella
O amor nos sorri!

Tu já sabes quantas maguas
Uma saudade contém...
Ah! são muitas... sinto-as todas...
Vem, meu anjo, corre... vem!

Aqui, n'esta soledade,
Cada flôr é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem!

Vejo em tudo a tua sombra...
Mas eu chamo-te, e não fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Que estas flores são tuas galas.

Vem, rainha d'estes prados,
Que o teu throno tens aqui!
Deixa as turbas d'esse mundo,
Que não é mundo p'ra ti...

Tens um ermo aonde a vida
E' tranquilla em singeleza,
Onde o Eterno ostenta as pompas
Da formosa natureza.

Tens no alvor da madrugada
As canções do rouxinol,
Que festeja os frouxos raios,
Que lhe dá benigno sol.

Tens, á tarde, os horisontes
Purpurinos, d'além-mar,
Que nos fazem sentir n'alma
Sensações d'um vago amar.

Tens, á noite, este silencio
De saudade e de tristeza,
Quando a alma vela tanto,
E adormece a natureza.

Tens a cada instante, um ente,
Que te diz, em voz da terra,
Mil celestes pensamentos
Que no coração encerra.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!
Vem, meu anjo, se não vôas
Pensarei que te perdi...

A musica d'esta serenata é attribuida a J. Doria. As quadras são de Camillo Castello Branco (1850); porém o estribilho é d'outro poeta que não conhecemos.

A GEREZIANA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Aurora d'Almeida.

Andante

87

f *p*

Te-nho den-tro do meu pei-to du-as es-ca-das de flo-res, Te-nho den-tro do meu pei-to du-as es-ca-das de flo-res, por u-ma des-cem sus-pi-ros, por ou-tra so-bem a-mo-res, por u-ma des-cem sus-pi-ros por ou-tra so-bem a-mo-res.

ESTRIBILHO

f

Tan-ta

con 8ª

li-bra e eu tão li-vre d'el-las, a-mar el-las, são de ca-val-li-nho, são lin-das, são de-li-

con 8ª
ca - das, são | le - aes ao seu bem | -zi - nho. São | le - aes ao seu bem- | zi - nho, são

con 8ª
le - aes ao seu a - | mor; Vá | de ro- da, vá de | ro - da, vá | de ra-mi-nho em | flôr.

Tenho dentro do meu peito,
Duas escadas de flôres,
Por uma descem suspiros,
Por outra sobem amores.

Tanta libra e eu tão livre d'ellas
Amar ellas, são de cavallinho,
São lindas, são delicadas,
São leaes ao seu bemzinho;
São leaes ao seu bemzinho,
São leaes ao seu amor,
Vá de roda, vá de roda,
Vá de raminho em flôr.

Viva quem aqui chegou,
Por ora não digo quem;
Chegaram aqui dois olhos
Aos quaes os meus querem bem.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não tem conta,
Saber amar são contados.

Oh alta serra de neve
Tende de mim piedade!
Que me vejo sem amores
Na *felor* da minha edade.

Oh Senhora do Sameiro,
Eu queria ser vossa nora,
Se me dereis o menino
Que está no altar de fóra.

Semear e não colher,
E' o que atraza o lavrador;
Tambem eu estou atrazada
Em contas com o meu amor.

Limoeiro tem pé d'ouro
Tambem tem rama de prata;
Tomar amores não custa
Deixal-os é o que mata.

Auzentaste-te de mim
Sem teres razão de queixa,
Quem se auzenta sem ter causa
Nem leva penas nem deixa.

Quando eramos amigos
Eu andava no teu monte;
Agora que o não somos,
Vou beber a outra fonte.

Adeus, Caldas do Gerez,
Adeus, oh fonte da Bica,
Vim cá buscar a saude,
O meu dinheiro ahi fica.

Recolhida nas Caldas do Gerez em 1888 pelo Ex.mo Snr. Dr. Ricardo Jorge, que a baptisou de *Gereziana*, por ser n'esta serra que pela primeira vez a ouviu.

Esta musica foi levada áquellas altitudes por um bando de raparigas que trabalhavam nas estradas, segundo refere o mesmo illustre clinico e nosso respeitavel amigo, n'um primoroso artigo que a este respeito foi publicado no *Jornal da Manhã*.

Investigando nós a procedencia d'esta musica, soubemos que ella é do districto de Coimbra, d'onde a haviam importado com algumas modificações, applicando-lhe uma poesia local.

DANÇA.—E' simplesmente de roda.

A CORADINHA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Carmina d'Almeida Cunha.

88

Andantino — Da 2.a vez com 8a

O bei- ji - nho que me des - te sem teu pae nem mãe sa- ber, to - ma-o lá, tor-na a ac-cei- tal - o que já lh'o fo-ram di- zer.
Co - ra - di - nha, fei - ti- cei - ra, en - can- to dos meus a - mo - res, os teus la - bios côr de ro - sa dão bei- ji - nhos ma - ta- do-res.

con 8a

Co-ra - di-nha, o - lé, oh lin-da, Co - ra- di-nha, o - lé, meu bem.

O beijinho que me déste
Sem meu pae nem mãe saber,
Toma-o lá, torna a acceital-o,
Que já lh'o foram dizer.

Coradinha, feiticeira,
Encanto dos meus amores,
Os teus labios côr de rosa
Dão beijinhos matadores.

Coradinha, olé, oh linda!
Coradinha, olé, meu bem.

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada;
Porque é brio dos amores
Pagar e não dever nada.

Coradinha, etc.

Oh meu amor, quem me déra,
Quem me déra sempre dar-te,
Beijinhos até morrer.
Abraços até matar-te.

Coradinha, etc.

Meu amor se te arrependes
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei
Pelos que tu já me déste.

Coradinha, etc.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil,
Dá-me os que te agora peço,
Os outros deixal-os ir,

Coradinha, etc.

Recolhida em S. Pedro d'Alva por F. P. Nogueira.

A repetição dos primeircs oito compassos é feita no fim de cada quadra com o estribilho: — *Coradinha, feiticeira*, etc.

Os pares formam grande roda e giram sobre a direita emquanto cantam a primeira quadra. No primeiro estribilho: *Coradinha, feiticeira*, largam as mãcs e giram voltados para os seus pares, fazendo *balancé* e dando estalos com os dedos. Quando dizem: *Coradinha olé oh linda*, dançam de roda em passo de valsa.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1820

CANÇÃO MARCIAL

A' Ex.ma Snr.a D. Amelia Eudoxia de Moraes Mattos e Sá.

Musica de C. Coccia.

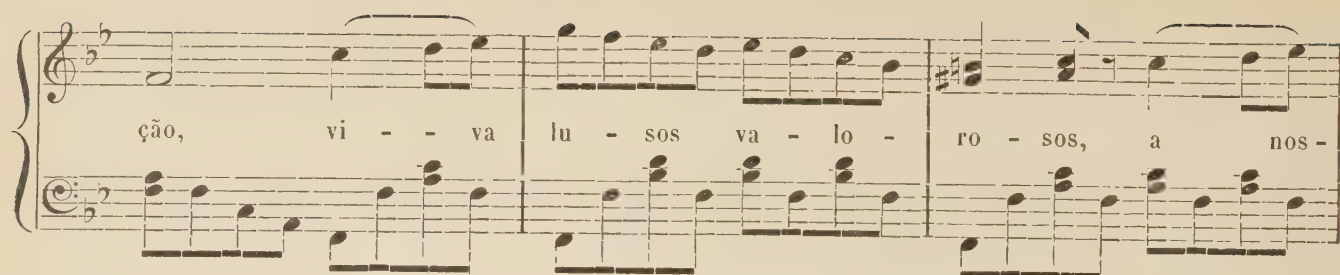
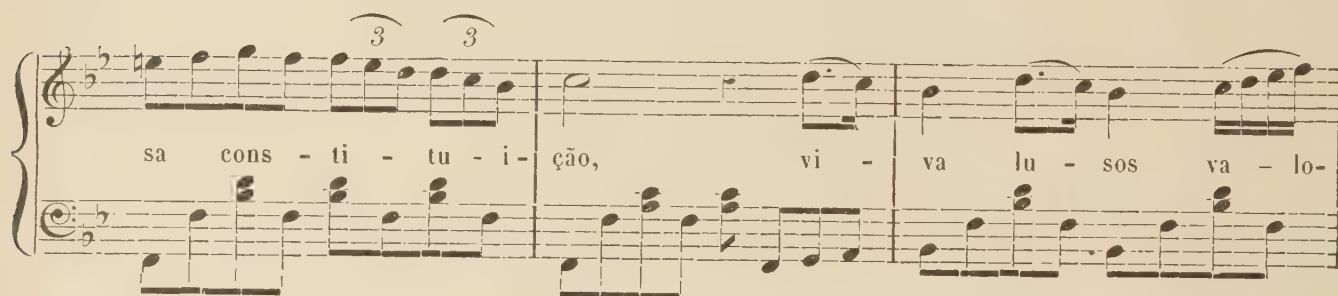
89

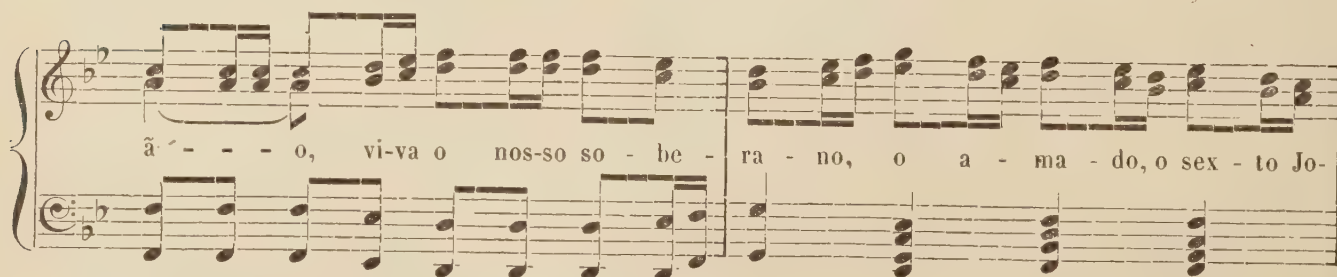
Maestoso

ff

Ped. * Ped. * Ped. *

Ped. *

VOZ

p Che - gou em - fim o mo - men - - - to da nos - sa e - man - ci - pa - ção; Che -

gou em - fim o mo - men - - - to da nos - sa e - man - ci - pa -

ção, vi - - - va lu - sos va - lo - ro - sos, a nos -

sa cons - ti - tu - i - ção, vi - va lu - sos va - lo-

ro - sos a nos - - - sa cons-ti-tu-i - ção, a nos - - - sa cons-ti-tu-i -

ção, a nos - sa cons-ti-tu-i- ção.

CORO

f

Vi-va o nos-so so-be - ra — no o a-ma-dó, o sex-to Jo -

ã - - - o, vi-va o nos-so so - be - ra - no, o a - ma - do, o sex - to Jo-

ão, Que ha de sel-lar com seu no — — me a nos-sa cons-ti - tu - i -

ção. Que ha de sel-lar com seu no - me a nos - sa cons - ti - tu - i -

ção. Cons-ti-tu - i- ção. Cons-ti-tu - i- ção.

8ª

Chegou, emfim, o momento
Da nossa emancipação;
Viva, lusos valorosos,
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Reunam-se as lusas côrtes,
E com sacra inspiração
Façam que brilhe no mundo
A nossa Constituição.

Oh tu de um Deus emanada!
Oh santa religião!
Diffunde com tuas azas
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Já pouco tarda o momento
Da nossa consolação,
Em que ha de baixar dos ceus
A nossa Constituição.

Composeram-se por esta occasião outros hymnos, para solemnisar a nossa primeira constituição, porém não lograram tanta popularidade como o presente.

ADORAÇÃO DA CRUZ

CANTICO

Lettra de José Ignacio Roquete
Conego que foi da Sé Patriarchal.

A' Ex.ma Snr.a D. Quiteria Vieira Brandão.

Musica do Padre José Sebastião Netto
Hoje Em.mo Patriarcha de Lisboa.

90

Moderato

f

con 8a

p

Da bem-di - ta cruz Ao le-nho sa-gra - do, Em que o bom Je-

sus Foi por nós pre- ga - do;

con 8a

cres.

Chris – tãos can- te - mos

O piano 8a

Em al - tas vo - zes: vi - - va Je- sus, vi - va a su - a

cruz. Vi – – va Je - sus, vi – va a su - a cruz.

Este cantico, recolhido pelo Rev.mo Prior de San João d'Almancil, é muito vulgar no Algarve.

ADORAÇÃO DA CRUZ

Da bemdita Cruz
Ao lenho sagrado,
Em que o bom Jesus
Foi por nós pregado.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Todos tributemos
Respeito profundo,
Porque n'elle temos
Redempção do mundo.

Christãos, etc.

E se em Portugal
Algum cego peito,
Por seu grande mal
Te nega respeito;

Christãos, etc.

Serve de terceira,
Oh crux adorada,
Para tal cegueira
Ser allumiada.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Padre, Filho e Amor,
A vós seja dado,
Rendido louvor
Por todo o creado.

Christãos, etc.

E pois que na Cruz
Nos déstes victoria;
Dai-nos vêr Jesus
Na celeste gloria.

Christãos, etc.

O EXILIO

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Virginia Moreira.

91

Andantino

f

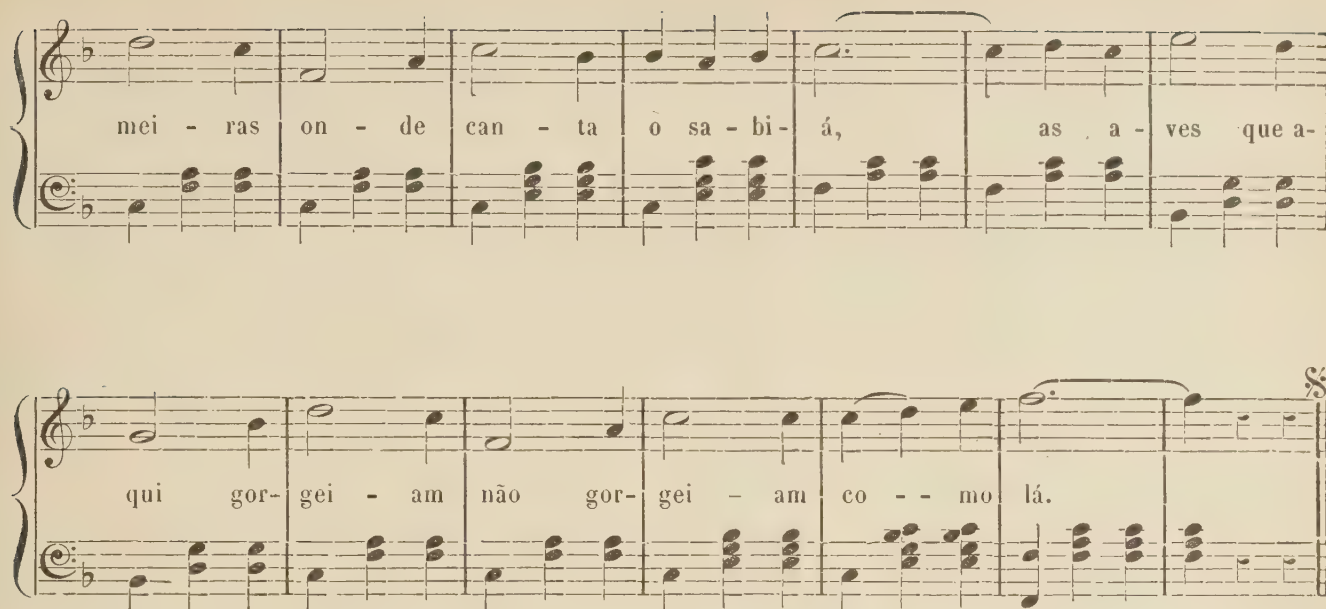
p

Mi-nha ter-ra tem pal-mei-ras on-de can-ta o sa-bi-á; Mi-nha ter-ra tem pal-mei-ras on-de can-ta o sa-bi-á;

As a-ves que a-qui gor-gei-am, não gor-gei-am co-mo lá.

Mi-nha ter-ra tem pal-

mei - ras on - de can - ta o sa - bi - á, as a - ves que a-

qui gor- gei - am não gor- gei - am co - - mo lá.

Esta canção é brazileira mas está muito vulgarisada em Portugal.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso ceu tem mais estrellas,
As nossas varzeas mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá:
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

A esta mimosa poesia do celebre poeta brasileiro, respondeu-lhe um portuguez com outra imitativa, não menos repassada de sentimento nostalgico. Eil-a:

Minha terra tem collinas,
Onde canta o rouxinol;
Minha terra é mais amena,
Mais saudoso o pôr do sol.

As flores tem mais perfumes
Nossos fructos mais sabores
Tem mais mimo a natureza,
Mais paixão nossos amores.

Mais prazer encontro eu lá
Em scismar ao pôr do sol;
Minha terra tem collinas
Onde canta o rouxinol.

E' mais linda a primavera
Mais jucundo o nosso estio;
Mais fertil o nosso outomno,
Mais saudoso o inverno frio:

E assim uma após outra,
Alternando as estações,
Ha mais viço nas ideias
Ha mais fogo nas paixões.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que veja o seu pharol,
Suas tão bellas campinas,
Seu tão doce pôr do sol;
Sem que pise inda as collinas
Onde canta o rouxinol.

ESTEVÃO D'ARAUJO V. PEREIRA E ALVIM.
(De Cabeceiras, mas residente no Rio de Janeiro).

A seguinte imitação é tambem muito conhecida:

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste, solitario,
De manhã e ao pôr do sol,

Quem me dera ouvir de novo,
N'essa terra que eu deixei,
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
N'essa terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Nem permitta Deus que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Onde canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel — cruel bem sei,
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

Além d'esta ha muitas outras imitações.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

ROMANESCA

A' Ex.ma Snr.a D. Sancha de Jesus Ribeiro Lagôa.

Musica de Ch. Lecocq.

92

Allegretto

f *p*

Ha - bi - ta - va em u-ma al - de - ia, Is - to só pe - lo de - mo-nio, Ra - pa - ri - ga cu-ja i - de - ia E-ra a lei do ma - tri - mo - nio. O - ra o fi - no da pas - sa-gem te-ve o noi - vo de - se - ja - do, Pois ja - mais de su - a i - ma - gem Pô - de ver um só boc - ca - do. Quan-do a -

noi - te des - li - sa - va so - bre a rel - va da col - li - na, Em se -

gre - do se dei - ta - va A - pa - gan - do a lam - pa - ri - na, lam -

pa - ri - na. Mas que a- mor tão es - qui- si - - - to. Que mys-

te - rio tão ra - tão, Nin-guem sa - be, diz a can - - ção, Se o tal

noi - vo e - ra bo - ni - to; Que mys - te - rio tão ra - tão, Um ca - so as-

sim o - ri - gi - nal, Não i - am mal n'es - ta can-ção, não,

não, não i - am mal. CORO *f* Que mys - te - rio tão ra - tão, um ca - so as-

sim o - ri - gi - nal, Não i - am mal n'es - ta can-ção, não, não, não i - am

mal. *ff*

E' esta uma das canções estrangeiras que passou do theatro para o dominio publico, talvez pela jovialidade da composição poetica, porque o estylo d'esta musica franceza é improprio a enxertar-se no nosso sentimentalismo nacional.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

Habitava em uma aldeia,
Isto só pelo demonio!
Rapariga, cuja ideia
Era a lei do matrimonio.

Ora o fino da passagem
Teve o noivo desejado,
Pois jámais de sua imagem,
Pôde vêr um só boccado.

Quando a noite deslisava
Sobre a relva da collina,
Em segredo se deitava
Apagando a lamparina.

Lam...
pa...
ri...
na!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

Era bem feliz a esposa,
E o marido era perfeito,
Mas tambem, sendo curiosa,
Vêr quiz o marido a geito.

«Sou feliz,—dizia a bella;—
Com a vida sem desdoiro;
Mas não sei se meu marido
E' trigueiro, branco ou loiro!...

E a dôr que meu peito mina
Não doura do amor a chamma:
Eu quando o pilho na cama,
Vou dar luz á lamparina...»

Lam...
pa...
ri...
na!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!...
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original!...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

E quando o pilhou roncando,
Emfim a luz accendeu,
Finalmente reparando
No noivo que Deus lhe deu.

Mas de golpe levantou-se
O marido singular,
E rosnou: «Filha, acabou-se,
Jámais me verás voltar!»

E p'ra logo dando á perna,
Nem adeus disse ao seu bem,
E a pobre esposa terna
Ficou só, sem mais ninguem!

Sem...
mais...
nin...
guem!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!...
Ninguem sabe, diz a canção...
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

ANTONIO CRUZ.

GUALDINO DE CAMPOS.

A PADEIRINHA

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Carlota Champalimaud.

93

Allegretto

Oh! que lin-dos o - lhos tem a pa-dei-ri - nha, é pe-na an-da - - rem ao pó da fa - ri - nha.

con 8a

Ba - te pa-dei-ri - nha, ba-te o pé no chão, Ba-te no meu pei-to no meu co - ra - ção.

No meu co-ra-ção, pa-dei-ri-nha ago - ra, Dá u-ma vol-ti-nha e va-mos em - bo - ra.

Oh que lindos olhos,
Tem a padeirinha,
São mal empregados,
Andar á farinha.

Bate padeirinha,
Bate o pé no chão,
Bate no meu peito,
No meu coração.

No meu coração,
Padeirinha agora,
Dá meia voltinha,
Vamos-nos embora.

Com esta mesma musica que é antiga tambem se canta a seguinte lettra:

Oh senhora mãe,
Deixe-me ir á festa,
Que não ha nenhuma
Mais linda do que esta.

Arcos, fogo e musica
Arraial tão lindo!...
E moços e moças
Conversando e rindo.

Ir lá tambem posso:
Já não sou pequena,
Sou da mesma idade
Da Rita Morena.

Já sei molinhar
Como um bom moleiro,
No moinho do milho
E mais no alveiro.

Quem fôr d'estas coisas
Já não é criança;
Já póde ir ás festas,
Já canta e já dança.

Dê-me o chapeu fino
E a roupa aceiada
Que eu ir lá não devo
Toda enfarinhada.

Hei de ir de chinellas,
De meias de linha,
Camiza mui branca...
Mas não de farinha.

Não quero se ria
De mim todo o povo;
Dê-me a saia verde
Mais o gibão novo.

Eu quero mostrar-me
No largo da egreja,
E mordam-se as outras,
Embora, de inveja.

E se perguntarem
Quem é a gaiteira,
Saibam que é a filha
Da Thereza moleira.

HENRIQUE AUGUSTO.

Recolhida em Lufrei em 1886, por F. P. Nogueira.

D. JOÃO DA ARMADA

ROMANCE

A Ex.ma Snr.a D. Maria da Cunha.

Andante

94

f

Sua al - te- za a quem Deus guar-de, a - vi- so man-dou ao mar Que se ap- pa - re - lhas -se o con- de pa - ra de ma- nhã lar- gar. Dom Jo - ão se ap - pa - re- lhou n'u -ma fra - ga -ta mui bel - - - la Pa - ra em pi - no do me - io di - a pe - gar a lar -gar á ve - - - - la.

D. JOÃO DA ARMADA

Sua alteza, a quem Deus guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se apparelhasse o Conde
Para de manhã largar.
Dom João se apparelhou
N'uma fragata muito bella,
Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vela.

Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companha se ajuntar
Que queria dar á vela.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com as saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

—Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior edade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.—
A' partida da galera
Houve grandes clamores;
Capitão e commandantes
Todos se encheram de dores.

Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram mestres, contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fóra
Ouviu-se apitos de prata:
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata.

Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não via
Mandou acima gageiro
A vêr o que descobria.
O gageiro subiu logo
A vêr o que descobria
E lá do topo do mastro
Em altas vozes dizia:

—Gageiros da nossa nau
Apromptem a artilheria
Que aqui para a nossa armada
Vem uma combataria.
«Safa, safa, D. João,
Safa a tua artilheria,
Que são tantos os navios
Que o sol e a lua encobria.»

—Dize-me alferes da bitante:
Que navios traz Turquia?
«Se me perdoas a morte,
D. João, eu t'o diria:
Nove centas e oitenta
Galeras que traz Turquia;
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.»

(Era este um renegado
Que na mesma armada ia;
Empenhando as suas barbas
D. João lh'o pagaria!)
D. João que tal ouvira
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

—Sondes neto de Santa Anna
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!
Não permittaes que os mouros
Se encham de phantazia:
Não queiraes que os vossos filhos
Se encham de cobardia!

Chegou a armada uma a outro
Em pinos do meio dia;
As ballas que elles botavam
Tornam-se em mosqueteria
As que D. João atirava
Eram de grande valia
Mas a que mouro botava
Nem matava nem feria.

A fumaria era tanta,
Nem uns nem outros se via;
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobria.
A sangreira era tanta
Que pelos embornaes corria,
Era tanta a gente morta
Que os navios empecia.

Pelas duas horas da tarde
Cessava a mosqueteria;
No mar o sangue era tanto
Que nenhuma agua se via.
— Acima, acima gageiro —
A vêr o que succedia,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentas e oitenta
Só uma galera via,
Com os seus mastros quebrados,
A pôpa rendido havia;
Leva a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.

Leva novas ao rei turco,
Contar-lhe o que succedia,
Que da sua grande armada
Só ella escapado havia
Com suas velas rasgadas
O casco com avaria,
Mas da gente que trouxera
Nenhuma já existia.

O alferes da bitante,
Que a galera conduzia,
Ao chegar á sua terra
Ancorou em francaria,
O seu rei, que o ouvira,
Pergunta o que succedia,
Sabendo a triste nova
D'esta sorte respondia:

—«Não se me dá dos navios,
Eu outros melhores faria;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flôr da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi o D. João da Armada,
Que era o rei da valentia.

Ainda a nau mal aproara
Para a barra de Lisboa:
Já lá vem D. João da Armada,
Traz o sceptro e a corôa.
Capitão e commandantes
Vamo-nos para a Turquia
Vamos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.

Este romance anda dividido em muitas variantes, tanto no continente como nas ilhas; recolhendo os fragmentos que andam dispersos na tradição popular, podémos reconstituil-o, parece-nos que sem omissões.

Deu a origem a este romance um dos successos mais estrondosos do seculo XVI, a batalha de Lepanto, em que os christãos venceram a armada turca. O snr. dr. Theophilo Braga, narra o facto no seguinte resumo:

«No anno de 1571, D. João d'Austria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Filippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa D. João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel da gloria. André Doria oppoz-se ao plano de attaque e conservou-se immovel na acção. O enthusiasmo da liga christã deu-lhe a victoria; D. João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancor do Demonio do Meio Dia, que o Desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalhou na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto?..

Talvez D. João viesse a Lisboa contratar marinheiros e depois da batalha voltasse á nossa capital, e então a narrativa d'aquelles homens inspirasse algum poeta popular assim como succedeu com summidades poeticas de Portugal, Hespanha e Italia.

Com a mesma musica cantou-se a seguinte poesia, quando D. João VI voltou do Brasil:

DESPEDIDA DE D. JOÃO VI DO BRASIL

A despedida que deu
No Rio o nosso sob'rano:
Mandou avisar o povo
P'ra lhe dar o desengano.

— Sabei, filhos, eu vos digo,
Já não posso estar aqui,
A' força me hei de ir chegando
Ao paiz onde nasci.

Quero ir á minha patria
Para lhe dar providencia,
Accudir ao desarranjo
Que tem feito a minha auzencia.

Eu pouca falta vos faço,
Bem o sabeis na certeza,
Pois eu tambem sei que sois
Assistidos da riqueza.

—Sabei, ó alto soberano
Podeis viver na certeza,
Queremos Vossa Magestade,
Perca-se nossa riqueza.

—Aqui vos fica o meu filho,
Cá vos fica em meu logar;
Se o amardes como a mim,
Elle vos ha de estimar.

Passar o mar bem me custa,
Isto são peccados meus;
Sabei que assim me é preciso,
Adeus, meus filhos, adeus...

Logo chegando ao embarque
Muito depressa entraram,
Largaram velas ao vento,
Velozmente se safaram.

A alegria de Lisboa
Na entrada do seu rei,
Eu agora, em *tom suave*,
Eu tambem a cantarei:

Chorae, vós, ó brasileiros,
Usae da vossa prudencia,
Sabei que o monarcha é nosso,
Tende santa paciencia.

Meus amados habitantes
Lá do Rio de Janeiro,
A paixão que em vós existe
Já por cá passou primeiro.

E os mesmos passarinhos
No ar suspensos estão,
Só em ouvir os festejos
Do nosso rei D. João.

Entrae, senhor, entrae,
Com todo o contentamento
Gozar o reino que é vosso
Desde o vosso nascimento.

Recolhida pelo Rv.^mo Padre Manuel d'Azevedo da Cunha.

SALVÈ, RAINHA

CANTICO

Á Ex.ma Snr.a D. Perfeita do Nascimento Pereira.

Musica do Dr. José Maria de Padua.

Moderato

95

p

voz

Sal - vè, do - ce am - pa - - - ro, dos fra - - cos mor - taes, Ra -

i - nha dos an - jos, Bem - di - - ta se - jaes; CORO f Bem -

di - - ta, bem - di - - ta, mil ve - - zes se - jaes. Mil

ve - - zes Bem - di - - ta, Bem - di - - ta se - jaes.

Recolhida no Algarve, pelo Rev.mo Prior d'Almancil, Padre Alexandre João do Nascimento.

SALVÈ, RAINHA

VOZ

Salvè, doce amparo
Dos fracos mortaes;
Rainha dos Anjos
Bemdita sejaes.

CÔRO

Bemdita, Bemdita,
Mil vezes sejaes;
Mil vezes Bemdita,
Bemdita sejaes.

Dai-nos vossa benção,
Pois mãe vos chamaes
De Misericordia,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Sois vida, doçura
Dos filhos que amaes;
Esperança nossa,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

A esses de gloria,
Montes eternaes,
Chegue o nosso salvé:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Nós a Vós bradamos,
Ouvi nossos ais:
Ah! sim ouvi-os:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Não, Senhora, não
Auxilio negaes
Aos filhos de Eva:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

A Deus, e a Vós,
Se bem desleaes,
Por Vós Suspiramos
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Andamos afflictos,
(Vós não o ignoraes)
Gemendo e chorando:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

N'este valle horrendo
De penas fataes,
Tristes vos cantamos
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mas lá, onde as nossas
Lagrimas limpaes,
Alegres diremos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Cá, e lá benigna,
Vós nos consolaes,
Eia, pois, por isto
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Tanto é vosso amor,
Que ser vos dignaes
Advogada nossa,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Esses vossos olhos,
Que não tem iguaes,
Em nós os ponde:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Misericordiosos,
Como costumaes,
A nós os volvei:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Ah quão favoraveis
Vós nol-os lançaes!
Agora e depois
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc,

Vós d'este desterro
Nos alliviaes
Os duros trabalhos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Aos que d'aqui formos
Para onde estaes
Mostrae a Jesus:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mostrae-nos a esse,
A quem tanto amaes,
Vosso Bento Fructo;
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mostrae-nos os muitos
Que Vós nos guardaes,
Bens do Vosso Ventre:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Que nós os percamos,
Jámais permittaes,
Oh Virgem Clemente,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdtta, etc.

Oh Mãe pia, oh doce,
De Vós não queiraes
Que ausentes vivamos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Sempre, Virgem bella,
Applausos geraes
Vos dêem ceus e terra.
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Bemdita, Bemdita,
Mil vezes sejaes,
Oh Santa Maria,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

SAN PEDRO

CANTIGA DA BEIRA MAR

A' Ex.ma Snr.a D. Esther da Cruz Teixeira.

Andante

96

p

Nas prai- - as da Ga - - li - -
lê - a an - da- - va o nos- - so San Pe - dro a lan-
çar a re- - de ao mar, sem ter con- fu - - -
são nem me - - do ve - - - de *f* ve - de ra - pa- - ri - - gas,
ve - de co - mo o san - - to lan - ça a re - de.

D. C.

Recolhida na Povoa de Varzim em 1870.

SAN PEDRO

Nas praias da Galiléa
Andava o nosso San Pedro
A lançar a rede ao mar,
Sem ter confusão nem medo.
Vêde, raparigas, vêde
Como o Santo lança a rede.

Andava o nosso San Pedro
E os mais da companhia,
Já meio descoroçoados
Pela pouca pescaria.
O peixe que a rede dava
Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
A'quella sociedade,
Mandou-lhes deitar a rede
A' direita de Deus Padre.
A' mão direita a lançaram
E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
E tanto peixe malhou,
Que só metade da rede
O barquinho carregou.
Torce rede, eia, safar,
E a terra descarregar.

San Pedro desde pequeno
Foi marinheiro do mar,
E agora já tem as chaves
Do paraizo real.
Torce rede, eia, safar,
E a terra descarregar.

A quem daremos as chaves
Da nossa embarcação?
Dál-as-hemos a San Pedro
Que nol-as traga na mão.
Festejemos com alegria
A San Pedro n'este dia.

Recolhidas pelo malogrado clinico e distincto escriptor, José Augusto Vieira, no *Minho Pittoresco*.

A'S ESTRELLAS

NOCTURNO

A' Ex.ma Snr.a D. Constancia Barboza.

Andante

97

Lin- das mi - mo - sas sa- phi - ras que o ven da noi - te bor-

daes, Lin- das mi - mo - sas sa- phi - ras que o veu da noi - te bor-

da - es di - zei -me es-trel-las di -zei - me se aca- -so tam-bem a-

maes di - zei- me es - trel-las di -zei - me se a - ca- so tam-bem a-

maes. Te- reis só - men-te por nor - te lu- zir, lu - zir e não

mais? Te- | reis só-men-te por | nor - te lu- | zir, lu - zir e não

mais? não | creio, es - trel-las, não | creio, sois | tão for - mo-sas, a-

maes, não | creio, es-trel-las, não | creio, sois | tão for-mo-sas, a- | maes.

D. C.

Lindas, mimosas saphyras
Que o veu da noite bordaes,
Dizei-me, estrellas, dizei-me,
Se acaso tambem amaes.

Tereis sómente por norte
Luzir, luzir e não mais?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tão formosas, amaes.

Canta-se tambem a seguinte lettra:

A'S ESTRELLAS

Vós, estrellas tão formosas,
Que a terra de luz banhaes,
Dizei-me, oh astros da noite,
Porque tão bellos brilhaes.
Suspensas lá n'esse espaço,
Creadas pelo Senhor,
Vós, estrellas, daes á noite
Melancholico fulgor.

O velho, que vê dispersas
Da infancia as saudosas flores,
Ao vêr-vos inda se lembra
Do tempo dos seus amores.
A virgem sorri mimosa
A' vossa luz que estremece,
E o atheu um Deus eterno
Ao fitar-vos reconhece.

Estrellas, vós sois um livro
Que aos mortaes abrem os ceus,
Sois a pagina brilhante
Onde leio amor e Deus.

J. M. B. Carneiro.

Recolhida em Coimbra em 1890, pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

DA'-ME UM BEIJO

DANÇA DE RODA

A Ex.ma Snr.a D. Albertina Candida d'Almeida Cunha.

Allegretto

98

p

Se mil co--ra-ções ti--ve---ra com el-les eu te a-ma-ri----a; Mil vi-das que Deus me dés----se em ti as em-pre-ga-ri---a.

con 8a

Dá-me um bei-jo, oh bel-la! eu a-mo-te oh queri-da, com lou-co a-mor. Nas tu--as fa-ces mi--mo-sas eu da-va-te um bei-jo, mi-nha lin-da flor.

Recolhida em Oliveira do Conhedo, em 1892, por F. P. Nogueira.

DÁ-ME UM BEIJO

Se mil corações tivera,
Com elles eu te amaria;
Mil vidas que Deus me desse,
Em ti as empregaria.
Dá-me um beijo, oh bella,
Eu amo-te, oh querida,
Com louco amor!
Nas tuas faces mimosas,
Eu dava-te um beijo,
Minha linda flôr.

Quando Deus creou a rosa,
E fez a luz do luar,
Entre as coisas mais formosas,
Fez a luz do teu olhar.

Nas ondas do teu cabello,
Vou-me deitar a afogar,
Eu quero que o mundo saiba,
Que ha ondas sem ser no mar.

Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de velludo;
Oh quem me dera lograr,
Olhos, sanefas e tudo.

Pergunta a quem sabe amar,
Qual dos males é mais nocivo,
Se auzencia com remedio,
Se o ciume com motivo.

Se te fores, heide armar
Laços á tua partida,
Que eu quero mais aos teus olhos,
Do que á minha propria vida.

Quem me dera em teu peito,
Minha face recostar,
P'ra podermos dizer todos,
A lei de Deus manda amar.

Meu amor se vires cahir
Folhas verdes na varanda,
Olha que são saudades
Que o meu coração te manda.

Juro que ainda não tive
Um amor firme a ninguem;
Para ti jogo se abriram
As portas do querer bem.

Quero ter-te sobre o peito
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros porque são.

Quem me dera ser retroz,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto a teu peito,
Servindo de atacador.

Quando digo que te adoro,
Menina, dizes que minto;
As magoas que por ti soffro
Deus as sabe e eu as sinto.

Se eu te não quero bem
Deus do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Ter amor é muito bom,
Quando ha correspondencia;
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Oh, meu amor, não descubras
Tuas penas a ninguem;
Se o dizes a uma amiga,
Essa amiga outra tem.

Tenho dentro do meu peito,
Bem chegado ao coração,
Duas lettrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

Quando meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Na cadeia de teus braços
Minha alma presa ficou.

Quem me dera já lograr
D'esses teus olhos as luzes;
Mais de quatro ficariam
Na bocca fazendo cruzes.

Se te não amo falleço,
E se amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me d'esta prisão:
Que eu não vivo muito tempo
Na tua separação.

CAVACO DO RIO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.[ma] Snr.[a] D, Carolina Campos.

Andante con 8[a]

99

p

Ai, eu sou ca - va - co do ri - o, ai, vei - o a chei-a le- -vou-me; Ai, eu

sou ca -va-co do ri - o, ai, vei -o a chei-a le- vou-me. *f* A-qui mais a- bai-xo a-qui mais a -

D. C.

lem, fu-giu-me o meu par vou ver s'el-le vem; já cá está, já cá es -ta, já cá es-tá meu bem.

Ai, eu sou cavaco do rio,
Ai, veio a cheia levou-me,
Ai, á tua porta menina
Fez um remanso e deixou-me.

Aqui mais abaixo,
Aqui mais além,
Fugiu-me o meu par,
Vou vêr se elle vem.

Cheguei á borda do rio,
Aos olhos dei liberdade,
Bem tolinho estava eu
Quando te fiz a vontade.

Ai, este rio lindo é
E d'umas aguas bem puras,
Ai, assim fossem as lagrimas
Do amor que tu me juras.

Fui despedir-me do rio,
Das pedrinhas de lavar,
Só de ti, meu querido bem,
Eu me não posso apartar.

Muitas voltas dá o rio
Ao redor do amieiro;
Mais voltas dá o amor,
Sendo leal, verdadeiro.

Recolhida em Coimbra em 1882.

Dança:—Os primeiros oito compassos em roda; os outros quatro trocam-se os pares; e nos ultimos dois, meia volta cada um com o seu par.

OH MENINAS BRINQUEM, BRINQUEM

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina Neves d'Almeida.

100

Allegretto

ff *f* O co- ra - - - ção não se ven - de, é pren- da d'al-to va- lor; *p* Não se -ven - - - de nem se dá, tro-ca- se só por a - mor.

O coração não se vende,
E' prenda d'alto valor;
Nem se vende, nem se dá,
Troca-se só por amor.

O seguinte estribilho canta-se com a mesma musica:

Oh meninas, brinquem, brinquem,
Oh meninas, brinquem bem,
Oh amor troca o teu par,
Já cá está, meu doce bem.

Em qualquer pocinha d'agua
Bebe a cobra e nada o peixe;
Por mil enredos que hajam,
Não receies que te deixe.

Largos dias tem cem annos,
Meu amor deixa-te estar (andar)
Ainda te has de arrepender,
Sem te valer o chorar.

Minha mãe me chamou Rosa,
Minha sina é desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa
Que não morra desfolhada.

Todo o logar é jardim
Onde os suspiros se dão;
Quer seja no povoado,
Quer seja na solidão.

Recolhida em Coimbra, em 1885, por F. P. Nogueira.

DANÇA — Formam grande roda e seguem sobre a direita de mãos dadas, durante a primeira quadra. Quando cantam os dois primeiros versos do estribilho, seguem sobre a esquerda, batendo palmas. Em chegando ao terceiro verso abraçam-se, dando uma volta e no ultimo verso trocam-se as damas.

MEU ANJO, ESCUTA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Corina d'Oliveira Figueiredo.

101

Moderato

dolce

Meu anjo escuta; quando junto á noite perpassa a brisa pelo rosto teu, como suspiro que um menino exhala, na voz da brisa quem murmura e fala brando queixume que tão triste cala no peito teu, no peito teu? ah! sou e — u sou e — u ah! sim, meu bem, meu bem sou eu.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal.

MEU ANJO ESCUTA

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exhala;
Na voz da brisa quem murmura e falla
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio veu,
Rasgado o peito por acerbas dôres;
Quem murcha as flores
Do brando sonho? — Quem te pinta amores
D'um puro ceu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te accorda do celeste arroubo,
Na serenidade do silencio teu,
Quando tua alma n'outros mundos erra,
Se alguem descerra,
Ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem se afflige de te vêr chorosa,
Se alguem se alegra co'um sorriso teu,
Se alguem suspira de te vêr formosa
O mar e a terra a enamorar e o ceu;
Se alguem definha
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

Gonçalves Dias.

CUPIDO TRAIDOR

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta Ferrão Castello Branco.

O piano 8ª

dor, que es-te | jo - go in-ven- | tou, | ter-nos co-ra - | ções de ve- | ne-no tres-pas-

O piano 8ª

sou, | ter-nos co - ra- | ções de ve- | ne - no tres pas | -sou. | *f* Fu-já-mos das

set - tas | d'es-se tal su- | jei - to. | fa-zen-do bar- | rei - ras de | pei - to a | pei-to.

Cantando cantigas,
Andando a bailar,
Descobrem-se as ligas,
A' luz do luar.

Cupido traidor,
Que este jogo inventou;
Ternos corações
De veneno trespassou.

Fujamos das settas,
D'esse tal sujeito,
Fazendo barreiras
De peito a peito.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Raparigas novas,
Cabeças de vento.

Amores, amores,
Como eu tenho tido!
Agora já não,
Que me tem morrido.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Rapazinhos novos,
Que vem do Brazil.

Recolhida em Almaça, em 1886, por F. P. Nogueira.

A' DO VALENTIM

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Anna da Encarnação Mattos e Sá.

Andante

103

f p

Le-van- tei-me um di - a ce - do, P'ra ou-

vir lin-do can- tar f A do Va-len- tim, eu hei de ir, hei de ir, hei

de ir, A' do Va-len- tim, mas não hei de lá ca- hir. Eu pen-

sa - - va que e - ram an - jos, e - ra a se - - re - ia no

mar. f A' do Va-len- tim, eu hei de ir, hei de ir, hei de ir, A' do Va-len-

tim, mas não hei de lá ca - hir. *ff* Pas - sa, já pas - sou. Oh lin - da

flor, Me - ia vol-ta ao par a - qui 'stá o teu a - mor.

Levàntei-me um dia cedo,
P'ra ouvir doce cantar
A' do Valentim,
Eu hei de ir, hei de ir, hei de ir!
A' do Valentim,
Mas não hei de lá cahir!
Eu pensava que eram anjos,
Era a sereia no mar.
A' do Valentim, etc.

Oh meu amor dá-me fitas,
Dá-m'as brancas, se puderes,
A' do Valentim, etc.
Que a mentira está nos homens
E a verdade nas mulheres
A' do Valentim, etc.
Passa, já passou, oh linda flòr,
Meia volta ao par, aqui está o teu amor!

Lá no mar anda a sereia,
Correndo como a perdiz:
Não te gabes de deixar-me,
Pois fui eu que te não quiz.

Oh coração, oh pombinha,
Oh coração primavera,
Quem me déra advinhar
Teu coração de quem era.

A sereia anda no mar,
Anda á roda, torce, torce:
Ainda está para nascer
Quem de mim tomará posse.

Não ha no mundo dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores;
Tambem não póde existir
N'um coração dois amores.

Meu amor não vivas triste,
Alegra teu coração;
Que algum dia será teu
O que agora te não dão.

Da minha janella á tua
E' o salto d'uma cobra;
Tu já pódes ir chamando
A' minha mãe tua sogra.

Recolhida em Villa Viçosa, pelo rev.mo prior Joaquim José da Rocha Espanca.

DEVE, DEVE

RECITATIVO E CORO

Á Ex.ma Snr.a D. Claudina Augusta da Conceição Pimenta.

104

Andante

p

SOLO

p

To-da a noi-va de-ve, de-ve, ir mais bran-ca do que a ne-ve.

CORO

pp

De-ve, de-ve, ir mais bran-ca do que a ne-ve

SOLO

p

Mas que a boc-ca se-ja, se-

VOZ E CORO

ja

SOLO

Tal e qual u-ma ce-re-ja,

CORO

pp

se-ja, se-ja tal e qual u-ma ce-re-ja.

ppp

DEVE, DEVE

Toda a noiva deve, deve...
ir mais branca do que a neve.
Deve, deve
ir mais branca
do que a neve.

Mas que a bôcca seja, seja
tal e qual uma cereja.
Seja, seja
tal e qual
uma cereja.

As palpebras deve tel-as
como nuvens sobre estrellas.
Deve, deve
como nuvens
côr de neve.

E os olhos sempre no meio
do valle, que tem no seio.
Deve, deve
seio, seio
côr de neve.

A cama deve compôl-a
como o ninho d'uma rôla.
Deve, deve
de uma rôla
côr de neve.

Que nem um raio da lua
vá lá dentro vêl-a nua.
Deve, deve
nua, nua,
côr de neve.

FERNANDO CALDEIRA.

Esta canção acha-se recolhida na comedia *A Madrugada*. Muito popularisada no sul do paiz, especialmente em Lisboa

MARIQUINHAS, MEU AMOR

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Antonia Monteiro Guimarães.

Andantino

105

f *p*

Por cau- sa de ca - sa - men-tos mui-tos ho-mens se des - gra-çam; por cau- sa de ca - sa - men-tos mui-tos ho-mens se des- gra-çam; de pa- gar tri - bu-to á mo-da não fo - gem por mais que fa-çam de pa- gar tri-bu-to á mo-da não fo- gem por mais que fa-çam. Anda a -go-ra u-ma mo- di-nha de pe- dir a fi-lha ao pae En-trar pe - la por - ta den-tro: se-nhor so-gro el-la cá vae. Ma-ri -

f

qui-nhas, meu a - | mor, bem fe - | liz po-de-ras | ser se com- | mi-go p'ra ci - | da-de tu qui-

zes-ses vir vi - | ver. *p* Ma - ri- | qui-nhas meu a- | mor vem ser | mi-nha? Não se- | nhor.

Por causa de casamentos
Muitos homens se desgraçam;
De pagar tributo á moda
Não fogem por mais que façam.
Anda agora uma modinha
De pedir a filha ao pae:
Entrar pela porta dentro,
—Senhor sogro ella cá vae.
    Mariquinhas, meu amor,
    Bem feliz poderas ser.
    Se, commigo, p'ra cidade
    Tu quizesses ir viver.
    Mariquinhas, meu amor,
    Queres ser minha?
        Não senhor.

Tenho visto tanta cousa
Que me faz arripiar,
De ficar defeituoso,
Se cahir em me casar.
Mesmo que verdade seja,
Não me devo acabrunhar;
Por um barco se ir ao fundo
Ninguem deixa de embarcar.
    Mariquinhas meu amor,
    Bem feliz poderas ser,
    Se, commigo, p'ra cidade
    Tu quizesses ir viver.
    Mariquinhas, meu amor,
    Queres ser minha?
        Não senhor.

Se tu és rainha aqui,
Rainha da formusura,
Vem sêl-o lá na cidade,
Verdade é como escriptura.
Em logar d'essas roupinhas,
De setim terás vestidos,
Luvas, leques e sombrinhas,
Ricos chailes bem tecidos.
    Mariquinhas etc.

Recolhida em Arouca em 1860.

CANÇÃO DA NOITE

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Miquelina Guimarães.

Musica de Reynaldo Varella.
Lettra de Braulio Caldas.

106

Andante

Mur- mu - ra ri - o mur- mu - - ra, é do - ce o teu mur-mu- rar, mur- mu - ra ri - o mur- mu - - ra, é do-ce o teu mur-mu- rar, que tris - te-za que ter- nu - ra tu tens no teu so-lu- çar; Que tris - te-za que ter- nu - ra tu tens no teu so-lu - çar.

Murmura, rio, murmura,
E' doce o teu murmurar;
Que tristeza, que ternura,
Tu tens no teu soluçar!

Pela calada da noite,
Em quanto não surge a aurora,
Qu'esta minh'alma se affoite,
Suspira, guitarra, chora!

Voga, barco, mansamente,
Pelas aguas prateadas,
Leva este canto dolente,
Aos peitos das namoradas!

Cada nota tão sentida,
Que a minha guitarra envia,
E' uma canção dolorida,
D'amor e melancholia.

E estas canções eu trago-as
Prezas nas azas da briza,
Para espalhar sobre as aguas,
Em quanto o barco desliza!...

Esta serenata é vulgarmente conhecida pela denominação de *Fado das tres horas*, nome com que seu auctor primeiro a baptisara por ser áquella hora da noite que elle a improvisou. E' a musica, d'este genero, de mais actualidade.

AVÈ MARIA

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José Tenreiro Festas.

Andante

107

f p

A - ve Ma- ri - - a, che - ia sois de gra - ça,

o Se-nhor é com -vos - co, Bem - di-ta sois vós en - tre as mu- lhe-res; Bem-

di - - to é o fru - cto do vos-so ven - tre, Je - sus. San - ta Ma-

ri - - a, sois Mãe de De - us ro - - gae por nós Mãe dos pec - ca - do - res

a - go-ra e na ho - ra da nos - sa mor-te a - men Je - sus, Ma - ri - a, Jo - sé.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo. O povo cantava esta Avè Maria na egreja, durante os exercicios espirituaes. E' um specimen do estylo moderno popular nas festas religiosas.

NOITE DE PRIMAVERA

CANÇÃO

A Ex.ma Snr.a D. Theodora de Jesus Lima.

Musica de Frederico de Sillos.
Lettra de Ernesto Rebello.

108

Moderato

con 8a

Ac- cor-da, des- per-ta, não ou-ves tre- men-tes as on-das so- no-ras nas prai-as d'o mar? Oh fi-lha dos an-jos vem dar-me ri- den-tes teus la-bios ar- den-tes na luz do lu- ar.

D. C.

Accorda, desperta, não ouves trementes
As ondas sonoras nas praias do mar?
Oh filha dos anjos vem dar-me ridentes
Teus labios ardentes na luz do luar.

Eu sigo cançado no vasto deserto,
Sem ver madrugada d'encantos surgir,
Ai! não me abandones nas trevas incerto,
Eu quero bem perto um novo porvir.

A vida é tão breve, não deixes, querida,
Sumir-se qual sombra, sem trovas d'amor,
A rola que geme no peito ferida,
Quer doce guarida, oh palida flôr.

Se tudo definha, se tudo fenece,
Na triste voragem de turbidos veus,
Vem tu ser estrella que ao mundo apparece,
Ensina-me a prece que dizes a Deus.

Tão nova e tão triste, sorrisos d'esp'rança
Porque tu não logras na terra fruir?
Acaso deixaste, qual meiga creança,
Alguma lembrança nos ceus ao partir?

Vem leda contar-me, n'um fervido laço,
Teus sonhos ligeiros, oh pallida flôr!
Não temas da noite viver no regaço,
Vem dar-me um abraço em troca d'amor!

Recolhida em Coimbra em 1892.

A QUINTA DO RAMALHÃO

CANTIGA POLITICA

Á Ex.ma Sur.a D. Isolina Teixeira Braga.

109

Allegretto

p

Os Mi- gueis que-rem as- sal - to á quin -ta do Ra - ma- lhão, on-de es- tá pre-za a ra- i - nha co - mo fal - sa á na- ção.

Os Migueis querem assalto
A' quinta do Ramalhão:
Onde está preza a rainha
Como falsa á nação.

Eia, avança caçadores,
Eia, avança batalhão,
Vamos salvar a rainha
A' quinta do Ramalhão.

Para a frente caçadores,
A' quinta do Ramalhão:
Aos caipiras insolentes
E' preciso dar lição.

A quinta do Ramalhão
Ditosa se ha de chamar:
Escondeu-se dentro d'ella
Uma pessoa real.

———

A nossa rainha mãe
Fugiu para o Ramalhão
Por não querer assignar
A nossa constituição.

—Os deputados não fallam,
Só de vós é que eu me queixo,
Assignaste o decreto,
Por isso é que eu vos deixo.

—Dizes bem esposa minha
Eu chorando o assignei.
Sei o que tenho passado
Não sei o que passarei.

No meio d'estes malvados
Não sei o que soffrerei,
Aqui faço o que me mandam,
Sou João, não sou rei.

—Eu assignar não assigno,
Inda que torne ao degredo:
Que eu tenho meu irmão rei,
Tenho meu filho D. Pedro.

Grande magua vae commigo,
Entre suspiros e ais,
Vou cumprir o meu degredo,
Vós no degredo ficaes.

Recolhida em Vizeu, por A. José Ferreira da Silva.

Quando as côrtes de 1820 apresentaram á sanção da familia real a constituição do paiz, a rainha D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI, oppôz-se e não quiz assignar, e de accordo com seu filho D. Miguel chegaram a tentar coagir o timido monarcha a que não acceitasse a constituição decretada pelas cortes. O governo, em vista d'isto ordenou que a rainha fosse encerrada na quinta do Ramalhão por ser contraria á vontade do paiz. Foi então que D. Miguel, tambem avesso á constituição, ou por indole propria ou por suggestão materna, organisou um pequeno exercito, para combater as tropas do governo de seu pae, que proclamavam a nova forma politica; foi este successo que deu origem á formação do partido Miguelista.

O facto da prisão da rainha deu logar ás presentes cantigas. Na segunda columna está representado um dialogo entre a rainha e o rei.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

Á Ex.ma Snr.a D. Catharina Lopes Martins.

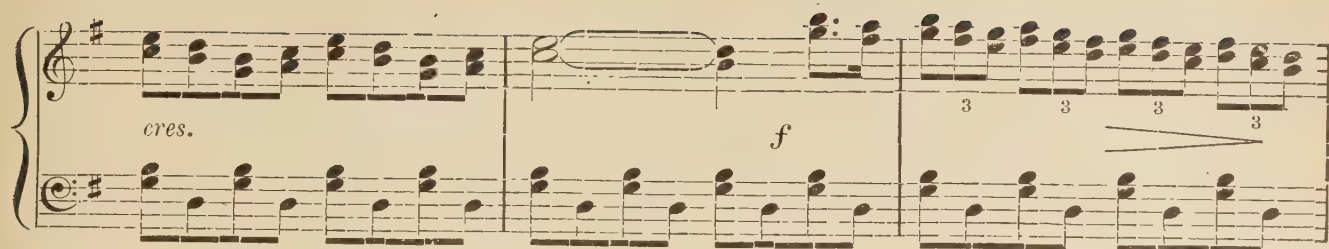
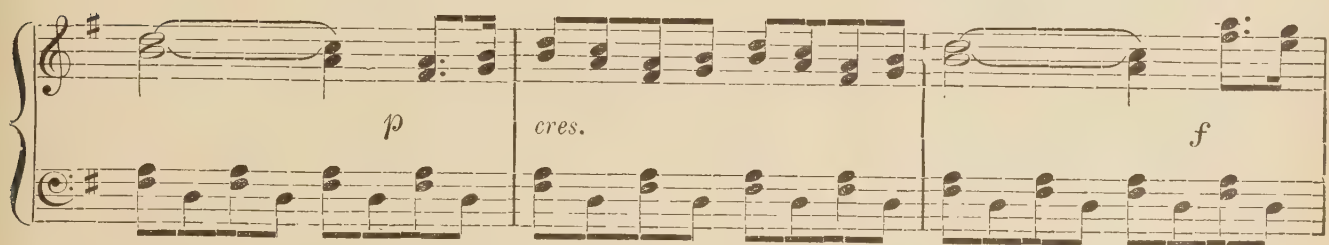
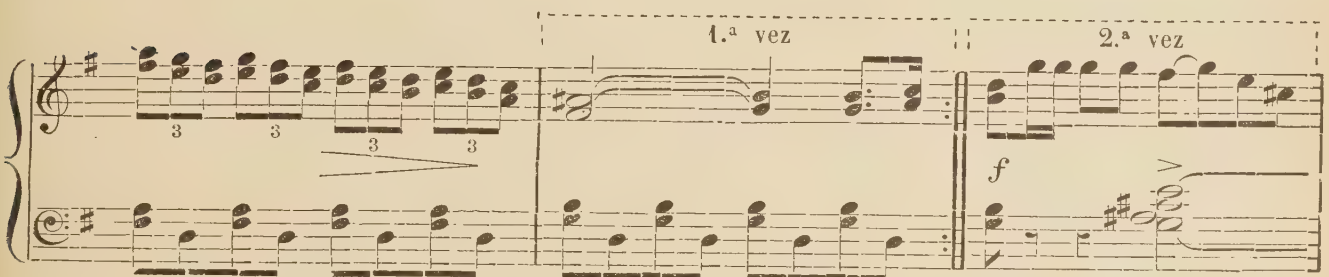
Lettra de J. Nogueira Gandra.
Musica de A. Joaquim Nunes.

110

Marcial

ff p ff p mf f

le é nos - so Pae, nos - sa Mãe a

Lei; El - le é nos - so Pae, nos - - sa

Mãe a Lei, nos - sa Mãe a

Lei, nos - sa Mãe a Lei, nos - sa

Mãe a Lei, nos - sa Mãe, nos-sa Mãe a Lei.

p

cres. f

p cres. f

1.ª vez 2.ª vez

f

ff

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

Os lusos no mundo
Renome tem já,
Mas este renome
Se augmentará.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei,

A gloria de Lisia
Não mais morrerá,
O nome de Pedro
Eterno será.

Amor e respeito, etc.

A patria d'Affonso
Se engrandecerá:
Maria Segunda
Ditosa a fará.

Amor e respeito, etc.

Do throno em defeza
A nação está:
A Constituição
Escudo lhe dá.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei.

Concordia, amizade,
Em nós haverá:
A nossa ventura
Assombro dará.

Amor e respeito, etc.

Prevendo as vantagens
Que o tempo trará;
Em vivas de gosto
Quem não romperá?

Amor e respeito, etc.

Este hymno foi cantado pela primeira vez no Real Theatro de S. João, no Porto, em 14 de Julho de 1826. A lettra é de Joaquim Nogueira Gandra e a musica de Antonio Joaquim Nunes.

Com esta mesma musica e algumas variantes, foi dedicado ao Marechal Saldanha com a seguinte poesia:

Da patria, das leis,
Leal defensor
Foi sempre Salanha
Dos lusos amor.

Da patria, Saldanha
E' firme campeão,
E' livre por elle
A lusa nação.

Saldanha o teu brado
Salvou Portugal,
Da patria adorada
Serás Marechal!

Só sabe Saldanha,
Invicto sem par,
Dos lusos heroes
A gloria imitar.

FADO CHORADINHO

CANÇÃO DA DESGRAÇADA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia d'Aguilar Almeida Pinto.

111

Andante Da 2.a vez com 8a

p *sentimental*

Fui | eu - con-trar a des- | gra - ça on - | de as mais a-cham pra- | zer ;

a - | mor que dá vi-da a | tan - tos só | a mim me faz mor - | rer.

Oh | ci-dra, con-si-d'ra, oh | ci - dra, oh | ci - dra, con-si - d'ra | bem ; de -

pois da ci-dra par - | ti - da, ci - | dıa, que re-me - dio | tem ?

Fui encontrar a desgraça
Onde os mais acham prazer
Amor que dá vida a tantos,
Só a mim me faz morrer.

Oh Cidra, consid'ra oh cidra,
Oh Cidra, consid'ra (1)bem:
Depois da cidra partida,
Cidra, que remedio tem?...

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto?
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou,
Não posso amar a ventura
Que bem cedo me deixou.

Quem tiver filhas no mundo
Não falle das malfadadas;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão,
São mulheres como as mais
Filhas de Eva e de Adão.

Debaixo do frio chão
Onde o sol não tem entrada
Abre-se uma sepultura
Finda o fado á desgraçada.

E Deus, que tudo perdoa,
E a Virgem Nossa Senhora
Hão de ouvir a alma que implora
Salvação á peccadora.

(1) *Conid'ra* por considéra.

Recolhido em Lisboa, em 1850. Este é um dos fados propriamente ditos, e dos mais antigos, por onde se moldaram outros muitos que posteriormente appareceram.

SERICOTÉ

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Amelia dos Santos Barreto.

112

Allegretto — *grande roda* — con 8a

f — p

Es-tou rou-ca, es-tou rou-qui-nha, não é ca-thar-ro nem tos-se; ê o la-drão do a-mor que de mim quer to-mar pos-se.

bailando

mf

Tum, tum, ar-rai-al, tum, tum, ca-ra-col! tum, tum, pin-ta-sil-go, tum, tum, rou-xi-nol.

grand chaine

f

E-ram qua-tro pre-ti-nhos, to-dos qua-tro da Gui-né, e dei-ta-ram a fu-gir dan-çan-do o se-ri-co-té. E-ram qua-tro pre-ti-nhos, to-dos

Polka

qua-tro da Gui- né, e dei- ta-ram a fu- gir dan-çan- do o se-ri-co- té, se-ri-co- té, se-ri-co-

té; vi-e- ram de San Tho -mé. Se-ri-co- té, se-ri-co- té, vi-e- ram de San Tho -mé.

Estou rouca, estou rouquinha,
Não é catharro nem tosse:
E' o ladrão do amor.
Que de mim quer tomar posse.

Tum, tum, arraial,
Tum, tum, caracol,
Tum, tum, pintasilgo,
Tum, tum, rouxinol.

Eram quatro pretinhos,
Todos quatro da Guiné,
E deitaram a fugir,
Dançando sericoté.
Sericoté, sericoté,
Vieram de San Thomé.

O melro canta na faya,
Escutae o que elle diz:
Quem fez o mal que o pague,
Menos eu que o não fiz.

Não me atires com pedrinhas
Que pódes quebrar a louça;
Atira-me ao coração,
Devagar, que ninguem ouça.

Oh minha menina bella,
Ponha o seu amor só n'um;
Não traga tantos á trella,
Póde ficar sem nenhum.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,
Oh mal empregado tiro!
Oh mal empregado tempo
Que eu andei n'amores comtigo.

Recolhida na Torreira, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

Dança.—E' esta uma dança de sala muito em voga na provincia. Os pares dão a mão, formando roda, e andam assim para um lado, emquanto se canta a quadra, (8 compassos) e repetem andando para o outro lado; em seguida emquanto se canta o estribilho *tum, tum, arraial,* pára a roda, e dança cada individuo para um e para outro lado, dando estallos com os dedos, voltando-se cada cavalheiro ora para o seu par ora para a dama que lhe fica ao lado; e o mesmo fazem as damas. No estribilho immediato faz-se *grand chaine,* que se repete ao contrario, os ultimos compassos *(sericoté)* são dançados em passo de polka.

DON SOLIDON

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Marianna Soares Dias.

Allegretto

113

Grazioso

Ai a me- ni-na, don so-li- don, co-mo vae ai- ro - sa;

Ai a me- ni - na, don so-li- don, co-mo vae ai- ro - sa, po-nha a mão na tran-ça, don so-li-

don não lhe cái-a a ro - sa, po-nha a mão na tran-ça don so-li- don não lhe cái-a a ro - sa.

Ai a menina,
  Don solidon
Como vae airosa!
Ponha a mão na trança,
  Don solidon
Não lhe cáia a rosa.

Ai a menina,
  Don solidon
Como vae contente!
Ponha a mão na trança,
  Don solidon
Não lhe cáia o pente.

Ai a menina,
  Don solidon
Como vae bonita!
Ponha a mão na trança,
  Don solidon
Não lhe cáia a fita.

Ai a menina,
  Don solidon
Bem a vi estar,
A' borda do rio,
  Don solidon
A ensaboar.

Recolhida em Lisboa em 1891, mas é muito mais antiga.

SERENATA

CANÇÃO AÇORIANA

Lettra de Anthero de Quental.
Musica de João Maria Sequeira
e de João Bernardo Rodrigues.

114

Andante

p

legato

a voz canta sempre a nota superior

p

Ca - hiu do ceu u - ma es- -trel - la, Ai que eu bem a vi tom - bar!

E - ra a noi - te pu - ra e bel - - la Mur - mu - - ra - va ao lon - ge o

cresc.

mar, ao lon - ge o mar, ao lon - ge o mar, ao lon - ge o mar.

f

ad libitum

trel - la, Triste do que a viu tom- -bar.

legato

pp

Cahiu do ceu uma estrella,
Ai que eu bem a vi tombar!
Era a noite pura e bella,
Murmurava ao longe o mar;
Era tudo extasi e calma,
Perfume, encanto e fulgor...
Só no fundo da minha alma,
Que desconforto e que dôr!
  Dorme e sonha, minha bella,
  Emballada ao som do mar«..
  Cahiu do ceu uma estrella,
  Triste do que a viu tombar!

Era uma estrella cahida,
Uma entre tantas, não mais!
Era uma illusão perdida,
Um só ai entre mil ais!
E has de viver torturado
Louco, incerto coração,
Só por um astro apagado,
Por uma morta illusão?
  Dorme e sonha, minha bella,
  Como chora ao longe o mar!
  Cahiu do ceu uma estrella,
  Ai de mim que a vi tombar!

ANTHERO DE QUENTAL.

Ao nosso presado amigo, distincto poeta e nosso consul em Genova, o ex.mo snr. Joaguim de Araujo, devemos o ter adquirido esta maviosa composição, cuja historia Anthero de Quental resumiu em uma eloquente carta ao ex.mo snr. dr. Wilhelm Storck, impressa primeiramente nas *Cadencias Vagas,* d'onde passou para os *Raios de extincta luz*.

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Pinto Soares de Miranda.

Andante

115

f

p

Qual que - bra a va - ga do mar

car - co - men - do as du - ras fra - - gas, as - sim da

sau - da - de as va - - - gas o meu pei - to vem que - brar:

O meu des - ti - no é pen - sar, in - gra - ta,

no teu ri - gor; vê que con - tras - te d'hor - ror:

Tu na mi- nh'al-ma gra- -va - - - -da, da tu - - a men-te a - pa-

ga - - - - da Lem- bran- ças do nos - so a- -mor.

Qual quebra a vaga do mar,
Carcomendo as duras fragas,
Assim da saudade as vagas
O meu peito vem quebrar.
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor.
Vê que contraste de horror:
Tu, na minh'alma gravada,
Da tua mente apagada
Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;
Se o sol se despede, eu choro;
Se a briza passa, eu imploro
Compaixão p'r'o meu tormento.
Como não gozo um momento
Do somno o dôce favor,
Alta noite, com fervor,
Em ti minh'alma se inspira.
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado.
Sinto meu corpo vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria;
Vai passear algum dia
Onde o meu corpo repousa:
Da sepultura—na lousa
Que ha de abafar minha dôr—
Por piedade, por favor,
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

RESPOSTA

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
D'esse passado desfeito
Não posso lembrar-me agora:
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor;
Se é fraqueza, ou se é rigor,
Perdão imploro clemente,
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante;
Porque buscas, inconstante,
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do ceu
Amal-o com firme ardor.
Vê o contraste de horror:
De minha mente exclui,
E nem me restam de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magua,
Destroe humana grandza,
Da vida, gloria e riqueza
Até a esperança se apaga;
Talvez que o tempo te traga
Remedio p'ra a tua dôr;
Só eu mereço um favor,
Se inda me tens amizade,
Não conserves, por piedade,
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,
Não me magôes est'alma,
Vai amar outra—e acalma
Teu soffrer n'estes amores;
Quando cadaver já fôres,
Não me pedes, trovador,
Que vá plantar uma flor?...
Pois ella deve morrer,
E nunca mais ha de ter
Lembranças do nosso amor.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal. Não conhecemos o author.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA

A' Ex.[ma] Snr.[a] Condessa de Vinhaes.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyrica IV. *Parte* II.

116

Adagio mavioso

Suc- -ce - de, Ma - ri - - lia bel - - - la, á me - do - nha noi - te o di - - - a: a es -ta- -ção chu - vo - sa e fri - - a á quen- -te, sec - ca, es - - ta- -ção; a es - ta - ção chu - vo - - - - sa e fri - - - - a á quen- - te. sec-ca, es - - ta - -ção.

Allegretto

Mu - da - se a sor - te dos

tem - - - pos, só a mi - nha sor - te não ?

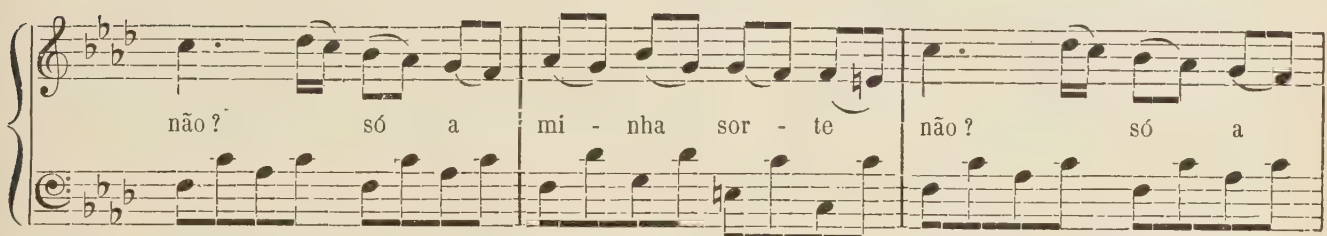
Mu - da-se a sor - te dos tem - - - pos só a mi - nha sor - te

não ? só a mi - nha sor - te não ? só a

mi - nha sor - te não ? *dolce* não. não,

não, não, não, não ! . . .

Esta musica foi muito cantada nos concertos em familia, e popularisou-se em Portugal e no Brasil.

MARILIA DE DIRCEU

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação medonha e fria
A' quente, secca, estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flores viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra;
No mais tempo ceu e terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, oh bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O veu rompe com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou. verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha,
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

Devemos á amabilidade do nosso respeitavel amigo e distincto professor do lyceu do Porto, o ex.mo snr. Augusto Luso da Silva, a collecção de arias de sala sobre as lyricas de Thomaz Antonio Gonzaga, que hoje principiamos a publicar.

E' lythographado em caracteres manuscriptos o exemplar d'onde transcrevemos a musica e não traz o nome do author d'ella. Vem escripta toda na clave de soprano, com acompanhamento de viola e guitarra, como era uso ainda nos fins do seculo passado e principio do presente.

CANTATA A D. MIGUEL I

E' Miguel anjo de paz
Que Deus tem por general;
E' Miguel, no throno luso,
Novo Rei de Portugal.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

Se Miguel nos vastos ceus
Anjos maus fez confundir;
E' Miguel, no throno luso,
Que os *maçōes* (1) vem destruir.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

D. Miguel fôra mandado sahir de Portugal, por conveniencia politica, em 1824; porém foi chamado por seu irmão D. Pedro em 1826 para vir occupar a regencia do throno portuguez, constitucionalmente, com o contracto de casar com a rainha D. Maria da Gloria, sua sobrinha, logo que ella chegasse á maior edade. D. Miguel que estava em Vienna d'Austria acceitou a proposta. Logo que isto se soube em Lisboa, explodiu tudo em enthusiasmo; a camara, o senado, o clero, a nobreza e todas as classes da sociedade rejubilaram, preparando festejos, por toda a parte, ergueram-se arcos triumphaes; no Terreiro do Paço levantou-se um pavilhão do municipio para a ceremonia da entrega das chaves; e grande numero de cavalheiros e damas de distincção constituiram uma sociedade coral para cantarem a presente cantata no mesmo local.

As damas tinham, geralmente, pelo principe uma sympathia louca; elle tambem era conquistador: Tinha magnifica plastica, e montava bem; sympathico de feições, boa presença, affavel para com todos e com especialidade de uma delicadeza extrema para com as senhoras, ensinuava-se amavelmente no coração de todos, e eis porque a todos fanatisava. Decorreram quasi dous annos sem que o Rei tão querido e desejado apparecesse; porém a 22 de fevereiro de 1828 aproou á barra a fragata *Perola*, como diz a trova, e desembarcou na praia de Belem. Foi uma decepção geral, pois tudo estava preparado para o receber no Terreiro do Paço. Intrigas politicas a que D. Carlota não era estranha motivaram esta sensaboria.

A cantata não teve logar, e, passando para o dominio publico, transformou-se na canção das ruas.

O REI CHEGOU

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão;
Anda cá, meu querido filho,
Não queiras constituição.

Rei chegou!
Rei chegou!
Em Belem
Desembarcou.

Pedro quarto, não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de egual preço,
D. Miguel seu querido irmão.

Rei chegou, etc.

Entre Pedro e Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é Rei,
Foi D. Pedro que o quiz.

Rei chegou, etc.

E' certo, e mais que certo,
D. Miguel ser nosso Rei;
E' certo, e mais que certo,
Que assim é que manda a lei,

Rei chegou, etc.

D. Miguel chegou á barra,
Já o seu signal içou;
E' certo e mais que certo,
Que já D. Miguel chegou.

Rei chegou, etc.

(1) Os partidarios do absolutismo apodavam de *maçonicos* e *pedreiros-livres* os constitucionaes; tambem lhe chamavam *malhados*.

CANTATA A D. MIGUEL I

A' Ex.ma Snr.a D. Izabel Maria Guimarães Allegro.

117

Maestoso

f

voz

p

E' Mi - guel an - jo de paz Que Deus tem por ge - ne - ral; E' Mi - guel, no thro - no lu - so, no - vo Rei de Por - tu - gal.

CORO

f

Vi - va El - Rei Mi - guel pri - mei - ro. Vi - va Car - lo - ta im - mor - tal, Vi - va o

Deus d'Af-fon-so Hen-ri-ques, A tro-pa fir-me e le-al *ff* Vi-va! Vi-va! *mf.* Vi-va El-Rei Mi-guel pri-mei-ro *ff* Vi-va! Vi-va! *mf.* Vi-va Car-lo-ta im-mor-tal. *ff*

Foi d'esta cantata que sahiu a celebre canção das ruas que deu origem a muita cacetada entre constitucionaes e realistas

O REI CHEGOU

D. Mi-guel che-gou á bar-ra, Su-a mãe lhe deu a mão: An-da cá, meu q'ri-do fi-lho, Não quei-ras cons-ti-tui-ção. Rei che-gou! Rei che-gou! Em Be-lem des-em-bar-cou. Rei che-gou! Rei che-gou! Em Be-lem des-em-bar-cou.

D. Miguel é nosso Rei,
Elle é rei d'esta nação;
Defensor e general
Da santa religião.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é delgadinho,
Bonitinho e bem feito;
Prometteu aos realistas,
A sua effigie p'ra o peito.

Rei chegou, etc.

A nau fragata *Perola*
E a marinha fiel,
Trouxe a porto e salvamento,
El-Rei senhor D. Miguel.

Rei chegou, etc.

Os *malhados* não queriam
D. Miguel p'ra general,
Mas agora ahi o tendes,
Para Rei de Portugal.

Rei chegou, etc.

Os *mações* o desterraram,
Enganando o augusto pae;
Ora vêde, reparae
Como elles se enganaram.

Rei chegou!
Rei chegou!
E o papel
Não assignou.

Os miguelistas, enthusiasmados com a presença do seu Rei, cresciam cada vez mais em doestos e ameaças aos adversarios, como se vê nas seguintes quadras:

Venha cá, oh sôr malhado,
Sente-se n'esta cadeira,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão parto-lhe a caveira,

Venha cá, oh sôr malhado,
Tire já esse barrete,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão leva com um cacete.

Venha cá, oh sôr malhado,
Metta a mão n'esta gaveta,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão vae para a calceta.

Os constitucionaes respondiam atrevidamente, com insultos, obscenidades e allusões de toda a especie. Aberto o campo da descompostura, serviu de vehiculo de toda a casta de insulto, de parte a parte, a musica do Rei chegou.

Para espalhar a fome
Uma moda se inventou.
Qnanto mais a fome aperta
Mais se canta o rei chegou.

Fóra patife,
Fóra malhado,
Fóra caipira (1)
Desavergonhado.

O fanatismo politico e pessoal por D. Miguel tocou as raias do delirio. Na egreja de Santo Antonio, da cidade do Porto, os frades collocavam, nos dias de festa, no meio do throno, onde estava exposto o Sacramento, o retrato de D. Miguel com o seguinte distico:

Viva D. Miguel primeiro
D'este convento o padroeiro.

O mesmo succedia em Santo Antonio dos Congregados

Nas missas de festa era de rigor que o numero da *Gloria: Quoniam tu solus sanctus, tu solus Dominus, iu solus altissimus, etc.* fosse cantado com a musica do Rei chegou.

Esta musica teve o prestigio de poder ser interprete de sentimentos tão oppostos e de paixões politicas tão encarniçadamente inimigas, sendo apenas a differença na fórma expressiva: o respeito e enthusiasmo d'uns, e a expressão ridicula d'outros.

(1) *Caipira*, palavra brazileira que significa raça despresivel. Os dois partidos dirigiam-se mutuamente a mesma injuria.

ESTÁ NA EDADE DE CASAR

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Izabel Maria Peres do Rego Barreto.

118

Maestoso. *f*

A menina Fulaninha 'stá na edade'stá na edade de casar 'stá na edade'stá na edade de casar. Por isso aqui na roda escolha par escolha par que lhe agradar escolha par escolha par que lhe agradar.

Vae-te embora amor ingrato.
Já não quero nada teu,
Porque foste dar a outro
Coração que já foi meu.

ESTRIBILHO

A menina (Francisquinha),
Está na edade,
Está na edade de casar,
Por isso aqui na roda
Escolha par,
Escolha par que lhe agradar.

RESPOSTA

Não te quero... Não me serves...
Não é a ti,
Não é a ti que eu hei de amar.

Não te quero... Não me serves...
Só a ti,
Só a ti é que hei de amar.

Do mel puro dos teus labios
Dá-me a esmola d'uma gotta;
Tenho febre, tenho séde,
Tenho amarga a minha bocca.

O meu peito solitario
E' um ninho de cantigas;
Ali dormem, ali vivem,
Esperando as raparigas.

Ao passar por este sitio
Não te ponhas tão córada:
Este sitio não tem lingua,
A ninguem contará nada.

O diabo leve os homens,
Menos tres que eu conheço,
E' meu pae e meu padrinho,
E o amor por quem padeço.

Se eu lavasse uma camisa,
Cá de certas raparigas,
Iria pol-a a córar
Sobre a rama das ortigas.

Recolhida no Marco de Canavezes por F. P. Nogueira.

Dança.—Forma-se a roda e no meio fica uma pessoa. A roda gira cantando-se uma quadra desgarrada. No estribilho soltam-se as mãos e viram-se todos para a pessoa que está no meio, dizendo-lhe o nome, por exemplo: A menina Izabelinha (se é senhora) ou o snr. Adriano ... (se é homem) *está na edade, está na edade de casar*, etc. Depois a pessoa que está no meio diz a *resposta*, percorrendo a roda, e repellindo, por accionado, um e outro par, á maneira que vae dizendo *Não te quero... Não me serves*, etc. até que diz *Só a ti é que hei de amar*; então abraça essa pessoa e dança em passo de valsa; e todos os pares fazem o mesmo. O par da pessoa abraçada, como fica só, é que vae para o meio, e repete-se a mesma dança. A pessoa que já esteve no meio não deve tornar a ser escolhida; por isso este jogo deve ser dançado tantas vezes quantas sejam as pessoas que formem a roda.

D. SILVANA

ROMANCE

A' Ex.[ma] Snr.[a] D. Eugenia do Souto Alves.

119

Andante

dolce

In - do Do - na Sil- va - - - - - - na
pe - lo cor - redor a - - ci - - - - - ma,
To - can - do n'u - ma gui - - tar - - - - ra
que gran - de es - tron - - do fa - - zi - - - a.

Indo Dona Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando n'uma guitarra
Que grande estrondo fazia,
Acordou seu pae da cama,
Do somno em que elle dormia.
—Que tens tu, D. Silvana,
Que tens tu, ó filha minha?
—Tres manas que nós eramos,
São casadas, teem familia;
E eu, por ser a mais formosa,
Para o canto ficaria.
—Só se fôr com Conde Alberto:
E' casado, tem familia...
—Mande-o, meu pae, chamar,
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
Já Conde á porta batia.

—Que quer Vossa Magestade?
Que quer Vossa Senhoria?
—Quero que mates Condessa
P'ra casar com minha filha.
—Eu Condessa não a mato,
Que ella a morte não mer'cia.
—Mata, Conde, mata Conde;
Senão... eu tiro-te a vida.
E mandarás a cabeça
N'esta doirada bacia.

Foi Conde para palacio,
Pensando no que faria;
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;
Mandou vestir seus creados
De lucto, á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa,
Para fingir que comia!
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corriam!
Deitou-se na sua cama,
Para fingir que dormia:
Os suspiros eram tantos,
Que até palacio tremia.

—Tu que tens, ó Conde Alberto?
Tu que tens, ó vida minha?
Conta-me a tua tristeza,
Que eu conto minha alegria.
—Mandou o Rei que te mate
P'ra casar com sua filha.
—Escuta, Conde, escuta, Conde,
Que isso remedio teria:
Metterás-me n'um convento,
Serei freira recolhida;
Me darás o pão por onça,
E a agua por medida,
Darás sardinha salgada,
Que me acabes com a vida.
—Quer que te mande a cabeça
N'essa maldita bacia.
—Deixa-me dar um passeio,
Da sala para a cozinha:
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de paixão,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe no caixão;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de pezar,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe a enterrar;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de amargura,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe na sepultura;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite derramado,
«Que ámanhã por estas horas
«Está meu corpo sepultado.»

Estando o menino ao peito
(Inda nem um mez teria!)
Tocam sinos em palacio:
—Minha mãe, quem morreria?
—Morreu a filha d'El-Rei
Pela traição que fazia:
Apartar os bem casados,
Coisa que Deus não queria.
Venham condes e marquezes,
Para o jardim de alegria!

Recolhida no Porto. Antigamente, nas escolas de instrucção primaria do sexo feminino, as creanças, nas horas de recreio, cantavam romances e xacaras antigas. A D. Silvana era um d'esses cantos. Tambem se divertiam com as danças de roda nacionaes. Hoje poucas *mestras* conservam este costume.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

MARCHA E CANTICO PROCESSIONAL

A Miss Louise Carolina Martins.

Musica de Francisco Manuel de Mattos.

Maestoso

120

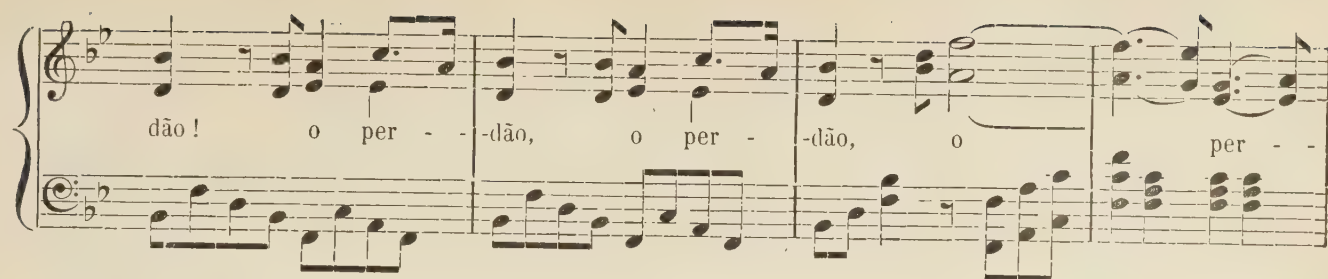
f

con 8ª

con 8ª

VOZ

p

Fon - te da vi - da ce - les - te, prin - ci - pio de to - da a

luz For - mo - - su - raim - com - pa - - ra - vel Co - ra - - ção do meu Je -

sus. For - mo - - su - ra im - com - pa - - ra - vel. Co - ra - - ção do meu Je -

CORO

f

sus. Sois dos tris - tes o con - - so - lo, Sois dos fa - - min - tos o

pão, Dos en - - fer - mos o re - - me - dio, dos con - tri - - ctos o per -

dão! o per- -dão, o per- -dão, o per- -dão!

ff

con 8ª *mf.*

con 8ª

con 8ª

Fim

TRIO

Co - - - - ra - ção | san - - - - to | Tu rei - na -

rás, | Tu nos - so en- | -can - - - - to

Sem - - pre se - | -rás, | Co - - mo sol - -

da - - - - do | ve - - - - la o seu | re - - - - i.

as - - sim meu san - gue, | as - - sim meu | san - gue por ti da - | rei.

D.C.

Em quasi todas as nossas provincias é costume, nas procissões, o povo cantar os hymnos religiosos acompanhado de bandas marciaes. A presente marcha é de Bragança, (1888) onde se solemnisa pomposamente o SS. Coração de Jesus, devoção antiquissima espalhada por todo o paiz.

Devemos á dedicação do nosso estimavel amigo o distincto official do exercito o ex.mo snr. F. P. da Silveira a aquisição da partitura d'onde transcrevemos esta marcha.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

Fonte da vida celeste,
Principio de toda a luz,
Formosura incomparavel,
Coração do meu Jesus.

CORO

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos contrictos o perdão!

Sois dos justos o enlevo,
Sois dos anjos a alegria,
Dos seraphins o encanto
Dos coros a melodia!

Sois dos martyres a corôa,
Coragem dos confessores,
Sois das virgens a candura,
Esperança dos peccadores!

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos contrictos o perdão!

A Vós, pois, nós recorremos,
N'estes dias d'afflicção,
Com certeza na victoria,
Oh Divino Coração!

Coração Santo
Tu reinarás,
Tu nosso encanto
Sempre serás.

Como soldado
Vela a seu rei,
Assim meu sangue
Por Ti darei.

Se o mundo iniquo
Me combater,
Sempre a Teu lado
Hei de vencer.

Anjos, Archanjos,
Santos do ceu,
Comnosco velam
Ao Throno Teu.

No mundo a Igreja
Soffre por Ti;
Na guerra ajuda-me
Tambem a mim.

Dá-me o triumpho
Na salvação,
P'ra louvar sempre
Teu Coração.

Estes versos cantam-se tambem nas igrejas do Porto, e em muitas da provincia, durante o mez do Coração de Jesus.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Virginia Neves d'Almeida.

Grave

121

f

Sol - dados in - -gle-zes não u - sam cha- peu, u- sam bar - re- ti - - nas que che - gam ao ceu, u- -sam bar - re- - ti - - nas que che - gam ao ceu. Záz - traz que te pi - lho, que já te pi- lhei. O- -ra vem a meus bra - - ços meu a-mor, meu bem. O- -ra vem a meus bra - - ços meu a - mor, meu bem.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

C Soldados inglezes
Não usam chapeu;
D Usam barretinas
Que chegam ao ceu.

C Záz-traz que te pilho,
D E eu já te pilhei,
C e **D** Ora vem a mens braços,
Meu amor, meu bem.

C Soldados inglezes
Trajam d'algodão;
D Eu trajo de linho,
Que é fresco p'ra o v'rão.

Záz-traz, etc.

C Soldados inglezes
Trajam de encarnado
D Eu trajo d'azul,
Que é mais engraçado.

Záz-traz, etc.

Dança.—Formam-se os pares em duas filas: as damas de um lado e os cavalheiros do outro. Avançam todos e recuam duas vezes, depois atravessam e tornam aos seus logares, emquanto se canta a quadra. No estribilho, a fila dos cavalheiros marcha até ao meio, accionando caracteristicamente ás damas, cantando *Zás-traz que te pilho*, e dando meia volta á direita, voltam-lhe as costas e tornam ao seu lugar; no entanto as damas marcham em seguida até tocar com a mão no hombro do cavalheiro, cantando *Eu já te pilhei;* e voltando-lhes as costas tornam ao seu logar, mas os cavalheiros que já se teem voltado, seguem as damas cantando *Ora vem a meus braços*, etc. e as damas ao chegarem ao seu logar, voltam-se, abraçam o cavalheiro repetindo os versos *Ora vem*, etc. dando uma volta e tornam aos seus logares.

A musica deve ser cantada alternadamente, por damas e por cavalheiros como vae indicado com as iniciaes *C* (cavalheiros) *D* (damas).

A musica d'esta dança, bem como a propria dança, é inglezada, e parece datar do principio seculo XIX.

DESPEDIDA DE COIMBRA

BARCAROLA

Á Ex.ma Snr.a D. Marianna d'Oliveira Peniche.

122

Andantino

f *p*

Já não ou - - ço de Co - im - bra os a - -le - gres, do - ces can - tos é si - -len - cio tu - do a - go - ra, dei - xo ri - - so, ve - - jo pran - tos

ESTRIBILHO

mf. Dei - xa, dei - - xa, oh bar - - quei - ro, ir o bar - - co len - - ta - men - te; Dei - xa, pá - ra, que a sau - da - de ir mais

rall.

lon - - ge não con- sen - te, ir mais lon - - ge não con - - - - -

rall. molto

sen - te ir mais lon - - ge não con - - sen - te.

Já não ouço de Coimbra
Os alegres, doces cantos:
E' silencio tudo agora,
Deixo riso, vejo prantos.

Deixa, deixa, oh barqueiro,
Ir o barco lentamente,
Deixa, pára, que a saudade,
Ir mais longe não consente.

Já se avista ao longe a lua
Que de brilho nos cercou.
Vem com ella mais lembrança
D'esse tempo que passou,

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo altas colinas,
Que dofronte alli gosei:
Nem dos prados as boninas
Que ditoso contemplei!

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo os meus amores
Lá n'essas serras d'alem;
Só me restam as saudades
Do tempo que já não vem.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo a tricana
Pelos montes a correr;
Já não ouço os seus cantares
Tenho magua por prazer.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Recolhida em Coimbra em 1892 pelo Rev.mo Snr. Padre Cunha.

CONSELHO MATERNO

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Zelia Ayres.

Andante expressivo

123

p

Mi - nha mãe tão po - bre- - si - nha, coi - ta - di - nha! Não tem na - da p'ra me dar; não tem na - da p'ra me dar; Ca - da ho - ra dá-me um bei - - jo, e de- -po - is fi - ca a cho- -rar; e de- pois fi - ca a cho- -rar.

rall.

Minha mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra me dar;
Cada hora dá-me um beijo,
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,
Não é d'ouro,
Que ella é pobre e nada tem;
Mas um conselho materno,
E' um thesouro tambem.

Escuta, filha querida,
Minha vida!
Cada dia ella me diz;
Ouve a lição que te ensino,
Que não serás infeliz:

Da mulher toda a riqueza
E' a pureza!
Oh filha, confia em Deus!
Sê casta e boa que os anjos
Hão-de coroar-te nos ceus.

Tua mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra te dar;
Dá-te a lição da virtude,
Que te repete a chorar.

Recolhida no Porto em 1892. Não conhemos os authores d'esta canção.

ESTA CALÇADINHA

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Elisa Ernestina Guimarães Allegro.

Andantino

124

f *p* Mui- -to cus- ta u ma au zen - cia a quem a sa- be sen- -tir. mais cus-ta u-ma pre -sen-ça de ver e não pos-su- -ir.

Estribilho

mf Es- ta cal-ça- -di-nha vae pa-ra o Ra mal, vae fa- zer as pazes com quem an-da mal. Com quem an-dou mal an-da a-go-ra bem, es ta cal-ça- -dinha vae ter a Be- lem.

Recolhida em Coimbra em 1870.

Muito custa uma ausencia
A quem a sabe sentir;
Mais custa uma presença
De vêr e não possuir.

Esta calçadinha
Vae para o Ramal,
Vae fazer as pazes
Com quem anda mal.
Com quem andou mal
Anda agora bem;
Esta calçadinha
Vae ter a Belem.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia;
Triste sou, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

Anda cá, meu amor morto,
Dize la quem te matou:
Se te matou minha ausencia,
Resuscita, eu aqui estou

Ausente de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança:
Quanto mais ausente vivo
Mais o trago na lembrança.

Ausente do bem que adoro,
Nada me pode agradar;
Eu não vivo para o mundo
Vivo só para o amar.

Eu dei um ai sobre os montes,
Accudiram-me as montanhas;
Ai de mim que já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Não ha coisa que mais cheire
Do que a laranjeira em flor:
Não ha coisa que mais custe
Do que a ausencia do amor.

Esta calçadinha
Vae ter á deveza,
Vae tomar amores
Co'uma camponeza.
Co'uma camponeza,
Oh que lindo amor:
Esta calçadinha
Vae p'ra Villa Flor.

Este estribilho pode ter sempre rythmas e alluzões diversas, improvisadas na occasião da dança.

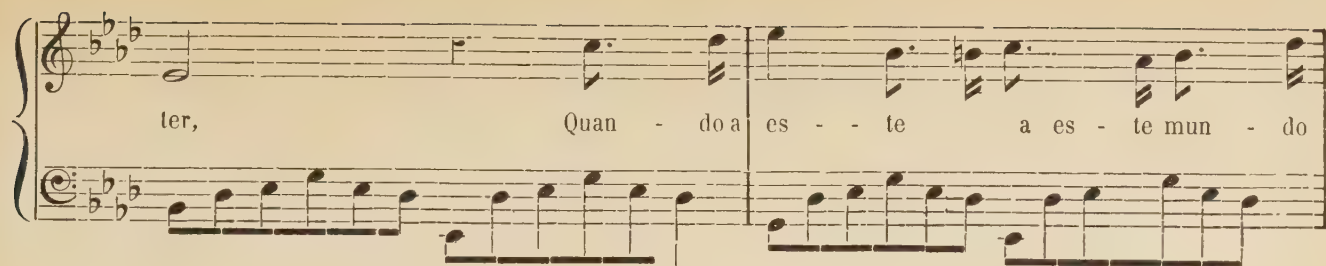
A ESCRAVA

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Rita Adelaide de Castro Almeida.

125

Andante

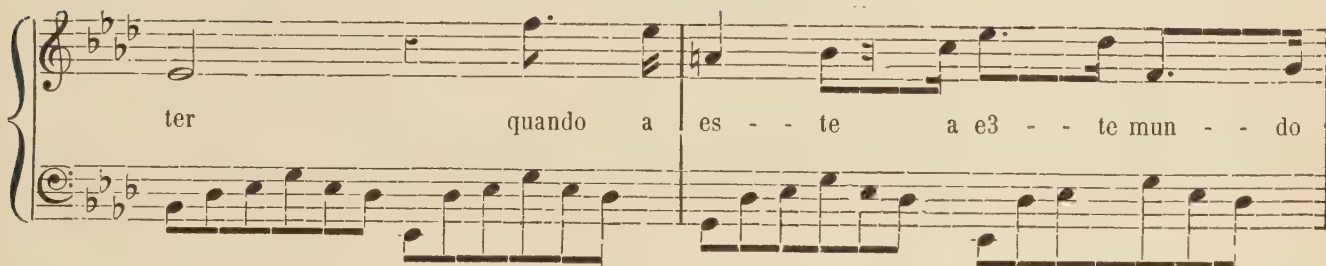
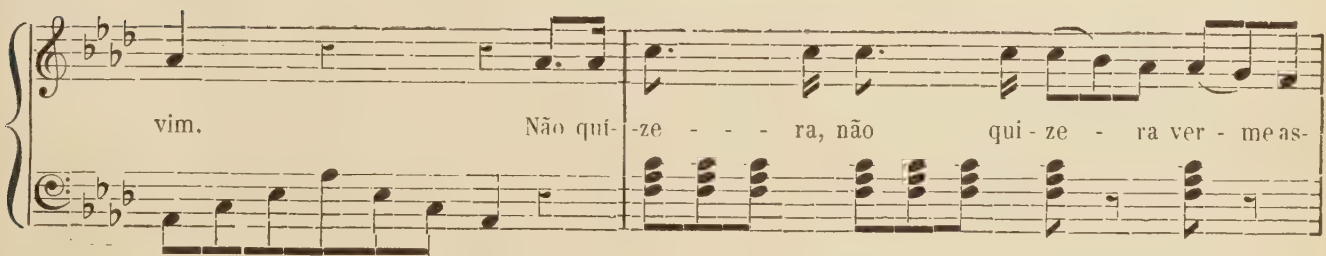
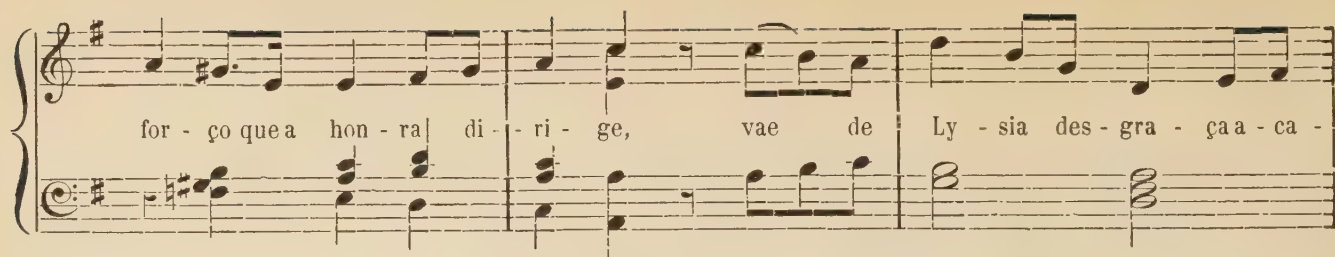
Es- -cra - va, sin - to sau- -da - - - - de do pa- iz em que nas - - -ci, E pa - - - ra co-brar a li - ber- -da - - de cho - - - - ro e can - to a-go - ra a -qui. Quem me de - ra o - lhos não

rall. *a tempo*

ser dei- -xae - - - me ir p'ra mi-nha

ter - - - - - - ra dei- -xae - - me ir lá mor -rer dei-

xae - - - me ir p'ra mi-nha ter - - - - ra dei - - - - - -

xae - me ir lá, ir lá mor -rer.

Escrava sinto a saudade
Do paiz em que nasci;
E, para cobrar a liberdade,
Choro e canto agora aqui.

Quem me dera olhos não ter
Quando a este mundo vim.
Não quizera vêr-me assim
Já que escrava vim a ser.
Deixae-me ir p'ra minha terra,
Deixae-me ir lá morrer.

sce - ptro mais tem - po sus- -ter, Que nas a - - ras da Pa - tria ju -

ra - - - - - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor - -rer; Que nas

a - ras da Pa - tria ju- -ra - mos vi - - ver li - vres ou li - vres mor-

rer. Que nas a - ras da Pa - tria ju- -ra - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor-

rer; mor - -rer; mor - -rer.

HYMNO DA AMELIA

Da Rainha e da Carta o pendão
Já nos mares se vê a tremular,
Nobre esforço que a honra dirige,
Vae de Lysia a desgraça acabar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Forte esquadra que os lusos transporta,
Já com sôpro galerno marêa,
Porque arvóre o tropheo bicolor
Sobre os muros da afflicta Ulissêa.

Foge, foge, etc.

Cara Lysia em gemido implora
Que as algemas lhe vamos quebrar;
Já nas praias as mães lacrimosas
Pelos filhos se escutam bradar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Nossos votos são Carta e Rainha;
Nosso guia quem ambas nos deu;
Defendemos a causa do mundo;
E' por nós a justiça do ceu.

Foge, foge, etc.

Nota.—*Hymno da Amelia;* foi assim que o author, D. Pedro IV, o denominou por o ter composto a bordo da corveta *Amelia* na sua viagem para Portugal, para animar e enthusiasmar os 7.500 expediccionarios que o acompanhavam.

Na primitiva o hymno só tinha as quatro quadras e coro que acima transcrevemos e que se julga serem tambem da lavra de D. Pedro, porém depois foram lhe addiccionadas outras, cujo author desconhecemos. e que collocaram a seguir á primeira. São as seguintes:

Contra o Tejo se a fida cohorte
Voga affouta com animo hostil,
Não, não é porque as aguas lhe turve
Rubra mancha da guerra civil.

Foge, foge, o tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nosso brio é de um throno usurpado
Esmagar a prejura oppressão,
Restaurar de Maria os direitos,
Libertar a trahida nação.

Foge, foge, etc.

Quem da gloria aos altares saudosos
Nos conduz denodado e prudente,
Chefe augusto que a purpura ornara,
E' o pae da rainha innocente.

Foge, foge, etc.

D'entre a noite do carcere horrendo,
Resurgidos ao dia fatal,
Inda vertem heroes portuguezes
No patibulo o sangue leal.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nas entranhas de escura masmorra,
Onde reina da morte o terror,
Outros mil inda esperam constantes
Igual sorte com o mesmo valor.

Foge, foge, etc.

Mas eis regio santelmo apparece!
Lá descóra o cobarde furor,
Cae a c'rôa da fronte á perfidia,
Treme o ferro nas mãos do traidor.

Foge, foge, etc.

Este hymno é actualmente denominado de D. Pedro IV, e tocam-o as bandas marciaes em todas as solemnidades festivas ou funebres, que tenham relação com aquelle monarcha.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA II

A' Ex.ma Snr.a D. Julia de Souza Magalhães Figueiredo.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyrica V. *Parte* II.

Andante moderato

127

Já, já, me vae, Ma - rí - lia, bran-que - jan- do lou - ro ca-bel- lo que cir -cu-la a tes -ta, es- -te mes-mo que al-ve - já vae ca- -hin-do, e pou - - co já me res - - - - - - - - ta.

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vae cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando;
Vae fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus hombros já se gastam;
Vou dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se;
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccam;
Na primavera que aos mortaes encanta,
Apenas cae do céo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual planta,
No meio da desgraça, que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morreu de amores?

O ENGEITADO

FADO

A' Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Celorico Cordeiro e Costa. *Lettra de J. F. de Serpa Pimentel*

Andante

128

dolce

Po- | bre nas - ci, po - bre | vi - vo, tris - | - te, não te-nho nin - | -guem; nem

de pae o bra - ço al - | - ti - vo, nem | do - ces mi-mos de | mãe; Sou o

mes - qui - nho en - gei - | - la - do, Pe - | lo ho-mem des- pre - | -za - do, da

mu-lher a-ban - do - | - na - do, dos | mi - ser - ri-mos a - | lem.

D.C.

Recolhida em Vizella em 1892, por F. P. Nogueira.

O ENGEITADO

Pobre nasci, pobre vivo,
Triste, não tenho ninguem,
Nem de pae o braço altivo,
Nem doces mimos de mãe;
Sou o mesquinho engeitado,
Pelo homem despresado,
Da mulher abandonado,
Dos miserrimos além.

A nudez, o frio, a fome
Meu pobre berço embalaram;
Ao fraco infante sem nome
Que dôres crucificaram!
Nunca uma lagrima, um pranto,
Nunca da meiguice o encanto
No infeliz que soffre tanto,
Duros mortaes derramaram.

Nunca provei as ternuras
D'um osculo maternal;
Nem imaginei doçuras
Da amisade fraternal;
Não concebe a minha mente
As idéas de—parente,
—De familia—de ascendente,
—De berço ou terra natal.

Mas cresci, medrei; no mundo
Vela eterna a Providencia;
O seu instincto profundo
Falla em minha consciencia.
Quem dá vida á flôr do prado?
Movimento ao mar salgado?
Sustento ao pobre engeitado?
E' de Deus a omnipotencia.

Que por mim passem altivos,
Ricos de sua vaidade,
Esses, que olhando-me esquivos
Riem da minha orphandade.
Que importa a minha pobreza,
Compensou-me a natureza,
Dando-lhe a elles—riqueza.
Dando-me a mim—liberdade.

Eu sou livre; não me prendem
Laços alguns, cá na terra;
Eu sou livre; se me offendem,
Ninguem meu furor encerra.
Eu sou livre como o vento,
Livre como o entendimento,
Mais livre que o pensamento,
Mais que a coragem na guerra.

Eu sou livre;—só no mundo
Póde prender-me um condão:
Só o amor póde bem fundo
Afferrar minha isempção.
Toda a passada tristura,
Da vida toda a negrura,
Torna-se então em doçura
N'este virgem coração.

Porque é livre o meu amor,
Por isso têrmos não tem;
Apoz vida de amargor,
Quanto não vale este bem!
Oh! eu amo e sou amado,
Que importa ser engeitado!
Sou livre, e sou adorado;
Oh! não me chore ninguem.

MEIA VOLTA AO AR

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Izabel Megre Restier.

Andante

129

Oh ra- -paz a-ga - - ro- -ta - do, quem te deu a ra - - pa - ri - ga? Mei-a vol-ta ao ar, se a tu sa - bes dar? a ti. meu bem- zi-nho, não te hei de eu dei - -xar. Rou-bei -a hon-tem á noi- te, ar-ris- -quei a mi - nha vi-da. Mei-a volta ao ar, se a tu sa - bes dar? a ti meu bem -zinho não te hei de eu dei - xar.

Oh rapaz agarotado,
Quem te deu a rapariga?
  Meia volta ao ar,
  Se a tu sabes dar?
  A ti, meu bemzinho,
  Não te hei de eu deixar.
Roubei-a hontem á noite,
Arrisquei a minha vida.
  Meia volta ao ar, etc.

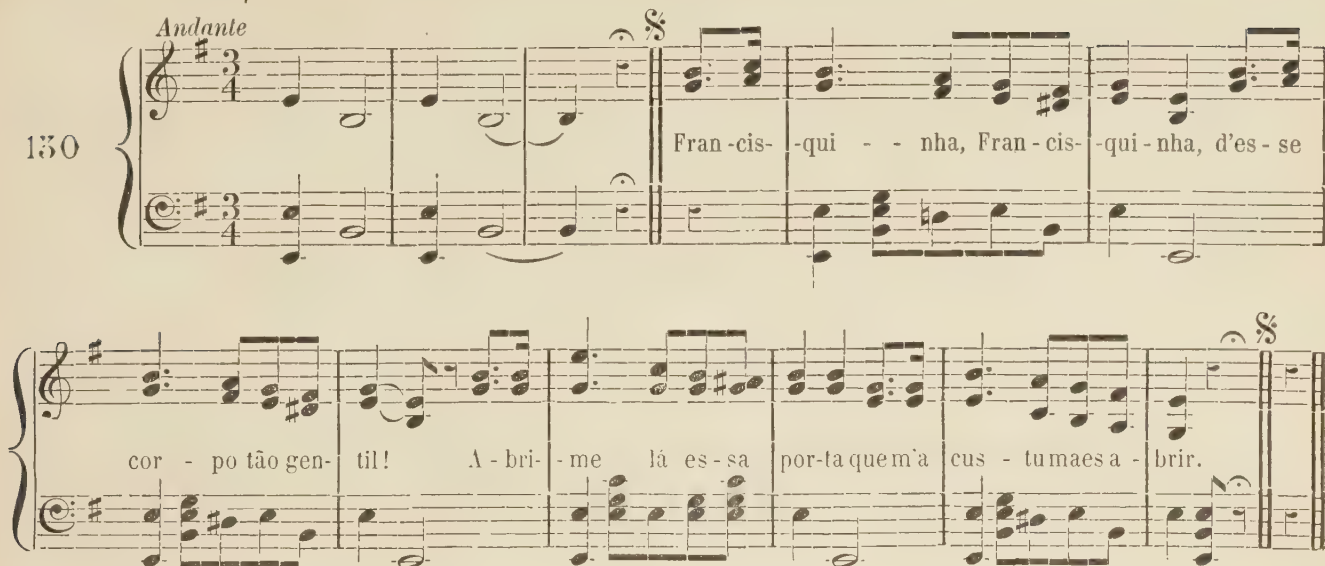
Oh ladrão que me enganaste,
Sendo eu tão rapariga;
O inferno tens-l'o certo,
Cadeia p'ra toda a vida.

Aqui venho por te ver
Por te ver aqui cheguei:
Para que saibas, amor,
Prometti-te e não faltei.

Façamos, meu bem, as pazes,
Como foi da outra vez:
Quem quer bem sempre perdôa,
Uma, duas, até tres.

Não quero fazer as pazes,
Como foi da outra vez:
Quem quer bem nunca offende,
Nem uma quanto mais tres.

Recolhida em Faião, concelho de Chaves, pelo Ex.mo Snr. P. Ribeiro.

Dança. — E' de roda, de mãos dadas. No estrilho os cavalheiros voltam-se para as damas, e fazendo estallar os dedos, dão meia volta á esquerda e meia volta á direita, pulando.

BERNAL FRANCEZ

ROMANCE

A' Ex.ma Snr.a D. Luiza Julia A. Russel Novaes.

Andante

130

Fran-cis- -qui - - nha, Fran-cis- -qui-nha, d'es-se cor - po tão gen- til! A-bri- -me lá es-sa por-ta que m'a cus - tumaes a - brir.

—Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.
« Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.
—Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.
«Se é outro no seu logar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal Françoilo,
Descalça lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua de alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,
E vós, Bernal Françoilo
Sem vos virares para mim?
Ou tendes dama em França
A quem queiraes mais que a mim?
—Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti...
«Não te temas de meu pae,
Que é velho, não vem aqui,
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui,
Não temas de meu marido,
Longas terras está d'aqui:
Oh maus mouros o captivem,
Novas me venham a mim.
—Eu não temo o teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com'a mim:
Teme-te de teu marido
Que o tens a par de ti!
«Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?
—Trago-te saia de grana,
E *bajú* de carmezim;
Gargantilha de cutello,
Pois a mereces-te assim.
«Oh lua que vás tão alta,
Que não quer amanhecer,
Para esta triste coitada
Acabar de padecer.
—Nem com essas, nem com outras,
Pois tu me has de vencer;
Antes de manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.

—Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?
—Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.
—Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim;
Sete cirios accedderam;
Todos sete accendi:
—Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé d'uma ermida
Lá um vulto preto vira:
«Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si.
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si.
A' mulher com quem casares
Não lhe qneiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim:
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim;
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti.
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal a por ti mais por mim.
—Abri-me lá essa campa
Quero-me enterrar aqui
«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu já morri.

A musica d'este romance antiquissimo foi recolhida nos Arcos, (Braga), pelo Ex.mo Snr. A. Novaes com a seguinte lettra.

Onde vaes, oh D. Francisco,
A estas horas por aqui?
Eu vou vêr a minha Anninhas,
Que ha muito que a não vi.
A tua Anninhas é morta,
E' morta, qae eu bem a vi,
Os signaes que ella levava
Eu t'os contarei aqui:
Levava saia de grana
E gibão de carmezim,
Gargantilha de cutello,
Tu o causaste assim,
Se a queres ver enterrada
Na campa de S. Chrispim.

Corre, corre, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.
Por dentro d'aquella egreja
A' campa de S. Chrispim.
—Abre-te campa do rosas,
Anna, vem tu para mim,
Quero-te dar uma falla,
Quero espedir-me de ti.
—Vive tu, oh D. Francisco,
Vive tu que eu já morri,
Os olhos com que te via
Já de terra os cobri
A bocca com que te beijava
Já de terra a enchi;
Os braços que te abraçavam
Já não tem forças em mim.
Tres filhos que lá ficaram
Entre ti e entre mim,
Vá um d'elles p'ra o mosteiro
Que diga missas por mim,
E o outro lá na ermida
Que peça ao Senhor por ti.
E mais um a cavalleiro,
D. Francisco como a ti.
Se tornares a casar
Com Anninhas como a mim,
Quando fores chamar por Anna
Lembrem-se sempre de mim.

HYMNO DOS EMIGRADOS PORTUGUEZES

EM PLYMOUTH

Á Ex.ma Snr.a D. Etelvina Carneiro Peixoto.

Musica do emigrado J. P. Sant-Iago.

Andante

131

f ff ff 3 3 3 3 3 3 3

VOZ

Em- quan - to um pros - cri - pto, Um só res - pi - -rar, Não ha de o ty - ran - - no, Se - - gu - - - - ro rei - - nar.

1.a 2a

nar ff

CORO

A's Ar - - - mas, ó lu - - - - zos, o fer-ro em-pu - -nhe - - mos, Ma- -ri - - - - a se- -gun - da ao thro - no e - le - -ve - mos; Ma- ri - - - - a se- -gun - da ao thro - no e - - le - -ve-mos, A's ar - - - - mas, A's ar - - mas, A's ar - - - - - - -mas.

em ≡ o piano

Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *

Emquanto um proscripto,
Um só respirar,
Não ha de o tyranno
Seguro reinar.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
Maria Segunda
Ao throno elevemos!

A Filha de Pedro
Rainha ha de ser:
Por ella juremos
Vencer ou morrer.
A' armas, etc.

Nas mãos da Rainha,
Vingando a seu Pae,
Punir o tyranno,
Oh luzos, jurae!
A's armas, etc.

Se para o teu solio
Fôr de sangue a estrada,
Morte, sangue espalhe
Dos luzos a espada.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
Maria Segunda
Ao throno elevemos!

Este hymno foi publicado em Plymouth, pelos emigrados portuguezes, em setembro de 1828, e offerecido a S. M. a Senhora D. Maria II, Rainha de Portugal; tornou-se popularissimo e foi um dos cantos de guerra mais favorito nas luctas constitucionaes.
O auctor d'esta poesia é anonymo.

AO MENINO JESUS

CANÇÃO DAS RUAS E DA LAREIRA

A' Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Pereira Fernandes.

Andante

132

f

VOZ

p

Hei de dar, hei de dar ao Me-ni-no, u-ma fi-ta p'ra o cha-peu; Tam-bem elle, tam-bem el-le me ha de dar um lo-gar-zi-nho no ceu.

CORO

f

Co-mo es-taes, co-mo es-taes, tão ga-lan-ti-nho Ver-bo en-car-na-do Di-vi-no.

Canta-se em Elvas com acompanhamento de *ronca:* instrumento feito de um alcatruz de nora, ou panella de barro a cujo bocal se adapta uma membrana, ou pelle de bexiga, atravessada por um pau encerado, pelo qual se corre a mão, com força, e produz um som rouco e aspero.

AO MENINO JESUS

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra o chapeu;
Tambem elle me ha de dar
Um logarzinho no ceu.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra cintura;
Tambem elle me ha de dar,
No seu peito, sepultura.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Um vestido côr de amora;
Tambem elle me ha de dar,
Um logarzinho na gloria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino,
Para a noite de Natal,
Camisinha de cambraia,
Botõesinhos de crystal.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Haja quem lhe dê as solas,
Que eu lhe farei os saltinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Cantae anjos ao Menino
Que ahi vem S. José,
Que lhe traz uns sapatinhos
Da feira de Santo André.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Meu Menino da minh'alma,
Vieste nascer p'lo frio,
Podendo nascer p'la calma.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Minha ginja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
No presepio de Belem,
Os anjos lhe estão cantando
Nosso Amor e nosso Bem.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
Um somno muito profundo,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria ao Salvador do mundo.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está nascido
Sobre palha asp'ra e fria,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria á Virgem Maria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

'Stá na lapa de Belem
O Deus Menino deitado
Filho da Virgem Maria
Pelos tres reis adorado.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Adorando a Deus Menino,
Estão os pastorinhos,
Com a fé no coração
E nas mãos os cordeirinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu amado Menino,
Boquinha de sangue e leite,
Vossa mãe é uma rosa,
Vosso pae um ramalhete.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Tres palavras disse a Virgem,
Quando nasceu o Menino:
Vinde cá, meu bago d'ouro,
Meu Sacramento divino.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

A musica d'estas trovas foi recolhida em Elvas, pelo Rev.mo Padre Philippe de Nery de Souza Penalva; e a lettra, pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

VOU FUGIR-TE

CANÇÃO

A Ex.ma Snr.a D. Maria de Jesus Loureiro Gaspar.

Poesia de José Caldas.

Andante

133

p Vou fu - -gir - te, não pos - so na ter - ra ver teus o - lhos, sem ver - me fi - -nar...

Vou fu - -gir - te, não pos - so na ter - ra ver teus o - lhos sem ver - me fi - -nar...

Sem sen- *cres.* tir nas en- -tra -nhas a *f* guer -ra *p* d'um a- -mor que me quer do - mi - nar,

d'um a - -mor que me quer do - mi- -nar.

D.C.

VOU FUGIR-TE

Vou fugir-te! não posso na terra
Ver teus olhos, sem ver-me finar!
Sem sentir nas entranhas a guerra
D'um amor que me quer dominar!

Vou fugir-te! que sinto no seio
A paixão que me tenta vencer.
Vou fugir-te! — que temo e receio
De, por ti, Deus e patria esquecer!

Vou fugir-te! que um ser malfadado
Não perturbe teu limpido amor...
Irei longe... tão longe onde o brado
Do teu nome, nem tenha rumor...

Só no fundo das selvas mais feias,
Só no immenso deserto do mar,
Ouvirei o quebrar das cadeias,
D'este amor que me quer desgraçar!

D'este amor, que me faz com que esqueça
As bellezas sem fim d'este ceu,
D'um sentir que me ordena que peça
Um deserto em que viva só eu.

E tu fica!... tu fica no mundo,
Que eu irei, isolado, irei só,
Implorar o remanso profundo
D'uma campa, dos vermes no pó.

E se um dia, nos eccos da aragem,
Um suspiro sentires de dôr.
Lembra o triste que teve a coragem
De morrer, sem dizer-te este amor.

Recolhida em 1870 por J. A. Barbosa.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Barbara Candida da Gama.

Andante

134

f

Lou- -rei - ro, ver - de lou- -rei - ro, lou- -rei - ro ver - de lou-

rei - ro a ba- ga é o teu fru - cto a ba-ga é o teu fru - cto, fos- -te o meu a-mor pri-

mei - ro fos- -te o meu a-mor pri -mei - ro dei- xar- te cus -ta -me mui - to, dei - -xar-te cus -ta - me

mui - to Te- -nho ge - mi -do, te- -nho cho- ra - do, te- -nho sof -fri- do e sus - pi- -ra - do, n'es -

tas tro-cas e bal- -dro - cas o - lha o que eu te- nho pas- -sa - do, o - lha o que eu te-nho pas -sa - do.

D.C.

Esta musica é muito antiga.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

De casa sahi á noite,
No meu capote embuçado;
Veio a ronda e prendeu-me:
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

De casa sahi um dia
Todo secio, aperaltado;
Um cão rasgou-me os calções,
Olha o que eu tenho passado!

Ao saltar d'uma barquinha,
Fiquei no lôdo atolado;
Por tua causa, meu bem,
Olha o que eu tenho passado!

Ora me attrhes com carinhos,
Ora mostras desagrado;
N'esta inconstancia d'amor
Olha o que eu tenho passado.

Disse-me um padre capucho
Que eu estava excommungado;
Par causa do teu amor,
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu *fructo:*
Foste o meu amor primeiro
Deixar-te custa-me muito.

Por mais que o loureiro cresça,
Ao ceu não ha de chegar:
Duzentos amores que eu tenha,
A ti não hei de deixar.

Loureiro, verde loureiro,
Quem te poz n'este caminho?
Quantos passam e repassam
Todos tiram seu raminho.

Dança:—De roda, durante a quadra. No estribilho todas as phrases tem o seu accionado expressivo, ora voltando-se para um lado ora para o outro: *Tenho soffrido*, leva a mão direita ao coração. *Tenho chorado,* leva a mão esquerda aos olhos. *Tenho gemido e suspirado*, cruza os braços sobre o peito. *N'estas trocas e baldrocas,* vira-se para o meio da roda, sarilhando com as mãos. *Olha o que eu tenho passado,* abraça o seu par e vae passando a abraçar os outros, em forma de *gran-chaine*, repetindo sempre o mesmo verso.

O LISBONENSE

FADO

A' Ex.ma Snr.a D. Anna Augusta Monteiro Guimarães.

Andante

135

f

U - ma tra-vês - sa bre- -jei- ra, d'es - tas d'o-lhos d'estas d'o-lhos d'en-can -

tar, P'ra me fa - zer qui - zi- -lar deu-me um bei - jo sur - ra-

tei - ra : Não gos- -tei, não gos - tei da brin - ca- -dei - - ra, por ser da-do, por ser da-do á fal - sa

fé : Quan - to mais lin - - do não é sa - ber que, sa - ber que se vae pro-

var, Quan - to mais lin - do não é sa - ber que se vae pro- -var um bei -

ji- nho d'es-tal -lar, de mor -rer, de mor-rer al - li ao pé, um bei-

ji- nho d'es-tal- -lar, de mor -rer, de mor-rer al- li ao pé.

Uma travêssa brejeira,
D'estas d'olhos d'encantar,
P'ra me fazer quizilar
Deu-me um beijo surrateira;
Não gostei da brincadeira
Por ser dado á falsa fé:
Quanto mais lindo não ê
Saber que se vae provar
Um beijinho d'estallar,
De morrer... alli ao pé!

Vêr uns labios nacarados
Como um botão quasi a abrir,
Vêl-os p'ra a gente a sorrir,
E' de ficarmos babados!
Eu, por mal dos meus peccados,
Não posso ter mão em mim;
Que ao ver uns labios assim,
Nem um santo resistia
A fazer uma *arrelia*
Nos labios d'um seraphim!

Um beijo dado no rosto,
Sendo bem repenicado.
Equivale a ouvir no fado
Uma cantiga de gosto:
Mas, se o beijo é dado ou posto
N'uma boquinha rosada;
Não ha âssucar, não ha nada
Que tenha tanta doçura;
Quem quizer gosar ventura
Beije uma bocca encarnada.

Ha beijos de varias sortes,
Como as boccas que os praticam;
Ha beijos que fortificam,
E ha beijos que causam mortes;
Ha beijos brandos e fortes,
Beijos que causam calor,
Outros que espalham rubor
Nas faces de quem os dá;
Mas cá p'ra mim nada ha
Como são beijos... *d'amor!*

Recolhida em Lisboa em 1870.

JOSEZITO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Maria José Gouveia Souza.

Andantino

136

p

Oh | Jo-sé, pi-nhei-ro | al-to, som | -bri-nha de to-do o | v'rão || To - | do o a- mor se me | ren-de só | o teu, oh Jo-sé, | não. ||

ESTRIBILHO

f

Jo-sé- | -zi-to já te te-nho | di-to que não é bo- | -ni-to andar's'me a en-ga- | nar. || Cho-ra a | -go - ra Jo - sé - zi - to | cho-ra que eu vou-me em | -bo - ra pa - ra não vol- | tar. ||

Oh José, pinheiro alto,
Sombrinha de todo o v'rão:
Todo o amor se me rende
Só o teu, oh José, não!

Josézito,
Já te tenho dito
Que não é bonito,
Andar's-me a enganar.
Chora agora,
Josézito, chora
Que eu vou-me embora
Para não voltar!

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago o meu somno perdido.

Oh José, oh Josézinho,
Cara de mau pagador,
Enganastes a menina
Com palavrinhas d'amor!

Oh José, oh Josézinho,
Retroz verde de coser;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer.

Oh José, lindo José
Nunca tens namoro certo
Só tu és o melhor cravo
Que o craveiro tem aberto.

O meu amor é José,
Ninguem me diga mal d'elle;
Elle é do meu coração,
Eu sou do coração d'elle.

Oh José, nome de joia,
O teu nome joia é;
Quando me fallam em joia,
Lembra-me logo José.

Recolhida em Almaça por F. P. Nogueira, em 1885.

Dança.—Grande roda durante a quadra. No estribilho, largam as mãos e forma cadeia; ao dizer *chora agora* abraçam-se os pares.

RETRETA DA BANDEIRA

CANÇÃO DOS VOLUNTARIOS DA RAINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Castilho Falcão de Mendonça.

Allegro marcial

137

f

Ma- ri - a se- gun - da bor- dou a ban dei - ra, a ma - tiz e ou - ro, na I - lha Ter -cei-ra. Aos seus vo-lun- ta - rios do- ou a ban- dei - ra, Re- al, Re-al, Re- al, Do-na Ma- ria em Por - tu- gal.

Maria segunda
Bordou a bandeira,
A matiz e ouro,
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios
Doou a bandeira,
Real, Real, Real,
D. Maria em Portugal.

Maria Segunda,
Com uma bandeira,
Nos fez voluntarios
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

Maria segunda,
Ao dar a bandeira,
Animou as tropas
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

Esta marcha, composta com toques marciaes, era cantada com orgulho pelas forças do batalhão dos Voluntarios da Rainha, em 1832, por ter sido brindado com uma bandeira bordada pela propria mão da sympathica soberana. A bandeira conserva-se actualmente exposta em uma vitrine na sala dos retratos da Camara Municipal do Porto.

OS CAIPIRAS

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Pinto Ferreira Borges de Castro.

Marcial

138

f

Vae-te ral-

lan-do, mi-nha car-cun-di - nha, vae-te ra- lan-do com es-ta mo- di - nha; vae-te ra-

lan-do, mi-nha car cun-di - nha, vae-te ra- lan do com es-ta mo- di-nha. Os cai-

pi-ras são to-dos bu- fões, a-gar-ra-dos a mal-ta e cor-del, Vão ser-

vir co-mo bur-ros de car - ga nas fi - lei-ras do Rei D. Mi- guel.

Esta cantiga é de 1832, foi recolhida em Vizeu pelo Ex.mo Snr. J. A. Ferreira da Silva em 1872.

OS CAIPIRAS

Vae-te ralando,
Minha carcundinha,
Vae-te ralando
Com esta modinha.

Os caipiras são todos bufões,
Agarrados a malta e cordel,
Vão servir como burros de carga,
Nas fileiras do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os caipiras, á patria traidores,
Com os frades que trajam burel,
Como brutos de carga, só puxam
A' carroça do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os caipiras, da patria vergonha,
Representam um triste papel;
Como burros, em tudo eguaes,
Cavalgados do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

O GUERRILHEIRO

BALLADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Monteiro. *Lettra de L. A. Palmeirim.*

Grave

139

f

Ei-lo er- gui - do no to - po da ser - ra, en-cos- ta - do no seu ar - ca- buz, De pe- que - no cre-a - do na gues - ra, não co- nhe-ce não vê ou-tra luz. Viu a ter-ra da pa-tria a-gre -di - da,er-gueu al-to seu al-to pen- sar: pu-la o san-gue re-fer - ve-lhe a vi - da; vin-de ou -vir o seu ru - de can- tar, pu-la o san-gue, re-fer - ve-lhe a vi - da; vin de ou -vir o seu ru-de can- tar.

Esta ballada appareceu em 1852 e tornou-se popularissima.

O GUERRILHEIRO

I

Eil-o erguido no topo da serra,
Recostado no seu arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Não conhece—não vê outra luz.
Viu a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite, sem lua, sem nada,
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corsel.
Fôra noite talhada á sortida:
—Fóra d'horas quem ha de velar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Eia, sus, ó meus bons camaradas,
D'esse somno por fim despertae;
Além tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depressa afiae.
Vae a terra da patria vencida,
Quem da lucta se póde escusar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Que me siga quem tem a vaidade
«De ouvir balas sem nunca tremer;
«Que me siga quem quer liberdade,
«Quem não teme na lucta morrer.
A estranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar.
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Já povoam os eccos da serra
Os sons rudes do altivo clarim;
E d'envolta com os gritos da guerra
Vão em roda cantando-lhe assim:
«Eia, ávante, que a patria aggredida
«Quer seus filhos na lucta encontrar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Sopra o vento, desfralda a bandeira,
A que os livres á guerra chamou;
A que nunca na guerra estrangeira,
De vendida ninguem alcunhou:
Por um santo varão foi benzida,
Não na podem estranhos prostrar;
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite; mas noite calada,
Sem estrellas no ceu a luzir;
Fôra noite dos santos fadada
Para a terra da patria remir.
«Se esta lucta por nós fôr vencida,
«Póde a terra da patria folgar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Adeus serra, calada gigante,
«Erma filha do meu Portugal;
«Adeus terra que inspiras distante,
«Este canto sentido e leal!
«A estranhos a patria vendida,
«Pede braços que a vão libertar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

II

Não faltava ninguem no combate,
Não faltava na lucta ninguem;
Só depois—já depois do embate,
Rareava nas filas alguem.
Foi acção por acção decidida;
Vinde os mortos no campo contar!
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Era dia: nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol;
Mas nem todos dos lá combatentes,
Viram brilho do immenso pharol.
Pela terra de sangue tingida,
Mais de um bravo se via rojar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Vencedoras as Quinas ficaram,
Vencedoras ainda uma vez;
Mas de pranto depois as regaram,
Quem lhes dera valor portuguez.
Lá ficara uma espada esquecida,
Sem que o dono a pudesse zelar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Desabando do topo da serra,
Lá deixara o fiel arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.
Vira a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pára o sangue, desaba-lhe a vida;
Já não lhe ouço seu rude cantar!

ROXO BOTÃO

MODINHA

Á Exma Snr.a D. Ermelinda Moreira.

Andante

140

f

dolce

Ro - xo bo- tão, lin - - da i - ma - gem,

d'a - quel - le an - - jo de can - du - ra, Só i - ma - gem

na fres - - cu - - - ra, só na fra -gran - - - cia e pu- dor.

Vem sen - tir so - - bre o meu pei - to o fo - go

que me de - - - vo-ra, e o se- gre - do que a - qui

mo - - - - ra sa - be - rás, bo - - tão d'a - mor.

Roxo botão, linda imagem,
D'aquelle anjo de candura,
Só imagem na frescura,
Só na fragancia e pudor.

Vem sentir sobre o meu peito
O fogo que me devora,
E o segredo que aqui mora
Saberás, botão d'amor.

Antes de vir ao meu peito,
N'outro mais frio brilhaste;
E de certo não murchaste
N'um peito da tua côr.

Mas no meu perderás logo
Todo o teu bello atractivo;
Que este peito é fogo vivo,
E' peito onde habita amor.

Exhala aqui teu aroma,
Que esse aroma é tambem d'ella;
Pois que no seio da bella,
Redobraste o grato odor.

Mas, como vaes definhando!
Oh prenda da minha amada!
Ah! não sejas mais em nada
Imagem d'aquelle amor.

Esta *modinha* foi muito vulgar nas salas de Portugal e Brazil.

QUITOLLIS

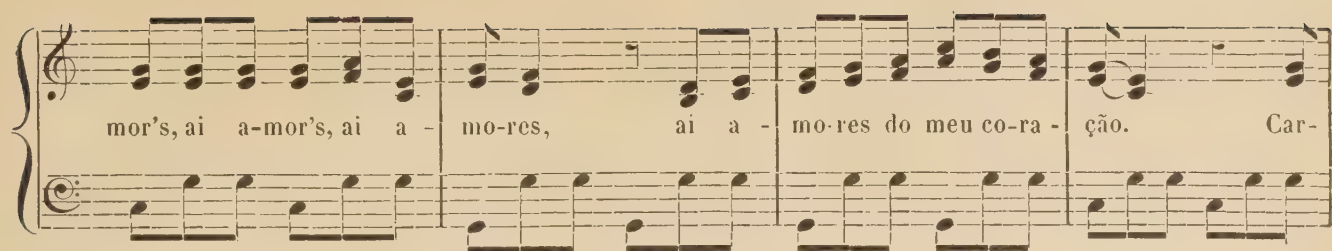
CANÇÃO BACCHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José d'Araujo Lima.

Allegretto

141

f

Ta- ber - nei - ra dei - ta vi - - nho. dei- ta vi - nho com far - tu - - ra, que o di - nhei-ro do es-tu- dan - - te, tar - de vem e pou - co du - - ra. Ai a- mor's, ai a-mor's, as a - mo-res, ai a - mo-res do meu co - ra - ção. Qui- tol-lis, qui-tol-lis, qui- tol-lis, pe - ca-ta mun-di mi - se -re - re no-bis. ai a -

mor's, ai a-mor's, ai a - mo-res, ai a - mo-res do meu co-ra - ção. Car-

to - las, car - to - las, car to - las, pi-pas can-gi -rões, mi - se - ria dos no-bres.

Taberneira deita vinho,
Deita vinho com fartura,
Que o dinheiro do estudante,
Tarde vem e pouco dura.

Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração!...
Quitollis, quitollis, quitollis,
Peccata mundis, miserere nobis.
Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração!...
Cartollas, cartollas, cartollas,
Pipas, cangirões, miserias dos nobres.

O amor do estudante
E' emquanto está presente;
Tira o chapeu, vae-se embora,
Fiaes-vos lá n'essa gente.

Ai amor's, etc.

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino, vae p'r'as aulas,
Vem as ferias, vae-se embora.

Ai amor's, etc.

Recolhida em Coimbra.

NÓS ATRAZ DAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Ferrão Castello Branco.

Allegretto

142

f

Dan-çae, ra - pa- ri - gas, dan-çae, oh for- mo - sas, dan-çae, ra - pa-

ri-gas, dan-çae oh for- mo-sas, oh que lin-da é es-ta ro-da de bo-tões de ro-sas, oh que lin-da é es-ta

ro - da de bo - tões de ro - sas. Nós a-traz das mo - ças, el - las aos sal-

ti-nhos, nós a-traz das mo-ças, el-las aos sal- ti-nhos: ai Je-sus qu'eu já não pos-so com tan-tos ca-

ri-nhos. Com tan-tos ca- ri - nhos, is-so sim, mais não, Com tan-tos ca- ri - nhos, is-so sim, mais

não, ac - cei-te, oh mi-nha me- ni - na, o meu co - ra - ção.

Dançae, raparigas,
Dançae, oh formosas,
Oh que linda é esta roda
De botões de rosas.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração!

Ao passar a ponte,
Tomae bem cautella,
Que o amor está pescando
Por debaixo d'ella.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar,
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

No calor da festa,
Lindas raparigas,
Olhae lá tomae cautella
Não percaes as ligas.

Nós atraz das moças,
Ellas a correr,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto bem qu'rer.
Com tanto bem qu'rer,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Meus ais, meus suspiros,
Confiam ao vento
Os segredos do meu peito,
O meu pensamento.

Nós atraz das moças,
Ellas com desdem,
Ai Jesus que eu já não posso
Qu'rer mais ao meu bem.
Qu'rer mais ao meu bem,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Se tu desses fé
Do meu suspirar,
O coração te diria
Quem te sabe amar.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar.
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Dançae, raparigas,
Dançae, meus amores,
Este mundo é um jardim
E vós sois as flores.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Toma lá minha menina,
O meu coração.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo, em 1890, por Joaquim d'Almeida Cunha.

Dança.—Durante a primeira quadra grande roda girando sobre a direita e esquerda. No estribilho, quando dizem *Nós atraz das moças, ellas aos saltinhos*, seguem em linha, uns atraz dos outros, em roda, batendo palmas; e quando dizem: *Ai Jesus que eu já não posso com tantos carinhos*, o cavalheiro abraça a dama pela cinta e faz um *tour*. Quando dizem; *Com tantos carinhos, isso sim, mais não*, os pares fazem *balancé*, dando estallos com os dedos e depois um *tour de main.*

FADO SERENATA

À Ex.ma Snr.a D. Isaura Araujo Pimenta da Fonseca.

Musica de Augusto Hilario.

Andante — o piano 8ª alta

143

p

Fo - ge lua en-ver - go- nha - - da, re-ti- ra - te lá do ceu; Que o o - lhar da mi nha ama - da tem mais bri - lho do que o teu, Tem o bri-lho das es- trel-las, E o ful-gor dos ar - re- bo - es; Quem me de-ra com dois bei - jos a - pa -gar tão lin-dos so - es.

dolce

Foge, lua envergonhada,
Retira-te lá do ceu;
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho do que o teu.

Tem o brilho das estrellas,
O fulgor dos arreboes;
Quem me dera com dois beijos
Apagar tão lindos soes.

Não ha saphiras mais bellas
Na grande concha dos ceus;
Pois se Deus quiz ter estrellas,
Roubou-as dos olhos teus.

Ave Marias são beijos,
Padre-Nossos são abraços;
Rosario dos meus desejos,
A cruz é abrires-me os braços.

Eu queria ser como a hera
Pela parede a subir,
Para chegar á janella
Do teu quarto de dormir.

Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flôres;
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

Anda o luar prateando
Os ribeiros palradores;
O ar é quente, a seara
E' como um ninho d'amores.

Olhos verdes côr d'esp'rança,
Inconstantes, côr do mar;
Quem tem amor é creança,
Sou creança por te amar.

Um canto ao vento flutua,
Começa a aurora a cantar:
Oh noite, vae-te deitar,
Rasga o pandeiro da lua.

O MEU VELHO

SAPATEADO

A' Ex.ma Snr.a D. Maria Freitas Aguiar Vieira.

Allegro vivo

144

O - lha o ve - lho o - lha o ve - lho o lha o ve - lho, di - go, di - go, O - lha o *di - a - cho* do ve - lho que qu'ri - a ca - sar com- mi - go o- lha o di - a - cho do ve - lho que qu'ri - a ca - sar com- -mi - go.

D.C.

Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho digo, digo:
Olha o demonio do velho
Que queria casar commigo.

Se eu casar comtigo, oh velho,
Ha de ser co'a condição:
Eu hei de dormir na cama
E tu no meio do chão.

Olha velho, olha velho,
Olha meu velho matreiro:
Se tu quer's casar commigo
Bem has de morrer solteiro.

Se eu casar comtigo, oh velho,
Ha de ser com tal partido:
Ou tu has de morrer cedo,
Ou te hei de enterrar vivo.

Se eu casar comtigo, oh velbo,
Ha de ser com tal contrato:
Eu dormir em boa cama
E tu no sôlho co'o gato.

Viva o velho, viva o velho,
O velho das Fontainhas:
O velho quando casar
Faz a boda de sardinhas.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho, velharrão,
Você tem as barbas sujas
De andar ao pó do carvão.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho machacaz:
Você tem as barbas sujas
Retire-se lá p'ra traz!

. . . .

Novidades do meu velho
Tenho para lhe contar:
Deixou-me real e meio
Para vestir e calçar;

O resto que me crescesse
Que lh'o tornasse a mandar:
Para comprar carne e vinho,
E no domingo jantar.

Levantei-me muito cedo,
Fui-me pôr a cosinhar:
Vou dar co'o meu velho morto
Entre as pedras do lagar;

Fui chamar as carpideiras
Que o viessem chorar:
Bem chorado, mal chorado,
Vae o velho a enterrar.

. . . .

Senhor mestre sapateiro,
Mande cá o seu mocinho,
Para ir tocar o sino,
Já morreu o meu velhinho.

Enterrae o meu velhinho
Sete varas de medir:
Que elle era amigo da pinga
E das moças de servir.

Enterrae o meu velhinho,
Desviae-o dos quintaes:
Que elle era amigo d'ameixas,
E de peras cabaçaes.

Recolhida em Arouca em 1870.

Dança.—Forma-se uma roda de cavalheiros voltados para o centro e outra roda de damas interna voltada para os cavalheiros: damaa e cavalheiros affastam-se e recuam durante quatro compassos, (sapateando dois passos em cada compasso) depois as damas passam a fazer o mesmo com o par da direita (4 compassos) e voltam outra vez ao seu par (4 compassos) e dando uma volta sobre si passam ao par da esquerda com quem repetam a mesma dança, e assim vão indo successivamente até voltar ao primitivo par.

risoluto

Pra - ta. do A-ma- -zo - nas a-té ao Pra - - - - - - - - - - - - - - - - - -

ta. *f* *cres.* *f*

Amanheceu finalmente
A liberdade ao Brasil,
Não, não vae á sepultura
O dia sete d'abril.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Sete de Abril sempre ufano
Dos dias seja o primeiro
Chame-se Rio d'Abril
O que é Rio de Janeiro.

Da patria, etc.

Uma regencia prudente,
Um monarcha brasileiro,
Nos promettem venturoso
O porvir mais lisongeiro.

Da patria, etc.

N'este solo não vieeja
A planta da escravídão;
A quarta parte do mundo
Deu ás tres melhor lição.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Lançados por mãos d'escravos
Não tememos ferros vis,
Ferve amor da liberdade
Até nas damas gentis.

Da patria, etc.

Novas gerações sustentem
Da Patria o vivo esplendor.
Seja sempre a nossa gloria
O dia libertador.

Da patria, etc,

Este hymno foi escripto por occasião da abdicação de D. Pedro I do Brasil em seu filho D. Pedro d'Alcantara; facto que teve logar em 7 d'abril de 1831.

AO TOQUE DA MUSICA

CHOREOGRAPHICA

A Ex.ma Snr.a D. Maria Piedade d'Almeida.

146

A-dor- me- - ci ao to-que da mu - si-ca ao to-que da

mu - si-co eu a - dor-me- - ci; a - dor- me- - ci ao to-que da mu - si-ca ao to-que da

mu - si - ca eu a- dor - me - - ci: des - ci a - - bai - xo á - quel - la ro -

sei - ra, co - lher u - ma ro - sa p'ra t'a dar a ti; des - ci a -

bai - xo á - quel - la ro- -sei - ra co - lher u - ma ro - sa p'ra t'a dar a ti.

AO TOQUE DA MUSICA

Adormeci ao toque da musica,
Ao toque da musica,
Eu adormeci.
Desci *abaixo* áquella roseira,
Colher uma rosa
P'ra te dar a ti.

Sonhei ouvir angelica musica,
Angelica musica
Eu sonhei ouvir.
E tu cantavas os nossos amores,
Na doce esperança,
D'um grato porvir.

Adormeci, etc.

Em harpa celeste senti dedilhar,
Senti dedilhar,
Em harpa celeste.
E tu meu anjo em candido enlevo
N'um terno suspiro,
Um beijo me déste.

Adormeci, etc.

Meu lindo amor, suspiro, suspiro,
Suspiro, suspiro,
Oh meu lindo amor!
Tu me revelas em calmo murmurio,
No intimo d'alma,
Segredos d'amor.

E ao despertar ao toque da musica,
Ao toque da musica,
Eu ao despertar,
Senti saudades de não ter ficado,
N'um somno eterno,
D'eterno sonhar.

Recolhida em Coimbra em 1886 por F. P. Nogueira.
Dança.— Durante a primeira estrophe, fazem grande roda, girando sobre a direita. No estribilho quando dizem *adormeci ao toque da musica* fazem *grand chaine.* Quando dizem *desci abaixo aquella roseira* dançam em passo de polka.

SAUDADES DA ALDEIA

DESCANTE

A' Ex.ma Snr.a D. Margarida das Graças de Mattos e Sá.

147

Allegro vivo con 8a

p

con 8a

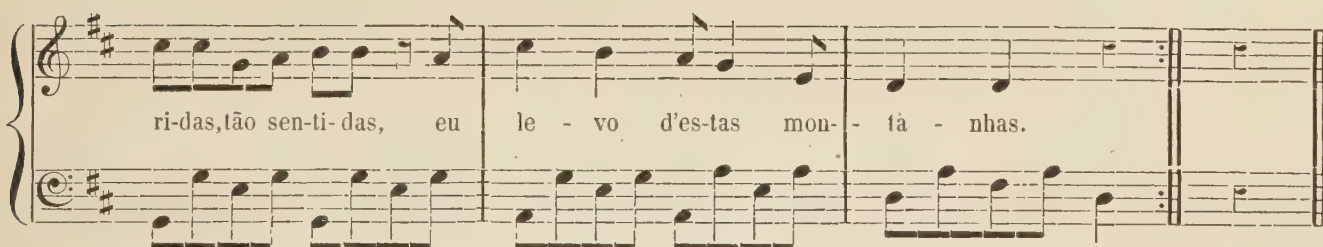
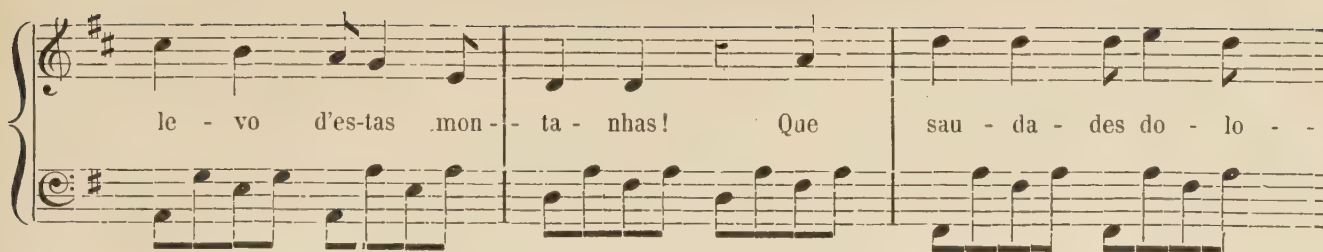
Que sau - da - des d'es - ta

ter -ra, pois en - cer - ra bel - - le - zas no - vas, ex - - tra - nhas! Que

sau - da - des d'es - ta ter-ra, pois en- cer -ra bel - - le - zas no - vas, ex - -

tra - nhas! Que sau - da - des do - lo - - ri - das, tão sen - ti - das, eu

le - vo d'es-tas mon - - ta - nhas! Que sau - da - des do - lo - -

ri-das, tão sen-ti-das, eu le - vo d'es-tas mon- - tà - nhas.

Que saudades d'esta terra,
Pois encerra
Bellezas novas, extranhas!
Que saudades doloridas,
Tão sentidas,
Eu levo d'estas montanhas!

Adeus bom sol que illuminas
As campinas,
Com tua luz multicolor;
Adeus formosas estrellas,
São mais bellas
Que o olhar do meu amor.

Adeus montanha tristonha,
Bem que sonha,
Toda a alma apaixonada;
Adeus, adeus, meiga aurora,
Vou-me embora,
Deixo esta aldeia adorada.

Adeus tristes olivaes,
Nunca mais
Eu nunca mais vos verei;
Adeus longas penedias,
Bellos dias,
Que eu junto de vós passei!

Bella aldeia encantadora,
Pois a aurora,
Não me verá junto a ti.
Bella aldeia encantadora,
Vou-me embora,
Mas fica minh'alma aqui.

Recolh da em Alijó por F. P. Nogueira, em 1894.
Este descante pode ser classificado na ordem dos fados modernos, tanto pelo seu estylo musical, como pela ideia poetica.

TROVADOR

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Candida da Siilva.

149

Andante

dolce

Tro - va- -dor, o que tens? o que so - - - ffres? Por - que cho - ras com

tan - ta a - ffli- -cção. O teu pran - to as- -saz me com- -pun - - -

ge, Tro - va- -dor, ah não cho - res mais não! Se a - -ca - so a mu-

lher que tu a - mas te tra- -tou com a - -cer - bo ri - gor:

stent.

Tro - va- -dor, ah! por is - so não cho - - res, Ah! não crei - as por

Deus em a - -mor......... ... Tro - va - -dor, ah! por is - so não cho - - res

stent.

Ah não crei - as por Deus em a - - mor.

Trovador, o que tens? o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?...
O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem
Quando o vento a sacode no ar;
O amor da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda no mar.

O amor da mulher é qual fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia sem norte—sem rumo,
Té quebrar-se u'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho
N'uma noite de inverno a luzir;
E' estrella do céo, entre as nuvens,
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;
Mas, no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troya ubateu,
Que—infida—deixando o consorte
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando
E—sorrindo—nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,
Desabrocha, mas logo fenece,
O que hoje a mulher idolátra
A'manhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Ah! não queiras a quem te maltrata,
Trovador, ah! não chores mais, não!

(1.ª RESPOSTA)

Trovador, eu lastimo comtigo
D'essa ingrata o insano rigor;
E do pranto que vertes—tão triste—
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravára o espinho da dôr;
Ah! esquece a prejura que adoras,
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,
E' do céo qual lampejo divino;
E' estrella brilhante e serena,
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual brisa,
Quando á tarde suspira saudosa;
E' a fonte que, dôce, murmura
N'uma praia deserta—arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homens as tornam escravas,
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,
Quiz no homem firmeza encontrar;
Não prevê que quando elle jura,
A' mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte,
Quando é firme, constante e fiel;
Mas os homens o culto lhe rendem,
Quando é falsa, prejura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,
Que o consorte, trahindo, deixou;
Pois por ella ser falsa e prejura,
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que se exhala de niveo jasmim;
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebra os seus votos,
Todas ellas prejuras não são;
No amor da mulher acredita...
Trovador, ah! não chores mais, não!

(2.ª RESPOSTA)

Trovador, o que tens? tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção;
N'esse pranto que as faces te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher, a quem dizes que amavas,
Te tractou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é uma nuvem,
Qual o vento que a faz agitar?...
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoudado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta;
Se ella jura, ha de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemhlo só não, porém muitos,
Eu aqui poderia mostrar,
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher
Com agrados, com ternos carinhos,
Um futuro lhe mostram de flôres
D'essas flôres que occultam espinhos.

O amor da mulher é tão firme
Quanto é firme o rochedo gigante;
O amor da mulher não se vende:
Ella, só, é quem ama constante.

Esta canção é brasileira, mas está muito vulgarisada em Portugal.

AFASTA, JANOTA, AFASTA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Honorina Candida d'Azevedo.

Allegretto

149

Que lin - da fi - ta da mo - da eu te - nho na mi - nha sai - a; Que

lin - da fi - ta da mo - da eu te - nho na mi - nha sai - a. A - fas - ta, ja - no - t'a - fas - ta, Que o

ba - lão é de cam - braia A - fas - ta, ja - no - t'a - fas - ta, Que o ba - lão é de cam bra - ia.

Que linda fita da moda
Eu tenho na minha saia;
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.

Manuel, a moça é linda,
Ella é linda como o sol,
E canta melhor ainda
Do que canta o rouxinol.

Manuel, a moça é linda,
Olha se casa comtigo:
Pois canta melhor ainda
Do que canta o pintasilgo.

Manuel, a moça è linda,
Olha se casas com ella,
Pois canta melhor ainda
Do que canta a philomela.

Que linda vae a menina
Com a saia de fustão.
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.

Esta cantiga deve datar de 1861 approximadamente, quando as damas usavam as enormes saias balões.

O PÉSINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Sara Nunes de Mattos.

Vivo

150

ff

Menos vivo

p

Po-nh'a- qui, po-nh'a- qui o seu pé- si - nho, po-nh'a- qui, po-nh'a- qui ao pé do me - - u ao ti- rar ao ti- rar do seu pé- si - - nho um a- bra - ço um a- bra - ço lhe dou eu

animado

'stou con - ten - te, 'stou con - ten - te, 'stou con - ten - te do meu par; foi con -

dã - o, foi con - dã - o, foi con - dão de Deus m'o dar.

Ordinariamente dança-se com damas e cavalheiros, em numero impar, fazendo roda e dando as mãos. Adiantando o pé direito e tocando com o bico d'este no chão repetidas vezes, a compasso, cantando a seguinte trova:

Ponha aqui,
Ponha aqui
O seu pésinho;
Ponha aqui,
Ponha aqui,
Ao pé do meu.
Ao tirar,
Ao tirar,
O seu pésinho,

(N'isto os pés vão retirando)

Um abraço, Um abraço Lhe dou eu.	ou	Ai Jesus, Ai Jesus Que lá vou eu.

E soltando todos as mãos de repente, abraçam-se aos pares, dando uma volta e cantando:

Estou contente do meu par;
Foi condão de Deus m'o dar.

A pessoa que ficar só, diz-se viuva para o jogo seguinte.

Esta dança, ou *joguinho,* como vulgarmente lhe chamam, parece ser do principio do seculo XIX, ou pouco mais antiga.

POMBINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Utelinda Barbosa.

Andante

151

f *p* D'es-

ta au-zen-cia tão pe - no - za, diz - me a-mor qu'heide fa - zer: o

se-guir-te é im - pos - si - vel, dei - xar-te não pó - de ser. *f* Pom -

bi-nha, oh la ré, pom - bi - nha, Pom - bi-nha oh la-ré, zás traz! já

não te que-rem as mo - ças, oh des-gra - ça-do ra - paz. Oh

des-gra - ça-do ra - paz, pom - bi-nha oh la-ré meu bem; já

não te que-rem as mo - ças, já não te quer mais nin - guem.

Pobre de mim que me queixo
D'um amor que me enganou,
Como quem dá pela pedra...
Mas quando já tropeçou.

Vou, só por te comprazer,
Outra cantiga cantar;
Porém... não te chegues tanto,
Que posso desafinar.

Os teus labios, os teus olhos
Me illudem fallando assim;
Teus labios... dizem que não,
Teus olhos... dizem que sim.

Hoje encontrei-a na rua,
Tocou seu hombro no meu...
Quasi que a não conheci,
Nem ella me conheceu.

Andei cego muito tempo,
Sem perceber a illusão;
Que em ti sómente adorava
O meu proprio coração.

Entre os teus muitos enganos
Encobrir sabes, com geito,
Pelo brilho dos teus olhos
A escuridão do teu peito.

O teu amor inconstante
E' como as ondas do mar;
Avança, demora um pouco,
Para logo retirar.

Não poderias usar
De tanto rigor commigo.
Se ao meu travesseiro ouvisses
Contar o que a sós lhe digo.

Quando a tua imagem fria
No meu peito entrou de leve,
Nunca mais acreditei
Que o fogo derrêta a neve.

E' por me dares um beijo
Que tua mãe tanto falla!
Toma o teu beijo outra vez,
Veremos se assim se cala!

Para um dia te esquecer,
Era preciso que houvesse
Outra lua e outro sol...
E outro Deus que assim quizesse.

Se desejas ver-te boa
Dos teus males e cuidados,
Vae aos pés d'um confessor
E confessa os teus peccados.

Recolhida em S. Pedro d'Alva em 1885 por F. P. Nogueira. E' muito mais antiga.

AI, AI, AI, LÁ VAE O COVELLO!...

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Leonarda Malcher.

Allegretto

152

f

Ai, Je - sus, lá vae o Co - vel - lo pon - to tão lin - do é pe - na per - del - o, Ai, ai, ai, a - deus cor - cun - di - nhas, D. Mi - guel per - deu, que - bra - ram-se as li - nhas.

Esta musica é extrahida do toque da alvorada do exercito.

Ai, Jesus,
Lá vae o Covello,
Ponto tão lindo
E' pena perdel-o.
Ai, ai, ai,
Adeus corcundinhas,
Perdestes a acção,
Quebraram-se as linhas.

Emquanto no Porto se cantavam estes versos, pela derrota que as forças realistas soffreram no Covello, em Lisboa cantavam-se os seguintes:

«Paulo Cordeiro
Tambem fugiu,
Esse maldito
Ninguem o viu.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Becas tremendo,
Sem haver frio.

Se elle cá fica,
Tão boa peça,
De todo o povo
Tinha a remessa.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Lá vae primeiro
O duque fraco
Que por temor
Fez-se macaco.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Este levou
N'esta funcção
Quantos algozes
Tinha a nação.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Segue depois
Toda a *corcundada*
Trocando as pernas,
Toda assustada.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Esta lettra foi recolhida pelo distincto escriptor Alberto Pimentel, que lhe addicionou a seguinte nota:

«O duque a que se refere a cantiga era o duque de Cadaval que ficou commandando as forças militares em Lisboa, quando D. Miguel d'aqui sahiu em outubro de 1832 para Braga. Em a noite de 23 para 24 de julho de 1835 sahiu o duque de Lisboa, com todas as forças miguelistas para o Campo Grande, e em seguida na direcção de Coimbra, onde se foi reunir com as forças que D. Miguel, com Bourmont, trouxe do Porto; e de Coimbra marcharam contra Lisboa.

«Lá vae primeiro o duque *fraco*» é pois a accusação de cobardia ao duque de Cadaval, por elle se aterrar com a morte de Telles Jordão e a derrota do exercito miguelista, abandonando Lisboa, sem ter opposto resistencia.

Paulo Cordeiro, famoso miguelista, era um dos contratadores do tabaco, que deu a D. Miguel a grande peça de artilheria, que de Lisboa foi conduzida até á margem esquerda do Douro, e com a qual os miguelistas contavam arrasar o Porto.

Foi no Rocio, a que se allude, onde na mencionada noute de 23 para 24 de julho de 1833 se reuniram tumultuariamente *becas*, empregados de todas as cathegorias, e os individuos mais compromettidos, que tratavam de fugir de Lisboa».

Covello, eminencia em um dos arrabaldes, ao norte do Porto, ponto fortificado estrategico, de grande importancia e que os constitucionaes tomaram, no cêrco da mesma cidade.

OH BRAGA FIEL

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Gonçalves.

Andante

153

Se eu fô - ra sol - da - do, fô - ra gra - na - dei - ro pa -

ra de - fen - der Dom Mi - guel pri - mei - ro. Oh Bra - ga fi - el, oh

Por - to la - drão, que sem - pre qui - zes - te a cons - ti - tui - ção.

Se eu fôra soldado,
Fôra granadeiro,
Para defender
D. Miguel primeiro.

Se eu fôra soldado,
Fôra voluntario,
Para defender
D. Miguel coroado.

Oh Braga fiel,
Oh Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição.

Oh Porto ladrão,
Oh Braga fiel,
Que sempre quizeste
O rei D. Miguel.

Se fôres a Braga
Traze-me uma fita,
Que seja vermelha
Que eu sou realista.

Se eu fôra soldado,
Ia p'ra tambor.
Viva D. Miguel
El-rei nosso senhor.

Oh Braga fiel,
Oh Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição.

Eu sou realista,
Eu sou da nação;
Meu pae, minha mãe
Corcundinhas são.

Se eu fôra soldado
Fôra da marinha
Para defender
A nossa rainha.

Se eu fôra soldado
Fôra d'Amarante
Para defender
O nosso infante.

D. Pedro quarto
Que vem cá buscar
D. Miguel primeiro
Ha-de reinar.

Oh Braga fiel
Segue o teu destino
Tens por defensor
O braço divino.

Se a lucta politica de 1832 animava a musa dos vencedores, não abandonava tambem a dos seus vencidos que no meio dos desastres que os perseguiam entoavam firmes protestos de fidelidade ao seu rei e á sua causa. Esta cantiga era exclusiva das damas nas salas, antes de ter respirado ao ar livre.

AS SETE EXCELLENCIAS

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Silva Rocha.

154

Andante

Estes compassos eliminam-se na poesia a Caridade

f

São se - te *in - se - len - cias* que deu o se - nhor á se -

nho - ra da Gra - ça, Oh A - ve Ma - ri - a, oh che - ia de

Gra - ça, Oh che - ia de Gra - ça, oh de gra - ça che - ia quan -

do o mar a - bran - da o sol a - lu - me - ia.

Esta musica popularissima, deve ser muito antiga e d'ella deriva a toadilha infantil do

Carro carrinho que vae pela rua
Fazendo mesuras á porta da rua.

Com esta musica cantou-se no Palacio de Crystal, em 1866, em um concerto de córos infantis a seguinte lettra:

A CARIDADE

A noite era escura,
o vento gemia,
eu só, na choupana,
de medo tremia.

Na córte o rafeiro
ouvia latir;
já era tão tarde,
mas eu sem dormir.

E vae se não quando
escuto bater;
e voz lastimosa
assim a dizer:

«Tende caridade,
prestae-me um abrigo,
venho tão cançado
nem posso commigo;

«perdi-me na serra,
não sei onde paro,
o lobo damninho
vem dar-me no faro.

«Abri sem receio...
sou ainda pequeno;
dae-me p'ra descanço
um molho de feno!...

«P'ra matar a fome
de pão um nadinho;
chegando a aurora
ponho-me a caminho.»

Já o pranto a face
me vinha banhar,
de ouvir, tão sentido,
aquelle fallar.

— Pobre pequeno!...
terás um abrigo;
terás do meu pão,
dormirás commigo.

Oh Virgem Maria!...
dae-me protecção,
não seja um malvado
que venha á traição...

Ao lar, — da candeia
accendi a luz; —
rezando e fazendo
o signal da cruz.

Ao abrir a porta,
que vejo... meu Deus!...
um moço formoso,
qual anjo dos ceus.

Sorriu-se bondoso,
eu tambem sorri,
quiz saudar... não pude;
as fallas perdi.

«Bem hajas — me disse
a linda visão —
davas-me agasalho,
davas-me o teu pão...

«Quem tem caridade,
tem tudo dos ceus;
a benção te deixo,
sê feliz — adeus.»

Cahiu-me a candeia
da mão que tremia,
accordei chorando...
— despontava o dia.

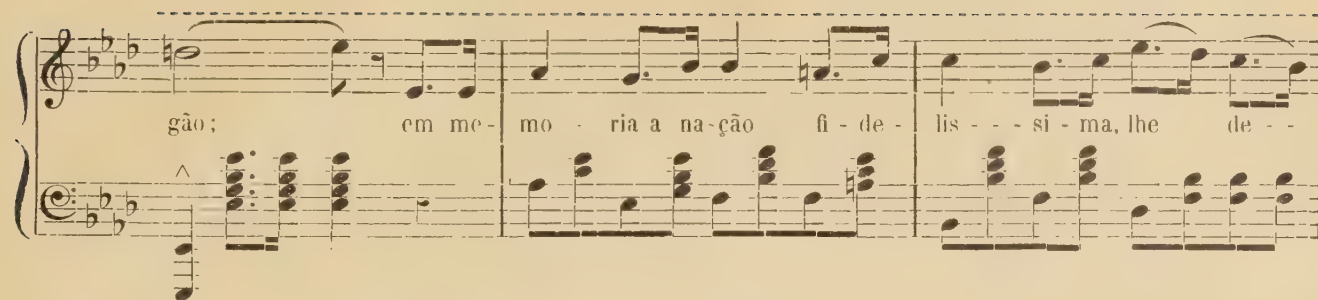
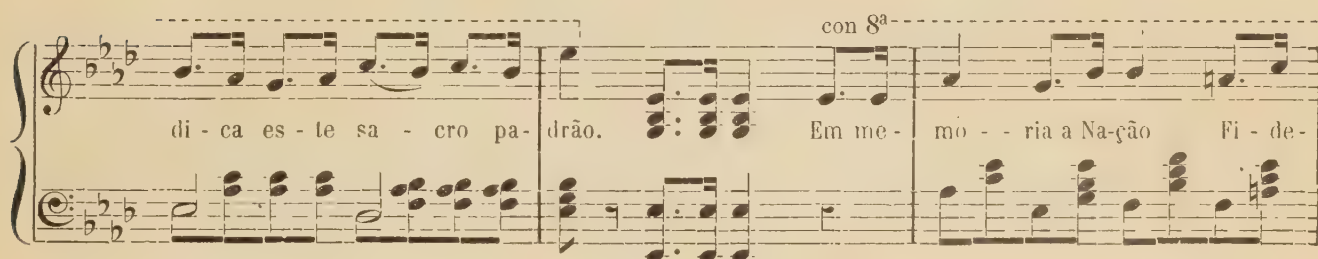
RICARDO CLAMOUSE BROWNE.

O author d'esta lettra falleceu poucos annos depois. A musica foi-lhe apropriada pelo maestro Carlos Dubini, tambem já fallecido.

HYMNO DO SAMEIRO

(MARCHA DOS PEREGRINOS)

Á Ex.ma Snr.a D. Isabel Maria da Gloria Basto.

155

Do gran Pio, o infallivel oraculo
Definiu ser doutrina do ceu,
Que do Verbo ao feliz Tabernaculo
Não manchou do peccado o labeu.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Todo o mundo exultou d'alegria,
Quando a voz do Pastor escutou,
Definindo que Deus a Maria
Da desgraça commum preservou.

Gloria á Virgem, etc.

Entre as claras de Lysia cidades,
Lusa Roma, da Hespanha a Primaz,
Repetir ás vindouras edades
O triumpho da Virgem se apraz.

Gloria á Virgem, etc.

Do Sameiro, nas bellas alturas,
Magestoso elevado padrão
Annuncia ás edades futuras
De Maria a feliz Conceição.

Gloria á Virgem, etc.

Salvè, monte, mil vezes famoso,
Entre os montes do bom Portugal!
Em teu cimo já brilha vistoso
Da ventura e da paz o signal.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Celeste Iris d'alegre bonança!
Oh Maria! o tributo d'amor
Do teu povo recebe, e lhe alcança
As delicias da paz do Senhor.

Gloria á Virgem, etc.

Da montanha hoje a ti consagrada
Abençoa este povo fiel;
Livra-o sempre, oh clemente advogada,
Do infernal inimigo cruel.

Gloria á Virgem, etc.

Abençôa o Universo Catholico,
Abençôa o Pontifice Rei,
Que proclama do solio Apostolico
Sãns verdades da Fé e da Lei.

Gloria á Virgem, etc.

Este hymno appareceu pouco depois da edificação da capella do Sameiro; é este o mais popular dos muitos que servem de marchas nas peregrinações solemnes á Senhora do Monte Sameiro. Não conhecemos os seus authores nem podemos obter noticia de quem elles são.

INDICE

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

ERROS MAIS IMPORTANTES QUE ESCAPARAM NA MUSICA, EM ALGUNS EXEMPLARES

Musica n.º		Pag.		pauta;		compasso,	mão		
Musica n.º	7—	Pag.	20—3.ª	pauta;	2.º	compasso,	mão	direita,	deve ser—*re, si*.
» »	7—	»	20—3.ª	»	5.º	»	»	»	a segunda nota deve ser—*la*.
» »	10—	»	24—1.ª	»	1.º	»	»	esquerda,	a ultima nota deve ser—*mi*.
» »	15—	»	30—2.ª	»	2.º	»	»	»	deve ser egual ao compasso antecedente.
» »	18—	»	36—3.ª	»	3.º	»	»	direita,	a ultima nota deve ser—*sol* natural.
» »	42—	»	78—1.ª	»	1.º	»	»	»	no 3.º tempo deve ser—*re* e *si*.
» »	57—	»	106—2.ª	»	4.º	»	»	esquerda,	no 2.º tempo deve ser—*si* e *re*.
» »	57—	»	106—5.ª	»	2.º	»	»	direita,	no 2.º tempo deve ser—*mi*; e na mão esquerda—*la do ♯ mi la*.
» »	65—	»	122—3.ª	»	3.º	»	»	»	os *mis* devem ser *bemoes*.
» »	65—	»	122—4.ª	»	3.º	»	»	»	os *mis* devem ser *bemoes*.
» »	67—	»	126—5.ª	»	2.º	»	»	esquerda,	os *dós* devem ser *sustenidos*.
» »	74—	»	141—1.ª	»	3.º	»	»	direita,	os *fás* devem ser *sustenidos*.
» »	74—	»	142—2.ª	»	1.º	»	»	esquerda,	os *mis* devem ser naturaes.
» »	78—	»	150—2.ª	»	1.º	»	»	»	junto á clave, e nas pautas seguintes devem ser *sustenidos*.
» »	100—	»	211—1.ª	»	3.º	»	»	»	a ultima nota deve ser—*fa*.
» »	115—	»	224—3.ª	»	6.º	»	»	direita,	deve ser—*mi*.
» »	120—	»	238—3.ª	»	1.º	»	em ambas as mãos		os *lás* são naturaes.
» »	120—	»	238—5.ª	»	4.º	»	mão	direita,	a 1.ª nota deve ser—*mi*.
» »	125—	»	248—4.ª	»	1.º	»	»	esquerda,	a nota mais grave do accorde deve ser—*dó* e não *ré*.
» »	128—	»	254—1.ª	»	2.º	»	»	direita,	a ultima nota deve ser—*la*.
» »	130—	»	257—1.ª	»	4.º	»	»	esquerda,	o *ré* deve ser *sustenido*.
» »	131—	»	258—2.ª	»	4.º	»	»	direita,	no 3.º tempo deve ser *dó sustenido* e não *si*.
» »	143—	»	280—1.ª	»	4.º	»	»	»	o 4.º *fa* deve ser *mi*.
» »	143—	»	280—2.ª	»	4.º	»	»	»	o 4.º *fa* deve ser *mi*.
» »	143—	»	280—3.ª	»	3.º	»	»	»	este compasso e os cinco seguintes até á fermata devem harmonisar com 3.as inferiores.

ERRATAS DIVERSAS

Pag. 42—Na dedicatoria deve ler-se: Adoptado por S. M. o Senhor D. Carlos I.

Pag. 162—A Vivandeira, a musica foi escripta pelo professor Miró, para ser cantada no theatro do Gymnasio, em Lisboa.

Pag. 169—Diz-se em a nota que a musica da Barquinha é attribuida a José Doria: soubemos posteriormente que não é aquelle Snr. o author da musica, mas sim seu sobrinho o Ex.mo Snr. Antonio Joaquim de Souza Doria, chefe do quadro dos pharmaceuticos em Loanda, e filho do dr. João Doria.

Pag. 258—Deve ter por subtitulo:—Adoptado por S. M. a Senhora D. Maria II.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

CANCIONEIRO

DE

MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

Canções, serenatas, chulas, danças, descantes, cantigas dos campos e das ruas, fados, romances, hymnos nacionaes, cantos patrioticos, canticos religiosos de origem popular, canticos liturgicos popularisados, canções politicas, cantilenas, cantos maritimos, etc. e cançonetas estrangeiras vulgarisadas em Portugal

---

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

GUALDINO DE CAMPOS

PREFACIADO PELO EX.^mo SNR.

DR. THEOPHILO BRAGA

VOLUME II

COM UMA APRECIAÇÃO CRITICA DO EX.^mo SNR. DR. SOUSA VITERBO

PORTO

EMPRESA EDITORA

CESAR, CAMPOS & C.ª

116 — Rua de D. Pedro — 116

1895

Cancioneiro de Musicas Populares

Está publicado o primeiro volume do **Cancioneiro de musicas populares** e isto significa já um valioso serviço prestado á nacionalidade portugueza. Estivessem assim coordenadas as outras funcções da sua actividade, e comprehender-se-hia facilmente, n'um relance d'olhos, o contingente que Portugal tem fornecido ao desenvolvimento geral da civilisação. São estes trabalhos de compilação que faltam na nossa litteratura e emquanto não estiverem compendiados todos os elementos de qualquer especialidade, muito difficil será formular um juizo synthetico sobre o valor da representação mental portugueza na equação do progresso.

Não diremos que o **Cancioneiro de musicas populares** seja um monumento de primeira ordem, uma obra impeccavel, correspondendo com uma exacção mathematica á sua indole, ao seu intuito, ao seu titulo. A sciencia deu as mãos ao folklorismo e um e outro foram por esses campos fóra, colhendo um pouco ao acaso as flôres, que espontaneamente rebentavam a seus pés, acceitando com um sorriso na bôca as que lhes offereciam no caminho e lhes atiravam gentilmente ao regaço. Fez-se a colheita, não se fez ainda a selecção e essa tarefa só mais tarde é que se poderá realisar em condições satisfactorias. Bastantes dos trechos colleccionados teem um sabor erudito, não perderam ainda a sua patina litteraria, e embora já andem na bôca do povo, ainda não se aclimaram facilmente, ainda não despiram os habitos palacianos, ainda se não depuraram no cadinho da tradição popular. Longe, porém de ser um inconveniente, quer-nos parecer que tem muito de vantajoso o conglobar n'este ramo a flora da sala a par da flora das ruas, as rosas dos jardins esmerados ao lado das rosas dos prados e das serranias. Ficar-se-ha assim conhecendo como é que naturalmente se estabelece esta endosmose artistica e litteraria; como é que a musa do povo vem buscar no alto a sua fonte de inspiração e como é que a musa do cultismo vae revigorar-se muitas vezes e tonificar o seu organismo nas origens primitivas, tão rusticas na apparencia mas tão encantadoras no seu fundo de sinceridade e singeleza.

É cedo ainda para fazer-se uma analyse profunda e um estudo comparativo sobre a exuberancia e variedade das nossas bellas melodias populares. O **Cancioneiro de musicas populares**, se não é a primeira tentativa, póde dizer-se que é uma empreza inicial no seu genero. Seria insensatez e seria absurdo exigir-se d'elle um trabalho completo, exhaustivo, como se alguem tivesse a velleidade de affirmar que obras d'esta natureza sahem completas da cabeça de seus auctores como Minerva da cabeça de Jupiter. Logo que esteja publicado o segundo volume, então se poderá mais seguramente e com maior somma de documentos proceder ao inquerito da nossa evolução artistica, estudada em si propria e nas suas relações com a arte estrangeira. Hoje não se comprehende um estudo d'esta ordem sem ser fundado no parallelismo, isto é, sem que se comparem as manifestações estheticas d'um povo com as manifestações estheticas d'outro povo. O que ás vezes, sob um ponto de vista absoluto, suppômos resultante d'uma força original, não passa d'uma corrente transmittida e lá vamos encontrar em outra parte, com fórmas mais caracteristicas e mais archaicas ainda, o que suppunhamos privativo d'uma região e da indole d'um determinado paiz.

O **Cancioneiro** não se limita a ser o archivo das riquezas melodicas: é tambem um inventario poetico e choreographico. Não deixará de ser curioso averiguar se muitas das canções que nos vieram do estrangeiro foram importadas unicamente pelo que diz respeito á parte musical, se com respeito tambem á parte poetica, pelo menos ao fundo essencial da letra.

Embora nos falte absolutamente a competencia e auctoridade technica para formular e comprovar esta theoria, não duvidamos todavia emittir a hypothese de que muitas das cantilenas vulgares provieram da influencia religiosa e theatral. Sabe-se que o nosso theatro do se-

culo XVI era adornado de córos, que faziam o encanto dos saraus palacianos e dos frequentadores dos pateos das comedias. Alguns dos dramaturgos, como Gil Vicente, é que compunham as musicas que ornamentavam as suas peças e nada mais natural que muitas d'essas toadas ficassem na tradição popular. Assim como o poeta levava para o palco as cantigas do povo, assim o povo aprenderia tambem do dramaturgo, pagando-se d'esta fórma mutuamente as suas dividas poeticas.

A egreja na idade média desempenhou o mesmo papel que o *agora* e o *forum* representaram na civilisação grega e romana. A vida religiosa e a vida civil apertava-as um estreito laço d'união. Muitos actos de importancia effectuavam-se á sombra do campanario, sob o alpendre da galilé, e no proprio templo as massas populares de envolta com a fidalguia e com a realeza assistiam a cerimonias d'um aspecto e d'um caracter dramatico, como eram os autos nas festas do Natal. Mais tarde a egreja viu-se obrigada a cohibir muitos abusos praticados sob o manto da religião e que não eram senão um resurgimento das antigas praticas gentilicas. Na visitação á egreja de S. João de Mocharro, feita em 1467 pelo celebre cardeal d'Alpedrinha, arcebispo de Lisboa, lêem-se disposições interessantissimas ácerca das vigilias e romarias, prohibindo as *cantigas mundanas*, que por este motivo se faziam nas egrejas, assim como as danças e jogos deshonestos [1].

Quando Beckford no principio d'este seculo esteve em Portugal, na volta d'um passeio a Alcobaça e Batalha, pousou em Cadafaes e ahi teve occasião de assistir á festa de Santo Antonio n'um convento franciscano. O que mais o impressionou foi um hymno entoado pelo povo e que elle diz que os portuguezes costumavam cantar, como grito de guerra, nos dias das luctas supremas. Que pena que o humoristico escriptor inglez não tivesse tido o cuidado de nos transmittir a letra e a musica d'esse hymno! Observou-nos o nosso erudito amigo Gabriel Pereira, que bem poderia ser o *Bemdito*. Effectivamente na singeleza d'este canto ha o quer que seja de marcial e divino e é ainda com profunda saudade que nos recordamos d'elle quando o ouviamos em criança, nas ruas do Porto, entoado melancolicamente pela voz rude dos marinheiros que levavam como voto, offerenda a algum santuario em voga, a vela enrolada do seu navio em perigo.

Não foi só o elemento christão que predominou na musica portugueza; a influencia judaica e mourisca devem ter deixado fatalmente os seus vestigios. Não obstante a inquisição, que produziu, pela mais inqualificavel violencia, a unidade religiosa, o predominio da tradição arabe prolongou-se indefinidamente. D. Manuel era apaixonado pela musica e recreava-se particularmente em ouvir os seus cantores e tangedores mouriscos. Na côrte de D. João III apparecem-nos bastantes bailadores de mourisca, que não se limitavam unicamente a dançar, mas que tocavam igualmente e por certo cantariam tambem [1].

Abre este segundo volume com uma peça musical de grande valor historico: o hymno que os soldados portuguezes cantavam na infeliz jornada d'Alcacer Quibir. A Miguel Leitão de Andrade deve a archeologia artistica portugueza a conservação de tão precioso documento, que decerto não seria o unico. Tudo leva a crêr que os guerreiros portuguezes não se limitassem a cantar os romances e trovas populares, e que celebrassem tambem as suas victorias e aventuras. Infelizmente ninguem teve a piedosa lembrança de colligir esse cancioneiro, que hoje seria o mais admiravel commentario á nossa odysseia secular. Falta de curiosidade, falta de patriotismo e falta de comprehensão historica!

A batalha d'Alcacer Quibir é uma das paginas mais lutuosas do nosso passado, mas é ao mesmo tempo uma das mais pittorescas e suggestivas. Só a imaginação popular é que comprehendeu bem o alcance d'essa catastrophe, envolvendo-a na neblina vaporosa d'uma tradição messianica. Um povo d'aventureiros não podia expirar d'outra sorte. D. Sebastião foi o ultimo cavalleiro andante; o seu logar não é na historia, o seu verdadeiro logar é na lenda.

Não foi á falta de musica e á falta de poesia que a batalha real se perdeu. D. Sebastião levava comsigo mais d'um poeta para lhe cantar a imaginaria victoria. Diogo Bernardes e Fernão d'Alvares do Oriente lá ficaram chorando, em troca, as amarguras do captiveiro. Conta-nos Caverel, narrando a viagem que o embaixador Saint-Vaaz

---

[1] Esta visitação foi publicada por Borges de Figueiredo no tomo I da sua *Revista archeologica e historica.*

[1] «Dom Joham & A quamtos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos seruyços que tenho recebydos de Francisco Teixeira, *tangedor de mourysqua*, querendolhe por yso fazer graça e merce, tenho por bem e me praz que elle tenha e aja de mym, em cada hũu anno, de janeiro que vem de b^{c}xxxiiij (1534) em diamte, dous myll rs em dinheiro e hum moyo de trigo homde quer que estyuer, em quanto minha merce for, pagos per esta so carta jerall sem mays tirar outra de minha (falta aqui a palavra *fazenda)* no almoxarifado de Tauilla: porem mando ao almoxarife ou recebedor do dito almoxarifado de Tauilla, que ora he e a qualquer outro que ao diante o dito carreguo tyuer, que do dito janeiro em diante, em cada hũu ano, pague ao dito Francisco Teixeira os ditos dous myll rs e ho moyó de tryguo ou a dinheiro ao preso que valer na teraa, per esta soo carta sem mais mostrar outra de minha fazenda, e pello trellado della, que sera registada no lyuro de sua despesa pello escryuão de seu carguo, e seu conhecimento, mando aos contadores que lhos leuem em comta e mamdo a dom Rodrigo Lobo, do meu conselho e vedor de minha fazenda, que lhos faça asy asentar no lyuro dos geraes della e no lyuro das minhas moradias no tytollo do dito Francisco Teixeira fica posta verba como não avera mays moradia por se apousemtar e com o que dito he. Domingos de Payua a fez em Euora a 23 de nouembro de myil b^{c}xxxiij (1533). E eu Dimião Diaz a fiz escreuer. E pello dito moyo de tryguo lhe pagares tres myll rs, posto que em cyma digua que lhe pagues pello estado da terra».

(Torre do Tombo — Chancellaria de D. João III, L.º 7.º, fol. 224 verso).

fizera á côrte de Filippe II em 1582, que não menos de dez mil guitarras deixaram os soldados portuguezes em Alcacer. Dir-se-hia que eram estas as suas armas de combate. Não é este, porém, o unico absurdo que o snr. Caverel edita tão levianamente por conta propria, querendo porventura amesquinhar-nos, quando não faz senão pôr em relêvo a sua falta de criterio.

É certo todavia que os documentos dão-nos noticia de bastantes musicos que lá ficaram estirados, embalando nas ultimas harmonias guerreiras o somno tragico da morte. De não menos de cinco charamellas mortos encontramos nós noticia pelas mercês concedidas ás viuvas e filhos. Um d'elles, Luis Jaquez, era o charamella-mór e tinha sessenta e tantos mil réis d'ordenado. Antão Rodrigues, atabaleiro, tambem lhe ficou fazendo companhia.

Conta Fr. Bernardo da Cruz na sua *Chronica de D. Sebastião* (pag. 308) que este monarcha levava na sua companhia para entretenimento e recreio um seu musico da camara, Domingos Madeira, que durante a viagem cantou uma vez, ao som da viola, o seguinte romance:

> Ayer fuiste rey de España,
> Hoy no tienes un castillo...

Estes versos produziram em todos os circumstantes uma impressão de tristeza e logo Manuel Coresma lhe disse que se calasse e que cántasse outros mais alegres.

Fr. Bernardo da Cruz narra este episodio como um dos casos agourentos da empreza, mas se a victoria a coroasse não faltaria quem registasse os presagios nunciatorios de ventura!

Domingos Madeira tambem foi dos que ficaram captivos em Alcacer, libertando-se á sua custa. Parece que era homem de alguns bens de fortuna; pelo menos possuia numerosa familia; não menos de cinco filhos e quatro irmãs. Parece tambem que era musico de fama e merecimento. Filippe II o mandou vir de Torres Vedras para Lisboa, fazendo-lhe por esse motivo algumas mercês [1].

O hymno de Miguel Leitão de Andrade trouxe-nos dolorosas recordações, mas a historia é mais um cemiterio que uma via triumphal.

Venham as cantigas populares, com a sua melopeia festiva, envolver esta tristeza em flôres ou pelo menos convertêl-a em saudade!

Lisboa, 23 de maio de 1895.

SOUSA VITERBO.

[1] «Dom Felipe &c faço saber aos que esta minha carta virem que avendo respeito aos serviços de Domingos Madeira, meu musyco de camara, e a ir na jornada de Africa com ho senhor Rey dom Sebastyão, meu sobrinho, que sancta gloria aja, e se hachar na batalha d Alcacere, onde foi catiuo e se resguatar a sua custa e se vyr por meu mandado de Torres Vedras com sua casa, molher, cinquo filhos e quatro irmãas, viuer a esta cidade de Lisboa pera seruir ao cardeal archeduque, meu muito amado e prezado sobrinho e irmãao, he ha continuação de seu seruiço e a sua pobreza e asy a vaguarem por falecimento de Jeronimo Carualho, seu sogro, $\overline{\text{LR}}$ rs (noventa mil rs) que tynha de temça cada ano e elle ser seu herdeiro per renũciação que nelle fez Miguel Perdigão, ey por bem e me praz de fazer merce ao dito Domingos Madeira de coremta mill rs de temça cada ano pellos LR rs que asy vaguarão pello dito seu sogro, os quaes $\overline{\text{R}}$ rs (40 mil reaes) de temça começara a vemcer de xxiij dias dagosto deste ano presente de b^{c}lxxxb (1585) em diamte, em que lhe fiz esta merce, a quall lhe asy faço alem das mais merces que lhe jaa tenho feito pellos mesmos respeitos, e por tamto mamdo a dom Fernando de Noronha, conde de Lynhares, do meu conselho do estado e vedor de minha fazenda, que lhos faça asemtar no Livro della e do dito tempo em diamte despachar cada ano em parte homde delles lhe sejão bem paguos, e por firmeza de todo lhe mãdey dar este por mim asynado e asellado do meu sello pemdemte. Antão da Rocha a fez en Lisboa a xx doutubro, ano do nacimento de nosso Senhor Ihũu xpo de jb^{c}lxxxb (1585), e eu Manuel d Azevedo o fiz escrever».

(Torre do Tombo — D. Filipe I - Doações, L.º 15.º, fol. 173 verso).

Se um dia o grande enfermo do Occidente
Quizer saber se ainda existe ou não,
Ponha sobre este livro a mão tremente
E sentirá palpitar o coração.

José Simões Dias.

Esta estrophe foi recitada pelo snr. conde de Samodães, com a mão sobre os *Lusiadas*, em uma das conferencias no Palacio de Crystal por occasião do tricentenario de Camões. Julgamol-a tão apropriada á nossa obra, que aqui a reproduzimos.

PREAMBULO

A alma d'um povo manifesta-se nos seus cantos, assim como a actividade do seu espirito se patenteia nas suas obras. Enebria-se nas grandes alegrias; abate-se nas grandes dôres; acalma-se perante as grandes calamidades; ora enaltece o amor, a virtude, o talento e o heroismo; ora estigmatisa o cynismo, o vicio, a imbecilidade e o crime; para cada vicissitude da vida tem uma fórma especial de expressão, franca, simples e sincera, que applica sem circumloquios nem preambulos: é a ideia explodindo vigorosa.

Se o poema popular d'uma nacionalidade brota espontaneamente do sentimento do povo que a constitue, pela assimilação de seus proprios elementos n'elle se consubstancía o estado psycologico que lhe dá a homogeneidade, e a concentração de todas as suas forças vitaes lhe caracterisa a independencia.

A poesia é innata do coração do homem, e d'alli subiu a povoar-lhe o cerebro de imagens seductoras, de visões mysticas e de devaneios eroticos; a mulher prescrutou-lhe o sonhar e embalou-o, soltando a sua voz flexivel em ondulações de sonoridade argentina, e o homem na sua infancia acordou cantando na rudez viril mil protestos de amor e promessas de intrepidez, protectora da sua idealidade materialisada na fragil companheira.

E' esta, talvez, a genese da arte da musica, nata com o primeiro homem, não o *homem darwiniano*, mas o homem de larynge sonora, que canta para exprimir o chromatismo de todos os seus sentimentos heroicos, guerreiros, amorosos e mysticos.

Volvidos tantos annos, a especie não degenerou: a humanidade canta ainda como no primeiro dia, para exprimir os seus affectos e paixões; sómente revela em sua musica os progressos da sua cultura.

⁂

Da musica primitiva do povo rude, ainda se conservam, na sua simplicidade nativa, algumas d'essas toadas, em fórma de cantos guerreiros, que lhe serviam de incentivo aos grandes commettimentos.

A musica simplesmente rythmica foi provavelmente a que fez as delicias dos primeiros povos da nossa nacionalidade. As marchas e contramarchas que os povos eram obrigados a fazer, conforme o espirito guerreiro da epocha das cruzadas, davam-lhe o sentimento da uniformidade do compasso binario, na cadencia da ordenança relativa, emquanto que as danças a que se entregavam, quer nos regosijos publicos, quer nos particulares, eram formadas pelo sentimento do rythmo ternario.

D'estes rythmos, a musica que nos resta acha-se mais ou menos ligada ás solemnidades religiosas, tendo por instrumentos predominantes os tambores e o *zabumba* (vulgo *Zé-P'reira)*, enorme bombo, cujas dimensões regulam de 0^{m},70 de altura por 0^{m},80 de diametro.

Todos temos ouvido e visto esses typos classicos de tamborileiros, tanto na frente das procissões sertanejas, como no alto d'um monte, e ainda nos suburbios do Porto, em dias de romaria, tocando, e até dançando simultaneamente, com passo pesado e grave, um rythmo caprichosamente cadenciado n'aquelle instrumento.

O *zabumba* raras vezes se apresenta só; quasi sempre se acompanha d'um outro tambor menor, a *caixa de rufo*. Ha aldeias que se ufanam de possuir tamborileiros habilissimos.

A marcha grave d'estes instrumentos é vulgarmente a seguinte:

Tambor
Zabumba

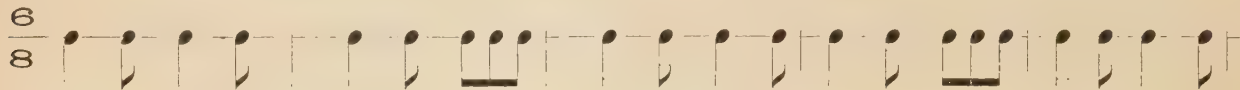
Pum pum, pum, pum; Zé P'reira Zé pum, Pum, Pum, pum, pum, pum.

Os rapazes costumam metter a letra de *Pum, pum, pum, Zé-P'reira, Zé-pum.*

Nas festas populares mais pomposas das provincias do Minho e Tras-os-Montes ha tambem o gaiteiro, *tocador de cornemusa* (vulgo *gaita de folle),* que toca as melodias populares, emquanto o zabumba e tambores bàtem o rythmo.

Outras vezes a grandeza da festa prima pelo maior numero de zabumbas que se reunem. Ainda no anno de 1892, em Amarante, para a festa de S. Gonçalo foram contractados cento e quatorze zabumbas, dos quaes compareceram só noventa e sete, dirigidos por um tambor-mór que, na frente do bando, de enorme bastão em punho, gingando e gesticulando, marcava o compasso e o rythmo áquella horda atroadora.

Não é só nas aldeias e villas que se conserva a musica ruidosa dos tambores; nas cidades principaes de Portugal temos tambem o uso d'esses instrumentos em solemnidades de certa gravidade; em Lisboa e Porto, na procissão de *Corpus-Christi,* ainda acompanha o S. Jorge que, a cavallo, precede o cortejo, uma charanga de tambores do exercito que vae executando continuamente a seguinte marcha, com redobres:

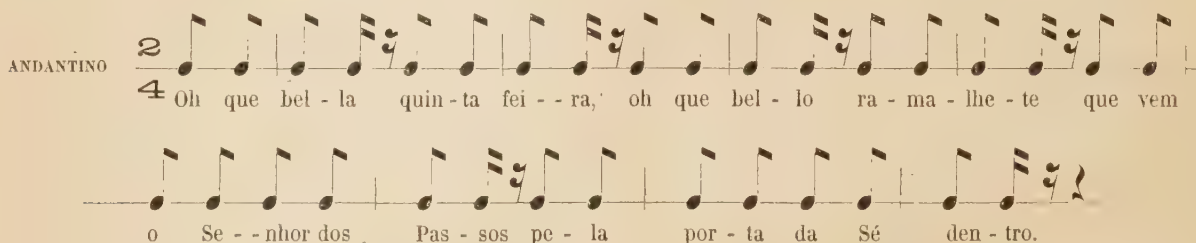
6/8

tocada a dois tempos em 6 por 8, na cadencia de 112. O andamento da ordenança, applicado a esta monotona marcha, comquanto seja bastante vivo, caracterisa o chouto pesado da antiga cavallaria, sobrecarregada com fortes armaduras.

Os primitivos cantos populares foram rudes e unicamente rythmicos, como a musica dos instrumentos de percussão; e alguns ainda hoje se conservam empregados pelo povo, quando toma parte mais ou menos activa em certas solemnidades religiosas.

Ainda não ha muitos annos que no Porto, na segunda quinta-feira da quaresma, sahia, á noite, da egreja de S. João Novo e ia em procissão para a Sé, a imagem do Senhor dos Passos: na frente do prestito, uma multidão de garotos e marmanjos entoava, continuamente, este estribilho tradicional:

ANDANTINO 2/4

Oh que bel - la quin - ta fei - - ra, oh que bel - lo ra - ma - lhe - te que vem

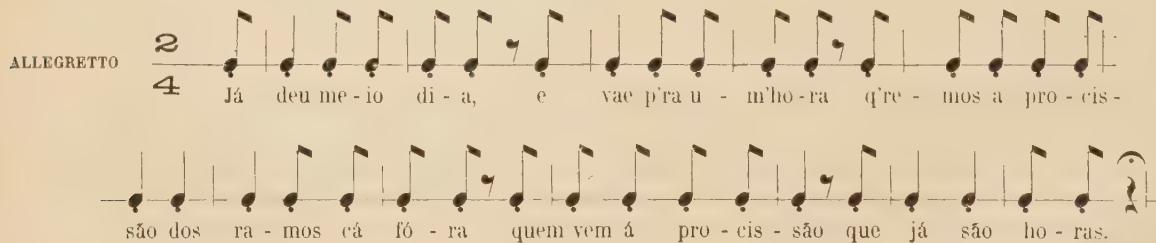
o Se - - nhor dos Pas - sos pe - la por - ta da Sé den - tro.

No dia seguinte, de tarde, voltava a procissão, com maior solemnidade, para a egreja d'onde sahira, precedida da mesma multidão, que ia apedrejando o *Fagote,*—um pobre diabo vestido de soldado romano, segundo a phantasia do armador, e que na frente do cortejo abusinava n'uma corneta lisa uns sons de postilhão, quasi sempre interrompidos por alguma pedrada dos garotos e pela vozearia que, com a mesma entoação da vespera e palavriado indecoroso, apostrophava o *Fagote.*

A ultima vez que sahiu, em 1882, esta procissão, já não levava o *Fagote:* mas na vespera foi acompanhada com a tradicional cantiga.

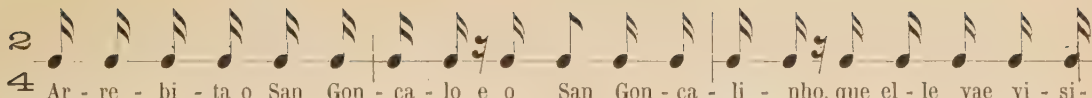
Outra solemnidade religiosa, em que os rapazes do povo portuense tomam parte, é a benção dos ramos, no quinto domingo da quaresma; tanto durante a ceremonia da benção, como ao retirarem da egreja, entoam a seguinte lenga-lenga:

ALLEGRETTO 2/4

Já deu me - io di - a, e vae p'ra u - m'ho - ra q're - mos a pro - cis -

são dos ra - mos cá fó - ra quem vem á pro - cis - são que já são ho - ras.

Ainda outra festa, em que o religioso e profano se confundem, a ponto de se tornar d'um ridiculo carnavalesco, é a festa de S. Gonçalo, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, em Villa Nova de Gaya. No dia 10 de janeiro, ou no domingo immediato, junta-se n'aquella villa, em logar determinado, um bando composto principalmente de marinheiros ali domiciliados, tendo á frente uma horrivel fanfarra, organisada pelos festeiros com os instrumentos mais extravagantes que podem obter, tanto de sopro como de corda e percussão, abundando os zabumbas e tambores. Com este ruidoso charivari, desfila o cortejo até casa do mordomo, depositario do santo, e d'ali para o arraial, levando um dos da sucia o santo ao collo; e toda a multidão marcha, entoando a seguinte cantiga:

ANDANTE

Ar - re - bi - ta o San Gon - ça - lo e o San Gon - ça - li - nho, que el - le vae vi - si-
tar o San Chris - to - vi - nho, E o san - to é nos - so e não é do ab - - ba - de

Depois de percorrer o arraial, volta aquella multidão a guardar o santo em casa do mordomo e a entregar-se a *libações do vinho novo,* que é costume abrir-se n'aquelle dia.

Estes costumes são ainda uns restos de paganismo que se conservam entre o povo, não só n'esta localidade, mas em muitas outras, e que só leis severas podiam e deviam expurgar, por dignidade do culto e do bom senso.

Muitos outros cantos rudes, ou simplesmente entoações rythmicas, se conservam pelas nossas provincias, mas todos approximadamente se submettem á metrica dos que acabamos de expôr.

*

Os cantos populares podem agrupar-se em sete classes:

A 1.ª comprehende os cantos religiosos recebidos pela influencia directa dos actos ecclesiasticos e de lendas inspiradas em sentimentos de piedade, e pelo oratorio, ou melodrama sacro.

A 2.ª comprehende as cantigas amorosas, os descantes, as danças campestres e as chulas.

A 3.ª comprehende as cantigas das ruas, satyricas, allusivas e politicas.

A 4.ª comprehende os cantos maritimos, fados e cantigas eroticas.

A 5.ª comprehende as modinhas, as canções e as serenatas.

A 6.ª comprehende as composições lyricas recolhidas ou apropriadas pela musa popular.

A 7.ª comprehende os cantos patrioticos e os impostos officialmente, como são: os hymnos e marchas triumphaes.

Cada uma d'estas classes, e ainda cada uma das suas subdivisões, acompanha-se d'um material sonoro apropriado, muitas vezes caracteristico de determinadas predilecções locaes, ou sujeitas a conveniencias e a regras estabelecidas.

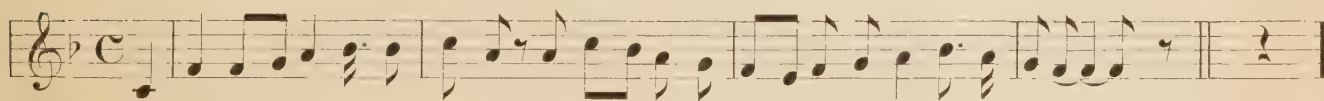
Os canticos religiosos, quando o povo toma parte nas solemnidades liturgicas, são quasi sempre a secco, ao ar livre, quer em simples entoação, quer em córos unis, ou a duas e mais partes; porém, dentro dos templos, o orgão acompanha-os, se são rituaes.

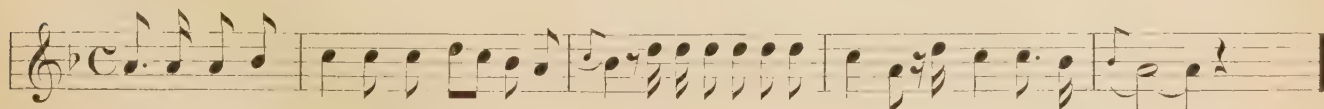
Quando o Viatico vae de noite aos enfermos, é costume, no Porto, e em quasi todo o paiz, cantar-se o Bemdito: os irmãos que vão ao pallio, ou umbella e lanternas, cantam a primeira parte, e o povo que os segue responde. Em algumas freguezias já não permittem este uso.

GRAVE

Confraria

Bem di - to e lou-va - do se-ja o San - tis - si - mo Sa-cra - men - to da Eu-cha-ris - ti - a

Povo

Do fru-cto do ven-tre sa - - gra-do da Vir - - gem pu-ris - si - ma San - ta Ma - ri - a

Este canto continúa ininterrompidamente desde a porta da egreja até á do enfermo, onde pára, para tornar a começar á sahida até á porta da egreja, onde o padre lança a benção, emquanto todos cantam a *Gloria.*

Glo - ria se - ja ao Pa - dre, ao Fi - - lho tam - bem, Gloria ao Espirito San - to pa - ra sem-pre a - men

Em algumas localidades o sacerdote leva só a Particula necessaria para o enfermo, e por isso á porta d'este canta-se a *Gloria,* e o prestito debanda.

Entre os mareantes, o Bemdito é o cantico mais expressivo da sua devoção; é com elle que acompanham seus votos, n'uma reverencia respeitosa e commoventissima.

Quando as furias da tempestade lhes açoutam o pobre lenho, tendo as forças exgotadas na lucta e a esperança perdida pela impotencia de seus esforços, imploram a protecção do Bom Jesus ou da Virgem Santa. Um dos tripulantes escreve com um carvão na vela grande o nome da imagem que invocam, e todos prostrados esperam cheios de fé a protecção divina. Ao chegar a terra, e sêcca a vela, arreia-se, enrola-se, enfeita-se com flôres, e toda a tripulação, descalça e descoberta, levando-a á mão, percorre os centros populosos da localidade onde aproaram, esmolando para o voto. A vela é depois avaliada em arrematação, e o seu valor, rateiado pelos tripulantes, junto com o producto das esmolas, é consagrado a uma solemnidade religiosa.

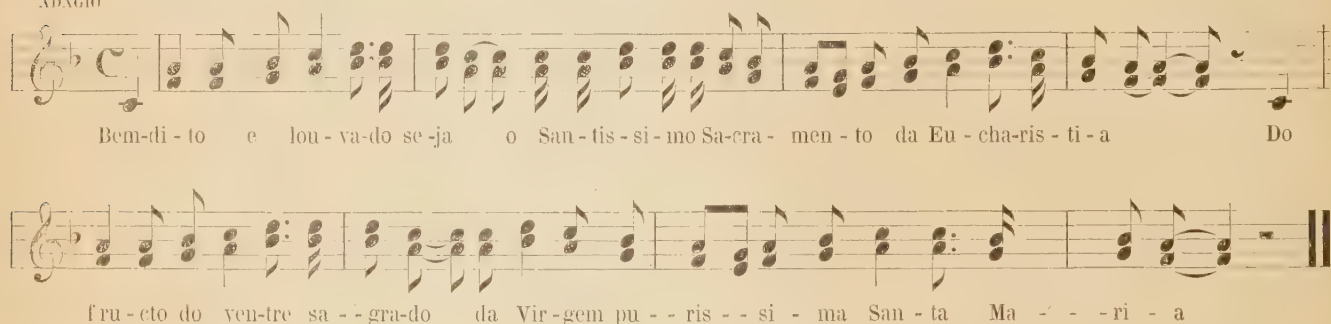
O Bemdito, cantado pelos homens do mar, cujas vozes estão enrouquecidas pelos mil accidentes d'aquella vida, não tem a entoação musical precisa; é, comtudo, por tal modo suggestivo, que nos faz participantes do sentimento do seu espirito.

Este cantico, que impressiona melancolicamente quando entoado pelos naufragos; que incita á devoção quando acompanha o Viatico, é dulcificante de candura e innocencia quando entoado por vozes femininas juvenis.

Nas aldeias são vulgarissimos os córos de raparigas, cantando o Bemdito, quasi sempre a duas partes, quando vão em peregrinação cumprir alguma promessa. A estes grupos coraes chamam *novenas*.

ADAGIO

Bem-di - to e lou - va-do se -ja o San - tis - si - mo Sa-cra - men - to da Eu - cha-ris - ti - a Do

fru - cto do ven-tre sa - - gra-do da Vir - gem pu - - ris - - si - ma San - ta Ma - - - ri - a

Com a mesma musica cantam a *Gloria*.

Quando as novenas são de crianças, estas cantam o Bemdito a unisono.

Nas grandes peregrinações solemnes, os canticos processionaes são acompanhados com instrumental de sopro ou de corda, conforme as circumstancias ou a phantasia dos romeiros o permitte.

As lendas piedosas teem quatro fórmas: a solo, em dialogo, em côro unis, ou a duas partes, e raras vezes se acompanham de qualquer instrumento.

Os mendigos vagabundos usavam antigamente a *sanfona* para se acompanharem nas suas canções.

As cantigas campestres são a solo ou alternadas por duas pessoas, tanto durante os trabalhos de lavoura, lavanderia e outros mestéres ruraes, como nas grandes esturdias. Os descantes ao desafio, as chulas e danças são acompanhadas por um instrumental mais ou menos rico, conforme as circumstancias ou o improvisado das esturdias. A *viola d'arame* (viola chuleira com cordas de arame d'aço) é o instrumento generico, não só em todo o paiz, mas em qualquer outra parte onde exista uma pequena colonia portugueza. Basta um só tocador para animar um numeroso rancho de individuos d'ambos os sexos, sem distincção de idade, e provocar as cantigas e as danças.

Nas festas campestres do Minho, taes como as espadeladas e as esfolhadas, que são as mais importantes dos serões d'aquella provincia, a orchestra que acompanha os cantadores e as cantadeiras é mais numerosa, compondo-se approximadamente da fórma seguinte: violas d'arame, violões, bandolins, cavaquinhos, rebecas, flauta, e, algumas vezes, o clarinete, o saxhorn e o violoncello. Em uma ou outra esturdia lá apparece o harmonico, mas não é bem acceite; o ouvido do nosso povo não tolera por muito tempo aquelle instrumento.

Na provincia de Tras-os-Montes usa-se o mesmo instrumental do Minho; mas nas povoações raianas dominam a gaita de folle, a flauta, o tambor, as castanholas e paulitos. As danças de paulitos consistem em cada dançador ter na mão um pequeno pau com que vae batendo e repicando nos paus dos outros, ao compasso e rythmo caprichoso da musica.

Na provincia do Douro é predominante a *rebeca chuleira,* instrumento que tem a caixa de resonancia (cabaço lhe chamam os tocadores) como a rebeca de marca; mas o braço é curto, apresentando só metade do comprimento que devia ter. Este instrumento executa a parte melodica, acompanhado nas festas por flauta terceira (em Mi b), clarinete, viola, violões, ferrinhos e tambor.

Na fabricação do vinho, no lagar, a pisa da uva é feita ao compasso da chula, que um rebequista, empoleirado n'uma dorna ou pipa, varía infinitamente, com vivacidade e capricho.

Na provincia da Beira predominam a viola, a guitarra, os violões e outros instrumentos de orchestra. Nas montanhas os pastores usam a tibia pastoril, o flautim e flauta terceira, o tambor, o adufe e os cascaveis.

A Beira é a provincia de Portugal mais fecunda em descantes e danças populares. O gosto pelo canto é talvez devido não só ao espirito poetico indigena, mas á linguagem (phonopêa) suave, e á pronuncia sympathica das tricanas.

Na provincia da Extremadura a musa é luxuriante; o fado e as modinhas sensualistas são a sua especialidade; e por isso nenhum outro instrumento que não seja a guitarra, com seus gemidos e harpejos, lhe imprime o sentimento languido e apaixonado do povo.

No Alemtejo as canções são sentimentaes; a guitarra é o instrumento favorito, e as danças são muito figuradas.

No Algarve é a viola e a guitarra que prestam seus acompanhamentos mais vulgares a variadissimas canções e a danças extravagantes.

Nas ilhas é a viola o instrumento mais generalisado entre o povo.

Estas breves indicações sobre os meios materiaes de que dispõe a classe popular de cada provincia para se auxiliar na expansibilidade de seus folguedos não fórma regra precisa e inalteravel, pois que continuamente circumstancias accidentaes ou de vida economica lhe transformam toda a face caracteristica do seu systema rotineiro.

*

Antes da vulgarisação do piano, era a guitarra o instrumento favorito nas salas para acompanhar as canções, os madrigaes e outros cantos da epocha; as senhoras dedicavam-se a estudar este instrumento, como o clavicembalo, o manicordio e o psalterio.

As musicas nacionaes tinham a primazia nos salões familiares; e ainda nos fins do seculo passado e principios do presente, as *modinhas* faziam as delicias nos serões das familias mais illustres. Houve compositores que se distinguiram n'este genero de musicas, e muitas *modinhas* tiveram grande voga pela sua originalidade; mas a maior parte não passavam de desastradas imitações das arias de Mozart, Beethoven, Cimarosa, etc., pretenciosamente sobrecarregadas de volatas, grupetos, trillos, e todos os artificios de agilidade vocal, que tornava ridicula esta musica.

Com o apparecimento de novos genios musicaes que formaram a celebre pleiade de Rossini, Bellini, Donizetti, Mercadante e Meyerbeer, a modinha teve o seu occaso, para dar logar ás arias e cavatinas das operas lyricas da nova escóla italiana; mas, desgraçadamente, os editores em Portugal, explorando o gosto derrancado da sociedade de então, publicavam aquelles trechos com lettra portugueza, sem analogia alguma com a musica, do que resultavam os mais crassos disparates; e assim se conservaram por algum tempo nas salas burguezas.

No emtanto, os capatazes de musicos de egreja, chamados por autonomasia mestres de capella, applicavam sem sciencia nem consciencia ás operas lyricas o latim liturgico e faziam d'ellas missas solemnes: havia, pois, a missa da *Norma*, a do *Propheta*, a do *Moysés*, a dos *Puritanos*, etc. Felizmente, esta especulação intoleravel não prevaleceu por muito tempo, porque a auctoridade ecclesiastica, em muitas localidades, teve de cohibir taes abusos.

Nas ruas, o povo servia-se dos mesmos motivos, applicando-lhes lettra demasiadamente livre.

Ao principiar a segunda metade d'este seculo, findas as guerras civis, a musica popular desperta para a canção tranquilla, e para os hymnos do trabalho. Poetas e musicos concorrem para esta transformação: Visconde de Castilho collabora com Joaquim Casimiro Junior, Santos Pinto, Moraes Pereira e outros; Luiz A. Palmeirim collabora com Miró e anonymos; Soares de Passos e Camillo Castello Branco com o grande anonymo, que é o seu melhor interprete.

Vem depois João de Lemos, e os Dorias com os seus fados e balladas, e as innumeras *romanzas* brazileiras.

Hoje destaca-se, com uma proeminencia notavel, Augusto Hilario, academico conimbricense de medicina, com os seus fados serenatas de uma contextura nova, verdadeiramente peninsular.

Esta musica é rica de modulações e emotiva, ora apaixonada e sensual, ora pathetica e romantica.

As balladas, composições mais complexas do que o fado, apparecem hoje com pretensões a lyrismo artistico, o que mostra bastante cultura intellectual e sentimento esthetico de seus auctores.

Hoje, os cantos populares reduzem-se a estas especialidades e a algumas cantigas que a provincia da Beira produz, mas que ultimamente não primam em originalidade.

Nos seculos passados nada nos revela ter a musica do povo mais amplo desenvolvimento que o da sua propria essencia popular, pois os cancioneiros eruditos que recolheram alguns de seus cantos, apenas nos indicam phrases simples e unitonicas em um ou outro villancico.

O curso evolutivo tem sido morosissimo, e mesmo estacionario durante algumas epochas; é provavel que os meios de expressão fossem n'outro tempo mais caracteristicos, devido á influencia dos cantores das reaes camaras e dos paços dos nobres que actuariam, ainda que indirectamente, no espirito do povo.

Actualmente, a musa popular portugueza quasi que emmudeceu, porque o nosso povo hoje chora, não canta; vive das recordações do passado; preoccupa-se com as luctas pela existencia; emigra; e, no exilio, só se lembra das canções maternas que lhe embalaram a infancia, e das que mais tarde lhe inebriaram a adolescencia. Não tem um canto novo que mande á patria: tem apenas uma lagrima nostalgica para a familia, e uma esperança consoladora para seu coração: esperança de voltar a ouvir ainda os descantos da sua terra natal, que o echo das serras e das florestas repercutia e que ainda conserva em seus ouvidos. Os que ficam presos ao torrão onde nasceram, sem affectos, sem pão e sem abrigo, têem as lagrimas do desalento, pois lhes morreu a voz na garganta com o ultimo adeus aos que lhes eram caros, e, soluçando saudades, procuram o suicidio de toda a expansibilidade affectiva com a resignação dos martyres. Não cantam, succumbem sem um lamento.

Assim se estanca a musa d'um povo que cantou victorias, entoou hymnos a Deus, ao amor, á virtude e ao trabalho; e desapparece, insultada pelas gargalhadas satanicas que as bôcas do theatro atiram, nos seus *couplets* descompostos, sobre as multidões indifferentes.

Junho, 1895.

CESAR DAS NEVES.

BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

LENDA

A S. M. a Rainha a Snr.ª D. Maria Amelia.

156

Pues - - - - - - tos es - tan fren - - - te a fren - -
Pues - tos es - - tan fren - te a fren - - -
Pues - - tos es - - - tan fren - - - te a fren - te

te los dos va - le - ro - sos cam - - - - - - pos u - no es del
te los dos va - le - ro - - - sos cam - - - pos u - no es del
los dos va - le - ro - sos cam - - - - - - - pos u - no es del

Rey Ma - lu - - - co o - - - - tro de Se - - bas - - ti - - -
Rey Ma - lu - - - - - co o - - tro de Se - - - - - - - - - - - - -
Rey Ma - lu - - - co o - - - - tro de Se - - bas - - ti - - -

a - - - - - - - - - - - - - - no el lu - - si - - ta - - - - - -
bas - ti - a - - - - - - - - no el lu - si - - - - - ta - -
a - - - - - - - - - - - - - no el lu - - si - - ta - - - - - -

no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - - - - no
no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - no
no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - - - - no

BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

—Puestos estan frente a frente
Los dos valerosos campos:
Uno es del Rey Maluco,
Otro de Sebastiano
El lusitano.

Moço animoso y valiente,
Robusto, determinado,
Aunque de poca experiencia
Y no bien aconsejado
El lusitano.

Quando los Moros sin cuenta
Su hueste la van cercando
Que pera uno de los suyos
Son mais deziocho tantos.

Ardiendo en fuego su pecho
Rabia por ponerlos mano,
Piensa que todos son nada,
Manda a pelea echar bando
El lusitano.

Brama que envistan los moros
Y el exercito contrario,
Ya se van llegando cerca
A ellos (dize) Santiago
El lusitano.

Dispara la artilharia,
La nuestra mal disparando,
Llueven balas, llueven muertes,
Saetas y mosquetazos.

Empuxan picas los moros,
Ya huyen rotos rodando,
Los ventureros victoria
Pregonan con grande aplauso,

Que mataran el Maluco,
Y lo ha llevado el diablo,
Porque junto a su litera
Lo passaron de un balazo.

Y en la mora artilharia
Dos banderas se han ganado,
Con victoria tan pujante,
Que semejó a milagro.

Pero por peccados nuestros
La gozamos poco espacio;
Que a soccorrer retroguardia
La delantera ha parado.

Que por los lados ya todos
Es vanguardia nuestro campo.
Y con sangre de los muertos,
Está hecho un grande lago.

Todo lo anda el buen Rey,
Dando muertes muy gallardo,
La espada tinta de sangre,
Lança rota, y sin cavallo.

Que el suyo passado el pecho
Ya no puede dar un passo,
A George d'Albuquerque pide
Le dé su rucio rodado.

Daselo de buena gana,
Y el-Rey cavalga de un salto,
Mirale el-Rey como jaze,
De espaldas casi espirando.

Mas le dize que se salve,
Pues todo és roto en pedaços,
Y el-Rey se vá a los moros,
A los moros Sebastiano,
El lusitano.

Busca la muerte en dar muertes,
Busca la muerte Sebastiano el lusitano,
Diziendo: *Aora es la hora,*
Que um bel morir, tuta la vita honora [1].

Miguel Leitão d'Andrada, que foi um dos companheiros do Rei D. Sebastião na desastrada batalha de Alcacer-Quibir, recolheu na sua *Miscellanea* a presente musica e competente poesia, que diz ter-se popularisado logo depois do desastre.

A musica vem na citada obra, escripta a tres partes distinctas; não tem divisões de compasso: a parte superior, em clave de Dó em 1.ª, é designada por *Cantus;* a parte média, em clave de Dó em 2.ª, é designada por *Altus;* e a parte grave, em clave de Dó em 4.ª, é designada por *Bassus;* transcrevêmol-a rigorosamente, collocando por cima da parte superior e por debaixo da média e grave a lettra como está no original, addicionando-lhe apenas as divisões de compasso para melhor comprehensão das pessoas que não conhecem a musica antiga. Esta musica não é puramente de invenção popular, porque a fórma de contraponto em que está escripta indica proveniencia mais erudita.

1 «Palavras que este Rey trazia d'antes na bôca, e costumava dizer muitas vezes».—Miguel Leitão d'Andrada, 1629 *(Miscellanea)*.

TRADUCÇÃO

Postos estão, frente a frente,
Os dois valerosos campos:
Um é do Rei Maluco,
Outro de Sebastião
O lusitano.

Moço animoso e valente,
Robusto, determinado,
Ainda que de pouca experiencia
E não bem aconselhado
O lusitano.

Quando vê mouros sem conta
A sua hoste cercando,
Que p'ra cada um dos seus
Mais de dezoito tocando.

Ardendo em fogo seu peito,
Furioso por pôr-lhe as mãos,
Pensa que todos são nada
Manda á peleja deitar bando
O lusitano.

Brada que envistam os mouros
E o exercito contrario,
Já se vão approximando
—A elles (diz) Santiago
O lusitano.

Dispara a artilheria,
A nossa mal disparando,
Chovem balas, chovem mortes,
Setas e fuzilaria.

Puxam d'arma branca os mouros
E fogem em debandada,
Os aventureiros victoria
Pregoam com grande applauso,

Que mataram o Maluco
E o levára o diabo,
Pois junto á sua liteira
O passaram com um balazio.

E na moura artilheria
Duas bandeiras ganharam,
Com victoria tão pujante,
Que mais parecia milagre.

Porém, por nossos peccados,
Pouco a tivemos gosado,
Que em soccorro á rectaguarda
A dianteira ha parado.

Que já por todos os lados
E' vanguarda nosso campo,
E com o sangue dos mortos
Está feito um grande lago.

Percorreu-o todo o bom Rei,
Dando mortes mui galhardo,
Em sangue tingida a espada,
Rôta a lança e sem cavallo.

Que o seu, traspassado o peito,
Já não póde dar um passo;
Pede a Jorge d'Albuquerque
Lhe dê seu russo rodado.

Dá-lh'o de boa vontade
E o Rei cavalga d'um salto,
Vê-o o Rei como jaz
De costas, quasi expirando.

Mais lhe diz que se salve,
Que é tudo despedaçado,
E o Rei investe com os mouros,
Aos mouros Sebastião
O lusitano.

Busca a morte dando mortes,
Busca a morte Sebastião
O lusitano,
Dizendo: «Agora é a hora
Que uma bella morte toda a vida honra».

LUIZINHA, AGORA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina da Silva Graça.

ALLEGRETTO

157

De jo - e - lhos fui ao mar, Oh Lu i - - zi - - nha, De jo - e -

lhos fui ao fun - do: a - - go - ra a-go - ra a - go - ra, Lu - i - zi - nha a-

go - ra. A - - go - ra, pos - so di - zer, Oh Lu-i - zi - - nha,

que já dei a vol - ta ao mun - do. A - go - ra, a-go-ra a - go - ra, Lu-

i - - zi - nha a - go - ra, dá vol-ta e vi - ra e va - mos em - bo - ra.

LUIZINHA, AGORA

De joelhos fui ao mar,
Oh Luizinha,
De joelhos fui ao fundo.
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.
Agora posso dizer,
Oh Luizinha,
Que já dei a volta ao mundo.
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora,
Dá volta e vira
E vamos embora.

A musica d'esta cantiga foi a que serviu de canto revolucionario aos patuleias, antes de apparecer o hymno da Maria da Fonte, e lhe applicavam uma lettra de occasião, conservando, comtudo, o estribilho, que levava para o ridiculo todo o sentido dos versos. Exemplo:

Já lá se vão os Cabraes,
Oh Luizinha,
Já se lhe abaixou a crista,
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.
Falta abaixar a cabeça,
Oh Luizinha,
Ao João Pereira Baptista.
Agora, agora, etc.

A 9 de outubro de 1846 entrou a barra do Porto o duque da Terceira, que vinha com o fim de suffocar a revolta popular contra os excessos tributarios do governo cabralista. Na noite d'esse mesmo dia, pelas 9 horas, um grupo de populares e cabos de policia dirigiu-se ao palacio do conde de Terena, onde o duque se havia hospedado, e alli o cidadão Antonio de Campos Navarro, em nome do povo, intimou ordem de prisão ao duque, o qual se entregou, seguindo depois para o castello da Foz acompanhado por Manuel da Silva Passos e outras summidades do partido patuleia. Depois da prisão do duque, o povo que não tinha armas foi recebêl-as á casa da Camara, e juntamente com os cabos de policia marchou para a rua do Heroismo (então 20 de Setembro), onde morava o administrador João Pereira Baptista. Durante esta marcha todo o povo entoava em côro a lettra que acima indicamos com a musica da Luizinha; muitas outras quadras lhe foram applicadas, até que appareceu o hymno do Minho:

Olha o duque, olha o duque,
Oh Luizinha, etc.
Olha o duque da Terceira;
Elle vinha por esperto,
Mas cahiu na ratoeira.

Olha o duque, olha o duque,
Olha o duque macacão;
Vinha metter mêdo ao Porto,
E cahiu no alçapão!

A Rainha não conhece
O seu povo verdadeiro;
Só reconhece os Cabraes,
Que nos roubam o dinheiro.

Durante o periodo da revolução da patuleia, prevaleceu a musica da Luizinha, na qual a musa popular empregava os versos mais satyricos e brejeiros. Os Cabraes, não podendo sustentar-se contra o crescente movimento revolucionario, abandonaram o poder e emigraram para Hespanha; o povo cantava-lhes as seguintes trovas:

O Cabral fugiu p'ra Hespanha
Com uma carga de sardinha:
Com a pressa que levava
Nem disse adeus á rainha.

O Cabral fugiu p'ra Hespanha,
Já la vae para a Galliza:
Com a pressa que levava
Nem disse adeus á Luiza [1].

O Cabral queria ser rei,
A mulher quer ser rainha;
Foram-se os Cabraes embora,
Só ficou a Luizinha.

Aprende, rainha, aprende,
Mede agora o teu poder:
Tu d'um lado, o povo d'outro,
Qual dos dois ha de vencer?

---

[1] Chamava-se D. Luiza a esposa do marechal Saldanha.

HYMNO DO MINHO

(Vulgo MARIA DA FONTE)

CANTO PATRIOTICO

Lettra de Paulo Midosi.
Musica de Frondoni.

Á Ex.ma Snr.a D. Libania Ferreira Loureiro.

MARCIAL

158

f

Voz

mf

Ba - que - - ou a ty - - ran - ni - - - - a, no - bre

po - vo, és ven - ce - dor, ge - ne - ro - so, ou - sa - do e li - vre, dê - mos

glo - - ria ao teu va - lor.

CORO

ff

sf

Eia, á - - van - te Por - tu - - gue - zes, Eia, á - van - te, não te - - mer, Pe - la san - ta li - ber - da - - de trium - phar ou pe - - re - - cer tri - um - - phar ou pe - - - re - - cer.

Este hymno foi cantado a primeira vez no dia 24 de junho de 1846 em casa do marquez de Niza, por uma dama do theatro lyrico.

HYMNO DO MINHO

Baqueou a tyrannia,
Nobre povo, és vencedor.
Generoso, ousado e livre,
Dêmos gloria ao teu valor.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante! Não temer!
Pela Santa liberdade
Triumphar ou perecer!

Algemada era a nação,
Mas é livre ainda uma vez;
Ora, e sempre, é caro á Patria
O heroismo portuguez.
Eia, ávante, etc.

Lá raiou a liberdade,
Que a nação ha de additar!
Gloria ao Minho, que primeiro
O seu grito fez soar.
Eia, ávante, etc.

Segue, oh povo, o bello exemplo
De tamanha heroicidade,
Nunca mais deixes tyrannos
Ameaçar a liberdade.
Eia, ávante, etc.

Fugi, despotas, fugi,
Vós, algozes da nação!
Livre, a Patria vos repulsa!
Terminou a escravidão.
Eia, ávante, etc.

O povo portuguez, e especialmente o do Minho, fez d'este hymno a sua canção revolucionaria, e, ainda hoje, quando a *soberania popular* dá signal da sua vitalidade, repercutem por todos os pontos do paiz as notas bellicosas d'essa *Marselheza* de Portugal.

Este hymno foi muito cantado no theatro de S. João, onde, n'aquella epocha, estava em scena um apropósito da revolução do Minho, em que o personagem principal se chamava Maria da Fonte. Foi do theatro que sahiram muitas das estrophes que se cantavam pela rua, e que eram da lavra do actor Abel, e talvez a denominação que deram ao movimento revolucionario da Junta do Porto.

Eis as cantigas das ruas:

Viva a Maria da Fonte,
Com as pistolas na mão,
Para matar os Cabraes,
Que são falsos á nação.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante, e não temer,
Pela Patria e liberdade
Triumphar até morrer!

Viva a Maria da Fonte,
A cavallo, sem cahir,
Com as pistolas á cinta,
A tocar a reunir.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante sem temer,
Pela Patria e liberdade
Batalhar até morrer.

As duas quadras seguintes attribuem-se ao partido miguelista, representado então na guerrilha do padre Casimiro:

Temos um rei estrangeiro,
Estrangeirada facção,
A rainha estrangeirada,
Só portugueza a nação!
Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante d'uma vez,
Nós não queremos que governe
Senão um rei portuguez!

A lettra que se segue é coimbrã; n'ella transparece o vigor e enthusiasmo do nobre patriotismo da mocidade academica d'aquella epocha:

Cáia um throno, cáia um rei,
Onde impéra a tyrannia,
Mas d'um povo a liberdade
Não se perca nem um dia!
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante, e não temer,
Pela Patria e liberdade
Triumphar até morrer.

Tendo entrado no Porto o general Povoas, organisou-se no dia 22 de fevereiro de 1847 um espectaculo de gala no theatro de S. João, em que se cantou o hymno com a seguinte lettra:

Fulgiu hontem sobre o Porto
Um meteóro de gloria:
Chegou Povoas, e com elle
Chegou o deus da victoria.
Armas! ferro! guerra! guerra!
Tremulem nossos pendões.
Contra a vil horda d'escravos
Marchae, livres, batalhões.

Atravez d'eternos gêlos
Passou com sabia ousadia [1].
Deus proteje o nobre arrojo
Contra a feroz tyrannia.
Armas! ferro!, etc.

Uma côrte corrompida
Fascina o sceptro real;
Escravisar em vão querendo
Este nosso Portugal.
Armas! ferro!, etc.

Opprimir tentam o povo
Com perversa atrocidade?
Querem sangue? haja sangue!
Regue sangue a liberdade.
Armas! ferro!, etc.

Povoas, Antas, Guedes, Cesar,
Almargem, Sá da Bandeira,
Vão cingir d'immortaes louros
A mocidade guerreira.
Armas! ferro!, etc.

Ora sus! ergue-te, oh povo,
Qual gigante ingente e forte,
Eis o teu grito de guerra:
Ou liberdade ou a morte.
Armas! ferro!, etc.

D'entre os numerosos versos que o povo applicava ao hymno do Minho, durante a revolução da *Patuleia*, recordamos os seguintes, por terem directa ou figuradamente descripto os factos que se iam succedendo:

O Saldanha já mandou,
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome
E a palha está-se a acabar [2].

Já lá vae para Hespanha,
A divisão do Casal [3];
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal.

A rainha não podendo
Vencer os nossos guerreiros,
Foi pedir, oh que vergonha!
Protecção aos estrangeiros [4].

[1] Povoas tinha sido cercado na serra da Estrella pelos generaes Solla e Lapa; mas de noite escapou-se com os seus por um atalho, ficando logrados os sitiantes. Povoas era miguelista, mas prestou serviços á Patuleia.

[2] O general Saldanha era cabralista; porém depois foi elle que derrubou aquelle governo.

[3] General que em dezembro de 1847 atacou o Porto e em seguida retirou-se para Hespanha.

[4] Allude á intervenção hespanhola e ingleza.

Deu origem a muitos versos populares a revolução do Minho, cuja lenda é a seguinte:

Os excessivos tributos com que o governo do marquez de Thomar, Antonio Bernardo da Costa Cabral, havia sobrecarregado o povo, traziam este excitado a ponto de que o menor pretexto, serviria a uma explosão hostil. Foi o caso, que, tendo ordenado o governo não fazerem mais exhumações dentro dos templos, como era de uso, encontrou esta lei grande opposição, principalmente nas aldeias, onde não havia cemiterios. Succedeu então na Povoa de Lanhoso ter fallecido uma mulher, e o regedor, no cumprimento da lei, não consentiu que se enterrasse na egreja; porém, umas sete mulheres que tinham acompanhado o cadaver, teimaram em fazer alli a exhumação, resultando grande lucta com a auctoridade. Salientou-se, d'entre aquellas, uma chamada Maria Angelina, do logar da Fonte, ou natural de Fonte Arcada, que mandou tocar o sino a rebate com todo o vigor. N'um instante, alarmou-se toda a freguezia, e o regedor teve de fugir ás unhas das matronas, que enterraram o cadaver na egreja:

As sete mulheres do Minho,
Mulheres de grande valor,
Armadas de fuso e roca,
Correram o regedor!

Findo o enterro, o povo amotinado percorre as estradas e praças, armado dos instrumentos agricolas, que mais á mão encontrou, clamando pela revogação da lei e dos tributos; a Maria lá marchava na frente, enthusiasmada e enthusiasmando, até que teve de entregar o commando ao celebre padre Casimiro [1], de quem o povo cantou:

Viva o padre Casimiro,
Que é mesmo um anjo do céo:
Pois traz sempre o crucifixo
No forro do seu chapéo.

A Maria tambem teve a sua glorificação:

Essa mulher lá do Minho,
Que da fouce fez espada,
Ha de ter na lusa historia
Uma pagina dourada.

E nós aqui lh'a escrevemos, para honra e gloria do esforço feminino.

Depois de terminar a revolução, foi por muitas vezes prohibido o hymno do Minho, tanto cantado, como tocado, e até assobiado, conforme o partido que estava no poder.

[1] O padre Casimiro José Vieira falleceu, na casa da Alegria, em Felgueiras, a 30 de junho do corrente anno de 1895, com 78 annos de idade, pobre e abandonado. Aos 29 annos tomou parte importante na revolta do Minho, querendo encaminhar a revolução para o seu ideal absolutista. Era muito estimado pelo povo, que o acclamou *Defensor das Cinco Chagas, e general commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes*. Em 1847, por diploma de 7 d'abril, foi nomeado pelo logar-tenente de D. Miguel I, n'este reino, (dr. Candido Rodrigues Alves de Figueiredo Lima), *Commandante geral de todas as forças populares ao norte do Minho, com honras de brigadeiro.*

JOVENS SEREIAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Augusta Pinheiro.

Allegretto.

159

p

O rou-xi-nol quan-do can - - - ta, á noi-te, no sal - guei-

ral . . . . . No seu re- - que - bro só diz . . . . Co - im -

bra não tem ri- - val. *f* So - mos as fi - lhas do

mar. jo - vens se - - re - ias, jo - vens se - re - - - - - ias:

a - nos - sa vi - da é can - tar, e nos teus bra - ços em ca- de - ias.

Recolhida em Coimbra por F. P. Nogueira.
A musica d'esta cantiga é uma valsa applicada á letra. Não tem originalidade, nem é de origem popular; mas está popularisada.

Dança. — Durante a cantiga é dança de roda; no estribilho *grand-chaine.*

JOVENS SEREIAS

O rouxinol quando canta,
A' noite, no salgueiral,
No seu requebro só diz:
— Coimbra não tem rival.

Somos as filhas do mar,
Jovens sereias, jovens sereias;
A nossa vida é cantar,
E nos teus braços em cadeias.

Diz a Lapa dos Esteios
Ao penedo da Saudade:
— Não ha terra mais formosa,
Nem tão rica em mocidade.

Oh areal do Mondego,
Não sei como tens areia;
A toda a hora do dia
O meu amor te passeia.

Deitei o limão correndo
De Santa Clara ao caes,
Para vêr se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

Adeus, ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego.

Não me fales em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Coimbra, nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de além da ponte.

✣

Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é;
Figueira que não dá figos,
Oh, quem lhe cortasse o pé!

Das meninas da Figueira
O seu dote é uma cêsta;
Andam de porta em porta:
— Quem compra sardinha fresca?

Adeus, oh caes das Ameias,
Com teu lindo arvoredo;
De dia gósto de ti,
De noite tenho-te mêdo.

✣

Nunca me lembrou Bragança,
Nem que tal cidade havia;
Agora já não me esquece
Nem de noite, nem de dia.

Oh Villa Real alegre,
Provincia de Traz-os-Montes,
Nos dias que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

Eu conheço uma menina,
Que por ella morro tanto;
Hei de pôr os pés em Roma
A pedil-a ao padre santo.

Já fui soldado em Braga,
Alferes em Penamacôr,
Agora sou general,
Capitão do meu amor.

✣

Quem canta, seu mal espanta;
Quem chora, seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar
Uma dôr que me atormenta.

Uma saudade me mata;
Um suspiro me detem;
Uma esperança me anima
De tornar a vêr meu bem.

Amar, morrer, padecer
Não póde ser tudo junto;
Quem morreu acaba a vida,
Quem ama padece muito.

E's espelho onde me vejo
Cada vez que te visito;
E's igual ao meu desejo,
Não ha nada mais bonito.

Os olhos pretos são falsos,
Os castanhos matadores;
Os azues, da côr do céo,
E' que são os meus amores.

ONDE LEVA A MOÇA?

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.[ma] Snr.[a] D. Lydia Gomes da Silva.

ANDANTE.

160

p An-do por a--qui de noi-te, as fo--lhi-nhas me põe mê-do, bem po--dé-ras tu, me--ni-na, ti-rar--me d'es-te de--gre-do.

f On-de le-va a mo-ça, oh se-nhor sol-da-do? le-vo-a rou--ba-da que é do meu a--gra-do.

Recolhida em Freixiel, Traz-os-Montes, por F. P. Nogueira.

Ando por aqui de noite,
As folhinhas me põe mêdo,
Bem podéras tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.
Onde leva a moça,
Oh senhor soldado?
—Levo-a roubada,
Que é do meu agrado.

Quero ter-te sobre o peito,
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros por quem são.
Onde leva a moça,
Oh senhor sargento?
—Levo-a roubada
P'ra o meu regimento.

Alevanta esses teus olhos
Debaixo d'essas pestanas,
Que eu quero conhecer bem
As luzes com que me enganas.
Onde leva a moça, etc.

Oh meu amor não estranhes
De eu para ti não olhar:
Isto são disfarces meus
Para o mundo não falar.
Onde leva a moça, etc.

Triste quem d'amores morre,
Mais triste quem d'amores vive,
Que eu morro pelos que tenho
E p'los amores que já tive.
Onde leva a moça, etc.

O mal d'amor's não tem cura?!
O mal d'amor's cura tem;
Ajuntem-se dois amores,
Mal d'amor's cura-se bem.
Onde leva a moça,
Senhor capitão?
—Levo-a roubada
P'ra o meu batalhão.

DANÇA.—Durante a cantiga é dança de roda: damas pelo lado de dentro e cavalheiros por fóra, com os braços levantados, dando estalos com os dedos; no estribilho os pares abraçam-se e dão uma volta para a direita e outra para a esquerda.

AVÈ-MARIA, DE LA VENDÉE

CONSAGRADA A NOSSA SENHORA DE LOURDES

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Engracia da Conceição Pinto de Vasconcellos.

ANDANTINO. *J. Puing y Alsubide.*

161

p Sau - de - mos Ma - ri - a, que n'es - ta col - li - na ap - pa-r'ceu, e mei - ga sua fron - te in - cli - na. *f* A - vè, A - vè, A - vè, Ma - ri - a! A - vè, A - vè, A - vè, Ma - ri - a! D.C.

Este cantico popular, escripto pelo organista da cathedral de Air, foi consagrado ás peregrinações francezas a Lourdes, mas rapidamente se vulgarisou por todo o orbe catholico, propalado pelos peregrinos de todas as nações, que lhe addicionaram varias poesias.

TRADUCÇÃO

Saudemos Maria,
Que n'esta collina
Appar'ceu, e meiga
Sua fronte inclina.
Avè, Avè, Avè, Maria!

A' criança timida,
Que no valle orava,
Do *Gave* [1] á torrente
Seu nome ensinava.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Repetia o ecco
Da onda o murmurio,
Que ia resoando
De choça em tugurio.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Escuta-o a França;
A Virgem saudando,
Se põe a caminho,
Em côro cantando.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Voz meiga e materna
—Vinde aqui—lhe diz,
—Eis-me—lhe responde
O povo feliz.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Sobre este logar
Desceu lá dos céos
A graça divina,
Bafejo de Deus.
Avè, Avè, Avè, Maria!

De nós, peregrinos,
A prece acceitae,
E noss'alma e corpo
Nos purificae.
Avè, Avè, Avè, Maria!

ORIGINAL FRANCEZ

Sur cette colline
Marie apparut;
Au front qu'elle incline
Rendons le salute.
Avè, Avè, Avè, Marie!

A l'enfant timide
Priant au vallon,
Au Gave rapide,
Elle a dit son nom.
Avè, Avè, Avè, Marie!

L'enfant le repete
Comme un doux echo
Le Gave lui prête
La voix de son flot.
Avè, Avè, Avè, Marie!

La France l'ecoute
Se leve soudain;
Et se met en rout
Chantant le Refrain.
Avè, Avè, Avè, Marie!

La voix maternelle
Dit: «Venez ici».
Le peuple fidèle
Repond: «Me voici».
Avè, Avè, Avè, Marie!

Un souffle de grace
Pousse vers ce lieu,
Ce souffle qui passe
Est celui de Dieu.
Avè, Avè, Avè, Marie!

Reçois la priére
De tes pèlerins
Montre-toi leur mère
De tous fais de saints.
Avè, Avè, Avè, Marie!

[1] *Gave*, nome que nos Pyrineus se dá á torrente que desce das montanhas.

AVÈ-MARIA!

CANTICO EXPOSITIVO DAS APPARIÇÕES DE LOURDES

I

Era d'harmonias
Hora singular:
As Avè-Marias
Ia o sino a dar.
Avè, Avè, Avè, Maria!
Avè, Avè, Avè, Maria!

Bernardette sente
Que o seu anjo então
A leva á torrente,
Pela propria mão.

Uma aragem passa,
E á menina diz:
— «A Divina Graça
«Te fará feliz!»

Seu olhar, que salva
Da montanha além,
Crê que a estrella d'alva
Despontando vem.

Mas é pura imagem,
Que irradia amor;
Cinge-lhe a paragem
Crystallino albor.

Traz do Paraiso
No olhar a luz;
Seu meigo sorriso
A esperar induz.

Do lyrio a candura
Veste-a em branco véo,
E tem por cintura
Um traço do céo.

Sobre os pés lhe brilha
Rosa virginal,
Gentil maravilha
Do prado eternal.

Pende-lhe um rosario
Da bemdita mão,
Guia, itinerario
Da santa oração!

Exhala, vibrando,
Seu fundo sentir
Bernardette, quando
Volve a repetir:

II

Vem rumor de gente
O extase acabar:
Ergue-se a vidente,
Mas para voltar!

A cada ante-aurora
Diz-lhe o coração
Que outra vez é hora
Da linda visão.

— «Minha mãe na terra,
«Ai! se me quer bem,
«Deixe-me ir: — na serra
«Eu tenho outra Mãe.

«Parece uma estrella!..
«Saber devo emfim,
«Se posso revêl-a,
«O que quer de mim».

Pomba da alliança,
Parte com ardor;
Vôa, e logo alcança
O novo Thabor.

— «Senhora que adoro,
«Eis-me á vossa lei:
«Minha sina imploro;
«Dizei-m'a, dizei».

— «Vinde acompanhada
«*Quinze vezes mais:*
«Parae na assomada;
«E a voz me escutaes.

«Ditosa criança,
«*Oh! crêr-me podeis,*
«*Bemaventurança*
«*Nos céos havereis!*».

— «Senhora, sois boa;
«Mas o mundo não,
«E não me perdoa
«A minha visão!

«Do sabio a vaidade
«Negará sem dó:
«A minha verdade
«Me defende só».

III

O povo affluente,
Mal a manhã sae,
Atraz da vidente
Por seu turno vae.

Como se já fôra
Anjo sem labéo,
Transita a pastora
Entre terra e céo.

Vêde-a, que se enleva
No encanto immortal,
Que é dos filhos d'Eva
Fito natural.

E mudança tanta
Faz seu rosto alli,
Qual se a Imagem Santa
A chamára a si.

Toda a absorve a prece
N'esta devoção:
N'ella resplandece
A luz da Visão.

E a turba prostrada,
Pasma ao contemplar
Da eterna alvorada
O fulgor sem par.

— «*Que tendes,* Senhora?»
A criança diz.
— «Minha protectora,
«Que magua sentis?

«Essas vossas dôres
«*Que remedio tem?*»
— «Pelos peccadores
«*Rezae!*» — torna a Mãe.

«E a grey, com que eu conto
«Venha em procissão
«N'este mesmo ponto
«Fazer-me oração.

«Depois, sem detença
«*Capella* erigi,
«Que a minha presença
«Rememore aqui!»

IV

Mysterio profundo
D'um profundo amor!
Tal Mãe nega ao mundo
O dado penhor?..

Uma e outra aurora
Torna a triste a vir;
E em vão geme e exora,
E o céo sem se abrir!

— «Senhora clemente,
«Pois não sabeis vós
«Que á vossa vidente
«Movem guerra atroz?»

— «Pastorinha, alenta;
«Confia; bem é
«Que seja a tormenta
«O crysol da Fé.

— «Eil-a! ouvi-a! vi-a!
«Mal o posso crêr!
«Novamente envia
«O enlevo ao meu sêr!

«Oh Visão celeste!
«Ouve-me o clamor;
«Esta pobre atteste
«Qual o teu favor.

«Exigem-me prova
«Clara como o sol:
«Prodigios renova
«Da verdade em prol.

«Que onde ahi se inclina
«A teus pés o urzal,
«*Brote flôr divina*
«*O bravo espinhal*».

A Imagem sorria,
Como que a dizer
Aquella porfia:
— «Melhor has de ter.

«A flôr pouco dura,
«Perde viço e côr:
«Maternal ternura
«Dá mais que tal flôr».

V

«*Esses, se a procuras,*
«*A fonte verão,*
«Cujas aguas puras
«Meu presente são!»

A ingenua á passagem
Do *Gave* desceu;
Acena-lhe a Imagem,
E ao signal volveu.

O sitio indicado
Com as mãos sondou;
De terra um punhado
Humido mostrou!..

Fonte dos auspicios,
Fonte salutar,
Os teus beneficios
Quem póde contar?

—«Vós que o mundo acclama
«E taes dons fazeis,
«Angelica Dama,
«Quem sois, não direis?

«Vosso nome á crente
«Serva a deprecar,
«A' vossa vidente
«Quereis occultar?»

D'este rogo o anceio
Quatro vezes faz
No materno seio
Gemer pertinaz!..

Canta em festa a nave:
A Egreja fiel
Solemnisa o *Ave*
Do Anjo Gabriel.

A Imagem, mais bella,
Surge triumphal,
E a Virgem revela
O arcano afinal.

A' sua afilhada
Nova apparição
Já da *Immaculada*
Consente a menção.

VI

Alta mensageira
A' patria voltae,
E da terra inteira
As preces levae.

Chamaveis os filhos,
E elles a abundar
Dos diversos trilhos,
Quaes rios ao mar.

Salvè, terra amada,
Throno montanhez,
Onde a Immaculada
Sua estancia fez!

A Imagem, que escuta
Os votos mortaes,
A' fragosa *Gruta*
Attrae mais e mais.

Qual a fonte corre
Sem nunca parar,
A turba concorre
Sem jámais cessar!

Pio santuario,
Cada dia vês,
Numeroso e vario,
Um grupo francez!

Teus tectos, viveiros
De sacros pendões,
Acolhem romeiros
De todas nações.

E' do amor divino
Aberto o solar:
Passa o peregrino,
E torna a passar.

N'este santo abrigo
Feliz quem pousou:
Para o céo comsigo
Passagem levou!..

Luz propiciatoria,
Que o vosso clarão
Nos conduza á gloria
Da eterna visão!

Esta poesia, que se canta em algumas egrejas, foi distribuida ao povo, em folha volante, e vem datada de Madrid de 15 de janeiro de 1886.

Tambem se cantam os seguintes versos em algumas egrejas do Porto:

Oh Virgem Maria,
Canto com fervor,
Com grande alegria
O teu doce amor.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Minh'alma suspira
Por ti, oh Maria!
Meu peito respira
Com santa alegria.

Oh Anjo ditoso!
Oh feliz Gabriel!
Saúda amoroso
A Virgem fiel.

Oh Virgem formosa!
Tu sempre serás
A Mãe carinhosa,
Que me salvarás.

Eu ás tuas plantas
Quero descançar;
P'ra virtudes santas
Sempre meditar.

Amar-te, Maria,
Amar-te é gosar,
Amar-te, Mãe pia,
Amar-te é reinar.

Quizera, Maria,
Amar-te melhor;
Quizera, Senhora,
Ai! morrer d'amor!

Por ti a pobreza,
Oh Mãe, soffrerei,
E toda a riqueza
Em ti acharei.

Das enfermidades,
Oh Mãe, cuidarás;
As minhas maldades
Tu perdoarás.

Pobres navegantes
Para o céo olhae;
Em todos os instantes
Maria chamae.

Nos teus doces braços
Eu expirarei,
Entre teus abraços
Feliz morrerei.

Por ti, a victoria
Eu alcançarei;
Corôa de gloria
Por ti cingirei.

Foi em 1858 que teve logar a apparição da Senhora a Bernardette.

Lourdes é uma pequena cidade, que n'aquella data apenas contava cinco mil almas. Está situada nos Pyrineus, na diocese de Torbes; ao lado tem uma montanha de rocha, banhada pela corrente *Gave;* a pouca distancia está a gruta, que mede quatro metros d'altura por quatro de largura, e n'ella se abriga uma bella imagem da SS. Virgem. Proximo está a fonte da agua milagrosa e a casa de banhos.

Em maio de 1877 foi a Lourdes, onde chegou no dia 20, uma peregrinação portugueza, acompanhada pelo Em.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa.

A MODA DA RITA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Monterroso.

ALLEGRETTO. Uma voz

162

p Se eu qui-ze-ra a- mo - - res ti-nha mais d'um cen - - to,

bo-ne-cos de pa-lha, oh la-ré! ca-be-ças de ven - - to.

Côro

f Es-ta foi a mo - - da que a Ri - - ta can- tou: lá na Pra-ia No-va, oh la-ré! nin-guem lhe ga- nhou.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Bonecos de palha,
  Oh laré!
Cabeças de vento.

  Esta foi a moda
  Que a Rita cantou:
  Lá na Praia Nova
    Oh laré!
  Ninguem lhe ganhou;

  Ninguem lhe ganhou,
  Ninguem lhe ganhava:
  Esta era a moda
    Oh laré!
  Que a Rita cantava.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Lindos macaquinhos
Que vêm do Brazil.
  Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os ás mãos cheias,
Rapazinhos loiros
Que vêm das aldeias.
  Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os ao milhão,
Lindos bonifrates
Que vêm do Japão.
  Esta foi a moda, etc.

Eu não quero amores,
Quem gosta repete;
Se um amor se vae,
Ficam seis ou sete.
  Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os aos punhados,
Mas não quero amores,
Não quero cuidados.
  Esta foi a moda, etc.

Esta cantiga parece ser do principio d'este seculo.

TENHO PENA, TENHO DÔR

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta d'Araujo.

163

ANDANTINO. Voz

Quem me dé - ra ir ao Por - - - to vêr o du - que da Ter - cei - ra: Côro Ai, ai! te - nho pe - na, te - nho dôr; te - nho pe - na d'el-le, que e - ra o meu a - mor. E eu tam bem, e eu tam- bem, e eu tam- bem, meu lin - do bem.

Esta cantiga foi popularissima na provincia da Beira Alta em 1846-47.
Recolhida em Vizeu por J. A. Ferreira da Silva.

Quem me déra ir ao Porto
Vêr o duque da Terceira:
Ai, ai!
Tenho pena, tenho dôr;
Tenho pena d'elle,
Que era o meu amor.
Côro: E eu tambem,
Meu lindo bem.
Era fino, muito fino,
Mas cahiu na ratoeira.
Ai, ai!, etc.

Foi a espada mais nobre
A do duque da Terceira;
Ai, ai!, etc.
Foi tão bravo, tão valente
No ataque d'Asseiceira.
Ai, ai!, etc.

No Porto, Manuel Passos
Prende o duque da Terceira,
Ai, ai!, etc.
Por andar de noite occulto
Conspirando na Ribeira.
Ai, ai!, etc.

Já nos referimos em outro logar á prisão do duque, para desfazer absurdos que porventura appareçam nos versos.

HYMNO DE D. FERNANDO

SEGUNDO MARIDO DE D. MARIA II

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta Ferreira Carmo.

Marcial.

164

Vi - va, vi - - - va, Dom Fer - nan - - - - do, ca-ro es- po - - so de Ma - - ri - - - - - - - a, ge - - - ne-ral e de - fen- sor da so - be - ra - - - - - na dy - nas-

ti - - - - - - a! Á - - - van - te, sol - - - da - dos, cor - - - - - -

rei, sim, cor - rei ás fi - - lei - - - - - - ras de - - - - fen - - der o

tim - - bre das nos - - sas ban-dei - - - - ras!

Viva, viva, D. Fernando,
Caro esposo de Maria,
General e defensor
Da soberana dynastia!
Ávante, soldados,
Correi ás fileiras
Defender o timbre
Das nossas bandeiras!

Imitae, oh portuguezes,
Sempre a régia valentia,
Defendei o excelso throno
Da soberana dynastia.
Ávante, etc.

Ávante, ávante, guerreiros,
Brilhante estrella vos guia,
Defendei a justa causa
Da soberana dynastia.
Ávante, etc.

Rei do povo lusitano,
Vae findar a rebeldia,
Vae prostrar os inimigos
Da soberana dynastia.
Ávante, etc.

Sobre o regio diadema
Verdes louros enlaçando,
Guia o anjo das batalhas
O valor de Dom Fernando.
Ávante, etc.

O principe D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, segundo marido da rainha D. Maria II, tomou o titulo de rei depois do nascimento do primeiro filho e foi nomeado em 6 d'outubro de 1846, a instancias da rainha, commandante em chefe do exercito; foi por esta occasião que lhe fizeram o presente hymno. Porém, comquanto D. Fernando fosse um principe bastante instruido e diplomata distincto, era avesso ás guerras civis e nunca entrou em campanha, entregando, nas occasiões opportunas, o commando do exercito aos generaes mais affectos á causa que o throno protegia, expondo-se a apupos e insultos indecorosos.

Este hymno era o repto dos cabralistas ao hymno do Minho.

FADO MADRUGADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Herminia da Silva Graça.

ANDANTINO. *Por F. P. Nogueira.*

165

p

Es- con- - de - - se a luz do sol . . .

ao teu o - lhar fas - - ci- nan - - te. Es- con- - de - -

se a luz do sol ao teu o - - - lhar fas - ci -

nan - - te, e fi- ca em tris-te ar - - re- bol a - - quel -

la luz scin - - til- lan - - te. E fi- ca em tris-te ar - - re-

bol a - - quel- la luz scin - - til - lan - - te.

Esconde-se a luz do sol
Ao teu olhar fascinante,
E fica em triste arrebol
Aquella luz scintillante.

Em teu olhar tens a esp'rança,
Em teu seio brinca o amor;
Não ha no mundo criança
Com tanta vida e frescôr.

Não ha joia, assim tão bella,
No céo, na terra ou no mar!
Nem ha no mundo uma estrella
A quem tanto possa amar.

Os doces cantos d'amor,
Que d'esses labios desprendes,
Oh! manda-os, sim, ao Senhor!
São graças que tu lhe rendes.

O meu coração naufraga
No grande mar do teu peito,
Ou desce ao fundo e se alaga,
Ou sobe e fica desfeito.

Se vejo esconder teu rosto
Nas nuvens d'esse cabello,
Sinto em minh'alma o desgosto
De não mais tornar a vêl-o.

Os teus segredos d'amor
Fazem lembrar céos d'anil
Com rosas de varia côr,
Colhidas no mez d'abril.

O teu sonhar é loucura,
O meu cantar é tristeza;
Tu sonhas na formosura,
Eu chóro a tua frieza.

Levae, oh ventos da sorte,
Os meus cantos doloridos:
E venha, depois, a morte
Suffocar os meus gemidos.

Se eu podésse ser ladrão,
Sem que tu, amor, soubesses,
Roubava-te o coração,
Embora tu não quizesses.

RICARDO D'ABREU.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA III

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Herminia de Santa Gertrudes Ferreira.

Poema de T. A. Gonzaga.
Parte II. Lyra VI.

ANDANTE.

166

p

Os ma - - - res, mi - nha bel - - - - la, não se mo - vem; o

bran - do nor - te as-so - - pra, nem di - vi - so u- ma nu-vem se-quer na esphera

to - da: o des-tro nau-ta aqui não é pre- ci - so; eu

só con - du - zo a nau, eu só mo - - de - - ro do

seu go - - ver - - no a ro - - - - - da.

tr

Continuado do 1.º volume, paginas 226 e 253.

MARILIA DE DIRCEU

Os mares, minha bella, não se movem;
O brando norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na esphera toda;
O destro nauta aqui não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio piloto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como succede á nau no mar, succede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demencia;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o céo se cobriu, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da nau, marêa o panno,
Vae-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra, senão morro:
E perco então, se morro, uns doces laços.
Não quero já, Marilia! mais soccorro;
Oh! ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

AS CARVOEIRITAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Sara Martiniano Ferreira.

ALLEGRETTO.

167

Ra- pa - zes da bei - ra mar mi - rae a nos - - sa bel- le - za, que te - mos na nos - sa fes - ta to- -da a gra - ça por-tu - - - gue - za.

Ai, nós so - mos as car-vo - ei- ri - tas, ca - ti - tas! mo- re - nas fi - lhas do mar, nos-so o-lhar!

Nos-so pei - to se in- flam-ma, tem cham-ma! tem cham-ma que faz quei- mar.

D.C.

Recolhida na Figueira da Foz em 1888 pelo snr. dr. Antonio Vianna.

Rapazes da beira mar
Mirae a nossa belleza,
Que temos na nossa festa
Toda a graça portugueza.
Ai, nós somos as carvoeiritas
Catitas!
Morenas filhas do mar,
Nosso olhar!
Nosso peito se inflamma,
Tem chamma!
Tem chamma que faz queimar.

Rapazes, tirae o par,
Vinde para a nossa roda:
Que estar triste e pensativo
Isso já passou de moda.
Ai, nós somos, etc.

Nosso vapor não tem rosas,
Nem brancos lyrios do valle;
Mas tem bellos marinheiros
Que não temem temporal.
Ai, nós somos, etc.

DANÇA. — As damas fazem roda, de mãos dadas, voltadas para fóra; os cavalheiros formam outra roda exterior, voltados para as damas, durante a estrophe; no estribilho faz-se *gran-chaine*.

CONSTANCIA

JOGO CHOREOGRAPHICO

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Candida d'Azevedo Simões.

Andantino

168

p

Cons - tan - cia, mi-nha cons- tan - cia, não sei que de ti se - rá, são a - - ca-sos da ven - tu - - ra, são vol - tas que o mun-do da.

f

Oh Cons - tan-cia não me dei - xes, que eu a- in - da te não dei- xei; dis- far - ça e a-bra-ça ou - trem, que eu tam - bem as-sim fa- rei.

Constancia, minha Constancia,
Não sei que de ti será,
São acasos da ventura,
São voltas que o mundo dá.

Oh Constancia não me deixes,
Que eu ainda te não deixei:
Disfarça e abraça a outrem,
Que eu tambem assim farei.

Entre tantas damas bellas
Só a uma escolherei:
Escolhe tu quem quizeres,
Que eu tambem assim farei.

Oh Constancia não me deixes,
Que eu inda te não deixei:
No jardim de tantas rosas
Qual d'ellas escolherei?

Este jogo é muito antigo, e vulgar em todo o paiz, e especialmente na provincia do Douro.

Dança — E' preciso que o numero de pessoas que entram na dança seja impar: Todos os pares dão as mãos, fazendo grande roda, ficando no centro a pessoa que não obteve par: giram para o lado esquerdo durante oito compassos, depois soltam as mãos e as damas giram em roda pelo lado de dentro sobre a direirta em quanto os cavalheiros continuam a rodar para a esquerda, no entanto a pessoa que estava no centro encorpora-se na roda interna, durante quatro compassos, de repente cada pessoa da roda interna abraça outra da roda externa e dançam em passo de galope em volta da que ficou sem par. Repete-se esta dança tantas vezes quantas for o numero dos pares.

CONDESSINHA D'ARAGÃO

JOGO CHOREOGRAPHICO

Á Ex.ma Snr.ª D. Zaida Simões.

169

Andante

p

Oh Con-des-sa, oh Con-des -si - nha; Oh Con-des - sa d'A - ra- -gão, ve- nho pe - dir-te u - ma fi - lha de bo - ni - tas que el-las são. Mi - -nha fi - lha não te dou que me cus - tou a cre- - ar, nem por ou - ro nem por pra - ta nem por san - gue de Dra- -gão.

D. C. *Allegretto*

f

FINAL Sou vi - u- -vi - nha da ban da d'a- -lem, que-ro ca- zar e não a-cho com quem, só com -ti - go, só com -ti - go, só com -ti - go, meu bem.

CONDESSINHA D'ARAGÃO

Este jogo infantil é dos que antigamente se usavam nas escolas, em horas de recreio; executa-se da seguinte forma:

Um numero impar de creanças organizam roda, no meio da qual fica uma menina, de pé, em quanto as que a circumdam se sentam, ou se poem de joelhos, segurando-lhe na orla da saia do vestido ou aba do babeiro. A que está no meio representa a Condessa e as que estão em volta representam filhas. Por fora da roda um numero egual de creanças representa cavalheiros que vão pedir em casamento as filhas da Condessa; e um canta:

Oh Condessa, oh Condessinha,
Oh Condessa d'Aragão:
Venho pedir-te uma filha
De bonitas que ellas são.

A Condessa responde:

—Minha filha não t'a dou
Que me custou a crear
Nem por ouro, nem por prata
Nem por sangue de Dragão. (1)

A roda dos cavalleiros gira e o primeiro vae cantando:

—Tão contente que eu vinha,
Tão triste me vou achar;
Pedi a filha á Condessa,
Condessa não m'a quiz dar.

A Condessa torna a cantar:

—Volta atraz, oh cavalleiro,
Se fores homem de bem
Dar-te-hei a minha filha
Se m'a estimares bem.

Com esta mesma musica cantam as creanças a letra da Constancia.

Responde o cavalleiro:

Estimo-a bem como bem,
Sentada n'uma almofada,
Enfiando contas d'ouro,
Salta cá minha esposada.

E retira uma menina, das filhas da Condessa, e vem passear de braço por fora da roda dos cavalheiros, em direcção contraria.

Segue-se os outros cavalheiros que repetem o mesmo jogo.

No fim a Condessa fica só, e então os pares que andavam em volta dão as mãos e formam grande roda e a Condessa canta:

Eu sou viuvinha,
Da banda d'alem,
Quero casar
Não acho com quem:
Só comtigo, só comtigo, só comtigo
Meu bem.

E abraça um cavalheiro, e a menina que fica sem par vae servir de Condessa, se querem repetir o jogo.

(1) Vulgarmente dizem Lagarta.

HYMNO DE MAIO

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Perfeita do Nascimento Pereira Fernandes.

Andante

170

ff

Ped. * Ped. * Ped.

* Ped. * Ped. *

p

Sois chei - a de

gra - ça, sem cul - pa ge - ra - - da, pa - ra ser dos ho - - mens

ter - na ad - vo - ga - - - da.

f

Ou - vi nos - sos ro - - gos ten - de com - pai -

xão dos que ve - ne - - ram Vos - so co - ra - ção.

HYMNO A NOSSA SENHORA

Sois cheia de graça,
Sem culpa gerada,
Para ser dos homens
Terna advogada.

POVO

Ouvi nossos rogos,
Tende compaixão
Dos que adoram
Vosso coração.

Para sermos gratos
A vossos favores,
Aqui nos juntamos,
No mez das flores.

E' n'este mez
A Vós consagrado
Que o vosso nome
Deve ser louvado.

Não trazemos flores
P'ra Vos offerecer;
Louvores só queremos
Hoje aqui render.

Immensas flores
Os campos matizam
Ainda mais virtudes
Em Vós se divisam.

Suave perfume
Lançam sem cessar
Que ao vosso Throno
Não tem de chegar

O que lá se ouve
São os gemidos
Dos corações
P'ra Deus convertidos.

Acceitae, Senhora
Nossa devoção;
Para conseguirmos
Fructo d'esta oração.

Cantam-se com a mesma musica as seguintes

SAUDAÇÕES Á SANTISSIMA VIRGEM

N'este mez tão santo
De summa alegria,
Seja nosso encanto
A Virgem Maria.

POVO

Virgem , nossa guia
Sêde, e nossa luz;
Por nós, oh Maria,
Rogae a Jesus.

Jámais nos cancemos
De mostrar-lhe amor;
Cantemos, cantemos
Sempre em seu louvor.

Mãe mui carinhosa
De todos nós é,
Nos ama, estremosa,
Como amou José.

E' nosso conforto
Na tribulação;
Nos leva a bom porto,
Nos dá salvação.

Sem ella, perdidos
Erramos sem norte,
Soltando gemidos
Agudos, de morte.

Com ella, a alegria
E' o nosso quinhão,
Pois ella nos guia
A' Santa Sião.

Como é nossa Mãe
Por nós intercede;
Só quer nosso bem
E a Jesus o pede.

O seu valimento
Tanto poder tem
Que n'um só momento
Perdão nos obtem.

Que, pois, sem cessar
Se louve, á porfia,
A Estrella do Mar,
A Virgem Maria.

Este cantico é vulgarissimo em todas as egrejas, durante o mez de Maio.
A musica é atribuida a Sá Noronha.

A MORENA MALFADADA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia Adelaide Wendel.

171

Frei Jo - - ão se a - le - van- - tou n'u - ma ma - nhã de ge - a - - - da Pa-ra ir ver a su - a da - ma a Mo- - re - na mal- fa- -da - da.

D.C.

Frei João se alevantou,
N'uma manhã de geada,
Para ir ver a sua dama,
A Morena malfadada.
Apertando seu calção,
Tomando sua guitarra,
A' porta da Morena
Um romance lhe cantara:
—Abre-me a porta Morena,
Que estou com os pes na geada;
Se me não abres a porta
Não és morena, nem nada.
«Como te hei de abrir a porta,
Frei João da minha alma,
Se estou com meu filho ao peito
E meu marido á ilharga.
—«Dize-me tu, mulher minha,
A quem dás as tuas fallas?
«E' á moça da padeira,
Que vem saber se amassava;
Se o pão era de leite
Que lhe não deitasse eu agua.
Se o pão era de trigo,
Que pouca agua bastava,
—«Ergue-te d'ahi mulher minha,
Vae reger a tua casa,
Manda os captivos á lenha,
Manda os creados á agua.
«Levantae-vos, homem meu,
Ide co'os cães á caçada
Que não ha caça mais certa
Do que a da madrugada.

Assim que elle caminhou
Ella toda se aceiara,
Com sua saia de seda
Pela cidade arrastava,
Com sua capinha nova,
Seu nó de fita rosada,
Com seu chapeu na cabeça,
Que com seu oro abanava.

Chegara á portaria
Por frei João perguntara!
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;
Pegara-lhe pela mão
Levara-a p'ra sua sala,
Com gallinhas e capões
Nada de comer faltava...
Dera-lhe pão e vinho,
Do que a sua ordem dava;
Comprou-lhe saia de seda,
De cem mil reis cada vara.

Ao sahir da portaria
Seu marido encontrara:

—«D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão aceiada?
«Venho d'ouvir missa nova,
Que venho bem regalada.
—«Dize-me qual foi o padre
Que essa missa cantara?
E dize-me mulher minha,
Quem assim te regalara?
«Foi o padre frei João
Que assim me regalara.
—«Quem me te dera, mulher,
N'uma fogueira queimada,
Com cem carradas de lenha,
Todas cem t'eu atiçara.
«Quem me te dera, meu bem,
N'umas meias laranjadas,
Todas lavradas em sangue
Com duas mil adagadas.
—«Deixae estar, mulher minha,
Temos contas p'r'ajustar
Para fim de tua vida
Já te podes preparar.
«Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me dos meus filhinhos
Que me ficam por crear.
—«Não te importes c'os teus filhos,
Que outra mãe lhe hei de dar
Importa-te da tua alma,
As contas que tem a dar.
«Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar
Dá-se-me da triste conta
Que a Deus tenho para dar.
—«Pega lá uma facada
Do lado do coração,
P'ra te [illegible]rnar a vêr
Em braços de frei João.

«Se vires a frei João
Dizei-lhe, que digo eu,
Que não ponha chapeu pardo,
Que a Morena já morreu.

O LIMÃO VERDE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Sotto-Maior e Menezes.

172

Oh senhor dono da loja
Deite lá meia canada;
Toma limão verde,
Oh da fresca limonada.
Que o dinheiro paga tudo,
Não se fica a dever nada;
Toma limão verde,
Oh da fresca limonada.

Senhora Dona Maria
O seu dom não vale nada
Toma limão verde
Oh da fres:a, limonada.
Vae á fonte, vae ao rio,
Vae á missa sem creada
Toma limão verde.
Oh da fresca limonada.

Esta musica é antiga, mas foi popularissima durante o periodo de 1846 a 1850, e com ella se cantava muitas allusões politicas; em que o estribilho tambem tinha a variante: *Oh do limão verde, etc.*

A' porta da capital
Está um chafariz de vidro: (1)
Onde o Cabral vae chorar
Lagrimas de arrependido.

Dona Maria segunda
Está a fiar n'uma roca
Para pagar ao Saldanha
E o pret á sua tropa.

Todos dizem que o Saldanha
E' o rei dos generaes:
Mas afinal, em campanha,
E' um homem como os mais.

Já lá vem o inglez,
Da banda de Santarem,
De preparar-nos pasteis,
Mas pasteis não nos convem. (2)

O Saldanha come ervilhas
O Conde come morangos,
Coitados cá dos pequenos
Que elles lá se entendem ambos.

O Saldanha quer ser rei
A mulher quer ser rainha:
Hão de ser, mas só se fôr,
Dos *Aloques da Biquinha.* (3)

(1) [R]efere-se á legação ingleza.
(2) Allude-se á oganisação do ministerio de conciliação
(3) No sitio onde hoje está, na cidade do Porto, a rua Mousinho da Silveira, na extenção aproximada de duzentos metros, corria outr'ora, a descoberto, uma levada de agua immunda, denominada Rio da Villa, que no sitio chamado Biquinha, por existir alli uma fonte d'agua de composição duvidosa, (antes de voltar para o largo de S. Domingos) se sumia por debaixo da rua de S. João para ir desaguar no rio Douro. D'um e doutro lado havia lojas antigas, com grandes tanques que haviam sido feitos para cortume de coiros, mas que na epocha d'esta cantiga eram applicados a depositos de immundicies para adubos agriculas. Este sitio era unicamente habitado por enormes ratazanas.

O DESCRIDO

ROMANCE

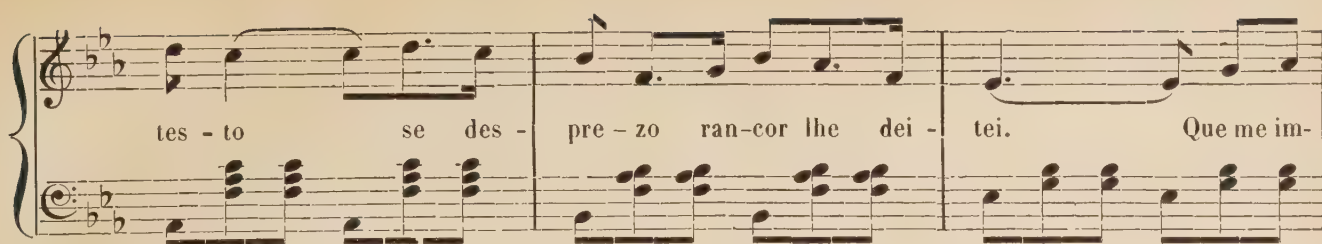
Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Solano d'Abreu.

Andante

173

Que me im-por-ta ri-quezas da ter-ra, d'essas gal-las o louco fu-ror. Que me im-por-ta o ru-gir da por-cel-la, d'es-ses raios, co-ris-cos de hor-ror. Que me im-por-ta que o mun-do se a-ca-be que na tre-ra eu só fi-que rei, que me im-por-ta se o mun-do cu de-

tes - to se des - pre - zo ran-cor lhe dei - tei. Que me im-

por - ta se o mun-do eu de- tes - to se des- pre-so ran-cor lhe dei- tei. D. C,

Que m'importam prazeres da terra
D'essas galas o louco furor;
Que m'importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas, faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que m'importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei?

Venha embora coriscos e raios
Roubar dôce esperança de amor,
Que este peito de marmore e gelo
Só tem fé no tormento e na dôr.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,
Crenças mil n'este meu coração
Mas qu'importa se seccas, mirrhadas,
Eil-as todas perdidas no chão?

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim que só podem caveiras,
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, ávante, meu peito, eia, ávante,
Solta um brado de terno estampido
Que soando, soando nos ares,
Lá repita bradando — Descrido.

Recolhida em 1860. Esta canção é muito popular no Brazil e em Portugal.

FADO DA FIGUEIRA DA FOZ

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Calem.

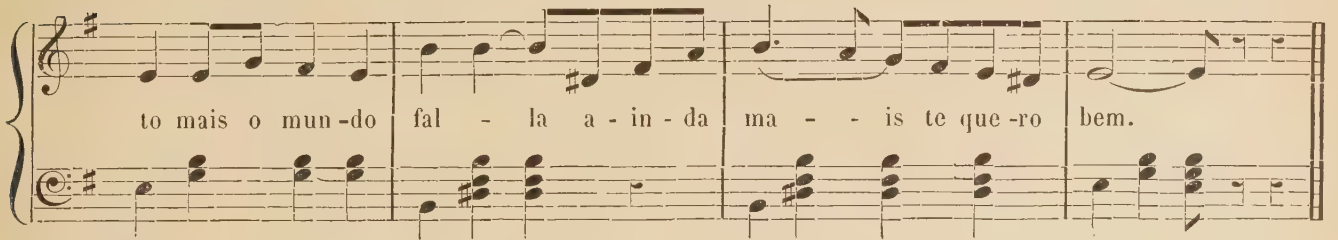
Moderato

174

p

Rou - bei- -te bei - jos, não di - - - gas a nin- -guem que fui la- -drão, Rou - bei- te bei - jos, não di - - gas a nin- -guem que fui la- -drão. Foi só- men - te um rou-bo d'al - ma que guar -dei no co - ra - -ção, Foi só- men - te um rou-bo d'al - ma que guar -dei no co- ra- -ção. Oh

meu a-mor a-ma, a-ma, me - te rai - - va a quem a tem, Quan-

to mais o mun-do fal - la a-in-da ma - - is te que-ro bem.

Eu tive, quando nasci,
Agoiro de má ventura;
Choveu muito, o ceu cobriu-se,
Poz-se a terra muito escura.

Uma pomba côr da noite
Por cima da nossa casa,
N'aquelle dia tão negro,
Tres vezes bateu a aza.

Ouviu-se piar um mocho
No alto do campanario...
Negro signal de quem tinha
De cumprir o seu fadario.

Entrou pela porta dentro
Uma coruja assustada...
Mal peccado que eu morresse
Antes de ser desgraçada!

Já minha mãe me contava,
Quando eu era pequenina,
Coisas que diziam bruxas
Da minha sorte malina.

Vê tu lá! juntos nascemos,
Brincamos da mesma edade,
Tu morreste e eu fico ainda
Para chorar de saudade!

Por ti choro e não me canço
Nunca me quero cançar;
Bemdito seja o Senhor
Que poz na terra o chorar!

Se eu tive, quando nasci,
Agoiro de má ventura!
Choveu tanto! o ceu cobriu-se,
Poz-se a terra muito escura.

E essa chuva das estrellas,
Essas lagrimas do ceu —
Quiz o meu triste destino
Que depois as chorasse eu!

Luiz Osorio.

OH VINDIMA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Peres do Rego Barreto.

Andantino

175

f A me- -ni-na vae ao bai-le oh vin- -di - ma, a me- -ni-na vae ao bai-le oh vin-

di - ma; le- - - - va sai - a de ba-lão, brin-quem to-dos, to-dos, to-dos, brin-quem

to - dos quan-tos 'stão brin-quem to - dos, to - dos, to-dos, brin-quem to-dos quan-tos 'stão.

A menina vae ao baile,
Oh vindima;
Leva saia de balão,
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos quantos 'stão,
Tambem leva outra cousa,
Oh vindima;
Meia fina d'algodão,
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos quantos 'stão.

A menina vae ao baile,
Oh vindima;
Leva lencinho na mão
Brinquem, etc.

Tambem leva outra cousa,
Oh vindima;
Sapatos de cordovão.
Brinquem, etc.

A menina vae ao baile,
Oh vindima,
Leva relojo e cordão
Brinquem, etc.

Tambem leva outra cousa,
Oh vindima:
Seu amor no coração,
Brinquem, etc.

Recolhida no Porto em 1856.

GIRALDINHO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina d'Araujo.

Allegretto

176

Mui-to bem se-ja ap - pa - re - ci - do, oh do Gi - ral- di - nho, n'es - ta fun-

ção; ba-te pal - mas co'o seu pei- xi - nho, co'o seu pei- xi - nho, co'o seu pei-

xão, Lá co'o seu fer - ra - ca - tão. Me-ia vol - ta que de - ra eu, que da-ri - as

tu, que da-ria ou não: Ou-tra me - ia que mais não de - ra, oh do Gi- - ral-

di - nho, oh do Gi - ral- dão. Lá co'o seu fer - ra - ca - tão.

Dança. — E' em marcha, batendo palmas a compasso, e dando voltas e meias voltas de quatro em quatro compassos.
Esta cantiga, humoristica, allusão a Giraldo-sem-pavor, era uma ironia dirigida a D. Fernando, esposo de D. Maria II, quando se apresentou commandante do exercito, por occasião da revolta de 1847.

A SALOYA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Pinto Vasconcellos.

Andante

177

p *p*

Que-ro can - tar a Sa-lo - ya; Que-ro can - tar a Sa- -lo - - ya, já que ou-tra mo- -da não sei, já que ou-tra mo- -da não sei, mi-nha mãe e- -ra Sa- -lo - ya, mi-nha mãe e-ra Sa- -lo - ya, Eu com el - - la me cri- -ei: Eu com

el - - - la me cri- -ei, Mi - nha mãe e - -ra Sa-

lo - ya, eu com el - - - la me cri- -ei, Mi-nha mãe e

ra Sa -lo - ya eu com el - - la me cri- -ei.

D. C.

Quero cantar a Saloya,
Já que outra moda não sei,
Minha mãe era saloya,
Eu com ella me criei.

Sou Saloya, trago botas,
Tambem trago o meu manteu,
Tambem tiro a carapuça
A quem me tira o chapeu.

Ja fui amada d'um grande,
Lindos olhos me piscou,
Tambem quiz dar-me um abraço,
E estas fallas me soltou:

Oh Saloya dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem;
Os beijos d'uma Saloya
São caros, mas sabem bem.

A musica d'esta canção é muito artistica, para ser de origem popular; parece ter sido peça de composição theatral portugueza, que se popularisou por todo o paiz e Brazil no começo do presente seculo.

A VOLTA DA FOGUEIRA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia de Souza Pimentel Barruncho.

178

Andantino

dolce

Na has - te do cas - ta- -nhei - ro, na has - te do cas ta- nhei - ro eu vi ar - re - ar a lu - a ar-re - ar a lu - a ar-re - ar a lu - a; As mo- ças d'es-ta fo- -guei - ra, as mo- ças d'es-ta fo- guei - ra an - dam a bri -lhar na ru - a a - bri- lhar na ru - a a - bri- lhar na ru - a.

D. C.

A salsa pelas paredes
Está aos bicos como a renda;
Estas raparigas d'agora
Não ha quem as entenda.

E' tristeza e alegria,
E magua, prazer e dôr,
Amor, não é outra coisa
Amor, é somente amor.

Guardo fechado no peito
Como prendas d'alto valor,
As cartas que me escreveste
Em que me juras amor.

Estou triste de te ver triste,
Choro de te ver chorar;
Só uma pena me assiste,
De te ver, não te abraçar.

Os labios do meu amor
São gomminhos de limão,
Que misturados com beijos
Dão allivio ao coração.

Defronte de mim 'stão arvores
Raminhos a dar a dar;
Quem espera sempre alcança
Os teus carinhos lograr.

O CARVALHO MILAGROSO

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Lucinda Verde.

Allegretto

179

f

As ra- pa - ri - gas da Ma - ia pe - di- ram a San Jo- -sé que lhes des-se um car-va - lhi-nho que an-das- se pe - lo seu pé. Ai que me a - lei - jas, ai que me a-lei- jas - te, ai que me f'ris - te ai que me ma - tas - te.

As raparigas da Maia,
Pediram a S. José
Que lhes desse um carvalhinho
Que andasse pelo seu pé.

Ai que me aleijas,
Ai que me aleijaste,
Ai que me feriste,
Ai que me mataste.

Raparigas cá da roda,
Vinde aqui p'ra o nosso pé,
Não vá armal-as o demo,
Que o carvalho santo é.

Ai que me aleijas,
Não sejas teimoso,
Vamos raparigas
Ao carvalho milagroso.

O carvalho milagroso
Tem uma biquinha ao pé;
Alegrae-vos, raparigas,
Que o carvalho vosso é.

Ai que me aleijas,
Ai que me dóe tanto,
Dá-me um copo d'agua
Do carvalho santo.

No principio d'abril do corrente anno de 1895, proximo de Leça do Balio, foi arrancado, por um violento temporal, um mediano carvalho que estava n'uma ribanceira, e arrastado pelo enxurro até ao meio d'um campo onde ficou de pé, a pouca distancia d'um veiosito de agua. O povo simples da aldeia, ao dar pela mudança da arvore, tomou o facto por milagre, correndo em romaria a reverenciar o carvalho que denominou de Santo, e a utilisar a agua, com a fé de que servia para curar varias enfermidades. O phenomeno divulgou-se rapidamente e a gente supersticiosa da cidade do Porto secundou a perigrinação dos aldeãos. Muitos curiosos foram tambem disfructar a agglomeração de povo que enchia os vastos campos, chegando um dia a calcular-se ali reunidas oitenta mil pessoas. Houve especuladores que tentaram explorar a crendice popular, mandando fazer do tronco da arvore uma imagem da Virgem, e erigir no local uma capella; porém a auctoridade ecclesiastica não o consentiu; comtudo os supersticiosos disputaram todos os fragmentos da arvore para reliquias e até uma hysterica disse que, quando o carvalho recebeu o primeiro golpe do machado, por esta ferida correra sangue e exclamara: *Ai que me aleijaste; Ai que me feriste; Ai que me mataste.*

Os esturdios menos crentes improvisaram esta cantiga e outros versos menos decorosos, allusivos ás Irmãs da Caridade, de quem parece supporem ter sahido a ideia do *milagre;* e percorriam o arraial e estradas, cantando-a com toda a rudez da troça maliciosa. Hoje está vulgarisada por todo o norte do paiz.

TODOS *Più mosso*

Gro Gru. E es - tas são as re - gras do

Gra, gre, gra, gre, gra, gri, gra, gri, gra,

gra, gre, gri, gro, gru. E es - tas são as re - gras do

gro, gra, gro, gra, gru, gra, gru, gra, gre, gra, gre, gra, gri, gra, gri, gri,

gra, gre, gri, gro, gru, gra, gre, gri, gro, gru, gra, gre, gri, gro, gru.

gro, gra, gro, gra.

G-r-a = Gra : — Gra.
G-r-e = Gre : — Gra, Gre.
G-r-i = Gri : — Gra, Gre, Gri.
G-r-o = Gro : — Gra, Gre, Gri, Gro.
G-r-u = Gru : — Gra, Gre, Gri, Gro, Gru.
Estas são as regras
Do Gra, Gre, Gri, Gro, Gru.

Esta cantiga é uma das canções bachicas da mocidade Coimbrã. Deve ser antiga.

A JARDINEIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Carlota Peres do Rego Barreto.

Sou a pobre jardineira,
Venho cançada de andar,
Carregadinha de flores
Sem ninguem m'as qu'rer comprar.

Sou a pobre jardineira
Que vos trago lindas flores,
Comprae, comprae, cavalheiros,
P'ra dar aos vossos amores.

Recolhida em Montemor-o-Novo, em 1878, pelo ex.mo snr. Antonio de Mattos Heitor.

A FLOREIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Carolina Augusta da Conceição Pimenta.

182

Andante — com 8ª a piano — *dolce* — *p* — Ped. — ✻

Meu Se-nhor, eu ven-do flo-res, mas nim-guem m'as quer com-prar. São tão ba-ra-tas, tão lin-das, mais lin-das não po-de a char, São tão ba-ra-tas, tão lin-das, mais lin-das não po-de a-char.

Comprae, comprae, cavalheiros,
Comprae, comprae, meus senhores,
Não deixeis que eu volte a casa
Carregadinha de flores.

Meu senhor, eu vendo flores,
E ninguem m'as quer comprar;
São tão baratas, tão lindas,
Mais lindas não póde achar.

Recolhida em 1880, no Pinheiro da Bemposta, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

FADO DE COIMBRA

À Ex.ma Snr.a D. Beatriz Megre Restier..

Andantino

183

p

Co-

im-bra, no - bre ci- | da - de. on - | de se for - mam dou- | to - res, Co - -

im-bra, no - bre ci- | da - de, on - | de se for mam dou- | to - res. a - -

qui tam-bem se for- | ma - ram os meus | pri - mei - sos a- | mo - res; a -

qui tam-bem se for- | ma - ram os meus | pri - mei - ros a - | mo - res.

FADO DE COIMBRA

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores,
Aqui tambem se formaram
Os meus primeiros amores.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
Vem de casa uns santinhos,
Vão de cá feitos tratantes.

A capa do estudante
E' como um jardim de flores,
Toda feita de remendos,
Cada um de varias côres.

Oh minha mãe não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vem os estudantes:
Padeirinha de feição.

Adeus ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego?

Nunca eu fôra a Coimbra,
Nem passara por Sansão,
Nunca vira esses teus olhos,
Que tanta pena me dão.

Não me falles em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Oh ribeira de Cozelhas,
Quando eu te passeava,
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Egreja de Santa Cruz,
Feita de pedra morena,
Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

Quem me dera agora estar
Onde tenho o pensamento,
D'esta terra para fóra,
De Coimbra para dentro.

Coimbra nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de alem da ponte.

Estudantes de Coimbra
Tem dois peccados mortaes,
Não fazem caso dos livros
E gastam dinheiro aos paes.

Se houver de tomar amores
Ha de ser com um estudante;
Ainda que não tenha dinheiro,
Tem o passear galante.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA IV

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Nunes de Paiva.

Lettra de F. Antonio Gonzaga.—Lira VIII.

184

Andantino dolce — *pf.* — *dolce* — *ff*

De que te quei - xas lin-gua im-por - tu - - na? de que a For - tu - na rou - bar - te quei - ra o que te deu? Es-te foi sem - - - - pre o ge-nio seu. o ge-nio seu, o ge-nio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vis nasceram,
Nem mereceram,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega,
Sobre os humanos,
Os bens e os damnos;
E a quem se devam
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo,
Jámais se dobra;
Nem egual obra
C'os mesmos deuses
Do claro ceu,
Este foi sempre
O genio seu.

Sòbe ao ceu Venus
N'um carro ufano;
E cáe Vulcano
Da pura espera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais é d'ella,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O genio seu.

Continuado da musica 166. Pagina 22 do 2.º volume.

A CANTADEIRA

DESCANTE

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Candida Natividade Reis.

Gracioso

185

p

Não can-to por bem can-tar, nem por bo-as fal-las ter. Can-to pa-ra dar a-li-vio ás pe-nas do meu sof-frer, can-to pa-ra dar a-li-vio ás pe-nas do meu sof-frer.

D. C.

Não canto por bem cantar,
Nem por ter fallas d'amante,
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para aliviar
Penas que trago commigo.

Não canto por bem cantar,
Nem por boas fallas ter;
Canto para cegar olhos
A quem me não póde vêr.

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci,
Já que os gostos d'esta vida
Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar,
Quem souber as minhas penas,
Dirá: Oh triste coitada,
Que ainda de cantar te alembras.

A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.

Foi minha sina cantar,
As cantigas esqueci;
Cantigas d'amor não digo,
Meu amor, tudo perdi.

Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Coração, coraçãosinho,
Como vives magoado!
Vaes para cantar e choras,
Lembra-te o tempo passado.

OH MÃE DE DEUS

CANTICO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Bandeira Neiva.

Lettra de J. Mascarenhas.
Musica do Padre Alexandre João do Nascimento.

186

Maestoso

p

CANTO

Sal - vè Ra- - i - - - nha, Mãe do Se- nhor,

sê nos - - sa gui - a; nos - so men- - tor;

só tu és bo - - a que es - tás nos ceus,

só tu és gran - de que és Mãe de Deus.

CORO

Se o fra - - gil bar - co per - den - - do o le - me

por en - - treas va - gas de es - pu - - ma ge - me,

o ma - - - re- -an - te, fi - tan - do os ce - us

cha - ma por ti. oh Mãe de Deus.

Este cantico canta-se em algumas egrejas do Algarve durante o mez de maio.

OH MÃE DE DEUS

CORO

Salve Rainha,
Mãe do senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se o fragil barco,
perdendo o leme,
por entre as vagas
de espuma geme,
o mareante,
fitando os ceus,
chama por ti,
oh Mãe de Deus.

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se, nas campanhas,
bala fatal
fere o soldado,
ou general,
é só teu nome
que aos labios seus
vem espontaneo,
oh Mãe de Deus!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se ao caminheiro,
lá entre a serra,
surprehende a noite,
e o trilho erra,
a quem recorre
fitando os ceus,
senão a ti,
oh Mãe de Deus?!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

'Té no prostibulo,
onde a virtude
é encerrada
em podre ataúde,
a ti recorre
a filha impura,
oh Mãe de Deus,
Mãe de doçura!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
Só tu és grande
que és Mãe de Deus.

O PRETO

TANGO

Á Ex.ma Snr.a D. Carmen Gomes da Silva.

Gracioso

187

p

Quem qui-zer que o Pre-to fa-ça o ser-vi - ço de von-ta-de, dê-lhe vi - nho e a guar-den-te tra-te-o com ca - ri-da-de. Traz traz quem é é o Pre-to que vem d'An-go-la com seu ca-chim-bo na boc-ca, seu cha-peu á hes - pa-nho-la.

D. C.

Quem quizer que o Preto faça
O serviço com vontade,
Dê-lhe vinho e aguardente
Trate-o com caridade.

Traz, traz, quem é?
É o Preto que vem d'Angola,
Com seu cachimbo na bocca,
Seu chapeu á hespanhola.

Quem quizer que o Preto faça
Serviços á *liberté;*
Dê-lhe vinho e auguardente,
Chocolate e mais café.

O Preto é rei dos bichos,
Imperador dos macacos!
Não posso levar avante
O Preto calçar sapatos.

Ai! o Preto tambem canta
Cantiguinhas á viola;
Ai! o Preto tambem dansa,
O Preto tambem namora.

Quem quizer que o Preto faça
Serviço com perfeição,
Não o trate como um bicho,
Trate-o como um cidadão.

Recolhida em 1868.

ROSA TYRANNA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Elisa A. de Freitas Lima

Andante

188

p

Que é das tu - as fal - las do - - ces, oh Ro - - - - - - sa ty-

ran - na, que me da - vas al - gum dia; Tró - ló- - ró, ló-

ró, ló- - ró. Que é dos teus ter- nos o - - lha - res, oh

Ro - - - - - - sa, ty - ran - na, que é da tu - a ty - ran-

nia, Tró - ló- - ró, lo- - ró, ló- - ró.

D. C.

ROSA TYRANNA

Que é das tuas fallas doces,
Oh Rosa!
Tyranna!
Que me davas algum dia?!
Tró-ló-ró, ló-ró, ló-ró.
Que é dos teus ternos olhares,
Oh Rosa!
Tyranna!
Que é da tua tyrannia?!
Tró-ló-ró, ló-ró, ló-ró.

Olha a ponta do titan,
Oh Rosa!
Tyranna!
Está voltada para mar!
Tró-ló-ró, ló-ró-, ló-ró.
Foi assim que me juraste
Oh Rosa!
Tyranna!
Que me havias de estimar!
Tró-ló-ró, lo-ró, ló-ró.

Que é d'aquelle teu bem querer,
Ganho no caes da Paixão?!
Que é das tuas cinco libras
Para a tua livração?!

Coitadinho de quem tem
Seu amor alem do rio;
Quer-lhe fallar e não pode,
Do coração faz navio.

Oh rola, que vaes rolando
A fugir do gavião?
Ella vae na veia d'agua,
Barqueiro, tende-lhe a mão.

Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa,
Lá vem o meu amorzinho,
Assentadinho á prôa.

Anda cá, perola fina,
Que o meu peito desejava:
Ainda não eras nascida,
Já meu coração te amava.

Oh Rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merece;
E' a terra que nos cria,
Deus do Ceu quem nos conhece.

Eu hei de te amar, amar,
Que estão mal agradecida;
Por bem fazer mal haver,
E' a paga d'esta vida.

Quando digo que te amo
Julgas tu que eu te minto:
As magoas que por ti soffro
Deus as sabe e eu as sinto.

Quando eu era pequenina,
E minha mãe me embalava
Já uma voz me dizia
Que eu para ti me creava.

Tudo o que é triste no mundo
Tomára que fosse meu,
Para ver se tudo junto
Era mais triste que eu.

Recolhida em Leça de Palmeira em 1887, em que a ouvimos cantar pela primeira vez pelas mulheres ovarinas.

A INDIANA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Laura de Barros Freire.

Moderato

189

f *p*

Sim, é bel - lo, en-tre os mais bel - los, o pa- - iz on - de nas- ces - te; pra - do ou moi - ta, se re- ves - te com a rel - va sem - pre em fior; mas no di - a em que teus o - lhos tan - to a - -mor me re - - ve- - la - ram foi no

mar que pro-cu- -ra-ram ver a i - -ma-gem d'e - se a-

mor. Vem, oh pal - li - da, vem com- -mi - go, dei - xa a

ter - ra, vem ao mar; que no mar e só com

ti - go, tu ve- -rás se eu sei a- -mar.

Sim, é bello, entre os mais bellos,
O paiz onde nasceste;
Prado, ou moita, se reveste
Com a relva sempre em flôr.

Mas no dia em que os teus olhos,
Tanto amor me revelaram,
Foi no mar que procuraram
Ver a imagem d'esse amor.

Vem, oh pallida, vem commigo,
Deixa a terra, vem ao mar;
Que no mar e só commigo,
Tu verás se eu sei amar.

Este romance que é muito conhecido em Portugal e no Brazil, parece ser antigo.

AS ESCADAS DO CASTELLO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Zulmira Carneiro de Mello.

Andante

190

f *p*

Oh que ja-nel-la tão al-ta! Mais al-to vae meu in-ten-to; Oh que ja-nel-la tão al-ta! Mais al-to vae meu in-ten-to,

Quem me de-ra pôr os o-lhos on-de te-nho o pen-sa-men-to.

CORO

f

En-tão por que não, por-que não, en-tão por-que não ha de ir? En-tão por que não por-que não, En-tão por-que não ha de ir?

As es-ca-das do cas-tel-lo são al-

UMA VOZ

tas más de su- -bir, São al- -tas más de su- -bir, são al- -tas más de bai-

CORO D. C.

xar. En- tão, por-que não por-que não já não ha quem quei-ra a -mar.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento:
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

Então, porque não. porque não?
Então porque não ha de ir?
As escadas do castello
São altas, más de subir.

São altas más de subir,
São altas más de baixar;
Então, porque não, porque não?
Já não ha quem queira amar.

Oh castello, não te rendas,
Deita bandeira se queres:
Na batalha dos amores
Quem vence são as mulheres.

Hei de ir para aquella serra
Com meus ais quebrar penedos,
Para fazer um castello,
Para fechar meus segredos.

As estrellas se admiram
D'este meu andar de noute;
As passadas serão minhas,
O proveito será d'outrem.

OH ANNA BRITES

AMPHIGURI

À Ex.ma Snr.a D. Izilda Augusta da Conceição Pimenta.

Andante

191

f

O gal - lo can - ta, o ga - to mi - a, faz a - va - ri - a no pra-tel- lei - ro; ve - io o ten - dei ro de ca-ra - pu - ça, a-traz lhe chu - ça c'um bom fu - nil.

Para acabar. Por estes substituem-se os dois compassos antecedentes.

Oh Anna Brites,
Tem-te, não caias,
Regaça as saias,
Oh meu amor:
Já tem bolor
O pão biscouto,
Feito no Souto,
Do Carvalhido.
Com homem perdido
Ninguem se metta,
Vou para a calceta.

. . . .
O gallo canta,
O gato mia,
Faz avaria
No pratelleiro;
Veio o tendeiro
De carapuça,
Atraz lhe chuça
Com um bom funil.
No mez d'abril
Nasce o janota,

Aperta a bota,
Diz á casaca,
Ponha de estaca.
Toca timballe,
Em salsa crua,
Amejoa nua
E' bom petisco,
Banha de pisco,
Unto de cobra,
Faz a redobra.
. . . .

Desde 1845 que se fizeram para esta musica innumeros amphiguris allegoricos á politica da occasião, mas que não primavam pela decencia.

A musica d'este amphiguri é um plagiato da «Dona del Lago», de Rossini.

HA DE SE CHAMAR GONÇALO

RETRETA

Á Ex.ma Snr.a D. Laurinda Carneiro de Mello.

192

Imitando a corneta

f Ha de se cha-mar Gon- | -ça-lo, o-lé! | Ha de se cha-mar Gon- | -ça-lo,

Ha de se cha-mar Gon- | -ça-lo, o-lé! | Ha de ir ba-pti-sar-se á | Sé!

Imitando o tambor

Ra-io no pa- | -trão que ba-te na pa- | -trô-a; ra-io na pa- | -trô-a que ba-te no pa- | -trão; a pa-trô-a diz que | sim, o pa-trão diz que | não; ra-io na pa- | -trôa que ba-te no pa- | -trão.

Ha de se chamar Gonçalo, olé!
Ha de ir baptisar-se á Sé.
Raio no patrão que bate na patrôa;
Raio na patrôa que bate no patrão.
A patrôa diz que sim o patrão diz que não;
Raio na patrôa que bate no patrão.

A origem d'esta cantiga:
Em tempos que já vão longe, conta-se que no paço real discutiam o rei e a rainha o nome que deviam pôr ao principe que estava para nascer. O rei queria um; a rainha queria outro, e n'estas teimices foi-se azedando a questão até se tornar violenta. Transpirou fora do paço aquella discussão intima, e das casernas sahiu esta cantiga ironica composta com uma parte de ordinario de corneta liza, e outra de redrobre de caixa forte.

1.ª vez

te - - - - mos o . no - vo rei - na - - - - - do.

2.ª vez

Folgae, Portuguezes,
No throno já temos
Um rei que sabemos,
Do povo adorado.

A Pedro sem par,
Fé pura, juremos,
Alegres cantemos
O novo reinado.

Virtudes excelsas,
Dadivas, heranças,
Firmam esperanças
Que o ceu nos ha dado.

A Pedro, etc.

D'austera justiça
Será o penhor;
Fiel defensor
Do culto sagrado.

A Pedro, etc.

Risonho porvir
O ceu nos augura,
E á patria assegura,
Governo illustrado.

A Pedro, etc.

Os dias d'Astrea
A nós volverão,
E a Lysia darão.
Seculo dourado.

A Pedro, etc.

Este hymno foi composto para a acclamação de S. M. El-rei D. Pedro V, em 16 de setembro de 1855, por Manuel Innocencio Liberato dos Santos, mestre da Real Capella de Sua Magestade.

MORENINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Josepha Corrêa Teixeira Pinto do Amaral.

194

Se tu não fô-ras mo--re - na, se tu não fô-ras mo-
re - na, te-ri--as a-bra - ços meus, te-ri--as a-bra - ços
meus; mas, co--mo tu és mo--re - na; mas, co--mo tu és mo-
re - na, mo-re-ni - nha,a-deus, a--deus; mo-re--ni - nha,a-deus, a-deus.

Quem se ajoelha aos teus pés,
Como quem vem confessar,
Se tivesse outros amores,
Não te vinha procurar.

Se tu não fôras morena,
Terias abraços meus;
Mas, como tu és morena,
Moreninha, adeus, adeus.

Apalpei o lado esquerdo,
Não achei o coração,
De repente me lembrou
Que estava na tua mão.

Deste-me alecrim por prenda,
E elle bem me prendeu;
Quem acceita prendas d'outrem,
Não diga está livre seu.

Puz-me a chorar ao pé da agua,
Lagrymas de sentimento;
A agua me respondeu:
Nada cura como o tempo.

De cada vez que me lembro
Que de ti me hei de ausentar,
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Viro p'rá banda a chorar.

Dança: —Durante a desgarrada dança-se de roda, de mãos dadas; no estribilho soltam-se as mãos e em quanto se diz — *Se tu não fôras morena* faz balancé com o seu par; em quanto se diz: *terias abraços meus*, dão uma volta abraçando-se; em quanto se diz: *Mas como tu és morena*, fazem-se mesuras e ademanes de despedida; em quanto se diz: *Moreninha, adeus, adeus*: fazem-se com as mãos accionados de adeuses, e o cavalheiro passa para o outro par adeante, e assim de seguida até chegar outra vez ao seu par.

Esta musica é muito antiga. A mesma musica serve para a desgarrada e para o estribilho. A desgarrada deve ser cantada por damas e o estribilho por cavalheiros.

CRUEL SAUDADE

MODINHA DO VIDIGAL

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Dias de Carvalho.

Andante

195

f *p*

Cru - - - el sau - -da - - - - de

de meus a - - mo - - res, que de dis-sa-bo - res me

faz vi - - - -ver.

1.a vez 2.a vez

ver; me - - -lhor me fô -

ra an - tes mor - - -rer, me-

lhor me fò - ra an - - tes mor - -rer.

CRUEL SAUDADE

Cruel saudade
De meus amores,
Que de dissabores
Me faz viver.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Subo aos montes,
Desço aos valles,
Lá me persegue,
Lá me vae ter.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Mesmo dormindo,
Por entre sonhos,
Casos medonhos
Me vem trazer.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Tenho perdido
A doce esperança
De ver mudança
No meu pad'cer.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Devemos esta modinha á amabilidade da Ex.ma Snr.a D. Sophia Clementina de Sousa Leite Viterbo que a transcreveu d'um livro inglez *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character. By A. P. D. G.* Impresso em Londres em 1826.

OS TEUS OLHOS

CANÇÃO

Á Ex.ᵃᵐ Snr.ª D. Amelia Ferreira Dias de Carvalho.

Andantino

196

f *p*

Es-te in-fer-no d'a-mar, co-mo eu a-mo, quem m'o poz a-qui n'al-ma quem foi? Es-ta cham-ma que a-len-ta e con-so-la, que é vi-da, e a vi-da des-troe.

menos

Co-mo é que se veio a-te-ar? co-mo é que se veio a-te-ar? Quem a veio, ai de mim, des-per-tar? Quem a veio, ai de mim, des-per-tar? Quem a veio, ai de mim, des-per-tar?

rall. *rall.*

Recolhida em Avanca, em 1893 pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Dr. M. M. de Castro Corte Real.

OS TEUS OLHOS

Este inferno d'amar, como eu amo,
Quem m'o pôz aqui n'alma, quem foi?
Esta chamma, que alenta e consola,
Que é vida, e a vida destroe,
Como é que se veio atear,
Quem a veio, ai de mim, despertar?

Eu não sei, não me lembra o passado,
Outra vida que d'antes vivi;
Foi um sonho, somente um sonho,
Em que paz tão serena dormi.
Oh! que doce era aquelle sonhar,
Quem o veio, ai de mim despertar?

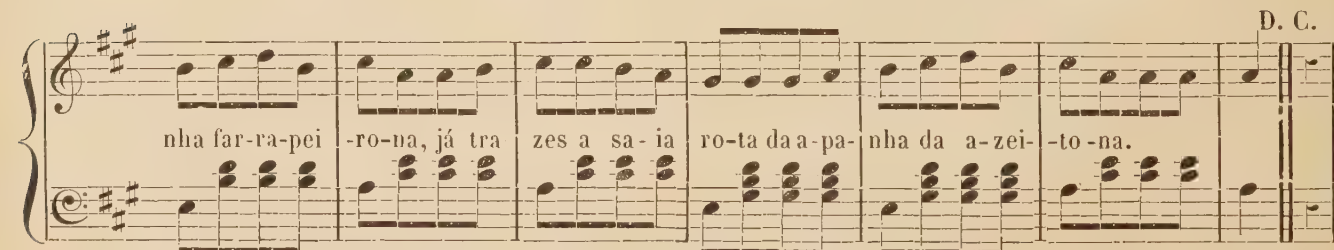
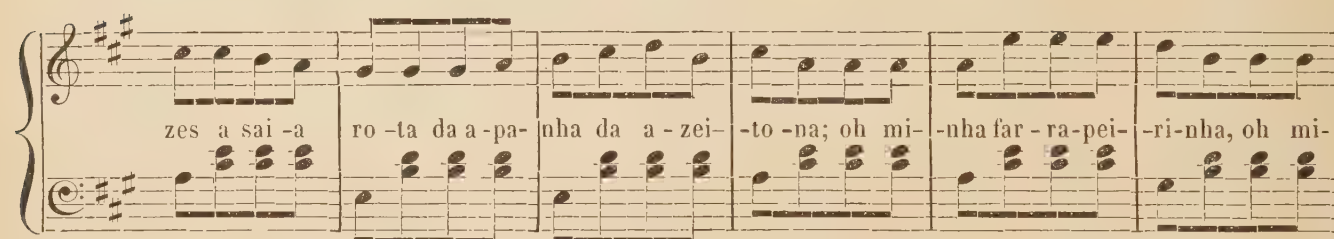
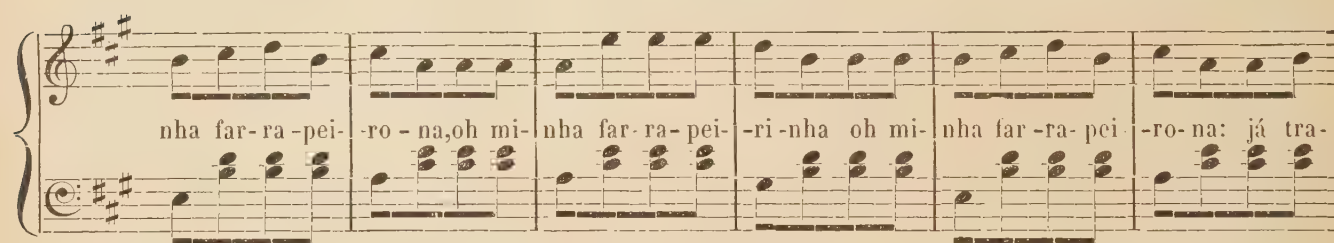
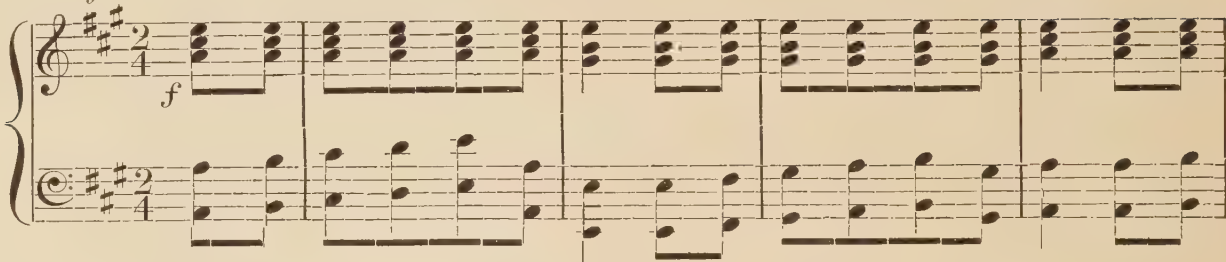
Só me lembro que um dia formoso,
Eu passei,— dava o sol tanta luz!—
Os meus olhos, que vagos giravam,
Nos teus olhos ardentes os puz.
Que fez ella? Eu que fiz? Não o sei...
Mas, n'essa hora, a viver comecei!...

A FARRAPEIRINHA

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Clara Bessa de Queiroz Vasconcellos.

Allegretto

197

f

Oh mi- nha far - ra - pei- -ri - nha, oh mi- nha far- ra -pei- -ro - na,oh mi- nha far- ra- pei- -ri -nha oh mi- nha far -ra- pei -ro- na: já tra- zes a sai -a ro -ta da a -pa- nha da a - zei- -to -na; oh mi- -nha far - ra-pei- -ri-nha, oh mi- nha far-ra-pei -ro-na, já tra zes a sa- ia ro-ta da a-pa- nha da a-zei- -to -na.

D. C.

Recolhida na Beira por F. P. Nogueira, em 1883.

FARRAPEIRINHA

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirona,
Ja trazes a saia rota,
Da apanha da azeitona.

O diabo leve os homens
Enfiados n'um cordel;
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manoel.

O diabo leve os homens,
Aquelles que bebem vinho;
Não me ha de levar o meu
Que esse bebe poucochinho.

Oh minha farrapeirinha,
Ninguem mais do que eu te quer,
Hei de pedir-te a teu pae
Para ser's minha mulher.

Quem me dera ser retroz,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto ao teu corpo
Servindo de atacador.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo,
A minha pouca assistencia
Dar-te-ha o desengano.

Algum dia meu brinquinho,
O meu regalo era vêr-te:
Agora tanto me vale
Ganhar-te como perder-te.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei,
Dar-te-hei a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Oh minha bella menina,
Hoje sim, ámanhã não,
Hoje me tiras a vida,
Amanhã o coração.

Muito brilha o branco branco,
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Oh menina diga, diga,
Por sua bocca confesse,
Se já teve em sua vida
Amor que mais lhe quizesse.

Menina, se quer saber
Como agora se namora,
Metta o lencinho no bolso
Com a pontinha de fóra.

Nem tanto estar á janella,
Nem tanto olhar para o chão;
Nem tanto tirar o lenço
Da algibeira para a mão.

Menina, se quer ser minha,
Ponha o pé na segurança,
Pois ha de andar tão direita
Como o ouro na balança.

TRIGUEIRINHA

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Corrêa Teixeira Pinto do Amaral.

198

Andante

p

Cha mas-te-me tri-guei-ri-nha. ai eu sou da côr da ce--re-ja; Cha-mas-te me tri-guei-ri-nha, ai eu sou da côr da ce-re-ja. Quem por mi-nha por-ta pas - sa, a mi-nha côr me de-se-ja. Quem por mi-nha por-ta pas - - sa, a mi-nha côr me de--se-ja.

Chamaste-me trigueirinha,
Ai, eu sou da côr da cereja;
Quem por minha porta passa,
A minha côr me deseja.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Tu me verás ao domingo,
Como a rosa na roseira.

Chamaste-me trigueirinha,
E eu tenho d'isso vaidade.
As trigueiras são mais firmes,
Amam com mais lealdade.

Recolhida em Coimbra em 1870. Deve ser muito mais antiga.

O LAGARTO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Carmina Ernestina da Costa Malta.

Andantino

199

O La - - gar - to, coi - ta - - di - nho, pó, pó, pó, ti - ro - li - ro li - ro- ló; 'stá en - - ter - ra - do na a- -re - ia, pó, po pó, pó, pó; Quem o fôr des-en- ter- -rar, pó, pó, pó, ti - ro - li - ro - li - ro- ló; tem cem an -nos de ca - - de - ia, pó, pó, pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-lò
Já lá vae a enterrar:
Pó-pò-pò, pó, pó.
Quatro cães e sete gatos
Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló,
O foram acompanhar
Pó-pó-pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
Está enterrado na areia,
Quem o fôr desenterrar
Tem cem annos de cadeia.

O Lagarto, coitadinho,
Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló
Está enterrado no lôdo:
Pó-pó-pó, pó, pó.
Quem o fôr desenterrar
Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-lò,
Ganha um cruzado nôvo (1)
Pó-pó-pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
Está enterrado no chão:
Quem o fôr desenterrar
Tem cem annos de perdão.

1 Moeda de prata que valia 480 réis; chamava-se, vulgarmente, *Pinto*.
Esta musica inglezada cantou-se muito durante a epocha da invasão franceza. Parece datar do tempo da guerra peninsular.

HYMNO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

1.° DE DEZEMBRO DE 1640

À Ex.ma Snr.a D. Rosa de Barros Freire.

Marcial

200

f

Lu - - zi - ta - nos, é che - ga - do o di - - - - a da re - dem-

pção, ca - hem do pul-so as - al- - ge - mas, re - -

sur - - - - ge li - vre a na- -ção. O Deus de Af - fon-so em O-

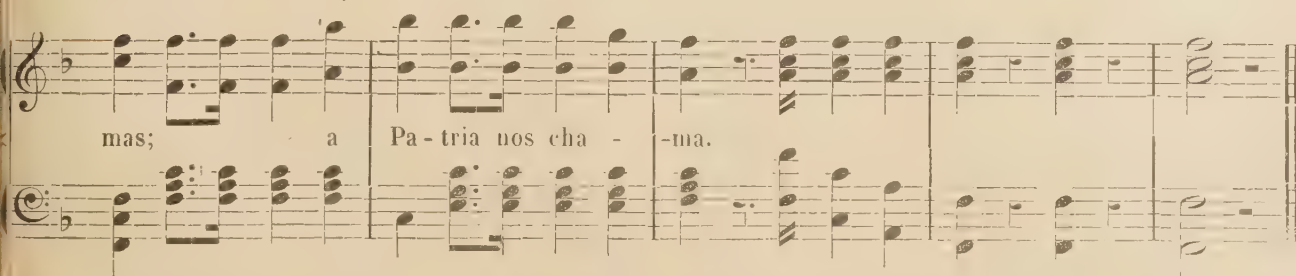
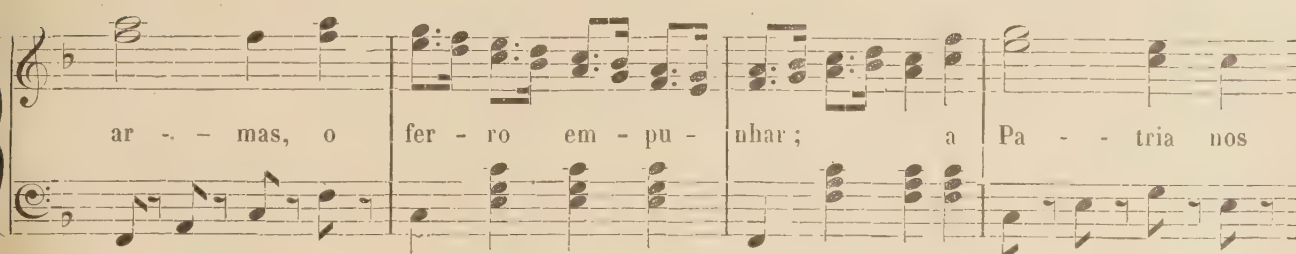
ri - que, dos li - vres nos deu a lei, nos - sos bra - ços a sus

ten-tem, pe - la | Pa - - tria, pe-lo | Rei. A's | ar - mas, ás

ar - - mas, o | fer - ro em - pu - | nhar; a | Pa - - tria nos

cha - - - ma, con- | -vi - - - - da a li- | dar: | a li-

dar, | a li- | -dar; ás ar- | mas, ás ar-

mas; a | Pa - tria nos cha - | -ma.

A musica d'este hymno foi composta pelo professor Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida, em 1861, para o drama: *1640 ou a Restauração de Portugal*, escripto por F. D. d'Almeida Araujo, e F. J. da Costa-Braga, e dedicado ao Rei D. Pedro V.

Este hymno é popularissimo e tem-lhe sido applicadas muitas poesias sobre o assumpto da restauração de Portugal.

HYMNO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Lusitanos, é chegado
O dia da redempção,
Cahem do pulso as algemas,
Resurge livre a nação.

O Deus de Affonso, em Ourique,
Dos livres nos deu a lei:
Nossos braços a sustentem,
Pela Patria, pelo Rei.

A's armas! ás armas!
O ferro empunhar!
A Patria nos chama,
Convida a lidar.

Excelsa casa Bragança
Remiu captiva nação:
Pois nos trouxe a liberdade,
Devemos-lhe o coração.

A's armas! ás armas!
O ferro empunhar!
A Patria nos chama,
Convida a lidar.

Bragança diz hoje ao povo:
«Sempre, sempre te amarei»;
O povo diz a Bragança:
— Sempre fiel te serei.—

CAROLINA

CANÇAO

À Ex.ma Snr.a D. Joaquina Brizida d'Almeida.

Andante

201

f p

A gen- - til Ca - ro - li - na e - ra bel - la, co - mo é bel - la nos cam - pos a flor; em seu ros - to bri-lha-va a in-no-cen - - - cia, em seu pei - to o fo - go d'a- -mor.

A gentil Carolina era bella,
Como é bella nos campos a flor;
Em seu rosto brilhava a innocencia,
Em seu peito o fogo d'amor.

Aos encantos de lindo mancebo,
Coração, alma e vida entregara;
Era d'elle, só d'elle, e por elle
O seu peito d'amor palpitara.

Tambem elle era d'ella, e por ella
Ternamente o seu peito batia;
Tanto extremo d'amor, puro e firme,
Peito humano sentir não podia.

Carolina que as horas contava,
Meia noite, medrosa estremece,
Lança os olhos além da janella,
Branca lua no ceu lhe apparece.

Eis que vae a passar os canteiros,
De repente, scismando, parou:
E as folhas que o vento agitava
Ao clarão do luar contemplou.

—Aonde vaes, Carolina, a estas horas?
Que teu peito não treme de dôr?
—Ai! Não, não, que as forças me sobram
Vou levada nas azas do amor...

Recolhida em 1870. Esta canção é mais antiga, e muito vulgar principalmente na provincia de Traz-os-Montes.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA V

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Lima Cruz.

Lettra de F. Antonio Gonzaga.—Lira X, parte II.

Allegro moderato

202

p

Eu ve - jo, oh mi - nha bel - la, a-quel - le nu-men,

a quem o no - me de - ram de For- -tu-na, pe -

gar- me pe - lo bra - ço, e com voz im - por- -tu - na me diz que mo - va o

cadenza

pas - - - - - - - - - - - - - so; que en -tre no gran - de tem-plo em que se en - cer-ra

a tempo

quan -to o des - - -ti - - - no manda,

que el - - - - - la o - - - - - bre so - - - - -

- - - - brea ter - - - - - - - - - - - - - - - - - - -ra.

Eu vejo, ó minha bella, aquelle numen,
A quem o nome deram de Fortuna;
Pegar-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande templo, em que se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas n'elle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do assyrio povo;
Aqui os Médos crescem,
E os perde um braço novo.

Então me diz a deusa: «E que pretendes?
Todas estas medalhas vêr agora?
Ah! não, não sejas louco!
Espaço de annos fôra
Para isso ainda pouco:
Deixa estranhos successos, vem commigo;
Veràs quanto inda deve
Acontecer comtigo.»

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com modo e arte.
«Tirei-te libras de ouro,
me diz, e quero dar-te
Todo aquelle thesouro.»
«Não suspira por bens um peito nobre,
Severo lhe respondo,
Vivo afeito a ser pobre.»

Aqui me enruga a deusa irada a testa,
E fica sem fallar um breve espaço.
«Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, ahi te faço
Restituir o posto.»
Respondo em ar de mófa, e tom sereno:
«Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.»

«Aqui te dou, me diz, a tua amada;»
Então me banho todo de alegria.
«Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.»
«E' esse o bem, respondo, que me move,
Mas este bem é santo,
Vem só da mão de Jove.»

Queria mais fallar; eu insoffrido
D'esta maneira rompo os seus accentos:
«Basta, Fortuna, basta,
Estes breves momentos
Lá n'outras cousas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.»
E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o templo.

BEMDITA SEJAES

PARAPHRASE DA AVE MARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Lopes Braga. — *Musica do dr. J. M. de Padua.* (Algarve).

Moderato

203

p

CANTO

com 8a o piano

p

Di - zei á Se- -nho - ra Quan - do a lou -va - - es:

A - *vè,* oh *Ma-* -*ri* - *a,* Bem - -di - - - ta se- -ja - - - es.

CORO

f

Di - zei á Se- -nho - - - ra quan -do a lou- -va - - es:

A - *vè,* oh *Ma-* - *ri* - - - - *a,* Bem -di - ta se - ja - - -es.

D. C.

Recolhida em Almancil pelo Rev.mo Prior A. J. do Nascimento, que a ouviu ao povo em varios pontos do Algarve.

BEMDITA SEJAES

Dizei á Senhora,
Quando a louvaes:
Avé, oh *Maria*
Bemdita sejaes. (1)

Virgem Soberana,
Que o mundo alegraes:
Cheia sois de graça
Bemdita sejaes.

Nos ceus e na terra
Está, onde estaes,
O Senhor comvosco,
Bemdita sejaes.

Celeste Princeza,
Tudo dominaes:
Bemdita sois vós,
Bemdita sejaes.

Oh doce Maria,
Oh Mãe dos mortaes:
Entre as mulheres,
Bemdita sejaes.

De vós, flor mais bella,
Que todas as mais:
Bemdito é o fructo,
Bemdita sejaes.

Por novo mysterio,
Corpo ao Verbo daes:
Só *do vosso ventre,*
Bemdita sejaes.

Com pasmo dos Anjos,
Aos peitos creaes:
Virgem *a Jesus;*
Bemdita sejaes.

Louvores vos demos,
Glorias immortaes:
Oh *Santa Maria,*
Bemdita sejaes.

Ouvi-nos, Senhora,
Nossos tristes ais;
Pois sois *Mãe de Deus,*
Bemdita sejaes.

Por nós, miseraveis,
Lá onde habitaes:
Rogae, sim, rogae;
Bemdita sejaes.

A graça alcançamos,
Por que vós oraes:
Por nós, peccadores,
Bemdita sejaes.

Vós sois, oh Mãe nossa,
Quem nos consolaes:
Sempre como agora:
Bemdita sejaes.

Vós daes prompto auxilio
Aos filhos que amaes:
Na hora da morte;
Bemdita sejaes.

Vós, emfim, levae-nos
Ao Ceu que gozaes,
Digam todos: *Amen;*
Bemdita sejaes.

(1) Esta quadra repete em côro e egualmente depois de cada uma das estrophes seguintes.

O DERRIÇO

DANÇA

À Ex.ma Snra. D. Izabel Maria Marques Moreira.

Allegretto

204

p

Meu a- | mor que es-tás tão | tris - te, di - zei- | -me por-que cho | -ra - es; Meu a -

mor que es-tás tão | tris - te, di - zei- | -me por - que cho | -ra - es; São sau | -da - des do der-

mf.

ri - ço, sus-pi- | -ros, e na - da | mais. São sau- | -da - des do der- | -ri - ço, sus - pi-

ros, e na-da | mais. Ai, Je- | -sus,não sei que é | is- so, a - bra ços e | bei-jos me dá o der-

f

ri-ço; der-ri - ço cons | -tan-te do meu co-ra- | -ção, a bra-ços e | bei-jos,dá cá a tu- a | mão.

Esta cantiga é vulgar na provincia do Minho, onde foi recolhida em 1880.

O DERRIÇO

Meu amor que estás tão triste,
Dizei-me por que choraes?
São saudades do derriço,
Suspiros e nada mais.

Ai, Jesus,
Não sei que é isso,
Abraços e beijos
Me dá o derriço...
Derriço constante
Do meu coração:
Abraços e beijos,
Dá cá a tua mão.

Não ponhas o pé no meu,
Nem a mão na minha cinta;
E' crime de mão cortada
Quem com o amor d'outro brinca.

Eu jurei e tu juraste
Constancia, firmeza, amor.
Sinta mil vezes a morte
Aquelle que ingrato fôr.

Os olhos dos namorados
Tem um certo não sei quê,
Que serve de subscripto
A' carta que se não lê.

Passei pela verde murta
Que tem a folha ao desdem,
Quem vive na terra alheia,
Falla não sabe com quem.

Suspiros, ais, e tormentos,
Imaginações, cuidados,
São o manjar dos amores
Quando vivem separados.

Não ha flor como o suspiro
Cá na minha opinião;
Todas as flores se vendem
Só os suspiros se dão.

Ai, Jesus,
Não sei que é isso,
Abraços e beijos
Me dá o derriço...
Derriço constante
Do meu coração:
Fechemos a roda
Dá cá a tua mão.

Lagrimas me põem á meza,
Suspiros são meu comer;
Saudades são meu sustento,
Até te tornar a vêr.

Suspiros me dão combates
Por não estar á tua vista;
Deus me chegue ainda a tempo
Que de continuo te assista.

Suspiros me dão combates
Commigo batalhadores,
Desgraçado é quem toma
Por pouco tempo amores.

Suspiro que nasce d'alma
Que á flor dos labios morreu,
Coração que o não entende
Não o quero para meu.

Dei um ai, e não ouviste,
Suspirei, não déste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Suspiro por ti, meu bem,
Mas que vale suspirar?
Quanto mais por ti suspiro,
Menos te posso lograr.

Do ceu cahiu um suspiro
Que no ar se desfolhou;
Quem n'este mundo não ama,
No outro se não salvou.

Suspirar continuado
Tambem serve de alimento;
Ai! quantos ha que suspiram
A má hora e a mau tempo!

Suspirava por te vêr,
Já matei esta saudade;
Muito custa uma ausencia
A quem ama na verdade.

Suspirar é meu destino
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve de alivio,
Só comtigo estou contente.

Oh meu amor, quem te disse
Que eu dormindo suspirava?
Quem te disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Dança. — Durante a cantiga giram os pares em grande roda. No estribilho soltam-se as mãos, os cavalheiros abraçam as damas, dão uma volta e passam á dama seguinte com quem dão outra volta; em seguida tomam as mãos, formam outra vez a grande roda e repetem o mesmo até tornarem ao seu par.

A MENINA DOS OLHOS NEGROS

FADINHO

Á Ex.ma Snr.a D. Analide Amalia da Costa Malta.

Moderato

205

Me- -ni-na dos o-lhos ne - gros, ar- -do por ti de pai-

xão: Me- - ni -na dos o- lhos ne - gros, ar- -do por ti de pai-

xão; Me- - ni - na dos o - lhos ne-gros, que -res tu meu co - ra

ção? Me- -ni-na dos o-lhos ne-gros, que- res tu meu co -ra- ção.

Como tu não ha na terra
Tão linda, tão bella flor;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor?

Da capella d'um archanjo
E's luzinha desprendida,
Menina dos olhos negros,
Queres tu a minha vida?

São elles duas estrellas
Tiradas do firmamento:
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu pensamento?

Quero ser teu e tu minha,
Por uma doce união,
Dou-te todo o pensamento,
Alma, vida e coração.

Esta canção é brazileira.

AVÈ MARIA

CANTICO RELIGIOSO DA ILHA DE S. MIGUEL

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Alice Bandeira Neiva.

Largo

206

A-vè Ma-ri-a, chei-a de gra-ça, o Se-nhor é con-vos-co, bem-di-ta sois vós, bem-di-to é o fru-cto do vos-so ven-tre, Je-sus.

Este cantico foi recolhido pelo Ex.mo Snr. tenente-coronel Henrique das Neves, que obsequiosamente nos enviou, com a seguinte carta:

«Por volta de 1880, houve na ilha de S. Miguel um *castigo*. O *castigo* foi a sécca que esterilisou a cultura dos campos e annullou quasi de todo as novidades. Ainda hoje, entre os açorianos, os phenomenos naturaes de que resultam calamidades publicas, — inundações, séccas, erupções vulcanicas, fortes abalos de terra, etc. — são recebidos como *castigos de Deus*. Houve *castigos* que marcaram epocha, como n'este seculo, a erupção de 1808, que devastou algumas freguezias da ilha de S. Jorge. Entre as ultimas gerações dos jorgenses, aquella catastrophe serve de ponto de partida na contagem dos annos, como entre os nossos velhos camponeos a «vinda dos francezes.»

Nos principios de junho de 1880, em S. Miguel, plantas e gados ameaçavam morrer; o povo, porém, não tinha perdido de todo a esperança na misericordia divina e começou de fazer preces. Estava eu passando o verão na Fajã de Baixo, proximamente uma legua da cidade. Certa noite, pelas onze e tanto, já estava deitado e entrava de adormecer, quando me pareceu ouvir uma toada religiosa que vinha de longe; assentei-me na cama, como mystificado, sem atinar claramente com a origem da impressão recebida. As vozes tinham cessado. — Teria sido sonho? — Por aquelle tempo ainda eu não conhecia os costumes da ilha.

Recomeça de novo a toada: era perceptivelmente um côro religioso, d'um largo rythmo e d'um accento fundamente implorativo. Todos os da minha familia, já acordados, escutavamos, silenciosos, aquella musica suave, mas supplicante e com um quê de pungitivo, que no silencio dos campos, na calada da noite, se nos coara ás almas como de proveniencia sobrenatural. Sentiamos-nos subjugados. — Que será isto?! — O côro de vozes, avolumando-se, arredondando-se gradualmente aos nossos ouvidos, denunciava que vinha em direcção ao nosso logar.

Foi o meu *camarada*, um legitimo ilheu, que veio desvendar o mysterio: era a gente do logar de Rasto-de-Cão, que se encaminhava á Senhora dos Anjos, orágo da freguezia de Fajã, e de muita fé entre o povo, a implorar a sua divina mediação para com o Todo-Poderoso.

Vi-os, então, desfilando pela estrada sobre que davam as janellas do meu quarto. Seriam uns sessenta entre homens e mulheres. A oração que entoavam era unicamente a Avè-Maria, alternada entre dois grupos: elles e ellas, fazendo accordes, afinavam a primor, o que mais tarde deixa de ser admiração, quando se vem a conhecer a disposição natural para a musica nos michaelenses.

Por um bello luar de junho, ajoelharam todos nas lages do adro, e de cabeças descobertas ergueram em côro, do fundo de seus corações, com voz firme, mas lacrimosa, a oração da Avè-Maria, depois do que benzeram-se, beijaram o chão, e partiram silenciosos... e esperando.

Durante onze annos que demorei em S. Miguel, depararam-se-me varias occasiões de conhecer, em situações devotas, semelhantes áquella, ou outras, que aquelle canto religioso é verdadeiramente popular em bastantes freguezias da ilha, embora bem affastadas entre si.

— E' elle de origem propriamente popular? — Ficaria entre o povo, desde o tempo das missões Radmacker, em S. Miguel (1870 a 80)?

Nada ouvi, com segurança, da sua procedencia. Quando, porém, pelo seu cunho se julgue, ou conheça ser composição de artista culto, entendo não ficará estranho no repositorio das nossas musicas populares, pois que musica popular não deve ser considerada sómente a que o povo produz, mas tambem a que o povo adopta ..

Outra observação: a emoção produzida em mim, na primeira vez que ouvi a Avé-Maria, mercê das circumstancias que revestiram o caso, não foi sómente o que dispoz o meu sentimento esthetico a admirar este cantico; das mais vezes que repetidamente o escutei, notei n'elle, como ainda hoje, não o verdadeiro salvè, a saudação áquella que é a *Cheia de graça*, áquella que para os crentes é *Vida*, *Doçura* e *Esperança*, mas sim a angustia que implora, o grito afflictivo de quem supplica misericordia, de quem roga que o salvem. Não será a verdadeira interpretação d'aquella suave e doce oração, será antes um brado dos filhos de Eva, que gemem e choram n'este valle de lagrimas, enviado á sua advogada. E' que o povo trabalhador dos campos, sem tempo para decorar cantos varios, serve-se d'um apenas, fazendo na entoação a variante correspondente ao estado d'espirito.

HENRIQUE DAS NEVES.

A NAU CATHERINETA

ROMANCE MARITIMO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria d'Assumpção da Fonseca Campos.

207

Largo — *p*

Uma voz — *p*

Lá vem a Nau Ca-the-ri- -ne - - - ta,

que traz mui-to que con- -tar;

CORO — *f*

Lá vem a Nau Ca-the-ri- ne - - - - ta,

que traz mui-to que con- -tar;

Uma voz — *p*

Ha se-te an-nos e um di - - - a queandam na vol - ta do mar!

CORO — *f*

Ha se - te an-nos e um di - - - - a queandam na vol - ta do mar!

A musica que apresentamos julgamol-a authentica, porque é a mais vulgarisada, com maior unidade e menos variantes que se encontra na tradição popular, tanto no paiz como no Brazil, especialmente nas localidades aonde se conservam os autos ou bailes de marujos.

Este romance canta-se de duas maneiras: ou como está escripto, repetindo o côro o que a voz cantou, ou cantando uma voz só seguidamente, eliminando os compassos do côro.

A NAU CATHERINETA

Lá vem a Nau Catherineta,
Que traz muito que contar;
Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar!
Não tinham já que comer,
Nem tão pouco que manjar;
Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar.
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar
Não tinham mais que comer,
Nem tão pouco que manjar.
Botaram sóla de molho,
P'ra ao outro dia jantar.
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar.
Botaram sortes ao fundo
A qual haviam de matar,
A primeira que cahiu
Foi ao capitão general.

— Arriba, gageiro, arriba,
Arriba ao mastro real!
Olha se vês minhas terras,
Areias de Portugal!?
« Eu não vejo tuas terras
Ou reinos de Portugal,
Vejo tres espadas nuas
Todas para te matar.
— Arriba, Chiquito, arriba,
Arriba ao tope real!
Valha-me a Virgem Maria
E a Hostia do Altar!
Palavras não eram ditas,
Chiquito cahiu ao mar:
Eram botes e escaleres
Sem o poder agarrar.

— Arriba, Pedro, arriba,
Meu marinheiro leal;
Olha se vês minhas terras
Ou reinos de Portugal.
O gageiro lá em riba,
Em altas vozes gritára:
« Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general!
Que eu já vejo as tuas terras
E reinos de Portugal.
Se não nos faltar o vento
A terra iremos jantar.
Lá vejo muitos ribeiros,
Lavadeiras a lavar;
Vejo muito forno acceso,
Padeiras a padejar.
E vejo muitos açougues,
Carniceiros a matar.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma lavrando ouro,
Outra a prata real;
A mais bonitinha d'ellas,
Em procura do dedal.
— Essas tres são minhas filhas,
Todas tres t'eu hei-de dar.
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
« Não quero as tuas filhas,
Que Deus t'as deixe gosar;
Que eu tenho mulher em França,
Filhinhos a sustentar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.
— A Nau Catherineta, amigo,
Eu te não posso dar.
Assim que chegar a terra,
Pois ella vae a queimar.
Dar-te-hei tanto dinheiro,
Que o não saibas contar.
« Não quero o teu dinheiro,
Que te custou a ganhar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar,
Que assim como escapou d'esta
D'outra ainda ha de escapar.
— Essa Nau já não é minha,
E' do rei de Portugal,
Elle, assim que ella chegar,
Elle a mandará queimar.
E solto o panno que havia
Poz-se tudo a manobrar.
E á tarde a Nau Catherineta
Estava na terra a varar.

Ainda da Nau Catherineta
Muito havia que contar;
Que sete annos e um dia,
Andou na volta do mar.

Este romance é referente ao naufragio da *Nau Santa Catherina*, commandada por Jorge d'Albuquerque Coelho, na volta do Brazil, em 1565 (Hist. Tragico-maritima, t. II, pags. 7 a 59). A seguinte nota, do ex.mo snr. dr. Theophilo Braga, illucida plenamente este romance:

« Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro (Bento Teixeira Pinto, que se achou n'este transe): « Faltava a agua e mantimento na Nau, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sêde; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nau mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para os seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre ver ninguem contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nau, brigas e discordias com que se houveram de perder de todo: etc.» Na altura das Ilhas o galeão foi acommettido por um Corsario francez, que se apossara d'elle e da manobra.

«Logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *desessete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senhorearam da Nau, etc.» Um piloto francez cahiu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo*, que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: « os mares davam na Nau, que pareciam que a queriam abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciam que *andavam alli os demonios do inferno.*» A presença dos francezes na Nau, a exagerada e insupportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da meza de Thyestes: «N'este tempo, *por não haver mantimento*, e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles: etc.» Porém em outro logar descreve a assombrosa tentação de antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capitão general*: « Aos vinte e sete d'este mesmo mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que se sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comer os que morriam*, pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por ver a que estado os tinha chegado sua necessidade; e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de razão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas que bem via, que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava tão ruim conselheiro, como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque elle emquanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizéssem, *e comel-o a elle primeiro.* As facas e as espadas que o gageiro vê como conta o romance, tambem vem citados na relação em prosa: « veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nau, postos em bandos e em brigas... na Nau não havia mais que uns pedaços de *facas e paus para poder brigar.*» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cançados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: «Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente*, a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem o cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas e a Roca de Cintra, defronte de Nosssa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas do meio dia, *acabando se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina*, que se fizera pela manhã...» E' natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que foi o que mais lhe fallou á imaginação, como se vê por esta passagem: «o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé para que trouxesse a Nau pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita nau defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, *e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vel-a, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças* e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que n'ella vinham de tantos perigos como passaram.»

NÃO CHORES

ROMANZA

Poesia de Estacio da Veiga.
Musica de José Veloso Dantel e Hortas.

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amalia do Amaral Berquo.

Larghetto (M. ♩.=44).

208

p ff p

voz *dolce* pp

Que pe-ro-las pu-ras são es-sas que sol-tas dos teus o-lhos lin-dos, es-pe-lhos dos ceus? São la-gri-mas tris-tes, for-mo-za don-zel-la, que ver-tem, que cho-ram, ar-chan-jos de Deus?

o piano con 8a

pp ff

dolce p

Se-rão as sau-da-des dos tem-pos pas-sa-dos que

con 8a

pp *f* *retard.* *Più vivo* *p* *dim.* con 8ª *ff*

pran - to só- men - te, con- -so - lo não é! é pran - to só- men - te, con- -so - - lo não é.

Que perolas puras são essas que soltas
Dos teus olhos lindos, espelhos dos ceus?
São lagrimas tristes, formosa donzella,
Que vertem, que choram, archanjos de Deus?

São ellas de crença, de fé ou de esperança,
As lagrimas puras que estás a verter?
Ou é um martyrio que n'alma tu sentes,
Martyrio que a vida te faz esquecer?

Serão as saudades dos tempos passados,
Que n'alma te accendem tão viva paixão?
Ou são meus amores que amores te inflammam
No intimo d'alma, no teu coração?

Mas sejam saudades, amores, ou crença,
Ou sejam esperanças, martyrios, ou fé.
Não chores, donzella, que o pranto que vertes,
E' pranto sómente, consolo não é.

Esta *romanza* é um *especimen* da musica da actualidade para sala, que veio substituir a *modinha*.

OH BALANCÉ

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Pereira Guimarães.

Andantino

209

Di- -zem que o a-mor ma-ta, ai, quem me de-ra mor-

rer; va- -le mais mor-rer d'a- -mo-res do que sem el-les vi-

ver. Oh ba-lan-cé, ba-lan- -cé, oh ba- -lan-cé da ou-tra

ban-da, Hei- -de a-mar es-ses teus o-lhos in- -da qu eu po-nha de- man-da.

Dizem que o amor mata,
Ai, quem me dera morrer;
Vale mais morrer d'amores,
Do que sem elles viver.

Já o meu amor dá penas,
Já tenho com que escrever,
Quantas mais penas me der,
Muito mais eu lhe hei-de querer.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Oh balancé, balancé,
Oh balancé da outra banda,
Hei-de amar esses teus olhos,
Inda que eu ponha demanda.

D'aqui para a minha terra
E' tudo caminho chão,
Cheio de cravos e rosas,
Postos pela minha mão.

Ter amor é muito bom,
Quando ha correspondencia,
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Recolhida em Villa-Flôr, em 1895, por F. Pinto Nogueira.

Dança.—Durante os primeiros 8 compassos formam os pares grande roda, caminhando, sobre a direita, a primeira vez que cantem, e sobre a esquerda, na repetição. Nos 4 compassos seguintes, quando dizem: *ó balancé*, etc., fazem os pares balancé, dançando os compassos seguintes em passo de polka.

TRICANA D'ALDEIA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Branca Maria Pereira.

210

Andante *mf.* *p*

Tri- -ca - na d'al- -de - ia, que fa - zes a-

qui? és mei - ga, sin -ce - ra, eu gos - to de ti.

f Nos mon - tes, na ser - ra, meu pei - to sen- tiu sau -da - des por

el- la, mas el - la fu- giu. In- gra - ta fu- gis - te, dei-

rall. *a tempo*

xas - te - me so, nos mon - tes, na ser - ra, sem pe - na nem

dó. *f* FINAL

Tricana d'aldeia,
Que fazes aqui?
E's meiga, sincera,
Eu gosto de ti.

Nos montes, na serra,
Meu peito sentiu
Saudades por ella,
Mas ella fugiu.

Ingrata, fugiste,
Deixas-te-me só;
Nos montes, na serra,
Sem pena, nem dó!

Teu rosto me encanta,
Linda tricaninha;
Não fujas, não fujas,
Oh meiga pombinha.
Nos montes, etc.

Que fazes, sósinha,
N'esta serrania,
Vestida d'encanto,
Cheia d'alegria?
Nos montes, etc.

Não penses que trago
Punhal de assassino;
Sou homem, respeito
Do fado o destino.
Nos montes, etc,

Ora olha, escuta,
No meu coração;
Não fujas, não fujas,
Não me fujas não...
Nos montes, etc.

Tricana, tricana,
Minha tricaninha,
Minha rosa branca,
Oh mansa pombinha.
Nos montes, etc.

Esta canção data, approximadamente, de 1850.

FADO CAMPESTRE

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Christina Pereira Guimarães.

Andante

211

dolce

A- qui n'es - te can-to, can - to, a - qui n'es - te re-can-

ti - nho, a - qui n'es-te can-to, can - to a - qui n'es-te re-can-

ti - nho a - qui mo-ra mi-nha so - - gra a mae do meu a-mor-

zi - nho, a - qui mo-ra mi-nha so - - gra, a mãe do meu a mor -si-nho.

Aqui, n'este canto, canto,
Aqui, n'este recantinho,
Aqui mora minha sogra,
A mãe do meu amorzinho.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado,
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

Os meus cordeiros, nos montes,
Não comem, ficam pasmados,
Até os brutos lamentam
Os meus dias desgraçados.

Tenho meu peito ralado,
A' força de padecer;
Esta pena é um segredo
Que ninguem ha de saber.

Tenho dentro do meu peito
Duas pennas a bulir;
Uma diz que quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha,
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

Recolhida no Porto, em 1870.

O CEGUINHO

LENDA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Brütt.

212

Andante

p

A-bre a por ta An-na, a-bre de man si-nho, que ve-nho can-ça-do, mor to do ca- mi-nho; que ve-nho can-ça-do mor-to do ca- mi-nho.

—Abre a porta Anna,
abre de mansinho,
que venho ferido,
morto do caminho.

—Se vindes ferido,
lá muito embora;
porta nem postigo
não se abre agora.

—Ai, a tua porta
a mim se ha de abrir;
sou um pobre cego
que ando a pedir.

—Minha mãe, acorde
do doce dormir,
venha ouvir o cego
cantar e pedir.

—Se elle canta e pede,
dá-lhe pão e vinho
e que o pobre cego
siga o seu caminho.

—Não quero o seu pão,
não quero o seu vinho,
só quero que a Anninhas
me ensine o caminho.

—Carrega a roquinha
de estopa ou de linho
e ao triste cego
ensina o caminho.

—Espiou-se a roca,
acabou-se o linho;
adiante, cego,
lá vai o caminho.

—Anda, Anninhas, anda
mais um bocadinho;
sou um pobre cego,
não vejo o caminho.

—Ai, valha-me Deus
e a Virgem Maria!
vejo tanta gente
e cavallaria!

—A cavallaria
é p'ra te levar
e todo o mais povo
vai-te acompanhar.

—De condes e duques
já fui pretendida,
e agora d'um cego
me vejo vencida!

Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
que tão falsa me era!

No tempo dos ricos senhores feudaes vivia n'uma aldeia, em companhia da mãe, uma formosissima rapariga chamada Anna, cuja peregrina belleza tinha captivado muitos condes e duques. Um d'estes nobres, não podendo vencer a formal recusa da bonita aldeã disfarçou-se em cego pedinte e, de combinação com a propria mãe de Anna, bateu-lhe uma noite á porta, pedindo para que lhe ensinassem o caminho de que se tinha perdido. Anna carregando a roca do branco linho foi então encaminhar o cego, o qual tendo fóra da aldeia muitos creados á espera, a montou a cavallo, levando-a para o seu castello.

Recolhida na Povoa de Lanhoso, em 1895, por Gonçalo Sampaio. Deve ser antiquissima

HYMNO DOS INVALIDOS MILITARES DE RUNA

VULGO DA INDEPENDENCIA

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Brütt.

213

Marcial

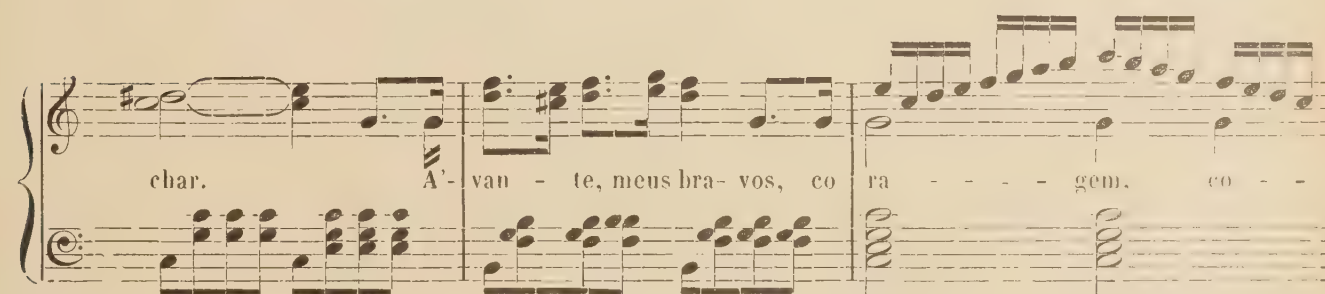
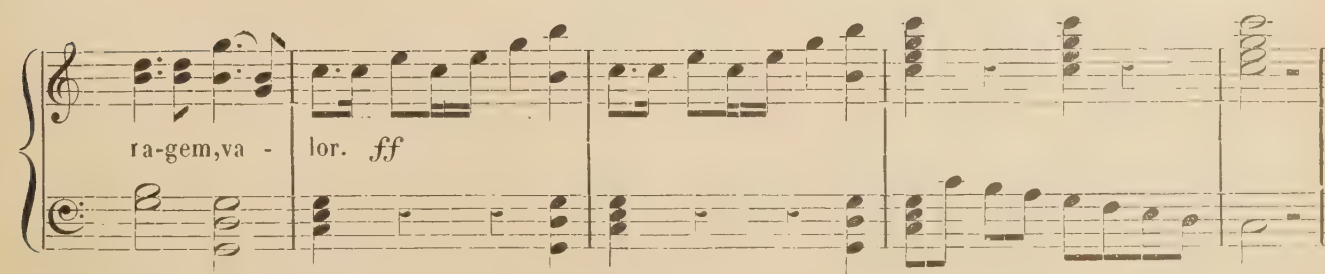
f

con 8a

mf.

Sol- -da-do só i-do- -la - - tra a su - a ter - ra na- -tal, nun- -ca cur - vou a cer- viz nun ca cur-vou a cer- viz um fi - lho de Por tu- -gal. E' nos-so hym-no de

HYMNO DOS INVALIDOS MILITARES DE RUNA

Soldado só idolatra,
A sua terra natal,
Nunca curvou a cervis,
Um filho de Portugal...

E' nosso hymno de guerra,
Coragem brio e valor,
Quando á lucta nos convida
A rouca voz do tambor.

Avante meus bravos,
Que além o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Se acaso immensos perigos,
Affrontamos por dever,
Não succumbimos na dôr,
Nunca sabemos tremer.

Se caminhamos p'ra guerra,
O prazer em nós se acalma,
Mas a bravura, e o amor,
Levamos impressos n'alma.

Avante meus bravos,
Que alem o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Entre o fogo dos combates,
Honramos a patria, e rei,
E' santa a nossa missão,
Liberdade é nossa lei!

As promessas do estrangeiro,
Banimos com altivez,
Que sabe sempre ser livre,
Um soldado portuguez!...

Avante meus bravos,
Que além o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Conhecemos a musica d'este hymno desde 1860, que foi o primeiro adoptado pelas commissões de festejos patrioticos *1.º de Dezembro de 1640.*

DIGO DAE, OH TIROLÉ!

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.^ma^ Snr.^a^ D. Else Biel.

214

Allegretto

Te - nho um a-mor, te - nho dois. di - go, dae, di - go dae, dae, dae, te - nho tres não que-ro mais, té, té, oh ti - ro - lé! té, té, oh ti - ro - lé; Pa - ra que hei de q'rer a - mo-res, di - go dae, di - go dae, dae dae, Se el - les me não são le - aes, té, te, oh ti - ro - lê, te té, oh ti - ro - lé!

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais;
Para que hei de querer amores
Se elles me não são leaes?

Se te adorei foi um sonho,
Se te quiz foi falsidade,
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

Eu tenho quatro amores
Dois de manhã, dois de tarde;
Com todos me rio e brinco,
Só a um fallo verdade.

Prendi-me na silva verde
A' porta da viuvinha...
Quem de viuva nos prende
Que faria em solteirinha!...

Recolhida em Aveiro em 1880; é conhecida em todo o paiz.
A notação pequena nos dois ultimos compassos, indica uma variante mais entoada que cantada, que é vulgar no Porto.

O ULTIMO FADO

SERENATA

A Ex.ma Snr.a D. Maria Sebastiana de Queiroz Barros Teixeira.

De Augusto Hilario.

Andante espressivo — O piano con 8ª

115

Se- nho-ras, ve-nho de lon-ge ve- nho de ao pé do lu-

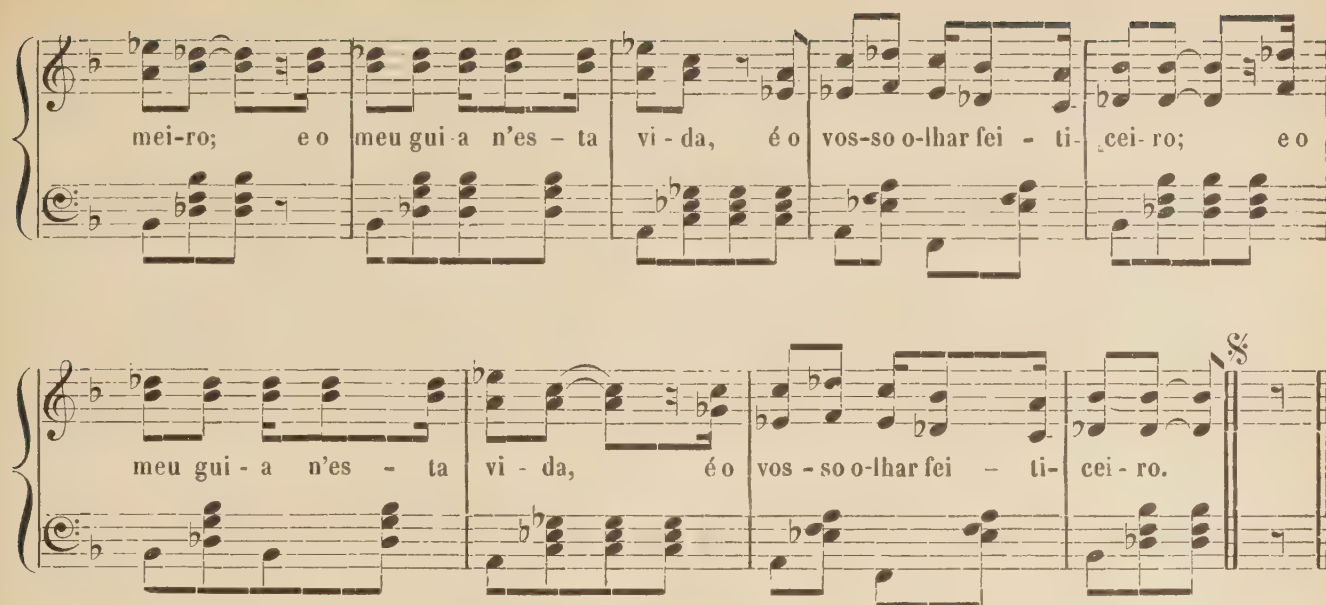
ar; Se- nho-ras, ve-nho de lon-ge, ve nho de ao pé do lu- ar; ve-

nho pe-dir-vos a es- mo-la, a es- mo la do vos - so o- lhar; ve- nho pe-dir-vos a es

mo-la, a es mo-la do vos - so o- lhar. O meu ar-ra-bil a- ma-do, é o

meu bor-dão de ro- mei-ro; o meu ar - ra-bil a- ma do, é o meu bordão de ro-

mei-ro; e o meu gui-a n'es – ta vi-da, é o vos-so o-lhar fei – ti-cei-ro; e o

meu gui-a n'es – ta vi-da, é o vos-so o-lhar fei – ti-cei-ro.

A' porta do Infinito,
A traços largos, profundos,
A mão de Deus tinha escripto:
Os teus olhos são dois mundos.

O mar tambem tem amante,
O mar tambem tem mulher,
E' casado com a areia,
Dá-lhe beijos quando quer.

A minha capa velhinha
Tem a côr da noite escura;
Não a quero por mortalha
Quando fôr p'ra sepultura.

Eu quero que o meu caixão
Tenha uma fórma bizarra,
A fórma de um coração,
A fórma d'uma guitarra.

Guitarra, minha guitarra,
Solt a teus ais, minhas queixas,
E's tu a unica amante
Que por outro me não deixas!

Vae alta a lua, vae alta,
Brilha nos céus, branca lua;
Vem tu vel-a, minha amada,
Illuminando esta rua.

Ouvi dizer ao Luar
Com trinados na garganta:
—*Quem canta seu mal espanta*...
E puz-me então a cantar.

As minhas canções vermelhas
Rimal-as-hei com martyrios
Ao rythemo das abelhas
Nas folhas roxas dos lirios.

E no Paiz das Chimeras
Mil vozes d'anjos dispersos,
A musica das epheras,
Hão de cantar-te os meus Versos.

Mas é tão fria a luz calma
Do teu olhar... que flagello!
Se a tua Alma é um mar de gelo
E o olhar é o espelho da alma...

Serve-te a madeixa negra
De moldura ao rosto franco,
Como se uma toutinegra
Pousasse n'um lirio branco.

E as minhas quadras singelas,
Feitas de crenças e anhelos,
São pequeninas estrellas
Que atiro p'ra os teus cabellos.

N'esse teu labio vermelho
Ha risos do sol d'agosto:
A Alvorada é um espelho,
Onde se mira o teu rosto.

A Lua, onde os olhos fito,
A face em nuvens recata,
Como lagrima de prata
Na palpebra do Infinito...

As vezes, quando indeciso
Me curvo p'ra o teu olhar.
Vem n'uma lagrima um riso:
— Raio de sol sobre o Mar!

E passo a vida tristonho
A cantar, por não saber
Se a Vida está só no Sonho
E a Realidade em morrer...

Pequenas da minha terra,
Dou-vos Canções; dae-me Beijos!
A quem sua Alma descerra,
Vae-se-lhe a Alma em desejos!

Tenho já secca a garganta:
E como é que isto é, não sei!
— *Quem canta seu mal espanta*...
Puz-me a cantar ... e chorei!

Quando, nas ferias de 1895, Hylario se hospedou em uma dependencia do escriptorio da nossa Empreza, offereceu-nos esta composição dizendo-nos que era o seu *ultimo fado*, mas que tencionava addicionar-lhe algumas variações, e que reservassemos a publicação para quando elle as tivesse composto definitivamente. A morte acaba de surprehender este sympathico academico, que se tornou celebre em todo o paiz pelos seus fados, dos quaes é este o terceiro e ultimo que publicamos, sem ter podido recolher as variações promettidas. Augusto Hylario Costa Alves, terceirannista da Universidade e aspirante a medico naval, falleceu em Vizeu em casa de sua familia onde tinha ido passar as ferias da Paschoa do presente anno de 1896.

As ultimas doze estrophes são do academico Fausto Guedes Teixeira.

COSTUREIRINHA GALLEGA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Bertha Flavia d'Azevedo.

216

Cos-tu-rei - - - ri - nha gal-le - - - ga, tu que es tás, tu que es-tás a cos-tu-rar? Um len-ci - - - nho de tres pon - - - tas pa - ra o nos-so pa - ra o nos so ge-ne-ral.

CORO

An - da a ro - da, an - da a ro - da, an - da a

ro-da, an - da a ro-da de re- -dor; quan - to mais a ro - da

an - da mais te que-ro, mais te que ro meu a- mor.

Costureirinha gallega Tu que estás a costurar? — Um lencinho de tres pontas Para o nosso general.	Costureirinha gallega, Tu que estás a custurar? — A sobrep'lix do cura, Que a outra foi p'ra lavar.
Anda a roda, anda a roda, Anda a roda de redor, Quanto mais a roda anda, Mais te quero, meu amor.	Anda a roda, anda a roda, Anda a roda em de redor, Quanto mais a roda anda Mais te quero, meu amor.
Costureirinha gallega, Tu que estás a costurar? — Uma camisa de renda P'ra dama que vae casar.	Costureirinha gallega Tu que estás a costurar? — Um enxoval muito rico Para quando eu me casar.
Anda a roda, etc.	Anda a roda, etc.

Recolhida em Chaves por P. Ribeiro. Esta musica é antiga.
Dança.—Forma-se roda, dando todos as mãos e ficando, no centro, uma dama; chegando á palavra costurar, todos ajoelham, fingindo costurar, e a dama que está no centro responde o que segue. Chegando ás palavras *Anda a roda,* todos se levantam e continua a andar a roda. Depois vem outra dama para o meio.

OS TEUS ENCANTOS

DUETTO

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Maria de Jesus Mello.

Largo

217

f

8a

Oh ce - us! oh ce - us! eu mor - ro e mor - - - - ro d'a- mo-res quan-do me ve- jo a teu la - do; Se es- tás de mim se-pa- ra - - - - da eu mor - ro d'an-gus-tia e de dor. Sim! Oh ceus, eu mor - ro, mor-ro d'a- mor. Sim, sim, sim, eu

mor - ro d'a - mor. Sim, sim sim, sim, eu mor - ro d'a - mor.

Allegro

dolce

Jun - - to a ti sin- to a ter- nu - - ra au - zen- te de

ti sau- da - de. Não sei em qual d'es - tes lan - ces te - nho

me - nos li - - ber- dá - de. Jun - to a ti sin- to a ter- nu - ra,

au - zen- te de ti sau- da - de; não sei em qual

d'es - - - tes lan - ces te - - nho me - nos li - ber-

da - de, te - - nho me - nos li - - ber- da - de.

Oh ceus! Eu morro d'amor
Quando me vejo a teu lado;
Se estás de mim separado
Eu morro d'angustia e de dôr.

Junto a ti sinto ternura,
Ausente de ti saudade;
Não sei em qual d'estes lances
Tenho menos liberdade.

Este dueto pertence á classe das *modinhas*, do principio d'este seculo.
O *Sim*, que ameudadas vezes se repete n'esta musica, era quasi declamado.

AO LEVANTAR FERRO

CANÇÃO MARITIMA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joaquina de Carvalho.

218

Adagio

mf. A gran - de nau Ca-thri -ne- ta tem os mas- ta-reos de pi nho; *f* ai lé, ai lé, ai lé, ma-ru ji - nho ba- te o pé. *mf.* O la- drão do com-mis -sa - rio rou-bou á ra - ção do vi- nho. *f* Ai lé, ai lé, ai lé, ma -ri- nhei-ro vi -ra a ré.

A grande nau Catherineta
Tem os seus mastros de pinho,
Ai lé, lé, lé,
Marujinho bate o pé.
O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho.
Ai lé, lé, lé,
Marinheiro vira a ré.

Antes de caçar as gaveas,
Põe-se o ferro sempre a pique;
Ai lé, lé, lé,
Cada qual mostra o que é.
Para a nau ficar a nado,
Abrem-se as portas ao dique.
Ai lé, lé, lé,
Chega tudo cá pr'a ré.

Quando as gáveas vão aos rizes,
A maruja talha o lais;
Ai lé, lé, lé,
Quem é moiro não tem fé.
Sobem dois a impunir,
A rizar sobem os mais.
Ai lé, lé, lé,
Tu com tu, e cré com cré.

Quando o barco faz cabeça
Alla braços, iça a giba;
Ai lé, lé, lé,
Vá de longo que é maré.
Quando elle arranca o ferro,
Vira então de leva arriba.
Ai lé, lé, lé,
Vira mar e San José.

E' de usança ao quarto d'alva,
Matar na coberta o bicho:
Ai lé, lé, lé,
Deixa a marca, põe a pé.
Antes da baldeação
Varre o moço, apanha o lixo.
Ai lé, lé, lé,
Peito á barra, finca o pé.

Todo o barco que anda a côrso
Caça outro que se veja.
Ai lé, lé, lé,
Muito cafre tem Guiné.
Todo o moço do convés
Caça a isca na bandeja
Ai lé, lé, lé,
Mazagão não é Salé.

LAMENTOS DA FREIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José d'Oliva Castro e Abreu Guimarães.

Andantino

219

mf.

p

A-pe-nas ti-nha com-ple - to qua-tor-ze an nos de e-da - de quan - do meus paes sem pie-da - - de me a-qui me-te - ram me a-qui me-te - - ram.

Romanza recolhida na Ponte da Barca pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.

LAMENTOS DA FREIRA

Apenas tinha completo
Quatorze annos de edade
Quando meus paes sem piedade
Me aqui metteram.

Que era boa, me disseram,
Das freiras a triste vida
E menina bem nascida
Ser freira deve.

Mas, se acaso, em tempo breve,
De freira me arrependesse,
Uma vez que eu bem quizesse,
Me casaria.

O que ainda ser podia
Depois de ter professado;
Jurou-m'o, e tendo jurado,
Acreditei.

A minha roupa arranjei
Para vir para o convento;
Com lagrimas cento a cento
Me despedi.

A meu caro pae pedi
Que suas bençóes me desse,
E que se me arrependesse
Me acceitasse.

Elle beijando-me a face
A tudo disse que «sim»
E junta com elle vim
Para o convento.

Caminhando a passo lento
Cá chegamos finalmente,
E uma freira alegremente
Me abriu a porta.

Cahi no chão quasi morta
Quando meu pae se ausentou,
Mas o alento me tornou
E entrei para dentro.

Apenas tomei assento
Logo chegou a abbadessa
Dizendo — «Não esmoreça,
Minha menina.

Porque assim de pequenina
E' que é bom o professar
E Deus a ha de ajudar
Se freira fôr.» —

Eu, sem me lembrar de amor,
Como louca professei,
Sem pensar como pensei
De arrepender-me.

Mas quando cheguei a ver-me
Sem o meu louro cabello,
Com um medonho capello,
Quasi esmoreço!

Chamo a abbadessa e lhe peço
Para freira já não ser;
Ella me chega a dizer:
— «Não tem remedio.

Se da cella tinha tedio
Não chegasse a professar;
Mas depois de assim obrar...
Tenha paciencia.» —

Fiquei perdendo a existencia
Quando tal coisa me diz;
Então reparo é que fiz
Que me enganaram.

As minhas vozes clamaram
Vingança contra meu pae,
O qual enganar-me vai
Tao cruelmente!

De meus olhos a corrente
Jámais de correr deixou;
O meu rosto descorou,
Tudo perdi.

O lembrar-me que fugi
A doces gosos de amor
Me causava mais horror
Do que morrer.

Se vou ao jantar comer
Acho tudo desgostoso;
O manjar mais saboroso
Me desagrada.

Só o pranto não me enfada;
Choro sempre e chorarei,
Pois enganar-me deixei
Para ser freira.

Corro a cerca toda inteira
Como louca passeando,
Depois á cella voltando
Dou mil gemidos.

Quando soa a meus ouvidos
O sino que ao côro chama,
Pego de cima da cama
O breviario.

Mas meu pensamento vario
Jámais em Deus está posto,
Porque não reso com gosto
Mas obrigada.

Minha sorte amargurada
E' hoje e sempre o será;
Só a morte acabará
O meu penar.

Mas quem o ha de pagar
Será meu pae, certamente,
Por me enganar falsamente
Sem eu pensal'o.

Permitta o ceu castigal-o
Já que de amor me privou;
Os gostos que me tirou
Elle os não tenha.

Mais duro do que uma penha
Foi seu peito para mim,
Pois fez que não tenha fim
Minha desgraça.

Nenhuma menina faça
O que eu loucamente fiz;
Não queira ser infeliz
Como eu sou.

Estes conselhos vos dou
A vós, meninas solteiras,
Se eu cahi em taes asneiras
Não cahais vós.

A PARTIDA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Ermelinda de Souza Dias. — *Poesia de Soares de Passos.*

220

Andante

p

dolce

p

Ai, a- deus a - ca- ba-ram - se os di - as que di- -to - so vi-

vi a teu la - do; Sô - a a ho - ra, o mo- men- to fa- da - - do

é for- ço - so dei- xar -te e par- tir. Sô - a a ho - ra o mo-

men-to fa- da - - do é for ço - so dei- xar - te e par- tir.

Esta musica appareceu pouco depois da poesia, que se vulgarisou rapidamente por todo o paiz e no Brazil.

A PARTIDA

Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
E' forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outomno lhes despe os encantos;
Cêdo o inverno com gelidos mantos
Baixará das montanhas d'alem.
Tudo triste, sombrio, e gelado,
Ficará sem verdura nem flores:
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoutado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
Essa volta da quadra florente,
Eu co'as flores virei outra vez.

Mas, se as flores dos campos voltarem,
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

CANTA, CANTA, ROUXINOL

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Zulmira Rosa de Carvalho.

Andante

221

p

UMA VOZ

p

Tu cha- | mas-te- me tu – a | vi-da, mas tu- | a al-ma que - ro | ser, que a

vi - da mor-re com o | cor - po, e a | al – ma e - ter - na hade | ser. Se o a-

cres.

mor du-ra a- lem da | mor-te, cons-tan | -te sem - pre hei-de | ser. *f* Se o a- | mor du-ra com a

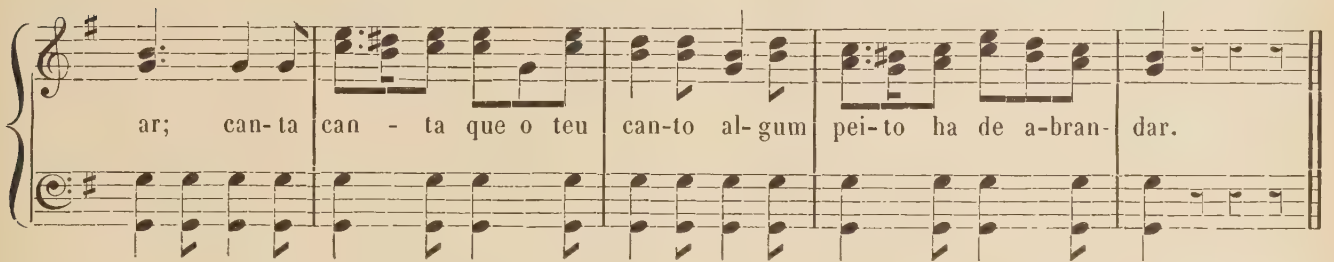
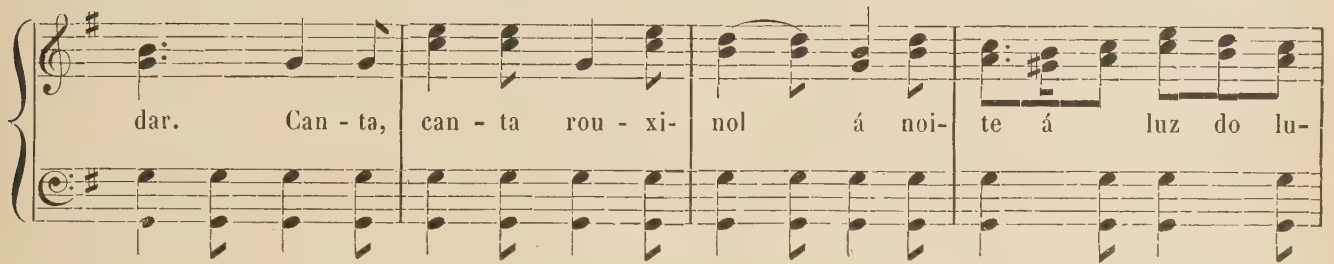
vi - da, hei de a- | mar - te a - té mor- | rer. Can-ta, | can - ta, rou -xi- | nol, de noi-

CORO

f

te á luz do lu- ar; can-ta can - ta que o teu can-to al-gum pei-to ha de a bran-

dar. Can - ta, can - ta rou - xi- nol á noi- te á luz do lu-

ar; can-ta can - ta que o teu can-to al-gum pei-to ha de a-bran- dar.

Tu chamas-me tua vida,
Mas tua alma eu quero ser;
Que a vida morre com o corpo,
E a alma eterna ha-de ser.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

A roda da desventura
Sobre mim constante gira;
Nada a faz retroceder;
Infeliz de quem suspira.

Se amor dura alem da morte
Constante sempre hei-de ser;
Se amor dura só na vida,
Hei-de amar-te até morrer.

Amar e escolher amantes
Ensinou-me quem pódia,
A amar a natureza
A escolher a sympathia.

Aquelle que tanto amei,
Esqueceu meu pensamento;
Como o rio esquece as rosas
Que retratou n'um momento.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

Esta musica parece ser mirandeza. Recolhida em 1870.

Dança.—Durante as duas quadras da voz a dança é de grande roda. No coro os cavalheiros dão a mão direita á direita da dama, erguendo os braços, e vão girando sobre si e no percurso da grande roda, como se faz na valsa.

MARIANNA COSTUREIRA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Rachel da Costa Cardoso.

Allegretto

222

mf.

Ma - - - ri - an - na, cos - tu - rei - - - - - ra,

sua a - gu - lha me pi - cou. não é

na - da, não é na - - - - da, ao co - ra - ção me che-

gou. Oh ai, oh ai, oh ai, meu

bem. Ma - ri - an - nae - rae s - per - ta não lhe che - ga - va nin - guem.

D. C.

MARIANNA COSTUREIRA

Marianna, costureira
Sua agulha me piccou;
Não é nada, não é nada,
Ao coração me chegou.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, meu bem!
Marianna era esperta,
Não lhe chegava ninguem.

Marianna diz que tem
Sete saias de balão:
Que lhe deu um caixeirinho
A occultas do patrão.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, amor!
Das ligas da Marianna
Nunca ninguem viu a côr.

Marianna diz que tem
Uma capa de velludo;
Que lhe deu um caixeirinho
Na semana do Entrudo.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, lindinha
Marianna tinha brio
Em andar sempre sósinha.

Marianna diz que tem
Um vestido de setim,
Que lhe deu um caixeirinho
Lá das bandas do Bomfim.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, prazer,
Do porte de Marianna
Ninguem tinha que dizer.

Marianna diz que tem
Luvas e perfumaria
Que lhe deu um caixeirinho
Na missa do meio dia.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, oh ai
Marianna é sósinha
Já não tem mãe nem tem pae.

Marianna é baixinha
Arrasta a saia na rua:
— Essa saia, Mari nna,
Parece que não é tua.
Oh ai, oh ai
Oh ai, que amar,
Marianna era honesta
Não tinha de que corra.

Esta cantiga appareceu no Porto em 1875. Por esta occasião inaugurou-se no Porto o caminho de ferro do Porto á Povoa e o povo serviu-se do estribilho d'esta cantiga para lhe dirigir allusões, exemplo:

Oh ai, oh ai,
Oh ai, meu bem!
O carro americano
Vae p'r'a Povoa sem ninguem.

Oh ai, oh ai,
Oh ai, amor!
O carro americano
Corre mais do que o vapor.

BASTA, SIM, BASTA

CHOREOGRAPHICA ALENTEJANA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Baptista de Carvalho.

223

Allegretto — con 8a — *f*

Quem ti- ver dois co - ra- ções dê - me um que bem o em- pre - ga; eu um

só que ti - nha dei - o a quem a - go ra m'o ne - ga. *poco meno* Bas - ta, sim

bas - ta, meu pen - sa men - to; tu és a cau - sa do meu tor- men - to. *meno* Dá-me os teus

bra - ços, da - rei - te os me - us que eu vou - me em- bo - ra, a - deus, a- de - us.

Variante da ultima parte, em Elvas

meno

f

Dá-me os teus braços, da-rei-te os me-us; já te vaes em-bo-ra, pois a-deus a-de-us.

Quem tiver dois corações
Dê-me um que bem o emprega, } bis
Eu um só que tinha dei-o
A quem agora m'o nega } bis

Basta, sim, basta, (1)
Meu pensamento;
Tu és a causa
Do meu tormento, (2)
Dá-me os teus braços, (3)
Darei-te os meus; (4)
Que eu vou-me embora;
Adeus, adeus! (5)

O meu amor diz que tem
Outras paredes mais altas,
Desengana-te de mim,
Que eu não sirvo para as faltas.

Olhos azues são ciumes;
Os meus olhos azues são
Tenho ciume nos olhos,
Firmeza no coração.

O coração do meu bem
E' de vidro, está na mão,
Quem se quizer vingar d'elle
Atire com elle ao chão.

Eu fui á roda do mar,
Silva verde é meu encosto,
Que importa que o mundo falle,
Se eu amar-te é do meu gosto?

Silva verde não me prendas,
Que eu não tenho quem me solte
Olha que eu tenho quebrado
Outras cadeias mais fortes.

Já não tenho coração,
Já m'o tiraram do peito,
Onde eu tinha o coração
Nasceu-me um amor perfeito.

Cada vez que eu considero,
Bate a terra, treme o chão,
Em considerar que deixo
Segredos na tua mão.

Meu amor diz que tem outra,
Com isso me não consumo,
Deito-me na minha cama
Muito descançado e durmo.

A flôr da amendoeira
E' a primeira no anno,
Tambem eu fui a primeira
Que te dei o desengano.

Recolhida no Alemtejo pelos snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almeida.

Dança —Apezar de marcial, a musica da cantiga é excessivamente vagarosa. Dança se durante esta, tomando os homens, com a mão direita, a mão direita da dama, por cima, e a esquerda por baixo, voltados um para o outro, ou quasi; a dama com as costas para o centro da roda. Assim gira esta para a direita (dos homens), caminhando os pares lateralmente ao cadenciado da musica, firmando-se alternadamente n'um e n'outro pé, e tambem alternadamente levantando o braço direito e esquerdo, sem largar as mãos, e requebrando o corpo para um e outro lado. Aos ultimos dois versos a roda retrocede do mesmo modo para a esquerda, passando os braços esquerdos para cima dos direitos. O estribilho, ou requebre, canta-se parado, da fórma das indicações seguintes:

(1) Balancé com a dama e estallinhos com os dedos.
(2) Meia volta cada um com o seu par, no seu logar.
(3) Abraça-se o par.
(4) Abraça-se a dama da esquerda.
(5) Faz-se adeus com a mão ao par, e encaminha-se para diante a tomar o immediato.

ELLA POR ELLA

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Mattos Sotto Maior.

Poesia de João de Lemos.
Musica de José Doria.

224

Allegretto *dolce gracioso*

Mais flo- ri - do que um pal -mi - to, ro- sa- do, pim-pão, bo- ni-to, vi-nha o se-nhor Ma -noel, noi- va ao la - do o pei-to em bra-za, e com el- la pa-ra ca - sa em do- ce lu-a de mel; e com el-la pa-ra ca - sa em do- ce lu-a de mel.

Mais florido que um palmito,
Rosado, pimpão bonito,
Vinha o Senhor Manuel,
Noiva ao lado, o peito em brasa,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guar-te, nem pejo,
A' noiva furta-lhe um beijo,
E o beijo fêl- a corar.

O pobre esfregava o olho
E carregava o sobr'olho,
Como quem diz — não gostei;
Diz-lhe o fidalgo: — da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei.

Correram dias, e um dia
Vinha com toda a alegria
Da egreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, senão quando,
Já mesmo a casa chegando,
Sente- se um beijo estallar...
—Olá, Manuel, endoudece!
«Não, senhor, se lhe parece
Venho-lhe a renda pagar.»

Recolhido em Coimbra em 1888

ROSA, PASTORINHA

XACARA

À Ex.ma Snr.a D. Rosaria de Jesus e Mello.

225

Andante

p

Que fa - zeis, me- ni - na, por en - tre a ri- bei - ra? ti- rae - vos do sol, que o sol vos quei - ma.

—Que fazeis, menina,
Por entre a ribeira?
Tirae-vos do sol,
Que o sol vos queima.
—O sol não me queima,
Já 'stou avezada,
Ao frio e á néve,
Ao rigor da calma.
—Que gentil mulher
Para guardar gado,
Dê-me cá o cesto,
Tambem o cajado.
—Não quero criados
De meias de seda,
Não quero que as rompam
Por essas estevas.
—Sapatos e meias
Tudo romperei.
P'lo amor que vos tenho
Tudo eu farei.
—Razão como essa
Outra não ouvirei,
Vou guardar meu gado,
Que alem deixei.
—Menina é ingrata,
Menina é ingrata,
Se quer ser ingrata
Passe muito bem.
—Voltae cá meu mano,
Voltae cá, correndo,
Que o amor é cego
Já me vae vencendo;
Aqui dou um grito.
Alem dou um brado,
Senhora da Penha
Guardae o meu gado.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

NOSSA SENHORA DA SAUDE

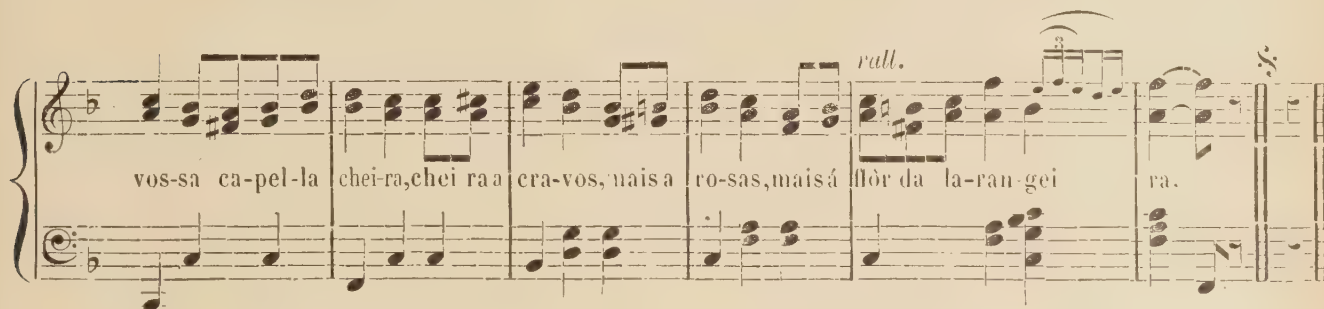
CORO DE ROMEIROS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José do Amaral Ferrão.

Andante

226

p

A Se- nho-ra da Sa- u-de, só el - la pó-de bri- lhar; tem a su-a ca-pel- li-nha le-van- ta - da á bei-ra mar. Oh Se- nho-ra da Sa- u-de, a vos - sa ca-pel-la chei-ra, chei-ra a cra-vos, mais a ro-sas e á flòr da la-ran- gei - - ra, e mais á flôr da la-ran- gei - - - ra.

A Se nho-ra da Sa- u-de, só el - la pó-de bri- lhar; tem a su-a ca-pel-

li-nha le-van-ta - da á bei-ra mar. Oh Se-nho-ra da Sa-u-de, a

rall.

vos-sa ca-pel-la chei-ra, chei ra a cra-vos, mais a ro-sas, mais á flôr da la-ran-gei ra.

A Senhora da Saude,
Só ella póde brilhar;
Tem a sua capellinha
Levantada á beira mar.

Oh Senhora da Saude,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravos, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

Oh Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrae os homens do mar,
Dae-lhe a vossa mão direita.

Oh Senhora da Saude,
Eu hei de ir lá para o anno;
Hei de ir casada ou solteira,
Ou levada pelo mano.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Inda cá hei de voltar,
Ou casada ou solteira.

Oh Senhora da Saude,
Que daes aos vossos romeiros?
—Dou agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Dae-me vós o vosso amparo
Que eu serei vossa romeira.

Oh Senhora da Saude,
Senhora, Virgem e Rainha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

Recolhida na Figueira da Foz em 1870.

AMORES, AMORES

CANÇÃO

Poesia de João de Deus.
Musica de José Doria.

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Izabel Moreira Marques.

Allegretto

227

f

p

Não sou eu tão tô - la que caia em ca- sar, mu lher não é

ro - la que te nha um só par.

Gracioso

Eu te-nho um mo- re - no, te- nho um d'ou tra

còr, te- nho um mais pe- que- no, te- nho ou-tro mai- or: eu te-nho um mo-

re- no, te- nho um d'ou - tra cor, te- nho um mais pe- que-no te- nho ou tro mai -or.

AMORES, AMORES

Não sou eu tão tola
Que caia em casar;
Mulher não é rôla
Que tenha um só par;

    Eu tenho um moreno,
    Tenho um d'outra côr,
    Tenho um mais pequeno,
    Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo
E o gosto ficou?

    Um d'elles, por graça,
    Deu-me um e depois,
    Gostei da chalaça,
    Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa a razão.

    Um dia que o alto,
    Me vinha abraçar,
    Fiquei-lhe, d'um salto,
    Suspensa no ar.

Amores, amores,
Deixal-os dizer;
Se Deus me deu flores
Foi para as colhêr.

    Eu tenho um moreno,
    Tenho um d'outra côr,
    Tenho um mais pequeno,
    Tenho outro maior.

A NAU AFFONSO

FADO DA RIBEIRA NOVA

À Ex.ma Snr.a D. Aurora Candida de Sampaio e Brito.

Moderato

228

f

Nau Af - fon - so quan - do vol - tas, a dar - me con-so - la-

ção? O - lha tu que lá me tens al - ma, vi - da e co - ra-

ção. *p* Nau Af - fon - so que vai - do - sa, vaes sul - can - do os cres - pos

ma - res de meus sau - do-sos pe- za - res, és a cau - sa ri - go-

ro - sa; *mf.* tu, que na pro-a for- mo - sa, ter - nos a - mo-res es-

col - tas, quan - do ao ven-to as ve - las sol - tas, me le - vas o co - ra-
ção. Ah! diz - me por com-pai- xão, Nau Af - fon - so,quan - do
vol - tas ? Ah! diz - me por com-pai -xão, Nau Af - fon - so,quan -do vol - tas?

Nau Affonso quando voltas
A dar-me consolação?
Olha tu, que lá me tens
Alma, vida e coração.

Nau Affonso, que vaidosa
Vaes sulcando os crespos marès,
De meus saudosos pezares
E's a causa rigorosa:
Tu, que na prôa formosa
Ternos amores escoltas,
Quando ao vento as velas soltas,
Me levas o coração;
Ah! diz-me por compaixão,
Nau Affonso, quando voltas.

Ardendo n'um fogo intenso
Sempre te encontro commigo;
Se durmo, sonho comtigo;
Se vélo, só em ti penso:
Parece-me o tempo immenso
Da tua separação;
Ah! tem de mim compaixão,
Volta já, não te detenhas,
Senão morro antes que venhas
A dar-me consolação.

Em quanto as ondas sulcares,
Raiem dias bonançosos;
Não soprem ventos raivosos,
Não urrem com furia os mares:
Fujam de te vêr pezares,
O ceu chova em ti mil bens,
Meus votos crê, que em refens
Da minha pura amizade,
D'esta alma a dôce metade
Olha tu, que lá me tens.

Se agua ou vento te faltar
Para vir d'esses retiros,
Meus olhos e meus suspiros
Vento, e agua te hão de dar:
Mas ceus, que triste pezar
Me turba a luz da razão!
Dando estou vozes em vão;
Surdo baixel, se eu pudera,
Para me ouvires te dera
Alma, vida, e coração.

O CANNAVIAL

DESCANTE

À Ex.ma Snr.a D. Elvira Silva Tavares.

Andantino

229

Ao can- na-vi-al das can-nas quem te man-dou a-qui vir? Se eu te a-go-ra ma-

ta - se quem te ha-via de a-cu- dir? Quem te ha-via de a-cu- dir? ai, la-

ri-lo – lo, meu bem, ai, se eu te a-go-ra ma- tas - se, não o sa-bi-a nim- guem.

Ao cannavial das cannas,
Quem te mandou aqui vir,
Se eu te agora matasse,
Quem te havia de acudir?

Quem te havia de acudir,
Oh lari-lo-lo, meu bem,
Se eu te agora matasse,
Não o sabia ninguem.

Chamas-te ao meu cabello
Cannavial de Cupido;
Tambem eu chamei ao teu,
Laços que me tem prendido.

Recolhida em Coimbra em 1870.

DANÇA DO REI DAVID

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelina Vieira Soares.

Allegretto

330

f

f

É tradicional esta chula que se toca em Braga, só na manhã do dia 24 de Junho, e faz parte do programma dos festejos ao S. João, que n'aquella cidade se fazem durante tres dias com o maximo explendor, no seu genero de festa popular, conservando ainda alguns costumes antiquissimos.

No presente anno o programma, n'esta parte, diz: *Dia 24.— A's seis horas da manhã sahirá da parochial egreja de S. João do Souto a tradicional dança do Rei David e sua côrte e o carro triumphal dos pastores, percorrendo diversas ruas da cidade; etc.*

A dança do Rei David e sua côrte, é formada por um grupo de individuos vestidos a caracter, tocando varios instrumentos, como rebeca, flauta, violoncello, violão, viola, bandolim, cavaquinho, etc., e dançando uma contradança de bastantes evoluções.

A musica d'esta chula, que é a marcha do cortejo, é um aggregado d'algumas phrases de musica erudita, e talvez fosse um trecho artistico que a impericia d'alguns Reis David, de Braga, em successivas gerações, deturpou; tal como a apresentamos é como a tocam actualmente.

OS MEUS TORMENTOS

MODINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Helena Sant'Anna Dias.

Andante

231

f Quan-do as glo-rias que go - zei, *p* vou na i- dê - a re - vol -

ver, vou na i- dê - a re - - - - vol- ver; Sin-to á for - ça da sau -

da - - de meu tris - te pran-to cor rer, sin to á for - ça da sau -

da - de meu tris - te pran - to cor - rer. Sin-to á for - ça da sau -

da - - de meu tris - te pran-to cor- rer; sin-to á for - ça da sau -

OS MEUS TORMENTOS

Quando as glorias que gosei
Vou na ideia revolver,
Sinto á força da saudade,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Encantos que já não goso,
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Eu bem sei para que amor
Me quiz ditoso fazer:
Foi para vêr de continuo,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Esta *modinha* foi popularissima, principalmente no Brazil, no principio d'este seculo.

ORAÇÃO DO AMARGOSO FEL

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia d'Araujo Mello e Motta.

Andante

232

p

Pe-lo a-mar-go-so fel, que sup-por-tas-te na cruz,

Dae-me tão for-te au-xi-lio,

p'ra que eu si-ga a vos sa luz.

Pelo amargoso fel
Que supportaste na cruz,
Dae-me tão forte auxilio,
P'ra que eu siga a vossa luz.

Pelas vossas cinco chagas
Que vos fizeram na cruz,
Dáe-me todo o vosso amparo,
P'ra que eu siga a vossa luz.

Pelo precioso sangue
Que derramaste na cruz,
Salvae, Senhor, a minh'alma,
Para sempre, Amen, Jesus.

Recolhida na Ilha de S. Jorge, pelo Rev.mo Snr. P.e Manoel d'Azevedo da Cunha. Esta oração é cantada em familia, pelos velhos habitantes da Ilha.

O ESCRAVO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Haydée Fernandes Andrade Mello.

Poesia de Pires Ferrão.

Andante

255

p *mf.* *p*

N'u - ma al - ta e fron- do - sa Bra- si - lia flo res - ta, que o sol a - çou - ta - va em ca - li - da ses - ta, que o sol a - çou - ta - va, em ca - li - da ses - ta.

Esta canção veio do Brazil e vulgarisou-se muito em Portugal.

O ESCRAVO

N'uma alta e frondosa
Brasilia floresta,
Que o sol açoutava
Em cálida sésta;

Ao som compassado
Da fouce pesada,
Que os troncos derruba,
Prepara a *queimada;*

Com voz rude e triste
Que ao longe eccoava,
Um pobre captivo
Taes queixas soltava:

«Em simples palhoça
Eu livre nasci,
Mas preso e vendido,
Captivo me vi.

O filho, a mulher,
Forçado deixei,
A pobre familia
Não mais avistei.

São livres os *brancos,*
Não soffrem rigor;
Mas, eu por ser negro,
Eu tenho—um *senhor.*

Com elles nem devo
Co'as dôres chorar;
Mas devo, soffrendo,
Chorando cantar.

A dôr, o prazer,
Em mim crimes são;
Castigos por isso
No corpo me dão.

Á chuva e ao sol
Sempre a trabalhar,
De pouco descanço
Eu posso gozar.

Os fructos da terra,
Que cavo a suar,
Não são p'ra meus filhos,
Que vejo penar.

O ouro que ganho
Me não faz ser rico,
Por muito que dê,
Eu forro não fico.

O mesmo sustento
Que dão-me, grosseiro,
Dão-me porque temem
Perder *seu dinheiro.*

De um tal captiveiro,
Soffrendo os rigores,
Minha mocidade
Gastou-se entre dôres.

Ao peso dos annos
Já hoje curvado,
P'ra todo o serviço
Sou inda chamado.

Ao *branco,* se é velho,
Teem todos respeito!
Eu inda ao chicote
Vivo hoje sujeito!

De que serve a vida
A quem, como eu,
Sem ter liberdade
Já tudo perdeu?

Só uma esperança
Eu sempre hei de ter:
Morrendo, outra vez
Eu livre hei de ser.

Meu bom Pai do ceu,
Ah! tende clemencia!
Ouvi minhas vozes,
Findae-me a existencia!»

Aqui o captivo,
Cançado, parou,
E co'a mão callosa
O pranto enxugou.

E o ecco passado,
Que a voz repetia,
—Findae-me a existencia!
Ao longe dizia.

A ERMIDA NO MAR

ROMANCE

À Ex.ma Snr.a D. Ernestina Bentes Moreira dos Santos.

234

Andante

f

mf. Ma-ri-a pon-do a me-za pa-ra seu pae jan-tar, viu vir u-ma nau á vel-la, viu vir á vel-la por es-se por es-se mar; São os a-mo-res de Ma-ri-a que a vem e-na-mo-rar.

FINAL

f Al-le-lu-i-a.

Recolhida, a musica, nos Açores pelo Rev.mo Snr. Padre Manuel d'Azevedo da Cunha.

Esta musica é tradicional dos foliões da Ribeirinha da Ilha do Pico, tem por unico acompanhamento as pancadas seccas d'um tambor, fazendo o rythmo. No fim cantam unisono a Alleluia.

A ERMIDA NO MAR

Maria, pondo a meza,
Para seu pae jantar,
Viu vir uma nau á vella,
A' vella por esse mar.
São os amores de Maria
Que a vem enamorar!
—Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar!
Ella não se dá d'isso,
O mandou apregoar;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.
«Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.

Mandou-o matar a elle,
E a ella degollar.
O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!
Um se enterrou na capella,
Outro ao pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar;
Da mais alta rocha que havia,
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fossem baptisar.
Ajuntou-se muita gente,
Na companhia ía o pae;
Seu pae, quando que a viu,
Começou de prantear:

«Que tendes pae da minha alma
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deos fez
Não os faças desmanchar;
Tudo o que tendes resado,
Seja á Virgem do Pilar,
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar.

O Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga, recolheu na Ilha de S. Jorge tres variantes d'este romance, e como ellas se completam umas ás outras, aqui as damos todas sob os differentes titulos por que n'aquella Ilha são conhecidas:
Ha no continente outras variantes d'este romance, porem são com outra musica e outra designação.

ROMANCE DA FILHA MARIA

—E sentae se quereis ouvir
Um rico doce cantar!
Devem de ser as marinhas
Ou os peixinhos do mar?
«Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Doardos
Que aqui nos vem visitar.»
—Elle, se for Dom Doardos,
Eu o mandarei matar!
«Se o mandares matar,
Mande-me a mim degollar.»
Quando D. Doardos chegou,
O rei o mandou matar,
E tambem o rei mandou
A' princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;
Ella se formou em arvor',
Elle n'um pinho real;
Um cresceu, outro cresceu,
Ao ar se foram abraçar.
Seu pae tanto que o soube
Os mandou logo cortar.
Nunca houve ferramenta
Que com elles podesse entrar.
Ella se tornou em pomba,
Elle n'um pombo real;
Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.
Ella se formou em ermida,
Elle n'um altar real!
Seu pae tanto que o soube,
Logo os foi visitar.

«Ajoelhae, pae da minha alma,
E começae a rezar;
Que eu sou a filha Maria
Que não quizeste casar;
Alimpae as vossas lagrimas
Não caiam a este mar;
Nunca haja pae nem mãe
Que tal torne a augmentar:
Apartar o matrimonio
Que Deus tem para juntar.

D. DOARDOS

Chegae, infanta á janella,
Ouvi um doce cantar;
Ouvi cantar as sereias
No meio d'aquelle mar.
«Elle não são as sereias,
Nem o seu doce cantar,
Elle é o Dom Doardos,
Que a mim me vem visitar.
—Se elle é o Dom Doardos,
Heide mandal-o matar!
«Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.
Mataram a Doardos
A' noite pelo luar;
Degollaram a princeza
Antes do sol arraiar.
Enterrou-se um na capella,
Outro á porta principal;
Della nasceu oliveira,
E d'elle um pinho real;
Cresceu um e cresceu outro,
Ao ár foram-se abraçar.
O pae quando tal soube
Logo os mandára cortar!
Da oliveira corre leite,
Do pinho sangue real.
A rainha com inveja
Mandara-os botar ao mar!
Foram os barcos ao peixe,
Nada de peixe pilharam;
Viram estar uma Ermida
C'uma santa no altar!
Chamaram os padres todos
Que a fossem baptisar.
Que lhe fossem pôr por nome
Sam João da Baixa-mar;
Que a Senhora que está n'ella
Fosse a Virgem do Pilar.
Ajuntou-se muita gente
Onde ia tambem seu pae;
Seu pae, quando lá chegou,
Começára de chorar.
«Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais;
Não haja pae, nem mãe
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deus tem para ajuntar.

OH FRESCA DA RAMALHADA

CANTAROLA

Á Ex.ma Snr.a D. Gertrudes Magna da Fonseca e Souza.

Andantino SOLO

235

O - li - vei - ri - nha do a - dro, não as - som - bres a e - gre - ja; CORO oh fres - ca da ra - ma - lha - da, não as - som - bres a e - gre - ja, SOLO que bem as - som - bra - do an - da quem não lo - gra o que de - se - ja. CORO Oh fres - ca da ra - ma - lha - da, quem não lo - gra o que de - se - ja.

Oliveirinha do adro
Não assombres a egreja;
Oh fresca da ramalhada,
Não assombres a egreja;
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.
Oh fresca da ramalhada,
Quem não logra o que deseja.

Eu hei de subir ao alto,
Ao alto hei de subir;
Oh fresca da ramalhada,
Ao alto hei de subir.
Quem ao mais alto sobe
Ao mais baixo vem cahir.
Oh fresca da ramalhada,
Ao mais baixo vem cahir.

Puz-me a contar pela lei
As pedras d'uma columna;
Oh fresca da ramalhada,
As pedras d'uma columna;
Nove, oito, sete e seis,
Cinco, quatro, tres, dois, uma
Oh fresca da ramalhada,
Cinco, quatro, tres, dois uma.

Recolhida em Vairão, em 1882 pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

FREI PAULINO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Ambrosina Moreira dos Santós Cunha.

Andantino *grazioso*

256

mf.

Oh se-nhor pa-dre Pau-li-no, ve-nha me fal-lar á gra-de, que eu que-ro to-mar a-mo-res com vos-sa pa-ter-ni-da-de. Oh ty-ran-na, oh ty-ran-nin-ha por mais que fa-ças has de ser mi-nha.

Oh senhor padre Paulino,
Venha-me fallar á grade,
Que eu quero tomar amores
Com vossa paternidade.

O frade pediu á freira
Um beijinho pela grade.
A freira lhe respondeu
Vá p'ra missa, senhor padre.

Dizem que um padre namóro,
Que importa isso? essa é boa!
Tenha elle bom coração!
Que importa que tenha corôa!

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Conde de Sabugosa. Este lundum é antigo.

A TRISTE PERDIDA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Carlota Joaquina Moreira de Mattos.

Andante

237

mf.

p

Vir-gem cas ta,eu já fui co-mo tu, já vi- vi co-mo os an - jos no ceu; es - ta fron - te que vês hu - mi- lha - - da, foi co- ber - ta com can - di - do veu; es - ta fron - te que vês hu - mi- lha - - - - da foi co- ber - ta com can - di - do veu.

A TRISTE PERDIDA

Virgem casta, eu já fui como tu,
Já vivi como os anjos no ceu;
Esta fronte que vês humilhada,
Foi coberta com candido veu.

Eu tambem, como tu, tive flôres,
Tive tanta grinalda singela!
Tive beijos de um pae carinhoso,
Eu tambem, como tu, já fui bella.

Como tu, eu já tive esperança,
Já gosei d'essa vida sagrada:
Hoje vivo a luctar com as dôres,
Que fulmina a mulher desgraçada,

Tive mãe, como tu inda tens,
Qne velava por minha ventura;
Que tornava meus dias ditosos,
De seus labios me dava a doçura.

Mas bem cedo, donzella, essa gloria,
Qual um sonho depressa passou,
Essas flores sagradas que tive,
Foi um beijo infernal que as murchou.

Esse véu innocente que tive,
M'o tiraram sem pena, nem dó;
Impia mão m'o rasgou com desprezo,
Nem as cinzas se encontram no pó.

Ai, perdoa, donzella, este canto,
Repassado de dôr e de fel:
Ouve as queixas da triste perdida,
Que são eccos da sorte cruel.

CANÇÃO DO MARITIMO

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Haydée da Conceição Fernandes d'Andrade.

Andantino

238

p

Nas- ci nas prai-as do mar, ao im - pul-so de on-das mil, ten-

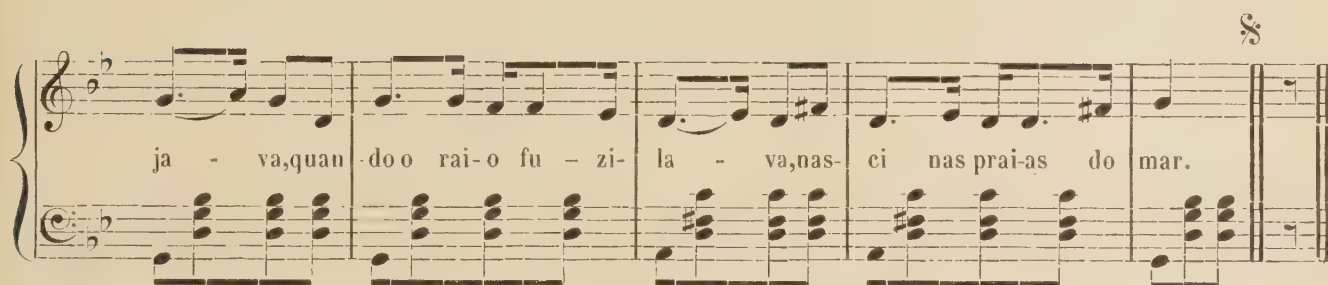
do por ber-ço u ma lan - cha, por co - ber-ta um ceu d'a nil. 𝄋 *mf* Ao ri - gor do ven-da-

val, aos im - pul sos do tu- fao, do bar - co a mas tre-a- ção, de

que - brar-se dar si- gnal. Ru- ge o ven-to em fu-ria tal, vem

meu bar-co ar-re-me- çar. Ru- ge o ven-to em fu-ria tal, vem

meu bar-co ar-re-me- | çar, na | ro - cha des-pe - da- | çar, e | quan - do re lam - pe-

ja - va,quan | do o rai- o fu - zi- | la - va,nas- | ci nas prai-as do | mar.

Nasci nas praias do mar,
Ao impulso de ondas mil,
Tendo por berço uma lancha,
Por coebrta um ceu d'anil.

Ao rigor do vendaval,
Aos impulsos do tufão,
Do barco a mastreação
De quebrar se dá signal.
Ruge o vento em furia tal...
Vem meu barco arremeçar...
Na rocha despedaçar...
E quando relampejava...
Quando o raio fuzilava...
Nasci nas praias do mar.

Tremia a rocha, o penedo,
Com o embate das ondas,
Altas gigantes, redondas
Assaltavam o rochedo.
Tudo bradava com medo,
E em todos do medo a mancha...
Quantos salvos n'uma prancha,
E eu no mar desamparado,
Pelas ondas embalado,
Tendo por berço uma lancha.

Espumava a vaga irosa...
O trovão rouco troava...
Lugubre celeuma soava,
Co'a tempestade horrorosa.
Que scena tão espantosa,
Cada raio era um fuzil...
Sobre as aguas verde til...
Ceus e mar, e tudo irado.
E assim pois eu fui creado,
Ao impulso de ondas mil.

O vendadal violento,
Ternas treguas não pedia,
Furioso combatia...
Acirrado pelo vento.
Em trevas o firmamento.
Fuzilando raios mil...
Mas a bonança gentil?
Oh! que é d'ella, e o lindo sol?
Tive o p'rigo por lençol,
Por coberta um ceu d'anil.

A' POLKA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Ignez de Castro Bentes.

239

Marcial

Quem ti- ver o-lhos a- zues bem os pó - de ar-re - ca- dar, que os o- lhos a - zues são pou - cos, são cus- to - sos d'al-can- çar. A' pol- ka fiz um ci- gar - ro, á pol- ka o em - bru- lhei á pol- ka vi os teus o - lhos á pol- ka os na - mo- rei.

D. C.

Quem diz que o preto é firme
Entende pouco de cores,
Eu amei dois olhos pretos
Ambos me foram traidores.
A' polka, etc.

Hei de deitar os meus olhos
A'quelle poço sem fundo;
Olhos que não tem ventura
De que servem n'este mundo?
A' polka, etc.

Eu não sei que sympathia
Meus olhos comtigo tem,
Quando estou ao pé de ti
Não me lembra mais ninguem.
A' polka, etc.

Dança.—Dispõem se os pares de mãos dadas, formando roda. Emquanto se canta os primeiros dois versos repetidos da cantiga caminham os pares uns atraz dos outros, em roda para a direita, indo a dama do lado de dentro; depois a roda vira para a esquerda, e as damas sempre do lado de dentro, cantam os ultimos dois versos tambem bisados. No estribilho, ou requebro, os homens voltam-se para o seu par com as costas para fóra e as damas para dentro da roda e fazem *balancé* durante os dois primeiros versos, bisados, dando estallinhos com os dedos. Durante os ultimos dois versos dança-se em polka ou em *gran-chaine*.

Recolhida no Alemtejo pelo Ex.mo Snr. J. M. Soeiro de Brito.

AO VIATICO

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Ermelinda Adelaide Fernandes das Neves.

Andante

240

Já o Sa-cra-rio es-tá a-ber-to, já o Se-nhor an-da fó-ra: vae vi-

si-tar u-ma al-ma que es-tá pa-ra ir em-bo-ra. A' por-ta das al-mas san-tas, ba-te

Deus a to-da a ho-ra, tam-bem ba-te a-go-ra á mi-nha, Se-nhor que me q'reis a-go-ra?

Já o Sacrario está aberto,
Já o Senhor anda fóra;
Vae visitar uma alma
Que está para se ir embora.

A' porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora;
Tambem bate agora á minha:
— Senhor que me quereis agora?

«Quero que vos prepareis
Para o Reino da Gloria; (1)
Que venho salvar a alma,
Que n'esse teu corpo mora.

— Muito me peza, Senhor,
Não estar já preparado;
Perdoae-me os meus peccados,
E sempre sejaes louvado. Amen.

Este cantico é antiquissimo; ainda hoje se conserva em uma ou outra freguezia do Minho, e é cantado pelo povo á porta dos enfermos a quem vae o Viatico. Tambem fez parte do reportorio da antiga *sanfona*.

(1) O povo minhoto diz *glora*.

CHULA RABELLA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Guedes dos Santos Barreto Marques.

Allegro moderato

241

f energico

agitatto

tranquillo

f

mf.

p cres.

f

dim.

Voz em falsete

p dolce

Es - tes se - nho-res me pe - dem que lhes can - te u ma can - ti- ga, can - ta-rei du-as ou tres, que u-ma não é cor - te - - zi - a.

f

tr

dim.

D. C. ou do 𝄋

CHULA RABELLA

Estes senhores me pedem
Que lhes cante uma cantiga,
Cantarei duas ou tres,
Que uma não é cortezia.

Eu quero bem, e não posso
Dizer a quem quero bem;
Quero bem ao meu amor,
Dizel-o não me convem.

Alegria não a tenho,
A tristeza m'a levou;
Perguntei ao meu amor,
Se a viu, por onde andou.

De noite tudo são sombras,
N'ella te hei-de procurar,
Já que de dia não posso
Nem os olhos te botar.

O annel que tu me deste,
Nem o dei, nem o vendi;
Deitei-o por agua abaixo,
O mesmo faria a ti.

Muito bem parece o ouro
No pescoço da donzella;
Ainda mais parece a honra
Se vive no goso d'ella.

Tenho um vestido de penas,
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o fiz, eu o talhei,
E' bem que penas me mate.

Tenho penas sobre penas
E inda não posso voar;
A maior pena que tenho,
E' ver-te e não te fallar.

Aqui venho por te ver,
Por te ver aqui cheguei;
Para que saibas amor,
Prometti-te e não faltei.

Escrevera-te uma carta,
Se tu a souberas ler;
Mas, se a vaes dar a outro,
Tudo se vem a saber.

Oh senhor juiz de fóra,
Faça justiça na terra;
Prenda-me aquelles dois olhos,
Que me estão fazendo guerra.

Chora meu pae, que se mata,
Por eu chegar ao estallão;
Não chore, pae da minh'alma,
Os homens para que são?

O meu amor é tão lindo,
Ninguem m'o venha tomar;
Tem os olhos cinzentinhos
De dormir atraz do lar.

Cuidavas que eu que te qu'ria,
Oh guardanapo de meza,
Se algumas fallas te dava,
Eram de pouca firmeza.

Não julgues que por ti morro,
Bem sabes que te não quero,
Tenho meu peito guardado
Para mais alto castello.

O meu amor foi e disse
Que por elle não chorasse,
Que se lembrava de mim,
Que me não mortificasse.

Puz-me a jogar o retroco
N'uma meza de marfim,
Cuidando que te ganhava,
Perdi-te, meu seraphim.

O sapato me aperta,
A meia me faz calor,
O coração me arrebenta,
Se te fallo em amor.

Minha saia azul alegre,
Em solteira a hei de romper,
O meu amor é pequeno
Hei de deixal-o crescer.

Cuidavas que eu te queria,
Enganou-te o coração,
Eu não sou tão rabaceiro
Que coma a fructa do chão.

Cabellinho entrançado,
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
A' noite de travesseira.

Eu vou dar a despedida,
Até outra occasião;
Senhores que estão presentes,
A todos peço perdão.

Dou a minha despedida,
Sem offender a ninguem,
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem.

Vou refrescar a garganta,
Na fórma do meu costume;
Com agua batida a coices,
Fervida sem ser ao lume.

Esta chula é, ethnographicamente, caracteristica da provincia do Douro. O rythmo original do canto, ora dactylico, a tempo, ora syncopado, ora ambiguo, a ternaria metrificação da phrase musical, e a voz masculina cantando em falsete, torna-a um especimen *sui generis* da musica local. Será o ecco dos cantos celtas, repercutido ainda nos reconcavos das penedias durienses? Parece-o.

Dança. — Formam-se duas filas, quasi sempre de homens, (bastam dois individuos) em frente uma da outra, e, á cadencia da musica, aproximam-se e recuam, dando saltos e reviravoltas, acompanhadas com estallinhos dos dedos, e de vez em quando poem se de cocoras, fazendo as mesmas evoluções, parecendo imitar um combate de gallos.

No tempo das vindimas, a pisa da uva é geralmente feita ao compasso d'esta chula, que um rebequista contractado e um cantador e ás vezes tambem uma cantadeira para os desafios, desempenham apalancados nos toneis ou á beira dos lagares.

Os instrumentos indispensaveis para uma festa chuleira são: rebeca, viola, ferrinhos e tambor, podendo-se-lhe aggregar indistinctamente todos os mais de corda ou de sopro.

SE EU FÔRA!

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Silvina Augusta de Mattos.

Andantino

242

f

p

Se eu fô - ra das noi - tes o

as - tro for- mo - so, em teu lin - do col - lo, qui - ze - ra bri - lhar; teus

ne - gros ca - bel - los ás bri - sas sol - ta - ra, se eu fô - ra das prai - as a

bri - sa do mar. Teus ne - gros ca - bel - los ás bri - sas sol - tá - ra, se eu

fô - ra nas prai - as a bri - sa do mar, Teus ne - gros ca - bel -los ás

bri - sas sol- tá - ra, se eu fô - ra nas prai - as a bri - sa do mar.

Se eu fôra das noites o astro formoso,
Em teu lindo collo quizera brilhar;
Teus negros cabellos ás brisas soltára,
Se eu fôra nas praias a brisa do mar.

Se eu fôra dos montes o ecco sentido,
Tua falla inspirada quizera imitar;
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
N'essas mãos de neve te iria pousar.

Se eu fôra das flores a tua mais querida,
De teus negros olhos quizera um olhar;
Se eu fôra uma pomba, formosa, innocente,
Teus meigos affagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova, cadente, singela,
Por esses teus labios quizera passar;
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,
Quizera teu peito sentir palpitar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem ecco,
Nem ave, nem trova, nem brisa do mar;
Sou homem que soffre, que ama, e que sente,
Que sente e não póde teu peito abrandar.

VALENTIM AUGUSTO MONTEIRO DA SILVA

(Mossamedes).

Esta poesia appareceu no *Almanach de Lembranças* de 1866, e immediatamente se popularisou com a musica que apresentamos. As imitações tem sido innumeras.

NAS PRAIAS

CANÇÃO ORPHEONICA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Augusta de Mattos.

243

Allegretto

f

8a

p

VOZ — Se eu fo-ra das
CORO — praias, Se eu fo-ra das
VOZ — praias, a-re-ia bri-
CORO — lhante, a-re-ia bri-
VOZ — lhante, teu pé de-li-
CORO — cado, teu pé de-li-
VOZ — cado, qui-ze-ra sus-
CORO — ter, qui-ze-ra sus ter.

Se eu fo-ra a-ve-zi - - nha, nos a-res fe-ri - - da, em teu col-lo a vi - da qui ze-ra per-der.

Recolhida em Moncorvo por F. P. Nogueira, em 1895.

NAS PRAIAS

Se eu fôra das praias, * areia brilhante, *
Teu pé delicado * quizera suster; *
Se eu fôra avesinha, nos ares ferida,
Em teu collo a vida, quizera perder.

Se eu fôra dos mares, * a onda nefanda, *
Viera mui branda * teu collo banhar; *
Se eu fôra dos ventos a brisa fagueira,
Viera ligeira teu rosto beijar.

Se eu fôra dos anjos, * o anjo mais bello, *
Dos ceus para ti * quizera fugir; *
Se eu fôra dos deuses, soberano poderoso,
A ti, como esposo, me quizera unir.

Mas eu não sou praia, * nem mar, nem areia, *
Nem briza fagueira, * nem anjo, nem Deus; *
Sou homem perdido, que vive sem esp'rança,
Sem esp'rança na terra, sem esp'rança nos ceus.

Nota.—Todas as phrases que tem no fim o signal * são bisadas pelo coro.

A CREADA E O SOLDADO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Eugenia da Fonseca e Souza.

Andantino SOLDADO

244

Oh *so* - *pei-ra* en-can-ta - do - ra on-de vaes tão a-pres sa - da,

pa - ra que te can-ças tan-to, com tão pe-que-na sol- da-da? quem tem tan-ta for-mo-

su - ra, não de - vi - a ser cre- a - da.

O piano 8a

CREADA

Que lhe im por - ta on-de vou, de-pres-

sa ou de-va- gar, não sa-be se ga-nho pou - co; é bo tar-se a a-di-vi-

nhar; com to-do o seu e-lo- gi - o, pou-co po-de a-pro-vei tar.

A CREADA E O SOLDADO

ELLE

—Oh *sopeira* ([1]) encantadora,
Onde vaes tão apressada,
Para que te canças tanto
Com tão pequena soldada?
Quem tem tanta formosura,
Não devia ser creada.

ELLA

—Que lhe importa onde vou,
Depressa ou de vagar,
Não sabe se ganho pouco;
E' botar-se a advinhar;
Com todo o seu elogio
Pouco póde aproveitar.

ELLE

—Não fallo com interesse,
Não sejas tão caprichosa,
Seduz o mais innocente
Essas faces côr de rosa;
E' pena seres tão bonita,
Não seres mais attenciosa.

ELLA

—São cousas, sou assim mesmo,
Não me tenho achado mal;
Guardando o melhor p'ra mim,
E' a base principal;
Eu até tenho vergonha
De fallar p'ra um *mancipal*. ([2])

ELLE

—Que mal te fez essa gente,
São todos uns rapazões,
Segurança da cidade,
Guarda dos teus patrões;
Não sou um rapaz catita?
Olha para estes botões.

ELLA

—Eu não sou das que me illudo
Com falsos botões dourados.
Mal vistos por toda a gente,
Do povo ameaçados;
Amaria um dono d'elles,
Só por mal dos meus peccados.

ELLE

—Fazes caso dos malucos,
Que até nos tratam de guitas;
Com raiva de possuirmos
As sopeiras mais bonitas;
Podes passear commigo,
Que te não desacreditas.

ELLA

—Tenho visto soffrer muito
As moças minhas amigas,
Por isso quando me attentam,
Trato de lhe fazer figas;
Typos de pera e bigode,
Fujo-lhe ás sete partidas.

ELLE

—Toda a sopeira assim diz
Quando é, á primeira vista,
Para o segundo domingo,
A gente segue-lhe a pista;
Assim que chega o terceiro
E' sempre certa a conquista.

ELLA

—Vá ao rancho que são horas,
Que póde aproveitar mais,
Se tem encontrado tôlas,
Não são todas eguaes;
Eu juro que nunca fui
Nem sou para *mancipaes*.

ELLE

—Não jures não vale a pena,
Não é preciso jurar,
Se tu gostares de mim
Nem sempre sou militar;
Estou breve acabar o tempo
Depois podemos casar.

ELLA

—Case-se com quem quizer,
Receba-se na guarita,
A moça que o quizer
Desejo que seja rica,
Mesmo no dia da boda
Comam ambos da marmita.

ELLE

Oh sopeira endiabrada
Estás-me sempre a descompor,
Nem as phrases amorosas,
Te fazem ganhar calor,
A culpa tive-a eu
Confessar-te o meu amor.

ELLA

Se esse amor não é impostura
Vou-lhe offerecer um partido
Se gosta muito de mim,
Se quizer ser meu marido,
Depois de acabar o tempo
Venha então fallar commigo.

ELLE

—Faltam-me só quatro mezes
Pouco temos que esperar,
Que são mais 16 domingos
Que temos para passeiar,
Este tempo é-nos preciso
Para tudo preparar.

ELLA

—E' tempo sufficiente
Para o snr. se prevenir
Eu por mim estou preparada,
Tenho muito que vestir,
Brincos, cordões e anneis
E cama para dormir.

ELLE

—Tens tudo que te é preciso,
Diz-me o q'eu hei de arranjar,
A cama chega para os dois
Já escuso de a comprar;
E' preciso combinarmos
Aonde havemos de ir morar.

ELLA

—Moradia, temos tempo,
Isso não é para agora,
Basta para a occasião,
Que esteja para vir embora,
Ha de ir logo ao barbeiro
Rapar essa pera fóra.

Esta cantiga appareceu no Porto, em 1892, cantada pelos cegos. Em um folheto que vendiam com a poesia, indicava como author Manuel da Silva Teixeira Rebello.

([1]) Em giria tarimbeira designam-se por *sopeiras* as creadas de cosinha.
([2]) *Mancipal* por municipal.

GIRA, VIRA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Judith Fernandes Andrade Mello.

Allegretto

245

f

A - le - crim á bor - da d'a - gua; a - le - crim á bor - da d'a - gua, de lon - ge faz ap - pa ren - cia, de lon ge faz ap - pa ren - cia.

Mui-tos a - mo - res se per-dem, mui-tos a - mo-res se per-dem pe - la pou - ca de - li - gen - cia, pe - la pou ca de - li - gen-cia.

f Oh do gi - ra, vi-ra, vi-ra, vi - ra, oh do gi - ra, vi-ra, vi-ra, vi - ra, gi-ra, gi-ra, vi - ra, o - ra tor-na-te a vol -tar gi-ra, gi ra, vi-ra, mei-a vol-ta e tro-ca o par.

Alecrim á borda d'agua
De longe faz apparencia;
Muitas fortunas se perdem
Pela pouca deligencia.

Oh do gira, vira, vira,
gira, gira, vira,
Ora torna te a voltar
gira, gira, vira,
Meia volta e troca o par.

Amar por vicio é delirio,
Por interesse é villeza;
Por correspondencia é divida,
Por affecto é firmeza.

Eu hei de amar o meu bem,
Diga o mundo o quizer:
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo o que o amor quer.

As flores do meu jardim
De encarnadas aborrecem;
Não se dão a quem as pede
Só, sim, a quem as merece.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito:
Só uma flôr, bem bonita,
Que se chama amor perfeito.

Recolhida em Gaya em 1870. E' antiga.

Dança. — Roda; no estribilho os pares giram sobre si para um e outro lado, e por fim trocam os pares, como diz a mesma lettra.

PUDOR E COMPAIXÃO

IDILIO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Helena Fernandes Souza.

246

Andantino

Vir - gem bel - la, dás - me um bei - jo? meu de - se - jo fin - da a - qui, Dou em tro - ca mi - nha vi - da, se pe - di - da fôr por ti.

1.a vez 2.a vez

Porque pedes
Coisas d'essas?
Não esqueças
O que sou;
Pede tudo,
Mas um beijo...
Tenho pejo,
Não t'o dou.

Ri–se, córa,
Mas resiste;
Já mais triste
Perde a côr.
Já meus rogos
Não impede;
Mas não cede
Seu pudor.

Rijo o peito
Me batia,
Mais crescia
Meu ardor;
Eis que o pranto,
Me rebenta,
Corre e alenta
Minha dôr.

Sua dextra
Tão formosa,
Melindrosa
Como a flor,
Une á minha
Que procura
Com ternura,
Com amor.

Em vão foge,
Meigos laços,
Já meus braços
A sustem.
Já sou rico,
D'alma e goso,
Mais ditoso
Que ninguem.

Novos rogos,
Eu não cesso.
Em vão peço,
Rogo em vão!
Ajoelho-me,
Aos pés d'ella,
Com singela
Devoção.

Mais não insto;
Despeitado,
A seu lado
Me sentei;
E nos labios,
Um gemido,
Comprimido,
Lhe escutei.

Ella ouvindo
Que eu chorava,
Contemplava
Triste o chão.
N'isto os olhos,
Que occultava,
Em mim crava
Com paixão.

Pára um pouco,
Porém logo,
Volve o fogo
Seductor;
Em meus labios,
Toda pejo,
Dôce beijo,
Vem depôr.

Deus eterno,
Tudo ha feito,
Bem perfeito,
Tua mão.
Té á virgem,
Senhor, déste,
A celeste
Compaixão.

ANTONIO DE SERPA.

Tambem com esta musica se canta a seguinte poesia:

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar;
As estrellas,
Scintillando,
Vão brilhando
Sobre o mar!...

Anjo, oh! anjo,
De meus sonhos,
Tão risonhos,
Vem, oh! vem!
Que dormindo,
Com a aragem,
Veja a imagem
Do meu bem!...

Uma vista
De bonança,
Dá me esp'rança
No porvir;
D'essa bocca
Dá-me, oh! bella,
Oh! donzella,
Um sorrir!...

Não?! Ingrata!...
Desdenhosa,
Mariposa,
No amor,
Nem persente
O que vela,
Junto d'ella,
Com fervor!...

Triste fado
De quem ama
E o inflamma
Dama assim!..
Leva a vida
Em queixumes,
De ciumes
Morre emfim!...

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar!
Tenho n'ella
Confiança,
E uma esp'rança
Salutar!...

AUGUSTO SOARES D'AZEVEDO BARBOSA.

Recolhida em Avanca, em 1878, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

RECORDAÇÕES DA AMERICA

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda do Carmo Braga.

Andante

247

f *p*

Lá quan-do a noi - te já se a- pro-

xi- ma, no man-to en- vol - ta, de ne-gra côr, por en- tre nu-vens, sur-gin do a

lu a, que ao pen-sa- men - to, nos traz a- mor; En-tão eu sin - to cru-eis sau-

da - - des, d'es-se meu an - - jo - que a-do-ro tan - to; en-tão qui-

ze - ra, sul-can do os ma - res, ir ver a A- me - ri - ca, meu do-ce en -can-to.

Recolhida em Avanca, em 1878, pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Corte Real.

RECORDAÇÕES DA AMERICA

Lá quando a noite já se approxima,
No manto envolta de negra côr;
Por entre nuvens surgindo a lua,
Que ao pensamento nos traz amor;
Então eu sinto crueis saudades
D'esse meu anjo que adoro tanto...
Então quizera, sulcando os mares,
Ir ver a America, meu doce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,
Virgens mui puras de meigo olhar;
Vejo florestas sempre virentes,
Que aos ceus parecem querer chegar;
Mas, oh! que tudo bem me recorda
Esse meu anjo que adoro tanto...
Então quizera, sulcando os mares,
Ir ver a America, meu doce encanto.

E quando a noite já vae em meio,
Ouço na rocha o mar bater;
E quando a lua já vae bem alta,
Harpa sonora, ouço tanger;
Então quizera, sulcando os mares,
Voltar á America, meu doce encanto;
Sentir minh'alma gosar venturas,
Ao ver esse anjo que adoro tanto...

AVÈ, REFULGENTE ESTRELLA

PARAPHRASE AO CANTICO RELIGIOSO — AVÈ MARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Julia da Rocha Fernandes. *Musica do Dr. José Maria de Padua.*

248

Allegro moderato

p

O piano 8ª sempre

CANTICO

A - - - ve, re-ful gen - - - te, Es - trel - la do mar;

Mãe pu - ra de quem quiz De - - us en-car- nar;

CORO

f A - ve, reful- gen - - - te, Es - - trel - la do mar;

Mãe pu - ra e a- ma - vel, Vir - gem sin - gu- lar.

FINAL

Este cantico está em uso no Algarve onde o recolheu o rev.mo P.e Alexandre João do Nascimento.

AVÈ, REFULGENTE ESTRELLA

Avé, refulgente,
Estrella do mar,
Mãe pura de quem
Quiz Deus encarnar.

CORO

Avé, refulgente,
Estrella do mar,
Mãe pura e amavel,
Virgem singular.

Avé, gloriosa,
Virgem permanente,
Do ceu feliz, porta,
A todos patente.

Avé, refulgente, etc.

Pois que nós não somos
Dignos de saudar-vos,
Gabriel o — Avé,
Torne a tributar-vos.

Avé, refulgente, etc.

Recebei d'elle
Que de nós vos leva,
E a vós traspasse
O nome de Eva.

Avé, refulgente, etc.

Fundae-nos em paz,
Os reos libertae;
Aos que somos cegos,
Benigna illustrae.

Avé, refulgente, etc.

Os males crueis
De nós expelli;
E todos os bens
Para nós pedi.

Avé, refulgente, etc.

Mostrae que sois Mãe,
E Mãe carinhosa;
Tende dó de nossa
Sorte desditosa.

Avé, refulgente, etc.

Por vós ouça os rogos
O que escolheu ser,
Filho vosso amado,
E por nós morrer.

Avé, refulgente, etc.

Virgem singular,
Mais que todas branda;
Olhae vosso povo,
Que em perigos anda.

Avé, refulgente, etc.

Soltae-nos, Senhora,
Dos crimes nefastos;
Mansos nos fazei,
Humildes e castos.

Avé, refulgente, etc.

Fazei pura, e santa,
Nossa mortal vida,
Seguro o caminho,
Na nossa partida.

Avé, refulgente, etc.

A fim que a Jesus,
Nos ceus vendo um dia,
Comvosco gosemos
De eterna alegria.

Avé, refulgente, etc.

A Deus Padre, gloria,
Ao Filho, ao Amor,
Aos tres se tribute
Sómente louvor.

Avé, refulgente, etc.

DORES

RECITATIVO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Leopoldina Penha Vianna.

Musica de José Doria.

249

Andante

p dolce

Recit. declamando

p Ha dor's na vi - da que não tem al - li - vio,

In - ti - mos dra - mas que nin-guem son - dou.

expres. mui - tos sor - ri - sos es - con - den - do la-gri-mas,

mui - tos se - gre - dos que nin guem 'scu - tou.

DORES

Ha dores na vida que não tem allivio,
Intimos dramas que ninguem sondou;
Muitos sorrisos escondendo lagrimas,
Muitos segredos que ninguem escutou.

Ha dores tão fundas, tão acerbas maguas,
Chagas tão vivas a pungir sem fim;
Se tu as visses recuando pávidas,
Perguntarias, ha quem viva assim?

Para ti a vida, minha pomba candida,
E' toda encantos... é poesia, amor,
Nem Deus permitta que em tua face angelica,
Punicea rosa, vá crestar a dôr.

Mas ha tormentos, ha martyrios horridos,
Escondidos n'alma, n'um atroz soffrer;
No vaso d'oiro ha tambem o toxico,
Ai, d'esse triste que lá fôr beber.

Oh quantas vezes ao soltar um cantico,
Se quebra a lyra e nos fallece a voz,
E corre o pranto pelo rosto estatico,
Mostrando a lucta que se trava em nós.

Oh quantas vezes se deseja o tumulo,
Se pede a morte com fervor a Deus;
Se entrega a alma em delirio a Lucifer,
Olhando tristes a mudez dos ceus.

Ha dores na vida que não tem allivio,
Intimos dramas que ninguem sondou;
Muitos sorrisos escondendo lagrimas,
Muitos segredos que ninguem escutou.

VIRA VARINO

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Delphina Laura da Rocha Fernandes.

Allegretto

250

VOZ

f *p*

Por- que o mar é triste e a-

CORO

mf

le-gre, faz o pas-sa-do lem- brar, Por- que o mar é tris-te e a-

VOZ

p

le-gre, faz o pas-sa-do lem- brar. Faz lem-brar tem-pos fe-

mf.

li-zes, Faz sau-da-des des-per- tar, Faz lem brar tem-pos fe-

VOZ

f

lizes, Faz sau-da-des des-per- tar. O-ra vi-ra, vi-ra, tor-na-te a vi-

CORO — VOZ

rar, O-ra vi - ra, vi - ra, tor na - te a vi - rar, vol-ti - nhas com -

CORO

mi - go, são bo-as de dar, vol-ti-nhas com- mi - go, são bo as de dar.

Se eu entrára no teu peito,
Sabia o teu interior,
Mas eu como lá não entro,
Não sei se me tens amor.

Ora vira, vira,
Torna-te a virar,
Voltinhas commigo
São boas de dar.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como sol a buscar-te,
Tu como sombra a fugir-me.

Eu a amar-te e a querer-te,
E tu a fugires de mim;
E' certo que mais te quero,
Do que tu me queres a mim.

Não fui eu que te amei,
Nem eu nunca te amaria;
Entre tantos que te adoram
Qual de nós feliz seria?

Sempre estás adeus, adeus,
Com esse adeus me mataes;
Queira Deus não digas tu
Adeus para nunca mais.

Quem pintou o amor cego,
Não o soube bem pintar;
O amor nasce da vista,
Quem não vê não póde amar.

Amor vence o impossivel,
Amor tudo facilita;
Quem quer bem a nada attende,
Quem ama a tudo se arrisca.

O amor emquanto novo
Ama com todo o cuidado;
Depois de venda na mão,
Mostra papel de enfadado.

Amores ao pé da porta,
E' que eu gostava de ter,
Inda que eu lhe não fallasse
Os olhos gostam de ver.

O amor nasce da vista,
E mora no coração;
Vive da correspondencia
E morre de ingratidão.

Quando eu te queria bem,
Mandava parar o vento;
Agora que te não quero,
Nem me vens ao pensamento.

Esta chula é muito antiga e vulgar entre os Varinos.

O Snr. Dr. Corte Real que a ouviu nas praias do Furadouro, diz-nos que alli era conhecida por *Vira do Minho*.

Dança: — Em grande roda, vão os pares girando sobre a esquerda, balanceando-se, durante a quadra. No estribilho cada par, de braços erguidos, dando estallinhos com os dedos, roda sobre si independentemente e cada individuo gira sobre si mesmo, acompanhando a musica e virando conforme diz a lettra. Tanto a musica como a dança, recorda-nos um *fandango* andaluz.

HYMNO DE D. LUIZ I

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Rita Chiappe Cadet.

M. M.=126.
Allegro

251

ff mf, f p

Oh pa - - tria re - sur - - ge, com hym - - nos de fes - - - ta, nas gal - - - las at - - tes - - - ta que vens com pra - zer, Sau- dar Lu - iz pri -

p *f*

mei - ro; o Rei tão que - ri - - do, que ao thro-no su -

p

bi - - do, gos to - sa has de ver; que ao thro - no su-

CORO

p *cres.*

bi - - - do, gos- to- sa has de ver. Oh vin de ho - je em

ff

di - a, com ma - ga a - le- gri - a, sau-dar Lu - iz pri- mei - - - ro, pe-

p *cres.* *ff*

nh r que af-fian - ça da pa tria a bo-nan - ça, qual ma-go lu-zei ro!

Este hymno foi composto por Manuel Innocencio Liberato dos Santos, mestre de D. Luiz I.º, para ser tocado pelas bandas marciaes no dia da acclamação d'este monarcha que teve logar a 22 de Dezembro de 1861. A lettra, que lhe foi addiccionada, é da lavra da illustre dama, D. Maria Rita Chiappe Cadet, não logrou popularisar-se talvez por estar em metro differente d'aquelle que a musica requeria.

HYMNO DE D. LUIZ I

Oh patria, resurge!
Com hymnos de festa,
Nas galas attesta
Que vens comprazer;
Saudar Luiz primeiro,
O Rei tão querido,
Que ao throno subido,
Gostosa has de vêr.

CORO

Oh vinde hoje em dia,
Com maga alegria,
Saudar Luiz primeiro,
Penhor que affiança,
Da patria a bonança,
Qual mago luzeiro!

Teus subditos querem,
De louros virentes,
De affectos ardentes,
Teu throno cercar;
Seus votos sinceros,
Leaes e constantes,
Vem hoje, incessantes,
Ao Rei offertar.

Oh vinde hoje, etc.

Senhor, ouve o povo
Que alegre te acclama,
De goso s'inflamma
Na festa real;
Em jubilo immerso,
A fronte, radioso,
Levanta, orgulhoso,
Feliz Portugal!

Oh vinde hoje, etc.

Os brados que solta,
Frenetico, o povo,
Saudando o Rei novo
Que esp'ranças lhe dá;
São brados sinceros,
De amor só nascidos,
Que affectos fingidos
No povo não ha.

Oh vinde hoje, etc.

Ao throno subindo,
Cingiste o diadema,
Na fronte suprema,
Dos annos na flor!
Oh! salvé, monarcha!—
Ao solio elevado,
Será teu reinado,
De paz e de amor!

Oh vinde hoje, etc.

Ampara o teu povo,
Os orphãos abriga,
Que a sorte inimiga,
Deixára sem pae;
Enxuga-lhe o pranto
Co'a regia piedade,
Que amor e bondade,
Mil benções attrahe!

Oh vinde hoje, etc.

Um hymno de gloria,
Das almas soltado,
Um vivido brado,
De grato prazer;
Oh Rei, te assegura,
Que um solio brilhante,
No peito constante,
Do povo has de ter!

Oh vinde hoje, etc.

MINHA DOCE LIMA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Gloria Fernandes d'Almeida.

Andante

252

p Os ra - pa- zes d'El-vas vão á mis-sa á Sé de ca - po-te

ro to chi - nel - lo no pé. *f* Mi-nha do-ce li ma, meu do - ce li-

mão, quan - - do el la cho-ra, cho - ra de pai- xão.

Os rapazes d'Elvas,
Vão á missa á Sé,
De capote roto,
Chinello no pé.

Minha doce lima,
Meu doce limão,
Quando ella chora,
Chora de paixão.

Os rapazes d'Elvas,
São muito valentes:
P'ra servir o Rei
Estão todos doentes.

Minha doce lima,
Minha doce bella,
Quando ella chora,
Choro eu mais ella.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Sr. A. Thomaz Pires

E' notavel o modo de addiccionar a lettra á musica d'esta cantiga: depois de cada verso, canta-se a primeira syllaba do verso seguinte na queda da phrase musical, prolongando esta em syncopa.

Dança. — Marcha, 8 compassos; nos outros oito *balance* e *chaine.*

SOLO INGLEZ

DANÇA CLASSICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Augusta Franchini.

Allegretto

253

p

mf.

f

p

mf,

Esta dança esteve muito em moda no principio d'este seculo, tanto nos salões aristocratas como nas reuniões burguezas e de pessoas bem educadas, e tambem nos botequins dos portos maritimos, onde havia musicata. Quem não dançasse, ou pelo menos não presenceasse com attenção e silencio, a dança do solo inglez, era censurado por todos como pessoa grosseira e indigna de entrar n'uma sala. E' dança d'uma só pessoa, homem ou senhora. Nos theatros as bailarinas, nos circos os clows e os gymnastas, arrancavam applausos enthusiastas quando dançavam com pericia o solo inglez, ao qual muitas vezes juntavam um passo novo; ainda hoje não ha artista de theatro ou circo que não baile mais ou menos mal o solo inglez, mas é raro o que o executé com o rigor, aprumo e graça dos nossos antepassados. Os clows dançam-no frequentes vezes com uma garrafa na mão.

1.ª 2.ª 8ª

8ª D. C.

FIM

Devemos ao nosso amigo e reputado professor de dança o sr. A. Lopes, as seguintes indicações para dançar o solo inglez, que é de difficil execução sem auxilio de mestre :

Dança.—O solo inglez é um bailado classico maritimo, inglez; fizemos quanto nos foi possivel para coordenarmos os passos mais em voga, quando era dançado em os nossos salões aristocratas. Entendemos que qualquer pessoa que queira dançar o solo inglez deve saber alguma cousa da arte de dança, e por isso damos os nomes dos passos pelos termos proprios.

Posição:—O dançante colloca-se ao fundo da sala, proximo onde é costume estar o piano. Corpo aprumado, cabeça erguida e elegantemente inclinada para traz.

1.ª *posição dos braços:*—Braços cruzados, as mãos proximas dos cotovellos, mas com as costas para fóra, de maneira que se vejam os anneis; os cotovellos ficam levantados, e quasi que em linha recta com os hombros.

2.ª—Mão direita no peito, e com o dedo pollegar (ou os quatro dedos) presos no collete ou no vestido e a mão esquerda na cinta, proximo do quadril.

3.ª—Calcular as distancias dos movimentos em relação ao tamanho da sala, de modo que fique distante dos espectadores pelo menos dois metros.

Regular os passos para diante e para traz em dois ou quatro compassos, segundo o espaço.

Principiar juntamente com a musica, salvo se se fizer introducção.

E' preciso dançar com muita moderação de movimentos, para se não fatigar no decurso da dança, porém se por um motivo qualquer quizer terminar passe aos passos 18 e 19.

A musica compõe-se de tres motivos, que se seguem e se repetem incessantemente. E' preciso que quem dança esteja com muita attenção, porque em todos os passos o ultimo é a preparação para o passo seguinte, e algumas vezes do passo que entre em tempo forte ou brando do motivo seguinte.

Para maior clareza de exposição apresentamos as seguintes abreviaturas:

C.=Compassos de musica.—**t**=tempos de musica. **D**=Pé direito.—**E**=Pé esquerdo. **P.** Passo.—p. posição.—1.ª a 5.ª=numeros das posições na dança.

Principia cortejando toda a assemblêa.

1.º Passo. 5.ª p. *Promenade en tournant.*

D—*marquer et doubler devant en l'air* . 1 **c.**

D—*glissé.* **E**—*frapper et.... en l'air, demi tour* 1 **c.**

Durante os dois movimentos do pé direito o dançante vae para a direita; no 3.º, quando o pé esquerdo *frapper*, dá meia volta e fica de costas para o centro da sala, então repete com este pé o mesmo que fez o direito, (dois compassos). No fim d'estes quatro compassos fica, como antes, com a frente para o centro da sala: assim vae andando, ora com o pé direito, ora com o esquerdo até chegar ao seu logar primitivo. (16 compassos). Devem precisar bem que os passos são sempre acompanhados de saltos do pé esquerdo, *arsis*, junto aos movimentos do pé direito, e este, por seu turno, repete o mesmo.

2.º P. 3.ª p —*En avant et en arrière.*

3.ª p. **D.** *marquer le talon la point et le talon* . . . 3 **t.** } 2 **c.**
1.ª » **D.** *plié* (rapido) . . . . . . 1 **t.** }

3.ª » **E.** *marquer le talon la point et le talon* . . . 3 **t.** } 2 **c.**
1.ª *plié* (rapido) . . . . 1 **t.** }

Continuadamente . . . . 4 **c.**

Quando a ponta do pé marca, o joelho volta todo para dentro; isto se faz no mesmo logar em que o pé marca com o talão.

3.º P. 2.ª p —*En avant et en arrière.*

D. *talon la point et le talon* . . . . . 3 **t.** } 2 **c.**
D. *assemblé* . . . . 1 **t.** }

E. *talon la point et le talon* . . . . . 3 **t.** } 2 **c.**
E. *assemblé* . . . . 1 **t.** }

Continuadamente . . . . 4 **c.**

En avant.

4.º P. p. pés fechados.

Calcanhares para o lado } repetidamente. . . 4 **c.**
Bicos dos pés para o lado }

Continuadamente . . . . 12 **c.**

Com este passo se anda em linha diagonal quatro comp. para a direita, quatro para a esquerda, e repete.

5.º P. 1.ª p.—*En arrière.*

Fecha bicos; abre calcanhares: abre bicos; *assemblé* . . . . 2 **c.**

Continuadamente . . . . 6 **c.**

6.º P. *Bourrée de côte.*

N'este passo podem entremetter-se alguns *fuétes.* 8 **c.**

7.º P. *Tortille à quatre* (em diagonal).

D. abre calcanhares; abre bicos, repete.

E. *assemblé;* **D.** *croisé;* **D.** *en avant.*

D. *assemblé.* . . . . 4 **c.**

Repete o mesmo o pé esquerdo.

Continuadamente.

8.º P. *En arrière.*

Tombé du pied **D.** } durante . . . . . 8 **c.**
» » » **E.** }

9.º P. *Pas emboité sur place* . . . . . 8 **c.**

10.º » *Pas de Bourrée e et tour entière de côté* . . . . 8 **c.**

11.º » *Changements de pieds en avant* . . 8 **c.**

12.º » *Pas emboité en arrière* . . . . . 8 **c.**

13.º » *Berceaux en avant et en arrière* . . 8 **c.**

14.º » *Coupé dessous et dessus, avec fuéte derrière sur place.* . . . . 6 **c.**

15.º » *Assemblé sur place, et battement du pied* **E.** *en avant* . . . . 16 **c.**

16.º » *Jété sur les points en arrière et en tournant* . . . . 16 **c.**

17.º » Repete o primeiro passo . . . . . 16 **c.**

18.º » *Pas sur les points* . . . . . . 4 **c.**

19.º » *Pas de côté* 1 **c.** *Tour* 1 **c.** *Salut* 2 **c.** 4 **c.**

O RÊMA

CELEUMA

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira Augusta Magalhães.

Andante

254

Este cantico maritimo, muito vulgar nas ilhas dos Açores, com pequenas variantes, è antiquissimo, pois como tal já era conhecido a bordo dos navios de guerra no seculo passado.

Dança. — Deve considerar-se mais uma coleuma que dança, pois esta consiste unicamente em formarem-se os pares em duas filas, frente a frente, que se approximam e se affastam semelhando o elevar e abater dos rêmos.

O RÊMA

Rêma para lá lanchinha,
Lanchinha de quatro remos:
A'manhã é dia santo,
Lá em terra fallaremos.

Rêma que rêma,
Real fragata:
Reminho d'oiro
Tolête de prata.

Coitado quem não tem lancha
Que rema na lancha alheia;
Todo o dia rema, rema,
A' noite fica sem ceia.

Rêma que rêma,
Comigo, meu bem:
Diverte-te e passa
Por lá muito bem.

Todo o homem que é casado
No terreiro não tem graça
Muitas fallinhas que diga
Muitos tregeitos que faça.

Rêma que rêma,
Vamos andando
O teu rigor
Me vae matando.

Coitado de quem no mundo
Passa a vida a navegar.
Uns dias passa sem ceia
Outros dias sem jantar.

Rêma que rêma,
Senhor marinheiro,
Quem não rema
Não ganha dinheiro.

HYMNO ACADEMICO DE COIMBRA

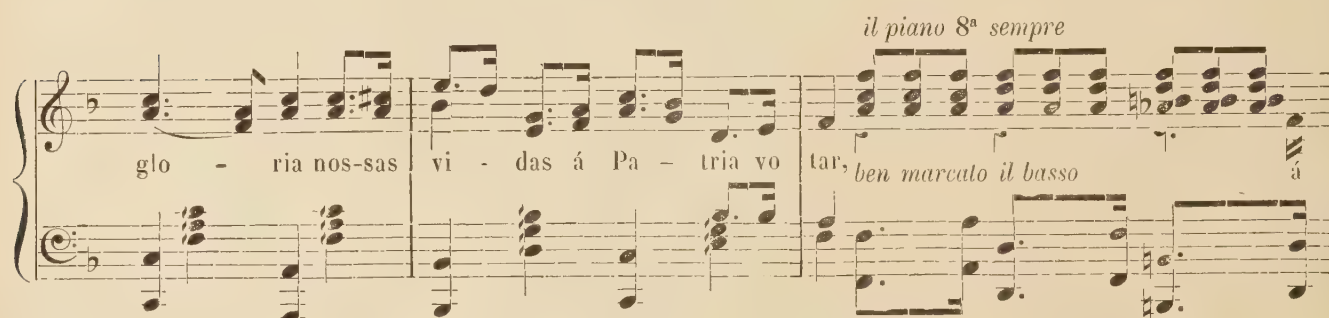
(TRANSCRIPÇÃO)

À Ex.ma Snr.a D. Gizelda Josephina Franchini.

255

HYMNO ACADEMICO DE COIMBRA

Do trabalho, na lide affanosa,
Doce esp'rança nos vem affagar:
Somos jovens, sentimos no peito
Santo amor da sciencia brotar.

O que valem riquezas da terra?
Sem sciencia, no mundo, o que são?
Trabalhae que seus dons nos offerta
O trabalho com provida mão.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo, da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Recordemos os sabios famosos,
Que a sciencia nos vem apontar;
Que souberam, dos sec'los zombando,
Aos vindoiros seus nomes legar.

E attendamos que a terra orgulhosa,
A quem damos o nome de mãe,
Em seus filhos, que a vida lhe devem,
As mais caras esp'ranças detem.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Aurea estrella, de luz refulgente,
Aqui vem, no horisonte, luzir,
N'esta senda espinhosa da vida,
A mostrar-nos risonho porvir.

E seus brilhos á gloria nos chama,
Alto imperio, soberba, aqui tem:
E a sciencia, que a todos illustra,
Sua luz diffundir em nós vem.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á patria votar.

Os alentos que n'alma refervem,
Pela terra da Patria serão:
Ou da paz, no suave descanço,
Ou na guerra ao troar do canhão.

E da gloria, por fim, nós iremos
Doces risos, fagueiros, gosar:
Adornados co'as palmas virentes,
Que Minerva nos quiz dispensar.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Este hymno foi composto, e offerecido á Academia de Coimbra, em outubro de 1853, pelos estudantes J. A Sanches da Gama, auctor da lettra, e J. C. de Medeiros, (O' Neill) auctor da musica.

A mocidade academica tinha acabado, havia ainda pouco tempo, de ensarilhar as armas, nitradas nas luctas civis, para cimentar as bases da liberdade e da paz definitiva. E' talvez, por este motivo que esta composição é toda bellica: Na introducção, o vibrato é feito por clarins e redobres de tambores; segue o fortissimo de todo o instrumental; repete se o vibrato e responde outro fortissimo de instrumental; nos *scherzos* que se seguem os redobres dos tambores são rufados, no aro de madeira, e os crescendos são feitos por todo o instrumental e bateria. O canto deve ser por muitas vozes, a unisono, e o coro a duas ou tres partes; na coda (*ben marcato il basso*), as voses, como indicamos, cantam com enthusiasmo simples accordes de cadencia.

E' este o hymno official da Universidade de Coimbra, e desde que foi ouvido, pela primeira vez, todas as gerações academicas o teem decorado, e hoje, no mais recondito logar, onde exista um doutor, lá se ouve, de vez em quando o canto da mocidade estudiosa, porém mais repassado de saudade do que de sentimento bellico.

Devemos a acquisição d'este hymno á amabilidade do Ex.mo Snr. Dr. Jorge Gonçalves Lima.

OLHA A TRIGUEIRINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Anna de Souza Dias.

Allegretto

256

f

Já lá vae, já se a - ca- bou, a nos - sa fe - li - ci- da-de, Só me res - ta de es - ta vi-da u - ma e - ter-na sau- da-de. O-lha a tri-guei -ri - nha, o-lha a tri-guei-ri-nha cho - ra pe - lo seu bem -zi - nho, ai, ai, ai que se vae em -bo - ra.

Já lá vae, já se acabou,
A nossa felicidade,
Só me resta d'esta vida,
Uma eterna saudade.

Olha a trigueirinha,
Olha a trigueirinha, chora,
Pelo seu bemzinho,
Ai, ai, ai, que se vae embora.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios;
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Olha a trigueirinha, etc.

Oh terra dos meus amores,
As costas te vou virando;
Minha bocca vae sorrindo,
Os meus olhos vão chorando.

Olha a trigueirinha, etc.

A saudade é um mal,
Que nem respirar permitte;
E' uma ancia, é um tormento,
E' uma dôr sem limite.

Olha a trigueirinha, etc.

Dizem que o chorar consola,
Eu chorar não chorarei,
Que assim perdia a saudade,
A que já me acostumei.

Olha a trigueirinha, etc.

Recolhida em Villa Flor, por F. P. Nogueira.

OH ANNA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Carminda Alvares Guimarães.

257

Allegretto

p Co-ra-ção por-que pal-pi-tas d'um mo-do tão des-su-sa-do? sen-tes-te d'a-mor fe-ri-do, que as-sim es-tás mal-tra-ta-do.

CORO

f Oh An-na, oh An-na, oh An-na, traz en-lei-o á cin-tu-ra. Na mi-nha ter-ra oh An-na, não se re-sa á Vir-gem pu-ra.

Não se re-sa á Vir-gem pu-ra nem a San Bar-tho-lo-meu. Oh An-na, oh An-na, oh An-na, tu és mi-nha e eu sou teu.

Duas cousas n'esta casa
Trazem a minh'alma afflicta:
Uma a candeia estar alta,
Outra o nada ser bonita.

Não digas mal de mim,
Se não queres que eu me sinta,
A minha sistema é esta:
Quem me suja, não me limpa.

Ó balas encadeadas,
Matae o capitão mór:
Que me traz o meu amor
Na cabeceira do ról.

Subi ás altas muralhas,
Desci ás baixas varandas,
Já que não vejo os teus olhos,
Vejo os sitios por onde andas.

O annel que tu me deste,
No Terreiro de S. Pedro,
Atirei com elle á vinha,
Deixou-me sangue no dedo.

Cupido foi um traidor,
Que veio a Portugal:
Veio trazer mal d'amores
Que cá não havia tal.

Tenho um amor em Alvito
Criado em Aguiar;
Quem de mim fizer palito
Tem muito que falquejar.

Cahiu a torre do sino
E matou o meu amante
Oh! mal empregada morte
N'uma cara tão brilhante.

O sobreiro se obrigou
A sustentar a cortiça:
Tambem me obrigo, menina,
A tiral-a por justiça.

Recolhida em Odemira pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.

Dança.—Os pares, de braço dado, marcham em grande roda durante a cantiga. No estribilho, o cavalheiro toma a dama pela cintura e dançam em passo de polka.

Observação.—Na segunda parte canta-se na primeira vez da repetição a lettra de cima e na segunda a lettra de baixo. No fim de cada cantiga canta o estribilho: *Oh Anna.*

ROGAE PELAS ALMAS

CANTICO RELIGIOSO

Á Memoria da Ex.ma Snr.a D. Joanna Pecherichi Franchini.

258

Dai, Senhor, descanço eterno
Aos remidos de Jesus,
Vosso coração clemente
Chame-os á eterna luz.

CORO

Rogai pelas pobres almas
Detidas na expiação;
Vivas, já vos foram caras,
Tende d'ellas compaixão.

Dai esmola de uma prece,
Que bem póde ao céo levar
Almas a quem tanto peza
Não poder de Deus gozar.

Que tormentos e agonias
'Stão no fogo a padecer!
Que gritos tão lastimosos
Como é triste seu gemer!

Não sejaes surdo aos lamentos
De vossos irmãos ou pais!
Não fecheis vossos ouvidos
A' tristeza de seus ais!

Talvez por vosso peccado,
Estarão a padecer!
Sereis vós tão insensiveis
Que não lhe queiraes valer!

Vossos parentes e amigos,
Ha pouco ainda a gosar,
Hoje nas chammas ardentes,
Não os querereis salvar?

Orai, fazei obras pias,
Com que podeis soccorrer
A essas almas infelizes;
Orai, é vosso dever.

Recolhida em Vélas, ilha de S. Jorge, pelo Rev.mo Sr. João Goulart Cardoso. Este cantico é muito cantado pelo povo, não só na ilha de S. Jorge, mas tambem no Fayal, na freguezia dos Flamengos, durante o mez de Novembro.

Observação.—As duas notas da musica são só para o coro; quando canta uma voz é a nota superior.

GENTIL SERRANA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia Borges de Medeiros.

Andante

259

p cres.

Gen - til ser- ra - - na por - que não dan - ças, é por-que can - ças ou não tens par? Não, meu se- nhor, eu da ser - ra sou, dan - çar não vou a es - se lo- gar.

Gentil serrana,
Porque não danças,
E' porque canças
Ou não tens par?
—Não, meu senhor,
Eu da serra sou,
Dançar não vou
A esse logar.
—Isso é capricho,
Ou é preceito
D'andar ao geito
Ao teu derriço.
—Não meu senhor,
Eu sou da serra,
Na minha terra
Não ha lá d'isso.
—Se queres, commigo,
Contradançar
Vai ao pomar
Que eu lá vou ter.
—Não meu senhor,
Que eu vou embora,
Que iria agora
Eu lá fazer?

—Anda commigo
Para a minha terra,
Deixa a serra
Com promptidão:
Serás janota
Mais que ninguem,
Terás tambem
Saia á balão.
—Não, meu senhor,
Não quero balão,
Poderia então
Subir ao ar;
Não quero gaiolas,
Porque as molas
São de latão,
Podem quebrar.
—Então que queres?
Estás tão calada,
Não pedes nada,
Que graça tem?
Anda commigo,
Não tenhas mêdo,
Nós em segredo
Dançaremos bem.

—Não, meu senhor,
Que eu sou mui pobre,
Mas sou mui nobre
De coração.
—Anda commigo,
E com decisão
Eu caso comtigo,
Que dirás então?
—Sim, meu senhor,
Então acceito,
Eu tenho geito,
Hei de acertar.
Depois, nas salas,
Sem ser bisonha
Hei de risonha
Contradançar.
—Serrana minha,
Não mais te digo,
Anda commigo,
Meu lindo amor.
Vamos saltando,
De braço dado,
Fica ajustado?
—Sim, meu senhor.

Esta canção ouvimol-a em 1860, mas é mais antiga.

HYMNO DE S. M. A RAINHA D. MARIA PIA

ADOPTADO POR S. M. E OFFICIALMENTE EM 1877

Musica de Antonio d'Almeida e Mello.
Lettra de Eduardo Coelho.

260

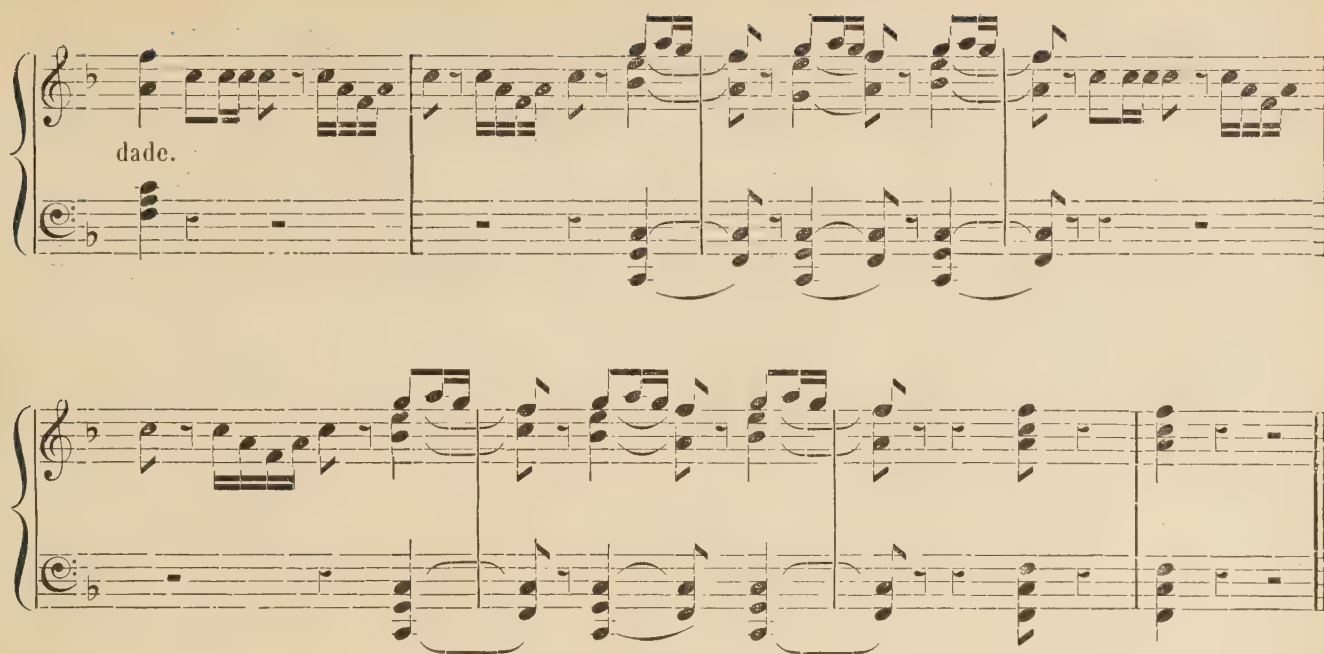
Marcial

f

Ao bri-lhar do teu dia-de - - - ma; ao des-do-brar do teu

man - - - to, do po-bre sec-ca-se o pran - - - to, sur-ge alli - vio á min - gua ex-

tre - ma: Traz, oh i - ris de bo-nan - - ça, no fra-gor da tem-pes-

ta - - - de, nos la-bios a-mor e es - p'ran - ça, e no seio a ca - ri -

dade.

Ao brilhar do teu diadema,
Do pobre secca-se o pranto;
Ao desdobrar do teu manto
Surge o allivio á mingua extrema.

Traz, oh iris de bonança,
No fragor da tempestade,
Nos labios — amor e esp'rança,
E no seio — a caridade.

Nos antros onde a miseria
Geme em lagrimas e dores,
Brotam sorrisos e flores
Mal chegas, donosa Egeria.

Traz, oh iris de bonança, etc.

O tempo, que a fama illude,
Póde a rainha esquecer,
Mas lembra a mãe, a mulher,
E a c'rôa eterna — a virtude.

Traz, oh iris de bonança, etc.

D'entre as varias poesias que foram applicadas a este hymno foi a presente a que mais logrou vulgarisar-se talvez por traduzir o melhor sentimento da alma popular para com a egregia Dama.

O CEGO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda Gomes Silva Rocha.

Andante

261

p

Sou ce-go, quiz a má sor - - - te

rou - bar-me a luz d'a-le- gri - - - a;

an - do no mun - do sem nor - - - te,

não vi nun- ca a luz do di - - a.

Ce - go e po - bre, per- di - - - do

no es-cu- ro que me a bra - - - ça, Sou um in- fe - liz ca-

hi - - - do nos a-bys- mos da des- gra - - - ça.

Sou cego, quiz a má sorte
Roubar-me a luz e a alegria;
Ando no mundo sem norte,
Não vi nunca a luz do dia.

Cego e pobre, perdido
No escuro que me abraça,
Sou um infeliz, cahido
Nos abysmos da desgraça.

Não sei que quer a desgraça
Que atraz de mim corre tanto;
Hei de parar e dizer-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Ouvi, oh senhora, ouvi
Os suspiros d'uma voz
Que quando por vós suspira
Aspira sómente a vós.

Gôsto, prazer, alegria,
Em penas se transformou;
O tempo de ser feliz
Já não existe... acabou.

Não temo a cruenta sorte,
Nem imploro o seu favor,
A' ventura e á desgraça
Tenho uma alma superior.

Escreveu a dura Morte,
Com longos dedos mirrados,
No livro dos infelizes,
Os meus dias desgraçados.

A minha tyranna sorte,
Que a suspirar me condemna:
Só quiz dar-me por herança,
A afflicção, a dôr, a pena.

Recolhida no Porto em 1878.

Esta canção é antiga, e pertence á classe das modinhas que ha mais de cincoenta annos faziam o recreio das salas. As duas primeiras quadras que estão na musica são do escriptor José de Lacerda, as outras são desgarradas, e recolhidas em varias *modinhas*.

COM MINHA MÃE ESTAREI

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Rita Ferreira de Brito

Andante sustenuto

262

p

Com mi - nha Mãe 'sta- rei na san - ta glo - ria um di - - - a, jun to á Vir gem Ma- ri - - - a no Ceu tri- um - pha- rei.

CORO

Com minha Mãe 'starei
Na santa gloria um dia,
Junto á Virgem Maria,
No Céo triumpharei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Mas já que hei offendido
O seu Jesus querido,
As culpas chorarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Mas só pelas pisadas,
Por ella a nós deixadas,
Seguro chegarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
E' Mãe immaculada;
De culpa a alma afeiada
Jámais consentirei!

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Mãe de summa bondade,
A soberba, a vaidade,
Sempre detestarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
E já que a obediencia
Foi d'ella toda a sciencia,
Eu sempre a guardarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
E' Mãe de caridade,
Dos proximos maldade
Nunca cogitarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Unindo-me aos anjos,
No côro dos archanjos
Sua gloria cantarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
E lá muito chegado
Ao seu throno dourado,
Meu amor lhe darei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Oh viver deleitoso!
Oh sempiterno goso,
Em que me embeberei!

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Em seu coração terno,
Em seu collo materno
Sem fim descançarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei
Na santa gloria um dia,
Juntò á Virgem Maria,
No Céo triumpharei.

Este cantico é actualmente muito em uso na egreja da Ordem 3.a do Carmo do Porto e em alguns templos de Braga, durante o mez de Maria, novenas da Conceição, e outras festas a Nossa Senhora.
O povo responde com a mesma musica que o coro canta.

VARSOVIANA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Odilia Maria Pinto de Vasconcellos.

INTRODUCÇÃO

Andante

263

ff

p

Allegro moderato

DANÇA

p

8a

ff

8a

8a
8a
1.a
2.a
loco
f
8a
ff
p
5
5
5
dolce

Appareceu por volta de 1850, esta dança estrangeira de duas pessoas, cheia de movimentos variados; vulgarisou-se rapidamente; porém, o enthusiasmo não logrou um decennio, e teria desapparecido já completamente se os esforços dos professores de dança a não conservassem, ensinando-a a alguns seus discipulos, mais affeiçoados.

Dança. — Posição de polka-mazurka. 1.º tempo: passo egual ao quarto da polka-mazurka. 2.º tempo: passo egual ao quinto da mesma polka. 3.º tempo: o cavalheiro em logar de approximar o pé direito, estende-o. Descanço d'um tempo e pouco mais. Repetição dos tres tempos do mesmo passo e principiado com o pé direito do cavalheiro. Novo descanço; em seguida executam-se duas vezes os tres primeiros tempos da mesma polka, com mudança de pé.

O QUE É AMOR

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Sara Leontina da Cunha e Couto.

Andante

264

p

A - mor é so-nho que ma - ta sor - ri - so que des - fal - le - ce; A -

mor é so-nho que ma - ta sor - ri - so que des - fal - le - ce; a -

mor é nu - vem de pra - - ta que qual fu - mo se es-va - e - ce, a -

mor é nu-vem de pra - - ta que qual fu - mo se es-va - e - ce.

Esta musica é commum a muitas poesias sentimentaes.

O QUE É AMOR

Amor é sonho que mata,
Sorriso que desfallece,
Amor é nuvem de prata
Que qual fumo se esvaece.

Amor é vaga alterosa
Que no peito vem quebrar,
E' o perfume da rosa,
E' um raio do luar.

Amor é a mariposa,
Que vôa sempre e não cança
E morre emfim descuidosa
Nas mãos d'alegre creança.

Amor é um sentimento
Que faz branda a crua fera,
Amor é o sopro do vento,
Amor è uma chimera.

Amor é o canto divino
Das avesinhas implumes,
E' o rocio matutino,
E' o inferno dos ciumes.

Amor é um riso d'aurora
E' a estrella matutina,
E' o punhal que assassina
O mortal que um anjo adora.

Amor é brisa dos mares,
E' o azul do infinito,
E' a canção do proscripto
Chorando os seus patrios lares.

Amor é um silpho que embala
A nossa alma docemente,
Amor é pomba innocente
Que a vida no ar exhala.

Amor é per'la cahida
Dos olhos da pobre mãe,
Que chora a filha perdida,
Junto ao altar do Desdem.

Amor é laço apertado
E o coração è a fivella;
Amor é um beijo dado
Nos labios d'uma donzella.

Esta musica é antiga e commum a muitas poesias sentimentaes; com a presente lettra data de 1884, a qual é do apreciado escriptor theatral e jornalista o Ex.mo Snr. Sousa Rocha.

MENINA DO CASIBEQUE

PASSEATA

Á Ex.ma Snr.a D. Florinda Gomes da Silva Rocha.

Allegretto

265

O meu amor é bonito, bonito que é uma pintura: é claro como o pêz, com'a azeitona madura. Menina do casibeque, do casibeque de chita, gosto d'ella porque gosto, gosto d'ella que é bonita.

O meu amor é bonito,
Bonito que é uma pintura:
E' claro como a pêz,
Como a azeitona madura.

Menina do casibeque,
Do casibeque de chita:
Gosto d'ella porque gosto,
Gosto d'ella que é bonita.

Menina lá da janella
Dê-me a mão, quero subir:
Que eu sou muito vergonhoso
Pela porta não sei ir.

Menina do casibeque,
Do casibeque de lona :
Gosto d'ella porque gosto,
Gosto d'ella que é pimpona.

Dança. — Os pares de braço dado, marcham em bicha, e contramarcham sem tornarem a voltar ao mesmo sitio por onde uma vez passaram.

O FOLGADINHO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Emma Pinto d'Almeida.

266

A' entrada d'esta rua Dei um ai que nunca dera; Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo? Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.	A' entrada d'esta rua Está aqui mesmo á entrada, Uma pereirinha nova Que ainda não foi abanada.	Se passares pela rua, Escarra e cospe no chão; Que estou cosendo á candeia Não sei se passas ou não.
Recolheram-se as estrellas, Sahiu o sol á janella; Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo? Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.	Quem vae pela tua rua E te não vê, meu amor, E' como quem vae ao ceu E não vê Nosso Senhor.	Alegria não a tenho, Tristeza commigo móra; Em chegando á tua rua Logo a tristeza vae fóra.

Esta musica foi recolhida em 1864, no Porto, mas deve ser mais antiga e de outra localidade talvez da Figueira.

Dança.— Os pares formam-se em duas filas, frente a frente, fazem *en avant*, e voltando as costas dão uma volta, e tornam ao seu logar. No estribilho, todos os pares, batendo as palmas, fazem *en avant*, e dão uma volta com o par vis-a-vis, (sempre batendo as palmas), e tornam ao seu logar. Este lundum dançava-se tambem em marcha pelas ruas.

A MARSELHEZA

CANTO NACIONAL FRANCEZ

As damas da colonia franceza em Portugal.

Lettra e musica de Rouget de l'Isle.

Marche energico

267

f *f* Al-lons, en - fants de la pa-tri - - - e, Le jour de gloi-re est ar - ri - vé; Con - tre nous de la ty - ran ni - - - e; L'é - tan-dard san - glant est le - vé; L'é-tan - dard san - glant est le - vé. En-ten-dez vous dans les cam - pa - gnes Mu - - - gir ces fé-ro - ces sol-

Ped. *

A MARSELHEZA

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de glorie est arrivé!
Contre nous de la tyrannie
L'etandard sanglant est levé, (*bis*)
Entendez vous dans les campagnes
Mugir ces féroces soldats?
Ils viennent jusque dans nos bras
E'gorger vos fils, et vos compagnes!

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons! Marchons!
Qu'un sangue impur abreuve nos sillons!

Que veut cette horde d'esclaves,
De traitres, de rois conjurés?
Pour qui ces ignobles entraves?
Ces fers dés longtemps prèparés? (*bis*)
Français! pour nous, ah! quel outrage!
Quels transports il doit exciter!
C'est nous qu'on ose méditer
De rendre á l'antique esclavage!

Aux armes, citoyens, etc.

Quoi! des cohortes étrangères
Feraient la loi dans nos foyers!
Quoi! ces phalanges mercenaires
Terrasseraient nos fiers guerriers! (*bis*)
Grand Dieu! par des mains enchainées
Nos fronts sous le joug se ploiraient?
De vils despotes deviendraient
Les maîtres de nos destinées?

Aux armes, citoyens! etc.

Tremblez, tyrans! et vous, perfides,
L'opprobre de tous les partis!
Tremblez! vos projects parricides
Vont, enfin, recevoir leur prix! (*bis*)
Tout est soldat pour vous combattre.
S'ils tombent, nos jeunes héros,
La terre en produit de nouveaux
Contre vous tous prêts á se battre!

Aux armes, citoyens! etc.

Français, en guerriers magnanimes,
Portez ou retenez vos coups;
E'pargnez ces tristes victimes,
A' regret s'armant contre nous. (*bis*)
Mais ces despotes sanguinaires,
Mais ces complices de Bouillé,
Tous ces tigres qui, sans pitié,
Dèchirent le sein de leur mere!

Aux armes, citoyens! etc.

Amour sacré de la patrie,
Conduis, soutiens nos bras vengeurs!
Liberté, Liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs! (*bis*)
Sous nos drapeaux que la victoire
Accoure á tes mâles accents!
Que tes ennemis expirants
Voient ton triomphe et notre gloire!

Aux armes, citoyens! etc.

Strophe des enfants

Nous entrerons dans la carrière
Quand nos ainés n'y seront plus;
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus. (*bis*)
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil,
Nous aurons le sublime orgueil
De les venger ou de les suivre!

Aux armes, citoyens! etc.

Vamos, oh filhos da França,
Da gloria o dia chegou;
A bandeira da matança
A tyrannia arvorou:
Não ouvis, nos vossos prados,
Feros soldados bramar?
Junto a vos, correm irados
Mães e filhos degollar.

A's armas cidadãos! em batalhões formar!
Marchar! Marchar!
Que vá o sangue vil nas vallas trasbordar.

Que quer ess'horda d'escravos,
Falsos reis, tredos vilões?
Para nós farão, oh bravos,
Já d'ha tanto, os seus grilhões?
P'ra nós, francezes! Que affronta!
Que transporte! que rancor!
Para nós o crime aprompta
Priscos ferros em furor.

A's armas, etc.

Como! um bando de estrangeiros
Dar as leis em nosso lar!
Phalange de guerrilheiros
Nossos fortes derrotar!
Santo Deus! ao torpe jugo
Nossas frontes curvarão?
Dependentes d'um verdugo
Nossos destinos serão?

A's armas, etc.

Tremei reis, tremei falsarios,
Negro opprobrio dos mortaes!
Pagareis os sanguinarios,
Vis projectos infernaes:
Contra vós os nossos fortes,
Se perdem a vital luz,
Novas, armadas cohortes
Prestes a terra produz.

A's armas, etc.

Francezes! como soldados
Ide a morte fulminar:
Mas poupae aos que, obrigados,
Contra vós correm luctar:
Porém não aos assassinos,
Aos socios de Boullié,
Aos que devoram ferinos,
Suas mães, sem dó nem fé.

A's armas, etc.

Da patria, oh santa amisade,
Conduz hoje o vencedor,
Liberdade! Liberdade!
Defende o teu defensor!
Traze-lhe a doce victoria,
Que a tua voz faz nascer!
Teu triumpho, nossa gloria
Contemple o crime ao morrer.

A's armas, etc.

Estrophe dos meninos

Entraremos na carreira
Só depois de nossos paes:
Lá veremos sua poeira,
Os seus dotes immortaes:
Desejando a sua morte,
Desprezando este viver
Poderemos (doce sorte!)
Ou vingal-os ou morrer.

A's armas, etc.

HISTORIA DA MARSELHEZA

E' este *Canto nacional francez* o hymno universal da republica. Foi uma inspiração de momento de Rouget de l'Isle, official de engenheiros na guarnição de Strasburg em 1792. O titulo que lhe deu o author foi *Canto de guerra do exercito do Rheno*. A denominação de *Marselheza* proveiu-lhe de ser um batalhão de Marselha o primeiro que entrou em Paris entoando esta canção patriotica.

Em 1793 a republica triumphante fez d'este canto o seu hymno de guerra.

Em Portugal, o povo, cujas ideias democraticas principiaram com o advento da França á aspiração da liberdade, recebeu este canto como um incitamento que tomou para si, fazendo-se varias traducções da lettra; foi preciso, muitas vezes, aos governos, suffocar pela força a expansibilidade d'este canto, temendo-o como faula que viesse atear um incendio na nossa politica interna.

Depois de 1870, quando a França, emancipada do interregno napoleonico, proclamava a sua soberania democratica, em Portugal principiaram a germinar de novo, mas agora, francamente, ao ar livre, as ideias avançadas; o canto nacional francez ecoou por todo o paiz, e, saudando uma nação amiga, alistava proselitos em um novo partido, suggestionado pelas glorias da França que se erguia mais orgulhosa que abatida sobre os escombros do throno do seu imperio.

A musica que apresentamos é puramente a que Rouget de l'Isle escreveu. As introducções e codas com que apparece em algumas edições são accrescentos apocryphos, assim como os innumeros *arranjos* e *desarranjos* de acompanhamentos.

A traducção da poesia é do fallecido dr. Alexandre Braga, porém o *refrein* tivemos de o substituir por não estar em metro, nem em euphonia musical.

A ultima estrophe, para meninos, não é de Rouget de l'Isle, mas do poeta Luiz Dubois, que a addiccionou tambem em 1792.

O fanatismo popular em França, despertado pela *Marselheza*, chegou a proporções extraordinarias: quando os francezes entraram na Saboya, proclamando a liberdade, sessenta mil pessoas que desceram das montanhas entoaram de joelhos a 6.ª estrophe, entre as acclamações da multidão.

As condições em que a *Marselheza* foi inspirada e as suas consequencias tem dado logar a que distinctos escriptores se tenham occupado d'este assumpto com interesse historico; d'elles transcrevemos os seguintes periodos:

Rouget de l'Isle nascera na Franche-Comté, em Lons-le-Saunier. Aos vinte annos completára os seus estudos, e estava feito official de engenharia. Além da sciencia, que lhe pozera nos hombros as dragonas de official, Rouget cultivava as musas: era bom poeta e bom musico. A sua agradavel presença, a sua jovialidade e o seu talento faziam-no estimado de todos. «Cabeça esquentada do Meio-dia»,— como no norte da França se chama aos Provençaes, — foi dos primeiros a responder ao grito da patria, que convocava todos os seus filhos contra a colligação dos soberanos da Europa, declarada pela voz da Austria. As indomitas legiões de valentes, que, do extremo Sul da França correram ao extremo Norte, alistados e formados sob o nome de *Voluntarios do 93* já lá encontraram Rouget de l'Isle para os receber e encorporar-se-lhes. A joven França confluia toda ás margens do Rheno. Strasburg constituira-se o ninho de milhares de heroes e de martyres. Muitos ali receberam o baptismo, que devia fazer immortaes os seus nomes. Rouget de l'Isle teve a gloria de o ser, ainda antes de entrar em combate. Não foi a sua espada foi a sua penna que lhe alcançou a immortalidade.

Era a cidade de Strasburg ponto de reunião de impavidos e patrioticos voluntarios, que iam dizer a toda a terra: — Não mais escravidão! E' esta a suprema lei do universo. Ensina-a claramente a natureza: codificou-a o evangelho.

Estava-se a 24 d'abril de 1792.— O cidadão Dietrich, *maire* da famosa cidade de Strasburg convidára para um jantar em sua casa todos os officiaes dos corpos de voluntarios que chegavam ali de marcha para a campanha, e que deviam partir no dia seguinte. Com elles estavam tambem os seus camaradas da guarnição fraternisando e abraçando-se por despedida.

As jovens Dietrichen, e muitas outras donzellas e donas alsacianas abrilhantavam e alegravam o banquete.

O enthusiasmo lavra em todos os corações, enebria todas as almas.

Entre os convivas via-se um joven official de artilheria, cujo olhar de fogo denunciava um grande artista, ou um heroe.

Era Rouget de l'Isle.

No meio d'aquella commoção geral, em que ás graças e lagrimas femininas se alliavam, confundindo-se, os discursos e as saudes patrioticas, o *maire* Dietrich, mais commovido de que todos, e encarando o seu joven commensal, disse:

— Rouget de l'Isle, o senhor que é tão bom musico quanto poeta, escreva, componha alguma coisa que se cante e nos alegre na marcha.

Rouget de l'Isle não se fez rogar. Retirou-se para o seu quarto, pegou na sua rebeca (Lamartine diz que foi ao clavicinio) e, posto á secretária, foi compondo a musica, ao passo que escrevia os versos d'essa famosa inspiração que devia tornar immortal o seu nome.

Assim passou a noite.

O somno nem se quer lhe deslisou pelas palpebras.

Quando o sol se erguia estava composto esse canto sublime.

Eram dois astros que despontavam e se saudavam. Ambos escandecentes e universaes. Ambos derramando luz e liberdade.

No dia seguinte,— 25 d'abril — pelas sete horas e meia da manhã entrava Rouget de l'Isle no quartel de Marcelet, official do estado maior, que estivera presente ao festim da vespera com Rouget em casa de Dietrich, dizendo-lhe:

— «Aqui está.— Dietrich com a sua incitação não me deixou «pregar ôlho: levei toda a noite a esboçar esse canto de guerra e «a compor-lhe a musica.— Lê, e dize-me que tal o achas.»

Marcelet respondeu-lhe estreitando-o nos braços.

D'ali correu Rouget a casa de Dietrich, e apresentou-lhe a sua composição. Uma neta do *maire*,— filha do seu primogenito, porque, embora varios authores que escreveram a historia da Revolução Franceza o digam, o *maire* de Strasburg não teve senão filhos varões,— sentando-se ao piano, acompanhou o sublime canto. A impressão por elle causada foi magica! O velho patriota ria e chorava ao mesmo tempo. Sentia se transportado, electrisado! N'aquella musica havia um que quer que fosse de divino, dizia elle; nas palavras, uma inspiração sobrenatural!

A seu pedido, Rouget teve de repetir muitas vezes o seu hymno, ao qual poz por titulo — *Canto do exercito do Rheno*. —

N'esse mesmo dia, 25 de abril, foi Rouget de l'Isle apresentar ao marechal Lukner a sua maravilhosa lucubração, executando-a na presença do marechal e do brilhante estado maior que o acompanhava.

Não foi menos profunda e enthusiastica a sensação produzida nos corações d'aquelles bravos athletas da liberdade, de que a já produzida na alma do velho *maire* Dietrich.

N'aquelles dias todos se sentiam enthusiasmados. Saturava-os a electricidade da gloria. E era de emancipação, de liberdade que esse divino canto fallava. Aquellas palavras eram centelhas; aquellas notas, correntes magneticas. Assim as grandes commoções trasbordavam, n'aquellas jovens almas.

No dia 29, na parada, foi o *Canto do exercito do Rheno* tocado pela guarda nacional pela primeira vez.

O effeito por elle produzido é indescriptivel!

A formosa, a opulenta cidade de Marselha, um dos mais antigos e patrioticos baluartes da independencia nacional, era o ponto para onde convergiam esses heroicos batalhões de voluntarios, para d'alli marcharem a Paris. Por toda a parte se cantava, se fraternisava, se banqueteava.

Foi n um d'esses banquetes civicos, a 25 de junho, que o cidadão Mirens entoou, pela primeira vez em Marselha, o canto guerreiro composto por Rouget de l'Isle. O seu effeito foi qual o de uma corrente magnetica. D'ali a poucas horas já toda a gente o cantava, e no dia seguinte, 26 de junho, apparecia publicado em todos os jornaes, recebendo cada voluntario, que marchava para Paris, um exemplar.

No dia 30 de junho entravam aquelles bravos em Paris, cantando em unisono o enthusiastico hymno, e foi entoando-o que no dia 10 de agosto assaltaram as Tuilherias. Aquellas palavras casadas com aquellas melodias obravam maravilhas! Era o canto da victoria! Nada lhe resistia! Paris, com toda a França, admirou-o e venerou-o; e, como tinham sido os voluntarios marselhezes que alli o levaram e popularisaram, rebaptisou-o com o titulo de *Canto dos Marselhezes*, e logo depois de *Marselheza*.

Aqui está como foi que o inspirado e famoso canto de guerra, composto pelo joven official de artilheria Rouget de l'Isle, sob o titulo — *Canto do exercito do Rheno* — impéra hoje universalmente com o nome de — *Marselheza*.

Alguns criticos teem controversado sobre o modo e circumstancias em que, e como, foi escripto. A mesma Allemanha intentou pretender-lhe a paternidade da musica, chegando até a affirmar que ella se encontrava no *Credo* da *Missa solemnis*, numero 4 de Haltzmann,— compositor que nunca existiu.

O certo é que hoje ninguem pode pôr em duvida que foi Rouget de l'Isle quem teve tão sublime inspiração, sem recurso nem concurso de inspirações extranhas. Elle mesmo o diz no prologo dos seus *Cincoenta Cantos*, que deu á estampa em 1860: «*escrevi* a musica e as palavras d'este hymno, em Strasburg, na «noite seguinte á declaração da guerra, por fins de abril de 1792».

AVE MARIS STELLA

CANTICO SACRO

Á Ex.ma Snr.a D. Conceição d'Araujo Lima.

Moderato 𝄋 O piano 8a

268

A - ve ma - ris stel - la De - i ma - ter al - ma at que sem-per Vir - go Fe - lix cœ - li por - ta at que sem-per Vir - go Fe - lix cœ - li por - ta

𝄋 Final

A - - - - - - - - - - - men.

Recolhido pelo Rev.mo Prior d'Almancil, Alexandre João do Nascimento.

Este cantico foi entoado por uma peregrinação belga em Nossa Senhora de Lourdes, e de lá o trouxeram alguns peregrinos portuguezes, sendo cantado a primeira vez em Portugal pelo povo, em S. Braz d'Alportel (Algarve) em 1886.

No canto é accentuada a ultima syllaba da primeira e ultima palavra de cada verso. O coro responde sempre á primeira estrophe e só depois da ultima é que canta *Amen*.

AVE MARIS STELLA

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

CORO

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

Sumens illuda Ave,
Gabrielis ore,
Funda nos in pace
Mutans Hevæ nomen.

Ave maris, etc.

Solve vincla regis,
Profer lumen cæcis,
Mala nostra pelle,
Bona cuncta posce.

Ave maris, etc.

Monstra te esse matrem,
Sumat per te preces,
Qui pro nobis natus,
Tulit esse tuus.

CORO

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

Virgo singularis,
Inter omnes mitis,
Nos culpis solutos,
Mites fac et castos.

Ave maris, etc.

Vitam præsta puram,
Iter para tutum,
Ut videntes Jesum,
Semper collætemur.

Ave maris, etc.

Sit laus Deo Patri,
Summo Christo decus,
Spirítui Sancto,
Tribus honor unus.

Amen.

A traducção d'este cantico encontra-se paraphraseada na musica 248, a pagina 161, sob a inicial — *Ave refulgente estrella.*

AMOR FINGIDO

ARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura das Dôres Magalhães.

Poesia da Marqueza d'Alorna.

Andante

269

p

Ca-so d'a-mor tão fin-gi-do Que já fiz, ho-je não fa-ço; Eu por ti já dei a vi-da, Ho-je não dou nem um pas-so.

Bas-ta, oh cru-el, já não pos-so Sof-frer da sor-te o ri-gor; Pois não vês que por ti pa-de-ço Lem-bran-ças do nos-so a-mor?

Lem-bran-ças Lem-bran-ças Lem-bran-ças do nos-so a-mor

Esta aria de sala, foi muito apreciada no principio d'este seculo.

AMOR FINGIDO

Caso de amor tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço;
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

Basta, oh cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Se fazes gosto em deixar-me,
Ninguem te priva, oh cruel;
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta, oh cruel, etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida
Eis o que faz minha dôr.

Basta, oh cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Vem, oh Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te;
Vem ouvir ternos queixumes,
Quero tudo relatar-te.

Basta, oh cruel, etc.

Vês, cruel, quanto padeço?
Vê tambem qual é meu fado;
Vê que na vida de amôres
Quem ama quer ser amado.

Basta, oh cruel, etc.

CHARAMBA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia de Souza.

Allegretto

270

f

De-fron - te de mim e-xis-te To-da a glo-ria do meu bem: A quem a mi-nh'al-ma ado-ra, E o meu a mor tam-bem.

O cantar á meia noite
E' um cantar excellente:
Accorda quem está dormindo,
Alegra quem está doente.

A viola sem a prima
E' como a filha sem pae:
Cada corda seu suspiro,
Cada suspiro seu ai.

Senhor mestre da viola,
Dizei se quereis ou não
Que eu cante uma cantiga
Ao toque da vossa mão.

Cante lá uma cantiga,
Deixe ouvir a sua voz;
Ou diga lá um segredo,
Que fique aqui entre nós.

Ai! quando eu aqui cheguei
Esqueceu-me a cortezia;
Agora, que estou cá dentro,
Viva toda a bizarria.

Cantae, menino, cantae,
Se não cantaes canto eu,
Eu não posso estar calada,
Foi dote que Deus me deu.

Esta dança é dos Açores; é a primeira dos bailes dos povos insulanos.
Dança.— Dois passos para a direita e dois para a esquerda girando para um ou outro lado e trocando pares.

S. MIGUEL

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Ferreira da Silva.

Andantino

271

f

p Oh meu bem bal-las te pas - sem,

Do ceu te ve-nha o cas- ti - go,

se tu tens ou - tro a - mor,

Pa - ra que fal-las com- mi - go.

Esta noite ha de chover,
Chuva que derrama a salsa;
Tu dizes que tens amores,
Eu tambem não estou descalça.

Inda não tomei amores,
Nem tenção de os tomar;
Se um dia me resolver,
Estás em primeiro logar.

A pombinha vae voando,
Nas azas leva o descanço;
Assim são estes meus olhos
Em olhar p'ra os teus não cançam.

Rua abaixo, rua acima,
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

Fui á fonte dos amores,
Tornei pela dos cuidados;
Enchi o cantaro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

Oh que lindo luar faz
Para irmos ás maçãs,
Na rua da formosura,
Onde estão as tres irmãs.

Esta dança açoriana fórma a continuação da *Charamba*.

COSINHEIRA DA'-ME AGUA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Olinda Julia d'Oliveira.

272

Andante *p*

A- quel - la co - si - nhei - ra Que co - si-nha - va bem,
Dei - xou - se da co - si - nha E foi fal - lar ao seu bem.
o piano 8a
Dá-me a - gua, dá - me a - gua Por um co - po de be - ber,
f
Dá me cá es - ses teus bra - ços Que eu n'el - les que-ro mor- rer.

Aquella cosinheira,
Que cosinhava bem:
Deixou-se da cosinha
E foi fallar ao seu bem.

Dá-me agua, dá-me agua,
Por um copo de beber;
Dá-me cá esses teus braços,
Que eu n'elles quero morrer.

Aquella cosinheira
Que andava de balão
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao João.

Aquella cosinheira,
Que andava de *jaquet:*
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao José.

Aquella cosinheira,
Que ia pelo jardim:
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao Joaquim.

Aquella cosinheira
A quem déste um annel:
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao Manoel.

Recolhida em Chaves pelo Ex.mo Snr. P. Ribeiro. Esta musica é antiga.

Dança.— Os pares formam roda de mãos dadas; no centro fica um cavalheiro ou dama que escolhe o seu par quando se canta o verso: —*Dá-me cá esses teus braços*—com quem dança até ao fim da quadra. A pessoa escolhida fica no centro quando se reconstitue a roda, até que por seu turno possa escolher par.

LÍLIA

ARIETA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Fernandes Mourão.

Andantino

273

p

N'a- quel-las al-tas mon -ta - nhas a - on- de Li-lia nas-

ceu: ah, vei - o ri-gor do in ver - no, a mi - nha Lí-lia mor- reu.

N'aquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu:
Ah, veio o rigor do inverno,
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor,
A' minha porta bateu:
Sómente dar-me a noticia
Que a minha Lilia morreu.

Assim como as flores nascem
A minha Lilia nasceu:
Assim como as flores morrem
A minha Lilia morreu.

O ceu cobriu-se de nuvens,
A propria terra tremeu:
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lilia morreu.

Oh morte que mataste Lilia,
Mata-me a mim que sou teu,
Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lilia morreu.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio, na Povoa de Lanhoso. Esta arieta é muito antiga.

SAN MACAIO

BAILADO AÇORIANO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria d'Almeida.

Allegretto

274

f

San Ma - cai - o, San Ma-cai-o, deu á cos - ta; San Ma - cai - o, San Ma-cai-o, deu á cos - ta, ai, deu á cos - ta nos bai-xos do Ma - ra - nhão, ai, deu á

To-da a gen-te, to-da a gen-te se sal - vou; To-da a gen-te, to-da a gen-te se sal - vou; ai, se sal - vou só o San Ma-cai - o não, ai, se sal -

8ª sempre

cos - ta, nos bai - xos do Ma - ra - nhão.
vou, só o San Ma - cai - o não.

f

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
Nos baixos da Urzelina;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só morreu uma menina.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
La na ponta dos Monteiros;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Morreram dois passageiros.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
Na bahia da Feiteira;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só morreu uma feiticeira.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa!
Nos baixos do Maranhão;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só o San Macaio não.

Macaio é provavelmente corrupção de *Macario*.
Esta dança é antiga nas ilhas dos Açores, e faz parte dos bailes populares insulanos. A dança é simplesmente de roda, com algumas voltas similhantes ás das chulas do continente.
A introducção ao canto é tocada por violas e a melodia da *coda*, depois do canto é feita pela flauta.

INVOCAÇÃO AO ESPIRITO SANTO

CANTICO SACRO

Á Ex.ma Snr.a D. Lucrecia Julia Ferreira da Silva Brito.

Musica do dr. J. M. de Padua.

275

Moderato

mf

CORO

f

Vem Es-pi - ri-to Crea- dor,

vi - - si-ta as al-mas dos te - - - - us,

En - - che os pei-tos que cre - as - - - - tes

De gra - ça e go-so dos ce - - - - us.

CANTO

Tu és nos-so Pa-ra - cle - - - - to,

Dom de Deus es-pe-ci-al. Fon - - te vi-va, ca-ri-

da - de, Fo - - go, un-ção espi-ri-tu - al.

Vem, Espirito Creador,
Visita as almas dos teus;
Enche os peitos que creastes,
De graça e goso dos ceus.

Tu és nosso Paracleto,
Dom de Deus especial,
Fonte viva, caridade,
Fogo, uncção espiritual.

Tu setiforme em teus dons,
Dedo da dextra paterna,
Tu és promessa do Pae,
Rio d'eloquencia eterna.

Dá luz a nossos sentidos,
Gera amor nos corações;
Firma com perpetuo esforço
As enfermas compleições.

Lança longe o inimigo,
Dá prompto segura paz,
Tendo-te guia evitamos
Tudo quanto mal nos faz.

Por teu meio nos concede
Padre, Filho conheçamos,
E a ti, Espirito d'ambos
Em todo o tempo crêamos.

Gloria a Deus Padre se dê,
Gloria ao Filho que da morte
Resurgiu; e ao Paracleto
Sempre gloria d'egual sorte.

Este cantico, recolhido pelo Rev.mo Snr. P.e Alexandre do Nascimento, foi escripto para a devoção do Mez de Maria, em Olhão (Algarve), mas generalisou-se rapidamente.
A letra, traducção livre do hymno *Veni, Creator Spiritus*, é de auctor anonymo.

AMELIA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joanna Brou.

Moderato

276

Eu vi A - me - - lia no ar - vo - re - - do, tão pe - que-
ni - - na não ti - nha me - - do. Vem tu com- mi - - go,
A - me - lia, vem, se tu não a - - mas a mais nin -guem.

Eu vi Amelia
No arvoredo,
Tão pequenina,
Não tinha medo.

Oh, vem commigo,
Amelia, vem,
Se tu não amas
A mais ninguem.

Eu vi Amelia
No campo só:
Tão pequenina,
Mettia dó,

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Coimbra,
Tão pequenina
Era tão linda.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Lisboa,
Tão pequenina
Era tão boa.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Cascaes:
Tão pequenina
Já dava ais.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
Eu bem a vi,
Assentadinha
Ao pé de ti.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia
A beira mar,
Sem ter receio
De se molhar.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La no jardim:
Era mais linda
Que um cherubim.

Oh, vem commigo, etc.

Esta canção, recolhida em 1879, é vulgarissima na Beira.

ADEUS, MINHA TERRA

CANTAROLA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Philomena de Faria e Vasconcellos.

Largo e lento

277

dolce

A - deus mi - nha ter-ra, a - de - us, a - deus, meu pae mi - nha mãi, A - deus mi - nha ter-ra, a - deus, a - deus meu pae mi - nha mãi, Que eu vou pa-ra ter-ra a - lhei-a, Pe - ça a Deus que me dê bem. Que eu vou pa-ra ter - ra a - lhei-a, Pe - ça a Deus que me dê bem.

Adeus, minha terra, adeus;
Adeus, meu pae, minha mãe,
Que eu vou para terra alheia,
Peça a Deus que me dê bem.

Não quero nada do adro
Senão uma sepultura
Para enterrar os meus olhos
Fechados para a ventura.

Oh alto pinheiro verde
Aonde foste nascer?
Aonde não ha saudade
Tambem não ha bem querer.

Não sou pedra valadia,
Nem parede mal assente;
Aonde puzer meus olhos
Hei-de pol-os para sempre.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Ja não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Não sei que sinto no peito,
Não sei se é magua se é dor;
A não ser o que presumo,
Não sei o que seja amor.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Castro Corte Real.

Esta musica é vulgar na beira-mar, nas praias desde Estarreja a Ovar, e no Minho, onde tem differentes denominações conforme a lettra que lhe addiccionam. Canta o primeiro verso uma voz, em seguida entram todas, fazendo uma, a mais vibrante, a terceira superior.

HYMNO DOS CAMPOS

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Florinda Cardoso Franchini.

Lettra do Visconde de Castilho.
Musica de Joaquim Casimiro.

278

Maestoso

f

con 8a

con 8a

SOLO

p Can-tae pas-sa-

ri - nhos, can-tae ar - vo - re - dos, can-tae fres - cas fon - tes, can-tae vi - ra-

ções, Can tae ceus e ter - ra, can-tae os se - gre - dos da vi - da ine -

HYMNO DOS CAMPOS

Cantae, passarinhos, cantae arvoredos,
Cantae, frescas fontes, cantae, virações,
Cantae ceus e terra, cantae os segredos
Da vida ineffavel que anima as soidões.

D'espigas e palmas c'roemos a enxada,
Morgado e não pena dos filhos de Adão;
Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Thesouro é só ella, só ella é brazão.

Romper tenta o sabio do mundo a cortina,
Ao bello dá culto, o artista, o pintor:
O obreiro transforma, o astuto domina,
Mas o homem do campo só é creador.

D'espigas, etc.

Da terra sahimos, á terra volvemos,
A terra nos veste, nos traz, nos mantem,
Quem mais do que a terra merece os extremos
Que obtem dos bons filhos a próvida mãe.

D'espigas, etc.

Quem nutre as cidades, as frotas, armadas,
Quem serve, ás mil artes, banquete real?
A mãe do commercio; varinha das fadas,
A fada incançavel, a industria rural.

D'espigas, etc.

Virtudes á patria! Virtudes ao povo!
Virtudes aos chefes que ditam as leis;
Já foi sceptro a enxada que o seja de novo
Diniz lá da campa que a amostre aos reis.

D'espigas, etc.

Este hymno parece que fôra escripto para um certamen agricola, mas tinha o fim de ser adoptado nas escolas, em que o illustre poeta tentou introduzir o canto coral, recorrendo á collaboração de compositores distinctos.

APERTA, AMOR

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Mary Assumpção de Faria e Vasconcellos.

279

p O - ra a - per - ta, a - - - - mor, a - per - ta, A - per - ta a mi - - - nha cin - tu - ra: Que es - te nos - so bem que - rer, só tem fim na se - pul - tu - ra.

D. C.

O raminho que te dei
Com quatro castas de flores,
Todas quatro significam
Parte dos nossos amores:

Ora aperta, amor, aperta,
Aperta a minha cintura;
Que este nosso bem querer
Só tem fim na sepultura.

O branco que elle levava
Significa virgindade,
Quando me fallam no ramo,
Ainda tenho saudade.

Ora aperta, etc.

O azul que elle levava
Significa os ciumes:
Se tu de mim queixas levas
Eu de ti levo queixumes.

Ora aperta, etc.

O roxo que elle levava
Significa sentimento;
Eu já sinto no meu peito
A dôr do apartamento.

Ora aperta, etc.

O verde que elle levava
Quer dizer firme esperança;
Já tenho ouvido affirmar:
Quem espera sempre alcança.

Ora aperta, etc.

Aqui tens este raminho,
Que no matto apanhei,
Ainda vem orvalhado
Das lagrimas que eu chorei.

Ora aperta, etc.

Aqui tens este raminho,
Que no meio leva hera:
Nunca acharás outro amor
Tão leal como te eu era.

Ora aperta, etc.

Fui ao jardim ás flores,
Apanhei quantas havia:
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Ora aperta, etc.

Recolhida em Villa Flor, em 1893, por F. P. Nogueira.

Dança.—Canta-se primeiro uma quadra, durante a qual se dança em grande roda; repete-se depois a mesma musica com o estribilho. Quando cantam *ora aperta, amor, aperta,* largam as mãos, virando-se cada um para o seu par, fazendo menção de se abraçarem; depois voltando-se cada um para o par immediato, cantando: *aperta a minha cintura*, executam o que dizem. O resto do estribilho dança-se em passo de valsa vagaroso.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VI

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XI, *Parte* II.

À Ex.ma Snr.a D. Mary Clara de Faria e Vasconcellos.

Andante moderato

280

p

A es-tas ho - - ras eu pro-cu ra - - va os meus a - mo - res; ti - - nham-me in- ve - ja os mais pas - to - res.

D. C.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! Que assim mesmo
Sem compostura,
E' mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que dôce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
E' que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

D'esta maneira
Nos castos peitos,
De dia em dia,
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! Quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

«Não ha pastora,
Que chegar possa
A' minha bella,
Nem quem me eguale
Tambem na estrella:

Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornam seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoram;
No seu semblante
As graças moram.»

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

Continuado de pag. 78

GUALDIR E GUALDAR

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Noemia Olympia Nogueira.

Andante SOLO

281

p

Ma-ri-qui-tas, mui bel-la mo-ci-ta, sois tão bo-ni-ti-ta, quer us-ted bai-lar?
Ou-tra vol-ta pe-los por-tu-gue-zes, que são mui cor-te-zes, e sa-bem bai-lar;

CORO

Gual-dir, e gual-dar.

SOLO

U-ma vol-ta que da-re-is vós, por a-mor de Di-os, se a qui-ze-reis dar.
Ou-tra vol-ta pe-los hes-pa-nhoes, que são mui he-roes, e sa-bem bai-lar.

CORO

Gual-dir, e gual-dar.

SOLO

Pas-sa-reis ao meu lo-gar.

CORO

Não ha mór pra-zer do que o de bai-lar.

D. C.

Mariquitas,
Mui bella mocita,
Sois tão bonitita
Quer usted bailar?
Gualdir e gualdar.

Uma volta
Que dareis vós,
Por amor de Diós,
Se a quizereis dar.
Gualdir e gualdar.

Outra volta
Pelos portuguezes,
Que são mui cortezes,
E sabem bailar.
Gualdir e gualdar.

Outra volta
Pelos hespanhoes,
Que são mui heroes,
E sabem bailar.
Gualdir e gualdar.

Passareis ao meu logar;
Não ha mór prazer
Do que o de bailar.

Este jogo infantil deve ser antiquissimo; como se deprehende da linguagem mixta da poesia portugueza e hespanhola, do antigo verbo gualdir e egualmente da musica, monotona e caracteristicamente iberica. Ha muitas variantes.

Dança.—Formam-se as creanças em grande roda, que gira, e fica uma no centro, que canta a solo, dirigindo-se a uma das meninas da roda, tirando-a para par quando o *coro*, em que todas cantam, diz: *Gualdir e Gualdar;* e dança com ella, dando repetidas voltas, como dizem os versos. No fim a que estava no meio vae para a roda e a que foi tirada fica no logar d'ella. E recomeça o jogo, até que todas tenham ido ao meio.

HYMNO POPULAR A PIO IX

Ás piedosas Filhas de Maria.

Lettra franceza de Paul Shmith.
Musica de Magazzari.

Movimento de marcha

282

ff

CORO A UNISONO O piano 8ª

p

De f'liz tem - po a au-ro - ra bri-lhan - te, Eis sor-ri no ho - ri-son - te de Ro - ma, E nos mos - tra a sa-gra - da ban-dei - ra, Que o Vi-ga - rio de Chris-to ex - al - tou. Ex - ul - tae, oh Chris-tãos, d'a - le-

f

cresc.

ff

con 8ª

de-mos o so-lio de PI - O. El - le rei - na de to - dos no

f *cresc.*

pei - to, E d'a- mor di - vo sce-ptro em-pu- nhou. Bem di -

loco

to - so quem tem fé in - tei - - - ra! Quem dis- ser: No E-ter - no con-

8ª 8ª

fi - o, Bem di - to - so quem crê na ban- dei - - - ra, Que o Vi -

f *ff*

8ª

ga - rio de Chris - to ex - al - tou. Bem di - to - so quem crê na ban-

8ª

HYMNO DE PIO IX

FRANCEZ

D'un beau jour l'aube enfin nous éclaire,
Et déjà voyez vous Rome entière,
Se ranger sous la sainte bannière,
Que releve un élu du Seigneur.
Accourrez, amis que l'on s'empresse
A' chanter les hymnes d'allégresse,
Célébrons les vertus, la sagesse
De ce grand et sublime Pasteur.

Pleins d'espoir en la paix qu'il nous donne,
Serrons nous à l'ombre de son trone,
Sur son front la magesté rayonne:
La clémence habite dans son cœur.
Gloire à Dieu dont toute puissante
A toujours embrassé la défense
De qui met en lui sa confiance.
Gloire, gloire à l'élu du Seigneur!

Vive, vive l'elu du Seigneur
Vive notre grand Pasteur.

ITALIANO

Del nuov'anno gia l'alba primiera
Di Quirino la stirpe ridesta,
E l'invita alla santa bandiera
Che il Vicario de Christo innalzó.
Esultate, fratelli, accorrete;
Nuova gioja a noi tutti s'appresta:
All'Eterno preghiera porgete
Per quel Grande che pace donò.

Su rompete le vane dimóre,
Tutti al trono accorrete di PIO:
Di ciascuno Egli regna nel cuore,
Ei d'amore lo scetro impugnó.
Benedetto chi mai non dispera
Dell'aita suprema di DIO;
Benedetta la santa bandiera
Che il Vicario di Christo innalzó

Benedetta la santa bandiera
Che il Vicario de Christo levó.
Viva PIO, viva.

PORTUGUEZ

De feliz tempo a aurora brilhante
Eis sorri no horisonte de Roma,
E nos mostra a sagrada bandeira
Que o Vigario de Christo exaltou.
Exultae, ó christãos, d'alegria,
Que brilhante p'ra todos assoma,
D'onde Deus d'aurea paz almo dia
Que PIO Nono do ceo alcançou.

Confiança, valor e respeito
Circumdemos o solio de PIO.
Elle reina de todos no peito
E d'amor divo sceptro empunhou.
Bem ditoso quem tem fé inteira!
Quem disser: No Eterno confio;
Bem ditoso quem crê na bandeira
Que o Vigario de Christo exaltou.

Viva PIO o Grande Pastor!

ALLEMÃO

Roma's Volk, sieh ein Frühroth erglänzen,
Als den Vorboten licht voller Tage!
Auf! die heilige Fahne zu kränzen,
Welche PIUS der Hehre erhob!
Reine Lust soll die Länder all durchbeben;
Friedens glück hat der Herruns gegeben;
Auf zu Ihm lasst den Blick uns erheben;
Laut ertöne des Ewigen Lob!

Fort der Zwietracht umdüsterndes Grauen!
Auf den Freund lasst, den Vater uns schauen!
Jedes Herz fliegt Ihm zu voll Vertrauen;
Denn die Liebe ist PIUS'Herrscherstab!
Heil dem Manne, der nimmer verzaget,
Der mit Gott selbst das Segenswerk waget!
Heil der Fahne, die siegreich nun raget,
Die kein Feind, keine Macht reisst herab!

PIUS lebe, er lebehoch!

Pio IX teve varios hymnos, porém o presente foi o que se popularisou por todo o orbe catholico, sendo cantado em varias linguas, das quaes apresentamos quatro com que foi cantada em alguns collegios em Portugal. Este hymno, que na sua essencia era a manifestação de respeito e sympathia pelo chefe da Egreja, tornou-se politico, servindo tambem como brado de protesto ultramontanista contra os liberaes e dos partidarios do poder temporal do Papa contra os unificadores da Italia.

DA'-ME UM SORRISO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Aurora dos Santos Lima.

Andante

283

p

Diz-me, oh bel - la, se me a - - - - mas, es - cu - ta com at - ten - ção:

Dá - me um ri - so de teus la - - - - - bios, con - so - la meu co - ra - ção.

Diz-me, oh bella, se me amas,
Escuta com attenção,
Dá-me um riso de teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel,
Porque me illudes em vão?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! Como sou infeliz,
Amar e não ser amado!
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado!

Prudencia, tu és a mãe
D'um infeliz como eu;
Já gosei horas felizes,
Meu coração já bateu.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal. Recolhida em 1870.

ATIRA, TYRANNA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta de Vasconcellos.

Andantino

284

f

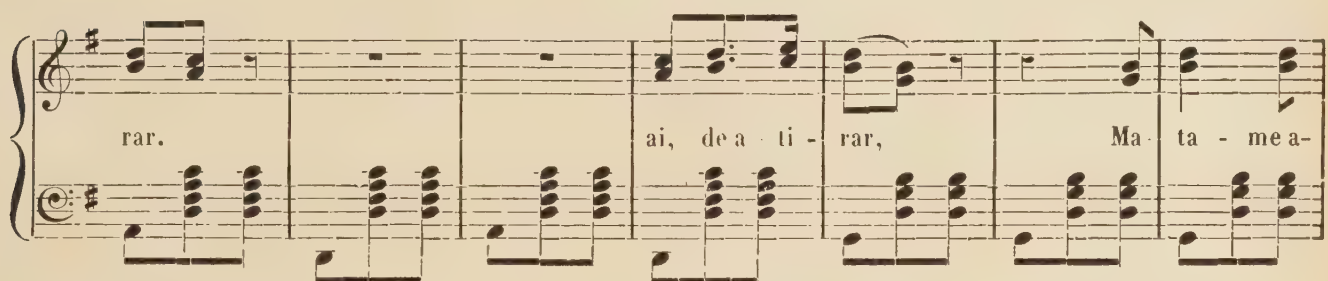
p

Ty-ran - na, a - ti - - - ra,

ty-ran-na, a-ti-ra, ty-ran-na, a-ti-ra, ty-ran-na,

a-ca-ba já de a-ti-rar, ai! de a-ti-

rar. ai, de a-ti-rar, Ma-ta-me a-

que-le pom-bi-nho que es-tá no ca-lhau do mar.

Tyranna, atira, tyranna,
Acaba já de atirar:
Mata-me aquelle pombinho
Que está no calhau do mar.

Tyranna, atira, tyranna,
Tyranna, olé, olé,
Casar com mulher sem dote
E' remar contra a maré.

Tyranna, atira, tyranna,
Tyranna, vem ver, vem ver,
E verás como se morre,
Sem se acabar de morrer.

Tyranna, atira, tyranna,
Vem a mim tira-me a vida:
A prenda que eu mais amava
Já de mim foi suspendida!

Dança.—Esta dança açoriana fórma a quarta marca dos antigos bailados insulanos. E' em grande roda, virando-se uns para os outros.

OH QUITUM

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Bernardina Augusta Alves Coelho.

Andante

285

Se - - nhor Fran cisco Ban- dar-ra, fi - ta ver - de no cha- peu, oh qui - tum, vae vae oh qui - tum, meu bem.

Quan - - do pas - sei - a na ru - a pa - re - ce um an - - jo do ceu: Oh qui - tum, vae vae, oh qui- tum meu bem.

Senhor Francisco Bandarra,
Empreste-me a sua burra:
Oh quitum, vae, vae,
Oh quitum, meu bem.

Que eu quero dar um passeio,
Esta vida não se atura.
Oh quitum, vae, vae,
Oh quitum, meu bem.

Senhor Francisco Bandarra,
Empreste-me o seu lampeão:
Não quero andar ás escuras,
Tenho medo do papão.

Senhor Francisco Bandarra,
Deite-me aqui um tacão:
Deite-m'o bem deitadinho,
Que o dinheiro está na mão.

Este lundum é hoje mais em voga como cantiga das ruas do que como dança. Já era conhecido no principio d'este seculo.

AI QUE RISO ME DA'

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda de Castro Magalhães.

Andantino

286

Man- dei fa-zer um ves - ti - do, das pen - nas do sa-bi- á Man-

dei fa-zer um ves -ti - do, das pen - nas do sa-bi- á, Pa- ra man-dar de pre-

sen - te á mi - nha -aman-te Si -nhá. *rall.* Ai que *a tempo* ri - so, que ri -so, me dá, *rall.* la-drão

a tempo si-nho da mi-nha Si -nhá, gos-to de ti, oh la-drão dá cá, dá cá, oh la-drão dá cá:

Mandei fazer um vestido,
Das pennas do sabiá,
Para mandar de presente
A' minha amante Sinhá.

Ai que riso me dá,
Ladrãosinho da minha Sinhá;
Gosto de ti,
Oh ladrão dá cá.

Sobrancelhas de retroz,
Olhos de viva alegria,
Vê o pago que tu deste
A quem tanto te queria.

A'lerta, pombinha branca,
Que anda caçador na terra,
Com espingarda de ouro,
Onde faz ponto não erra.

Recolhida em Chaves em 1893 pelo Ex.mo Snr. P. Ribeiro. Esta musica é mais antiga e parece ter vindo do Brasil.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VII

Á Ex.ma Snr.a D. Silvina de Castro Magalhães.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIII, *Parte* II.

Andante gracioso

287

Ar - de o ve-lho bar-ril, ar-de a ca-be-ça, ([1]) Em hon - ra de Jo-

ão na lar - ga ru-a. O cre - du-lo mor-tal a-go - ra in -da-ga

Qual se - ja a sor - - - - - - - te su - - - - - a.

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E n'ella orvalhe o céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo, que despeje
Dentro d'um copo d'agua, e possa n'ella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma náu á véla.

Mas ah! Eu bem me lembro; eu tenho ouvido
Que na bôcca um bochecho de agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôcca: ah! não sei como
Não morro ali de pena!

Apparece Cupido: então, soltando
Em ar de zombaria uma risada:
«E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi tão bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia é tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vaes acreditar o que te ensina
Velha mulher ja tonta.»

Humilde lhe respondo: «Quem debaixo
Do açoite da fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agouram males, teme.»

Continuado de pag. 116.

([1]) *Cabeça de breu:* mólho de cordas embreadas para servir de fogacho na extremidade d'um pau, muito usado antigamente em Lisboa nas festas populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

SANTA MAFALDA

CORO DE ROMEIRAS

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Augusta Fernandes das Neves.

288

Largo

f Ra - i - - - nha San - ta d'A - rou - ca, d'A- rou - - ca San - ta Ra- i - - - - nha. En - ter - ra - da ha tan-tos an - - - - nos, A - in-da es -tás in - tei - ri - - - nha.

Rainha Santa d'Arouca,
D'Arouca Santa Rainha:
Enterrada ha tantos annos,
Ainda estás inteirinha!

Rainha Santa d'Arouca,
Pequenina e tão airosa:
Quem é que vem de tão longe,
Para ver a linda rosa?

Rainha Santa d'Arouca,
Da côr da maçã madura:
Quem é que vem de tão longe,
P'ra ver tua formosura?

Oh meu Senhor d'Agonia,
Vinde abaixo dar-me a mão;
Eu sou romeirinha nova,
Canço do meu coração.

Recolhida em S. Pedro do Sul, em 1895, pelo Ex.mo Snr. Conde de Sabugosa.

A PORTUGUEZA

MARCHA

Ás damas da colonia Portugueza no Brasil.

Lettra de H. Lopes de Mendonça.
Musica de A. Keil.

Marcial

289

ff

Ped. * Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *

p He-roes do mar no - - bre po - - - vo, Na-ção va-

Ped. *

len - - - te, im - mor- tal, le - van- tae ho - je de

Ped. *

no - - - vo O es - plen - dor de Por - tu - gal.

p

En - tre as bru - mas da me-mo - ria, Oh pa - - tria sen - te - se a

A PORTUGUEZA

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levantae hoje de novo
O explendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós,
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu ceu!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O Oceano a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas, etc.

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o ecco d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da sorte.

A's armas, etc.

Quando em 1891, a 11 de janeiro, a Inglaterra impunha petulantemente a Portugal, por meio d'um *ultimatum*, o praso de quarenta e oito horas para terminar as negociações diplomaticas de ha muito entaboladas para nos absorver parte dos nossos dominios na Africa, levantou-se em todo o paiz, effervescente, o espirito patriotico indignado; e a exaltação chegou quasi a ultrapassar os limites da prudencia. A imprensa e todas as classes da sociedade se manifestaram publicamente em comicios, nas praças e nos theatros. O maestro Keil e o poeta Lopes de Mendonça, juntando o seu brado indignado ao concerto geral, produziram esta marcha-hymno a que deram o nome de *Portugueza*. Dentro de oito dias propagou-se por todo o paiz esta composição que se tornou popularissima.

XIRO, XIRO

CHAMARRITA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura de Mattos.

Andante

290

Man dei fa - zer al - tas tor-res, o lé, xi-ro, xi - ro; No re- ti - ro on - de mo - ro: E vi va o-mi né, to-que o chi-ri -né, xi-ro, xi-ro, tri-lo- lé, Quan-do eu te - nho sau- da-des, o - lé, xi ro, xi-ro, Quan-do eu te-nho sau- da-des, o - lé, xi-ro, xi-ro, Vou pa- ra o re - ti - ro e cho - ro. E vi-va o mi -né, to-que o chi-ri -né, xi-ro, xi-ro, tri-lo - lé.

D. C.

Mandei fazer altas torres,
Olé, xiro, xiro,
No retiro onde moro:
E viva ominé
Toque o chiriné
Xiro, xiro, trilolé.
Quando eu tenho saudades,
Olé, xiro, xiro;
Vou para o retiro, choro.
E viva ominé
Toque o chiriné
Xiro, xiro, trilolé.

Quem me dera ser a franja,
Que tu tens no teu vental;
Quem me dera ser a rosa
Que tu colhes no quintal.

Quem me dera ser as contas
D'esse teu lindo collar,
Para dormir em teu seio
E nunca mais accordar.

Toda esta noite sonhei
Que te tinha nos meus braços,
Oh que bello braçadinho
Se os sonhos não fossem falsos.

Quem quizer tomar amores,
Sem ninguem o suspeitar:
Se passar não se ha de rir,
Se se rir não ha de olhar.

Chamarrita é uma classe de danças populares das ilhas dos Açores.

Dança.—Os pares em grande roda, ou *á bicha*, vão cantando e gesticulando, a proposito dos versos que dizem; ao chegarem ao *xiro, xiro*, dão voltas, com os braços levantados; ao dizerem *E viva ominé* levantam os braços; ao dizerem *toque o chiriné*, imitam o toque d'instrumentos; ao *xiro, xiro*, dão voltas e ao *trilolé* batem tres castanholas com os dedos erguidos.

A DONZELLA

CANÇÃO

Á Ex.[ma] Snr.[a] D. Albertina Nazareth Garcia.

Aanante

291

dolce *p*

Quem cre - ou, ter-na dei- da - de, o ceu d'es-se a-zul, sem fim? Quem cre - ou, ter-na dei - da - de, o ceu d'es-se a-zul, sem fim? Quem cre - ou a im-men-si -da - de? Quem te fez tão bel-la as -sim? Quem cre - ou a im-men-si- da - de? Quem te fez tão bel-la as -sim? Ai quem foi, di - ze, don - zel - la, Quem

foi que te fez tão bel - la? Ai! quem foi, di-ze, don- zel - la, Quem

rall.

D. C.

foi que te fez tão bel - la?

a tempo

Quem creou, terna deidade,
O ceu — d'esse azul sem fim;
Quem creou a immensidade,
Quem te fez tão bella assim?
Ai quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou tantos peixinhos
No mar ou rio, a saltar?
Esses leves passarinhos
Co'as azas fendendo o ar?
Ai, quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou a lua, os ares,
O mar, estrellas e sol;
As tintas que tingem os mares
Ao assomar do arrebol?
Ai quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem fez o pégo profundo,
Quem foi que a terra creou;
Quem do nada fez o mundo,
Quem tantas cousas formou?
Ai quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem formou as maravilhas
Vistas na terra e nos ceus;
Quem deu perfume ás baunilhas,
Quem fez tudo isso? — Foi Deus!
— Ai foi Elle, sim, donzella,
Foi Deus quem te fez tão bella?

Recolhida pelo Rev.mo Padre Alexandre José do Nascimento, Prior d'Almancil (Algarve). Esta canção é brazileira.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VIII

Á Ex.ma Snr.a D. Amelina Camarinha S. Fernandes.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIV, *Parte* II.

Andante

292

Ah! Ma - ri - lia, que tor - men - to não tens

de seu - tir sau - do - sa! Não po - dem ver os teus o - lhos a cam -

pi - na de - lei - to - sa, Nem a tu - a mes-ma al - dei - a, Que ty -

ran - nos não pro - po - nham A in - da in - qui - e-ta i - dei - a U-ma i -

ma - gem de af - fli - cção.

Adagio em recitativo

Man - da-rás aos sur - - - - dos

1.º tempo

deu - ses No-vos sus - pi - ros em vão, no - vos sus - pi - ros em

vão, no - vos sus - pi - ros em vão.

D. C.

Ah Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldeia,
Que tyrannos não proponham
A' inda inquieta ideia
Uma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: aqui trazia
Dirceu tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada.
Tu dirás então comtigo:
« Alli Dirceu esperava
Para me levar comsigo:
E alli soffreu a prizão.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires egualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavam
Os poucos da escolha nossa.
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa cheia:
«Todo o congresso alli anda,
Só o meu amado não.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu diras: «Não foi tyranna
Sómente comigo a sorte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.»
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens d'estas,
Imagens, que são por certo
A quem adora, funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando aos surdos deuses
Tristes suspiros em vão.

Continuado de pag. 228.

CHEGOU, CHEGOU

CONTRADANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza de Souza Gonçalves.

Allegretto

293

Es - ta ru-a não tem no - me Hei de lh'o ago - ra pôr; E' a ru-a das *Fe - lo - res* on - de mo - ra o meu a - mor. Che - gou, che - gou, che - gou, A - go - ra, a - go - ra, a - go - ra, Che - gou á bo - ca - di - nho, in - da não ha mei - a ho - ra.

'Stá quieto, José, não bulas,
Não sejas tão buliçoso,
Olha que te vou prender
A' almofada onde côso.

Chegou, chegou, chegou
Agora, agora, agora:
Chegou á bocadinho,
Ainda não ha meia hora.

O landreiro é temido,
Eu não me temo de nada;
Temo-me da tua lingua
Que me dizem é damnada.

Eu hei de ir morar no campo
Um anno só por meu gosto;
Para ver as camponezas
Com que agua lavam o rosto.

Minha mãe casou-me em Braga
Com uma menina rica:
Morre o pae, fica sem nada,
Morre a mãe, sem nada fica.

Minha mãe casou-me em Braga
Com um rapaz de Lisboa;
Sapatos não os usava,
Camisa nem má, nem bôa.

Esta cantiga foi recolhida no Alemtejo, no verão de 1890.

OH ANNA SÓ TU ÉS ANNA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Anna de Jesus Teixeira.

294

Andante

p A - lém vae a pre - su - mi - da, Ru - a chei-a de nin-guem; El - la cui-da que é bo - ni - ta, Na - da d'is-so el - la tem.

f Oh An - na, só tu és An - na, Oh An - na, só tu és mi - nha, Oh An - na, só tu és An - na, Das An - nas a mais lin-di-nha.

D. C.

Além vae a presumida,
Rua cheia de ninguem:
Ella cuida que é bonita
Nada d'isso ella tem.
Oh Anna, só tu és Anna,
Oh Anna, só tu és minha;
Oh Anna, só tu és Anna,
Das Annas a mais lindinha.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo:
Não ha poço, por mais alto,
Que se lhe não chegue ao fundo.
Oh Anna, tres vezes Anna,
Oh Anna, feita de cêra:
Quem fôra braza de lume,
Anna, que te derretêra.

Quem é pobre sempre è pobre,
Quem é pobre nada tem:
Quem é rico, sempre é nobre,
E ás vezes não é ninguem.
Oh Anna, só tu és Anna,
Anna do meu coração;
Hei de te roubar um beijo
Quer tu o queiras quer não.

VOCÊ, SÔ MANEL, TEM COISAS

DANÇA PULADA

Á Ex.ma Snr.a D. Mecia d'Araujo Silva.

Allegretto

295

Tris - te vi-da, cru - el sor - te, Já é tem-po de a - ca - bar: Se hei de vi-ver em tor - tu - ra, Oh mor-te vem-me bus -car.

Ai, vo- cê, sô Ma-nel, tem coi-sas, que me faz'ar-re - ne - gar: Co-si - do, não o quer co - mer, As - sà - do, não o quer pro - var.

Triste vida, cruel sorte,
Já é tempo de acabar:
Se hei de viver em tortura
Oh morte vem-me matar.

Ai, você, sô Manel, tem coisas,
Que me faz'arrenegar:
Cosido, não o quer comer,
Assado, não o quer provar.

Oh rosa de mim te queixas,
Tu te queixas sem razão:
Eu já te achei desfolhada,
Não te colhi em botão.

Não me venhas alterado
Suspende a tua vingança,
Bem me basta o meu martyrio
Em te amar sem ter esperança.

Eu hei de ir á tua rua,
Saltar á tua janella,
Só p'ra ver a tua cama
Se cabemos ambos n'ella.

Oh rapaz, tu és pimpão,
Com respeito ao cantar:
Tua mãe que te dê pão,
P'ra te acabar de crear.

Recolhida na Villa do Cano, concelho de Souzel, Alemtejo, pelo Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almeida, em 1891.

Dança.—Passo de polka.

OLHA O BICHO!

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Aida Fortunata de Moraes.

296

Andante SOLO o piano 8a

Te - nho tres o - ve - lhas, mais u-ma cor-dei - ra, que - ro-me ca - sar, não ha quem me quei - ra.

RECIT. *Pergunta* Que - res-me? *Resposta* Não. CORO O-lha o bi - cho! 'stá lá den - tro.

SOLO Pois se es-tá dei - xa-lo es-tar; 'stá a dor mir, 'stá a des - can -çar. CORO O - lha o bi - cho!

Tenho tres ovelhas
Mais uma cordeira,
Quero-me casar
Não ha quem me queira.
— Queres-me?
— Não.
«Olha o bicho!
Está lá dentro,
— Pois se está deixal-o estar;
Está a dormir, 'stá a descançar.
«Olha o bicho!

Tenho um campinho,
E mais uma leira:
Quero-me casar,
Não ha quem me queira.
— Queres-me? etc.

Tenho tres toalhas,
Todas tres de linho;
Tenho um alguidar,
Mais um pucarinho.
— Queres-me? etc.

Tenho duas arcas,
E uma maceira,
Onde amasso o pão
A' segunda feira.
— Queres-me? etc.

Tenho uma caravella,
Que anda no mar:
A ganhar dinheiro
P'ro meu enxoval.
— Queres-me? etc.

Este jogo é antigo.

Jogo.—Grande roda de pares e uma creança no centro; esta canta a solo a quadra; depois uma creança da roda pergunta-lhe: *Queres-me?*—a que a outra responde: *Não* As da roda cantam em coro. *Olha o bicho! Esta la dentro!* A que está no meio responde: *Pois se está deixal-o estar; está a dormir, está a descançar.* O coro termina, dizendo: *Olha o bicho!*

Se a creança que está no meio diz *sim* em logar de *não*, toma para par a que escolheu e a outra vae para o meio, e continua o jogo.

HYMNO NACIONAL HESPANHOL

(VULGO HYMNO DEL RIEGO)

Ás damas da colonia hespanhola em Portugal.

Allegretto

297

ff *mf* *fz* *f* *dim.* *cresc.*

fz

tri - a nos lla - ma a la lid, Ju - re - - mos por

fz

el - - la ven- cer ó mo - rir.

f

fz

dim.

cresc.

marcato

f

8a

8a

D. C.

ff

dim.

HYMNO NACIONAL HESPANHOL

Blandamos el hierro
Que el timido esclavo
Del libre, del bravo
La faz no osa ver.
Sus huestes cual humo
Vereis disipadas
Y a nuestras espadas
Fugaces correr.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

El mundo vió nunca
Mas noble osadia?
Lució nunca un dia
Mas grande en valor,
Que aquel que inflamados
Nos vimos del fuego
Que escitara en Riego
De la Patria el clamor?

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Honor al caudillo,
Honor al primero
Que el civico acero
Osó fulminar.
La patria afligida
Oyó sus acentos
E vió sus tormentos
En gozo tornar.

CORO

Soldados, etc.

Su voz fué seguida,
Su voz fué escuchada,
Tuvimos en nada,
Soldados, morir;
Y osados, quisimos
Romper la cadena,
Que de afrenta llena
Del bravo el vivir.

CORO

Soldados, etc.

Mas ya alarma tocan:
Las armas tan solo
El crimen, el dolo
Podran abatir.
Que tiemble, que tiemble,
Que tiemble el malvado,
Al ver al soldado,
La lanza esgrimir.

CORO

Soldados, etc.

La trompa guerrera
Sus ecos dá al viento;
De horrores sediento
Ya muge el canon;
Ya Marte sañudo
La audacia provoca,
Y el genio se invoca
De nuestra nacion.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Se muestran, volemos,
Volemos, soldados:
Los veis aterrados
Su frente bajar?
Volemos, que el libre
Por siempre ha sabido
Del siervo vendido
La frente humillar.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Em 1812, livre a Hespanha da invasão napoleonica, proclamou a sua constituição, e quando offereceu a Fernando VII o sceptro e a corôa, apresentou-lhe juntamente o seu codigo politico. Aquelle monarcha acceitou-o; porém, pela sua indole absolutista, abusou demasiadamente do poder, o que motivou uma revolução militar que teve por chefes os generaes Queiroga e Riego. Este ultimo, de grandes sympathias no exercito, mereceu que lhe fosse dedicado o presente hymno que se chamou *Hymno del Riego*. Quando em 1816 a causa constitucional triumphou e Fernando VII jurou solemnemente a constituição, este hymno tornou-se nacional.

Portugal estava então sob uma tutella estrangeira. O rei D. João VI tinha fugido para o Brazil, deixando o paiz entregue aos inglezes; por isso os successos de Hespanha influiam poderosamente no animo popular, que se reconheceu no direito de se proclamar soberano, depondo d'esse attributo o monarcha covarde. As ideias constitucionaes germinadas no nosso paiz avolumaram-se e o *Hymno del Riego* achou ecco em Portugal; todas as classes o cantavam, e distribuiam-se por toda a parte varias poesias que lhe eram adequadas. Foi como um estimulo para a propaganda da nossa constituição de 1820.

A apreciação d'este hymno acha-se perfeitamente descripta pelo Ex.^mo^ Snr. Barros e Cunha na *Historia da Liberdade em Portugal*. Eis o que diz o illustre critico:

«Este hymno, cantado pelos hespanhoes, assobiado nos quarteis, não tinha a inspiração do infinito com que a *Marselheza* arrebatava, enlouquecia a alma da França.

No hymno francez erguia-se, expandia-se a nobre aspiração da humanidade na lucta do cidadão contra o soldado, do direito contra a força, do braço contra o ferro, do peito contra o canhão, do amor da patria contra os invasores.

No hespanhol era um homem o assumpto, uma classe a invocação.

Esse mesmo defeito o tornou comprehensivel ao exercito, e com elle se excitou o espirito de constitucionalismo militar, que por muitos annos fez, em Portugal e na Hespanha, da rebellião vencida um crime, da revolução victoriosa uma virtude.»

ECCO E NARCISO

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Magalhães.

Poesia do Visconde de Castilho.

Adagio

298

p

Jo - vem Li-lia a-ban-do - na - da, por seu lin-do ingra to a-

man - - te, so - - li-ta-ria e de-li - ran - - te,

di - - va-ga-va em seu jar - dim, e ás flo - ri - - - nhas que a cer-

ca - - - vam e ás flo - ri - - - nhas que a cer - ca - - - vam, a cho-

rar, a cho -rar, a cho -rar, di-zi-a as- sim:

ECCO E NARCISO

Joven Lilia, abandonada
Por seu lindo ingrato amante,
Solitaria delirante
Divagava em seu jardim,
E ás florinhas, que a cercavam
A chorar dizia assim:

«Vosso fado e curta vida,
Quanto invejo, ó minhas flores!
Se gosaes breves amores
Co'a existencia os acabaes:
Eu perdi ternos affagos,
E ainda existo entre os mortaes.»

N'isto aos olhos por acaso
Se lhe offerece alvo Narciso:
Corre a Nympha e de improviso
Quer a flor aos pés calcar;
Que o retrato d'um perverso
Não se deve conservar.

Sobre o pé da tenra planta
Vingativa dextra alçara;
Porem treme, hesita e pára,
Não se atreve a ser cruel:
«Vive, diz, ó linda imagem,
Do meu barbaro infiel.»

«Vive, ó flor, e ás inexpertas,
Qual eu fui, traze á memoria
De Ecco afflicta a escura historia,
Triste victima do amor,
Vive e lembrem-se os ingratos,
Qual se pune atroz rigor.»

Esta aria de sala foi a que mais voga teve e mais popular se tornou na sua epocha, principio do segundo quartel d'este seculo.

MEU BEMZINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Claudina Hebrêa Dias de Carvalho.

299

UMA VOZ

Can - ta o mel - ro no lou-rei - ro, e o par-dal nos mi – lhei-raes;

CORO

Can ta o mel - ro no lou rei - ro, e o par-dal nos mi - lhei-raes;

UMA VOZ

Os ra-pa - zes can - tam, ri - em, só as ra-pa - ri - gas dão ais;

CORO

Os ra-pa - zes, can - tam, ri - em, só as ra-pa - ri - gas dão ais.

Estribilho

Meu bem-zi - nho vou - me em-bo - ra, faz ca-ri-nhos a quem te a-do-ra.

Meu bem-zi - nho, vou - me em-bo - ra, faz ca - ri-nhos a quem te a-do - ra.

Meu bem-zi - nho já cá 'stou, faz ca - ri - nhos a quem te a-mou.

Meu bem-zi - nho já cá 'stou, faz ca - ri - nhos a quem te a-mou.

Canta o melro no loureiro,
E o pardal nos milheiraes;
Os rapazes cantam, riem,
Só as raparigas dão ais.

Meu bemzinho,
Vou-me embora,
Faz carinhos
A quem te adora.
Meu bemzinho,
Já cá estou,
Faz carinhos
A quem te amou.

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do ceu fui creado,
Perdi-me na noite escura,
Em teus braços fui achado.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece,
Desgraçada creatura
Que até o sol me aborrece!

O sol é a caixa d'ouro,
A lua é fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Oh estrellinha do norte,
Vae andando que eu já vou,
Deitando claras luzes
Já que o amor me deixou.

Lá no ceu está uma estrella,
Que se parece comtigo,
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Eu hei de amar, hei de amar,
Hei de amar bem sei a quem,
Eu hei de amar a meu gosto
Não ao gosto de ninguem.

Recolhida em Espinho, em 1884, por F. P. Nogueira.

Dança.—Grande roda e um par no centro. A roda gira para a direita e depois para a esquerda, emquanto se canta a quadra; e juntamente o par que está no centro vae dançando em passo de valsa vagarosa. No estribilho, quando cantam *meu bemzinho, vou-me embora,* etc., o par do centro sae para fóra da roda, o cavalheiro para um lado e a dama para o lado opposto, e assim acompanham a grande roda, tornando a entrar n'ella quando dizem: *meu bemzinho já cá'stou,* etc., dançam ainda, e na repetição o cavalheiro toma uma dama das da roda, e a dama um cavalheiro com quem dançam, e que deixam ficar no meio para de novo recomeçar a dança; tomando, o par que dançou, logar na grande roda.

LAGRIMAS

CANÇÃO ELEGIACA

Á Ex.ma Snr.a D. Delmira Rosalina d'Oliveira Cruz.

Andantino

300

p *f* *p*

Com as la - - gri- mas nos o - lhos,
Com a dôr no co - - ra- ção,
vou sol - tar da tris - - te ly - ra
a mi- nha tris- te can - ção;
E' sin - ge - la, tão sen - ti - da
co - mo os ais da

so - - li - dão; mas ar - den - te, a - bra - - za - do - - ra,

co - mo a dôr do co - - ra - ção! mas ar - den - te, a-

bra - za - do - ra, co - mo a dôr do co - ra - ção!

Com as lagrimas nos olhos.
Com a dôr no coração,
Vou soltar da triste lyra
A minha triste canção;
E' singela, tão sentida
Como os ais da solidão;
Mas ardente, abrazadora,
Como a dôr do coração!

Dentro d'alma foi nascida,
Foi a dôr que m'a inspirou,
Foi a férvida saudade
Que no meu peito m'a gerou;
Foi a benção derradeira
Que minha mãe me lançou!...
Foi a dôr, a — dôr immensa —
Que este canto me inspirou.

Minha mãe!... primeiro nome
Que a sorrir balbuciei!
Minha mãe!... doce harmonia
Que jámais olvidarei!
—Eu, por ella, as santas crenças
No meu peito acalentei;
Mãe, e Deus!... foram os nomes
Que a sorrir balbuciei.

Minha mãe!... oh minha amiga!
Meu primeiro e santo amor!
Para mim foste na vida
Mais que um anjo do Senhor!
Quantas vezes no teu peito,
Escondi a minha dôr!...
Mãe! oh mãe! Tu foste sempre,
Meu primeiro e santo amor!

Sempre meiga e carinhosa
Vi o teu pranto correr,
Dôce pranto que soltavas
A' voz do meu padecer...
Eras mãe!... só tu podias
Minhas maguas compr'ender...
Ah! mil vezes com meu pranto
Vi o teu pranto correr...
....

Amor de mãe!...—amor santo —
Ai de mim! já o perdi!
Tão ardente, tão sagrado,
Nunca, nunca o conheci!
Ha muito amor, n'esta vida,
Mas, tão puro, nunca o vi;
«Amor de mãe» conheci-o
Só depois... quando o perdi!
....

E perdi-o!... sim, no mundo
Ao desamparo fiquei...
Foram lagrimas de fogo
Lagrimas que então chorei...
De joelhos sobre a campa,
«Mãe! oh mãe!» por ti bradei;
Mas debalde... não me ouvias...
Ao desamparo fiquei!...

Mãe! oh mãe!... Adeus... eu calo...
Mais não póde o coração!
Expirou... morreu nos labios
A minha triste canção!
Só teu nome inda repetem
Os eccos da solidão...
Teu nome — que o tenho n'alma
Como a dôr do coração!

Novembro, 1850.

Esta poesia é do fallecido poeta Pinheiro Caldas, e de todas a que mais popular se tornou.

ZINI, PINI, PINI

PASSEATA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelina Reis.

Allegretto

301

p Pas - sei pe - la tu - a por - ta, puz a mão na fe - cha - du - ra, Pas - sei pe - la tu - a por - ta, puz a mão na fe - cha - du - ra,

Se es - tás dor - min - do ac - cor - da, co - ra - ção de pe - dra du - ra. S'es - tás dor-min - do ac - cor - da, co - ra - ção de pe - dra du - ra.

Estribilho

f Zi-ni, pi-ni, pi - ni, ai qu'eu mor - ro, Zi-ni, pi-ni, pi - ni, é por ti; Zi-ni, pi ni, pi - ni, quem me a - co - de se - não que se - rá de mim.

D. C.

Muita pedra faz parede,
A muita parede altura,
A muita fome faz sede
A muita sede seccura.

Oh amor, na tua rua
Perdi um lenço encarnado,
N'uma ponta tinha a lua
E no meio o sol dourado.

Se eu tivesse que dar, dava,
Não tenho que dar, acceito,
Acceito penas e dôr
Causadas a teu respeito.

Venho de penha em penha
Chorando a minha agonia,
A terra me não sustenha
Se te for falso algum dia.

Já sou de caras a Hespanha,
Já volto p'ra Portugal,
As mulheres têm mais manha
Que sete zorras n'um valle.

De noite estragando solas,
Quem não anda não aprende:
De homens, cartas e bolas
Só o diabo é que entende!

Recolhida, a musica em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Eugenio J. Tarana, e a lettra pelo Ex.mo Snr. Thomaz Pires.

OH PAVÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Isabel Maria da Rocha.

Allegretto

302

p Lem - bran - ças do tem - po an - ti - go, me fa - zem en - tris - te - cer; Lem - bran - ças do tem-po an - ti - go, Me fa - zem en - tris - te - cer; Quem a - ma não con - si - de - ra o que po - de a - con - te - cer, Quem a - ma não con - si - de - ra o que pó - de a - con - te - cer.

D. C.

Oh pavão, lindo pavão,
Linda penna o pavão tem:
Não ha olhos para amar
Como são os do meu bem.

Como são os do meu bem,
E como os da minha amada;
Oh pavão, lindo pavão,
Pavão de penna dobrada.

Oh coração de tres azas,
Dá-me uma, quero voar;
Eu quero subir ao ceu,
E vindo tornar-t'a dar.

Oh penas não venhaes juntas,
Que não quer meu coração:
Vinde de duas a duas,
Dae logar ás que cá estão.

Oh amor, namora a graça,
Não namores formosura,
Que a formosura sem graça
E' viver em noite escura.

Tenho pena de quem pena,
De quem pena e pena bem;
Tenho pena de mim mesmo
Que peno mais que ninguem.

Recolhida em Coimbra em 1890.
Depois de cada quadra repetem-se as duas do estribilho: *Oh pavão, lindo pavão,* etc. e *Como são os da meu bem.*

SAN JOÃO DE POMBAL

CORO DE ROMEIROS

À Ex.ma Snr.a D. Amelia Marques Pinto

Andante

303

p Oh San Jo- ão vin-de cê - - do, ao ac - cen der das fo- guei - - ras, Vin- de pe la mi-nha por - - ta. Que as mi - nhas são as pri- mei - - ras. *graciosо* *f* Ai, que é a -quil-lo que é a -quil-lo que é a - quil - lo? San Jo- ão, a - traz d'um gri - - lo? Ai, não é na-da, não é na-da, não é na - da. San Jo - ão, a co - mer pes- ca - - da.

S. JOÃO DE POMBAL

Oh meu querido San João,
Dae-me breve um noivo rico,
Com a vossa protecção,
Lá solteira é que eu não fico.

Ai, que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo?
San João atraz d'um grillo.
Ai não é nada, não é nada, não é nada,
San João a comer pescada.

Eu hei de ir ao San João,
Amanhã, depois da sesta,
Com o meu amor ao lado...
Ai Jesus que rica festa!

Pelariga, Pelariga, (1)
Quem podesse ir lá agora,
P'ra cantar uma cantiga
Ao santinho que lá mora.

Eu hei de ir ao San João,
E levar-lhe um bom presente,
Se der vida e der saude
Ao meu bem que está doente.

O meu amor é Antonio
Mas antes fôra João,
Que é o nome do santinho
Mais da minha devoção.

Vamos, cachopas, á dança,
Haja vida... animação!
Ninguem dorme, ninguem cança
Na noite de San João.

Vinde, oh bellas, sem demora
Dar começo á vossa lida,
O San João vae-se embora,
São dois dias esta vida.

As moças de Pombal, são
Ternas pombas a arrular.
E chegando o San João
São rouxinoes a cantar.

Meia noite está soando
No relogio de Cardal, (2)
Vou saber das alcachofras
Se me queres bem ou mal.

(1) Pelariga é a sede d'uma freguezia, cujo orago é S. João Baptista, e que fica a distancia de cinco kilometros de Pombal.
(2) O Cardal é um formoso logar da villa, onde se acha edificado o magestoso convento de Santo Antonio, onde estiveram depositados, até 1854, os ossos do Marquez de Pombal; ainda se lá vê o caixão que conteve aquelles restos até que foram transportados para Lisboa, no referido anno.

SERENATA D'UM LOUCO

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta Amelia Pinheiro.

Moderato

304

Mu-lher for- mo - sa, se-du-cto-ra e lin - da, que a-mor me

pa - gas com des-pre-zo teu: Mu-lher for- mo - sa, se-du-cto-ra

lin - da, que a-mor me pa - gas com des-pre zo teu: Hei de pro-

rall.

var - te que a pai-xão não fin - da E vi - ve a- in-da e vi-ve a-in-da qual nas-

Mulher formosa, seductora e linda,
Que amor me pagas com despreso teu:
Hei de provar-te que a paixão não finda,
E vive ainda,
E vive ainda,
Qual nasceu.

Se alta noite, no silencio, um canto
Repercutir no aposento teu:
Triste, tão triste, qual sentido pranto,
Esse canto,
Esse canto,
Será meu.

Se pelas ruas divagando um louco,
Misero ente que a rasão perdeu:
Se á tua porta fôr sentar-se um pouco,
Esse louco
Esse louco
Serei eu!

Recolhida em Moncorvo, em 1897, pelo Ex.mo Snr. Antonio Joaquim Vieira de Barros.

VAE-TE EMBORA, PASSARINHO

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Reis.

305

Adagio o piano 8a

p O mar pe-diu a Deus pei - xes, O pei-xe pe-diu fun-du - ra,

O ho-mem pe-diu ri - que - za, a mu-lher a for - mo - su - ra.

Vae-te em-bo-ra pas-sa - ri - nho, dei-xa a ba-ga do lou- rei - ro;

dei-xa dor-mir a a-çu- ce - na, qu'es-tá no so-mno pri - mei - ro.

O mar pediu a Deus peixe,
O peixe pediu fundura,
O homem pediu riqueza
E a mulher, formosura.

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir a açucena,
Que está no somno primeiro.

Oh que linda troca d'olhos
Que fizeram dous amantes:
Trocaram dous olhos pretos
Por dous azues tão galantes.

Vae-te embora, passarinho, etc.

Quem tiver olhos azues
Bem os pode arrecadar;
Os olhos azues são poucos,
São custosos d'encontrar.

Vae-te embora, passarinho, etc.

Recolhida em Odemira (Alemtejo) pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio em 1893.

OS OLHOS DA MARIANITA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.^ma Snr.^a D. Margarida Ludovina de Oliveira Andrade.

Andantino

306

f Os | o - lhos da Ma-rian- | ni - ta, São | ver - des co-mo o li- | mão, Os

o - lhos da Ma - rian - | ni - ta, São | ver - des co-mo o li - | mão, Ai!

sim, Ma-rian-ni - ta, ai! | sim, Ai! | sim, Ma-rian-ni - ta, ai! | não. Ai!

D. C.

sim, Ma-rian-ni-ta, ai! | sim! Ai! | sim, Ma-rian-ni-ta, ai! | não.

Os olhos da Mariannita
São verdes como o limão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Os olhos da Mariannita
Tenho-os eu aqui na mão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Os olhos da Mariannita
Já lá vão para o Japão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Esta cantiga foi recolhida em 1852.

ROLINHA QUE VAE ROLANDO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmira Anjos.

Andantino

507

Ai de mim que eu já não pos - so can - tar u - ma can - ti gui nha; Ai de mim que eu já não pos - - so can - tar u - ma can - ti - gui-nha Fui be ber a gua d'a mo - - res, fi - cou-me a fal-la bran - di-nha, Fui be ber a-gua d'a - mo - - res, fi - cou-me a fal-la bran -di-nha.

Ai de mim que eu já não posso
Cantar uma cantiguinha;
Fui beber agua d'amores,
Ficou-me a falla brandinha.

Rolinha que vae rolando,
Por cima do meu chapeu;
Vae rolando e vae dizendo:
Nós anjinhos vamos p'ra o ceu.

Eu perdi o bem que tinha,
Nunca o pude restaurar;
Tenho pena, sentimento,
Do meu amor me deixar.

Rolinha, etc.

Se eu fora rico e feliz
Eu fidalgo e tu ninguem,
Nada d'isso me importava
Bondava eu querer-te bem.

Rolinha, etc.

Ferros d'el-rei são prisões,
Mas o amor inda é mais forte;
Para os ferros inda ha limas,
Para o amor, nem a morte.

Rolinha, etc,

Uma só palavra tua
Decide da minha sorte;
Dar-me o sim é dar-me a vida,
Dar-me o não é dar-me a morte.

Rolinha, etc.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo, em 1889 por F. Pinto Nogueira.

BATE, LAVADEIRA

CORO

A Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Augusta Bandeira.

Allegretto o piano 8ª

308

f Ba-te, la-va-dei-ra, la-va-dei-ra ba-te, Que as nos-sas can-ti-gas não teem re-ma te! Ba-te, la-va dei-ra, la-va-dei ra ba-te, que as nos-sas can-ti-gas não teem re-ma-te.

Fim

O meu a-mor é bar-quei-ro, ga-nha a vi-da a le-var fre-te, Quan-do che-ga da jor-na-da, diz me a-deus co'o seu bar-re-te.

1.ª vez — re-te.

D. C.

Em quanto o rio sosinho
Vae de longada pr'a o mar,
Fica a triste lavadeira
Sempre a lavar, a lavar.

Bate, lavadeira,
Lavadeira bate,
Que as nossas cantigas
Não teem remate.

Que dirão os marinheiros
Do barquinho manso e leve,
Quando virem nossos braços
Tão brancos da cor da neve?

Bate, lavadeira, etc.

Que dirá o proprio rio
Quando vier disfarçado,
Beijar-me o pé dentro d'agua
Tão fresquinho e tão lavado?

Bate, lavadeira, etc.

Este coro pertence a uma ligeira operetta (A Noiva de João), de que é author o Ex.ᵐᵒ Snr. dr. Adolpho Portella, e que ha annos foi cantada n'um modesto theatrinho de Agueda, mas que ali se popularisou.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA IX

À Ex.ma Snr.a D. Maria Isabel de Souza Loureiro.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XVI, *Parte* II.

Adagio

309

Al - ma di-gna de mil a - vós au - gus - tos! tu sen-tes, tu so -

lu - - - ças ao ver ca-hir os jus - - - - - - - - tos; hon -

ras as san - tas leis da huma - ni - da - de e os teus e - xem - plos

de - - - ve gra-var com let - tras de ou - ro no seu tem - plo a

can - - - - - - - - - - - di - da A - - - mi-za - - - - - de.

D. C.

Continuado da pag. 236.

MARILIA DE DIRCEU

Alma digna de mil avós augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da humanidade:
E os teus exemplos deve
Gravar com letras d'ouro no seu templo
A candida Amizade.

Se alcanças Eneas, capitão piedoso,
Entre os heróes do mundo
Um nome glorioso,
Não é, porque levanta uma cidade;
E' sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa edade.

Não é, não é d'heróe uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não é tambem d'heroe um peito duro,
Que a sua gloria firma
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remíra:
Inda por elle muito mais obrara;
E se nada servisse,
Fizera então, amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto ousado chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu, e chora,
E' grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Oh! quanto são duraveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguaes idêas!
Se apesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma egual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella,
Ah! sim, honrado amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantea então com ella.

ESTOU-ME ALINHAVANDO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Pereira Magro.

Moderato

310

Quem dis- ser que o amar que cus - ta estou-me a li-nha -van-do já me a - li-nha-
Eu a - mei e fui a - ma-do
vei 'stou-me re-men dan-do, já me re-men -dei, é cer - to que
nun - ca o a - - mar
1.a vez nun - - ca a -mou
2.a vez me cus- tou
D. C.

Quem disser que o amar custa
Estou-me alinhavando,
Já me alinhavei:
Estou-me remendando,
Já me remendei.
E' certo que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Estou-me alinhavando,
Já me alinhavei;
Estou-me remendando,
Já me remendei.
Nunca o amar me custou.

* Da janella do palacio
Me atiraram com uma funda,
Deu na guarda, deu na ronda,
Deu nas costas d'um corcunda.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora;
Mais padece quem não vê
Seu amor a toda a hora.

Meu amor que estás tão longe
Auzenta-te e vem-me ver:
Olha que as vidas são curtas,
Póde algum de nós morrer.

Esta musica é muito antiga. No reinado de D. Miguel os constitucionaes serviam-se d'ella para allusões politicas, como a quadra que está indicada com *.

VA'! LARANJA AO AR!

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Victorina da Silva.

Andantino

311

Qua - tro coi - sas são pre - ci - zas pa - ra sa ber na mo - rar: O - lho fi - - no, pé li - gei - ro, res - pon - der, sa - ber fal - lar. Vá! la ran ja ao ar! que eu ve - nho de Lis - bo - - a, tu não tens em ca - sa u - ma coi - sa boa. Vá! la - ran - ja ao ar! que eu ve - nho da Fi - guei - ra tu não tens em ca - sa a flor da la - ran - gei ra.

Quatro coisas são precizas,
Para saber namorar:
Olho fino, pé ligeiro,
Responder, saber fallar.
Vá! laranja ao ar!
Que eu venho de Lisboa:
Tu não tens em casa
Uma coisa boa.
Vá! laranja ao ar!
Que eu venho da Figueira,
Tu não tens em casa
A flor da laranjeira.

Oh meu amor, se partires,
Escreve-me do caminho,
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.
Vá! laranja ao ar!
Que eu venho, eu venho,
Da fabrica nova,
De ver o engenho.
Vá! laranja ao ar!
Fita no chapeu:
Quando estou comtigo
Cuido estar no ceu.

Tenho dentro do meu peito
Um logar para te dar,
Faz, amor, por o merecer,
Que eu não t'o hei de negar.
Vá! laranja ao ar!
Quem me dera ver,
O meu amorzinho,
Que inda ha de nascer.
Vá! laranja ao ar!
Quer sim e quer não,
Tu és a alegria
Do meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1880.

A ROLINHA ANDOU

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelina da Rocha Fernandes.

Andantino

312

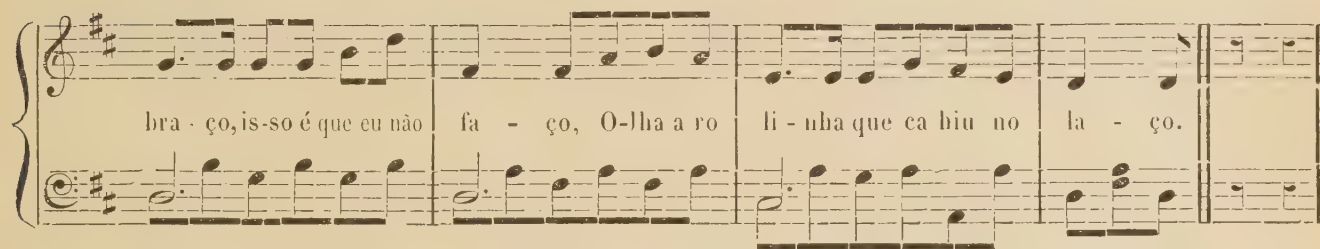
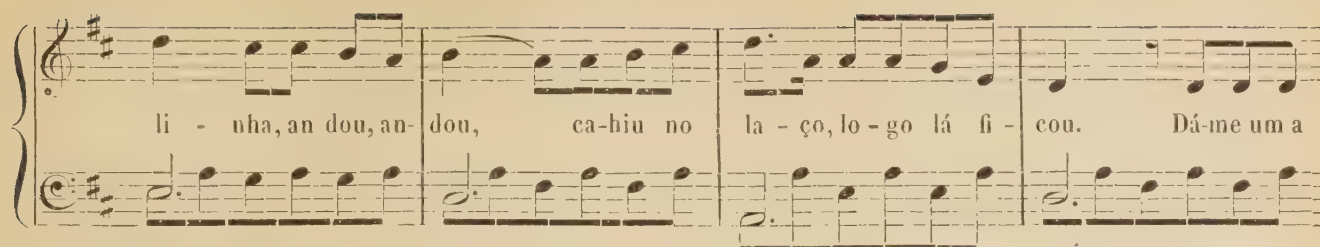
O meu co - ra - ção fe- chou - se com u- ma cha - vi-nha d'ou - ro, O meu co - ra - ção fe - chou - se com u - ma cha - vi - nha d'ou - ro, Des - fe- char nos - sa a - mi - za - de, nem o rei com o seu the - sou - ro. Des fe- char nos - sa a - mi - sa - de, nem o rei com o seu the- sou - ro. O-lha a ro-

con 8a

li - nha an-dou, an- dou, ca - hiu no la - ço, lo - go lá fi - cou. O-lha a ro-

li - nha, an dou, an- | dou, ca-hiu no | la - ço, lo - go lá fi - | cou. Dá-me um a

bra - ço, is-so é que eu não | fa - ço, o-lha a ro | li - nha que ca-hiu no | la - ço, Dá-me um a-

bra - ço, is-so é que eu não | fa - ço, O-lha a ro | li - nha que ca hiu no | la - ço.

O meu coração fechou-se
Com uma chavinha d'ouro:
Desfechar nossa amizade,
Nem o rei com seu thesouro.

Olha a rolinha,
Andou, andou,
Cahiu no laço,
Logo lá ficou.
Dá-me um abraço,
Isso é que eu não faço;
Olha, a rolinha
Que cahiu no laço.

Adeus jardim das flores,
Meu lindo amor-perfeito,
Quando alguem te procurar
Seja dentro do meu peito.

Eu amei esses teus olhos,
Cravo roxo bem parecido,
Dentro do meu coração
Andas todo já mettido.

Plantei-te no meu peito
Arvore de tóro grosso;
Deixei-te crear raizes,
Quiz arrancar-te, não posso.

Já me tinhas bem captiva,
Isto é uma verdade;
Agora já me não tens,
Que és cheio de falsidade.

Jã os meus olhos não olham
P'ra quem olhavam em tempo,
Porque os tenho obrigado
A fugir do seu intento.

Escuta, se queres ouvir,
O que diz meu coração:
Em tempos gostei de ti,
Agora não gosto, não.

Dança.—Durante a quadra dança-se de roda; e no estribilho os pares soltam as mãos; na primeira quadra cada par dá duas voltas, e na segunda as damas passam ao cavalheiro do par immediato, com quem repetem a dança e assim continuam até voltar ao seu par.

CHAMARRITAS

DANÇA INSULANA

A Ex.ma Sur.a D. Maria Walter da Fonseca e Souza.

315

N.º 1

Variada

Allegretto con 8a

Oh | olhos a - zues que- | ri - dos, côr do | mar quan-do es tá | man - so, No

di - a que te não | ve - jo meu | co - ra-ção dá ba- | lan - ço.

N.º 2

Velha

Andante con 8a

Bas - ta | pen - sa men - to, | bas - - ta, Dei-xa- | me em-fim des - can | -çar;

Um bem | que ser meu não pó | - de, E' um | tor - men to lem- | brar.

D. C.

N.º 3
Nova

De-li-ca-do é o fu-mo que pas-sa a te-lha do-bra-da,

D. C.

De-li-ca-dos são os o-lhos Que na-mo-ram de pan-ca-da.

N.º 4
Michaelense

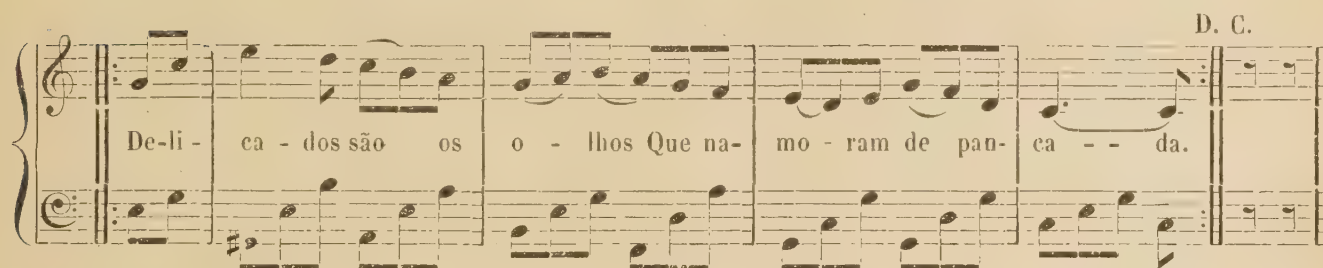
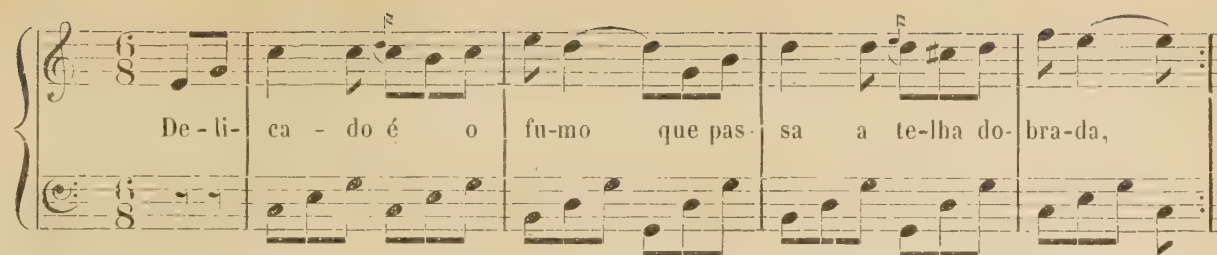
Quem tem ja-nel-la de vi-dro não po-de a-ti-rar pe-dra-da.

D. C.

Vae a-ti-rar ás a-lhei-as, já a-cha a su-a que-bra-da.

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me, emfim, descançar;
Um bem que ser meu não pode
E' um tormento lembrar.

Andae cá á Chamarrita,
Com garrafas e não bilhas,
E' assim como se canta
A Chamarrita das ilhas.

Deixae vós fallar quem falla,
Deixae vós dizer quem diz,
Deixae vós correr as aguas
Direitas ao chafariz.

Coração não gostes d'ella,
Que ella não gosta de ti,
Não estejas coração,
Tepe, tepe, tepe, ti.

Delicado é o fumo
Que passa a telha dobrada,
Delicados são os olhos
Que namoram de pancada.

Oh olhos azues queridos,
Côr do mar quando está manso,
No dia que te não vejo
Meu coração dá balanço.

Tenho pennas sobre pennas,
Todas da banda direita;
Como póde adormecer
Quem sobre pennas se deita?

Oh minha Ribeira secca,
Minha Ribeira de flores,
Para lá de ti, Ribeira,
E' que eu tenho os meus amores.

Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha meúda:
Quizeste-me experimentar,
Amor firme não se muda.

Estas danças pertencem aos bailados açorianos. E' costume, nas ilhas, nas casas onde se esteja a dançar a Chamarrita, não se negar a entrada a qualquer individuo, mesmo que seja estranho, que peça para assistir ao divertimento.

AVÉ! CHEIA DE GRAÇA

HYMNO RELIGIOSO

À Ex.ma Snr.a D. Olivia Sylvia Fernandes d'Almeida.

Lettra do Rev.o Egas Moniz.
Musica do Rev.o Manoel do Couto Benevides.

Allegro marcial

314

f

mf

f

SOLO

A — vé! che — ia de

AVÉ! CHEIA DE GRAÇA

Avé! Cheia de graça,
Mãe do Verbo Encarnado,
Horto não maculado
Com a culpa d'Adão.

CORO

Cantae, oh filhos da culpa,
Cantae, oh filhos d'Eva,
A que o anjo da treva
Com pé firme esmagou.

Potestades e Thronos,
Cherubins e Archanjos,
A' Rainha dos Anjos
Sublimae, sem cessar.

CORO

Cantae, etc.

Diademas gementes,
A' Mãe terna d'encantos,
Offereçam os Santos
Na celeste mansão.

CORO

Cantae, etc.

Reluzentes estrellas,
Que brilhaes nas alturas,
Proclamae as doçuras
Da Estrella do Mar.

CORO

Cantae, etc.

Meteoros e nuvens,
Maravilhas do Eterno,
Em poema superno
A Maria cantae.

CORO

Cantae, etc.

Em suaves trinados,
Creaturas voantes,
Celebrae incessantes
Casta Flor de Jessé.

CORO

Cantae, etc.

Habitantes dos mares,
Com os brutos da serra,
E as plantas da terra
A Maria adorae!

CORO

Cantae, etc.

Este hymno é muito popular nos Açores, onde o reverendo padre michaelense, Benevides, e o reverendo padre Moniz, exercem o seu ministerio.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA X

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina de Souza Loureiro.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIX, *Parte* II.

Andantino

315

Vejo, Ma - ri - lia, que o ne-dio ga - do an da dis - per - so no mon-te, e pra - do; que as-sim suc - ce - de ao des-gra - ça - do, que a per-der che - ga o seu pas - tor.

Mas in - da sof - fro a vi - va dôr.

Tambem conheço
Que os pegureiros,
Que apascentavam
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam
Um pae no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha de
Nem a charrua,
E nem a grade,
Que a mão lhe falte
Do lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá n'essa Aldea,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por um traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E d'elle Jove
Se compadece:
Que Jove, oh Bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dor.

Continuado da pag. 262.

O CHAPEU NOVO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmira Fortunata de Moraes.

Allegretto

316

Eu com | prei um cha - peu | no - vo pa - ra | ir a na - mo | rar, Eu com-

prei um cha-peu | no - vo pa - ra | ir a na - mo - | rar, ai, | ai, pa - ra

ir a na - mo - | rar, ai, | ai, Pa - ra | ir a na - mo - | rar.

Já o sapato me aperta
E a meia me dá calor,
Ai, ai,
E a meia me dá calor;
Meu coração me arrebenta
Se me não fallas, amor.
Ai, ai,
Se me não fallas, amor.

Eu comprei um chapeu novo
Para ir a namorar,
Ai, ai,
Para ir a namorar,
O chapeu vae-se rompendo
E o amor vae-se a acabar.
Ai, ai,
E o amor vae-se a acabar.

A borda do meu chapeu
E' de linhas de marcar;
Em morrendo vou p'ro ceu,
Que já lá tenho logar.

Eu comprei um chapeu branco
Para namorar de noite,
O chapeu branco rompeu-se
O amor logrou-o *oitro*.

Puz-me a brincar com a rosa
Piquei-me nos seus espinhos,
E' bem feito, quem me manda
A' rosa fazer carinhos?

Eu comprei um chapeu novo
Todo feito ao desdem,
Para ir ver as meninas
Que juram me querem bem.

Por usar chapeu pequeno
Me chamam estravagante,
P'ra fallar ao meu amor
Tenho juizo bastante.

Chapeu novo, chapeu novo,
Essa fita não é tua,
Já me vae par'cendo mal
Tanta conversa na rua.

Tanto chapeu de borlinha,
Tanta agulheta de prata.
Tanta menina bonita,
Nenhuma por mim se mata.

A's abas do meu chapeu
Devo mil obrigações,
Que me encobrem os meus olhos
Em certas occasiões.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

Dança. — Em quanto cantam a quadra é dança de roda, para a direira na primeira parte e para a esquerda na segunda; quando cantam o estribilho, na primeira parte dançam o *fandango*, e na segunda cada cavalheiro fórma cadeia com a dama do par immediato e volta em seguida á sua dama.

AS IRMÃS DA CARIDADE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José de Moraes Faria Braga.

Allegretto

317

f As ir - mãs da ca - ri - da - de mo - ram na Quin - ta A - ma-

rel - - la, ai, oh ai, Mo - ram na Quin-ta A - ma- rel - la; Tam-bem

can - tam o Ma - lhão e dan - çam o Mi - ron - del - - la,

ai oh ai, e dan - çam o Mi - ron - del - la.

As irmãs da caridade
Moram na Quinta Amarella.
Ai, oh ai,
Moram na Quinta Amarella;
Tambem cantam o Malhão,
E dançam o Mirondella,
Ai, oh ai,
E dançam o Mirondella.

As irmãs da caridade
Andam c'os olhos no chão;
De touca e vestido preto,
E de camandolas na mão,

As irmãs da caridade
Não dão bons dias á madre,
Mas á noite? oh que pagode!
Dão boas noites ao padre.

As irmãs da caridade,
Quer chova ou faça calor,
Vão sempre á obediencia
Do seu padre director.

As irmãs da caridade
São filhas d'um serafim,
Fogem ás coisas do mundo,
Agora... só p'ra o bom fim.

Esta musica foi recolhida no Porto, em 1880, é uma variante da do *Chapeu novo* ou vice versa.

Estas cantigas partiram das grandes collectividades femininas, das fabricas de fiação e tabacos, e tiveram origem, por occasião de se estabelecer n'esta cidade, na freguezia de Paranhos, em uma propriedade denominada Quinta Amarella, o Recolhimento do Bom Pastor, para regeneração de peccadoras arrependidas. E'a estas a que a satyra popular se dirige, sob o nome de irmãs da caridade, e não, por certo, ás respeitaveis religiosas que são sympathicas pela sua abnegação e carinho para com os infelizes.

O MORIBUNDO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Eugenia de Moraes Pereira.

Poesia do dr. José Simões Dias.

Andante

318

p

Da vi - da vou fin-dar o meu de - gre - - do, E não

mais te ve-rei so-nha-do a-mor, E dei xo - te so-si-nha a-qui tão

ce - do sem ao me - nos con-tar-te a mi-nha dôr!

Da vida vou findar o meu degredo,
E não mais te verei, sonhado amor;
E deixo-te sósinha aqui tão cedo
Sem ao menos contar-te a minha dôr!

A morte não vem longe, que eu bem vejo
O término fatal do meu viver;
E morro sem sequer um leve beijo
Levar de cá por premio ao meu soffrer.

E morro sem o abraço da partida,
Longe de ti, pombinha, que eu amei!...
E vou-me, sem te ver, cá d'esta vida,
Trilhar novos caminhos, que eu não sei.

Podesse ao menos ver-te junto ao leito,
Dizer-te o que este amor por ti me diz:
Podesse ainda unir-te n'este peito,
Depois... oh ceus! morria tão feliz!...

Recolhida em Unhaes da Serra (patria do author da lettra, Bemfeita,) em 1870, onde era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o povo d'aquelle e outros logares.

FADO AMPHIGURI

À Ex.ma Snr.a D. Francelina Moreira Campos.

Andantino

319

f Quan do em Be-lem se for -mou pa - la - cio de grande al -tu - ra, Mui - ta gen-te lá fi - cou, Ou - tra foi p'ra se - pul- tu - ra.

D. C.

Os palacios da rainha
São casas de grande altura
Os que vão p'ra lá morar
Tambem vão p'r'a sepultura.

Quando em Belem se formou
Palacio de grande altura,
Muita gente lá ficou,
Outra foi p'r'a sepultura.
Casa cheia tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho;
Corre a gallinha p'ra o milho,
Quem paga são os pardaes.
Um burro tem atafaes,
Tambem se lhe põe estribos;
Todas as tendas tem figos
P'rá contentar os rapazes.
No mar andam alcatrazes,
D'estes que apanham gaivotas,
Aos que tem as pernas tortas
Todos lhe chamam *canêjos.*
Vão-se as sezões co'os desejos,
As feridas com unguento;
O moinho anda com o vento,
E lá no ar tece a aranha.
Esta cantiga é tamanha,
Não tem principio nem fim;
Um raminho d'alecrim
E' bom para os namorados.
As armas são p'ra os soldados
E tambem p'ra os caçadores;
Isto de quem tem amores
Traz o juizo a arder.
Tenho ouvido dizer
Quem é vario que padece,
Você diz que não conhece,
A'ruda pela toada;
Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada.
Você diz que marmellada
E' uma comida quente;
Ella se dá ao doente
E áquelles que bem se tratam;
P'ra os ricos os bois se matam,
Come o pobre o pão de rala.
Não ha correio sem mala,
Nem cegonha sem ter bico;
Vão para a ilha do Pico,
Que é terra de boa ameixa.
A paga que a fructa deixa
E' causar indigestões;
Pilhei já umas sezões
Por causa da melancia.
Tornemos á vacca fria
Que nos ficou do jantar,
Mais podéra o mar seccar,
A praia ser levadiça,
Tornar-se a penha em cortiça,
A agua fria escaldar,
Tornar-se o fel em doçura,
Em tudo haver mudança,
Do que em ti firmeza pura.

Este amphiguri cantava-se em Lisboa ha cincoenta annos, aproximadamente; mas é mais antigo.

O NÓ DA GRAVATINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Ephigenia Pereira.

Andantino

320

Se eu do -min-go for á mis - sa, não ve nhas com-mi-go, não; Nem eu re - zo nem tu re - zas, não pos - so dar-te at-ten - ção.

CORO con 8a

A-qui se can - ta, a-qui se dan - ça, a-qui se jo - ga a la - ran - ji - nha. Eu co- nhe - ço o meu a - mor pe - lo nó da gra - va - ti - nha.

D. C.

Se eu domingo for á missa,
Não venhas commigo, não;
Nem eu rezo nem tu rezas,
Não posso dar-te attenção.

Aqui se canta, aqui se dança,
Aqui se joga a laranjinha:
Eu conheço o meu amor
Pelo nó da gravatinha.

Suspirar é meu destino
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve d'allivio
Só comtigo estou contente.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Eu ausente do meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim.

Lá no ceu está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Esta musica era conhecida no principio d'este seculo.

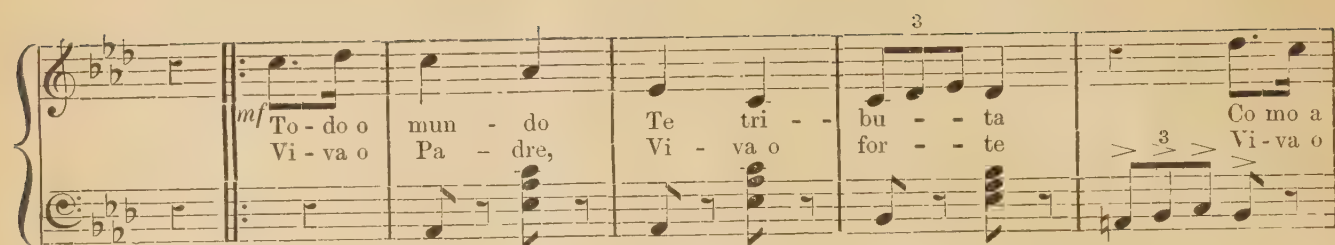
HYMNO DE S. S. LEÃO XIII

TRANSCRIPÇÃO

Ás damas do orbe catholico.

Lettra italiana do Prof. G. Brunelli.
Musica de F. Frenguelli.

Marcial assai mosso

321

f Squillo di tromba

f *f* *ff* *f*

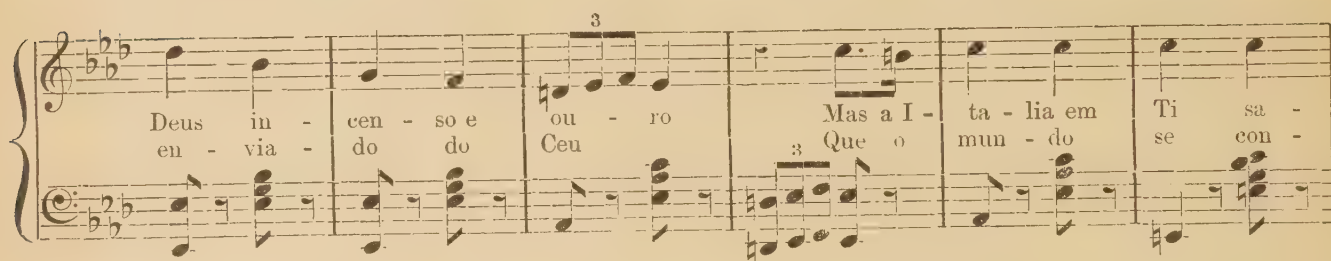
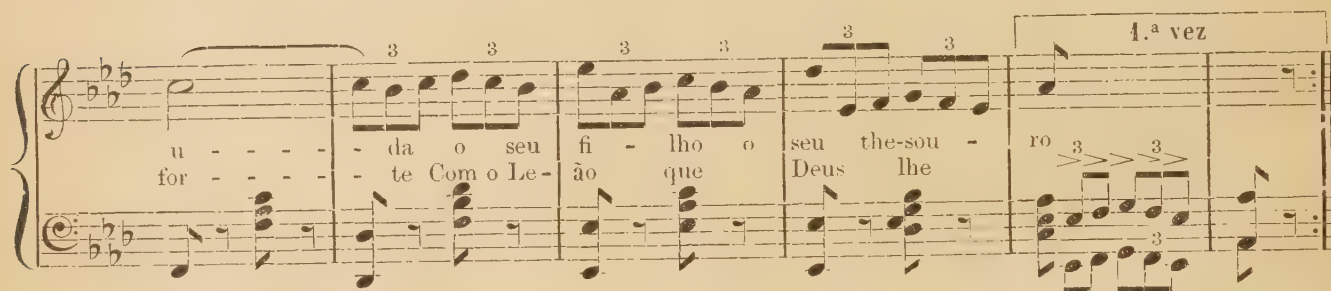
Sôe o can - to, e se dif - - fun - da Por to - do o mun - do a har-mo - ni - - - - a, Des - - pon - te a au - ro - ra ju - cun - da Que o Le - ão de Deus en - - - via

Sal-vé oh gran - de, em san - to ar - ca - no. Deus te e - le - ge e te su - - - pé - - - - ra E o u - ni - ver - so ao Va - ti - - ca - no Vol - ve a vis - ta e te ve - - - ne - ra.

ff

1.ª vez

2.ª vez

vi - a - - - do do Ceu. No en - vi - - - - - - a - do dò Ceu.

Sôe o canto, e se diffunda
Por todo o mundo a harmonia;
Desponte a aurora jucunda
Que o Leão de Deus envia.
Salvé, oh grande, em santo arcano
Deus Te elege e Te supéra;
E o universo ao Vaticano
Volve a vista e Te venera.
Todo o mundo Te tributa,
Como a Deus, incenso e ouro,
Mas a Italia em Ti saúda
O seu filho, o seu thesouro.

Viva o Padre, viva o forte,
Viva o enviado do Ceu;
Que o mundo se conforte
Com o Leão que Deus lhe deu.
O teu braço estende, estende;
Ruge, ruge, oh gran Leão;
E o Teu rebanho defende
Dos lobos e do dragão.
Ainda narra o Eridano
D'aquelle Magno o valor,
Quando d'Attila inhumano
Foi oppresso o seu furor.

Áquelle não és menor
No gran nome e no poder;
Tu, de Pedro o Successor,
Tu, Vigario ao Summo Ser.
Á sombra d'esse Teu Vulto
O orbe em paz pousará;
E o inimigo do culto
Por teu valor cahirá.
Vive, oh principe, vive, oh forte,
Vive, oh Pae que a Fé nos deu,
Gose o mundo e se conforte
No enviado do Ceu.

Suoni il canto, si diffonda
L'armonia de' lieti dì:
Di Quirino in sulla sponda
Il Leon di Dio ruggì.
Salve, o grande; nom invano
Dio Ti elesse e a noi Ti diè;
L'universo al Vaticano
Volge il guardo e fida in Te.
Tutto il mondo a Te tributa,
Come a Dio, l'incenso e l'or;
Ma l'Italia Ti saluta
Suo figliuolo e su decor.

Viva il Padre, viva il forte,
Viva il messo a noi dal ciel;
Viva Italia, e si conforte
Nel gran duce d'Israel.
Le tue braccia stendi, stendi;
Ruggi, ruggi, o gran Leon;
E la greggia ognor difendi
E dai lupi e dai dragon.
Ancor narra l'Eridàno
Di quel Magno la virtù,
Quando d'Attila inumano
Il furore oppresso fu.

Tu di quel non sei minore
Nel gran nome e nell'ardir;
Tu de Pietro il Successore,
Tu Vicario al Sommo Sir.
Così all'ombra dè tuoi vanni
L'orbe in pace poserà;
E l'Italia ai crudi affanni
Per Te lieta il fin vedrà.
Vivi, o prence, vivi o forte,
Vivi, o Padre della Fè:
Godi, Italia, e ti conforte
Nel Leon che il ciel ti diè.

A transcripção d'este hymno é apenas uma *particella* da voz e côro, com a guia d'acompanhamento, para piano. O arranjo completo para piano e canto é edição da casa Lucca de Milão.

A tradução da poesia para portuguez, conforme se canta entre nós, é por vezes livre para a apropriar na generalidade aos outros paizes catholicos, fóra da Italia.

COM A PENNA

DANÇA DE RODA

A Madame Marie Rochet.

Allegretto

522

p Com a pen na e a pra - ta se ma - ta, sem o ou - ro se po - de pas-sar, Com a pen-na e a pra - ta se ma - ta, sem o ou -ro se pó - de pas - sar; Com o co-bre se co-me e se be - be; vi-vam as mo ças que sa-bem dan-çar. Com o co-bre se co-me e se be - be: vi-vam as mo-ças que sa-bem dan -çar.

N'um só momento que tenha
A dita de te encontrar,
Em segredo te direi
O motivo de eu penar.

O amor e o ciume
Fizeram paz e união;
Quem tem amores tem ciumes,
Quem tem zelos tem paixão.

Hei de escrever a Cupido
Mandando-lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

Com a penna e a prata se mata,
Sem o ouro se pôde passar,
Com o cobre se come e se bebe;
Vivam as moças que sabem dançar.

Vae, amor, por esse mundo
Procurar melhor riqueza;
Se não a encontrares, volta
Aos restos d'esta pobreza.

Lá no ceu vae uma nuvem,
Todos dizem — bem a vi;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Recolhida em Coimbra, em 1886, por F. P. Nogueira.

ADORO OS TEUS OLHOS

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Reis.

Andantino

323

p A - do - ro es-ses teus o-lhos, co-mo os an - jos a-do - ram a De - us; da - ri - a quan-to pos- su - o, se os ti- ve - ra por meus. Se os ti - ve - ra por me - us, Se os ti -ve - ra por me - us, A - do - ro es - ses teus o - lhos co-mo os an - jos a-do - ram a Deus.

Adoro esses teus olhos,
Como os anjos adoram Deus;
Daria quanto possuo,
Se os tivera por meus.

Hei de te amar ao meu gosto,
Corra o p'rigo que correr;
Uma vida só que tenho
Quero por ti padecer.

Tenho-te dito mil vezes,
Mil vezes á luz da lua,
Que as almas nascem aos pares
E a minha é gemea da tua.

Se te não amo falleço,
E se te amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não teem conta,
Os que o sabem, são contados.

O meu coração é teu,
Bem o podes entender,
Antes que a morte me leve
Nos teus braços me hei de ver.

Recolhida em Penacova, em 1884, por F. P. Nogueira.

O MANELZINHO DE JOVIM

CHULA REISEIRA

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria da Graça Carvalho Araujo.

Andantino

324

f Fe-li - zes fe - tas, se - nho - res, bo - as fes - tas vi - mos dar, e fu - gi - dos aos fo - gue - tes que se bo - tam no lo - gar, Pum! Fo - gue - tes

De bom - ba re - al, E são de *la - mi te*, o - lé! Que fa - zem tão

mal, Ah! são ver - des, An tão? e - ra pas - tor,

Is - to não se a - tu - ra, o - lé! Se - nhor re - ge - dor.

D. C. Final

O MANELZINHO DE JOVIM

CORO

Pum! foguetes!
De bomba real,
E são de *lamite* (1). . . olé!
Que fazem tão mal;
Ah! são verdes. . .
Antão? era pastor,
Isto não se atura. . . olé!
Senhor regedor.

VOZ

Felizes festas, senhores,
Boas festas vimos dar;
E fugidos aos foguetes
Que se botam no logar.

São chegados os tres Reis,
Não julguem que é palanfrorio;
Que lá, no nosso concelho,
Atormenta o foguetorio.

Já chegaram honte'a casa
Do Manelzinho brazileiro,
Que mandou logo o sobrinho
Botar vinte e um morteiro!

E logo p'ra a retirada,
O Manelzinho tem já
Um foguete *tão tamanho*,
Que vae-se ouvir no Pará!

Lá na nossa freguezia
Reina grande animação!
Mas anda tudo a tremer,
Por causa do foguetão.

As cachopas de Jovim
Teem uma dança ensaiada;
E á porta do Manelzinho
Já hontem houve espadelada.

Houve fogo de bonecos,
Muitos foguetes arderam;
E ao som da philarmonica
Os tres Reis adormeceram.

Os tres Reis como eram santos,
Sonharam a noite inteira,
E accordaram estremunhados
Com o restolho do Zé Pereira.

Foram ter com o Manelzinho
Que estava com o fogueteiro,
Disseram-lhe:—D'hora avante
És commendador Morteiro!

Os tres Reis então pediram
Ao bravo commendador,
P'ra lhe fazer companhia
A casa do professor.

Em casa do mestre-eschola
Houve um banquete de truz!
Comeram-se dez gallinhas,
Oito patos, seis perùs!

Durante o real banquete
Brindaram uns cinco ou seis;
No fim botaram um foguete:
Custou um cento de *malreis!* (2)

Rei preto brindou por troça
Ao commendador Morteiro
Que ficou todo inchado
Inda a dever-lhe dinheiro.

E vae *ospantão* (3) para o fim,
Brindou o senhor abbade,
Que pediu para que Jovim
Fosse a primeira cidade.

Devem partir de manhã
Com destino a Belem;
E á passagem em Campanhã
Diz que ha foguetes tambem.

Gloria dâmos a Deus,
E á cautella, prevenção!
Se sentir tremer a casa
Não se assuste—é o foguetão!

A musica e lettra d'esta chula (cantada pela primeira vez no dia de Reis de 1897), é de Belmiro da Silva Porto, fecundo author d'este genero de cantigas, de quem a recolhemos directamente, assim como outras que archivaremos no nosso Cancioneiro. O assumpto que a motivou é o seguinte:

«Ha na freguezia de Jovim, suburbios do Porto, um individuo que voltando do Brazil com alguma fortuna, é apaixonadissimo pelas festas estrondosas, e por isso todas as vezes que póde patentear o seu regosijo manifesta-o especialmente em foguetes e morteiros de grande estampido, chegando já a dizer, n'um momento de enthusiasmo, que ainda havia de mandar fazer um foguete que se ouvisse no Pará.»

O mestre Belmiro canta a solo e rege um grupo de coristas, que se vestem a caracter quando tomam parte nas festas populares; a primeira vez que cantaram esta chula, andavam vestidos com palhoças, como os lavradores do norte de Portugal, em dias de inverno. Cantam primeiro o coro e depois a quadra.

(1) *Lamite* por dinamite.
(2) *Malreis* por mil reis.
(3) *Ospantão* por ao depois então.

FLORES TRISTES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Esther d'Amorim.

325

Andante

p Oh ter - na sau - da - de mi - mo - si - nha flor, Fi - el com - pa - nhei - ra Nas pe - nas d'a - mor. Só tu me a - com - pa - nhas no pran to e na dôr. que - ro, que - ro, sem - pre a - mar - te, mi - mo - si - nha flor.

Oh terna saudade,
Mimosinha flôr,
Fiel companheira
Nas penas d'amor.

Só tu me acompanhas
No pranto e na dor;
Quero sempre amar-te,
Mimosinha flor.

Oh meu lyrio roxo,
Creado no matto;
Tu és de minh'alma
O fiel retrato.

Só tu me acompanhas
No pranto e na dôr;
Quero sempre amar-te,
Mimosinha flôr.

Oh goivo tristonho,
Das campas ornato,
Do meu coração
Tu és o retrato.

Só tu me acompanhas
No pranto e na dôr;
Quero sempre amar-te,
Mimosinha flôr.

Recolhida em Coimbra, em 1890; porém deve se muito mais antiga.

LOUVORES DA SENHORA

SAUDAÇÃO RELIGIOSA

Á Ex.^{ma} Snr.^{a} D. Maria Victoria de Mattos.

Andante religioso

326

Mil lou-vo - - res vos dê - em lá nos ceus on - de es - taes Eu res pon - do cá na ter - ra Bem - di - - ta se - jaes.

Oh mil vezes bemdita
E louvada sejaes,
Pelos homens e anjos
E por Deus ainda mais.

Mil louvores vos dêem
Lá nos ceus onde estaes:
Eu respondo cá na terra:
Bemdita sejaes.

Tantas graças, senhora,
Amorosa nos daes!
Que eu só possa dizer-Vos:
Bemdita sejaes.

Eu Vos tenho offendido,
E Vós inda me amaes,
Como se eu Vos amasse!...
Bemdita sejaes.

Vosso Filho ultrajei,
E ainda assim me amaes!
Quem vira tal coração.
Bemdita sejaes.

Os fervores que eu sinto
São tantos e taes,
Que outro diga e eu só diga
Bemdita sejaes.

Dizei sol, lua, estrellas,
Ceus e terra, animaes,
Dizei como poderdes:
Bemdita sejaes.

Nove córos d'anjos
Tanto admiraes
Cantem todos commigo:
Bemdita sejaes.

Minh'alma se inflamma,
Já não posso mais;
Coração vae dizendo:
Bemdita sejaes.

Vós, Senhora, por nós
Lá no ceu advogaes,
Sendo nós tão perversos!...
Bemdita sejaes.

Por tão grandes offensas
Que Vós supportaes,
Haja alguem que Vos diga:
Bemdita sejaes.

Vossos filhos Vos fogem
E Vós sempre os buscaes;
Cantae peccadores:
Bemdita sejaes.

Vós sois vida de doçura,
E de esperança ainda mais,
Quereis ser nossa Mãe:
Bemdita sejaes.

Eu sou um filho tão mau,
E Vós ainda me amaes,
Oh que amor e que ternura!
Bemdita sejaes.

Diz o meu coração,
Nos alentos vitaes,
Cada vez que palpita:
Bemdita sejaes.

A minha alma Vos dou,
Se Vós m'acceitaes,
Sem cessar cantarei:
Bemdita sejaes.

Que ditosa eu seria
Entre os outros mortaes,
Se expirasse cantando:
Bemdita sejaes.

A Vós, Senhora ainda bem,
Lá nos ceus onde estaes,
Dirá sempre a minh'alma:
Bemdita sejaes.

A Vossa alma é mais pura
Que os puros crystaes;
Sois formosa sem mancha!
Bemdita sejaes.

Vós sois Virgem e sois Mãe,
E um Filho nos daes,
Que é Deus, que é Homem:
Bemdita sejaes.

Vós n'um pobre presepio,
Um grande Deus reclinaes,
Para o termos patente.
Bemdita sejaes.

Sem ter mancha, no templo
Vós Vos purificaes,
Por tão grande exemplo,
Bemdita sejaes.

Vosso Filho offereceste,
Não póde ser mais!
Por nossa alma, Senhora,
Bemdita sejaes.

Que tormento e que dôr,
Junto á cruz supportaes,
Por nossos crimes enormes
Bemdita sejaes.

Vosso Filho n'uma cruz,
Por nossa alma nos daes.
Tanto amor vos devemos,
Bemdita sejaes.

Do sepulchro e da morte
Já Vós triumphaes;
Levae-me comvosco:
Bemdita sejaes.

Rainha dos ceus,
Sobre os anjos reinaes;
Cantem todos comnosco
Bemdita sejaes.

Mil louvores vos dêem
Lá nos ceus onde estaes:
Eu respondo cá na terra:
Bemdita sejaes.

Este cantico foi recolhido pelo Rev.^{mo} Snr. Padre João Goulart Cardoso que teve a amabilidade de nos enviar juntamente uma carta com a seguinte nota explicativa:

«Faz exactamente um anno que eu, a bem dizer, sobre o caes da Horta, resolvi, a instancias d'um amigo, dar um passeio á ilha do Corvo, aproveitando a occasião da visita do Ex.^{mo} Prelado d'Angra.

Uma das coisas que mais me impressionaram n'aquella aprasivel digressão foi o cortejo singelo do bom povo da ilha, que no dia 13, á noite (julho de 1896), foi esperar, a curta distancia do povoado o Ex.^{mo} Prelado, que com a sua comitiva havia feito uma digressão aos altos da ilha — ao *Caldeirão*. Depois de victoriado o illustre principe da egreja, regressa todo o cortejo á povoação illuminada. A's portas das casas estacionavam as mulheres e creanças com velas nas mãos, emquanto todo o povo, em unisono, cantava os *Louvores da Senhora*, em toada singella e emocionante.

Lembrei-me de a escrever e envial-a ao Cancioneiro, como especimen do canto simples d'aquella pequenina parcella do povo portuguez, que habita um rochedo quasi perdido no Atlantico.» . . . .

VALSA REVALSA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Sampaio.

Allegretto

327

A val - sa re - val - sa Tor - na a re - val - - sar; Es - ta re - val - si - nha Veio da bei - ra mar, Veio da bei - - ra mar, Veio da bei - - ra mar; A val - sa re - val - sa tor - na a re - val - - sar.

A valsa revalsa,
Torna a revalsar;
Esta revalsinha
Veio da beira-mar.

Veio da beira-mar,
Veio da beira-mar,
A valsa revalsa,
Torna a revalsar.

Não canteis a valsa
Porque a não sabeis;
Cantae-a commigo
Vo'la aprendereis.

Vo'la aprendereis,
Vo'la aprendereis;
Não canteis a valsa
Porque a não sabeis.

A valsa de quatro
Tem muito que ver,
Ella bem dançada
E' ver e morrer.

E' ver e morrer,
E' ver e morrer;
A valsa de quatro
Tem muito que ver.

Recolhida na Povoa de Lanhoso pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.
Era muito cantada pelo tempo da invasão franceza, e dançava-se figuradamente como era costume n'aquella epocha.

ISABEL MARTINS

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Candida de Figueiredo.

Andante

328

O a mor nas-ceu pe que ni-no, oh I-za-bel Mar tins, O a- mor nas-ceu pe-que-

ni-no, oh I za bel Mar tins, Sen-do el - le um ta-ma nhão, Sen-do el - le um ta-ma-

nhão, oh I- sa-bel Mar -tins car-re ga o ti - mão, oh I - za - bel Mar -tins do meu co - ra - ção.

O amor nasceu pequenino,
Oh Isabel Martins,
Sendo elle um tamanhão;
Oh Isabel Martins,
Carrega o timão,
Oh Isabel Martins
Do meu coração.

O amor é o que agarra,
Oh Isabel Martins,
E' um grande maganão,
Oh Isabel Martins,
Carrega o timão,
Oh Isabel Martins,
Do meu coração.

O amor é o que agarra,
Mora da banda d'álem;
Não passes p'r'a outra banda,
Porque te agarra tambem.

Ouvi cantar a sereia,
No meio d'aquelle mar,
Muitos navios se perdem
Ao som d'aquelle cantar.

Quando eu era rapaz,
Que jogava o meu peão,
Diziam-me as moças todas:
«Bota-m'o aqui na mão.

Se fores ao mar pescar
Leva redes de arminho;
Pesca lá pelo mar dentro,
Que eu serei o teu peixinho.

Que serve agora chorar
Se já remedio não tem?
Se o chorar fosse remedio,
Chorava mais que ninguem.

O meu amor me pediu
Dos meus olhos as meninas;
Eu não sei p'ra que elle quer
Coisinhas tão pequeninas.

Esta cantiga cantava-se em Coimbra, em 1860.

FADO MAGGIOLLI

Á Ex.ma Snr.a D. Alice Borges d'Almeida.

Moderato

329

f

Ás ve - zes tre-mu-la in- quie - ta, Co - mo es- trel - la em noi-te es- cu - - ra,

En - - - - con - tro-a, la-gri-ma pu - ra, N'um

ca - lix de vi - o - le - - ta, En - - - con - tro-a,

la-gri-ma pu - ra, N'um ca - lix, n'um ca - lix de vi - o -

le – ta. Se os an - jos cho-ram de en -can – to,

De - ve as- sim, de-ve as -sim ser o seu pran - to.

Ás vezes trémula, inquieta,
Como estrella em noite escura,
Encontro-a, lagrima pura,
N'um calix de violeta.
    Se os anjos choram de encanto
    Deve assim ser o seu pranto.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Como umas vozes saudosas
Que parecem ais apenas.
    Não sei que linguagem falla
    N'esses gemidos que exhala.

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa,
Como de boca formosa
Mudo e intimo suspiro?
    Então a sua existencia
    Não passa de pura essencia.

Quantas vezes, ao sol-posto,
N'aquellas nuvens douradas
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sobre o rosto!
    Fica-me a alma suspensa
    N'aquella abobada immensa!

Mas quanto mais admiravel
Quando tudo em si resume!...
Quando é orvalho e perfume,
Mysterio e luz ineffavel!...
    E' não me fartar de a ver,
    Em fórma d'Anjo ou Mulher!

João de Deus.

A musica d'este fado foi recolhida em 1870 O nome provém-lhe do appellido do author, que era, segundo nos consta, um bohemio da fina roda de Lisboa.

O MANGERICO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Ayres d'Oliveira.

330

Andante 𝄋 con 8a

p Man-ge - ri - co, oh meu man-ge - ri - co se te vaes em- bo - ra eu a-qui não fi- ti - co. Man-ge -ri - co meu man-ge-ri -cão, A mor da mi- nh'al-ma dá-me a tu - a mão.

sem 8a

f Man - ge - ri-cão da ja- nel - la, bem te po - des ir mur -chan - do, Quem te re - ga - va mor - reu, Eu já me vou en -fa - dan - do.

Oh meu mangericão verde,
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Se me quizeres vir ver,
As noites bem bellas são,
Foge de casa a teu pae,
Vem p'ra aqui fazer serão.

Mangerico, oh meu mangerico,
Se te vaes embora eu aqui não fico.
Mangerico, meu mangericão,
Amor da minh'alma, dá-me a tua mão.

Na janella onde eu coso
Tenho um mangericão,
Dá-lhe o sol por entre as folhas,
Fico n'uma escuridão.

Quem quizer armar á rôla,
Arme-lhe ao pé da ladeira
Um laço de fita azul,
Que a rôla vem de carreira.

Recolhida em Coimbra, em 1894.

MANGERICÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Angelica de Jesus Pinheiro.

Andantino

331

Vae-se o di - a vem a noi-te, Che-gou a mi - nha a-le-gri-a, Pa-ra fal - lar ao meu bem Já que não pos - so de dia. Man-ge-ri - cão á ja - nel-la, me - ni - na, não o te - nha-es, Dá-lhe o ven - to, bo-le a fran - ça, Cui-dam que vós me cha-maes.

Amor, se queres, façamos
Uma troca sem lezão:
E' trocar alma por alma,
Coração por coração.

Mangericão á janella,
Menina, não o tenhaes,
Dá-lhe o vento, bole a frança,
Cuidam que vós me chamaes.

Se eu fôra sol que subira,
Dava na tua janella;
Fôra-te fallar á cama,
Raios da manhã te dera.

O meu amor é um cravo,
Deus m'o deu, não lh'o mereço;
Já m'o quizeram comprar,
Um cravo só não tem preço.

O sol quando quer nascer
Bota seus raios ao monte;
Quem quizer que a rosa abra
Ponha-lhe o cravo defronte.

Se quereis passar a serra,
Zabellinha, madrugae:
Por detraz d'aquella serra
Outra maior serra vae.

MARIA DO CARMO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Belmira Anjos.

Moderato

332

Se o meu bem a- go – ra vi-es-se a-qui ter, se o meu bem a -go-ra, ai, sim,

sim, vi-es-se a-qui ter, pois sim, sim, ha mais quem quei-ra, cró, có, có, o gal-lo can- tou.

U – ma mis-sa ás al – mas man-da-va di- zer, U – ma mi-sa ás al-mas, ai, sim,

sim, man-da-va di- zer, pois sim, sim, ha mais quem quei-ra, cró, có, có, o gal lo can tou.

Ma – ri-a do Car – mo, mi – nha com-pa nhei – ra, dá – me qua-tro fi-gos, ai, sim,

sim, da tu-a fi - guei-ra; pois sim sim, ha mais quem quei-ra, cró, có, có, o gal-lo can- tou.

Cró, có, có, Dei - xa-lo can tar, Ma - ri - a do Car-mo, ai, sim,

sim, eu hei-de-te a -mar; pois sim, sim, ha mais quem quei-ra, cró, có. có, o gal-lo can- tou,

O meu amor novo
E' muito engraçado;
Se elle aqui estivesse,
Ai, sim, sim,
Vinha p'ra o meu lado,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou,
Cró, có, có,
Deixal-o cantar,
Maria do Carmo,
Ai, sim, sim,
Eu hei de te amar,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.

O meu bem agora
Já me não vem ver,
Está amuado,
Ai, sim, sim,
Mas cá virá ter,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.
Maria do Carmo,
Minha companheira,
Dá-me quatro figos
Ai, sim, sim,
Da tua figueira.
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.

O meu amor novo
Anda carrancudo,
Porque não lhe fallo
Vezes a meúdo.

O meu amor novo
Já não sae de casa,
Tem medo d'um gallo
Que me arrasta a aza.

O meu amor novo
E' muito elegante,
Mas tem um defeito,
E' ser estudante.

Oh meu amorzinho,
Que vida é a tua?
Comer e beber,
Passear a rua.

Oh amor, amor,
Não te vás embora,
Se fico sósinha
A minha alma chora.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno em 1893; porém é muito mais antiga.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA XI

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Rodrigues Lobo.

Poesia de Thómaz Antonio Gonzaga.
Lyra XXV, *Parte* II.

333

Allegretto

Por morto, Marilia, aqui me reputo; mil vezes escuto o som do arrastado e duro grilhão,

Adagio — *1.º tempo*

Mas ah! que não treme, não treme de susto o meu coração o meu coração o meu coração.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo;
Mil vezes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão.
Mas, ha! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gosar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
D'amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Continuado da pag. 262.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA XII

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XXXVII, *Parte* II.

Á Ex.ma Snr.a D. Mafalda Rodrigues Lobo.

334

Andantino

p Se o vas - to mar se enca - pel - - la e na ro-cha em flôr re- ben - - ta gros- sa nau que não tem le - - me, em vão sus-ten-tar-se en-ten - - ta a - té que nau - fra - ga, e cor - re á dis - cri-pção da tor - men - - - - - - - - - - - - - - ta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o ceu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

N'esta sombria masmorra
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! Que imagens tão funestas,
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de um pae rugosa,
N'um mar de pranto banhada:
Os amigos macilentos;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alphange afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro:
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual iris, que o ceu alimpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro
Triste illusão e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gira o sangue pela veia,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

Terminam aqui as doze arias da segunda parte do poema *Marilia de Dirceu* que possuimos, e cuja musica nos parece ser de Marcos Antonio Portugal, um dos mais illustres musicos portuguezes.

PHILOMENA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Isaura Peregrina de Macedo.

Andantino

335

Oh | q'ri - da Phi - lo | - me - na, Quem | fô - ra co - mo | tu, As cre-
Se el- | las an-dam de *ter-* | *nu* Fazem | el - las mui-to | bem;

a - das de ser | vir an - dam | to - das de *ter* | - *nú.* Oh
não de - | vem na - da a nin- | guem, Se-el-

q'ri - da Phi - lo - | me - na, Quem | fô - ra co - mo | tu.
an - dam de *ter* - | - *nú,* Fa - zem | el - las mui - to | bem.

Oh querida Philomena,
Assim, assim, assim,
As creadas de servir
Vão passear p'ra o jardim.

Se passeiam no jardim,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Verde canna no botão;
As creadas de servir
Andam tolas co'o patrão.

Se andam tolas co'o patrão,
Fazem ellas muito bem,
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena
Não vás sósinha ao mercado;
As creadas de servir
Todas tem o seu soldado.

Se ellas teem o seu soldado,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena
Não namores o sargento;
As creadas de servir
São tão varias como o vento.

Se são varias como o vento,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Olha como o mundo anda,
As creadas de servir
Veem conversar p'r'a varanda.

Se conversam na varanda,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Hoje as coisas não estão boas,
As creadas de servir
Mandam mais do que as patroas.

Se mandam mais que as patroas,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Gozam mais do que ninguem.

Recolhida no Porto, em 1893, onde appareceu, cantada pelos cegos ás portas dos mercados.

INDICE

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

ERROS MAIS IMPORTANTES QUE ESCAPARAM NA MUSICA, EM ALGUNS EXEMPLARES

Musica n.º	Pag.	pauta	compasso	mão	
Musica n.º 178	Pag. 40	3.ª pauta;	5.º compasso	mão esquerda	= a penultima nota deve ser *fa*,
» » 184	» 48	» »	3.º »	» »	= a segunda nota deve ser *sol*.
» » 198	» 72	4.ª »	2.º »	» direita	= a segunda nota deve ser *do*.
» » 207	» 86	2.ª »	1.º »	» esquerda	= a segunda nota deve ser *la*.
» » 208	» 89	3.ª »	» »	» direita	= o ré deve ser *sustenido*.
» » »	» »	» »	2.º »	» »	= idem
» » »	» »	4.ª »	3.º »	» esquerda	= a ultima nota deve ser *mi*.
» » »	» »	5.ª »	» »	» »	= a primeira nota do terceiro tempo deve ser *do* ♯
» » »	» 90	1.ª »	» »	» »	= os *sis* devem ser *bemoes*.
» » »	» »	3.ª »	» »	» »	= o primeiro accorde de terceiro tempo deve ser dois *sis* em 8.ª
» » »	» 91	2.ª »	2.º »	» direita	= a ultima nota do 1.º tempo deve ser *la*.
» » »	» »	4.ª »	5.º »	» »	= o *re* deve ser *sustenido*.
» » »	» »	» »	4.º »	» esquerda	= a primeira nota do 3.º tempo deve ser *si*.
» » »	» »	5.ª »	1.º »	» »	= a segunda, a quarta e a sexta nota devem ser *sis*; e a terceira e quinta nota *soes*.
» » »	» »	» »	2.º »	» »	= idem.
» » »	» »	» »	3.º »	» »	= a 2.ª, a 4.ª e 6.ª notas são *dós*; a 3.ª e a 5.º são *lás*.
» » »	» »	» »	4.º »	» »	= a 2.ª, a 4.ª e a 6.ª notas são *sis*; a 3,ª e a 5.ª são *socs*.
» » »	» 92	1.ª »	» »	» »	= os *res* devem ser *sustenidos*.
» » »	» »	» »	5.º »	» »	= idem.
» » »	» »	2.ª »	1.º »	» »	= o segundo e terceiro tempo deve ser em *colcheias*.
» » »	» »	4.ª »	4.º »	» direita	= a nota superior do primeiro accorde deve ser *mi*.
» » »	» »	» »	3.º »	» esquerda	= no 2.º tempo as notas superiores devem ser *mis*; a ultima nota inferior do 3.º tempo deve ser *sol*.
» » 209	» 93	2.ª »	2.º »	» »	= nas partes brandas de ambos os tempos devem ser *lás*.
» » 220	» 112	5.ª »	7.º »	» »	= a nota superior deve ser *sol*.
» » 226	» 123	2.ª »	5.º »	» direita	= a 2. nota inferior do 1.º tempo devem ser *sol* ♯ e o *si* do 3.º tempo deve ser *bemol*.
» » 238	» 142	1.ª »	3.º »	» esquerda	= o *fa* deve ser *sustenido*.
» » 242	» 150	2.ª »	1.º »	» direita	= a nota superior do 3.º tempo deve ser *re*.
» » 249	» 162	5.ª »	» »	» »	= o 3.º tempo dever ser um *fa*.
» » 263	» 189	1.ª »	4.º »	» »	= deve ser accorde de *do* e *mi*.
» » »	» »	» »	5.º »	» »	= o primeiro tempo accorde de *do* e *mi*; e o terceiro tempo unicamente *mi*.
» » 278	» 213	» »	1.º »	» esquerda	= a 1.ª nota deve ser *la*.
» » 289	» 231	» »	2.º »	» »	= a 1.ª nota superior deve ser *mi*.
» » 291	» 234	2.ª »	4.ª »	» direita	= a ultima nota deve ser *sol*.
» » »	» 235	1.ª »	— —	— —	= as divisões de compasso devem considerar-se d'uma só linha.
» » 298	» 246	» »	2.º »	» direita	= a ultima nota deve ser *sol*.
» » »	» »	2.ª »	» »	» »	= idem.
» » 301	» 252	» »	1.º »	» esquerda	= a 1.ª nota deve ser *do* e os tres accordes *la* e *mi*.
» » 308	» 261	» »	2.º »	» »	= os accordes devem ser *mi, sol, si*.
» » »	» »	» »	3.º »	» »	= os accordes devem ser *si, re* ♯, *fa* ♯, *si*.
» » 325	» 288	3.ª »	2.º »	» »	= a primeira nota deve ser *do*.

Cancioneiro de Musicas Populares

CANCIONEIRO

DE

MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

CANÇÕES, SERENATAS, CHULAS, DANÇAS, DESCANTES, CANTIGAS DOS CAMPOS E DAS RUAS, FADOS, ROMANCES, HYMNOS NACIONAES, CANTOS PATRIOTICOS, CANTICOS RELIGIOSOS DE ORIGEM POPULAR, CANTICOS LITURGICOS POPULARISADOS, CANÇÕES POLITICAS, CANTILENAS, CANTOS MARITIMOS, ETC. E CANÇONETAS ESTRANGEIRAS VULGARISADAS EM PORTUGAL

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

Gualdino de Campos

PREFACIADO PELO EX.^mo SNR.

DR. THEOPHILO BRAGA

e com uma apreciação critica do Ex.^mo snr. dr. Sousa Viterbo no 2.º volume

VOLUME III

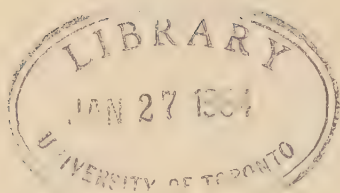
COM UMA APRECIAÇÃO CRITICA DO EX.^mo SNR. MANUEL RAMOS

PORTO

EMPRESA EDITORA

CESAR, CAMPOS & C.ª

116 — Rua de D. Pedro — 116

1898

Cancioneiro de Musicas Populares

Em 1892 elaborou o auctor d'estas linhas uma pequena memoria, que foi presente ao congresso pedagogico realisado em Madrid por occasião das festas colombinas, em que se procurava defender uma these, que, embora velha e geralmente acceite, não fizera ainda entre nós, nos espiritos, o seu caminho, graças aos preconceitos de toda a ordem que teem embaraçado tenazmente a sua adopção.

Esse opusculo — A musica portugueza — tendia a fazer sentir a necessidade de criar uma arte musical autonoma sobre a base do folk-lore, isto é, do cancioneiro popular.

Não ha um só paiz na Europa que não tenha procurado esta autonomia em todas as secções da sua actividade creadora. O romantismo outra coisa não foi senão um largo movimento de descentralisação e emancipação mental, operado a principio na Allemanha e successivamente propagado ás outras nações, como reacção contra o unitarismo da Renascença. Este movimento encontrou nas guerras napoleonicas, que despertaram e provocaram o sentimento da nacionalidade nos povos subjugados, um estimulo d'ordem politica poderoso e energico que muito contribuiu para a differenciação operada, activando-a e dando ao mundo europeu o caracter polymorpho que reveste actualmente.

Esta especialisação realisou-se em todos os dominios da arte — artes plasticas, poesia, musica — evocando as tradições locaes, fazendo d'ellas o objecto de uma resurreição erudita e piedosa.

Dois factos citaremos apenas para exemplificação do movimento referido — o preraphaelismo inglez, e a formação da musica nacional russa.

Ha pouco mais de quarenta annos a Inglaterra estava ainda esmagada pelas tradições greco-romanas, ou enfeudada á imitação italiana ou franceza, nas artes da construcção, decoração. mobiliario, etc.

Um grupo de homens admiraveis, Ruskin, Morris, Burne Jones, e Rossetti (tres d'elles poetas illustres da era victoriana) resolveu reagir contra um tal estado de coisas e provocar um movimento d'opinião em prol d'um estylo nacional.

E principiaram por buscar a formula da *habitação ingleza,* como eixo e nucleo d'attracção onde viessem agrupar-se, enquadrar-se, todos os motivos e accessorios da decoração. Uma geração d'architectos notaveis resolve o problema, renovando o estylo da rainha Anna, *Queen Anne Style*, que tão harmoniosamente se casa com a tonalidade da paizagem ingleza. Estava encontrada a chave: o resto viria naturalmente, logicamente.

Os maravilhosos papeis pintados de Morris, os seus estofos, pannos, tapeçarias, cretonnes, a ceramica e as faianças esmaltadas de Morgan, a pintura em vidro, a arte do livro. da impressão, as incomparaveis gravuras em madeira de Crane, o mobiliario, tudo surge, como por encanto, para revestir e embellezar á *casa ingleza,* que o genio de Webb e Blomfield foi buscar ao fundo inexgotavel, proteiforme, das velhas tradições historicas e populares.

Um facto equivalente se deu na evolução musical contemporanea da Russia.

Os compositores russos do seculo XVIII (como os dos outros paizes, com raras excepções) viveram da influencia italiana, verdadeiramente predominante graças á admiravel geração de musicos que a Peninsula então produziu, e á seducção exercida pela limpidez, a graça, e o brilho da inspiração dos Cimarosa, Martini, Paisiello, etc.

A musica russa não pôde subtrahir-se a esta acção, e só com Vertowsky em 1835, dá um passo timido no caminho do nacionalismo.

Com Glinka, porem, a fusão entre o elemento popular e o culto opera-se decisivamente, e surge, pela primeira vez, a opera nacional russa, com a «Vida pelo czar», e «Rousslan e Ludmilla». Com a «Kamarinskaïa» inicia na Russia a rhapsodia sobre motivos populares.

Depois d'isso os compositores russos «sempre que «tiveram de tractar assumptos nacionaes, diz o cri«tico francez A. Soubies (Précis de l'historie de la

«musique russe — Paris, 1893) ligaram a maior im-«portancia aos cantos populares slavos; póde affir-«mar-se que fizeram d'elles a base da sua arte. Estes «cantos teem um brilho caracteristico, uma sonori-«dade, um colorido raro, um *quid* profundo e inde-«finivel. A variedade de compassos, rythmos e modos, «augmenta-lhes o valor e a riqueza. São de longa «data as compilações d'estes cantos. Uma das mais «antigas é a de Pratch, de Praga, cuja segunda edi-«ção conta dois volumes e abrange 149 melodias. «D'esta compilação, digo-o de passagem, é que Bee-«thoven extrahiu os themas dos seus quatuors dedi-«cados ao conde Razoumoffski. Não contentes em «tractar cantos d'esta natureza, os novos composito-«res slavos deram-se ao trabalho de reunil-os e edi-«tal-os. Assignalemos as collecções Balakireff, e so-«bretudo a de Rimsky-Korsakoff.»

Estes dois eminentes compositores da «nova escola», como os seus companheiros Cesar Cui, Moussorgsky, Borodine, como Tschaïkowsky e Glazounoff, como os successores immediatos de Glinka — Dargomijsky, Seroff — impregnaram-se fortemente do elemento popular, accentuando cada vez mais o caracter indigena da arte russa, tão vigorosa, original e inconfundivel.

Para lembrar trechos musicaes conhecidos em Portugal, bastará citar o celebre andante do 1.º quartetto de Tschaïkowsky (em surdina) e a peça symphonica de Borodine «Scenas nos esteppes», tão extranhamente colorida e d'uma tonalidade tão áparte. O proprio Rubinstein, mau grado o seu ecletismo, e as reminiscencias de Chopin, Liszt e Schumann que atravessam, como uma obcessão, toda a sua obra, é muitas vezes um compositor bem russo.

O que deixamos referido quanto á evolução musical slava, é litteralmente applicavel ao movimento artistico scandinavo (Grieg e Svendsen na Noruega, Niels Gade na Dinamarca), á Bohemia (a obra de Dvorak), etc.

Hoje, como em todos os tempos (porque não se tracta de um phenomeno peculiar á nossa epoca), a verdadeira arte e os verdadeiros artistas são fortemente embebidos de nacionalismo. Ninguem dirá que Eschylo, Dante, Shakspeare, Beethoven, não séjam a mais profunda e intima emanação do genio da propria raça, sem detrimento do universalismo das suas obras.

E' a conclusão a que se vem dar, inductivamente, estudando a genese da arte e do artista como um phenomeno natural.

Mas, deductivamente, não poderá inferir-se do proprio conceito da obra d'arte o seu caracter nacionalista, como uma condição *necessaria?*

Toda a obra d'arte é um producto da subjectividade pessoal vasado n'um molde plastico — e a musica é tambem, sob um ponto de vista psychologico, uma arte plastica. Ora d'onde poderão provir os materiaes sobre que tem de trabalhar a faculdade creadora? não a faculdade creadora, em sentido theologico (ex-nihilo), mas a transformadora, pois que não ha outra? Nas artes litterarias esse material é a lingua, cristallisada nos monumentos oraes d'origem popular, ou nos escriptos, de fonte culta. São as unicas origens, por exemplo, do theatro moderno. Nós não podemos sentir, nem pensar fóra das formas da lingua popular ou do symbolismo popular. Succede, com effeito, o contrario nas civilisações em que o povo está separado profundamente das classes cultas, mas então é um phenomeno de desaggregação e decadencia. Fóra d'estas condições pathologicas, a arte vem do povo, soffre nas mãos do artista de genio uma elaboração superior, transcendente, sem perder o travo da sua origem, e volta ao povo. Fóra d'isto ha o preciosismo, o cultismo, o academismo, o byzantinismo — ou o falso popular, feito para o povo mas sem raizes n'elle, productos ficticios na origem e no intuito, mas nada d'isto, indiscutivelmente, é arte.

Nas artes *visuaes,* a invenção artistica elabora sobre as formas seculares, e reduz-se, como sempre se reduz a invenção, a mudanças infinitesimas, operadas lentamente na linha ou na côr. Sempre que uma transformação subita se dê, podemos estar certos de que se tracta ou de um producto teratologico ou d'uma transplantação exotica. Não teem origem diversa d'estas duas as extravagancias decorativas da Europa moderna, filhas do japonismo, ou das exacerbações subjectivas. Todo o progresso é, n'este campo, *regular,* organico, quando não sobrevêm taes anomalias.

Na musica da-se precisamente o mesmo. As emoções traduziveis em formula musical, nascendo n'um ser *vivo* como o homem, (que decididamente não é uma abstracção) hão de revelar o seu temperamento. Ora este temperamento vem-lhe da raça, do meio, de um conjuncto de factores que o condicionam, definindo as suas faculdades d'expressão artistica, e delimitando o campo da inventiva individual. Até onde se extende a acção dos elementos populares, collectivos (outra integração d'infinitamente pequenos) sobre o artista, ou o poder transformador d'este sobre aquella materia prima?

Ha quem julgue que o elemento popular fornece apenas o *episodio,* a *côr,* o motivo de decoração e nada mais. E cita-se a este respeito a serie de quartettos *russos* de Beethoven, dedicada a Razoumffoski.

Em cada um d'estes quartettos apparece effectivamente com um caracter *episodico* o thema russo, intercalação propositada e justificada na dedicatoria d'um compositor allemão a um titular russo. E' uma gentileza do artista, se assim quizerem, mas não é um processo d'arte, nem a isso visou o assombroso auctor da nona symphonia.

Nós suppomos, pelo contrario, que o elemento popular fornece o fundo e a forma, e que não é apenas a paixão da côr, a chromophilia moderna, que determina por toda a parte a fusão da arte musical culta com a canção popular. Não é accessoriamente que esta penetra em toda a arte moderna, mas essencialmente, dando o esqueleto e a carne, como succede com Chopin, que achou nos modulos do cancioneiro polaco a base para o desenvolvimento da sua inconfundivel, rica e vigorosa inspiração. Dissemos *base* e insistimos na palavra. A arte culta deve effectivamente inspirar-se na arte popular, impregnando-se da sua indole e caracter, o que affasta toda a ideia de escravisação, imitação ou reproducção, contradictoria da propria noção do genio in-

ventivo. Os themas nativos podem servir de pretexto a desenvolvimentos como intercalação episodica (nos quartettos citados de Beethoven) ou a agrupamentos puramente pittorescos como nas rhapsodias, de que Liszt foi o maior mestre, recamando e imbricando as melodias hungaras com intuitos de puro ornamentismo. Mas intercalação episodica, ou rhapsodia, são casos muito especiaes que não entram propriamente na these geral que desenvolvemos e tende a estabelecer que a arte, como as instituições de toda a ordem, as linguas, religiões (pois não são os deuses feitos á nossa imagem?) são productos de natureza social, e consequentemente subordinados a condições ethnicas, regionaes, nacionaes, etc., concretos e differenciados e não abstractos e unos como os productos do puro raciocinio ou da logica: que os primeiros tendem a revestir formas multiplas e caracteristicas, ao passo que os segundos, e só elles, são susceptiveis de uma expressão geral, como a figurada pelos symbolos mathematicos.

Começámos ésta explanação referindo-nos á memoria que elaborámos em 1892 e temos de voltar a ella como ponto de referencia para o caminho desde então andado, e balisado por obras de valor artistico incontestavel, devidas á nova geração musical nacionalista.

E' curioso notar-se que no anno anterior, em 1891, o notavel critico e compositor hespanhol Filippe Pedrell, publicava em Barcelona a sua brochura — Por nuestra musica — tomando por divisa esthetica o pensamento do jesuita hespanhol Eximeno: «Todos os paizes deverão estabelecer o seu systema musical sobre a base do canto popular nacional» (1).

O notavel estheta realisou as suas theorias em obras de larga envergadura, como a sua trilogia «Los Pireneos» e a sua influencia na renovação artistica do seu paiz mereceu o estudo e a attenção de Chavarri (Le Guide musical), de A. Soubies (Musique russe et musique espagnole), Tebaldini (Filippo Pedrell ed il dramma lirico spagnuolo). Nos numerosos trabalhos porque se tem assignalado a sua actividade conta-se a compilação dos cantos populares hespanhoes.

Comtudo a Hespanha acha-se, como nós, nos primeiros passos da sua renovação musical: o elemento popular pouco tem sahido do genero ligeiro, da zarzuella, e as tentativas para o introduzir em concepções mais largas não satisfazem. A «Dolores» de Breton, que tem um pittoresco e brilhante episodio na jota que fecha o primeiro acto, por pouco mais se recommenda, sendo certo que n'aquelle genero o theatro hespanhol tem coisas muito mais bellas, caracteristicas e simples, como a *jota* final do 1.° acto da Bruja, de Chapi.

Entre nós, antes de 1892, havia apenas a inventariar o «Arco de Sant'Anna» de Sá Noronha, as 3 rhapsodias sobre motivos populares, para violino, de Marques Pinto, e uma rhapsodia symphonica de J. Francisco Arroyo, alem dos coraes de João Arroyo, *A morena, Flores sobre um tumulo,* a barcarolla coimbrã *Maria a canoa virou,* etc.

No theatro, um compositor tão habil como espirituoso, Cyriaco de Cardoso, lançou as bases da opereta portugueza com um exito excepcional, e a consagração da mais justa e merecida popularidade.

Ao tempo em que escrevemos a memoria citada, ainda Vianna da Motta, o maravilhoso pianista e notavel compositor nos era desconhecido, não se tendo apresentado ainda ao publico do seu paiz.

Comtudo n'essa data já publicára a 1.ª Rhapsodia portugueza, as Scenas portuguezas (4 peças para piano), e 5 canções portuguezas.

Depois d'isso, em 1894 e 1895, publicou mais tres rhapsodias portuguezas, e escreveu a sua symphonia «A' Patria», porventura a mais notavel concepção symphonica que ainda brotou da inspiração d'um compositor portuguez. A sua dança popular «Vito» é talvez a peça mais genuina e caracteristicamente potugueza que saiu da sua penna. As rhapsodias, que são, sob o ponto de vista technico, como peças de piano, muito bem feitas, teem talvez o pequeno senão de se resentirem dos processos de Liszt o que até certo ponto desnacionalisa e afoga os themas. A «Serenata», o *scherzo* da *Patria* e do quartetto são trechos de côr bem nacional.

A melancolia tão resignada e lyrica da alma portugueza, foi poeticamente traduzida por Colaço, o impeccavel e delicado pianista, nos seus seis fados, d'um sabor tão popular e uma factura artistica tão perfeita, e que constituem ao mesmo tempo uma deliciosa serie de peças para piano; nada mais justo que o exito enorme que estas composições alcançaram no paiz. Encantadora, a «Canção do Mondego» do mesmo compositor.

Com a enumeração daa rhapsodias do distincto violinista e professor bávaro, Victor Hussla, (peças para piano e peças para orchesta), e a menção da «Serrana», opera portugueza de A. Keil, cuja representação se annuncia para breve, temos esboçado, rapidamente, o inventario do movimento musical nacionalista.

E' evidente que todo o movimento nacionalista presuppõe o conhecimento do cancioneiro, cuja inventariação constitue o preludio indispensavel de toda a renovação musical.

Não ha na Europa paiz mais atrazado sob esse ponto de vista, do que o nosso. Todos, ou por iniciativa particular (folk-loristas, critico d'arte, os proprios musicos) ou pela inicativa governamental, reuniram e organisaram as suas collecções de cantos populares.

Em Portugal apparecem as primeiras transcripções, muito provavelmente, nos dois — «Jornaes de modinhas» do principio d'este seculo, que o sr. J. Vasconcellos cita nos seus «Musicos portuguezes.

Seguidamente apparecem:

— A velha collecção do professor João Antonio Ribas.

— O Jornal de modinhas com acompanhamento de cravo pelos melhores auctores, dedicado a Sua Alteza Real, o Principe do Brazil por F. D. Milcent,

(1) Veja-se o interessante e primoroso artigo que o snr. Antonio Arroyo inseriu no «Amphion» de 30 de novembro de 1897. A este artigo devemos o conhecimento de Pedrell e da sua obra.

Lisboa, in-folio — (veja-se « On introduction to the study of national music — London — 1856, de Carl Engel, que o reputa «a large and interesting collection. »

Não pudemos verificar a identidade ou não-identidade d'este « Jornal », com os que o sr. J. de Vasconcellos cita sob a mesma designação).

— The Lusitanian Garland: twelve portuguese melodies, arranged with portuguese and english words, and aecompaniment for the Piano-forte, by madam F. M. London (Ewer and Co), folio.

— Musicas e canções populares colligidas da tradição por Adelino Antonio das Neves e Mello — Lisboa — Imp. nacional — 1872.

Contém a letra de 45 canções, sendo 25 de Coimbra, 5 do Minho, 5 de Traz-os-Montes, 4 dos Açores, e 6 canções do berço. D'estas 45 canções, 30 são acompanhadas da respectiva musica.

— Canções populares da Beira, por Pedro Fernandes Thomaz, com uma introducção por J. Leite de Vasconcellos — Figueira da Foz — 1896.

Consta de 52 canções regionaes, letra e musica, e um grande numero de canções locaes (só letra). E' uma das mais interesantes e formosas collecções portuguezas, e feita com a escrupulosa exacção que distinguem o notavel compilador. [1]

O presente cancioneiro, de que já vão publicados dois volumes, não obedeceu simplesmente e puramente aos intuitos de folk-lore. Por necessidades de meio teve d'ampliar o material da sua inventariação, abrangendo no plano, um tanto heterogeneo (sem que por isso perca do seu interesse), ao lado das cantigas populares, as d'origem culta que a moda ou gosto da multidão apropriou, com ou sem variantes, a collecção dos hymnos nacionaes que em nenhuma outra compilação apparecem reunidos e que em todo o caso são documentos curiosos, algumas canções antiquissimas (a do Figueiral, v. g.) d'incontestavel valor historico, e ainda uma ou outra composição individual (a Marilia de Dirceu), etc.

A parte publicada encerra 335 numeros, sendo portanto o mais extenso repositorio até hoje realisado entre nós. N'esse numero vão incluidas 21 canções das 30 que compõem a collecção Neves e Mello, com variantes em alguns titulos e algumas rectificações que o sr. Cesar das Neves introduziu na parte musical, em virtude das investigações a que procedeu directamemte — e 22 das 52 que constituem o cancioneiro Fernandes Thomaz. [1]

Consideramos de capital importancia o serviço prestado pelos compiladores do presente cancioneiro á arte portugueza. Alguns dos nossos primeiros compositores devem-lhe o conhecimento de muitos motivos populares que serviram de base ás suas rhapsodias, ou de estimulo suggestivo á elaboração inventiva.

De futuro, quando concluido, poderá sobre elle fazer-se, por eliminação e recensão cuidadosas, o cancioneiro selecto e definitivo, como, por uma escolha racional, se deverão extrahir d'elle os choraes que a eschola primaria portugueza reclama ha tanto tempo como uma das suas necessidades espirituaes mais imperiosas.

Manuel Ramos.

---

[1] O snr. A. X. da Silva Pereira, o infatigavel bibliographo da imprensa portugueza, cita ainda no seu livro «O jornalismo portuguez» (Lisboa, 1895) as seguintes publicações musicaes:—Jornal de modinhas com acompanhamento de cravo pelos melhores auctores—1796, Lisboa.

—Divertimento musical ou collecção de modinhas—1801, Lisboa.

—Collecção de novas modinhas para honesto recreio das madamas e apaixonados do armonioso canto—1836, Lisboa.

—Album de musicas nacionaes—1858, Porto.

A julgar pelos titulos, datas e logares d'impressão, parece-nos que a primeira das publicações citadas será a collecção Milcent; que esta collecção e a de 1801 deverão ser os dois jornaes de modinhas do «principio do seculo» a que se refere o snr. Vasconcellos; que o «Album de musicas nacionaes» publicado no Porto será a compilação Ribas, editada pela antiga casa Villanova. Damos estas supposições pelo que valham a titulo provisorio, pois que até hoje não pudemos examinar aquellas publicações, que só conhecemos de referencia.

[1] As canções communs no nosso *Cancioneiro* e aos dois cancioneiros citados são as que constam da relação que se segue:

Titulos no ***Cancioneiro***	*Titulos que tem no* ***Cancioneiro*** *de Adelino de Mello*
3 — Canna Verde.	
35 — Carrasquinha.	
53 — A vida do marujo.	O marujo
60 — A Ramaldeira	Chula de Rimalde.
99 — Cavaco do Rio	
124 — Esta Calçadinha.	
149 — Afasta, janota.	
150 — O Pésinho.	
168 — Constancia.	
175 — Oh vindima.	
185 — A Cantadeira.	Não canto por bem cantar.
187 — O Preto.	
194 — Moreninha.	Morena (*variante*).
198 — Trigueirinha.	
204 — O Derriço.	
218 — Ao levantar ferro, canção maritima.	O Marujinho.
266 — Folgadinho.	
306 — Os olhos da Mariannita.	
307 — A Rolinha.	
313 — Chamarrita nova.	
313 — Chamarrita velha.	
331 — Magericão.	

	nas ***Canções da Beira*** *de F. Thomaz*
35 — Carrasquinha.	Matilde.
50 — Carinhosa.	
63 — Manuel.	
69 — Ciranda.	Siranda (*variante*).
85 — Malhão.	(*Variante*)
88 — Coradinha.	
93 — Padeirinha.	
112 — Sericoté.	Tim, tim. arraial.
141 — Quitolles.	Semana Santa.
151 — Pombinha.	
157 — Luizinha.	(*Variante*).
194 — Morena.	
197 — Farrapeira.	Farrapeirinha (*Variante*).
222 — Marianna.	(*Variante*).
229 — Cannavial.	
276 — Amelia.	(Está com a musica da Gentil Serrana).
281 — Gualdir e gualdar.	Galdir e galdar (*Variante*).
299 — Meu bemzinho.	Vou-me embora.
362 — Pavão.	
311 — Laranja ao ar.	
326 — O nó da gravatinha.	
336 — Mangerico.	

A DESPEDIDA DO MARUJO

CANÇÃO MARITIMA

A S. A. R. Infanta de Portugal D. Antonia Maria,
Duqueza de Saxe-Coburgo-Gotha.

Andante

336

p O-ra a-deus, o-ra a-deus, que me vou a em-bar-car, o-ra a-deus, o-ra a-deus, que me vou a em-bar-car, Se a for-tu-na per-mit-tir Al-gum dia hei de vol-tar, Se a for-tu-na per-mit-tir al-gum dia hei de vol-tar.

Ora adeus, ora adeus,
Que me vou a embarcar;
Se a fortuna permittir
Algum dia hei de voltar.

Todos filhos da fortuna
Que quizerem embarcar,
A catraia está no porto,
A maré está baixa mar.

Quando Deus formou o navio
Com seu letreiro na pôpa,
Tambem formou o marujo
Com sua calça de estopa.

Ora, adeus, bellas meninas,
Que a Lisboa hei de volver;
Ai, não pensem que embarco,
Para nunca mais as ver!. . .

Quando Deus formou o navio
Com seu traquete de lona,
Tambem formou o marujo
Lá no pau da bujarrona.

Quando me for d'esta terra
Tres coisas quero pedir:
Uma é um mal d'amores
P'ra quando tornar a vir.

Esta canção deve ser muito antiga; ainda se canta em Sergipe, no Brazil, nos bailados dos marujos, onde foi recolhida, a parte melodica, pelo Ex.mo Snr. Silvio Romero.

MIRANDUM

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a Duqueza de Palmella.

Allegretto

537

Mi ran - dum se fui a la guer - - ra, Mi - ran - dum se fui a la guer - - - ra, Mi - ran - dum, Mi - ran - dum, Mi - ran - del - - - la, Num sei quan - do be - - ne - rá, Se be - ne - - rá por la Pas - - qua; Se be - ne - - rá por la Pas - - qua, Mi - ran - dum, Mi - ran - dum, Mi - ran - del - - la. Ou se por la tre - ni - da - - de.

(a) Ouvimos, ha annos, cantar esta canção a uma velhinha, que a principiava assim: *O meu bem foi para a guerra...*; e tambem não lhe applicava o estribilho *Mirandum* no segundo distico como o Ex.mo Snr. Deusdado recolhera, o que nos obriga a intercallal-o n'este ponto.

A GUERRA DE MIRANDUM

Chama-se, em terras de Miranda do Douro, *guerra do Mirandum* á guerra do *pacto de familia* de 1762, durante a qual esta cidade foi tomada pelo general hespanhol Marquez de Sarria. N'uma extensa lenda historica sobre episodios locaes d'esta guerra, publicou, ha annos, o Cavalleiro de Miranda, o Ex.mo Snr. dr. Ferreira Deusdado, a lettra da celebre *canção do Mirandum*, escripta na propria lingua mirandeza, e com o commentario que se lhe segue:

LA CANTIGA DEL MIRANDUM

Mirandum se fui a la guerra
Mirandum se fui a la guerra
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Num sei quando benerá.

Se benerá por la pasqua
Se benerá por la pasqua
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Se por lá trênidade.

La trênidade se passa
La trênidade se passa
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Mirandum num bene iá.

Chubira-se a hũa torre
Chubira-se a hũa torre
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Para ber se lo abistaba.

Bira benir um passe
Bira benir um passe
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Que nobidades trairá?

Las nobidades que tráio
Las nobidades que tráio
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Bos ande fazer chorar.

Tirae las colores de gala
Tirae las colores de gala
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Ponei bestidos de lhuto.

Que Mirandum iá ié muôrto
Que Mirandum iá ié muôrto
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Jou bien lo bi anterrar.

Antre quatro oufiꞏciales
Antre quatro oufiꞏciales
Mirandum, Mirandum, Mirandella,
Que lo iban a lhebar. (1)

(1) Esta canção é publicada em Portugal pela primeira vez, tem um sabor medieval tanto no espirito como na fórma. Existe em francez sob o titulo de *canção da ama de Luiz XVI*, porque foi esta que a levou á côrte. Maria Antonietta gostou d'ella, sendo depois moda a musica e a lettra, não só em França, mas n'outros paizes. Ha criticos que suppõem que data da *guerra da successão*, sendo composta depois da batalha de Malplaquet, na qual o duque de Malbrough inflingiu a terrivel derrota á França. Em francez, pelo emprego archaico de algumas phrases, tambem parece ser romance do tempo das cruzadas.

Foi em França adaptada ao general Malbrough com o accrescento de algumas estrophes de mau gosto, como entre nós foi adaptada ao *capitão do Mirandum* sem accrescentos.

Chateaubriand ouviu cantar esta musica aos arabes da Syria. Outros affirmam que tambem a cantaram os mouros de Granada; mas tudo isto é incerto. O estribilho em francez é uma toadilha sem significação, emquanto que em portuguez, ou melhor, em mirandez, está nacionalisada e tem significação.

A canção franceza é a seguinte, recolhida por Larousse:

Mal - brough s'en va - t'en guer - re Mi-ron - ton, Mi-ron-ton, Mi-ron - tai - ne, Mal - brough s'en va - t'en

D. C.

guer - re Ne sait quand re - vien - dra Ne sait quand re - vien - dra.

Eis a lettra da canção franceza, cujas repetições e estribilho já ficam indicados na musica:

Malbrough s'en vat'en guerre
Ne sait quand reviendra,

Il reviendra z'á Pâques,
Ou à la Trinité.

La Trinité se passe,
Malbrough ne revient pas.

Madame á sa tour monte
Si haut qu'ell peut monter.

Elle aperçoit son page,
Tout de noir habillé.

Beaux page, ah! mon beaux page,
Quell nouvelle apportez?

Aux nouvell's que j'apporte,
Vos beaux yeux vont pleurer.

Quitez vos habits roses
Et vos satins brochés;

Monsieur de Malbrough est mort;
Est mort et enterré.

J'l'ai vu porter en terre
Por quatre z'officiers.

L'un portait sa cuirasse
L'autre son bouclier.

L'un portait son grand sabre
L'autre ne portait rien.

A l'entour de sa tombe
Romarins l'on planta,

Sur la plus haute branche
Le rossignol chanta.

On vit voler son âme
A' travers des lauriers.

Chacun mit ventre á terre
Et puis se revela.

Pour chanter les victoires
Que Malbrough remporta.

La cérémoine faite
Chacun se fut coucher.

Les uns avec leurs femmes,
Et les autres tout seuls.

Ce n'est pas qu'il en manque
Car j'en connais beaucoup.

Des blondes et des brunes
Et des châtaign'aussi.

J'n'en pas davantage,
Car en voilà z'assez.

Em hespanhol tambem existe e começa assim:

Mambru se fué à la guerra...

Procuramos o romanceiro e o cancioneiro geral hespanhol de D. Agostin Durand, e com este começo não o encontramos.

Cremos que este romance é hispanico, sobretudo portuguez, irradiando mais tarde para França e voltando de torna-viagem com o «Malbrough».

A FAMILIA DOS CARECAS

DESCANTE

A Miss Agnes Banfield Moreton.

Andante

338

Sa- pa - to e me-ia de se - da nun - ca eu te com - pra -rei: Se qui- ze - res an-dar des - cal - ço, en - tão sim, eu ca - sa - rei.

Ca - re - ca o pae, ca - re - ca a mãe, ca - re-ca a a -vó e os ne-tos tam -bem; Com to- da es - ta fa - mi - lia não gas - tei nem um vin - tem.

Sapato e meia de seda
Nunca eu te comprarei:
Se quizeres andar descalço
Então, sim, eu casarei.

Camisinha de setim
Nunca eu te comprarei:
Se a quizeres usar d'estopa
Então, sim, eu casarei.

Careca o pae,
Careca a mãe,
Careca a avó
E os netos tambem,
Com toda esta familia
Não gastei nem um vintem.

Careca o pae,
Careca a mãe,
Careca a avó
E os netos tambem,
Com toda esta familia
Não gastei nem um vintem.

Esta cantiga pertence ao velho reportorio dos cegos ambulantes. Ha mais de cincoenta annos os cegos pobres que andavam de cidade em cidade e de feira em feira tocando e exibindo varias pantominas, entre outras apresentavam a dos fantoches; isto é, dois ou tres bonecos de engonços. O cego que ordinariamente tocava rebeca ou sanfôna e cantava, usava um grande capote ou gabão; o moço mettia-se debaixo d'esta capa, e fazia sahir pela gola ou capuz, junto do cachaço do cego, os bonecos que representavam, dançavam e fingiam cantar estas e outras cantigas, que eram alternadas entre o cego e o moço.

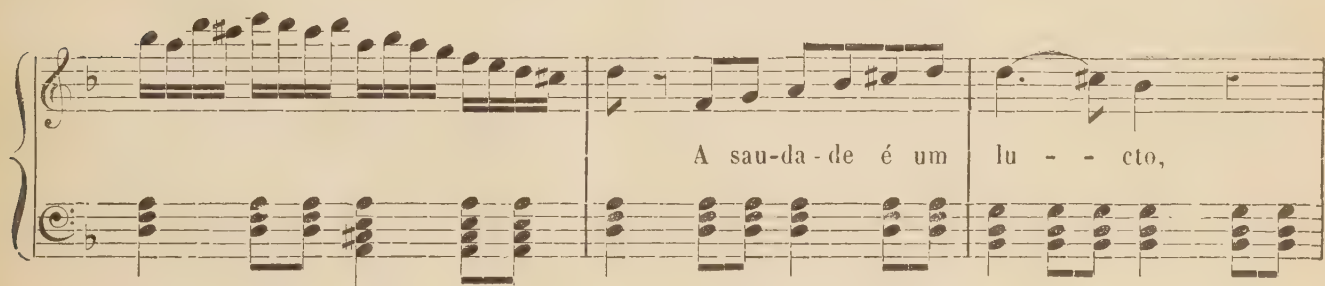
A SAUDADE

DESCANTE

A Miss Beatrice Jessie Moreton.

Andante

339

p

A sau-da-de é um lu - - cto,

a sa-u-da-de é um lu - - cto, a sau - da-de é um lu - - cto, u -

ma dor, u-ma pai - xão; E' um cor-ti-na-do ro - - xo,

é um cor-ti-na-do ro - - - - - xo, é um cor-ti - na-do

ro - - - xo que co - bre o meu co-ra- ção.

A saudade é um lucto,
Uma dôr, uma paixão:
E' um cortinado roxo
Que cobre meu coração.

Uma saudade me mata,
Um suspiro me detem,
Uma esperança me anima
De tornar a ver meu bem.

A paixão tem uma filha
Que se chama saudade:
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Quem vive ausente, não póde
Dizer que logra ventura;
Porque uma saudade é morte,
Uma ausencia, sepultura.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé do verde jasmim;
E a flor me respondeu:
— Cala-te, tudo tem fim.

Recolhida em Angra do Heroismo.
Esta musica faz parte dos bailados insulanos.

OS RABELLOS

CHULA REISEIRA

A Miss Edith Mary Moreton.

Andante

340

f Nós vi - mos a - qui can - tar, com vi - o - las e fer - ri-nhos, Mas não nos de - vem di - zer: a pa - nel - la tem *có - mi - nhos.*

Nós che - ga-mos in-da a - go - ra No bar - co em que sou ar-raes, E a bar - qui - nha fi - cou presa 'lá em bai - xo nos Guin - da - es.

CORO

ff A gen - te bem lhe di - zi - a, vo - cê fi - ou - se nos mais, a - go - ra ven - da-lh'a cri - a, é bem fei - to *sêr* ar - ra - es.

(*a*) D. C.

Nós tambem fizemos bôda
Como nunca ha de constar,
Senão fosse o desarranjo
Da panellica estoirar.

Tinhamos a ceia prompta,
Grita o moço da espadella:
—Senhor arraes, venha ver,
Cahiu a rata á panella!

Estava á prôa da barquinha,
Corri logo assustado;
Não que hoje é dia de festa,
Era cação ensopado.

Senhor arraes ora veja,
O que agora aconteceu;
Cahiu a rata á panella,
'Té a barquinha estremeceu.

Estava fogo no coqueiro,
Eu fugi então p'ra prôa;
E se não fosse os *Voluntairos*
Ardia a cesta da brôa.

Os prejuisos que houveram
Vota arriba d'um *corzado*
Entre panella e cebollas
E o cação ensopado.

Pois se não succede aquillo
Não vinhamos cá chorar,
Que o cação que a gente tinha
Dava muito que trincar.

Ai que era coisa tão rica,
Nenhum de nós a provou,
Eu ia a tirar a rata
E a panellica estoirou.

Agora dê-nos da ceia
Ou dinheiro pr'a fazer,
Que o *sôr* tambem está sujeito
Do mesmo lhe *assuceder*.

(*a*) N'esta nota elevam a voz um quarto de tom, aproximadamente. A lettra e musica d'esta chula é de Belmiro da Silva Porto (1893). Os marinheiros do rio Douro enfurecem-se quando lhes dizem: *a panella tem cóminhos*, ou *cahiu a rata á panella*, porque estes ditos envolvem, para elles, anedoctas pouco limpas.

QUE QUERES TE EU TRAGA?

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Laura d'Oliveira e Silva.

Andantino

541

Que que-res te eu tra - ga, ah! ah! Lá de Por-to Ri - co?

ah! ah! O - lé, o - lé, o - lé. De real Por - - - to Ri - - co,

Traz - me um a-nas - sá - - io, ah! ah! mais um a - ba- ni - - co,

ah! ah! O- lé, o - lé, o - lé, mais um a - - - ba- ni - - co.

Que queres te eu traga,
Ah! ah!
Lá de Porto Rico?
Ah! ah!
Olé, olé, olé,
De real Porto Rico,
Traze-me um annassaio,
Mais um abanico.

Que queres te eu traga
Lá do Maranhão?
Traze-me canna doce,
Café e pirão.

Que queres te eu traga
Lá de Buenos Ayres?
Calção amarello,
Com seus alamares.

Recolhida nos Açores.

OH QUERIDA, GOSTO DE TI

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Augusta Lopes.

Andante

342

p U-ma sim-ples a-mi-sa-de, u-ma sim-ples a-mi-sa-de, Mui-ta vez sem se pen-sar, *f* Oh que-ri-da eu gos-to de ti. *p* Faz nas-cer a sym-pa-thi-a, faz nas-cer a sym-pa-thi-a, Que em a-mor vem a a-ca-bar. *f* Oh que-ri-da eu mor-ro por ti.

Uma simples amisade
Muita vez sem se pensar,
  Oh querida eu gosto de ti.
Faz nascer a sympathia
Que em amor vem a acabar.
  Oh querida eu morro por ti.

Eu hei de dar a meus olhos,
Um rigoroso castigo;
Já que elles por bem não querem
Tirar de ti o sentido.

Não posso viver sem ti,
Nem tu, lindo amor, sem mim;
Vem cá, minha rosa branca,
Vem cá para o meu jardim.

Na desgraça de não ver-te
Não faz meu amor mudança;
Quanto mais longe da vista,
Mais te trago na lembrança.

Tendes olhos de matar;
A bocca, compadecida;
—P'ra que mataes com os olhos,
Se com a bocca daes vida?

Oh olhos de amora preta,
Oh faces de rosa branca!
Houvera de me ter ido,
Mas o teu amor me encanta.

Recolhida em Coimbra, em 1878.

O MEU NOIVADO

PASSEATA

Á Ex.ma Snr.a D. Alice Grillo.

Andante

343

p Meu a-mor es-tá zan-ga-do Já não me ti-ra o cha-pe-u. Pas-sa por mim não me fal-la, Ra-pa-ri-ga, mos-tra-me ca-ra de réo.

con 8a

f Se fo-res ao meu noi-va-do, le-va sa-ia de ba-lão, P'ra can-ta-res es-ta mo-da, Ra-pa-ri-ga, ás mo-ças de S. Ro-mão.

P'ra can-ta-res es-ta mo-da ás mo-ças de S. Ro-mão. Se fo-res ao meu noi-va-do, Ra-pa-ri-ga, le-va sa-ia de ba-lão.

Meu amor está zangado,
Já não me tira o chapeu,
Passa por mim não me falla,
Rapariga,
Mostra-me cara de reu.

Se fores ao meu noivado
Leva saia de balão,
Para cantares esta moda,
Rapariga,
A's moças de S. Romão.

Recolhida no Alemtejo em 1893. Dança-se; os pares de braço dado passeando á bicha.

OH ADRO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Antonia do Carmo Braga.

Andante

344

Quem tem a-mo-res não dor - me nem de noi-te nem de di - - a, An-

da sem-pre na - ve- gan - - do co - mo o pei - xe n'a gua fri - - a,

ESTRIBILHO

Oh a - dro, oh a-dro, oh a-dro, Jo - sé! oh a - dro de S. Ju - li - ão,

Quem qui - zer to-mar a - mo-res, Jo - sé! Ve- nha p'ra o meu ba-ta lhão.

Hei de vestir a minh'alma
Das pennas d'um passarinho. . .
Até as pennas me servem
P'ra fazer um vestidinho.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José.
Oh adro de Santa Cruz:
Os homens são o demonio,
José.
Santo nome de Jesus!

Se o meu amor fôra Antonio
Mandara-o engarrafar,
Em garrafinha de vidro
Para o sol o não crestar.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José.
Oh adro de Santo Antonio,
Os homens são uns santinhos,
José.
As mulheres *são-n'o* demonio.

Dança.—Durante a cantiga é dança de roda; e no estribilho os cavalheiros dão uma volta com as suas damas, cantando: *Oh adro, oh adro, oh adro*; estas vão todas ao centro, e estendendo a mão dizem *José*.

Esta moda é antiga e muito em uso na provincia do Douro.

ADEUS, OH VAL' DE CORDEIS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Angelina do Carmo Braga.

Moderato

345

A - qui tens a mi-nha mão, a - jun - ta pal-ma com pal - ma; Do-
mi - na meu co-ra - ção, To - ma pos - se da mi - nh'al - - ma.

ESTRIBILHO

A - deus, oh val' de Cor- de - - - is, a - deus quin-ta do Pa - nel - - la. Já
mor - reu o meu a - mor ao sal - tar d'u - ma ja - nel - - la.

Aqui tens a minha mão,
Ajunta palma com palma;
Domina meu coração,
Toma posse da minh'alma.

Quando de ti me separo,
O que sinto nem eu sei:
Meu coração adivinha
Que nunca mais te verei.

A alegria de meus olhos
Nem eu sei quem m'a levou;
Tão alegre que era d'antes,
Tão triste que agora sou!

Adeus, oh val' de Cordeis,
Adeus villa de Palmella,
Já morreu o meu amor
Ao saltar d'uma janella.

Amanhã, por estas horas,
E' a hora da partida;
Eu me vou e tu te ficas,
Oh prenda da minha vida.

Se ouvires dizer que eu morri
Não tenhas pena, meu bem;
Que a morte d'um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

Recolhida no Alemtejo em 1893.

SENHOR DA SERRA

DESCANTE

Á Ex.ma Sn.a D. Laura d'Oliveira Lima.

Allegro

346

f

Ra - pa - zes e ra - pa - - ri - gas, Va - mos ao Se - - nhor da Ser - ra, To - do o ca - mi- nho a - cha flo - res, Quem com Deus an - - da na ter - ra.

con 8a

D. C. 𝄋

Oh gentes da christandade,
Vamos ao Senhor da Serra,
A pedir-lhe que nos livre
Da peste, da fome e guerra.

Rapazes e raparigas,
Vamos ao Senhor da Serra:
Tem lá uma bella fonte,
Quem tem sêde bebe n'ella

Divino Senhor da Serra.
Vinde abaixo á ladeira:
Vinde buscar a mortalha,
Que eu já tive á cabeceira.

Divino Senhor da Serra,
Divino Senhor sejaes:
Não tenho nada de meu,
Vós, Senhor, tudo me daes!

Divino Senhor da Serra
Mandae Agosto mais cedo:
Que eu quero ir passear
Aos areaes do Mondego.

Ao Senhor da Serra vae
Gente de toda a nação;
Ninguem la vae que não chore
Da raiz do coração.

Ao Senhor da Serra vae
Gente de toda a comarca:
Ninguem lá vae que não chore,
Quando do Senhor se aparta.

Venho do Senhor da Serra,
Mais valente que cançada:
Se tivesse companhia
Inda para lá tornava.

Foste ao Senhor da Serra,
Nem um annel me trouxeste;
Nem os moiros da Moirama
Fazem o que tu fizeste.

Recolhida na Serra do Pilar em 15 d'Agosto de 1870. Este descante é muito antigo e vulgarissimo em todas as romarias. Tambem se dança como o *Vira*.

FAZ FAVOR PONHA O PÉSINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Grillo.

Allegro moderato

547

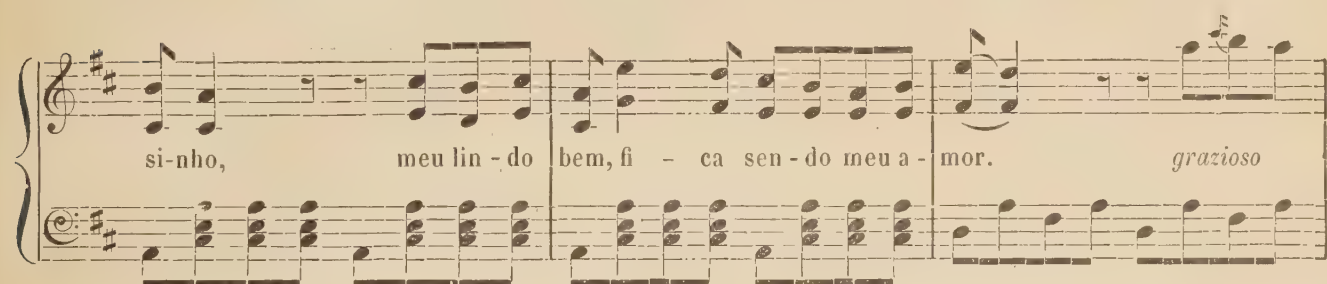
f

SOLO

p Faz fa - vor, faz fa -vor po-nha o pé- zi-nho, Po-nha o pé -zi nho faz fa - vor se o quer pôr,

CORO

f Faz fa - vor, faz fa-vor po-nha o pé- si-nho, po-nha o pe si-nho faz fa-vor se o quer pôr,

SOLO

p Ao ti - rar, ao ti - rar do seu pé- si-nho, meu lin - do

CORO

bem, fi - ca sen-do meu a - mor, Ao ti - rar, ao ti - rar do seu pé-

si-nho, meu lin - do bem, fi - ca sen - do meu a - mor. *grazioso*

Faz favor, ponha o pésinho,
Faz favor, se o quer pôr:
Ao tirar do seu pésinho,
Meu lindo bem:
Fica sendo meu amor.

Faz favor, ponha o pesinho,
Ramo de mangericão:
Ramo que está sempre verde,
Quer d'inverno, quer de verão.

Faz favor, ponha o pésinho,
A' moda da gente rica:
Ao tirar o seu pésinho
Olhe como tão bem fica.

Faz favor, ponha o pésinho,
Sapato de setineta;
Que n'esta nossa amisade
Não haja quem se intrometta.

Faz favor, ponha o pésinho,
Ponha alli ao pé do meu;
Ao tirar do seu pésinho
Cada qual fica com o seu.

Ponha alli o seu pésinho,
A bulir e a brincar:
Se não quer pôr o pésinho,
Ponha o chapeu, póde andar.

Esta musica e dança é uma variante dos Açores e póde dizer-se Ribeirinha, pois era usada pelos marinheiros nos botequins e casas de orgia dos portos do continente e ilhas. A dança já a indicamos na musica numero 150, na variante do continente.

ESTOU PRESO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmyra de Moraes.

Allegretto

348

A-ti-rei a pen-na ao ar, ca-hiu no chão fez um és-se, an-de lá por on-de an-dar nun-ca o meu a-mor me es-que-ce. Es-tou pre-so a-qui n'es-ta ca-de-ia por a-mor de ti, por a-mor de ti.

Atirei a penna ao ar,
Cahiu no chão, fez um I:
Ande lá por onde andar
Nunca me esqueço de ti.

Estou preso aqui,
N'esta cadeia,
Por amor de ti.

Dentro do quarto que habito,
Andam as *pennas* voando,
Tantas são as que padeço
Que as disfarço cantando.

Atirei com a penna ao ar,
Atirei com a penna ao chão,
Em má hora a atirei
Que entrou no meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1871.

Dança.—Os pares formam em grande roda ficando uma pessoa no centro, a roda gira durante a primeira parte; depois no estribilho forma cadeia e a pessoa que está dentro canta escolhendo a pessoa que a ha de substituir.

O ARTILHEIRO

CANÇAO MILITAR

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Miquelina d'Araujo Pimenta da Fonseca.

Allegretto

439

Sou sol- da - do, va - len - te, guer- rei - ro; Sou d'el- rei o mais bra - vo dra - gão. Pas-so a vi - da em lu - cta cons - tan - te; Pas - so a vi - da com ar - mas na mão.

Sou soldado, valente, gerreiro,
Sou d'el-rei o mais bravo dragão:
Passo o vida em lucta constante,
Passo a vida com armas na mão.

Vou dar fogo no campo da guerra,
Vou dar fogo com o meu canhão;
Ai que vida tão cheia d'encantos!
Ai que vida p'ra o meu coração!

Pela patria dou a minha vida,
O meu sangue e o meu coração;
Ao sentir o rufar dos tambores,
Entro em fórma no meu batalhão.

Vou bater-me contra o inimigo,
Em defeza do meu batalhão;
Adeus filhas, adeus meus amores,
Adeus patria do meu coração.

Esta canção foi popularissima de 1849 a 1853. Recolheu-a o Ex.mo Snr. José Augusto Ferreira da Silva.

ARREDONDA A SAIA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Estephania Alter Sotto Maior.

Andante

350

De - bai - xo da ra - ma - di - - nha 'stão cho- ven-do u - mas pin- gui - nhas, 'stão cho -ven-do u-mas pin- gui - nhas.
To - dos tem os seus a - mo - - res só eu 'stou a tor - cer li - nhas, só eu 'stou a tor - cer li - nhas.

Ar - re-don - da a sai-a, ar - re don-da a sai-a, ar-re - don -da a bem, Nas vol-tas que der's ao par, oh do ran tan tan, oh la - ró, meu bem.

Debaixo da ramadinha
'Stão chovendo umas pinginhas:
Todos tem os seus amores.
Só eu estou a torcer linhas.

Arredonda a saia,
Arredonda a saia,
Arredonda-a bem:
Ás voltas que der's ao par,
Oh do ran, tan, tan,
Oh, laró, meu bem.

Coração perto da bocca,
Faz um peito que regala:
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla.

De traz da roseira nasce
Fogo que abraza dois lumes,
Quem é rendeiro d'amores
Paga renda de ciumes.

Recolhida em Traz-os-Montes em 1890.
Dança.—Durante a quadra dança de roda; no estribilho, cada par dança em passo de polka lisa muito volteada

O CANTOR COSMOPOLITA

ARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Carolina Bessa de Queiroz Vasconcellos.

Allegretto

351

dolce

Sou pro-fes-sor de mu - si - ca, su sta-to em Fran-ça, Hes -pa-nha, su sta-to em Fran-ça, Hes- pa-nha; in Cor-se, n'Al-le -ma - nha, can- tan-do n'el-la fá,

rindo

Ah, ah, ah, ah, ah, ah,ah,ah,ah, ah, ah, ah, ah, ah. can- tan-do em n'el-la fá, can- tan-do em n'el-la fa.

Sou professor de musica,
Su stato em France, Hespanha,
In Corse, n'Allemanha,
Cantando n'ella Fá.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

Vedi come son bello,
Estar derecho em pé non possi;
Di mi cacarossi,
Si mi faz enamorar.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

Il mio patron hez um asino,
He um mulo em casa tiene,
E quando me alha al mene,
Só mĩ fá Hin-hon, Hin-hon.
Ah, ah, ah, etc.
Cantando em n'ella Fá.

Esta aria é antiga e pertencia ao reportorio das salas; ainda hoje é muito vulgar.

VAREIRA DO DOURO

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Walter da Fonseca e Souza.

Andante

352

f

gracioso

á vontade

Eu hei- de te a-mar, a-mar Eu hei-

de te a-mar, a-mar, Eu hei-de -te a-mar, a

rir;

con 8a

con 8a

con 8a

á vontade

Hei - de te a - mar de di-a, Hei - de te a - mar de
di - -a, á noi - te que - ro dor - mir.

Eu hei de te amar, amar;
Eu hei de te amar a rir:
Hei de te amar de dia,
Que á noite quero dormir.

A candeia por estar baixa,
Não deixa de alumiar:
Assim o amor por estar longe
Não deixa de nos lembrar.

Ha silvas que dão amóras,
Ha silvas que não as dão:
Ha amores que são firmes
Mas ha muitos que o não são.

Abre-te peito e falla,
Coração, salta cá fóra:
Anda ver o meu amor
Que chegou aqui agora.

As pombinhas quando nascem,
Logo vem dando beijinhos:
Assim são os namorados
Quando se apanham sósinhos.

Oh coração, coração,
Quem t'atirara dois tiros:
Com uma pistola d'oiro
Carregada de suspiros.

Salsa da beira do rio,
De mimosa cae-lhe a folha,
Tenho um amor bem bonito
Se não houver quem m'o tolha.

O meu amor foi-se embora,
Se elle foi deixal-o ir:
Deixou-me prisioneira
Que não lhe posso fugir.

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia;
Antes m'elle deve a mim
As noites que eu não dormia.

Ando por aqui de noite,
A's escuras como o rato;
Ando de porta em porta
Não atino com o buraco.

Ando por aqui de noite,
Como o gavião perdido:
Accordo e adormeço
Comtigo no meu sentido.

Limoeiro do Brasil
Bota p'ra cá um limão:
Quero tirar uma nodoa
Que tenho no coração.

Minha mãe é minha amiga
Quando cose dá-me um bolo:
Quando se arrenega commigo
Dá-me com a pá do forno.

De que servem as esquinas
N'uma noite de luar,
Se ellas não hão de encobrir
Dois amantes a fallar?

O sol anda e desanda
Mil voltas em derredor,
Eu não ando nem desando
Sou leal ao meu amor.

Fallaes de mim, fallaes d'outros,
Sempre tendes que dizer:
Inda que o inferno está cheio,
Vós haveis de lá caber.

Onze horas, meio dia,
E o jantar arrefece,
Anda agora muito em moda:
Quem mais faz menos merece

Tenho quatorze namoros
P'ra conversar ás semanas:
Tres Marias, tres Josephas,
Tres Franciscas, cinco Annas.

Recolhida na Regua em 1874.

Dança.—Os pares ora se aproximam ora se afastam, dando voltas e reviravoltas a caprícho. Tanto se dança nas eiras como caminhando em *compasso grave*.

SE FORES A CASTELLA

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria Bendicta d'Almeida.

Andantino

355

Se for'-s a Cas- tel - la, traz-me u-ma saia de fi-ta a-ma - rel - - la de bar - ra por ci - ma bar - ra por bai - xo com seu fi - ta - - xo.

ff Ai, ai, ai, Chi-ri, bi-ri, bi-ri, gu-ri, gu-ri, gu-ri, ga-ri, ga-ri, ga-ri, chi-ri, bi - ri, bi-ri, quem a a - tar se - ran - dai - - - - na.

Se for's a Castella
Traz-me uma saia,
Com fita amarella,
Barra por cima,
Barra por baixo,
Se trouxer fitaina.

Ai, ai, ai,
Chiri, biri, biri,
Guri, guri, guri,
Gare, gare, gare,
Quem a atar
Serandaina.

Se for's a Castella,
Traz-me um collete
Cor de canella.
Mas não te esqueça
O atacador
E o fivellete.

Se for's a Castella
Traz-me umas meias
De seda amarella.
Não te esqueça as ligas
Azues e vermelhas,
Que as outras são feias.

Este jogo é muito antigo.

Dança.—Grande roda de mãos dadas durante os primeiros 16 compassos. No estribilho soltam as mãos e imitam tocar instrumentos; no fim quando dizem: *Quem a atar serandaina,* cada par dá as mãos rodando sobre si.

BATE OS REMOS

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Lucilia Hermenegilda d'Oliveira.

Allegro

354

f *p* Se te vir e não te fal- lar Não o i - - gno - res a - mor, Ba-te os re - mos, ca - cho- pi - nha, ba-te os re - - - mos, lá no mar é que nós ande - mos.

Se te vir e não te fallar
Não o ignores, amor;
Bate os remos,
Cachopinha,
Bate os remos,
Lá no mar
E' que nós andemos.
Que me trazem vigiada
Como o cão do caçador.
Bate os remos,
Cachopinha,
Bate os remos,
Lá no mar
E' que nós andemos.

Dizes que os falsos t'adoram.
Quem te quer bem que t'engana;
És leal a quem te é falso,
E traidora a quem te ama.

De que me serve eu dar ais,
Abrir os ceus com gemidos;
Se tão grande é a distancia,
Que meus ais não são ouvidos.

Amar-te, querer-te bem,
Tudo isso, amor, farei;
Mas andar a traz de ti,
Isso não, é contra a lei.

Segunda-feira te amo,
Na terça te quero bem;
Na quarta por ti espero,
Na quinta por mais ninguem.

Na sexta dou um suspiro,
Sabbado digo por quem,
No domingo vou à missa
Para ver quem me quer bem.

O sol anda e desanda,
Para tornar a nascer;
Eu não ando nem desando,
Sou fiel até morrer.

Esta cantiga appareceu pelos annos de 1848 a 1849. Era muito cantada no Porto com differentes versos, porém o estribilho foi sempre o mesmo.

NEGRO MELRO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Teixeira.

Andantino

355

O la - drão do ne - gro mel - ro to-da a noi - te as-so - bi- ou, lá por es - sa ma - dru- ga - da, ba - teu as a - zas, vo- ou. O la- drão do ne - gro mel - - ro to-da a noi - te as-so - bi - ou, lá por es - sa ma - dru -ga - da ba - teu as a - zas, vo -ou.

O ladrão do negro melro,
Toda a noite assobiou,
Lá por essa madrugada
Bateu as azas, voou.

O ladrão do negro melro
Toda a noite *requiquiu*,
Ao chegar a madrugada
Bateu as azas, fugiu.

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho!
Lá p'ra os lados de Leiria,
No mais alto pinheirinho.

O ladrão do negro melro
Foi-me á quinta ás ameixas,
Torna cá, oh negro melro,
Anda buscar as que deixas.

Esta canção foi popularissima no principio do presente seculo.

SERENATA A' MORENA

FADO

Á Ex.ma Snr.a Condessa de Monsarraz.

Moderato

356

Eu | não te-nho on-de me a- | coi - te, oh | pom-ba dos meus a -

nhe - los! Que - | ro es-con-der-me na | noi - - te | pro-fun - da dos te-us ca -

bel - los. Que - | ro o teu ha-li-to ar | -den-te, as - | pi - rar a lon-gos | tra-gos; Que -

ro sen - tir os af- | fa - - gos da | tu - a fal - la tre- | men - te.

Quero o teu halito ardente
Aspirar a longos tragos;
Quero sentir os affagos
Da tua falla tremente.

Depois verás como eu canto
Na minha lyra de poeta,
Este amor que eu amo tanto,
Oh minha casta violeta...

Como eu te quero! No mundo,
Só eu sei e mais ninguem
O affecto immenso, profundo,
Que o meu coração contém.

A' noite, quando me deito,
Vejo o teu rosto, morena;
E, oh pomba casta e serena,
Tu poisas sobre o meu leito.

E na febre em que me abrazas,
Meu doce amor, até creio
Que roçam pelo meu seio
As pennas das tuas azas.

E que de manso ao ouvido
Me fallas do teu amor;
E que ouço perto o rumor
Das ondas do teu vestido.

Que a minha fronte descança,
A sorrir, nos teus joelhos:
E sinto os beijos, creança,
D'esses teus labios vermelhos.

Sou talvez um sonhador,
Talvez um louco, talvez;
Mas quero beijar-te os pés
Na febre do meu amor.

E tu, se accaso tens pena
D'este meu soffrer profundo,
Ri-te de Deus e do mundo,
E abre-me os braços, morena.

Esta musica que recolhemos na praia da Granja em 1875, quando era simplesmente executada em guitarras (instrumento predominante n'aquella epocha) por um grupo de academicos, acaba de reapparecer mas agora cantada com a bellissima poesia do Ex.mo Snr. conde de Monsarraz.

AO SALTAR DO BARRANQUINHO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca de Souza Martins.

Andantino

357

Quan - do te pe-guei a a- mar Dei - tei sor - tes á ven- tu - ra. Quan-do me quiz re - ti - rar já meu mal não ti - nha cu - ra. Ao sal- tar do bar - ran- qui - nho, Fran - cis- qui - nho da - me a mão; Que eu pro - met - to de ser tua, Mas por o - ra a - in - da não.

Quando te eu peguei a amar,
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar,
Já meu mal não tinha cura.

Ao saltar do barranquinho,
Francisquinho, dá-me a mão;
Que eu prometto de ser tua,
Mas por ora ainda não.

Do meu bem os lindos olhos,
Aquella engraçada bocca,
Com o sorriso d'um anjo
Faz andar minh'alma louca.

Diz-me, ladrão, p'ra que queres
Coisinhas tão pequeninas?
Tu, ladrão, que me roubaste
Dos meus olhos as meninas!

Desejava de saber
Onde a pena mais augmenta,
Se é no peito de quem fica,
Ou se é no de quem se ausenta.

Desejava ter comtigo
Mais alguma lidação...
Não atraza, nem augmenta
A nossa namoração.

Recolhida no Vimieiro (Alemtejo) pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Dança.—Durante a quadra dança de roda; no estribilho cada par faz *balancé* e *tour de main*, e as damas passam ao par seguinte, repetindo o mesmo até tornar ao seu par.

ADEUS AREAL DO RIO

DESCANTE

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Amelia da Luz.

Andantino

558

p Vae a-mor não te a po-quen-tes, sen-ta pra-ça, sê sol-da-do; Que mes-mo lon-ge de mim has de ser sem-pre a-do-ra-do. *f* A-de-us a-re-al do ri-o, a-de-us pe-dras de la-var, a-de-us som-bras dos sal-guei-ros on-de eu te vi-nha fal-lar.

Oh quanto melhor me fôra
Não conhecer amisade;
Que agora não soffreria
Os rigores da saudade.

Ainda que os ceus se abram,
A terra façam tremer,
Não hei de deixar d'amar-te,
Só se algum de nós morrer.

Eu sei que te vaes embora,
Flor do mangericão;
Se te vaes é porque queres,
Por minha vontade, não.

Tóma lá esta saudade
Que eu fui colher ao jardim,
Guarda-a sempre e quando a vires,
Meu amor, chora por mim.

Toda a noite tive frio,
Faltaste-me tu, amor,
Longe de ti tenho frio,
Se te aproximas, calor.

Tens no teu quarto alecrim
E a imagem de Sant'Antonio;
Será por causa de mim,
Ou por causa do demonio?

Recolhida em Coimbra, em 1880.

O ARROZ ESTA' CRU'

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Engracia da Silva Cruz.

Andantino

359

p A lu - a vae a - ma- rel - la, Meu a - mor va-mol-a ver: Não

ha sol que che-gue á lu - a, Nem ao nos - so bem que rer. A 'stá

mim não m'in-ga - nas tu! a mim não m'in-ga - nas tu! a
crú dei - xal - o co - ser, 'stá crú dei-xal - o co - ser, 'stá

mim não m'in-ga - nas tu, a pa-ne - la ao lu-me o ar-roz 'stá crú.
crú, de--xal - o co - ser, di - zem mal de mim dei - xal-o di - zer.

Alecrim da borda d'agua,
Deita cheiro que rescende;
Assim é o meu amor:
Onde chega logo prende.

A mim não m'enganas tu!
A panella ao lume,
O arroz 'stá cru!
'stá cru, deixal-o coser;
Dizem mal de mim
Deixal-o dizer!

Esta noute choveu neve
Cahiu a folha ao feijão;
Hei de lograr os teus olhos,
Amor do meu coração.

Tu pediste a minha mão
Sem saber o voto meu:
Minha mãe governa tudo,
Mas em mim governo eu.

Se te quiz bem foi um sonho,
Se te amei, foi falsidade;
Foi emquanto não achei
Amor da minha vontade.

Se a lembrança de perder-te
Me atormenta o coração,
Que fará quando soffrer
A nossa separação.

HYMNO REAL DE D. MIGUEL I

A S. A. a Princeza de Loewenstein-Werteim.

Allegretto brilhante

360

INTRODUCÇÃO *f*

SOLO

Ex- al - - - ta Pa - - tria di- to - sa de ga- la os or - na - - - tos ves - te, pois um

al, a na - ção fir-me e le - al, a na - ção fir - me e le - - al vi - va vi - va vi - va vi - va.

o piano 8ª

D. C. Final.

8ª sotto

Se Miguel nos vastos Ceus Anjos maus fez confundir, E' Miguel no throno Luso Que os maçãos vae destruir.	E' Miguel anjo da paz, E' o grande general; E' o rei por Deus mandado, Para reger Portugal.	As sabias leis que do throno Miguel aos lusos dictar, Farão Lisia recobrar A perdida antiga gloria.

Na pag. 229 do 1.º volume d'este Cancioneiro já apresentamos uma variante da letra d'este hymno.
Na turma, pode-se-lhe juntar tenor e basso que são da seguinte fórma:

TURMA *Tenor* *Baixo*

Vi-va, vi - va, vi - va, vi - va, vi-va o Deus d'Af-fon-so Hen-ri-ques e a na-ção fir-me e le - al, a na - ção fir - me e le - al, a na - ção fir - me e le - al a na - ção fir-me e le - - al, vi - va, vi - va, vi - va, vi - va.

Este hymno foi introduzido em algumas missas solemnes fazendo parte da *Gloria*.
A partitura impressa d'onde extrahimos este hymno não traz os nomes dos authores nem data, que deve ter sido da acclamação (1828), por ter o titulo de *Hymno Real*; apenas indica ser impresso em Lisboa e vender-se na Portaria de Santa Clara de Coimbra; em Lisboa na de S. Vicente de Fóra e no Porto rua das Flores, defronte da Misericordia.

A MULHER DO NOSSO MESTRE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Leocadia da Silva.

361

A mu- lher do nos - so mes-tre, ai-ló! foi es- ta noi-te á le- va - da, tim, tim do-nes do - nes, tim, tim, do-nes do - nes, Met-teu as mãos pe - lo lô - do, ai - ló! pi-cou se no pei - xe es pa - da; tim, tim, do-nes do - nes, tim, tim, do-nes do - - nes.

A mulher do nosso mestre,
Ai, ló,
Foi esta noite á levada,
Tim, tim, dones, dones.
Metteu as mãos pelo lôdo,
Ai, ló,
Picou-se no peixe espada,
Tim, tim, dones, dones.

Peixe espada era elle
Que lhe deu na dianteira,
. . . .
. . . .

Venha cá senhora comadre,
Sente-se n'essa cadeira:
. . . .
. . . .

Se fôr macho ha de ser frade,
Ai, ló,
Se fôr femea ha de ser freira;
Tim, tim, dones, dones, (1)
E se não tiver cabello
Ai, ló,
Põe-se-lhe uma cabelleira,
Tim, tim, dones, dones.

Esta musica é muito antiga. No reinado de D. Miguel I os partidarios d'aquelle principe, parodiavam-lhe a letra que é a seguinte:

Venha cá oh sôr *malhado*, (2)
Sente-se n'esta cadeira;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a caveira.

Venha cá, oh sôr malhado,
Tire já esse barrete;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão dou-lhe com um cacete.

Venha cá, oh sôr malhado,
Metta a mão n'esta gaveta;
Diga: Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a corneta.

(1) Ha poucos annos reappareceu esta musica com umas allusões ridiculas ás irmãs de caridade, tendo por estribilho: *tim, tim, dá-lhe, dá lhe.*

(2) *Malhado* era um dos epithetos com que os miguelistas apperreavam os constitucionaes. Esta lettra já a citamos a pag. 230 do 1.º volume.

S. JOÃO DOS BORREGUINHOS

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia da Assumpção.

362

Allegro VOZ — CORO — SOLO — con 8a CORO

Va-mos le - - - var um bor- re-go, oh bor re-go, oh bor -re - go, Ao S. João da La - pa, ao S. João da La - pa, cau-tel-la com o bi-cho que não vá ca - hir ao chão, que is-to foi pro- mes - sa que se fez ao S. Jo- ão, o - lé, que is-to foi pro- mes - sa que se fez ao S. Jo- ão.

Vamos levar um borrego,
Oh borrego, oh borrego;
Ao S. João da Lapa,
Cautella com o bicho
Que não vá cahir ao chão;
Isto foi promessa
Que se fez ao S. João,
Que já nos 'stá acenando
Co'a ponta da sua capa.

Já o S. João da Lapa,
Oh borrego, oh borrego,
Tem dois borreguinhos;
Cautella com o bicho
Que não va cahir ao chão;
Isto foi promessa
Que se fez ao S. João.
Com fitinhas ao pescoço
E com guisos nos corninhos.

Esta chula é moderna, e o author é o conhecido e já citado Belmiro.

OH SENHORA ANNA

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Clotilde de Castro.

Allegro

363

Oh se-nho-ra An-na o seu ga - to deu u-ma bo-fe-ta-da na ca-ra do meu.

Oh senhora Anna,
Reprehenda o seu gallo,
Que a minha gallinha
Anda a namoral-o.

Oh senhora Anna,
Oh senhora Iria,
O meu gallo canta,
O seu assobia.

Oh senhora Anna,
Oh senhora Helena,
Faça os caracoes
A' sua pequena.

O LADRÃO MORREU

CANTIGA DAS RUAS

Allegretto

364

O la-drão mor-reu a co-mer to ma-tes, me-ni-nas bo-ni-tas não são p'ra alfa - ia - tes, Ai, ai, que me pic - ca, ai ai, que me ar-ra - nha, ai, ai, que me fer - ra a-quel-la a - ra - nha.

O ladrão morreu
A comer tomates:
Meninas bonitas
Não são p'ra alfaiates.

Ai, ai, que me pica,
Ai, ai, que me arranha,
Ai, ai, que me ferra
Aquella aranha.

O ladrão morreu
A comer castanhas:
Meninas bonitas
Não são para aranhas.

O ladrão morreu
Em comes e bebes;
Meninas bonitas
Não são p'ra algibebes.

Estas cantigas appareceram pelos annos de 1848-49. O Visconde de Castilho serviu-se da musica applicando-a no seu methodo repentino de aprender a ler.

DIOGO CURRIENTES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Theodora de Carvalho.

365

Dio-go Cur - rien- tes me cha-mo, na - tu- ral d'An-da - - lu - zi - a. Dio - go Cur - rien - tes me cha - mo na - tu - ral d'An-da - - - lu - - - zi - a. Que os ri - cos os rou- ba - va e os po - - bres soc - - cor- ri - a.

Diogo Currientes me chamo,
Natural d'Andaluzia:
Que aos ricos os roubava,
E os pobres soccorria.

Oh que vida eu passava!
Mesmo uma vida de rei;
Com o trabuco na mão,
Austero, dictava a lei.

Mas o diabo da justiça
Invejosa do meu estado,
Os seus arpéos me lançou,
E acabou o meu reinado.

Como fraco passarinho
Estou mettido na gaiola;
E áquelle a quem roubava,
Agora peço esmola.

Esta canção que é hespanholada, tanto na musica como na lettra, appareceu em 1860, aproximadamente, cantada pelos cegos mendicantes, tornando-se muitissimo vulgar.

AI O FRADE

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Alzira Bessa Queiroz Vasconcellos.

366

Andante

p

FREIRA

Ai o fra - de quan-do vi- rá,

FRADE

Ai a frei - ra não tar-da- rá.

FREIRA

Ta-ra-la - ri - lo - lé meu bem,

FRADE

Ta-ra-la - ri - lo - lé, meu bem,

CORO

Dei-xa o fra - de que es - tá bem, Dei-xa o fra - de que es-tá bem, ou por fó-ra ou por den-tro ou por fó-ra ou por den-tro, Ve-nha a frei - ra pa-ra o con- ven - to, ve - nha a frei - ra pa-ra o con -ven - to.

Este jogo é muito vulgar em todo o paiz, porém com muitas variantes; esta que é de todas que conhecemos, a mais perfeita recolhemol-a em Arouca, em 1870.

Dança. — Os pares formam roda; no centro, sentado, está um cavalheiro (o frade); e por fóra da roda anda uma dama (a freira), e cantam conforme está na musica. No coro. quando se diz: *Venha a freira para o convento*, o par marcante solta as mãos, e os extremos do circulo voltando em cordão para o lado opposto fecham novo circulo, ficando a freira no centro e o frade do lado de fóra. A dança póde repetir invertendo os termos e applicando quadras diversas.

SANTO ANTONIO

DESCANTE DE ROMEIRAS

Á Ex.^ma Snr.^a D. Preciosa de Moraes.

367

Allegretto

f

UMA VOZ

Oh mo-ças an-dae li-gei-ras a pe-dir a San-to An-to-nio

CORO

f Oh mo-ças an-dae li-gei-ras, a pe-dir a San-to An-to-nio

mf. P'ra vos a-lis-tar a to-das no li-vro do ma-tri-mo-nio.

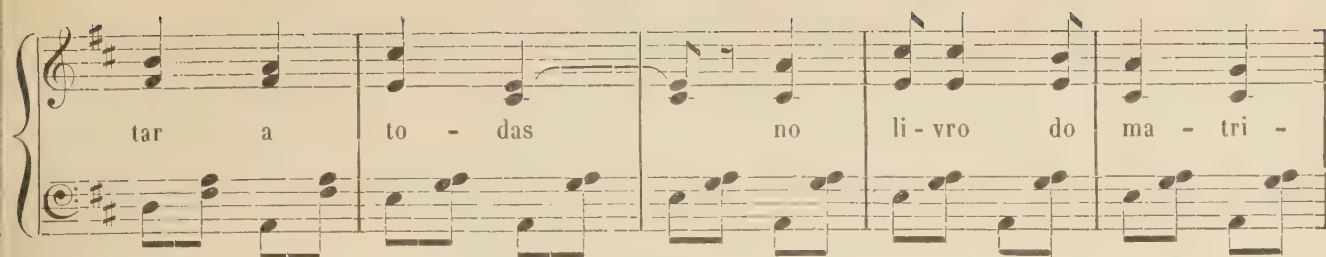
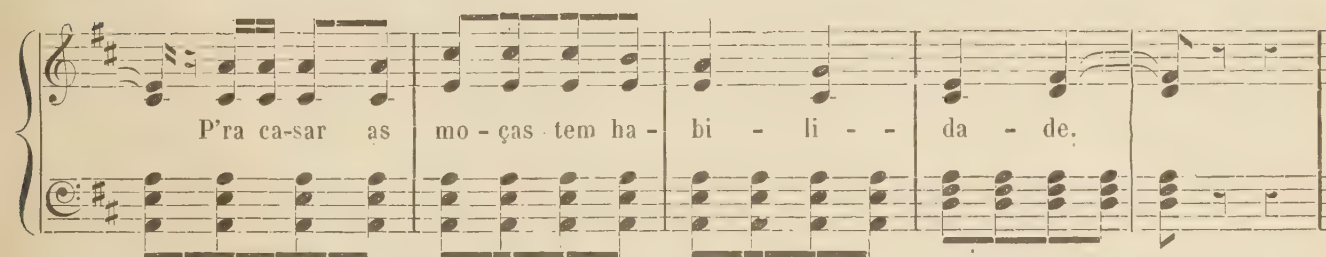
P'ra vos a-lis-

tar a to - das no li - vro do ma - tri -

mo - nio.

ESTRIBILHO

ff San-to Anto-nio é nos-so, San-to An - to - nio é fra - de:

P'ra ca-sar as mo - ças tem ha - bi - li - - da - de.

Oh moças andae ligeiras,
A pedir a Santo Antonio,
P'ra vos alistar a todas
No livro do matrimonio.

Oh moças, se quereis noivo,
Ide esta noite á Ribeira,
Que os moços, em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Sant'Antonio anima os mortos,
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Os sadios pretendentes.

Santo Antonio, Santo Antonio,
A's moças estende a mão:
Vamos, raparigas, vamos,
Fazer-lhe uma petição.

Casae-me meu santo Antonio,
Já que sois tão milagreiro;
Conhecido em toda a parte
Por grande casamenteiro.

Santo Antonio não queiraes
Ir ao poço mergulhar;
Se não fizeres o milagre
Das raparigas casar.

Fazei, santinho, que eu gose
Do casamento os prazeres,
Que este santo Sacramento
Legou-o Deus ás mulheres.

Não queiraes que eu leve á cova
Rosas, palmito e capella;
Que é coisa triste no mundo
Ver morrer uma donzella.

Não queiraes que as feições lindas
Que a natureza me deu,
Vão parar á terra fria
Sem deixar retrato seu.

Se me fazeis o milagre,
Prometto, Santo Antoninho,
Fazer mais uma fogueira
De alecrim e rosmaninho.

Se me fazeis o milagre,
Eu vos prometto, santinho,
Que o meu primeiro filho
Ha de chamar-se Antoninho.

Santo Antonio é nosso,
Santo Antonio é frade;
Para casar as moças
Tem habilidade.

Recolhida no Porto, em 1897. A musica é uma variante da já conhecida no S. João. A lettra é conhecida em todo o paiz.

VIRA AO NORTE

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Izaura d'Oliveira Lima.

Andante

368

Ra - pa - ri-gas can-tae to - das que in-da a -qui não ha tris- te - za; In-
da a-qui não ha quem te - nha su - a li - ber - da - de pre - za.

ESTRIBILHO

O-ra, vi-ra ao nor-te, vi-ra ao nor-te, vi-ra ao sul; quan-do vi-ra ao nor-te, fi-ca o ceu a - zul, Vi - ra,
vi-ra, tor-na-te a vi - rar: is - so são bei - ji-nhos que me es-taes a dar.

D. C.

Raparigas, cantae todas,
Que inda aqui não ha tristeza:
Inda aqui não ha quem tenha
Sua liberdade presa.

Ora vira ao norte,
Vira ao norte, vira ao sul:
Quando vira ao norte
Fica o ceu azul.
Vira, vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos
Que me estaes a dar.

Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar;
Minha mãe não me dá outro,
Em cabello hei de andar.

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos n'um momento:
Olho p'ra a terra que pizas
E com isso me contento.

A folhinha do salgueiro
De amarella encar'colou:
Estavas p'ra mim tão firme,
Oh amor, quem te virou?

Esta dança é muito vulgar no districto de Coimbra.

Dança. — Durante a cantiga dança de roda, e no estribilho os pares viram-se e cada pessoa fazendo *balancé* vira sobre si conforme indica a palavra.

EU CA' SEI

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda de Barros e Oliveira.

369

f

Oh minha bella menina, eu cá sei d'onde isso vem, Eu cá sei a quem dis-seste que me não podias ver;
Vem da fonte de Cupido do chafariz do meu bem. Já não se me dá cá d'isso, gostei bem de o saber.

con 8a

Oh minha bella menina, Eu cá sei d'onde isso vem: Vem da fonte do Cupido, Do chafariz do meu bem.	Eu cá sei a quem disseste Que me não podias ver; Já não se me dá cá d'isso, Gostei bem de o saber.	Eu cá sei e tu não sabes, Tu não sabes o que eu sei: Eu já vi andar a morte A's costas d'um peixe-rei.

Esta musica faz parte dos bailados das ilhas Açorianas. A dança é de roda durante a cantiga e volteada durante a variação.

A CAMPONEZA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina Moraes Sarmento.

Allegretto

370

A-tre- vi - do pen-sa - men-to, con - fi - den - te do meu ser: Não me tra - gas á me - mo - ria quem eu não de - se - jo vêr. A-lém vem a - cam - po - ne - za, a - lém, a - lém, a - lém, a - lém. Já a vi já lhe fal- lei, o - ra pas - se mui - to bem.

D. C.

Antes que eu queira não posso,
Negar-te a minha amisade:
Eu, n'este mundo, não tenho
De ninguem maior saudade.

A rosa depois de secca
Foi-se queixar ao jardim;
Respondem-lhe as outras rosas:
«Tudo no mundo tem fim.»

A herva cresce no prado,
No jardim crescem as flores;
Assim cresce a sympathia
No coração dos amores.

Além vem a camponeza,
Além, além, além, além,
Já a vi, já lhe fallei,
Ora passe muito bem.

A saudade encoberta,
E' um valle de amargura;
Cantando, choro o meu mal,
Como quem não tem ventura.

A traz do tempo vem tempo,
E o tempo tambem se muda...
Brada por quem te quiz bem,
Póde ser que inda te accuda.

Recolhida em Elvas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Dança. — Durante os primeiros oito compassos é dança de roda. No estribilho os pares fazem *demi-rond* e *balancé* e as damas passam ao cavalheiro seguinte.

FADO NACIONAL

À Ex.ma Snr.a D. Maria Alice de Moraes.

Andante

371

mf. Me-ni- na se quer sa - ber co - mo se ga -

nha o di - nhei - - - - ro po-nha na - vi - os no mar

que eu se- rei seu ma - ri - nheiro. Po-nha na - vi -

os no mar, que eu se - rei seu ma - ri - nheiro.

8a

Pa-ra a noi - - - - te, lua e es - - trel - las; Pa - ra os

Se onde se mata um homem,
Pôr um cruz é preceito,
Já deves ter, oh menina,
Um cemiterio no peito.

Para a noite, lua e estrellas,
Para os campos, malmequeres,
Agua fria para a sêde,
Para os homens as mulheres.

Dize por quem trazes luto,
Que eu quero usal-o tambem;
Pois um triste e outro alegre,
Não parece ao mundo bem.

Inda que eu esteja defunto,
Na egreja, em cima da eça,
Se ouvir dizer o teu nome,
Levanto logo a cabeça.

Se a outro, quando me queres,
A mão, brincando, lhe dás,
Quando já me não quizeres
Dize então: que lhe darás?

Tens coração de leôa,
Assim ás vezes pareces;
Se te fallo, não me attendes,
Se choro, não te enterneces.

Quem publíca as suas penas
Talvez attendido seja,
Pois é raro o que consegue
Sem pedir, o que deseja.

— Divino impossivel meu,
Como é possivel ter vida
Quem como impossivel te ama,
Entre impossiveis mettida?

— Parece que cae resina
No fogo em que estou ardendo,
Porque mais avivo a chamma,
Em mais lagrimas vertendo.

— Quando me fosses prejuro,
Tão offendida ficava
Que se defunto te visse
Nem agua benta te dava.

Tive um passaro na mão,
Deixei-o fugir um dia;
Ai! se elle agora voltasse,
Nunca mais me fugiria!

Eu não te solicitei,
Foste tu que me buscaste,
Por gosto te foste embora
E, sem te chamar, voltaste.

Este fado foi recolhido em 1870 n'uma edição da casa Sassetti & C.ª, de Lisboa, porém sem lettra, que a não tem propria, addiccionando-lhe os cantadores, trovas populares.

OH MÃE DÊ-ME PÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina Candida Sotto-Maior.

Andantino

372

Quan-do eu não ti-nha com-ti-go a-mo-res, Es-ta-va re-co-lhi-da no jar-dim das flores. Oh mãe dê-me pão, oh fi-lha não te-nho; es-tou pe-nei-ran-do, es-pe-ra que eu já ve-nho.

Quando eu não tinha
Comtigo amores,
Estava recolhida
No jardim das flôres.

Oh mãe dê-me pão;
Oh filha não tenho;
Estou peneirando,
Espera que eu já venho.

Saudade roxa,
Roxa saudade!
Deixa, que eu virei,
Mais cedo ou mais tarde.

Algum dia, era,
Agora já não,
Da tua roseira
O melhor botão.

Recolhida em Elvas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Dança.—Em quanto se cantam os primeiros dois versos, repetidos, caminham os pares atraz uns dos outros, em roda para a direita, a dama do lado de dentro. A roda vira para a esquerda, sempre em marcha e as damas do lado de dentro, durante os ultimos versos da cantiga tambem bisados. No estribilho os cavalheiros voltam-se para o seu par e fazendo *balancé*, durante os primeiros dois versos, bisados, dando estalinhos com os dedos; nos ultimos dois versos faz-se um *tour*.

EPHIGENINHA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.ª D. Laura Rosa da Costa Nogueira.

Moderato

373

dolce

A boc- ca da E - phi-ge- ni - nha é u - ma ro - sa fe - cha - da, A boc-

ca da E - phi - ge - ni - nha é u - ma ro - sa fe - cha - da, Hei de a-

bril - - a com um so - pro, de - pois de a - ber - ta bei - jal - a, hei de a-

bril - a com um so - pro, de - pois de a - ber-ta bei - jal - a.

A bocca da Ephigeninha
E' uma rosa fechada;
Hei de abril-a com um sopro
Depois d'aberta, beijal-a.

Os olhos da Ephigeninha
São bonitos, não se vendem...
São balas com que me atira
E são laços que me prendem.

Se os meus olhos lhe agradam
A meu pae os vá pedir;
Se elle lhe disser que não
Comsigo hei de fugir.

Recolhida em Avanca, em 1880 pelo Ex.mo Snr. Dr. Manoel Maria de Castro Corte Real.

LINDOS AMORES

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Alice Rocha Martins.

Allegro

374

Oh meu | a - mor se te | fô - res le - va | me po-den - do | ser. Ai que

lin - dos a-mo-res que eu | te - nho a - guar- | da a - qui que eu já | ve-nho. || Que eu que-

ro ir pas-sar meus | di - as p'ra on- | de tu for's vi - | ver. Ai que

lin-dos a-mo-res que eu | te - nho a - guar- | da a - qui que eu já | ve - nho.

Esta cantiga é muito vulgar em todo o paiz, e é antiga, porque já no tempo do cerco do Porto com esta musica se cantavam muitas satyras alusivas aos miguelistas e ao proprio D. Miguel.

Lá na serra de Vallongo
Uma velha apregoou:

Ai que lindos amores que eu tenho,
Os *caipiras* (1) já lá vão.

Quem quizer comprar, que eu vendo
As *armas* do *rei chegou.*

Ai que lindos amores que eu tenho,
Os caipiras já lá vão.

(1) *Caipira,* era nome insultuoso com que se provocavam constitucionaes e miguelistas; parece que esta palavra viera do Brazil, e significa pessoa despresivel.

A EXPULSÃO DOS JUDEUS

CANTIGA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Judith da Silveira Pinto.

375

E - a ju - di - os á en - far - de - lar, que

man - dan los re - ys que pas - seis la mar.

Esta cantiga foi conhecida em Portugal no reinado de D. Manuel, quando este monarcha, ou por fanatismo religioso, ou por influencia dos reis de Hespanha, ordenou a expulsão dos judeus; porém é de origem hespanhola, conforme diz A. Barbieri: «Quando em 1420 se deu, em Hespanha, o decreto da expulsão dos judeus, cantava o povo este *cantarcillo*, sobre cujo thema compoz Anchieta uma famosa missa (que não apparece).»

Ea, judios,
á enfardelar,
que mandan los reys
qne passeis la mar.

Os judeus expulsos de Hespanha vieram refugiar-se em Portugal, mas aqui tambem foram excessivamente perseguidos, chegando em alguns pontos do paiz, áquelles que não obedeciam immediatamente á ordem da expulsão, a sequestrar-se-lhes os bens e a bastonal-os ou a açoital-os. A este respeito é tradicional o seguinte conto vulgarmente conhecido:

Vindo de Hespanha, um judeu, a quem prenderam, depois de lhe sequestrarem todos os haveres, requereu ao rei, de sua justiça; passados dias foi mandado apresentar na praça publica onde lhe foi lida a sentença que elle interpretava a seu bel prazer, interrompendo-a com ápartes da maneira seguinte:

Recitativo MEIRINHO — JUDEU — MEIRINHO — JUDEU — MEIRINHO

Man - da El - Rei nos-so Se - nhor: Bue - no! Que se lhe dê: Me - jor! Du -

JUDEU — MEIRINHO — JUDEU

zen - - tos Mil gra - cias. A - çoi - tes. Vá El-Rei á la . . .

E nada mais se pôde ouvir por causa do ruido das bastonadas e dos apupos do povo, perseguindo o pobre homem que fugia desesperado para salvar a vida.

Eis a narrativa tradicional que podemos recolher.

O BRAVO

CANTIGA

A Fräulein Annette Hussla.

Allegretto

376

f

da 2.ª vez com 8ª

Eu fui á | ter-ra do | Bra - vo, | | Eu fui á | ter-ra do
Ca-da vez | fi-quei mais | man - so, | | Ca-da vez | fi-quei mais

Bra - vo, | | ter-ra do | Bra-vo, pa-ra | ver s'em-bra ve- | ci - a,
man - so, | | fi-quei mais | man-so com a | tu - a com-pa- | nhi - a,

ter-ra do | bra-vo, pa-ra | ver s'em-bra-ve- | ci - - - - | a.
fi-quei mais | man-so, com a | tu - a com-pa- | nhi - - - - | a.

D. C.

Esta cantiga é açoriana e tambem faz parte dos bailados d'aquellas ilhas.

Primeiro canta uma voz e o coro repete a mesma lettra com a mesma musica. Todas as outras quadras que se lhe podem juntar são desgarradas.

OH MEU BEM

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Leopoldina de Mattos Leite.

Allegretto

377

p

da 2.a vez com 8a

Oh meu bem se te pren- de - - - rem, Oh meu bem se te pren- de - - - rem dá te lo - go á pri - são Dá - te lo - go á pri - são.

In - da te-nho um an - nel d'oi - - - ro, In - da te-nho um an - nel d'oi - - - ro, pa - ra a tu - a li - vra - ção pa - ra a tu - a li - vra - ção.

Coitado, quem tem amores
E se deita sem os ver:
Toda á noite está sonhando
Quando ha de amanhecer.

A ribeira, quando corre,
No meio faz a zoada;
Quem tem amores não dorme
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico
Ao pombinho rolador:
São signaes que symbolisam
A doce união d'amor.

Noite escura, noite escura,
Quem ama não arreceia,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.

Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou;
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se alagou.

Eu dei-te o meu coração,
Mas não t'o dei por libello;
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

Esta cantiga é açoriana e faz parte dos bailados da ilha; primeiro canta uma voz e o coro repete a mesma lettra e musica.

D. SANCHO

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Selisa dos Santos Moraes.

Moderato

378

f *p*

N'um cas-tel-lo ve - lho, D. San-cho vi- vi - a, com su-a mu- lher, Jo-se-pha Ma -ri - a. N'um cas tel-lo ve - lho D. San-cho vi- vi-a com sua mu- lher, Jo-se-pha Ma- ri - a, Jo-se-pha Ma -ri - a.

D. Sancho era rico,
Avezava teca,
E nas horas vagas
Tocava rebeca.

E vae, senão quando,
Lhe foram dizer
Que sua mulher,
Falsa lhe quer ser.

Vae então D. Sancho
Poz-se a espreitar,
E viu seu rival
Alli a passear.

Em armas funestas
Pegou uma vez,
E deu ao gatilho—Pum!...
Matou todos tres.

Este romance é muito antigo (ouvimol-o em 1850) e conhecido em todo o paiz. A musica é um plagiato do thema da *Julia gentil,* vulgo *Gata Borralheira.* Tambem serve esta musica para a seguinte lettra:

O perú é velho,
Inda quer casar;
Pega na mantilha,
Vae-te confessar.

Esta quadra é applicada pelo rapazío para provocar os perús a grasnarem e a empavesarem-se.

OH GALAMBA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Eugenia de Macedo.

Marcial

379

Oh Ga - lam - - ba, a-van - ça a- van - ça, já , é

tem - - po de a - - van- çar; Pé es - quer - - do rom - pe a

mar - cha, Al - - to fren - - te, per - - fi - lar.

Oh Galamba, (1) avança, avança,
Já é tempo de avançar,
Pé esquerdo rompe a marcha,
Alto frente, perfilar.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
Esta cantiga data de 1864. Os amigos do celebre guerrilheiro cantavam-na. A soldadesca e os contrarios cantavam esta outra:

O maroto do Galamba
Usa calças sem presilha,
E anda roubando o que pode
Para pagar á guerrilha.

(1) Antonio Manuel Soares Galamba, rico proprietario de Pedrógam e celebre guerrilheiro popular, que em 1846 foi um dos chefes das forças progressistas no Alemtejo. Foi assassinado na villa da Vidigueira, por um sapateiro a que elle havia ameaçado de morte, e que se lhe antecipou.

FADO DO SOFFRIMENTO

Á Ex.ma Snr.a Viscondessa da Amoreira da Torre.

Lettra de Mariano Gracias.
Musica de Henrique Carneiro.

Andante

380

p

rittard.

a tempo

p Eu | an - do sem-pre a scis- | mar sem | nun - ca com-pre-hen- | der, Eu | an - do sem-pre a scis- | mar sem | nun - ca com-pre-hen | -der, Se o | teu des-ti-no é cho- | rar e o | meu des-ti-no é sof- | frer! Se o | teu des - ti-no é cho | -rar e o | meu des-ti-no é sof- | frer!

cresc.

p

FADO DO SOFFRIMENTO

Eu ando sempre a scismar,
Sem nunca comprehender,
Se o teu destino é chorar
E o meu destino é soffrer!

N'uma palma, oh feiticeira,
Fechei o teu coração:
Não é a palma da palmeira,
E' a palma da minha mão...

Enfeitiçaste-me, oh fada,
Nem sei como é que foi isso!
Tu és bruxa disfarçada
Que me deitou o feitiço...

O meu canto gemebundo
E' doce como um gorgeio;
Irá callar-se no fundo
Das quebradas do teu seio...

O meu amor, já desfeito,
Encerrei-o n'um caixão:
O caixão é o teu peito,
Tem por tampa o coração...

Os prantos que tu verteste,
Uma tarde, á beira-mar,
São per'las de luz celeste
Que andam nas ondas do mar.

Golconda tem diamantes,
Perolas tem-nas Ceylão:
Tambem os peitos d'amantes
Têm thesoiros de paixão...

Amor como o nosso é,
Não houve nem haveria,
Senão o de S. José,
Mail-o da Virgem Maria.

Longe de ti, cheio de magua,
Sempre a desejar-te em vão,
E' ter sêde e não ver agua,
E' ter fome e não ter pão!...

Antes fossemos p'r'a cova,
Alegres, de braço dado,
P'ra cantar a *missa-nova*
N'um celestial noivado!...

Este fado que tende a popularisar-se vem publicado no *Missal d'um crente,* poema lyrico de Mariano Gracías.

AQUI ESTA' A BOTA

PRELENGA

Á Ex.ma Snr.a D. Branca Miranda.

Moderato

381

Meus se - nho-res a-qui es-tá a bo-ta, Meus se - nho-res a-qui es-tá a bo-ta, que vi - nho le-va, que vi - nho bo-ta, que vi - nho le-va á Ri-bei - ra Mot-ta. que vi - nho le-va á Ri-bei - ra Mot-ta.

Esta musica vae-se repetindo á maneira que a lettra vae augmentando

D. C.

Meus senhores,
Aqui está a bota,
Que vinho leva,
Que vinho bota,
Que vinho leva
A' Ribeira Motta.

Meus senhores,
Aqui está a corda,
Que amarra a bota,
Que vinho bota,
Que vinho leva
A' Ribeira Motta.

Meus senhores,
Aqui está o cebo,
Que unta a corda,
* Que amarra a bota, etc.

Meus senhores,
Aqui está o rato,
Que roe o cebo,
* Que unta a corda, etc.

Meus senhores,
Aqui está o gato,
Que papa o rato,
* Que roe o cebo, etc.

Meus senhores,
Aqui está o cão,
Que morde o gato,
* Que papa o rato, etc.

Meus senhores,
Aqui está o pau,
Que bate ao cão,
* Que morde o gato, etc.

Meus senhores,
Aqui está o lume,
Que queima o pau,
* Que bate ao cão, etc.

Meus senhores,
Aqui está a agua,
Que apaga o lume,
* Que queima o pau, etc.

Meus senhores,
Aqui está o boi,
Que bebe a agua,
* Que apaga o lume, etc.

Meus senhores,
Aqui este a choupa,
Que mata o boi,
* Que bebe a agua, etc.

Meus senhores,
Aqui está o homem,
Que faz a choupa,
* Que mata o boi, etc.

Meus senhores,
Aqui está a justiça,
Que prende o homem,
* Que faz a choupa, etc.

Meus senhores,
Aqui está a Lei,
Que manda a justiça,
* Que prende o homem, etc.

Esta prelenga ribeirinha é muito antiga. A *Bota* a que refere é o nome d'uma vasilha em fórma de tonel, que leva tres quartos de pipa.

* Vae repetindo sempre o resto da estrophe antecedente. Nas estrophes impares conclue como está indicado na 1.ª, e nas pares elimina-se o 1.º verso *Que vinho leva*, como está indicado na 2.ª estrophe.

E' tambem jogo recreativo: Cada pessoa da roda recíta uma das estrophes e se se engana paga prenda. Ha diversas variantes, na lettra.

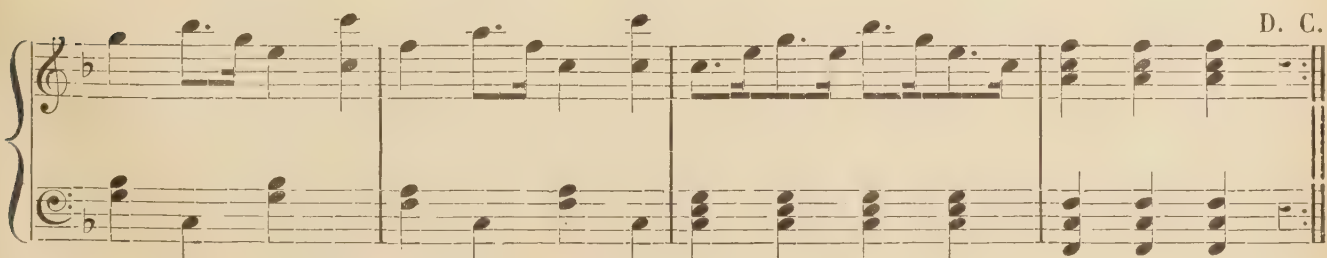
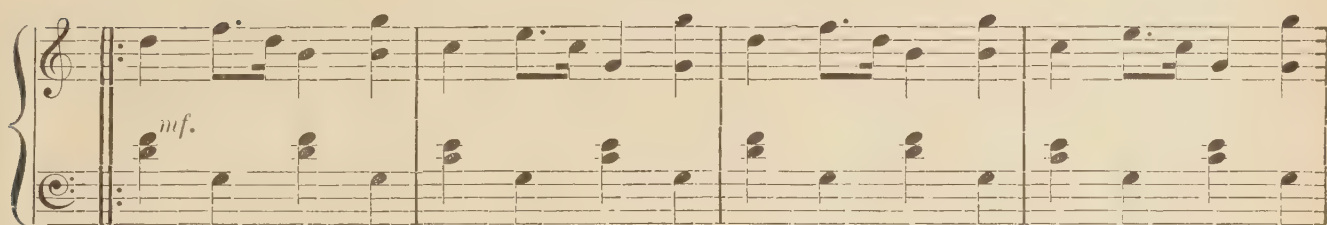
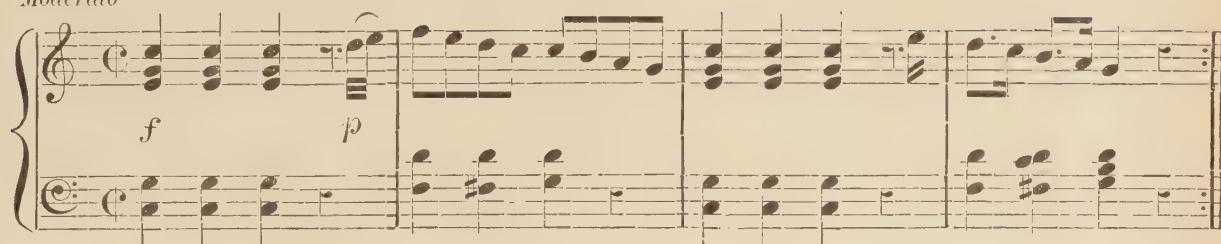
GAVOTA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Gomes de Sá.

Moderato

382

f p mf. f p

D. C.

Esta dança esteve muito em voga no principio d'este seculo. Actualmente torna a apparecer, por isso não damos a descripção choreographica.

MARCHA DOS CAVALLINHOS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria da Silva Mattos.

Allegro

383

O jas-mim ca-hiu do ceu, no ar fe-riu a a-çu-ce--na; não ha na-da n'es-te mun--do que me não ve-nha dar pe-na! *ff* To-ca a cai-xa, to-ca a mar--cha, a mar-cha dos ca-va-li--nhos: oh a-mor, que vi-da a nos--sa, dar a-bra-ços e bei-ji-nhos.

Eu amava-te, menina,
Se não fosse um senão:
Seres pia d'agua benta
Onde todos põe a mão.

Estrellas do ceu cahi,
Vinde fazer juramento,
Vinde dizer se me viste
Com alguem perder o tempo.

Toca a caixa, toca a marcha,
A marcha dos cavallinhos;
Oh amor que vida a nossa,
Dar abraços e beijinhos.

Dava-te o meu coração
Se m'o tiveras pedido;
Agora já t'o não dou,
Já o tenho promettido.

Esta cantiga que tambem é dança de roda, é vulgar no districto de Coimbra. Recolhida em 1893.

SAUDADES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Esperança Candida Fernandes.

Allegretto

584

p Que sau- da - des eu te - nho da in- fan - cia, que sau- da - des eu te - nho do lar, d'es - sa qua-dra pas- sa - da, ri - so - nha, sem tris- te - zas, sem dôr, sem pe- zar.

Que saudades eu tenho da infancia!
Que saudades eu tenho do lar! —
D'essa quadra passada, risonha,
Sem tristezas, sem dôr, sem pezar!

Minha infancia tão linda e tão bella,
Linda quadra dos tempos felizes;
Em que alegre correndo nos campos,
Eu das rosas colhia os matizes...

E dez annos eu tinha sómente,
Quando um dia os rochedos deixei;
E deixei as flores e os prados
E as rolinhas que tanto afaguei.

E depois, embalada nas ondas,
Eu deixei este meu Portugal;
Soluçando bem triste, coitada,
Com saudades da terra natal.

E dez annos depois eu voltava,
E meu pae um esposo me deu;
N'esse dia, a ventura que eu tinha,
No poder do himyneu se perdeu.

Sou esposa, sou mãe, sou escrava,
Já não vejo de Cintra os rochedos,
Já não vejo palmares nem montanhas
Onde á brisa dizia os segredos.

Recolhida em 1882 em Valença. Esta canção é muito vulgar em todo o paiz.

S. JOÃO DO ALEMTEJO

DESCANTE

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Lydia Augusta Vieira.

Andantino

385

p San Jo - - ão a - dor - me- ceu no col - lo de su - a thi - a, *f* San Jo - ão, a - dor - me- ceu no col - - lo de su - a thi - a.

Ac - - cor - - da, Jo - ão, ac- cor - da, que á - ma - nhã é o teu di - a, Ac - cor - da, Jo - ão, ac- cor -- da, que á - ma - - nhã é o teu di - a.

A vinte e quatro de junho,
Dia de grande funcção,
Todo o mundo se alegra
P'ra festejar S. João.

Alegrae-vos, raparigas,
Que ahi vem o S. João,
De longe se vem a rir,
Com a bandeira na mão.

Ajuntae-vos, raparigas,
Ao redor de S. João:
A mais nova d'este rancho
E' que o leva em procissão.

S. João p'ra se entreter
Foi passear ás Marinhas,
Encontrou-se com as moças,
Tudo são brincadeirinhas...

S. João p'ra ver as moças
Lançou ponte no Jordão,
Onde Christo é baptisado,
Onde se baptisa João.

Que lindo está S. João
No picotinho do monte,
A olhar p'r'as raparigas
Que vão beber agua á fonte.

A noite de S. João
E' a noite dos amantes;
Hei de ver se o meu amor
Inda é firme como d'antes.

Eu hei de ir ao S. João,
De noite, depois de ceia;
Que me faça mais bonita,
Já que dizem que sou feia.

Oh meu rico S. João,
Aqui me venho banhar;
Se eu cahir, abaixo, ao poço,
Vinde-me, vós, lá tirar.

Aonde vae S. João,
Descalcinho e sem chapeu?
—Vae ver o grande festejo
Que se faz hoje no ceu.

Lá vem o Baptista, abaixo,
Dep'nicando um cacho d'uvas;
Dando bagos ás solteiras,
E cangaços ás viuvas.

Lá vem o Baptista, abaixo,
Lá dos lados da Ribeira:
Vem ver como se diverte
A mocidade solteira.

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Vós fostes santificado
Antes de teres nascido.

S. João foi companheiro
De Jesus crucificado;
Tambem nós vamos rogar-lhe
P'ra ser nosso advogado.

Adeus, oh meu S. João,
Que muito tenho folgado;
Ide p'r'a vossa capella,
Que eu vou deitar-me um bocado.

Recolhida em Gavião, no baixo Alemtejo, em 1877.

LANDINA

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Alice de Magalhães.

Andante

386

Eu sou, lan-di-na, eu sou, con- tra-mes-tre d'um va- por, Eu sou, lan - di - na, eu sou, con- tra-mes - tre d'um va - por; Fu - giu-me a mi-nha pom - bi - nha, Já não sei do meu a - mor, Fu - giu-me a mi-nha pom- bi - nha, Já não sei do meu a - mor.

D. C.

Eu sou, landina, eu sou
Contra-mestre d'um vapor:
Fugiu-me a minha pombinha,
Já não sei do meu amor.

Oh rola, que vaes rolando,
A fugir do gavião;
Ella vae na veia d'agua,
Barqueiro estende-lhe a mão.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador:
Já não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Procurei a um lettrado,
Qual era a pena mais viva;
Se uma ausencia dilatada,
Se uma cruel despedida.

Se me amares a mim só,
Mais do que a rocha sou firme;
Em sabendo que amas outrem,
Sou um raio a despedir-me.

Se me amas, dá-me a vêr,
Quero amar teu lindo rosto,
Tenho muito quem me queira,
Mas só tu és do meu gosto.

A melodia d'este lundum, que é apenas de quatro compassos, é africana, (dos landins), porém applicada pelos nossos maritimos á lettra portugueza. Recolhida na Povoa de Varzim em 1890.

SIGA O FORTE

DANÇA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Umbellina Julia d'Almeida.

Allegretto

387

Qua - tro coi-sas são pre - ci - zas, pa - ra se sa - ber a - mar,
O - lho vi - vo, pé li - gei - ro, pro-met - ter e não fal - tar,

Qua - tro coi - sas são pre - ci - zas,
O - lho vi - vo, pé li - gei - ro,
Si - ga o for - te! eu sou fir-me a-té á mor - te! Pa - ra se sa - ber a - mar.
Pro-met - ter e não fal - tar.

La nos cam-pos de Vi - an-na es-tá meu bem mor-ren do á sè - - - de; Dá - lhe a- gua, se- não mor-re, Si-ga o for - te! eu sou fir-me a-té á mor-te! Da ra- iz da sal - sa ver - - - de.

Recolhida no Alemtejo. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

FADO DE CASCAES

Á Ex. Snr. D. Rita Augusta Alves Coelho.

Andante

388

p

Si-len-cio! gui-tar-ra mi-nha, dei-xa ou-vir, dei-xa can-tar, á bran-da luz do lu-ar, a vir-gem que a-do-ro e si-go. Ru-mo-res que i-des pas-san-do pe-los ro-sei-raes em flôr, vin-de ou-vir o meu a-mor, so-nhan-do a-mo-res com-mi-go, vin-de ou-vir o meu a-mor, so-nhan-do a-mo-res com-mi-go.

Mares que vindes á praia,
Beijar a areia e morrer,
Podeis de manso gemer,
Mas de mansinho, cautella. . .
Trovadores namorados,
As vossas lyras calae,
Emquanto se evola e vae
Na aria d'amor a alma d'ella.

Harpas ethereas, silencio!
Na lyra d'um cherubim
Ella suspira por mim,
O que eu por ella suspiro!
Aves da noite escondidas,
Na folhagem do rosal,
Vinde ouvir vossa rival
Emquanto eu gemo e deliro!

Venha a natureza em extasis
Ouvir o harpejo subtil
D'aquella voz infantil,
Mysterio d'amor que adora,
Silencio, que a virgem sonha,
Sonhos d'amor ao luar!
Deixae, deixae-a cantar
Emquanto o mundo a não chora!

Simões Dias.

ANNO BOM

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Emma Couto.

Marcial

389

Bons an - - nos, e an-nos bons, dae-nos ou - tros me - lho - ra - - - dos, Bons an - - - nos, e an - nos bons, dae - nos ou - tros me - lho - ra - - - dos. Chris-to De - us nos-so Se - nhor, per - do- ae nos - sos pec - ca - - dos.

Bons annos e annos bons,
Dae-nos outros melhorados,
Christo Deus Nosso Senhor,
Perdoae nossos peccados.

Perdoae nossos peccados
Hoje n'este alegre dia,
Nado é o bom Jesus
Filho da Virgem Maria.

Filho da Virgem Maria,
Faz que dorme, está acordado;
Sempre de braços abertos
Para o mais desamparado.

As senhoras d'esta casa
Cobrem o rosto co'um veu;
Mandaram-me abrir a porta,
Deus lh'as abra assim no ceu,

Botei um arco de flores
Por cima das laranjeiras;
Deus lhe dê annos de vida
Mais ás meninas solteiras.

Estas meninas solteiras
São flores que estamos vendo,
Deus lhes dê uma boa sorte
Como ellas o estão merecendo.

E os meninos solteiros
Que não percam o cuidado,
Os que não têm pae nem mãe
Deus lhes dê um bom estado.

A par com Nosso Senhor,
Da figueira nascem figos;
Deus lhe dê muito bons annos
Para amparo de seus filhos.

Estas santas orações,
Que eu aqui tenho rezado,
Eu as offereço e entrego
Por quem me tem escutado.

Este descante é dos Açôres, sendo a lettra recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Teophilo Braga.

REMAR... REMAR...

BARCAROLA

Ex.ma Snr.a D. Albertina d'Andrade Mello.

Adagio

590

No mar, no fun - do, so-bre as a- re - ias, dan-çam se- re - ias, quan-do ha lu- ar; o mar é lin - do, a noi-te é bel - la, des-fral-da a ve - la, re-mar, re -mar.

D. C.

No mar, no fundo,
Sobre as areias,
Dançam sereias
Quando ha luar...
O mar é lindo,
A noite é bella,
Desfralda a vela,
Remar... remar...

No mar, no fundo,
Sobre os aljofres,
Ha lindos cofres
Que te hei de dar.
O mar é lindo,
O ceu convida,
O amor dá vida,
Remar... remar...

No mar, no fundo,
Sobre as areias,
Dançam sereias
Ao meu cantar.
O mar é lindo,
A noite é bella,
Desfralda a vela,
Remar... remar...

E' esta barcarola, uma das canções orpheonicas do Mondego, hoje vulgarisada por todo o paiz.

FADO DOS ESTUDANTES

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia Couto.

Andantino

391

p O | a - mor do es- tu - | dan - te não | du - ra se - não u - | ma ho - ra, to - | ca o si no vae p'ra | au - la, vem as | fe - rias vae-se em- | bo - - ra. f O | a - mor do es tu- | dan - - te, não | du - ra se - não u - | ma ho - ra, to- | ca o si no vae p'ra | au - la, vêm as | fe - rias vae-se em | -bo - ra.

D. C.

O amor do estudante
Não dura senão uma hora,
Toca o sino, vae p'ra a aula,
Vem as ferias vae-se embora.

Amor fere, quando fere,
Sem distinguir qualidade;
Fere o pobre, fere o rico,
O vassallo, a magestade.

O passarinho no bosque
Busca algum de sua côr,
Mostra em tudo a natureza
A doce união d'amor.

Estudantes são maganos,
Amigos de apalpar tudo;
Apalparam-me a jaqueta,
Se era de ganga ou veludo.

Estudante larga o livro,
Anda, vamos ao jardim;
Mais vale uma hora de gosto
Do que duas de latim.

O amor do estudante
E' emquanto está presente;
Vem as ferias, vae-se embora,
Fiem-se lá de tal gente.

O amor do estudante
E' muito, mas dura pouco;
E' como o milho vermelho
Que se aparta um do outro.

Rapariga, se casares,
Toma conselho primeiro:
Mais vale um rapaz sem nada,
Do que um velho com dinheiro.

A capa do estudante
E' um jardim de flores;
Toda cheia de remendos,
Botados por seus amores.

Este fado é dos estudantes açorianos; foi recolhido em 1871.

A BODA DOS PINTAINHOS

CANTILENA PASTORIL

Ex.ma Snr.a D. Alice da Conceição Fernandes d'Andrade Mello.

Allegretto

392

Dis-se o gal-lo pa-ra a gal-li-nha: com quem ca-sa-re-mos a nos-sa fi-lhi-nha? Sa-hiu o pin-to de d'en-tro do o-vo: a-qui es-tou eu pa-ra ser o noi-vo.

D. C.

-«Pinto p'ra noivo
emos nós já;
gora madrinha
'onde nos virá?»

ahiu a cobra
a sua toquinha:
-Aqui estou eu
'ra ser a madrinha.

-«Boa madrinha
emos nós já;
gora, farinha,
'onde nos virá?»

ahiu a formiga
o seu formigueiro:
-Aqui estou eu
om um quarteiro.

—«Quarta de farinha
Temos nós já;
E amassadeira
D'onde nos virá?»

Sahiu a porca
Do seu lamaçal:
—Aqui estou eu
P'ra vir amassar.

—«Amassadeira
Temos nós já;
E agora, a lenha,
D'onde nos virá?»

Sahiu o lagarto
De rabo alçado:
—Aqui estou eu
Com um braçado.

—«Braçado de lenha
Temos nós já;
Agora, forneira,
D'onde nos virá?»

Sahiu a cadella
De dentro do lar:
—Aqui estou eu
P'ra vir fornejar.

—«Fornejadeira
Temos nós já;
Agora, a carne,
D'onde nos virá?»

Sahiu o lobo
De dentro do matto:
—Aqui estou eu
Com um chibato.

—«Carne de chibato
Temos nós já;
Agora, as moças,
D'onde nos virá?»

Sahiram as moscas
Do seu mosqueiral:
—Aqui estamos nós
P'ra vir bailar.

—«Moças p'ra bailar
Temos nós já;
E o tocador
D'onde nos virá?»

Sahiu o burro
Detraz d'um oiteiro:
—Aqui estou eu
P'ra tamborileiro.

Parece ser de origem mirandeza, esta antiga cantilena, que se acha vulgarisada por todo o paiz, com muitas variantes de
tra, mas que não primam nem pelo conceito nem pela decencia. Em todas as nações da Europa ha lenga-lengas similhantes.

VIVA A LARANJINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Aurelia Benedicta d'Amorim.

Allegretto

595

Oh se nho-ra quin ta- nei-ra, Vi-va a la-ran -ji-nha! Quan- tas dá por um vin -tem? Oh

se-nho-ra quin ta - nei-ra, Vi-va a la-ran- ji - nha! Quan -tas dá por um vin tem? Eu

dou cin-co a quem me es -ti-ma, Vi va a la-ran- ji - nha! Dou seis a quem me quer bem. Eu

dou cin-co a quem me es -ti-ma, Vi-va a la- ran -ji - nha! Dou seis a quem me quer bem.

D. C.

« Oh senhora quintaneira,
Viva a laranjinha!
Quantas dá por um vintem?
—Eu dou cinco a quem me estima,
Viva a laranjinha!
Dou seis a quem me quer bem.

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo, que é tua;
Da casca faz um barquinho,
Embarca p'ra minha rua.

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo de dentro,
Da casca faz um navio
E embarca o meu pensamento.

Quem me dera um pão molle,
Co'uma laranja partida,
Para dar ao meu amor
Que anda de tromba cahida.

Toma lá esta laranja
Que ainda ha pouco foi colhida:
Quem te dá esta laranja
Deseja-te dar a vida.

Na mais alta laranjeira,
No raminho mais cerrado,
Está o nome do meu bem
N'uma folhinha assentado.

Recolhida no Alemtejo.

AI SIM, AI NÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Guiomar da Silveira Torres.

Allegretto

394

f *p*

Oh co ra-ção re-tra - hi - do, oh ca-ra chei-a d'en-ga nos, foi a pa-ga que me des-te de te a-mar tan-tos an-nos. *f* Oh co-ra ção re-tra-hi - do; oh ca - ra chei-a d'en-ga - nos, foi a pa-ga que me des - te de te a-mar tan-tos an - nos. Ai *mf.* sim, ai não, me-ni-nas de Ba - lei-são eu vos pe - ço me não dei - xes com pe - na do co - ra- ção.

Recolhida em Elvas. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

Dança. — Depois de rodarem os pares, de mãos dadas, para a direita, os homens dão volta ás damas e fazem *balancé*. Na segunda parte da cantiga, rodam os pares para a esquerda, com outra volta e *balancé*.

NÃO TE ESQUEÇAS

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Adelaide Pinheiro.

Andante

395

Não te es- que - ças de mim que te a- do - ro, E pa - de - ço tor- men-tos sem fim. Sem-pre sem - pre de ti me re- cor-do, Com - pa - de-ce te, meu an - jo, de mim.

1.a vez — an - jo, de mim.

2.a vez — an - jo de mim. D. C.

Não te esqueças de mim quando a aurora
Desabrocha da côr do jasmim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a rosa
Desabroche ou murchar no jardim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a nuvem
No ceu vae, qual veloz bergantim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando á tarde
O poente se põe de carmim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando entrares
Em salão de pomposo festim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando oras
Como lindo e gentil seraphim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando sonhes
Mil venturas e gosos sem fim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Não te esqueças de mim quando a morte
Negra e feia vier para mim:
N'essa hora de ti me recordo,
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Esta canção recolhemol-a em 1890, mas parece ser mais antiga e ter vindo do Brazil.

CASARÁ?

JOGO

Á Ex.ma Snr.a D. Adelina Magalhães.

Allegretto

396

Casará, com quem casará?
O snr. F. (1) com quem casará?
Deus o ponha a elle no raminho,
O snr. F. (2) para ser o padrinho,
Deus a ponha a ella na folhinha,
A snr.a F. (3) para ser a madrinha,
Deus a ponha a ella no Cancão,
A snr.a F. (4) para lhe dar a mão.

Alegrias e tristezas
Tudo por mim tem passado,
Por muito que eu tenha rido
Muito mais tenho chorado.

Algum dia, n'esta rua,
Tinha eu uma cadeira
Onde assentava meus olhos.
Agora vão de carreira.

A flôr da fava é branca,
Cae no chão, faz-se amarella,
Ninguem vá pedir a moça
Sem ter fallado com ella.

A' porta do meu telhado
Nasceu um amor perfeito,
Mas não tem tão linda côr
Como se fosse em teu peito.

Recolhida no Alemtejo.

Dança. — Oito compassos de roda; no estribilho (1) nomeia-se a uma pessoa conhecida que vão em marcha cumprimentar; nos numeros (2) e (3) nomeiam-se duas pessoas conhecidas; no numero (4) escolhem a noiva; a todas se dirigem do mesmo modo.

DA OUTRA BANDA DO RIO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia da Cunha.

Andantino

397

To-dos os Jo-sés são va - - rios, Fran-cis-cos,ex-tra-va- gan - tes,
Ma-nu-eis são li-son- jei - - ros, Jo-a-quins fir-mes,cons -tan - tes.

To-dos os Jo-sés são va - - rios, Fran-cis-cos ex-tra-va- gan - - tes,
Ma-nu-eis são li-son- gei - - ros, Jo-a-quins fir-mes,cons -tan - - tes.

Da ou-tra ban-da do ri - - o, te-nho eu os meus mar -mel - - los;
O ma-ri-nhei-ro não vem, lá se per-dem d'a-ma- rel - - los.

Zoz, ca-ta-troz, ca-ta- troz, Rem,co-nhem-nhem,co-nhem -nhem. D. C.

Todos os Josés são vários,
Franciscos, extravagantes,
Manueis são lisongeiros,
Joaquins firmes, constantes.
Da outra banda do rio
Tenho eu os meus marmellos;
O marinheiro não vem,
Lá se perdem d'amarellos!
Zoz, cata-troz, cata-troz,
Rem, conhem-nhem, conhem-nhem.

Amor, não fujas de mim,
Que não cômo gente viva...
Se me não queres amar,
Valha-te Deus, quem te obriga.
Da outra banda do rio
Tenho eu os meus melões;
O marinheiro não vem;
Lá m'os furtam os ladrões.
Zoz, cata-troz, cata-troz,
Rem, conhem-nhem, conhem-nhem.

Recolhida no Alemtejo.

SAN GONÇALO

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Eva da Costa Carregal.

Allegretto

398

San Gon- ça-lo d'A-ma- ran-te, ca-sa- men-tei- ro das ve-lhas, por-que não ca-saes as no-vas? que mal vos fi- ze-ram el-las.

D. C.

San Gon- ça- lo d'A-ma- ran- te quer que lhe bai- le, quer que lhe can- te.

San Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

San Gonçalo d'Amarante
Feito de pau d'amieiro,
Irmão do pau dos meus socos,
Creado no meu lameiro.

Seis barricas d'alcatrão,
Grande orchestra de badalo,
Eis aqui a grande festa
Que se faz a San Gonçalo.

San Gonçalo
D'Amarante,
Quer que lhe baile,
Quer que lhe cante.

Oh meu San Gançalo,
Meu San Gonçalinho,
Eu quero casar,
Dae-me um maridinho.

Oh meu San Gonçalo,
Oh meu rico santo;
Attendei ás moças
Que vos pedem tanto.

O San Gonçalo teve por todo o paiz e ilhas, devotos e romeiros que lhe ergueram altares e lhe consagraram descantes e bailes a que pertence a musica que publicamos. Ainda no primeiro quartel d'este seculo concorriam á festa á Sé do Porto, a 10 de Janeiro, as regateiras dos mercados da Ribeira e da praça Nova (hoje praça de D. Pedro), e eram ellas que faziam toda a animação, importando-se pouco com a decencia da phrase, decoro de maneiras e reverencia ao orago; o fim unico era quem mais podia provocar a gargalhada e ruborisar as pessoas honestas. Porisso só publicamos a lettra mais inoffensiva que podemos recolher na tradição.

O GATO DA VISINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Freire.

Moderato

399

A vi - si - nha tem um ga - to
Vem p'ra ca - sa ar - ra - nha o cão,

é um bi - cho va - len - tão,
Vem p'ra ca - sa ar - ra - nha a gen - - te,

Vae á ca - ça, vae ao mat - - to,
A vi - si - nha tem um ga - - to,

Vem p'ra ca - sa ar - ra - nha o cão.
Que é um bi - cho mui va - len - - te.

D. C.

Oliveira, pende, pende,
Pende para cá um ramo,
Que eu sou menina teimosa,
Duram-me as teimas um anno.

A visinha tem um gato,
E' um bicho valentão:
Vae á caça, vae ao matto,
Vem p'ra casa arranha o cão.

Vem p'ra casa, arranha o cão,
Vem p'ra casa, arranha a gente.
A visinha tem um gato
Que é um bicho mui valente.

Se é por *piques* não me piques,
Se é por *chasques* não entendo,
Se é por lograr cousa tua,
Recada, que não pretendo.

Sete estrello vae a pino,
A lua de banda em banda:
Quem me dera advinhar
Quem no teu sentido anda.

Tenho dentro do meu peito
Duas escamas d'um peixe:
Uma dis-me que te ame,
Outra diz-me que te deixe.

A flôr do carapêto
Ao longe a vista que faz,
Se me não levas ao geito,
A' força não és capaz.

Não ha flor como a da giesta,
Pela manhã ao abrir;
Nem amor como o primeiro
Que se vae e torna a vir.

A flor da oliveira
Ao longe parece renda;
Quem tem o amor á vista
Não póde ter melhor prenda.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

O LADRÃO DO GATO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Beatriz Freire Pimentel.

Andantino

400

Se eu sou-be-ra ler, ti-nha-te es-cre-vi-do,
com pen-na de pa-to tin-tei-ro de vi-dro.

O la-drão do ga-to co-meu-me a mor-cel-la,
já lá es-tá em ca-sa pre-so p'la go-e-la.

D. C.

Se eu soubesse ler,
Tinha-te escrevido,
Com penna de pato,
Tinteiro de vidro.

O ladrão do gato,
Comeu-me a morcella,
Já lá está em casa
Preso pela goella.

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dó,
Ia a tua casa
Estar com tua avó,

O ladrão do gato
Comeu-me o toucinho,
Já lá está em casa
Preso pelo focinho.

Se eu tivesse pena,
Se tivesse dôr,
Ia a tua casa
Estar comtigo, amor.

O ladrão do gato
Comeu-me o chouriço,
Já lá está em casa
Preso pelo toutiço.

O meu lindo amor,
E' alto e trigueiro,
E' o melhor moço
Que vae ao ribeiro.

Oh rosa, oh rosa,
Oh rosa encarnada,
D'este meu peitinho
Tu és a estimada.

Oh rosa, oh rosa,
Toda enriçadinha,
Dentro do meu peito
Tu és a rainha.

Recolhida no Alemtejo. Canta-se na primeira roda uma quadra desgarrada e depois é que se segue o estribilho, virando-se os pares uns para os outros.

FADO ROBLES

Á Ex.ma Snr.a Condessa de Valenças.

Andante

401

p

mf. Na fo - lha da he - ra ver - de, o teu no - - me eu es - cre- vi, Na fo - lha da he - ra - ver - de o teu no - - me eu es - cre - vi, Na

mes - ma. sêc - ca, mir- ra - da, te - nho o teu

no-me in - da a- | qui | Na | mes - ma | sêc - ca, mir-

ra - da, | te - | nho o teu | no-me in - da a | -qui. D. C.

Na folha da hera, em verde,
O teu nome eu escrevi:
Na mesma, secca, mirrada,
Tenho o teu nome inda aqui!

A madre silva encantou-me,
A silva verde prendeu-me,
O coração dolorido
Da minha amada, venceu-me.

Da minha alma todo o affecto
Uma só bella gosou:
Nenhuma outra o gosára,
Nenhuma outra inda o roubou.

Quem nasceu p'ra a desventura,
Não devêra ter amores;
De que valeu o amar-te
Se o meu amor é sem flores?

Conservo do meu passado
As mais singellas lembranças,
Feliz tempo o da infancia
Bella edade a das creanças!

Na minha alma vão tristezas,
Minha vida só tem ais,
Na minha campa hei de ter
Saudades dos bem leaes.

Oh sonhos da minha infancia!
Oh minha crença bemdita!
Evolae-vos no espaço
Pela aboboda infinita!

Os rios levam das fontes
As aguas puras ao mar;
Augmentam o curso d'aquellas,
Lagrimas do meu chorar.

Como á louca mariposa
Seduz a chamma que a mata,
Teus cabellos me prenderam
N'um elo que não desata.

As minhas cantigas tristes
Dispersa-as todas o vento;
Que o vento leve tristezas
Longe do teu pensamento!

Vi-te domingo na missa,
—Perfeito typo christão!
Os olhos fitos no livro
Em profunda adoração!

Quando a hostia sacrosanta
Se elevava até aos ceus,
Os teus olhos pretos, pretos,
Cravaste, fitos, no Deus.

Eu cahi aos pés da cruz,
Na minha crença, a orar,
Que o teu amor conseguiu
Fazer-me christão, rezar!

Oh Virgem das «Sete Dores»!
«Mater» minha «Dolorosa»!
Cubri-me no manto azul
D'essa côr mysteriosa!

D'aqui p'ra tua janella
Coberta de trepadeira,
Adorei o teu perfil
Esta noite quasi inteira.

Tu lias n'um livro aberto,
Em frente o Christo na cruz!
Dos claros da trepadeira
Coava-se triste a luz!

Moças que tendes amores,
Oh almas castas! oh bellas!
Cantae as minhas cantigas
Ao luar e ás estrellas!

Manhãs d'amor e ventura,
Tardes d'encanto sem fim,
Oh dias dos meus amores
Acabados para mim!

Ventura do meu passado!
Tristezas do meu presente!
Negruras do meu futuro
Quem mas varrêra da mente!

Fiz de lyrios e violetas
E malmequeres do prado,
De goivos e mais saudades
A silva do teu noivado!

Tenho as flores resequidas,
Que me deu a tua mão,
E quero-as, quando eu morrer,
Pôr sobre o meu coração.

Recolhido no Porto em 1895. A designação de *Robles* provém-lhe do nome do author da musica.

A COROA DE VIRGEM

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Mendes Leal.

402

Adagio

Não vês, don-zel - la, co-mo nas-ce a ro - sa que tão mi-mo - sa des-a-bro-cha a flor, Pois tu, oh vir-gem, ain-da és mais for-mo - sa do que es-sa ro - sa de tão lin-da cor.

Não vês, donzella, como nasce a rosa,
Que tão mimosa desabrocha a flor?
Pois tu, oh virgem, inda és mais formosa,
Do que essa rosa de tão linda cor.

Com essa c'rôa que tu tens, donzella,
Pódes com ella gloriar-te aqui;
C'rôa de virgem, não a percas, bella,
Porque a perdel-a que será de ti!. . .

Mas essa flor que já foi formosa,
A linda rosa para o chão pendeu;
Agora murcha, desfolhou-se a rosa,
E de viçosa toda a cor perdeu!

C'rôa de virgem se a perderes, bella,
Assim como ella perdeu viço e cor,
Toda a belleza que tu tens, donzella,
Has de perdel-a como a perde a flor.

Mulher ou anjo, que na terra brilhas,
Qual astro bello que não tolda um veu,
Virgem! a senda que na terra trilhas,
Ha de por certo conduzir-te ao ceu.

Tu vaes guiada pelos sãos caminhos,
Não saias d'elles porque o bem é teu;
Embora encontres cá na terra espinhos,
Mimosas flores colherás no ceu.

Sustenta a lucta, que na terra finda,
Que o Pae Celeste, que o valor te deu,
Eternos gosos de ventura infinda
A troco d'ella te dará no ceu.

O mundo póde da mulher perdida
Fallar verdade se disser — morreu —
Mas não da virgem, que não perde a vida
Quem vae a eterna disfructar no ceu.

Esta canção foi recolhida na Beira Alta, em 1892, pelo Ex.mo Snr. Gaspar Paúl.

FRANCISCA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Isabel d'Oliveira.

403

Allegretto

Se eu soubesse que tu davas
Um só passo p'ra me ver;
Eu te dissera, de certo,
Outros amores não ter.

Oh Francisca, oh Francisca,
Quem namora tambem se arrisca.
Francisquinha, meu amor,
Dás-me um beijo? Não senhor.

A açucena com o pé n'agua,
Vae abrindo e vae cheirando;
Assim é o meu amor,
Quando por mim vae passando.

A açucena com o pé n'agua
Póde estar quarenta dias;
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais noites e dias.

Deixaste-me a mim por outrem,
Paciencia, são vontades:
Ainda te has de arrepender
Das tuas variedades.

Deixaste-me a mim por outrem,
Para amares a quem mais tem;
E eu por dinheiro não deixo
D'amar a quem me quer bem.

Ai de mim que já não posso
Com tantas penas amar-te;
São tantos a pretender-te
Que me resolvo a deixar-te.

Tanto ai, tanto suspiro
Que se dá pela callada;
Meu coração sente tudo,
Minha bocca não diz nada.

Quando passares por mim
Faz-te cego, faz-te mudo;
Disfarça quanto puderes
Que eu por mim disfarço tudo.

COMPADRE FRANCISCO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor Julia d'Oliveira.

404

Andantino

p Já lá vae a-bril e ma - io, já lá vão es-ses dois me - zes. Já lá vae a li - ber- da - de com que eu te fal - la - va ás ve - zes. *f* Com- pa-dre Fran-cis-co Fer- nan - des, é pri- mo da Fran - cis- qui - nha: Pas-sa lhe a mão pe - lo ros - ta, vem tu cá, oh ro - sa mi - nha.

D. C.

Já lá vae abril e maio,
Já lá vão esses dois mezes;
Já lá vae a liberdade
Com que eu te fallava ás vezes.

Compadre Francisco Fernandes,
E' irmão da Francisquinha,
Passa-lhe a mão pelo rosto,
Vem tu cá, oh rosa minha.

Eu hei de amar o luar
Deixar o escuro traidor:
Hei de amar a quem quizer,
Não te devo nada, amor.

Eu hei de me ir assentar
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor
As voltas que dá na rua.

Deita-te d'ahi abaixo,
Meu sol, minha luz, meu bem,
Que eu te apanharei nos braços.
Ai Jesus! que elle lá vem!

Eu não posso, n'este mundo,
Levar tal á paciencia:
O que é meu lograI-o outem,
E' caso de consciencia.

Altos silencios da noite
Minhas vozes vão rompendo,
Já que de dia não posso
Fallar a quem eu pretendo.

O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pôde viver, morreu.

A folhinha do salgueiro
E' a primeira novidade:
Quem madruga não alcança,
Que fará quem se ergue tarde!

Recolhida na Figueira da Foz.

FRANCISQUINHA

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Isaura Rosa d'Oliveira.

Andantino

405

p Ra-pa- | ri-gas não s'en- | le-vem nos de | cin-ta en-car- | na-da tra-zem

lu-xo na cin- | tu-ra no bol- | so não tra-zem | na-da. || con 8a *mf.* Oh Fran | -cis-ca, mi-nha Fran-cis-

quí-nha, oh Fran | -cis-ca meu lin-do a | -mor, não te | can-ces, não te | ma-tes, quem tem

pae tem su-peri | -or. || Quem tem | pae tem su-pe- | ri-or, quem tem | mãe su-pe-rior

tem; Oh Fran | -cis-ca, mi-nha Fran-cis | -qui-nha, Fran-cis | -qui-nha meu lin-do | bem. D. C.

Recolhida no Alemtejo. Póde applicar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

O MARIDINHO

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Florinda Alves Teixeira.

Andantino

406

f *p* Oh mu- lher, eu com- pra - va - te u mas mei - as, oh mu- lher eu com- pra - va - te u - mas mei - as, Is - so não, ma-ri-di - nho, não, que me faz as per - nas fe - ias, Bom fru- men - to e bom vi - nho, bo - a car-ne e me-lhor tou -ci - nho.

—Oh mulher:
Eu comprava-te umas botas.
«Isso não,
Maridinho, não,
Que me faz as pernas tortas;
Bom frumento e bom vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

—Oh mulher,
Eu comprava-te uns sapatos,
«Isso não,
Maridinho, não,
Que me faz andar aos saltos,
Bom frumento e bom vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

—Oh mulher:
Eu comprava-te um burrinho.
«Isso sim,
Maridinho, sim,
Que o burro leva o odre,
O odre leva o vinho,
Boa carne e melhor toucinho.

Esta chula foi recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

OH MULHER

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Luzia Alves Teixeira.

407

Allegretto

f Oh mu-lher: Oh mu-lher: eu com-pra-va te u-mas meias. *mf.* Is-so não, ma-ri-do não, que me faz as per-nas feias; *p* Com-pra-me an-tes um vi-nhi-nho, p'ra re-gar o meu pei-ti-nho, tu bem sa-bes, ma-ri-di-nho, que a a-gua me faz bem mal.

D. C.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te umas botas.
Isso não, marido, não,
Que me faz as pernas tortas.

Compra-me antes um vinhinho
P'ra regar o meu peitinho,
Tu bem sabes, maridinho,
Que a agua me faz bem mal.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te uns sapatos.
«Isso não, marido não,
Que me faz andar aos saltos.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te um saiote.
«Isso não, marido, não,
Que fico como um pipote.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu compava-te um gibão.
«Isso não, marido, não,
Que me opprime o coração.
Compra-me antes, etc.

—Oh mulher, oh mulher,
Eu comprava-te um pente.
«Isso não, marido, não,
Que arranha a cabeça á gente.
Compra-me antes, etc.

E' esta cantiga uma variante do *Maridinho*. Recolhida nas provincias do Douro e Traz-os-Montes. O povo ainda lhe addiona outras estrophes, mais livres, para descrever a mulher borrachona, que prefere andar nua e immunda, a que lhe falte o seu inhinho.

BELLA AURORA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Clotilde de Magalhães.

Andante

408

f

Bel - la au- ro - ra, se te a- tre - ves, Bel - la au-
To - ma lá o meu ca - bel - lo, To - ma

ro - ra se te a- tre - ves, ai, se te a- tre - ves a pren-der quem an-da au-
lá o meu ca - bel - lo, ai, o meu ca- bel - lo, fa - ze d'el-le u-ma cor-

o coro repete o mesmo.

zen - te, ai, se te a- tre-ves a pren-der quem an-da au -zen - te.
ren - te, ai, o meu ca - bel - lo, fa - ze d'el-le u-ma cor -ren - te.

Bella Aurora, se te atreves
A prender quem anda ausente,
Toma lá o meu cabello,
Faze d'elle uma corrente.

A Bella Aurora na serra,
Não sei como não tem medo:
Faz a cama, dorme só
Debaixo do arvoredo.

A Bella Aurora chorava,
E no seu pranto dizia:
Que o amor se lhe era falso
De repente morreria.

Esta musica é do archipelago açoriano e faz parte dos bailados insulares.

QUATRO PINTORES

CORO

Á Ex.ma Snr.a D. Aurora Candida de Figueiredo.

Andantino

409

Pa - ra pa-ra Ro-ma par - ti-ram qua-tro pin - to - - - res,

ah! ah! ah! ma-da-ma mia, ah! ah! qua-tro pin - to - - - res,

qua-tro pin to - - - res, fo - ram fo-ram bus-car re-

tra-tos dos seus a - mo - - - res. ah! ah! ah! ma - da - ma

mia, ah! ah! dos seus a - mo - - res, dos seus a-mo - res.

Este coro é da ilha dos Açores e fazia parte do repertorio dos antigos *foliões*, que o cantavam só a duas partes.

PASTORINHA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Philomena Pereira da Silva.

Andantino

410

p

Deus vos sal - ve. pas - to -

ri - nha, que o vos -so ga - do guar -da - - es. *mf.* Vin-de com Deus pas-sa- gei - ro, de Deus

sal - va - do se - jaes. *p* Eu sal- vei e vós sal- vas - te, Cum-pri -mos nos - so de-

ver. *mf.* Foi cre - a-ção que me de - ram de eu a tu-do res-pon -der.

Esta xacara parece-nos datar de 1850. Fazia parte do reportorio dos cegos, musicos ambulantes.

PASTORINHA

ELLE

Deus vos salve, pastorinha,
Que o vosso gado guardaes!

ELLA

Vinde com Deus passageiro,
De Deus salvado sejaes.

ELLE

Eu salvei e vós salvaste,
Cumprimos nosso dever.

ELLA

Foi creação que me deram
De eu a tudo responder.

ELLE

Uma bella rapariga
Como vós, linda pastora,
Tão bonita e tão formosa,
Falla tão encantadora...

ELLA

Não venha o senhor, de fino,
Escarnecer da innocente,
Que anda guardando seu gado
Na serra, affectivamente.

ELLE

Quereis vós, linda pastora,
Deixar ficar vosso gado?
Sereis minha companheira,
Eu serei o vosso amparo.

ELLA

Sendo minha creação
Pelo meu gado olhar,
Como póde o cidadão
Vir-se de mim agradar?

ELLE

Fui nascido na cidade,
Foi sempre habitação minha,
Não ha ninguem que me agrade
Como vós, oh pastorinha.

ELLA

Vejo pastar, o meu gado
E' o meu entretimento;
Eu não posso acreditar
Palavras dadas ao vento.

ELLE

Desfazeis minhas palavras,
Não quereis acreditar n'ellas?
Vinde commigo p'ra a cidade
E tirae-vos d'essas serras.

ELLA

Eu não posso ser estranha,
Sendo na serra nascida;
Que hei de ir fazer p'ra cidade
Sem lá ter modo de vida?

ELLE

Para comeres e beberes,
E andares muito acceiada;
Basta só a formosura
D'essa cara delicada.

ELLA

Vejo pastar o meu gado,
Ouço cantar passarinhos,
Não me posso sustentar
Só de abraços e beijinhos.

ELLE

Em tudo sois tão formosa,
E tudo tambem vos diz:
Vinde commigo pastora
Que vos vou fazer feliz.

ELLA

Não esteja a perder tempo,
Não tenho mais que dizer;
Deixarei meu nascimento
Se o senhor me receber.

ELLE

Eu prometto, sem faltar,
De comvosco ser casado;
Quando eu fôr passeiar
Ireis commigo a meu lado.

ELLA

Já que o senhor me promette,
Meu casamento seguro,
Desde hoje me entrego,
Desde já para o futuro.

ELLE

Acceito com muito gosto,
Pastorinha, vossa mão,
Faço de mim o possivel
P'ra vos dar estimação.

ELLA

Vou-me despedir do gado,
E dos ares do meu paiz,
Para ir acompanhar
Quem me quer fazer feliz.

ELLE

Deixae ficar vosso gado,
Não deis entrada á saudade:
Vinde commigo pastora,
Vinde tomar novo estado.

ELLA

Adeus pae e adeus mãe,
Adeus gado que eu guardei,
Adeus manas, adeus manos,
E a terra onde me criei.

ORA TOMA MARIQUINHAS

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Meirelles.

Allegretto

411

Oh al - ta ser - ra da ne - ve on - de o pe-ne - do ca - hi - u, nin - guem di - ga o que não sa - be, nin - guem ju - re o que não vi - u.

O - ra to - ma Ma - ri qui - nhas, o - lha cá meu lin - do a - mor, não vás as - sim tão de - pres - sa, Va - lha - te Nos - so Se - nhor.

D. C.

Cupido, deus dos amantes,
Aprendeu a gravador;
Engastou dois diamantes
Nos peitos do meu amor.

Eu por amor me perdi,
Mas por amor encontrei
Os teus affectos, que dizem
Que eu feliz sempre serei.

Nem toda a arvore dá fructo,
Nem toda a herva dá flor;
Nem toda a mulher bonita
Póde dar constante amor.

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido
Se me queres ver morrer.

Eu hei de amar a margaça,
Embora a sua amargura;
Hei de amar a quem quizer,
Que inda não fiz escriptura.

O meu amor é estudante,
Traz a capa a dar-a-dar;
Cabeça de bule-bule,
Catavento a variar . . .

Oh vento fresco da barra,
Alegria dos barqueiros;
Quando sopra o vento fresco
Descantam os marinheiros.

O luar da meia noite
Vae servir-me de mortalha,
Cavae-me a cova depressa,
Senhor dos Passos me valha!

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece,
Quem os tem ao longe chora,
Quem os tem ao pé padece.

Quem tem amores não dorme,
Nem de noite nem de dia;
Dá tantas voltas na cama,
Como peixe n'agua fria.

Fui-me deitar a dormir
Ao som da agua que corre;
A agua me foi dizendo:
Quem tem amores não dorme.

Deite um beijo, córaste,
Deite segundo, sorriste,
Todos os mais que levaste,
Foste tu que m'os pediste.

CARTOLLA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Martins Pereira.

Andantino

412

p Car - tol - las, Car - tol - las, Car tol - las de Vil - la No - va, me - ni - na dei-xe o na - mo - ro, que seu pae da-lhe u-ma so - va.

Cartollas, cartollas,
Cartollas de Villa-Nova,
Menina deixe o namoro,
Que seu pae dá-lhe uma sova.

Cartollas, cartollas,
Cartollas de Vizeu,
Viva a linda menina
Que agora aqui appareceu.

Cartollas, cartollas,
Cartollas de Vizella,
Viva a minha comadre
Que veio agora á janella.

Esta cantiga teve por author um d'esses typos das ruas, que pela sua excentricidade se tornou celebre na miseria em que vivia. Muitos escriptores satyricos se referiram a este personagem, á sua cantiga (pois não tinha outra) e aos seus improvisos poeticos, para ridicularisarem poetas e litteratos que não estavam nas suas boás graças. O Cartolla na sua qualidade de mendigo dirigia-se a todas as pessoas, e principalmente ás senhoras, e voltando-se para as janellas implorava d'um modo pittoresco a caridade publica. Tanto ás damas mais aristocratas como á creada mais boçal a todas dirigia o seu versinho cantado no invariavel estribilho. Calçado ou descalço, de jaqueta ou casaco, mas sempre de chapeu alto na cabeça e canastra ou alcofa debaixo do braço, o Cartolla percorria toda a cidade do Porto cantando e sempre com auditorio de rapazio. Morreu de variola no hospital da Misericordia.

A palavra *Cartolla* é uma corrupção de *quartolla* (vasilha, quarto de pipa que leva cinco almudes). Nome picaresco com que o povo designa o chapeu alto.

CARAMBOLLA

DANÇA DE RODA

Allegretto

415

Eu fui a que dis - se pe - lo pen - sa - men - - - to quem me a mim faz u - ma fa - ço - lhe eu um cen - to.

Oh mi-nha ca - ram - ba, mi - nha ca - ram - bol - - - la. hei de ar-mar um la - ço ao jo - go - da bol - la.

D. C.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

O ROMÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Martins Pereira.

Allegretto — da 2.a vez con 8a

414

Cra-vo ro-xo á ja-nel-la, é si-gnal de ca-sa-men-to; me-ni-na, re-co-lha o cra-vo que o ca-sar in-da tem tem-po.

ESTRIBILHO

Por des-gra-ça, (*rall.*) por des-gra-ça, se a pa-nhou o par-dal na pra-ça, o po-bre do Ro-mão se quer que te-nha pa-ci-en-cia, can-tan-do é bom si-gnal, mi-nha pri-ma me op-pri-miu, Es-tas mo-ci-nhas d'a-go-ra, ó-la-ré, na pra-ça o par-dal fu-giu.

D. C.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno.

Póde-se-lhe juntar qualquer quadra desgarrada; repetindo sempre o mesmo e disparatado estribilho, que é simplesmente um rude amphiguri.

A GALLINHA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Flavia dos Santos Cruz.

Andante

415

Te-nho u-ma gal li-nha pin ta, que põe se-te o-vos ao di-a, que põe se-te o-vos ao di-a; in-da as-sim me não con-ten-to. cho p'ra fo-ra, cho p'ra den-tro, cho ga-li-nha p'ra o con-ven-to.

con 8a

Tenho uma gallinha pinta
Que põe sete ovos ao dia,
Que põe sete ovos ao dia.
  Ainda assim me não contento,
  Cho p'ra fóra, cho p'ra dentro,
  Cho gallinha p'ra o convento.

Já me davam por ella toda
A cidade de Lisboa,
A cidade de Lisboa.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo bico
O Fayal e mais o Pico,
O Fayal e mais o Pico.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo pescoço
Uma casca, duas cascas,
Tres casquinhas de tremoço.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pela penna
Os ilheos da Magdalena,
Os ilheos da Magdalena.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelo papo
Uma arroba, tres arrobas,
Quatro arrobas de tabaco.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pela moela
Quatro arrobas, cinco arrobas,
Seis arrobas de canella.
  Ainda assim, etc.

Já me davam pelas pernas
Uma fita, duas fitas,
Tres fitinhas amarellas.
  Ainda assim me não contento,
  Cho p'ra dentro, cho p'ra fóra,
  Cho gallinha vae-te embora.

Recolhida nos Açores. Esta chula é muito antiga.

A FAVORITA

CHULA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Branca de Magalhães.

Andante

416

O - lhos pre - tos ma - ta - do - res, O -
Dos cri -mes que com-met -te - eis, Dos

lhos pré - - tos ma - ta - do - res ai ma - ta do - res, por-que não vos con-fes-
cri - mes . . que com-met te - is, que com-met -te - is, dos co - ra - ções que rou-

saes, ai, ma - ta - do - res, por-que não vos con - fes - saes.
baes, que com met- te - is, dos co - ra-ções que rou - baes.

Olhos pretos, matadores,
Porque não vos confessaes
Dos crimes que commetteis,
Dos corações que roubaes?

Rapariga, dá-me um beijo,
Um beijo pela tua alma;
Tu não sabes quanto gosto
Da sombra, quando faz calma.

O dia tem duas horas,
Duas horas, não tem mais:
Uma é quando vos vejo,
Outra quando me lembraes.

Deus me déra ser uma ave,
Ou pombo ou codorniz,
Que eu fôra dar um vôo
A' cama onde dormís.

La vem a lua sahindo
Redonda como um botão;
Quem tem seu amor á vista
Regala seu coração.

Quem tem seu amor marujo,
Tem o cravo no craveiro;
Ainda bem não está na barra,
Já em casa deita o cheiro.

Recolhida nas ilhas dos Açores.

A ELISA

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Elisa de Magalhães.

Andante

417

p Não te es-que-ças de mim, oh E-li-sa, quan-do a auro-ra no ceu des-pon-tar, Não te es-que-ças de mim quan-do vi-res as es-trel-las no ceu a bri-lhar·

Não te esqueças de mim, oh Elisa,
Quando a aurora no ceu despontar,
Não te esqueças de mim, quando vires
As estrellas no ceu a brilhar.

Não te esqueças de mim, quando fôres
Divagando pela beira do mar,
Não te esqueças de mim, quando as ondas
Vierem, ledas, na praia brincar.

Não te esqueças de mim, quando á noite
Ouvires o mocho na grimpa a piar,
Como elle tambem vivo tristo,
Passo a vida de continuo a chorar.

Não te esqueças de mim, quando o sol
Occultar-se fôr no horisonte,
Não te esqueças de mim, quando o vires
Vir alegre illuminar tua fronte.

Não te esqueças de mim, oh Elisa,
Não te esqueças do pobre exilado,
Que só teve momentos felizes
Quando, alegre, vivia a teu lado.

Esta canção foi recolhida no Porto em 1890; parece ser de origem brazileira.

A BARQUINHA FEITICEIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Marianna Adelina Amaral Mira.

Andantino

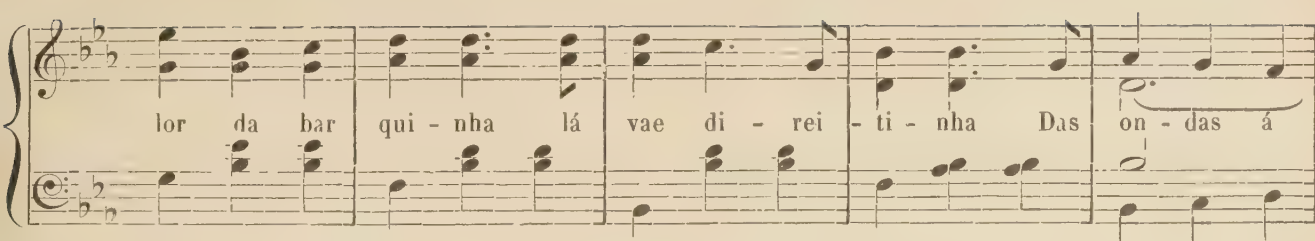
418.

p A bar - qui - nha fei - ti - cei - - - ra, vae cer - can - do o mar i - ra - - - do, Em - quan-to as a - guas á prai - a me tra - zem sau - da - des d'um en - te a - do - *rall.* ra - - do.

Ai! *a tempo* Sin - to o meu cor - po ge - la - - - do, ve - jo es - se qua - dro d'hor - ror! . . .

f Mas com va -

lor da bar qui - nha lá vae di - rei - ti - nha Das on - das á

1.ª vez flor. 2.ª vez flor. Final rar. Ai!

A Barquinha feiticeira
Vai cercando o mar irado,
Emquanto as aguas á praia
  Me trazem saudades
  D'um ente adorado.
    Ai!...
Sinto o meu corpo gelado,
Vejo esse quadro d'horror!
Mas com valor da barquinha,
  Lá vae direitinha,
  Das ondas á flôr.

Uma formosa mulher,
Do mar altiva é rainha;
Solta ao vento os cabellos
  A's vagas revoltas
  Lá guia a barquinha
    Ai!...
Sobre esse abysmo sósinha,
Vae sua vida arriscar,
Para salvar uma vida
  Que lucta perdida
  Nas ondas do mar.

Deus de bondade e amor,
Ente Divino e sem par,
Faz com que as aguas não lancem
  A pobre barquinha
  Ao fundo do mar.
    Ai!...
Quanto é triste o luctar
Com o gigante feroz,
Basta da voz um rugido
  Para ser bem temido
  Tão perfido algôz.

A feiticeira barquinha
Já vem á praia chegando;
Deus os meus rogos ouviu.
  Lá vejo o meu filho
  De joelhos orando.
    Ai!...
E eu alegre chorando
Vou emfim abraçar;
Junto ao altar do Senhor,
  Vamos já com fervor
  De joelhos orar.
    Ai!...

Recolhida na estação acquistica das Pedras Salgadas em 1898, pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca.

JOAQUININHA

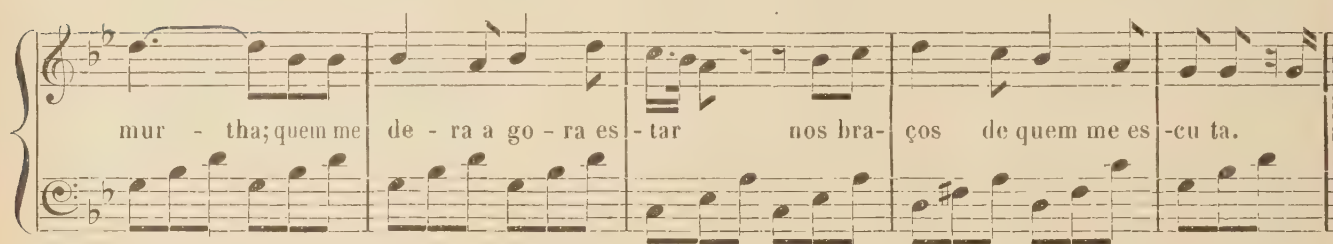
CANTIGA

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria Julia Guimarães.

Andantino

419

A-deus oh flor d'a - çu - ce - - na, a-deus oh flor da mur - tha; quem me de - ra a go - ra es - tar nos bra - ços de quem me es - cu ta.

Che-ga-te cá, oh Joa - qui - ni nha, ve - rás co-mo fi - cas co - ra - di-nha.

Adeus flor da açucena,
E tambem flor da murtha;
Quem me dera agora estar
Nos braços de quem me escuta.

Chega-te cá, oh Joaquininha,
Verás como ficas coradinha.

Deste-me alecrim p'ra prenda,
Tirei-lhe a folha miúda,
Quizeste-me experimentar,
Meu coração não se muda.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil;
Dá-me os que te agora lembro,
Os outros deixal-os ir.

Dizem que me hão de matar
Por te eu pôr o amor todo,
Pois matem-me muito embora
Que eu por teu respeito morro.

Hei de te amar até á morte,
E mesmo depois de morrer;
Ainda debaixo da terra,
Lá mesmo podendo ser.

Ainda além da pedra dura,
Debaixo do frio chão,
Has de ficar retratada
Dentro do meu coração.

Vou á missa por te ver,
Vou resar sem ter vontade;
Ate os santos se riem
De eu te ter tanta amisade.

Oh meu amor, se te fôres
Dize-me a quem hei de amar?
—Não ames a mais ninguem,
Que se eu fôr hei de voltar.

Recolhida em Avintes em 1887.

AVÈ MARIA

CORO

Á Ex.^{ma} Snr.ª D. Bemvinda de Freitas.

Andante sustenuto

420

A - - vè Ma- ri - - - a chei - - a de gra - - ça,

o Se-nhor é con- vos - - - co Bem- di - - ta sois

vós en - tre as mu- lhe - res, Bem - di-to é o fru - cto,

bem - di - to é o fru - - cto de o vos - so ven - - - -

tre Je - sus, de o vos - so ven - tre Je - sus.

Recolhida em San Gens, Povoa de Lanhoso, pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.
Esta musica é cantada a quatro partes por vozes de mulheres. Deve ser muito antiga e ter ficado na tradição popular desde os tempos monasticos.

NÃO MATEIS O BICHO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Loduvina Amelia Sardoal.

Allegretto

421

p Te - nho um bi - - cho

cá por den - - tro, que me roe e es- tá ro -

en - do; quan - - to mais a - fa - go o bi - - cho

ma - is o bi - - cho vae co - men - do. São coi - si - nhas

do - ces, que fa - zem cho - rar, não ma - teis o bi - cho que

me quer ma- tar. Ai a - mo - res, dae soc-

cor - ro, ai, ai, ai, ai, que por ti mor - ro.

Tenho um bicho cá por dentro
Que me roe e está roendo;
Quanto mais afago o bicho
Mais o bicho vae comendo.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz artes do diabo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho encrespa o rabo.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz um tá, tá, tá, tá;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho pulos dá.
São coisinhas doces
Que fazem chorar,
Não mateis o bicho
Que me quer matar.
Ai amores
Dae soccorro;
Ai, ai, ai, ai,
Que por ti morro.

Este lundum é de origem brazileira; recolhemol-o no Porto em 1870.

CHIQUITA

CANTIGA DAS RUAS

Allegretto

422

Chi - qui-ta da ca-ro - la Ha- va - na, Chi - qui-ta da ca-ro - la, o- lé, ca- sar com mu-lher sem do - te é re mar con-tra a ma -ré.

Esta cantiga que appareceu em Portugal em 1846, talvez com alguma allusão politica, é caracteristicamente um tango da America hespanhola.

CHEGADINHO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena de Pinho.

423

Andantino

mf. Oh Ma - ri - a o - lha o pae as cal - ças no - vas que tem, Oh com- pa-dre che-ga-di-nho faz, faz, oh com- pa-dre che-ga-di-nho fez, fez.

Que lh'as fez o al - fai - a - te da sai - a ve - lha da mãe.

Esta cantiga é carnavalesca, e parece ter origem no seguinte divertimento: Na quinta-feira a seguir á septuagesima é costume nas nossas provincias os homens fazerem umas bonecas a que dão o nome de *comadres*, caricaturando certas damas, as quaes procuram roubar as *comadres*, travando-se então grande lucta entre as atacantes e os defensores, empregando-se a agua, os pós, os ovos e todos os projectis de combate do carnaval. N'esta brincadeira põe-se de parte as conveniencias para a conquista ou reconquista da *comadre*, salvo quando as senhoras a entalam entre os joelhos, unico logar privilegiado para dar treguas á lucta. Na seguinte quinta-feira (depois da sexagesima), em desforço fazem as senhoras bonecos a que chamam *compadres* e a que inflingem tratos de polé. Os homens são então os atacantes e as senhoras as defensoras; proporcionando eguaes luctas divertidas ás da quinta-feira antecedente.

Oh Maria, olha o pae
As calças novas que tem;
Que lh'as fez o alfaiate
Da saia velha da mãe.

Esta cantiga tem a seguinte variante:

Oh Maria, olha o pae
As lindas barbas que tem;
Com aquellas lindas barbas
Enganou a nossa mãe.

Oh compadre chegadinho faz, faz,
Oh compadre chegadinho fez, fez.

Tambem tem outro estribilho que é:

Oh canôa, oh real canôa,
Embarca aqui que a maré está boa.

MADAMINHA

DANÇA DE RODA

424

Andantino

Al - gum di - a eu e - - ia um va - so de flo - - res, a - go - ra es - tou chei - - o de pe - nas e do - - res.

Oh mi-nha ma- da - - ma, mi - nha ma - da - mi - - nha, teu pae é meu so - - gro tu - a mãe é mi - - nha.

Recolhida no Alemtejo. Póde juntar-se-lhe qualquer quadra desgarrada.

VÁ DE RODA EM RODA

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Celeste Aurora Veiga.

Andantino

425

Maria, mais Anna,
São os meus amores:
Maria é um ramo
De todas as flores.

Meu peito não é
Travessa de doce;
E' o que aqui está,
O mais acabou-se.

O meu lindo amor
Tem olhos marotos...
Que lhe hei eu de fazer,
Se elle não tem outros?

Vá de roda em roda,
Vá de fita em fita,
Vá de braço dado,
Com a mais bonita.

DANÇA.—Durante a primeira quadra, dança de roda; no estribilho, *grand-chaine e promenade.*

MANUEL DA HORTA E MESTRE ZÉ

CANTIGA DAS RUAS

Allegretto D. C.

426

O Manuel da Horta
E' um mariola,
Foi p'ra a romaria
Quebrou a viola.

O Manuel da Horta
E' muito mau *home,*
Vae para a egreja,
Se ha de resar, come.

O Manuel da Horta
Foi aos camarões,
Para dar ás moças
Que tinham sezões.

O Manuel da Horta
Foi aos caranguejos,
Para dar ás moças
Que tinham desejos.

Tambem se canta a seguinte lettra:

Bate, Mariquinhas,
Bate bem o pé;
Viva a bizarria
Do sê mestre Zé.

O sê mestre Zé
Tem rolos á porta;
Tenha que não tenha
Você que lhe importa.

O sê mestre Zé
Não canta nem toca;
A mulher prendeu-o
Com o fio da roca.

O fio da roca
Já chega a Coimbra;
Dá-me cá um beijo
Minha cara linda.

Esta cantiga era conhecida em 1840. E' vulgarissima em todo o paiz. A lettra primitiva foi a do *Manuel da Horta.*

A VELHA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Georgina dos Santos Cruz.

Allegretto

427

p

f

Eu na-mo-rei u - ma ve-lha, a - cre-di-tem que é ver-da-de; que e-ra mui-to ga-lan-ti - nha,

E-ra cal-va da ca-be-ça, a -cre-di-tem que é ver-da-de, to - da chei-a de mor-ri - nha,

O - ra o di - a cho da ve - -

lha que me pa-re-cia um tó- tó, O na-riz e-ra u-ma ba-ta –

ta e na pon-ta ti-nha um nó. *f* 8ª

Eu namorei uma velha,
Acreditem que é verdade,
Que era muito galantinha:
Era calva da cabeça,
Acreditem que é verdade,
Toda cheia de morrinha.

Ora o diacho da velha,
Que me parecia um tótó,
O nariz — uma batata,
E na ponta tinha um nó.

Eu namorei uma velha,
Acreditem que é verdade,
Lá no canto d'uma sala,
Uma velha de cem annos,
Acreditem que é verdade,
Inda a fazer sua — mala! —

Fez tranças e caracoes,
E inda fez mais modêlos;
Para contar a verdade,
Isto com quatro cabellos.

Quem casa com mulher velha,
Misericordia, meu Deus,
Tem a morte á cabeceira
Corre-lhe a mão pela cara,
Ai, Jesus, misericordia,
Não acha senão caveira!

Eu não quero mulher velha,
Nem que seja muito rica;
Antes quero moça pobre,
Mas que esta seja bonita.

Esta chula é das ilhas dos Açores e faz parte dos bailados d'aquelle archipelago.

PODEMOS CASAR

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Ernestina do Nascimento Vieira.

Allegretto

428

Es - - - te mun-do é u - ma vi - - - nha,
Te - - - nho ca - sa me - sa e bul - - - le,

ca - - - da cê - pa é um chris - tão,
dois pra - - - tos e um al - gui - dar,

vem a mor-te faz vin- di - ma, não pro- cu - - - - ra
um as - su - ca - rei - ro a -zul, e um lei - to em que

ge - - ra - - - ção.
ca - - - be um par.

1.a vez — 2.a vez

com is - to que

te - mos po - de - mos ca - sar, po - de - mos ca - sar.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada Parece ser couplet theatral.

Dança. — Primeiro dança-se de roda cantando uma quadra qualquer e na repetição com o estribilho os pares param e enumeram pelos dedos os objectos que vão narrando, terminando por gesticular com os braços, cabeça e mãos.

O MANUEL COUTINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Etelvina de Brito Salgado.

Allegro vivo

429

Os meus | o - lhos com cho | rar fi - ze- | ram co - vas no | chão; é o | que os teus não | fa - zem, não fi - | ze - ram, nem fa- | rão. Diz ai- | lé, ai - lé, quem | tem, oh Ma-nuel Cou | ti - nho fi-zes - te | bem. Diz ai- | lé, ai - lé, quem | deu o Ma-nuel Cou | -ti - nho fe-liz mor- | reu.

Ha palavrinhas da bocca,
Palavras do coração;
Se os beijos não são palavras,
Que são os beijos então?...

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Trago prezos nos meus olhos
Os olhos d'uma vizinha:
Morre na bocca do sapo
A desditosa doninha.

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Não me digas mais palavras,
Falla só c'o pensamento:
Palavras são folhas soltas,
Palavras leva-as o vento.

Diz ai-lé, ai-lé quem tem,
Oh Manuel Coutinho
Fizeste bem.
Diz ai-lé, ai-lé quem deu,
O Manuel Coutinho
Feliz morreu.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Eugenio S. Tarana,

ge nas a-zas de | pra - - ta, do | so-nho que me e - na - | mo - ra, sus -

pi - ra, gui-tar - ra, | cho - ra, a - | mor, é so-nho que | ma - ta. Sus -

pi - ra, gui-tar - ra, | cho - ra, a - | mor é so-nho que | ma - ta.

Amor é sonho que mata,
Perfume que se esvaece,
Madeixa que se desata,
Sorriso que desfallece.

Aragem corre de manso,
Borboleta mais de leve,
Rouxinol soa mais breve,
Não turbes o meu descanço.
Miragem que não alcanço,
E que minh'alma retrata,
Foge nas azas de prata
Do sonho que me enamora,
Suspira, guitarra, chora,
Amor é sonho que mata.

O lyrio ama a campina,
A campina a luz do sol,
Ama a noite o rouxinol,
E a aurora a flor purpurina.
Ama a brisa matutina
O manso lago de prata,
Eu, a miragem ingrata
Da mulher que me adora.
O amor é flor que descora,
Madeixa que se desata.

O sol desampara a vaga,
A vaga foge do mar,
Fogem as nuvens do ar,
E a branca espuma da plaga;
Foge a brisa que me affaga,
A luz do sol que me aquece;
Foge dos labios a prece,
Só tu, imagem, presistes.
O amor é sonho, dos tristes,
Perfume que se esvaece.

Minh'alma voga na altura;
Geme, guitarra, com ancia;
Exala, flor, mais fragancia;
Dá-me, aragem, mais frescura.
E' vária e doce a ventura,
O prazer que nos fenece;
Tu, miragem, des'parece;
Meu penar, deixa-me, corre.
O amor é sonho que morre,
Sorriso que desfallece.

A musica d'este fado é antiga e não tem lettra propria; a que lhe addicionamos é do Ex.mo Snr. J. Nunes Ponte.

RICÓCÓ

DANÇA DE RODA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Helena Guimarães.

Andantino

431

p

Oh Se-nhor Jo-sé, já lhe te - nho di - - to quan-do lhe eu fal-lar, Ri - có-có, que me cal-le o bi - co. Oh sim, sim, ha mais quem quei-ra, ri - có - có, me-ni-na bre - jei - ra. Oh sim, sim, ha mais quem quei-ra, ri - có - có, me-ni-na bre- jei - - ra.

f

Oh Senhor José,
Já lhe tenho dito,
Quando lhe eu fallar
Ri-có-có,
Que me calle o bico!
Oh sim, sim,
Ha mais quem queira,
Ri-có-có,
Menina brejeira.

Eu não sou brejeira,
Nem o posso ser,
Não tenho dinheiro,
Ri-có-có,
Para me manter!
Oh sim, sim,
Ha mais quem queira,
Ri-có-có,
Menina brejeira.

Esta cantiga é uma especie de chula em uso na provincia da Beira.

CASAMENTO E MORTALHA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Dulce de Castro Pereira.

432

Andante

Lá das ban - das de Cas- tel-la, tris - te no - va e - ra che- ga - da; tris - te no - va e - ra che ga - - da.

D. C.

Lá das bandas de Castella
Triste neva era chegada;
D. João que vem doente,
Mal pesar da sua amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que se algum lhe désse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim que chega o mais velho
Diz com voz desenganada:

—Tendes tres horas de vida
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento,
Deixar a alma encommendada.
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.
Estando n'estas conversas
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:

—«Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada;
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada.
«Tenho fé na Virgem Santa,
N'ella venho confiada,
Que me ha de ouvir e salvar-te,
Que teu mal não será nada.
—«Oh que se eu chegar a erguer-me
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com as bençãos d'um Arcebispo,
E de agua benta regada.
Com a estóla da santa egreja
Ao meu coração atada.

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:

«—Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?
—«Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que esta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.
«—Filho das minhas entranhas,
N'esta hora minguada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.
—«Minha mãe, que devo, devo,
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel quem em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo lhe mil cruzados
Para que seja casada.
«—A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.
—«Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.
«—A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.
—«Deixo-a a estes tres doutores,
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.
«—A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada;
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.
—«Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada;
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.

Recolhido no Minho. Uma voz canta dois versos, e o segundo verso é repetido em coro. Este romance deve ser muito antigo. A lettra está recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga no *Romanceiro Geral.*

SOLUÇOS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Edwiges de Souza Lima.

Andante

433

p

Sus-pi-ros ao ceu da-rei, sus-pi-ros ao ceu da-rei, sus-pi-ros ao ceu da-rei, a-té lá che-gar meu cho-ro;

Pa-ra ver se al-can-çar pos-so, pa-ra ver se al-can-çar pos-so, um bem d'al-ma por quem mor-ro, um bem d'al-ma por quem mor-ro.

CORO

Sus-pi-ros ao ceu da-rei, sus-pi-ros ao ceu da-rei, sus-pi-ros ao ceu da-rei, a-té lá che-gar meu cho-ro.

Pa-ra ver s'al-can-çar pos-so, pa-ra ver se al-can-çar pos-so, pa-ra ver s'al-can-çar po-so um bem d'al-ma por quem mor-ro.

Suspiraes quando me vêdes,
Suspiros de piedade;
Oxalá que isso não seja
Suspiros de falsidade.

Ando triste como vêdes,
De continuo dando ais,
Desejoso de saber
Se por outro me deixaes.

Rosa branca, flor d'espinhos,
Rigorosa na porfia,
Quem tem ciumes d'amores
Ouve falar, desconfia.

Todos os rios correntes
Corre-lhe a areia no fundo;
Quem amores tem, tem enredos
Em toda a parte do mundo.

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Não quero bem a ninguem,
Nem ninguem m'o quer a mim;
Quero andar entre as rosas,
A' sombra do alecrim.

Esta cantiga é das ilhas dos Açores, e tambem a applicam para os bailados.

VIVA A SUCIA

MARCHA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Encarnação Pinto Gomes.

Moderato

434

p Os meus o-lhos mais os teus, *f* o-ra vi - va a su - cia!
Na-mo-ram de-va-ga - rinho,

p Os meus o - lhos mais os teus *f* o-ra vi - va a su - cia;
Na-mo-ram de - va - ga - rinho,

Dao ao mun - do que en-ten-der. to-ma lá, dá cá. *f* Co-mo a
P'ra nin-guem os per - ce - ber.

su - cia não ha, não ha, Co - mo a su - cia não ha, nem vi.

Inda agora reparei!
Ao meu direito lado
'Stá o jasmim, 'stá a flor,
'Stá a rosa, 'stá o cravo.

Ingrata! *desconhecida!*
Que te custava dizer:
— Amor, busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?!

Inveja, cruel inveja,
Que nunca se ha de acabar!
Quem tanto mal me deseja
Nunca bem póde passar.

Eu já fui ao teu jardim,
Já n'elle fui jardineiro;
Já fui teu amor de graça,
Agora nem por dinheiro!

Eu tenho quarenta amores,
Todos quarenta são fixes;
Tenho dez n'Aldeia Nova,
Dez em Serpa, vinte em Briches.

E's uma porca-javarda,
E's uma cabra-cabrita;
E's mais feia que uma loba...
Tens fama de ser bonita!

Recolhida em Elvas pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

CHULA DA MAIA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ᵃ D. Anna Villas-Boas.

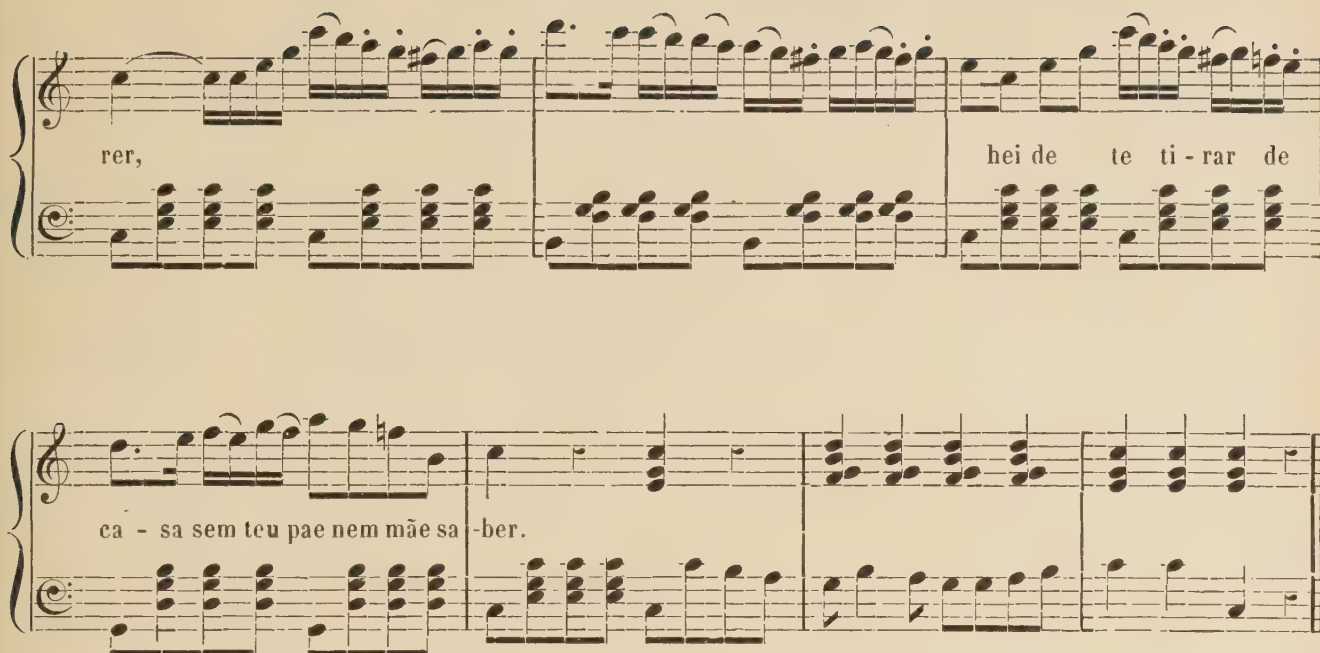
Allegretto

435

Hei de te a - mar, a - mar, hei de te a - mar, a - mar, hei de te a-mar a - mar, hei de te que - - rer, que- rer,

hei de te ti-rar de ca - sa sem teu pae nem mãe sa- ber, hei de te a-mar. a - mar hei de te a-mar a- mar, hei de te a - mar a - mar, hei de te que - rer, que-

rer, hei de te ti-rar de

ca - sa sem teu pae nem mãe sa-ber.

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer,
Hei de te tirar de casa
Sem teu pae nem mãe saber.

Silva verde não me prendas,
Olha que não me seguras;
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina,
Não ha coisa que mais prenda
Que os olhos d'uma menina.

A silva que me prendeu,
Arrebentou no vallado;
Nunca a silva me prendeu
Com tão forte cadeado.

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não as dão;
Ha amores que são firmes,
Ha outros que o não são.

Silva verde picosinha,
Ao arcypreste se enleia;
Meu amor se me prenderes,
Deixa-me larga a cadeia.

Cheguei á borda do rio,
Silva verde é meu encosto;
Que importa que o mundo falle
Se o amor é do meu gosto?

Salsa verde combatida
Ao pé do mangericão;
Bem podemos ser amantes,
Mas sempre dizer que não.

A salsa do meu quintal
Arrebenta pelo pé;
Assim arrebente a bocca
A quem diz o que não é.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A salsa que está no rio
De verde se está revendo;
Eu como firme te adoro,
Tu falsa me estás vendendo.

A salsa subiu ao muro
A hortelã foi descendo;
Se pensas que por ti morro,
Eu de ti nada pretendo.

Debaixo da oliveira,
Menina é que é o amar;
Tem a folha miudinha.
Não entra lá o luar.

Se a oliveira fallasse
Ella diria o que viu;
Debaixo da sua sombra,
Dois amantes encobriu.

D'aquella janella alta
Me atiraram um limão;
A casca deu-me no peito,
O summo no coração.

Deitei um limão correndo,
A' tua porta parou;
Quando um limão tem amores,
Que fará quem o deitou?

Alecrim á borda d'agua
De longe faz apparencia;
Muitos amores se perdem
Pela pouca diligencia.

Oh meu cravo almirante
Onde é que perdeste o cheiro?
Perdi-o na tua cama
Na renda do travesseiro.

Corações que estão unidos
Não temem a dura sorte;
Succeda o que succeder
São fieis até á morte.

Se pensas que por ti morro
Enganas teu coração,
Olha que nunca gostei
Da fructa que cae no chão.

Caneiro do rio d'Ave
Deixa-me ver os peixinhos,
Quem namora ás escondidas
Dá abraços e beijinhos.

AO HYLARIO

FADO

Á Exma Snr.a D. Maria Barbara Franco.

Allegretto

436

Oh | Hy - la - rio, oh Hy- | la - - rio, teu | no - me me dá pai | xão; Oh

Hy - la - rio, oh Hy- | la - - rio, teu | no - me me dá pai | xão; O

teu fa - do faz vi - | brar as | cor - das do co - ra - | ção. O

teu fa - do faz vi - | brar as | cor - das do co - ra - | ção.

Oh! Hylario, oh! Hylario,
Teu nome me dá paixão,
O teu fado faz vibrar
As cordas do coração.

Guitarra, minha guitarra,
Solta gemidos e ais;
Que os dias passam voando
E os prazeres não voltam mais.

Guitarras andam de luto,
Que o Hylario já morreu,
Seu corpo guarda-o a campa,
Sua alma voou au ceu.

Oh morte, tyranna morte,
Eu de ti tenho mil queixas;
Quem has de levar não levas,
Quem has de deixar não deixas.

Recolhido pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca. Este fado acha-se vulgarisado por todo o paiz com diversa lettra.

VAE-TE EMBORA ANTONIO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Aïda Faria.

Andante vagaroso

437

Oh An-to nio vae-te em bo - ra, por Deus não fi-ques a - qui,

Oh An - to - nio vae-te em- bo - ra,

por Deus não fi-ques a - qui, Ai! Ai!

vae-te em-bo-ra An-to-nio, vae-te em bo-ra An - to-nio, vae-te em -bo - ra, vae.

Oh Antonio vae-te embora,
Por Deus não fiques aqui;
Que se meu pae por ahi vem,
Não sei que será de ti.

Ai, ai,
Vae-te embora Antonio,
Vae-te embora Antonio,
Vae-te embora, vae.

Se o meu amor fora Antonio
Mandava-o engarrafar,
Em garrafinha de vidro
Para o sol o não crestar.

Antoninho, cravo roxo,
Tu não vás ao meu pomar,
Que te querem dar um tiro,
Não te posso ver matar.

Antonio me deu um cravo,
Manuel, um annel d'ouro;
Mais vale o cravo d'Antonio,
Que o annel d'aquelle doudo.

E's uma arca de vento,
Castello de phantasia;
Namoras dez ao serão,
Dás cavaco a cem por dia.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

O MENEIO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Barbara Angelica Piteira.

Allegretto

438

O ca - bel - lo en - ro - la - do, ser- ve de to-da a ma - nei - ra; de di - a ser - ve de ga - la, de noi - te, de tra - ves- sei - ra.

Já o mar ver-te de chei - o. Meu a - mor por um tor - rão; Já te dei-tei d'ar - re - mes - so ao fun - do do co - ra - ção.

ESTRIBILHO

Mas a - go - ra é que me eu me - nei - o, é que me eu me - nei - o, é que me eu me - nei - o, Nos bra - ços do meu a - mor, eu vi - vo sem ar - - re - cei - o.

Recolhida pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Eduardo da Fonseca nas Pedras Salgadas.

OH BELEM, OH BELEMZINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Jacintha Amelia do Amaral.

Allegretto

439

Oh Be- lem, oh Be - lem- zi - nho, oh Be- lem, oh *be - la -*

dor; oh Be -lem, oh Be - lem -zi - nho, oh Be -lem, oh *be - lá-*

dor; E di-ga ao seu pae que a ca - se que eu se- rei o seu a -

mor. E di-ga ao seu pae que a ca - se, que eu se- rei o seu a - mor.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de Jessé;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu José.

Oh Belem, oh Belemzinho,
Oh Belem, oh *belador,*
E diga a seu pae que a case
Que eu serei o seu amor.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de trovisco;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Francisco.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas d'alecrim;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Joaquim.

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de papel;
Não tenho por quem mandar
Cartinhas o meu Manuel.

Oh Belem, oh Belemzinho,
Oh Belem encantador,
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra mim, amor.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca nas Pedras Salgadas. Esta dança é da provincia do Douro.

DANÇA.—Canta-se primeiro uma quadra com dança de roda, e no estribilho, *Oh Belem*, etc. os pares, de braço dado, fazem um *tour* e as damas passam ao cavalheiro seguinte.

VIDEIRINHA

CANTIGA

Á Ex.^ma Snr.^a D. Beatriz Amaral.

Andantino

440

Ai Je - sus que a-sim se em -ba - la, a fo - lha da vi-dei - ri - nha, as - sim eu fô - ra de De - - us co - - mo tu has de ser mi - nha. Cho - ra a vi - dei - ra, o vi - dei- rão. cho - ra a vi- dei - ra do meu co - ra- ção.

1.ª vez — ção.

2.ª vez — ção.

Ai Jesus, que assim se embala
A folha da videirinha;
Assim eu fôra de Deus
Coma tu has de ser minha.

Chora a videira,
O videirão,
Chora a videira
Do meu coração.

Adeus, oh Pedras Salgadas,
Adeus, oh grande hoteleiro;
A saude vae na mesma,
A bolsa vae sem dinheiro.

Chora a videira,
O videirão,
Chora a videira
Do meu coração.

Recolhida pelo Ex.^mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

O BELLO RAPAZINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Augusta Madureira.

441

Allegretto

Trou-xe poi - sa - da n'um ra - mo u-ma lin - da ma - ri- po - sa, pa - ra dar ao meu a - mor, Ah! que de - li - ca - da coi - sa. Oh que bel - lo ra - pa-zi - nho es - te, to - da a noi - te a - qui an - dou; Eu que- ri - a dan-çar com el - le mi - nha mãe não me dei - xou.

D. C.

Trouxe, poisada n'um ramo,
Uma linda mariposa,
Para dar ao meu amor.
Ah! que delicada coisa.

Por ditosa me daria
Se visse a obra acabada;
Tu p'ra mim, jasmim cheiroso,
Eu p'ra ti, rosa dobrada.

Oh que bello rapazinho este
Toda a noite aqui andou;
Eu queria dançar com elle,
Minha mãe não me deixou.
Minha mãe não me deixou,
Meu pae faça o que quizer,
Oh que bello rapazinho este
Para mim que sou mulher.
Para mim que sou mulher,
Para mim que mulher sou:
Este bello rapazinho
Toda a noite aqui dançou.

Estando a rosa em botão,
Em folhinha para abrir,
Faze d'ella estimação
Se a queres possuir.

Teus olhos, meigos, risonhos,
Teus gestos e movimentos,
De noite occupam meus sonhos,
De dia, meus pensamentos.

DANÇA.—Esta musica dança-se em passo de mazurka apressado, quasi polka (ou polkando). O estribilho toca-se tres vezes sempre com repetições.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

MORENA

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Isilda Guimarães.

Andantino

442

Se tu não fô-ras mo- re - na, Se tu não fô-ras mo- re - na, te-ri- as a-bra-ços meus, te-ri- as a-bra-ços meus.
Mas co-mo tu és mo- re - na, Mas co-mo tu és mo- re - na, Mo-re- ni - nha a-deus, a - deus, mo-re- ni - nha a-deus, a - deus.

Lá dentro d'aquelle tanque
Salta a cobra, nada o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo
Não receis que eu te deixe.
Se tu não foras morena, etc.

Junqueiro perto do matto
E' signal de fonte haver;
De todas já me esqueci,
Só de ti não póde ser.
Se tu não foras morena, etc.

Oh amor da minha alma,
Quanto tenho te darei;
Darei-te a luz dos meus olhos,
Cego por ti ficarei.
Se tu não foras morena, etc.

Esta musica é uma variante da n.º 194, e pertence á provincia da Beira.

APREGOADOS CLASSICOS

N.º 1

Allegretto

443

Sa - bão a vin - tem, Quem mer - ca sa - bão?

N.º 2

444

Quem com - pra sa - pa - tos, quem com - pra bo - ti - nhas?

N.º 3

445

Quem com - - pra vas - sou - - - - - - - - ras.

N.º 4

446

Cas - ta - nha co - si - da, quem as quer quen-ti- nhas d'her-va do - ce?

Os N.os 1, 2 e 3 são do Porto. O N.º 4 ha sessenta annos que se entoava em Lisboa.

ACALANTO

CANÇAO DO BERÇO

Á Ex.ma Snr.a D. Naïr Cezarina Fernandes das Neves.

Largo

447

p

Na - na, na - na, meu me- ni - no, que a mãe- zi - - - - - nha lo - go vem, Foi la - var os teus pan- ni - nhos á la- pi - - - - - nha de Be- lem.

D. C.

Uma mãe que o filho embala
Todo o seu fim é chorar;
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar.

Vae-te embora, rouxinol,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no somno primeiro.

Dorme, dorme, meu menino,
Dorme, dorme, meu amor;
Os anjos do ceu te embalem
E a benção do Senhor.

Sae-te d'ahi, oh papão,
De cima d'esse telhado;
Deixa dormir o menino
O seu somno descançado.

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Hei de trocal-o com os anjos
Por outro mais pequenino.

Dorme, dorme, meu menino,
Fecha, fecha o teu olhinho,
Que vem ahi a rapoza
Que quer papar o menino.

Ha muitas variantes, mais ou menos expressivas, sobre esta toada monotona com que as mães e as amas que criam creanças as costumam adormecer embalando-as.

O PAE DE LAS RANAS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Mathilde d'Oliveira e Castro.

Grave

448

Lá na ven-da do pae de las ra - nas ha u - ma ve-lha que ven-de bom
vi-nho, que ven-de bom vi-nho, que ven-de bom vi-nho, e por não ter me - di-das e -
guaes, veio o di - a - bo que-brou-lhe o fo - ci-nho, que-brou-lhe o fo - ci-nho, que-brou-lhe o fo-
ci - nho, dou - lhe u - - ma, dou - lhe du - - as, dou - lhe
tres, e não lhe dou mais, e não lhe dou mais, e não lhe dou mais.

Esta cantiga parece ser do tempo da invasão franceza e ter relação com a seguinte anedocta :

N'um logar proximo de Lisboa, existia uma taberna cujo proprietario era gallego; um dia entrou no estabelecimento uma sucia de soldados francezes e pediram que lhe servissem rans preparadas com ovos; porém o estalajadeiro, ou por ignorancia ou por difficuldade de obter em quantidade sufficiente a iguaria pedida, arranjou um enorme sapo que preparou e pretendeu impingir como ran. Os freguezes repontaram ameaçadores contra o logro, e o estalajadeiro, para se desculpar perante a hostilidade dos soldados, disse que se aquillo não era ran era o *pae de las ranas*. Contudo o sordido gallego teve de fugir para escapar á sanha dos soldados, ficando a taberna conhecida com aquelle nome. Esta cantiga chegou por vezes a ser prohibida como allusão politica.

CANNA VERDE DA MAIA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Pereira d'Azeredo Corrêa de Lacerda.

Allegretto

449

Oh mi - nha can - ni - nha ver - de, oh mi - nha ver - de can - ni - nha, oh mi - nha can - ni - nha ver - de, oh mi - nha ver - de can - ni - nha, não fa - ças a tu - a ca - ma, an - da dei - tar - te na mi - nha; não fa - ças a tu - a ca - ma, an - da dei - tar - te na mi - nha.

D. C.

Quem achar a canna verde
Que se perdeu lá no mar,
Será minha companheira
Emquanto o mundo durar.

Oh minha canninha verde,
Oh minha verde canninha;
Não faças a tua cama,
Anda deitar-te na minha.

Oh minha canninha verde,
Oh minha salta-paredes,
Hei de te dar uma saia
Que te dure nove mezes.

A canna verde no mar
Arrebenta ao nascer,
Assim rebentem os olhos
A quem me não póde ver.

Oh minha canninha verde,
Verde canna ricócó:
Sou filha de minha mãe
E neta de minha avó.

Oh minha canninha verde,
Verde canna ricoqueira;
Anda tu para o meu lado
Que eu vou para a tua beira.

Oh minha canninha verde,
Oh minha salta-que-atrepa,
Estes meninos d'agora
São levadinhos da bréca.

Oh minha canninha verde,
Verde canna de encannar:
Pela bocca perde o peixe.
Quem te manda a ti fallar?

A canna verde no mar
Anda á roda do hiate;
Hei de ir d'aqui p'ra Lisboa
Aprender a calafate.

O PASTOR ALLI

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Georgina Rosa de Azeredo Corrêa de Lacerda.

Andante

450

Oh que lin-da tro-ca d'o - lhos que fi - ze-ram dois a-man-tes; Tro-ca - ram dois o-lhos pre - tos por dois a-zues mais ga lan-tes.

ESTRIBILHO *Moderato*

O Pas - tor al - li, lo - go lhe a - pon- tou,

1.º tempo

o mo - do mais o gei - to com que vo-cê m'en-ga -nou!

Moderato

N'es - tas ca - dei-as, as mãos da - re-mos, n'es-ses teus bra-ços nos en - la - ce-mos; n'es-ses teus bra-ços nos en - la- ce mos.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Eugenio S. Tarana.

Dança.—Durante a cantiga os pares caminham em roda. Ao dizer: *Paslor alli,* viram se para o centro. Quando dizem *logo lhe apontou,* apontam com o dedo. *O modo e mais o gesto,* etc., cada par dá uma ou duas voltas. *N'estas cadeias,* cruzam-se os braços (parados), em seguida dão as mãos e terminam todos por se abraçarem ao seu par da primeira vez, e na repetição á dama da direita.

DESPEDIDA DAS AMIGAS

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Veiga da Fonseca.

Moderato

451

A-deus a - mi - gas que dei - xei na ter - ra Que n'el-la en- cer - ra il - lu - sões d'a - mor. Vou no claus-tro ter- mi - nar meus di - - - - as en-tre a-go - ni - as, af - fli - ções e dor.

Adeus amigas que deixei na terra,
Que n'ella encerra illusões d'amor,
Vou no claustro terminar meus dias,
Entre agonias, afflições e dor.

Fui condemnada por amar sómente,
Paixão ardente que não finda mais;
E esse fogo que dos ceus derrama
Não póde a chamma soffocar meus ais.

Aqui encerrada n'uma cella escura,
Prisão futura para mim vae ser;
Chorando sempre minha triste sorte,
Esperando a morte para não soffrer.

Nunca pequei; o meu amor é puro,
Por Deus o juro e pela Virgem Mãe;
Só elle finda n'uma campa fria
No mesmo dia em que eu findar tambem.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Eduardo da Fonseca, nas Pedras Salgadas.

AS SOLTEIRAS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Clorinda de Macedo.

Andantino

452

Já fui a - le-gre, can-tei, Já fui a - le-gre, can-tei, a - go-ra sou d'es - ta sor-te, a - go-ra sou d'es - ta sor-te,
Já fui re - tra-to da vi-da, Já fui re - tra-to da vi-da; a - go-ra se-rei da mor-te, a - go-ra se - rei da mor-te.

Já fui alegre, cantei,
Agora sou d'esta sorte;
Já fui retrato da vida,
Agora serei da morte.

Dizes tu que tenha amores,
Jesus! cruzes! anjo bento!
Nem os tenho, nem os quero,
Nem me vém ao pensamento.

Sou casada, sou solteira,
Vivendo estou a meu gosto;
Casada com Deus do ceu,
Solteira para comvosco.

A VIRADINHA

DANÇA

Andantino

453

Me - ni - na da sai-a, oh vi - ra, Me - ni - na da sai - a, oh vi - ra, que lá vem a vi - ra-ção; que lá vem a vi - ra-ção;
Que a - hi vem o ma - ru-ji - nho, Que a-hi vem o ma - ru-ji - nho, en-jo - an-do a al - ca-trão. en-jo - an-do a al - ca-trão.

Menina da saia, oh vira,
Que lá vem a viração;
Que lá vem o marujinho
A enjoar a alcatrão.

Oh minha menina, oh vira,
Escuta, repara bem,
Olha que os mattos tem olhos,
Paredes ouvidos tem.

Oh meu amor, falla baixo,
Falla baixo, falla bem;
Que as paredes têm ouvidos,
Os mattos, olhos, e vêem.

Estas duas danças são açorianas e fazem parte dos bailados d'aquellas ilhas.

FADO DA SEVERA

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza da Silveira Lobo.

Allegretto

454

Cho- rae, fa - dis - tas, cho rae, que u- ma fa - dis - ta mor- reu; ho- je mes- mo faz um an - - - - no que a Se - - - ve - ra fal - le - ceu.

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

O conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
«Severa, linda Severa,
Boa sorte o ceu te dê!

Levantou-lhe um monumento
Com dois cyprestes ao lado,
E n'um distico:—«Aqui jaz
«Quem foi rainha do fado.»

«Lá n'esse reino celeste,
Com tua banza na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Porás tudo em confusão.

«Até o proprio S. Pedro,
A' porta do ceu sentado,
Ao ver entrar a Severa
Bateu e cantou o fado.

«Ponde no braço da banza
Um signal de negro fumo,
Que diga por toda a parte
O fado perdeu seu rumo.

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa falleceu;
Rapariga como aquella
Nunca o fado conheceu.

Este fado, que data dos meiados do presente seculo, é o typo primordial dos fados populares lamentosos, mais para ser ouvido como romance do que para ser dançado, pois lhe falta o rythmo e movimento caracteristico. A lettra foi recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga. A lenda principiada n'este fado completa-se no de Vimioso.

FADO DE VIMIOSO

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ᵃ D. Umbellina da Silveira Lobo.

Andantino

455

Quem lhe vê a fa-ce mo-re-na, quem vê seus o - lhos ty-ran-nos, na -

da vê que mais ca - pti - ve in - da que vi - - va mil an - nos. na -

da vê que mais ca-pti - ve, in - da que vi - va mil an - nos.

FADO DE VIMIOSO

Quem lhe vê a face morena,
Quem vê seus olhos tyrannos;
Nada vê que mais captive,
Inda que viva mil annos.

Quem lhe vê os negros cabellos
Fluctuando sobre a testa,
Outra nympha a ver não torna
Salerosa como esta.

Quem lhe vê os labios sorrir,
Como a luz da estrella d'alva,
Se tocal-os não alcança
Tem de fé que não se salva.

Quem uma vez lhe ouviu
Sua voz enternecida:
Ainda depois da morte
Aos seus ais recobra a vida.

Quem lhe vê o pé travesso
E os requebros seductores,
Fica logo mais rendido
Que entre ferros oppressores.

Quem lhe vê o collo alteroso
Que tem tão viva attracção,
Só por obra de milagre
Resiste a uma tentação.

Quem a vê dançar o fado
Com rigor desconhecido,
Ao vel-a batendo forte
Fica um doido perdido.

Oh Severa dá-me um beijo,
Dá-me um beijo de queimar;
Ah! deixa-me arder em chammas
E em teus braços expirar.

Mas que digo! oh desgraçado!
Que delirio é este meu?!
Como vir ao meu reclame
A Severa que já morreu?!

Oh sorte cruel e dura,
Que me deixas no mundo só!
Rasga-me o peito e reduz
Meus ossos a cinza e pó.

Assim Moisivo carpia
No auge da desventura
E ao outro dia, já cadaver,
Foi levado á sepultura.

Quem viu já tanto amor,
Amar tanto e bem querer
Em peitos que não são dados
A por amor padecer?

E' que tu, oh cego amor,
Em teus caprichos ferinos,
Ligas risos com tristezas,
Cinges grandes e pequeninos.

E d'est'arte o mundo viu
Senhor cécio e muito alto,
A' fria campa baixar
Sem pompa e espalhafato.

Era dextro cavalleiro,
Em seu corcel á grande brida,
Levava niñas e touros,
Tudo, tudo de vencida.

Chorae, fadistas, chorae,
Ah! chorae a mais não ser,
Que d'outro tão fino amante
Não torna o fado a dizer.

Aqui ponho agora ponto,
Na lenda que finda está:
Foram casos d'outra era,
São voltas que o mundo dá.

E com esta, oh meus amigos,
Não vale o aborrecer:
Digo-lhe adeus; haja gaudio,
Haja gaudio. E até mais ver.

A lettra d'este fado completa a lenda do da Severa e é tambem cantada com a musica d'elle. O nome de Moisivo é anagramma de Vimioso. A musica não tem relação alguma com aquelle fado.
Veja-se o curioso e anedoctico livro *Lisboa d'outros tempos*, do Ex.mo Snr. Pinto de Carvalho (Tinop).

A SEREIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Macedo.

456

Lá no mar an-da a se-rei-a, an-da á ro-da sem se ver; Quem ha de lo-grar teu bri-o in-da es-tá pa-ra nas-cer.

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda do navio;
Inda está para nascer
Quem ha de lograr teu brio.

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda sem se ver;
Quem ha de lograr teu brio
Inda está para nascer.

Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda do vapor;
Inda está para nascer
Quem será o meu amor.

SOLTEIRAS, CASADAS E VIUVAS

DANÇA DE RODA

Andante

457

Jo-sé me en-si-nou a a-mar, que eu na-da d'is-so sa-bi-a; Pa-ra a-go-ra me dei-xar com ta-ma-nha ty-ra-ni-a.
As sol-tei-ras são de oi-ro, as ca-sa-das são de pra-ta; as vi-u-vas são de co-bre e as ou-tras são de la-ta.

As solteiras são de oiro,
As casadas são de prata,
As viuvas são de cobre
E as outras são de lata.

Casadinha de ha tres dias
Ella alli vae a chorar,
Pela vida de solteira
Que não a torna a encontrar.

Oh amor, procura agrado,
Não procures formosura;
Que uma mulher sem agrado
E' peior que a noite escura.

Estas duas danças de roda são alemtejanas e foram recolhidas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

O PAE DO LADRÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Seraphina da Conceição Loureiro.

458

Andantino

E - ra mei - a noi - te quan-do o la-drão vei - o; E - ra mei - a noi - te quan-do o la - drão veio - o; Ba - teu tres pan- ca - das na por - ta do mei - o. Ba- teu tres pan- ca - das na por - ta do meio - o.

Era meia noite
Quando o ladrão veio:
Bateu tres pancadas
A' porta do meio.

O pae do ladrão
Quem o mataria:
Foi uma cagarra
De Santa Maria.

O pae do ladrão
Já cá não governa:
E' cego d'um olho
Torto d'uma perna.

O pae do ladrão
Era garrafeiro:
Vendia garrafas
Por muito dinheiro.

O pae do ladrão
Já por cá não vem:
Fez algum delicto
Ou matou alguem.

Se eu fôra ladrão,
Ladrão, que faria?
Furtava de noite,
Comêra de dia.

O pae do ladrão
Era sacristão;
Vendia garrafas
A meio tostão.

O pae do ladrão
E' feito de breu;
Posto á janella
Parece um judeu.

O pae do ladrão
Já não tem, não tem:
Aqui n'esta terra
Quem lhe queira bem.

Esta musica é muito antiga, e foi recolhida na ilha de Santa Maria.

CAMINHOS DE FERRO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Senhorinha Candida de Lima.

Andantino

459

p Ca- mi-nhos de fer-ro já cor - rem de Lis-bo-a a San-ta- rem;

D. C.

Lá di - zem os dos ca- mi - nhos, lin - dos o - lhos tem meu bem.

Tira-te d'essa janella,
Minha folhinha d'alface,
Já d'aqui me estás parecendo
Raios do sol quando nasce.

O meu coração, voando,
Dentro do teu foi cahir;
No meio partiu as azas,
De lá não póde sahir.

Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem,
Lá dizem os dos caminhos
Lindos olhos tem meu bem.

Esta musica pertence á provincia da Beira. Dança se primeiro, durante uma quadra, de roda, e no estribilho em *balancé* ou de braço dado com os seus pares.

APREGOADOS CLASSICOS

N.º 5

Andante

460

Mer - - ca me - lões de Co - im - - bra tão bons,

Mer - - ca me - lões de Co - im - - - - - bra?

N.º 6

Andante

461

Lou-ça de fo-lha ba - ra - ta, quem mer-ca lou - ça de fo - lha?

N.º 7

Andante

462

Mer - ca o me - xi - lhão d'A - vei - - - - ro?

Os *melões de Coimbra*, o *mexilhão d'Aveiro* e outros mariscos são pregões exclusivos das vareiras, que percorrem com estes generos todo o paiz.

ANNINHAS

TOADA DO RIBATEJO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Ermelinda Coelho dos Santos.

Andante

463

An- ni - nhas, An- ni - nhas, to ma bem cau- tel - la, tu - a mãe não brin - ca, te-nho me-do d'el - la. Te-nho me-do d'el - la, mais sim ou mais ai, to - ma bem cau- tel - la, oh meu zi - gue - zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautella;
Tua mãe não brinca,
Tenho medo d'ella.

Tenho medo d'ella,
Mais sim, ou mais ai.
Toma bem cautella,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Isto assim não dura;
Anda fazer queixa
Ao teu padre cura.

Ao teu padre cura,
Mais sim, ou mais ai;
Anda fazer queixa,
Oh meu zigue-zai.

O' meu zigue-zigue,
Fujamos da aldeia;
Ha sezões na terra
Podes ficar feia.

Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujamos d'aldeia,
Oh meu zigue-zai.

Só fujo comtigo
Depois de casada;
Na terra em que vivo
Sou bem reputada.

Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
Oh meu zigue-zai.

Ficavas mais livre
Fugindo solteira:
Contavas da festa,
Não sendo festeira.

Não sendo festeira,
Mais sim, ou mais ai;
Gozavas solteira,
Oh meu zigue-zai.

Quem dá taes conselhos
Não ama devéras;
Só fórja mentiras,
Só sonha chimeras.

Só sonha chimeras,
Mais sim, ou mais ai;
Não ama devéras,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Quem ama não foge:
Dá-me cá um beijo,
Casemos já hoje.

Casemos já hoje,
Mais sim, ou mais ai;
Quem ama não foge,
Oh meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautella;
Tua mãe não brinca,
Não no saiba ella.

Não no saiba ella,
Mais sim, ou mais ai;
Toma bem cautella,
Oh meu zigue-zai.

A lettra d'esta toada é de L. Augusto Palmeirim. A musica é das de origem popular, que mais tem sido paraphraseada por diversos professores de musica.

OH MEU BEM

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira da Conceição Gaspar.

Andante

464

p E' de noi - - te, faz es- cu - ro, la - dram

os cães, te-nho me - do, E' de noi - - te, faz es - cu - ro, la - dram

os cães, te-nho me-do; bem po- dé - ras tu, me -ni - na, ti - rar me d'es-te de-

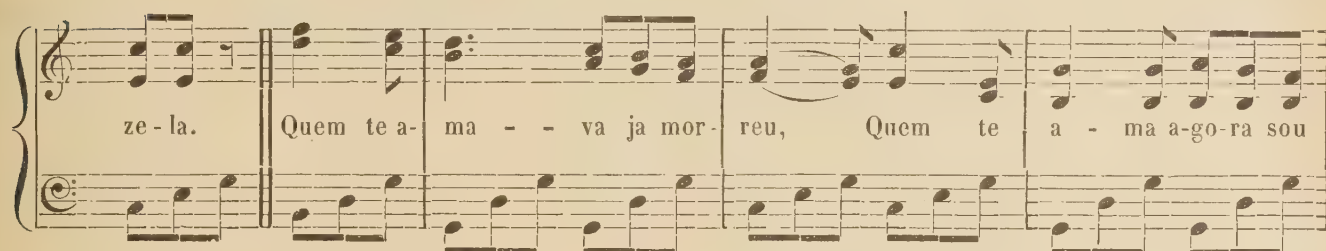
gre - do, bem pu - dé - - ras tu, me - ni - na, ti - rar - me d'es te de -

gre-do. *f* Oh meu bem da fi - ta a-ma- rel-la, ca - sa - da, sol - tei - ra, bo - ni - ta don-

zel - la. Oh meu bem da fi - ta a - ma - rel la, ca - sa - da, sol - tei - ra, bo - ni - ta don -

ze - la. Quem te a - ma - - va ja mor - reu, Quem te a - ma a - go - ra sou

D. C.

eu. Quem te a - ma - va já mor - reu, Quem te a - ma a - go ra sou eu.

E' de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem puderas tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.
Oh meu bem
Da fita amarella:
Casada, solteira,
Bonita donzella;
Quem te amava já morreu,
Quem te ama agora sou eu.

Encontrei o sol de noite
Na rua do *torna atraz;*
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem é rapaz?

Lá cima n'aquella serra,
Está um pinheiro a arder;
Eu passei pelo incendio,
Meu amor, para te ver.

Tenho tres anneis no dedo,
Um inteiro, dois quebrados;
Tambem tenho tres amores,
Um firme, dois enganados.

Annel d'ouro não é prenda,
Muito menos o de prata,
Annel de contas miudas
E' amor que nunca se aparta.

Oh que lindos olhos tendes,
Dae-os ao sol para raios;
Se vol-os pedir alguem,
Dizei que são meus, guardae-os.

Minha mãe está-me a chamar,
—Minha mãe, eu vou, eu vou,
Muito me custa a apartar
Do amor, com quem estou.

Oh olhos de amora preta,
Oh faces de rosa branca!
Houvera de me ter ido,
Mas o teu amor me encanta.

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
O meu coração está farto
De dar suspiros e ais.

O sol é marco da lua,
Capitão-mór da lindeza;
Ama-me com lealdade
Que eu te amarei com firmeza.

Noite escura, noite escura,
E' para mim um regalo,
Ai! quanta pena me deste
Noite de luar claro.

Recolhida em Coimbra, em 1870.

A MULHER DOS OVOS

TOADA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz da Silva Gomes Samagaio.

Andantino

465

expres.

Che-guei á ja - nel - la, pa ra ver quem vi-nha, tró-la-ró, la-ró, la-ró; pa-ra ver quem vi - - nha; vi-nha u-ma sa - lo - - ia, pe-la ru - a a-ci-ma, tró-la-ró, la-ró la-ró, pe-la ru - a a-ci - ma.

Cheguei á janella
Para ver quem vinha,
 Tró-laró, laró, laró,
Para ver quem vinha.

Vinha uma saloia
Pela rua acima,
 Tró-laró, laró, laró,
Pela rua acima.

Seu pregão deitava,
Sua voz dizia,
 Tró-laró, laró, laró,
Sua voz dizia:

«Quem me merca os ovos
E mais a gallinha?
 Tró-laró, laró, laró,
E mais a gallinha?»

—Venha cá, saloia,
Assuba cá cima,
 Tró-laró, laró, laró,
Assuba cá cima.

Como vende os ovos
E mais a gallinha?
 Tró-laró, laró, laró,
E mais a gallinha?

Ao descer da escada,
Ao virar da esquina,
 Tró-laró, laró, laró,
Ao virar da esquina.

Cae-lhe a cesta d'ovos,
Foge-lhe a gallinha.
 Tró-laró, laró, laró,
Foge-lhe a gallinha.

Ponho-me a chamar:
—Pila, pila, pila,
 Tró-laró, laró, laró,
—Pila, pila, pila.

Apparece um gallo
Que na terra havia,
 Tró-laró, laró, laró,
Que na terra havia.

Vae-te embora gallo,
Que eu não sou gallinha,
 Tró-laró, laró, laró,
Que eu não sou gallinha.

Maldito do gallo
Que azas que tinha,
 Tró-laró, laró, laró,
Que azas que tinha?!...

Este romance recolhido em Lisboa é antigo e vulgar em todo o paiz. As creanças servem-se d'elle para dança de roda.

A SALOIA DOS TRES OVOS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Isaura da Silva Gomes Samagaio.

Allegretto

466

Fui ao mer-ca-do só- si - nha, só - si - nha sem mais nin- guem; Fui

ao mer-ca-do só - si - - nha, só - si - nha sem mais nin- guem; Me -

ni-na co-mo ven-de os o - - vos? «Tres o - vos por um vin- tem. Me -

ni - na co-mo ven - de os o - - vos? «Tres o - vos por um vin - tem.

Fui ao mercado sósinha,
Sósinha sem mais ninguem;
Levava uma cesta d'ovos,
Vendia tres ao vintem.

Vem um janota e me diz:
—Que lindos olhos que tem!
Que é lá isso, oh rapariga?
«Tres ovos por um vintem.

—Se os queres trocar por beijos
Por cada um dou-te eu cem.
«Não vendo d'essa fazenda;
Tres ovos por um vintem.

Olha o tolo, olha o asno;
Eu não sou das que elle tem,
Que se vendem como eu vendo
Tres ovos por um vintem.

Vem um homem lá da terra,
Com botas como eu tambem:
—Que levas ahi, oh menina?
«Tres ovos por um vintem.

Os ovos que eu levava
Todos vendi muito bem;
E á volta ainda contava,
Tres ovos por um vintem.

Recolhida no Baixo-Alemtejo, em 1890, porém é muito mais antiga. As creanças servem-se d'este romance para dança de roda.

nha um co-va-do d'al- tu-ra... ti-nha um co - va - do de al-
no cho - - ro a-cho do- çu-ra, e no cho - ro a-cho do-

D. C.

tu - ra.
çu - ra;

FINAL

Quando eu era pequenito
Tinha um covado de altura...
Em me isto lembrando, choro,
E no chôro acho doçura.

Era o brinquinho de todos;
Era de casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo,
O pae no hombro, a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
Eram tanto para mim
Como os risos de Glicera,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia ideia do mundo
Ser mais pequeno do que é;
Mas suppunha-o mais alegre
E cheio de boa-fé.

Nuvem de aurora e poente
Sempre cuidei ser papoulas,
O iris, pedras mui finas,
As estrellas, lantejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
Que inveja vos tive ás azas,
Oh mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
Quem me lá déra, dizia,
A ver se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria.

Pois o sol? Como eu scismava
De o ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre, apagar-se
No mar dourado e deserto!

E logo a manhã seguinte,
De nuvens rasgando o veu,
Trazel-o de novo acceso
Da outra parte do ceu.

Mil cousas então pensava
No meu juizinho estreito,
A'cerca do Pae celeste
Que a mim e ao sol tinha feito.

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava.

«Pae do ceu, fazei que eu siga
As santas leis que me daes,
Que eu seja amigo de todos,
Que vos agrade e a meus paes.»

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldeia innocente.

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres que eu via,
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de gosto!
De vós que resta?... A saudade:
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a idade.

Esta canção é dos Açores. Tambem faz parte dos bailados servindo para dança de roda.
A lettra é uma traducção do dinamarquez de Baggesen conforme vem no *Panorama* de 31 de Março de 1838.

A PRAIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Girão Ferreira de Castro.

Andante

468

f

SOLO

p

O - lha a pra-ia, o-lha a pra - ia, o - lha a pra-ia on - de fi - ca.

CORO

f

O - lha a pra-ia, o - lha a pra - ia, o - lha a pra ia on - de fi - ca;

SOLO

p

Fi - ca na Ri - bei-ra Lar - ga pre - za com la-ços de fi - ta,

CORO

f

Fi - ca na Ri - bei-ra Lar - ga pre - za com la-ços de fi - ta.

D. C.

Recolhida nos Açores; faz parte dos bailados insulares; addiccionam-lhe diversa lettra, porém o estribilho é sempre o mesmo que vae na musica.

FADO CARMONA

Á Ex.ma Snr.a D. Zulmira da Conceição Gaspar.

Andante

469

Ma - ri - a, mi nha Ma - ri - a, gran- des pe-nas te hei de dar, Nem hei de ca-sar com- ti - go. nem te hei de dei-xar ca - sar. Tor - ra - di-nhas com man- tei - ga, Tor - ra - das n'um as - sa - dor; to - dos tem só eu não te - nho, to - dos tem o seu a - mor.

Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de tenda;
Pois se alguem te procurar
Diz-lhe que estás d'encomenda.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria,
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

E' dos nomes que mais gosto
E' do nome de Maria;
Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Maria tem pé de neve,
Pé de neve tem Maria;
Quando o pé era de neve,
O corpo de que seria?

Por teu respeito, Maria,
Perdi toda a liberdade,
Acho-me preso em teus braços
Por minha livre vontade.

Esta noite, á meia noite,
A' meia noite seria,
Ouvi os anjos cantar
No coração de Maria.

Recolhida em Lisboa em 1874.

PASSARINHO, REPENICA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Candida Albertina Teixeira.

Allegretto

470

A-gu-a cla-ra e-ra eu, por mi-nhas mãos me tur-vei; nin-guem di-ga n'es-te mun-do, d'es-ta a-gua não be-be-rei; Pas-sa-ri-nho re-pe-ni-ca o can-to, vae can-tar aò meu jar-dim; Já me ve io a no-ti-cia que o teu a-mor é Jo-a-quim.

D. C.

Eu jurei, fiz juramento
De homem rico não amar;
Se algum pobre me não quer,
Solteira vou a ficar.

Eu tenho quarenta amores,
N'estas quatro freguezias:
Dez em Serpa, dez em Moura,
Dez em Briches, dez em Pias.

Eu casei-me, captivei-me,
Troquei a prata por cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

Enganou-se quem cuidava
Que os homens eram leaes;
São falsos, são lisongeiros,
Mentirosos, tudo mais...

O recreio d'uma quinta
E' uma verde larangeira.
O recreio d'uma mãe
E' ter a filha solteira.

O recreio d'uma quinta
E' um rouxinol, de verão.
O recreio de meu peito
E' amar teu coração.

Recolhida no Alemtejo. No estribilho costumam variar a rima do segundo verso para terminar com outro nome.

DA CASA PARA A RUA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Isaura Pereira de Jesus Pinho.

Allegretto

471

Al- gum tem-po eu e - - - ra va - so de flo - res, a - go-ra es - tou chei - a de pe - nas e do - res. *mf.* Da ca - sa p'ra a ru - a, da ru-a ao quin- tal, mi - nha mãe é po - bre não tem que me dar. Não é co - mo a sua que es- tá no bi - lhar, ven- den - do bei- ji-nhos a tres ao re - al.

D. C.

Algum tempo eu era
Vaso de flores,
Agora estou cheia
De penas e dores.
Da casa p'ra a rua
Da rua ao quintal,
Minha mãe é pobre
Não tem que me dar.
Não é como a sua
Que está no bilhar,
Vendendo beijinhos (1)
A tres ao real.

Se te dei palavra
Para casamento,
Foi dada na rua,
Levou-a o vento.

Dizem que o amor
Perfeito não dura,
Eu não digo isso,
O meu ainda atura.

Já não ha quem vá
Atraz dos quintaes,
Permonde (2) os marotos
Dos officiaes.

Já não ha quem vá
Ao campo ás flores,
Permonde os marotos
Dos trabalhadores.

Recolhida no Alemtejo.

(1) *Beijinhos* ou *alcofinhos* são uma especie de caramujos que servem de tentos no jogo.

(2) Por por causa de.

TOCA A CAIXA

RETRETA

Á Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Joanna Pimentel.

Marcial

472

f To - ca a cai - xa a-cer-ta a mar - cha, to - da a vi - da mi - li - tei: Do - na Ma - ri - a se - gun - da é ra - i - nha não é rei.

To - ca a cai - xa, a-cer-ta a mar-cha, to - da a vi da hei me - li - ta - do, Do - na Ma - ri - a se - gun - da é fi - lha do rei sol - da - do.

Toca a caixa, acerta a marcha,
Toda a vida militei;
Dona Maria segunda
E' rainha não é rei.

Toca a caixa, acerta a marcha,
Toda a vida hei militado;
Dona Maria segunda
E' filha do rei soldado.

Esta retreta foi recolhida no Alemtejo pelos Ex.^{mos} Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Apezar d'esta musica ser do principio do reinado de D. Maria II, como se deprehende da lettra, o povo alemtejano serve-se d'ella para dança, addicionando-lhe qualquer quadra e conservando-lhe a lettra primitiva como estribilho.

REPETE, REPETE

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Monteiro da Costa.

Andante — UMA VOZ

473

p O meu a-mor foi-se em-bo - - - ra, se el-le fôr dei xa-lo

CORO

ir: *f* Re-pe-te, re - pe-te, re-pe te ou-tra vez, a-mor's e - ram qua tro eu a-cho só

UMA VOZ

tres. *p* Se el-le me ti ver a - mor el-le ha-de tor-nar a

CORO

vir. *f* Re-pe-te, re - pe-te, re-pe-te ou-tra vez a-mor's e - ram qua-tro eu a-cho só tres.

D. C.

Bem sei que me andaes mirando
Por debaixo do chapeu:
Se eu não sou do vosso gosto,
Quem quer anjos vae ao ceu.

Repete, repete,
Repete outra vez:
Amor's eram quatro,
Eu acho só tres.

Aqui d'el-rei, vou gritando
Sobre dous salteadores,
Que os ladrões d'esses teus olhos
Dos meus querem ser senhores.

O amor nasce da vista,
D'esta passa ao coração,
Entra na correspondencia,
Acaba na ingratidão.

Todos atiram ao alvo,
Só eu não tenho pelouro;
No peito da minha dama
Tenho duas balas d'ouro.

Dae-me um bocado de lacre
D'esses labios de rubim,
Para cerrar uma carta
Que tem saudades sem fim.

A presente musica e as duas seguintes pertencem aos bailados açorianos, e a ellas se juntam quadras diversas.

lha-do, *f* Se | vi - res lá o Du- | ar - te, se
ran-do, Di - | zei - lhe que cá es-tou | eu, di - - -

vi - res lá o Du- | ar - te nas | ei -ras, nas ei -ras do pae, tri -
zei - lhe que cá es-tou | eu, nas do a- | vô nas do a - vô jo - ei -

lhan-do, nas ei. . . nas | ei - ras do pae tri- | lhan - do.
ran-do, nas do. . . nas | do a - - vô jo-ei- | ran - do.

Já que me ensinaste a amar,
Ensina-me agora a ler;
Não quero que ninguem saiba
O que me mandas dizer.

Quero-me casar por cartas,
No Fayal me dão amores;
Fica-te embora S. Jorge,
Meu ramilhete de flores.

Querem-me casar por cartas,
Oh minha mãe que farei?
Um homem que nunca vi,
Que respeito lhe terei?

Oh meu amor lá de longe
Escreve-me uma cartinha,
Se não tiveres papel
Nas azas de uma pombinha.

Vós mandaste-me uma carta,
Desculpae, que eu não sei ler;
A culpa foi do meu pae,
Que me não poz a aprender.

Coitado quem tem amores
Pela freguezia alheia,
Quantas vezes acontece
O jantar servir de ceia.

Puz-me a escrever na areia,
Ao som do mar que corria;
Veio o mar levou-me a penna,
Apagou-me o que fazia.

Vejo o mar, não vejo terra,
Vejo navios além,
Vejo vir barcos á vela,
Só o meu amor não vem.

N'esta terra não ha tinta,
Nem papel que tenha côr;
Nem ave que tenha penna
Para escrever ao amor.

Nossos corações unidos
Nasceram para se amar;
Não podem 'star um sem outro,
Assim mesmo hão de acabar.

Nossos corações unidos
Por ternos laços de amor,
Nada os pode separar,
Nem auzencia, nem rigor.

Oh coração toma azas,
Oh azas tomae valor,
Que havemos d'ir esta noite
Ao resgate d'uma flor.

O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou,
N'uma lanchinha de prata,
Remos d'ouro lhe deitou.

Oh meu amor da cidade,
Tira tempo, vem-me ver;
Que as cartas são escusadas
Para mim que não sei ler.

A carta que me mandaste
Não lhe pude entrar com a lettra.
Abracei-a e beijei-a,
Fechei-a n'uma gaveta.

SAPATEIA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Dalila de Paiva Sarmento.

Allegretto

475

f

p

Oh sa-pa-tei - a meu bem; Oh sa pa - tei-a meu ar - co:

Te - nho pa - la - vra de rei, a quem pro - met to - não fal - to.

mf

D. C.

MINHA QUERIDA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Clotilde dos Santos Braga.

Allegretto

476

Já lá vae a-bril e ma - io, já lá vão es-tes dois me - zes; já lá vae a li - ber - da - de com que eu te fal - la - va ás ve - zes. Oh que-ri - da, Oh qu'ri-da mi - nha, por mais que me per - si - gas não te dei xa - rei com es-ta me-ia vol - ta eu me a-bai-xa - rei, com es-ta me-ia vol-ta eu me a-bai-xa - rei.

D. C.

Assomei-me ao teu jardim
Para ver quem tinha dentro.
Assomei-me . . . vi-te a ti,
Variou meu pensamento.

Eu não duvido que haja
No mundo quem te mereça;
Quem te queira mais do que eu,
Nao me entra na cabeça.

Se os teus dedos fossem fitas,
Fazia azelhas e laços
P'ra prender teu coração
Na cadeia dos meus braços.

Os teus olhos são dois livros
Onde amor lições me deu;
Eu sou mestra d'esses livros,
Ninguem te ama como eu.

Oh alto jasmim formoso,
Oh bella liria formosa,
Consentes que eu dê um beijo
N'essa face cor de rosa?

Eu invejo a linda sorte
Dos namorados pombinhos,
Que desfructam sem receio
O gosto que dão beijinhos.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno.

DESPEDIDA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Alice d'Almeida.

477

Andantino

Tu vaes dei- xar - me sem tal-vez que o pran - to te i-nun-de as fa - - ces ao es-cu-tar meus ais, e d'es-se af- fe - cto de mi-nh'alma en- can - to, quem sa-be in- gra - - ta se es-que-cer te vaes? e d'es-se af- fe - cto de mi-nh'al-ma en- can - to, quem sa-be, in- gra-ta, se es - que-cer te vaes?

DESPEDIDA

Tu vaes deixar-me, sem talvez que o pranto
Te inunde as faces ao escutar meus ais;
E d'esse affecto, de minh'alma encanto,
Quem sabe, ingrata, se esquecer-te vaes.

Terás ao longe do teu patrio Tejo,
Vivas saudades d'este immenso amor?
Fagueira esperança d'um porvir que almejo
Virás ao menos mitigar-me a dôr.

Hão de lembrar-te tuas meigas juras,
Ternos protestos d'um amor sem fim;
De casto amor, de esperanças puras,
Quando juravas viver só para mim!

Tu vaes deixar-me, e eu que te amo tanto!
Oh! que saudades hei de aqui soffrer.
Se a meiga esperança não estancar meu pranto,
De magua, em breve, sei que vou morrer!

Morrer que importa... Que é para mim a vida
Logo que eu perca teu ardente amor!?
Ha de ir commigo tua imagem querida
Baixar á campa a que me obriga a dôr!

Ai! não te esqueças que para ti só vivo!
Embora ausente sempre te amarei.
Ao longe, ao perto, no sepulchro, ou vivo,
No ceu, na terra, sempre teu serei.

CRAVO ROXO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda Castro d'Almada.

Andante

478

Já lá vem o cra - vo ro - xo re - gar o pé á tu - li - pa, Is-to de quem tem a - mo - res qual - quer cou - sa o mor - ti - fi - ca.

D. C

Abre meu peito, verás
Dois raminhos floridos,
E no meio encontrarás
Nossos corações unidos.

Mil beijos dei n'esta flor
Que, arrebatada, apanhei;
Tantos affectos lhe fiz
Que por fim a desfolhei.

O homem nunca devia
Com a existencia acabar,
P'ra nunca se fazer velho,
Para sempre namorar.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno.

BAYA, NIÑA

DANÇA INFANTIL

Andante

479

Ba - ya, ba - ya, ni - ña, fa - - cei as - sim: a - go - ra a ja - no - ti - nha faz as - sim as - sim as - sim.

N'esta dança de roda as creanças nomeiam nos segundos dois versos de cada cantiga, as classes cujos modos e movimentos imitam, por exemplo: *Agora os sapateiros fazem assim*, etc. *Agora as costureiras fazem assim*, etc., etc. Os primeiros dois versos são invariaveis e agallegados.

FADO VISCONTI

Á Ex.ma Snr.a D. Felizbella de Carvalho Miranda.

Allegretto

480

Hes - pa- | nhol p'ra a ma - la - | gue-nha, por - tu - | guez p'ra o lin - do | fa - do, hes - pa-

nhol p'ra a ma - la - | gue - nha, por - tu- | guez p'ra o lin - do | fa – do, Não

ha nem po-de ha- | ver can - to a | es - tes com - pa - | ra - do, não

ha nem po-de ha- | ver can - to a | es - tes com -pa - | ra – – do.

D. C.

Hespanhol p'ra a malagenha,
Portuguez p'r'o lindo fado;
Não ha, nem póde haver
Canto a estes comparado.

Torradinhas com manteiga,
Por cima café limão;
Toda a facada tem cura
Não chegando ao coração.

Puz os pés na sepultura
De quem na vida amei tanto,
Uma voz ouvi dizer:
—Não me pizes oh tyranno.

A minha prima Aurora
Escreveu para Pariz,
Que lhe mandassem dizer
Quem era o pae do *Petiz.*

Se eu soubesse que voando
Alcançava o teu amor,
Ia pedir á sopeira
As azas do assador.

Eu mandei fazer á China
Um boneco de marfim,
E que a gente lhe puxando por
uma fita verde que tem presa ao
calcanhar do pé esquerdo (1)
Diz com a cabeça que sim.

Este fado appareceu no Porto na presente decada, trazido por um palhaço portuguez, d'uma companhia equestre, por appellido Visconti.

(1) Isto é declamado muito depressa.

AI SIM, MEU BEM

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Juliana d'Abreu Machado.

Andante

481

Ai que lin - da pri - ma - ve - ra ai que lin - da pri - ma - ve - ra. que el - rei traz na ca - ra - pu - ça, Quem tem rai - va que en-rai - ve - ça Quem tem rai - va que en-rai -ve - ça, quem tem ca - thar - ro que tus - sa.

Oh que linda primavera
Que el-rei traz na carapuça:
Quem tem raiva que enraiveça
Quem tem catharro que tussa.
O tiro que me atiraste,
Ai sim meu bem!
O passarinho voou;
Levava cartas d'amores,
Ai sim, meu bem!
Só uma penna me deixou.

Lá na terra de Lisboa
Quem é rico passa bem,
Assim é na minha terra
E n'outra qualquer tambem.

Tu mandaste-me p'ra a quinta,
P'ra baixo das laranjeiras...
Na quinta é que eu me quero,
Para brincar co' as quintaneiras.

Toda a moça que quizer
Gosar de nobre futuro,
Fóra de horas não vá
Fallar á sombra do muro.

Tenho corrido mil terras
Da maior parte da Beira,
Não achei melhor amigo
Que o dinheiro n'algibeira.

Recolhida no Alemtejo.

FADO DO GATO

(VULGO DO TABORDA)

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor Rebello Valente.

Andante

482

Já não ha mi-lho na tu-lha, fo-ram-se os ra-tos p'ra o mon-te, N'es-ta ca-sa tu-do é bu-lha, e eu sem co-mer des-de *hon-te'*, n'es-ta ca-sa tu-do é bu-lha, e eu sem co-mer des-de *hon-te'*.

Já não ha milho na tulha,
Foram-se os ratos p'ra o monte;
N'esta casa tudo é bulha,
E eu sem comer desd'honte'!

O forno não tem cosido;
Como me hei de sustentar?
Não vejo milho moído,
Nem dinheiro p'ra o comprar.

A mim ninguem me dá nada,
Nem eu o tenho caçado;
Desde a semana passada
Só grillos tenho papado.

Vejo bastante trabalho,
Mas o que não vejo é pão;
Por isso me zango e ralho
Com muitissima razão.

O'lho d'um e d'outro lado,
Não vejo nada que côma;
Vou queixar-me do meu fado
Ao padre santo de Roma.

Não tenho moveis que venda;
Foi-se-me toda a gordura;
Ninguem me fia na tenda,
E a fome ninguem a atura.

Que triste foi meu entrudo!
Nem ás gatas sequer vou;
Já não mio, vivo mudo,
Que o bom tempo se acabou.

Vou p'ra cima do telhado
E nem me lembra o namoro.
D'outros gatos rodeado
Carpimos todos em coro!

E o que isso ás vezes nos rende
E' pedrada e mais pedrada,
Pois a chôros não attende
A immoral rapaziada.

D'esta casa pois me escamo,
Que estou farto de penar;
Vou em busca d'outro amo,
Que me possa sustentar.

Passe por cá muito bem
A mulher e mais o home';
Não quero que diga alguem:
—Morreu o gato com fome!

MOINHO DAS ENTRE-AGUAS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Mecia d'Oliveira Portugal.

Andante

483

Mo- i - nho das En-tre - a - guas, re - pa - ra o que di-zes tu, no me - io das sil-vas es - ta - va um ni- nho de *tor-pa- ul*, Vie- ram - no ti - rar as mo - ças meu co- ra - - ção con-sen- tiu. A ve - si nha da mi- nh'al - ma, mes - mo das mãos me fu- giu.

D. C.

Aguarda, meu bem, aguarda,
Não te pese d'aguardar;
Inda temos muito tempo
Para a sorte experimentar.

Desejava de saber
Qual era a pereira doce,
Para lhe não offender
Nem um raminho que fosse.

Moinho das Entre-aguas,
Repara o que dizes tu;
No meio das silvas estava
Um ninho de tôro-paul (1)
Vieram-no tirar as moças,
Meu coração consentiu;
Avesinha da minh'alma,
Mesmo da mão me fugiu.

Oh meu amor, qual dos dois
Andava mais embaido?
Para agora me dizeres
Que não tinhas tal sentido!

Puz-me a chorar saudades,
Ao pé d'uma fonte fria:
Mais choravam os meus olhos,
Que a propria fonte corria!

Recolhida em Ferreira do Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

(1) *Tôro-paul*, ou *tôr-paul*, *tor-paú*, *tras-paú* é a transformação da palavra *touropaul*, nome d'uma avesinha de bico forte e grande o qual espeta nos vales humidos e imita o urro d'um touro.

NAMORA A RITA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Castro Pereira.

Andantino

484

Já não que-ro ir á sa – la sem le - var o can - di - ei - ro, Te -
nho me-do que me ma - tem os bei - jos d'al-gum bre- jei - ro. Vo -
cê é que tem a di - ta, na-mo - ra a Ri - ta lá de Co- im - bra; Oh
que pe-que-na tão bel - la, na-mo - ra a Ri – ta, ca-sa com el - la.

Já não quero ir á sala
Sem levar o candieiro:
Tenho medo que me matem
Os beijos d'algum brejeiro.
Você é que tem a dita,
Namora a Rita,
Lá de Coimbra.
Oh que pequena tão bella,
Namora a Rita
Casa com ella.

Toda a mulher que se casa,
Grande castigo merece:
Deixa seu pae, sua mãe,
Vae amar quem não conhece.

Os olhos da minha cara
Já os tenho reprehendido,
Que não olhem p'ra ninguem
Que está o mundo perdido.

O sol quando nasce, inclina,
O sol quando inclina, queima;
Hei de amar quem eu quizer
Só por causa d'uma teima.

A salsa é tão melindrosa,
Que nasce pelas paredes;
Tambem o meu amor tem
Os seus melindres ás vezes.

VIRGEM DOLOROSA

TOADA ORATORIA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Jesuina Candida de Mattos.

Andante

485

mf.

p

Vir- gem do - lo-
ro - - sa que af- -fli - cta es- ta - es, a - ju - dae - me a can- tar Bem-
di - ta se- ja - es. Vos- sas se - te do - res, ge- mi - dos e
a - is, Pon-de- rar que - - re - mos, bem- di - ta se- ja - es.

Esta toada é do fim do seculo XVII. Diz-nos o nosso respeitavel amigo, o Rev.ᵐᵒ Padre Cunha, que nol-a enviou da ilha de S. Jorge: «Já se cantava no principio d'este seculo (XVIII) na ilha do Pico, d'onde foi trazida para esta ilha de S. Jorge por Manuel Pereira, cego, que era um reportorio de cantos d'aravias, romances, orações, que elle dizia pelas casas onde se hospedava, aos dias, acompanhando o canto com os accordes da sua viola de arame. Era um verdadeiro artista este cego.»

VIRGEM DOLOROSA

Virgem dolorosa
Que afflicta estaes,
Ajudae-me a cantar:
Bemdita sejaes.

Vossas sete dôres,
Gemidos e ais,
Ponderar queremos:
Bemdita sejaes.

E' a dôr primeira
Quando apresentaes
O menino no templo:
Bemdita sejaes.

Simeão profetisa
Que o filho que amaes
Ha de ser ruina:
Bemdita sejaes.

Ruina de muitos
Que serão seus rivaes,
Que o contradirão:
Bemdita sejaes.

Uma aguda espada
De dores mortaes
Passará vossa alma:
Bemdita sejaes.

A segunda dôr
Que ali supportaes
Fugindo de Herodes:
Bemdita sejaes.

Vendo-vos cercada
De homens brutaes
Que Deus não adoram:
Bemdita sejaes.

Além dos temores
E ancias mortaes
Que vos penalisam:
Bemdita sejaes.

A terceira dôr
E' quando choraes
O filho perdido:
Bemdita sejaes.

Tres dias d'ausencia
Em que o buscaes,
Penalisam vossa alma:
Bemdita sejaes.

Que penas, que dores,
Que afflicções mortaes
Soffreis n'estes dias:
Bemdita sejaes.

Vossa quarta dôr
Quando O encontraes
Com a cruz ás costas:
Bemdita sejaes.

Logo que O vêdes
Trespassada ficaes,
Senhora das Dores:
Bemdita sejaes.

Que peso de dôr
Vós não carregaes
Vendo-O tão afflicto:
Bemdita sejaes.

Não lhe podeis valer
Por mais que façaes,
Deus Padre não quer:
Bemdita sejaes.

Vossa quinta dôr
Cresce muito mais
Vendo-O na cruz:
Bemdita sejaes.

O sangue que sae
Das veias virginaes;
Mais doce é a morte:
Bemdita sejaes.

Quando Elle diz:
Pae porque me deixaes?
Milagre é viverdes:
Bemdita sejaes.

O sol se escurece
Contra as leis naturaes
Vendo o que soffreis;
Bemdita sejaes.

Toda a terra treme
Com seus vegetaes,
Vendo vossas penas:
Bemdita sejaes.

Quebram-se as pedras
Em ver coisas taes;
Que não soffries vós!?
Bemdita sejaes.

Vossa sexta dôr
E' quando tomaes
A Jesus nos braços:
Bemdita sejaes.

Que dor, que tormento
Quando reparaes
N'esta vida morta:
Bemdita sejaes.

E com que tormento
Sentís e choraes
Vosso filho morto?!...
Bemdita sejaes.

Nem ainda morto
Com Elle ficaes,
Que já vol-O tiram:
Bemdita sejaes.

Só vós conheceis
O que aqui passaes
N'este mar d'afflicções:
Bemdita sejaes.

A setima dôr
Qnando O acompanhaes
Para o sepulchro:
Bemdita sejaes.

N'elle O depositam
Seus filhos leaes,
José e Nicodemus:
Bemdita sejaes.

N'esta soledade
Em penas fataes
Ficaes submergida:
Bemdita sejaes.

Dentro do Cenaculo
Suspiros e ais
Destes vós por nós:
Bemdita sejaes.

Alcançae-nos d'Elle
Nas culpas mortaes
Uma viva dôr:
Bemdita sejaes.

E que aborreçamos
Todos os veniaes
Que Deus aborrece:
Bemdita sejaes.

Livrae-nos, Senhora,
Dos erros infernaes
E dos *Jacobinos*:
Bemdita sejaes.

De seus enganos
E laços fataes
Queoinfernolheensina:
Bemdita sejaes.

Para que vos achemos
N'esses thronos reaes
P'ra sempre vos louvar:
Bemdita sejaes.

Gloria tenha o Padre
E o Filho que amaes
E o Espirito Santo:
Bemdita sejaes.

Bemdita sejaes
Virgem Mãe das Dôres,
Tendo compaixão
D'estes peccadores.

O PASTOR ALCINO

ROMANCE

Á E x.ma Snr.a D. Florinda de Souza Pacheco.

Andante

486

f *p* Al - ci - no n'um bos - que um di - - - - a, Su - btil a - bu - so ar - mou, pois el - le chei - o de go - - - so, as - tu - to mel - ro ca - çou.

D. C.

Alcino n'um bosque, um dia,
Subtil abuso armou:
Pois elle, cheio de goso,
Astuto melro caçou.

Quiz fazer-lhe uma gaiola,
Mas para isso, primeiro,
Debaixo do seu chapeu
Collocou o prisioneiro.

— Feita que seja a gaiola,
Tão linda como eu desejo,
Hei de offerecel-a á Georgina,
E pedir-lhe em troca um beijo.

—Não creio que ella m'o negue,
Em vista do que eu lhe dou;
Pois um melro mais sonoro
N'este bosque não cantou.—

Corta vimes dobradiços,
Corta mil varas e diz:
—Talvez, talvez, negro melro,
Que tu me faças feliz.—

Assim disse e foi partindo,
Nas tenras varas cortava,
E como ia depressa
Suas ideias forçava.

Soprou invejoso vento,
Nas pennas d'elle zuniu,
Voltou o chapeu de palha
E o negro melro fugiu.

Assim fica o pastor triste,
Por não lograr seu desejo,
Pois perdeu n'um só momento
Melro, esperanças e beijo.

Esta musica canta-se na jurisdicção da Calheta (ilha de S. Jorge) d'onde nol-a enviou o Rev.mo Padre Cunha, que nos diz fôra levada para alli do Rio Grande do Sul, em 1840.

TOMA LÁ, AMOR

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Lucilia Mendes Salgado.

Moderato

487

Mui-to cho-rei eu do-min-go á tar - de, mui-to cho-rei eu do-min-go á tar - de; a-qui es-tá meu len - ço, a-qui es-tá meu len - ço, a-qui es-tá meu len-ço que di-ga a ver-da - de. Que di-ga a ver-da-de, oh sim, sim, mais na da não, que di ga a ver-da-de, oh sim, sim mais na-da não. To-ma lá a-mor, to-ma lá a-mor, to-ma lá a-mor, o meu co - ra - ção.

D. C.

Muito chorei eu
Domingo á tarde,
Aqui está meu lenço
Que diga a verdade.

Que diga a verdade,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá amor
O meu coração.

O meu bem me disse
Que lhe desse um beijo;
Aqui tem meu rosto,
Cumpra o seu desejo.

Cumpra o seu desejo,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá, amor,
O meu coração.

Se eu quizera amores,
Mais de cem eu tinha:
Fico assim melhor
Que estou solteirinha.

Que estou solteirinha,
Oh sim, sim, mais nada não!
Toma lá, amor,
O meu coração.

são, Fa - da san - ta que vi - es - te ac - cen-der-me a ins-pi - ra - ção; Fa - da san - ta que vi - es - te ac cen der-me a ins pi - ra- ção.

Mimosa filha dos astros,
Magica, doce illusão,
Fada santa que vieste
Accender-me a inspiração.

Que mago enlevo me déste,
A que ceus tu me subiste...
Não, tu não eras mentira...
Se eu descri... tu não mentiste!

Que importa se te não ouço
Como inda hontem te ouvi...
Anjo! vieste, e fallavas
Quando Deus chamou por ti.

E subiste ao astro aereo,
Onde o espirito se esconde
Aos olhos do homem, verme
Que vae de rojo... aonde?

«Aonde vae?» esta pergunta,
Estas ancias d'um destino,
Dão ao homem vôos d'anjo,
Dão-lhe um folego divino.

Dá-lhe estimulos!... recordo
Que era mais que humano estimulo...
Oh! se amor é fogo ethereo,
Esse amor senti... sentimol-o.

Era um fervor de poetas,
Era ancear ventura e ceu,
Era a nossa mão ousada
Do porvir rasgando o veu!

Rasgando o veu... para que?...
Ai! nós queriamos viver,
Sobre um astro d'estes astros
Que tu vês no espaço arder.

. . . .

E quando a fada fallava
Como o coração tremia...
A respiração nos seios
Suffocada estremecia.

Era então santo o respeito
Com que a sentença lhe ouviamos;
E tão de dentro era a crença
Com que a esp'rança lhe pediamos!...

O que eu sentia! que vôos
Eu cortei na immensidade!...
Com que orgulho eu puz a vista
No throno da Divindade!...

Oh! Deus sabe que desejos
Fervorosos eram esses!...
Queria mundos sobre mundos,
Mundos onde tu vivesses!...

Viver comtigo, meu astro,
Que na terra me alumias!
Viver comtigo onde esquecem
D'este mundo as agonias!...

Fugiu a fada, a propheta
Levou comsigo o condão,
Que fizera arder delirios
No meu... no teu coração...

Deixal-a... embora! Soubemos
Que existe um mundo além d'este...
Sim... existe... é a patria d'anjos,
D'onde tu, anjo, vieste!

Recolhido em Lisboa em 1880. A musica é do celebre guitarrista lisbonense João Maria dos Anjos. A lettra que lhe ouvimos applicar é do fallecido romancista Camillo Castello Branco.

OH QUE BELLAS MOÇAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Luciana de Souza Ferreira.

Andantino

489

O meu bem é ri - co, O meu bem é ri - co, Eu po - bre não sou,

A su-a ri- que - za, a su-a ri- que - za, nun - ca me en - le - vou. ai, ai.

D. C.

O meu bem é rico
Eu pobre não sou;
A sua riqueza
Nunca me enlevou.
Ai, ai!

Oh que bellas moças
Tem a Vidigueira,
Deixam-nos saudades
P'ra a semana inteira.
Ai, ai!

Oh que casibeque!
Que chita tão linda!
Dá-me cá um beijo
Não te vás ainda!
Ai, ai!

O meu lindo amor
Diz que não passeia...
Tem a estrada feita
De roda da Aldeia!
Ai, ai!

A prisão do rei
E' tão rigorosa...
Já lá estive preso
Permonde uma rosa!
Ai, ai!

Se fores a Elvas
Sóbe acima ao forte,
Verás as bandeiras
Viradas ao norte.
Ai, ai!

Se fores a Elvas
Vae á Piedade;
E' á melhor coisa
Que tem a cidade.
Ai, ai!

O meu querido amor
Não póde apagar
A magua que sinto
De lhe não fallar.
Ai, ai!

Do que eu mais gosto
E' viver ao desdem:
Agradar a todos
Não amar ninguem.
Ai, ai!

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
DANÇA.—De roda a primeira vez depois *tour de main* e *gran-chaine.*

BELLA MILHARADA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Corina Pimentel.

490

Andante

con 8a

Oh que bel - lo mi - lho, mi - lho, oh que bel - la mi - lha - ra - da: Oh que bel - lo mi - lho, mi - lho, oh que bel - la mi - lha- ra - da; Ai, ai! oh que bel - la mi - lha- ra - da; Oh que bel - la vis - ta d'o - lhos pa - ra quem vae de jor na - da. Oh que bel - la vis - ta d'o-lhos pa - ra quem vae de jor- na-da; ai, ai! pa - ra quem vae de jor- na-da.

D. C.

DANÇA. — Primeiro canta-se uma quadra desgarrada, durante a qual os pares, de braço dado passeiam em volta, e no estribilho, *Oh que bello milho, etc.* dançam polkando, ou em cadeia.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

AS SAIAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.ª D. Angelina da Luz Almeida.

Allegretto

491

A - qui n'es - ta ru - a ru - la, a - qui n'es - te re - can - ti - nho; a - qui ba - te o pom-bo as a - zas, a - lém tem a pom-ba o ni - nho.

Meu bem, o Jo - sé, Jo - sé, meu bem, o Jo - sé, Jo - sé, Quem te deu a ro - sa com ta - - - ma - nho pé.

D. C.

492

Puz - me a jo - gar as car - tas n'u - ma me - za de cha - - rão, Lo - - go á pri - mei - ra par - -

ti - da ga - - nhei o teu co - ra - - ção.

D. C.

Allegretto

493

Di - a de San nun - ca á tar - de Pas - sei pe - la tu - a ru - a, Vi - te a - on - de não es - ta - vas: a - mor que vi - da é a tu - a.

D. C.

Aqui n'esta rua rula,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate o pombo as azas,
Além tem a pomba o ninho.

Meu bem, oh José, José,
Quem te deu a rosa
Com tamanho pé?
Tamanho pé?
Com tamanho pé?
Meu bem, oh José, José.

Puz-me a jogar as cartas
N'uma mesa de charão:
Logo á primeira partida
Ganhei o teu coração.

Meu bem, oh amor, amor,
Que mal é o teu?
Que fizeste á côr?
A' côr?
Que fizeste á côr,
Meu bem, oh amor, amor?

Dia de San nunca á tarde,
Passei pela tua rua,
Vi-te aonde não estavas,
Amor, que vida é a tua.

Meu bem, oh Joaquim, Joaquim,
Andas tão chupado,
Quem te pôz assim?
Assim?
Quem te pôz assim?
Meu bem, oh Joaquim, Joaquim?

Estas musicas foram recolhidas em Elvas pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.
Com a designação de Saias ha muitas variantes na provincia do Alemtejo. Parece datarem de 1887, variando todos os annos.

CABELLO D'ARREPIO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia Albergaria.

Allegretto

494

Quem me déra estar no teu coração,
Como está o sumo dentro do limão.
Cabello d'arrepio a todos diz bem,
No senhor José (1) Melhor que ninguem.
Melhor que ninguem tudo isso tem;
Namora o seu derriço, faz elle muito bem.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

Dança. — Durante a cantiga grande roda. No estribilho *balancé* e estallinhos com os dedos, depois cadeia e termina com *balancé*.

(1) Nomeia uma pessoa conhecida.

TIRA-LIRA

JOGO INFANTIL

Á Exma Snr.a D. Elvira Rodrigues.

495

Andante — 1.ª RODA

p

A nos- sa ro-da é tão lin-da, ma-ta a ti-ra-li-ra- li-ra, a nos- sa ro-da é tão lin-da, ma-ta a ti-ra-li-ra- lã.

2.ª RODA

A nos- sa ro-da é mais lin-da, ma-ta a ti-ra-li-ra- li-ra, a nos- sa ro-da é mais lin-da, ma-ta a ti-ra-li-ra- lã.

FINAL

Este antigo jogo infantil é formado em duas rodas, a par, uma grande e outra pequena, augmentando esta á maneira que vae diminuindo aquella. Emquanto uma roda anda a outra está parada da fórma seguinte:

Designemos *1.ª roda* a roda pequena, que se compõe só de duas creanças de mãos dadas, e *2.ª roda* a roda grande que póde ter numero indeterminado de creanças, de mãos dadas. Tanto uma como outra roda só se movem emquanto cantam parando logo.

A *1.ª roda* canta, repetindo o verso e estribilho, girando durante oito compassos e pára.

A *2.ª roda* canta, repetindo o verso e estribilho, girando durante oito compassos e pára; e assim seguidamente ora uma ora outra roda até á conclusão da lenga-lenga em que uma creança da *2.ª roda* sahe e vae para a 1.ª

1.ª RODA.—A nossa roda é tão linda!
Mata a tira-lira-lira.
A nossa roda é tão linda!
Mata a tira-lira-lã.

2.ª RODA.—A nossa roda é mais linda!
Mata a tira-lira-lira.
A nossa roda é mais linda!
Mata a tira-lira-lã.

1.ª RODA.—Mas nós a destruiremos, etc.

2.ª RODA.—Qual escolhereis vós, etc.

1.ª RODA.—A menina F. (1) etc.

2.ª RODA.—Que lhe dareis vós, etc.

1.ª RODA.—Um chapeusinho de renda, (2) etc.

2.ª RODA.—Ella gosta muito d'isso, etc. (3)

(1) O nome d'uma creança da 2.ª roda.
(2) Póde-se dizer um objecto de vestuario ou de adorno. Sendo menino nomeia-se objectos proprios do seu sexo.
(3) Chegando aqui a creança nomeada passa para a *1.ª roda* e continua da mesma fórma até que todas as creanças passem para a *1.ª roda*.

ECCE HOMO

LOUVORES AO SENHOR SANTO CHRISTO

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza de Freitas Guimarães.

496

Andante

f

DUO

p

Meu do - ce Je-sus que no Hor - to es - taes com vos - sos dis - ci - pu - los: Bem-di - to se - ja - es.

POVO

Bem-di - to se - ja - es, bem-di - to se - jaes, Nos ceus e na ter - ra: Bem-di - to se - ja - es.

D. C.

ECCE HOMO

Meu doce Jesus,
Que no Horto estaes
Com vossos discipulos,
Bemdito sejaes.

Bemdito sejaes,
Bemdito sejaes,
Nos ceus e na terra
Bemdito sejaes.

Vossa oração
Logo começaes,
Prostrado por terra:
Bemdito sejaes.

Vossos tres apostolos,
Vós mesmo os achaes
A todos dormindo:
Bemdito sejaes.

Judas traidor
Com todos os mais
Vos vem a prender:
Bemdito sejaes.

Um osculo vos deu,
Vós o abraçaes;
Elle vos entrega:
Bemdito sejaes.

Amigo, a que vindes,
A quem procuraes?
Eu sou quem quereis:
Bemdito sejaes.

Atado e preso,
Flagelado ficaes,
Como manso cordeiro:
Bemdito sejaes.

Em Jerusalem
Vós dentro entraes
Com tantas injurias:
Bemdito sejaes.

Uma bofetada
Que então levaes!
Oh cruel injuria!
Bemdito sejaes.

Pedro assustado
De ver como estaes,
De longe vos segue:
Bemdito sejaes.

N'esta triste noite,
Vendo o que passaes,
Tres vezes vos nega:
Bemdito sejaes.

Atado á columna,
Tudo supportaes.
Milhares de açoites:
Bemdito sejaes.

Oh Supremo Rei
Que tudo dominaes,
Coroado d'espinhos:
Bemdito sejaes.

Pilatos sabendo
Que justo estaes,
Ao povo vos mostra:
Bemdito sejaes.

Clamam os judeus,
Dragões infernaes;
Que vos crucifiquem:
Bemdito sejaes.

A Herodes vos levam,
A Pilatos tornaes,
Com injurias e affrontas:
Bemdito sejaes.

Oh Justo Juiz,
Que a todos chamaes;
Condemnado á morte:
Bemdito sejaes.

Pesado madeiro
Que aos hombros levaes
Por nossos peccados:
Bemdito sejaes.

Ao monte Calvario
Vos encaminhaes,
Simão vos ajuda:
Bemdito sejaes.

Que dôr, que tormento,
Quando encontraes
Vossa afflicta Mãe:
Bemdito sejaes.

Estendido na Cruz
Com dôres mortaes,
Tres cravos vos pregam:
Bemdito sejaes.

No pesado lenho
Pendente ficaes
Entre dois ladrões:
Bemdito sejaes.

Todo o vosso sangue
Ali derramaes
Por nosso remedio:
Bemdito sejaes.

Este é o preço
Com que resgataes
Os filhos d'Adão:
Bemdito sejaes.

Na ultima hora
Então vos lembraes
Da sêde que tendes:
Bemdito sejaes.

Fel e vinagre
Que então tomaes,
Com tanta amargura:
Bemdito sejaes.

Inclinaes a cabeça,
Meu Deus expiraes,
Tudo consumado:
Bemdito sejaes.

Vosso lado aberto,
Sangue e agua lançaes,
Por nosso amor:
Bemdito sejaes.

Misericordia, meu Deus,
Meu Senhor que chegaes
A morrer por todos:
Bemdito sejaes.

Recolhida pelo Rev.mo Padre Cunha na Fajã, Calheta, ilha de Jorge, onde se canta na egreja. A festa é na 3.ª Dominga de Setembro.

ROSA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina de Freitas Bragança.

Andante

497

f

p Deus te sal - ve, Ro - - - sa, lin - do se - ra - phim,

lin - da pas - to - ri - - - nha, que fa - zeis a - qui?

que fa-zeis pas - to - - - ra por es - sa ri - bei - - - ra?

ti - rae - vos do sol do sol que vos quei - - ma.

A musica d'esta xacara pertencia ao reportorio do cego açoriano Manuel Pereira. A lettra é uma das innumeras variantes que existem por todo o paiz e que o Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga recolheu na provincia da Beira, ajuntando-lhe a seguinte nota:

« Com titulo quasi identico publicou Garrett (*Romanceiro*, t. III, p. 187) uma variante dos arredores de Lisboa, em que o guapo galanteador não é irmão, nem vem preoccupado por alguma aposta. E' ali incompleta, e está mal classificada; muitas outras cantilenas d'este genero temos encontrado na tradição oral, em fórma de descante ou desafio. O povo só conhece na sua poesia a redondilha maior e menor; e de todas as lições que recebemos do Porto, Trás-os-Montes e Beira Baixa nenhuma trazia os versos dispostos em fórma alexandrina. De todas as variantes a mais verdadeira é aquella que vem precedida de um preambulo em prosa contando como um irmão chegado do Brazil á sua terra, antes de se dar a conhecer a sua irmã, começou a fallar-lhe de amores, por aposta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiva de todas as raparigas do logar.»

ROSA

—Deus te salve, Rosa,
Lindo seraphim!
Linda pastorinha
Que fazeis aqui?

Que fazeis pastora
Por essa ribeira?
Tirae-vos do sol,
Do sol que vos queima.

«O sol não me queima,
Que estou calejada
Do rigor da chuva,
Do rigor da calma.

—Tão gentil senhora
A guardar o gado,
Ao longo do rio
Tão bem repastado.

«Criado tão nobre
Com meias de seda!
Olhe não as rompa
Por essa resteva.

—Sapatos e meias
Tudo romperei,
Pela pastorinha
Tudo eu farei.

«Por altas montanhas
Ouço gritar gado;
São as ovelhinhas
Que me tem faltado.

—Dê-me cá a cesta,
Tambem o cajado,
Que eu lh'as vou buscar
Com todo o cuidado.

«Vá-se embora, homem
Não me dê tormento;
Não o posso ver
Nem por pensamento.

—O que está de ingrata,
Tão impertinente!
Homens não são lobos
Que comam a gente.

«Eu se sou ingrata
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Assim me convem.

—O teu gado, Rosa,
Eu aqui t'o trago:
Um formoso moço
Para teu criado.

Não tenha esse medo
Que o gado se perca,
Por aqui passarmos
Uma hora de sésta.

«Vá-se d'ahi, negro,
Não me dê mais pena;
Que ahi vem meus amos
Trazer-me a merenda.

—Isso é que eu quero
Que venham seus amos;
Quero que elles saibam
Que falamos ambos.

«Tal rasão como essa
Não a ouvirei;
Já dirão meus amos
Que de mais tardei.

—Diga-lhe, menina,
Que se demorou
Com esta nuvem d'agua
Que tudo molhou.

«Vá-se d'ahi, homem,
Não me dê tormento;
Não o quero vêr
Nem por pensamento.

—Que tem a menina
Que está agastada?
No meu coração
Trago-a retratada.

Uma vez que quer
Que me vá embora,
Lá verá o gado
Que vae serra fóra.

«Se vae serra fóra
Pois deixal-o ir;
Se o não matarem
Tornará a vir.

—Por altas montanhas
Corre grande pr'igo;
Oh linda pastora
Queira vir commigo.

«Não é d'homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer que se perca
O gado alheio.

—O gado alheio
Não quero se perca;
Quero que tenhamos
Uma hora de sésta.

«Guardemos a sésta
Lá para depois;
Eu quero saber
Quem é que vós sois.

—Sou filho da côrte,
Assisto em palacio;
Linda pastorinha
Dae-me um abraço.

Já me vou embora
Pela serra acima,
Linda pastorinha
Dae-me a despedida.

«Venha cá, oh homem,
Venha aqui correndo;
O amor é cego,
Já me vae rendendo.

—Se você me chama,
Eu me vou andando,
Que a aposta que fiz
Já a vou ganhando.

«Bem sei o que queres,
Queres um abraço;
O abraço se o deres
Dá bem apertado.

O abraço se o deres
Dá-m'o apertado,
Para apagar penas
Que commigo trago.

—O abraço que der
Não tem má tenção,
Cala-te lá, Rosa,
Que sou teu irmão.

Quer ella a menina
Que demos um brado
A' gente do povo
Que accudam ao gado?

«Oh gente do povo
Accudi ao gado,
Que foge o pastora
Com o seu namorado!

Eu quero fugir,
Que é ventura minha;
Depois de pastora
Irei ser rainha.

—Se a pastora foge,
Deixal-a fugir,
Nem cravos, nem rosas
Lhe hão de accudir.

Digo-te a verdade,
Do meu coração;
Não sou teu esposo,
Mas sou teu irmão.

Digo-te a verdade,
Oh meu camarada;
A aposta que fiz
Já cá vae ganhada.

GRINALDA

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Adozinda dos Santos Castanheira.

Poesia de J. B. A. Garrett.
Musica de Angelo Frondoni.

Moderato

498

p An - dei pe - lo pra - do va - gan - do, va - gan - do, em

bus - ca da flôr que a- qui hei de pôr. Gri- nal - da tão bel - la, que

se vae tran - çan - do, com tan - to pri - môr, com tan - to pri -

môr que flôr lhe hei de eu- pôr ? que flôr lhe hei de eu pôr ? Vou- me á bor - bo -

le - ta que n'es - ses ver - geis an - da a na-mo - rar.

um pouco mais

vou lh'o per-gun - tar... não hei de ir á a- be - lha que mais sa - bias

cresc. piano

le - is, que mais sa - bias leis tem no seu gos - tar ir-lh'o

piano dim.

f hei per - gun - tar, ir lh'o hei per - gun - tar. Mas

a bor-bo-le-ta é doi - da, é doi - da, coi- ta - da, não sa - be das

flô - res se- não vi - ço e co - res, e a po - bre da a- be - lha sem -

pre car–re- ga - da, não vê no ver - gel se - não o seu

mel. E cu n'es-ta flôr que-ro da ro - sa a bel- le - - - - za, do

li - rio a can- du - ra, do nar - do a do- çu - ra. Diz - me o co-ra -

ção que nem a na-tu - re - za fez tal for - mu - su - ra nem

1.º tempo

ar - te ou cul -tu - ra: Mas tam-bem me diz e eu creio, oh! que sim, que o

jar - dim d'a - mor pro - duz a tal flôr. Man- ce - - bos cor-

rei, cor - rei lá por mim; o que a-char a flor que a

ve - nha a-qui pôr, o que a-char a flor que a ve-nha a-qui

pôr, que a ve-nha a - qui pôr, que a ve-nha a - qui pôr.

Andei pelo prado
Vagando, vagando,
Em busca da flôr
Que aqui hei de pôr.
Grinalda tão bella
Que se vae trançando
Com tanto primôr,
Que flôr lhe hei de pôr?

Vou-me á borboleta
Que n'esses vergeis
Anda a namorar:
Vou-lhe perguntar...
Não. Hei de ir á abelha
Que mais sabias leis
Tem no seu gostar;
Ir-lh'o-hei perguntar.

Mas a borboleta,
E' doida, coitada,
Não sabe das flôres
Senão viço e côres.
E a pobre da abelha
Sempre carregada,
Não vê no vergel
Senão o seu mel.

E eu n'esta flôr quero
Da rosa a belleza,
Do lirio a candura,
Do nardo a doçura
Diz-me o coração,
Que nem natureza
Fez tal formusura,
Arte ou cultura.

Mas tambem me diz,
E eu creio, oh! sim;
Que o jardim d'amor
Produz a tal flôr.
Mancebos, correi,
Correi lá por mim,
O que achar a flôr
Que a venha aqui pôr.

Ao solemnisar-se por todo o paiz, e ainda em paizes estrangeiros onde nos representam colonias portuguezas illustradas, o primeiro centenario do nascimento do notavel poeta portuguez João Baptista d'Almeida Garrett, um dos mais sabios investigadores da nossa poesia popular, corre-nos o dever de prestar homenagem á memoria d'aquelle vulto da nossa litteratura, e por isso transcrevemos hoje para aqui esta sua canção, cuja musica embora seja tambem de factura artistica, não deixa de ter a simplicidade popular caracteristica d'aquelle genero poetico e da delicadeza do verso.

Parece que o author da musica a escreveu sob influencia do poeta, pois foram ambos contemporaneos.

OH MINHA POMBINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria Guimarães.

499

Andantino

f

Oh meu a - mor meu a - mor, Quem diz

o con - tra - rio men - te, Que - rem - me a - par- tar de ti meu co- ra - ção não con-

sen - te. Oh mi nha pom - bi - nha bran - ca, oh meu pom bo ro - la- dor, vi - va

quem an - da rol - lan - do nos bra - ços do seu a - mor.

Mil saudades te persigam
Que não lhes possas valer!
Quero que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem-querer.

Oh minha pombinha branca,
Oh meu pombo rolador;
Viva quem anda rolando
Nos braços do seu amor.

Os pombinhos quando nascem,
Dão abraços e beijinhos.
Oh amor, façamos nós
Como fazem os pombinhos...

Oh minha pombinha branca,
Oh meu pombo rolador;
Em eu me indo d'esta terra
Quem ha de ser teu amor?

Olhos pretos vão á fonte,
Que irão elles lá fazer?
Vão gosar um bem que adoram
E agua fresca beber.

Oh minha pombinha branca,
Oh minha branca pombinha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha.

Recolhida em Vimieiro.

Dança. — Durante os primeiros oito compassos dança de roda; e no estribilho os pares viram ora para a direita ora para a esquerda em *balancé*, levantando ora um ora outro braço.

OH TERRÁ-TÁ-TÁ

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Guimarães.

Andante

500

Ai, Je- sus que eu já não pos-so Co'u-ma mu-lher al-ta e gor-da, dá tan-tas vol-tas na ca-ma, pa-re-ce u-ma pa-pa as-sor-da. Oh ter-rá, ter-rá, tá, tá, oh ter-ré, ter-ré, té, teu, eu te-nho cin-co bo-li-nhas nas a-bas do meu cha-peu. Pa-dre nos-sos dos ca-sa-dos não le-vam al-mas ao ceu, oh ter-ra, ter-rá, tá, tá, oh ter-ré, ter-ré, té, teu.

DANÇA. — Grande roda ou passeio durante a cantiga. No estribilho: primeiro *balancé* para um e outro par, e depois cadeia entre cada quatro pares; se houver a mais um, dois ou tres, farão *molinet* ora para a direita, ora para a esquerda nos intervallos dos quadrados.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

RIGUIDON

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Libania dos Santos Castanheira.

Andantino

501

Oh a - mor pro - - cu - ra a- gra - - - - do, não pro - co- res for - - mo- su - - - - ra, Ri-gui-don, ai, ai, Ri-gui-don, ai, ai, meu bem,

Que u - ma mu- lher sem a- gra - - - do é pe - or que a noi-te es- cu - - - ra. Ri-gui-don, ai, ai, ri-gui-don, ai, ai, meu bem.

Recolhida em Elvas. Qualquer quadra desgarrada serve e o estribilho é sempre o mesmo.

A DOURADINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Castro Pereira.

Andantino

502

Se a o- li - vei - ra fal- la - ra el - la dis - se - ra o que viu: de - bai - xo da su - a ra - ma do - is a - man - tes en - co - briu. Que lhe im- por - ta a dou - ra - di - nha, que lhe im- por - ta o meu ra - paz; Ai dou-ra - di - nha, mi-nha dou-ra- di - nha, ai dou-ra - di - nha que faz traz, traz.

Se a oliveira falara
Ella dissera o que viu;
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.
Que lhe importa a douradinha,
Que lhe importa o meu rapaz;
Ai, douradinha,
Minha douradinha,
Ai, douradinha,
Que faz traz, traz.

Canta, Maria, que és bella,
Cantigas ao teu derriço:
Eu tambem cantei ao meu,
Agora não estou para isso.

O amor não precisa lingua
Quando se quer declarar;
Basta o terno mover d'olhos,
N'um momento respirar.

O sol quando quer nascer,
Vinte e quatro raios bóta:
Comtigo são vinte e cinco,
Quando te assômas á porta.

Oh rosa, nunca consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Porque a rosa enxovalhada
Já não tem acceitação.

Recolhida em Elvas.

Dança. — Passeio, ou roda durante a cantiga. No estribilho *balancé* os dois primeiros versos, meia volta com o proprio par no terceiro verso, e palmas batidas a compasso no final do quarto verso. A lettra tem variantes.

LARANJINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida da Silva Couto Guimarães.

Tempo de valsa

503

Dos pa - res que an-dam bai- lan - do a mais me- xi - da sou eu: En - tão, en- tão, que é da la-ran -ji - nha; En- tão: En- tão, es-tá na tu -a mão; Não ha a - qui ra-paz ne- nhum que não fos - se a - mor meu, En - tão, en - tão, que é da la-ran- ji - nha, en - tão, en - tão, es-tá na tu-a mão.

D. C.

Recolhida em Elvas. Pode-se cantar com qualquer lettra á vontade do cantador.

MINHA QUERIDINHA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Clarisse Augusta Pacheco.

Allegretto

504

VIVER SEM TI

DANÇA

Andante

505

Os teus olhos são dois cravos,
As pestanas são as folhas,
E as sobrancelhas ... são laços
Quando tu para mim olhas.

Os olhos do meu amor
São dois peros verdiaes,
Que dão saude aos doentes,
Ressuscitam os mortaes.

Olhos, testa, nariz, bocca,
Tudo lindo meu bem tem;
Quatro feições mais galantes
Juro que as não tem ninguem.

Recolhidas no Alemtejo pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

MOQUECA

LUNDUM BRAZILEIRO

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida da Silva Couto Junior.

Andante

506

Mi-nha mo-que-ca es-tá fei - ta, meu bem; va-mos nós to-dos jan-tar;
1.a vez
2.a vez
tar; Bra - vos os den - gos da mi - nha yá-yá, mo-que - ca de co-co, mô-lho de fu-bá, tu - do bem-fei-ti - nho por mão de yá-yá, tu-do me-xi - di - nho por mão de si-nha, qual se-rá o la-drão que não gos-ta-rá, qual se-rá o de-mo-nio que não co-me-rá.

D. C.

Minha moqueca está feita,
Meu bem;
Vamos nós todos jantar:
Bravos os dêngos
Da minha yáyá;
Moqueca de côco,
Môlho de fubá;
Tudo bem feitinho
Por mão de yáyá;
Tudo mexidinho
Por mão de sinhá!...
Qual será o ladrão
Que não gostará?!...
Qual será o demonio
Que não comerá?!...

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Só falta azeite dendê:
Bravos os dêngos,
Da minha yáyá;
Moqueca de côco,
Môlho de fubá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
O que falta é limão:
Bravos os dengos,
Da minha yáyá;
Moquêca de côco,
Môlho de fubá, etc.

Recolhida em Sergipe e Bahia. *Moqueca* (ou moquenca) é um prato culinario que se prepara de differentes fórmas; a mais usual é carne de vacca com vinagre, pimenta, alhos, etc., e farinha de mandioca *(fubá).*

SARILHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Lucinda dos Santos Silva.

Vivo

507

U-ma vil – la no-va bem a-mu - ra - lha-da, as mo-ças de Mou-ra já não va - lem na-da. Já não va - lem na-da ves ti das de bran-co, quan-do vão á mis-sa en ga-nar o san-to.

SARILHO (1)

Vozes do mandante

Bate uma,
Sôr Verruma,
Outra mais,
Sôr Cascaes,
Mais outra,
Adiante,
Atraz tudo,
Perfilou,
Gingou.
Alto frente,
Sôr Tenente,
Vira ao lado,
Sôr Soldado,
Aqui passou.

Uma velha
Com mij...
Tres moinhos
Fez andar,
E sobrou
Uma mij...
E fez andar
Um barco á vella.

Virou,
E vira ao centro,
Gingou,
Brincou.
Inda a velha
Não mij...
Já tres frades
Afogou.

Larga um,
Pega n'outro,
Gingou tudo,
Ferragudo,
Se não fosse eu
Morria tudo.

Estou comtigo,
Da janella
P'r'ó postigo;
Estou com ella
Do postigo
P'r'a janella.

Faz frente,
Batalhão,
'Stá chovendo,
Caldeirão.

Vá de roda,
Pela esquerda,
Outra vez
Pela direita,
Aldrabas,
Fechaduras,
E outras
Coisinhas mais,
Que os burros deixam
Os atafaes.
Vira e revira,
Casimira,
E dobra ainda,
Cara linda,
Uma duas,
Chegadinho,
Unidinho,
Passo curto,
Miudinho.
Meus senhores,
Carrapatos
São doutores.
Vá de leve,
Pateado,
Canta, Manel,
Canta, diabo.
. . . .
. . . .

Recolhida em Faro no Algarve, pelos Ex.mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almada.

DANÇA. — Os pares de braço dado, dançam em roda durante a cantiga. Finda esta esperam a voz do mandante que indica as evoluções da dança, entremeando-as de narrativas, de anedoctas e phrases jocosas ou satyricas rythmadas, de fórma que nunca está callado.

(1) Estes quatro compassos repetem-se emquanto o mandante não parar.

FADO CORRIDO

A Madame Blanche de Mirebourg.

508

Andante

sentimental

Os teus bra-ços são ca- dei-as mais du-ras que o pro-prio a - ço, já me tens pre-sa e ca- pti - va só te fal-ta dar o la - ço. Já

me tens pre-sa e ca- pti - va, só te fal - ta dar o la - ço.

Os teus braços são cadeias,
Mais duras que o proprio aço:
Já me tens presa, captiva,
Só te falta dar o laço.

Todas as aves de penna,
Descem a beber ao rio;
Tambem todas as amisades
Por tempo tem seu desvio.

Já não ha quem queira dar
A filha a um lavrador;
Estão à espera que lhe venha
De Coimbra um doutor.

Meu triste coração anda
Em leilão pela cidade,
Sem haver quem lance n'elle
Cinco reis de lealdade.

Na segunda-feira te amo,
Na terça te quero bem,
Na quarta por ti espero,
Na quinta por mais ninguem.

Na sexta dou um suspiro,
No sabbado digo por quem,
No domingo vou a missa
Para ver quem me quer bem.

Por causa de grandes crimes
Mettem gente no segredo;
Teus olhos ferem e matam,
Ninguem os manda ao degredo.

Não sei qual pena é maior,
Qual é mais de lastimar;
Se ver um homem morrer,
Se ver um homem chorar!

Os teus olhos são a cova
Do meu pobre coração:
Que ventura que na morte
Os teus olhos me darão!

Este fado era já popularissimo em 1870, epocha em que o recolhemos.

MARCIA BELLA

MODINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa da Silva Couto.

Moderato

509

Vae - te em- bo - - - - ra cru - el sor - te, vae com as fe - ras vi - ver; Oh Mar - cia bel - - la tem dó tem dó fo - ge á tu - a mãe e vem p'ra mim só.

Vae-te embora, cruel sorte,
Vae com as feras viver:
Oh Marcia bella,
Tem dó, tem dó,
Foge á tua mãe
Vem para mim só.
Que as mesmas feras raivosas
Horror de ti hão de ter.
Gentil borboleta
Que andas girando,
Com novas ideias
Me estás enganando.

Meu amor se te prenderem
Dá-te logo á prisão:
Não haja navio,
Não haja galera,
Que embarque o meu bem
P'ra fóra da terra.
Que as chaves do Limoeiro
Estão todas na minha mão.
Oh mar, se queres,
Tem dó de mim,
Não diga o mundo
Que eu morro assim. (1)

Esta canção é do principio d'este seculo e parece ser dedicada a uma formosa fidalga portugueza. O marquez de Rezende diz-nos a este respeito o seguinte: «... o surdissimo conde de Soure... casado com a excellente filha do marquez de Marialva, D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia bella* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguezas, que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudonymo de Lereno o douto Caldas Barbosa.»

Esta canção chegou a ser prohibida na epocha das luctas constitucionaes, pelas allusões politicas que lhe applicavam, e que talvez a presente lettra seja uma d'ellas.

(1) Tambem a ouvimos terminar: *oh mar se queres, pois sim, pois sim.*

RITA MARITANA

DANÇA

Á Ex.^ma Snr.^a D. Guiomar Abrantes.

Moderato

510

p *p*

O-li-vei-ra pe-que-ni-na car-re-ga-da d'al-go-dão: quan-do nas-ce-ram os ho-mens nas-ceu to-da a mal-di-ção. Oh

Ri-ta ma-ri-ta-na, tu-a vi-da an-da em ar-ris-co, Oh Ri-ta tu bem o

sa-bes que ha flôr do mal va-ris-co. Que a flôr do mal-va-ris-co re-cor-

ta-da co-mo a tem, Oh Ri-ta tu bem o sa-bes quem a-ma ca-ri-nhos tem.

Recolhida no Alemtejo pelos Ex.^mos Snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victórino d'Almada.

(1) No estribilho o ultimo verso tem variantes; exemplo: *Quem se ausenta logo vem*; ou *Quem se ausenta já não vem.*

OH TUM TUM

TOADA

Á Ex.ma Snr.a D. Camilla Monteiro Magalhães.

Allegretto

511

mf. Ca-ran-gue - - jo não é pei - xe, ca-ran-gue - - jo pei - - xe é; oh tum, tum, va-ni, va - ni, oh tum, tum, va-ni - ró. Eh-ló! 'stá met- ti - - do na so - la - pa, á es - pe - - ra da ma - ré. oh tum, tum, va - ni, va - ni, oh tum, tum, va-ni, ró. Eh - ló!

Recolhida em Faro, no Algarve. Esta toada ribeirinha é antiquissima; e a dançam os marinheiros em fórma de lundum, addiccionando-lhe lettra ou improvisos diversos.

OS PRATOS NA CANTAREIRA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Graça Pinto.

512

Allegretto

f Hei-de m'ir pa-ra o Bra-zil, ca-sar co'u-ma bra-si-lei-ra, hei de me ir pa-ra o Bra-zil ca-sar co'u-ma bra-si-lei-ra, já que não ha n'es-ta ter-ra ra-pa-ri-ga que me quei-ra. Já que não ha n'es-ta ter-ra ra-pa-ri-ga que me quei-ra. Os pra-tos na can-ta-rei-ra, os pra-tos na can-ta-rei-ra sem-pre es-tão tre-lim, tim tim, sem-pre es-tão tre-lim, tim, tim, as-sim é o meu a-mor, ve-nha cá fa-ça fa-vor, quan-do es-tá ao pé de mim, quan-do es-tá ao pé de mim.

con 8a

Recolhida na Figueira da Foz.

MACHADINHA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Rachel Monteiro.

Andante

513

f *p* Cor-ta a ma-cha- di-nha, dei-xa- la cor- tar; *f* ca-sou se o meu bem, dei-xa- lo ca- sar.

Eu queria-te amar,	Corta a machadinha	Deixal-o casar,	Vae de ramo em ramo,
Tua mãe não quer:	Deixal-a cortar;	Vae de roda em roda,	Vae de flor em flor,
Qu'inda não sou homem,	Casou-se o meu bem,	Vae de braço dado	Vae de braço dado
Tu não és mulher.	Deixal-o casar.	Que agora é moda.	Mais o meu amor.

DANÇA. — Roda ou passeio durante a cantiga. No estribilho (requebro): *balancé*, quatro compassos; cadeia, oito compassos; dão o braço, quatro compassos rodando sobre si; trocam os pares, quatro compassos; tornam aos seus pares, rodando sempre, quatro compassos. Toca-se a musica quatro vezes, voltando ao principio com outra qualquer quadra.

SÓ OUÇO BRADAR

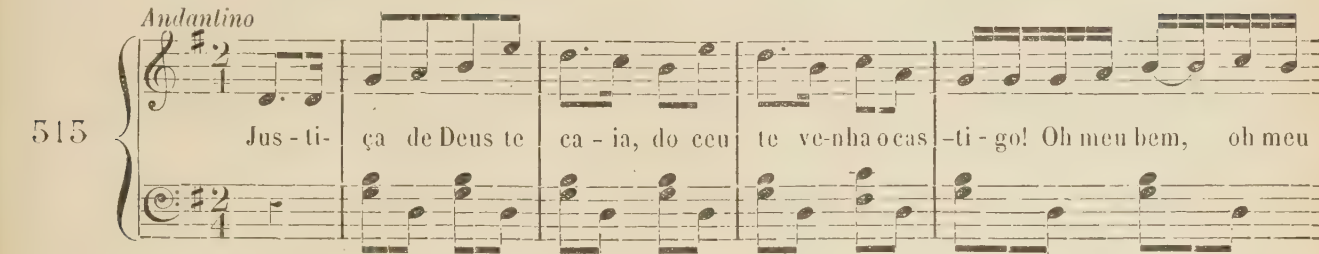
DANÇA

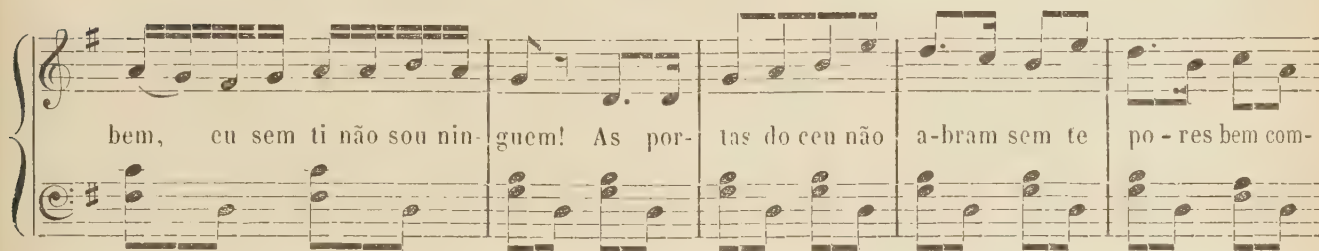
Moderato

514

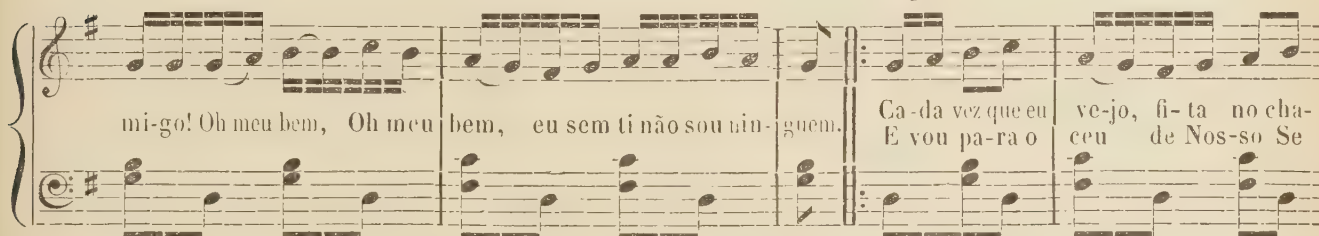
Vo-cê diz que me não quer, Eu dou-lhe to-da a ra- zão, co-mo ha-de vo-cê q'rer a-quil- lo que não lhe dão.

Não ou-ço se-não bra- dar, Não ou-ço se-não di- zer: Estou do- en-te do meu pei-to, lin-do a- mor, de te não ver.

Recolhida em Beja.

AI QUE ELLE LÁ VEM

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Amalia de Souza Pinto.

Andantino

515

ESTRIBILHO

Justiça de Deus te caia,
Do ceu te venha o castigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!
As portas do ceu não abram
Sem te pôres bem commigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!

Cada vez que eu vejo,
Fita no chapeu;
Lembra-me o amor,
E vou para o ceu,

E vou para o ceu
De Nosso Senhor,
Não sejas ingrato,
Não sejas traidor!

Ai que elle la vem,
O meu lindo bem! *bis*

Tenho feito um juramento,
Espero de o não quebrar:
Conservar-me solteirinha,
Emquanto me não casar.

C'um canivete doirado,
Cortei o pé á açucêna;
Amei-te com tanto gôsto,
Deixei-te com tanta pena!

A agua do nosso rio,
Quem na bebe fica ausente;
Bebeu-a o meu amor,
Ausentou-se para sempre.

Eu fui á figueira aos figos
Andei de ramo em ramo;
Fui ao ceu tomar amores,
Que os da terra são engano.

Recolhida na provincia da Beira. Dança. — As damas no centro e os cavalheiros por fóra formam duas rodas que giram em sentido opposto. No estribilho as damas viram-se para os cavalheiros com quem fazem *balancé, e tour de main, demi-rond* á direita e á esquerda; ao dizerem *ai que elle lá vem*, voltam-se para o centro e fazem *tour de main* as damas umas com as outras.

MANUELITO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Aurelia Magalhães.

Andantino

516

No teu sim e no teu não es - tá pen-den -te a mi - nha sor - te: o teu sim me a -lon - ga a vi - da, o teu não me a-pres-sa a mor -te.

ESTRIBILHO

Ma-nue -li - to que tris-te es -tás! ga-nhas tu-do e não ga-nhas na - da. Ai chu-pa, oh la- ré que chu -pa, chu -pa, chu -pa, não chu- pa na - da.

No *teu sim* e no *teu não*,
Está pendente a minha sorte:
O *teu sim* me alonga a vida,
O *teu não* me apressa a morte.

Manuelito que triste estás!
Ganhas tudo e não ganhas nada
Ai chupa, olaré que chupa,
Chupa, chupa, não chupas nada

Meu amor que me deixaste,
Diz-me as razões porquê,
Deixaste-me por ser pobre,
Que riquezas tem você?

O pintasilgo tem pennas,
Cada penna a sua côr:
As penas que a gente apanha,
São sempre penas d'amor.

Boas noites, meu amor,
Já que as tardes foram tristes:
Diz-me como tens passado,
Os dias que me não vistes.

Uma auzencia muito custa,
E' amor p'ra que me entendas:
Foste p'ra mim tão injusta,
Queira Deus não te arrependas.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno.

Dança.—Os cavalheiros em roda exterior, girando, dizem a cantiga e as damas voltadas para elles, no centro, de mãos dadas, acompanham o movimento dos cavalheiros. As damas dizem o estribilho, voltadas para elles batendo palmas a compasso.

PAE JOÃO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Candida Peixoto.

Andante

517

Quan-do iô ta – va na mi-nha te - ra iô cha ma - va ca - pi - tão, che - ga na te - ra dim ba-ranco pu xa en - xa - da Pae Jo- ão.

Le, le, le, la, la, ri, la, la, la, ro. Che-ga na te-ra dim bran-co, pu-xa en xa-da Pae Jo- ão.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco,
Puxa enxada—Pai João.

Quando iô tava na minha tera
Comia muita garinha,
Chega na tera dim baranco,
Cáne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,
Chega na tera dim baranco,
Pega cêto vai ganhá.

Dizafôro dim baranco
Nô si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco—dize quando môre
Jezuchrisso que levou,
E o pretinho quando móre
Foi cachaxa que matou.

Quando baranco vai na venda
Logo dizi tá 'squentáro,
Nosso preto vai na venda,
Acha copo, tá viráro.

Baranco dizi—preto fruta,
Preto fruta co rezão,
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha,
Fruta sacco de fuijão,
Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na correcção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

Esta cantiga era dos pretos, no Brazil, no tempo da escravatura. Foi recolhida em 1870. E' muito conhecida em Portugal.

MARIANNITA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Augusta de Sá e Souza.

518

Ma-rian-ni-ta foi á fon-te, a can-ta-ri-nha que brou; Ah, ah, ai, oh meu lin-do a-mor, Ah, ah, ai, de-li-ca-da flor. Ma-rian-ni-ta não tem cul-pa, cul-pa tem quem a man-dou: Ah, ah, ai, oh meu lin-do a-mor, Ah, ah, ai, de-li-ca-da flor,

D. C.

Mariannita foi á fonte,
A cantarinha quebrou:
Ah, ah, ai, oh meu lindo amor
Ah, ah, ai, delicada flor.
Mariannita não tem culpa,
Culpa tem quem a mandou.
Ah, ah, ai, oh meu lindo amor
Ah, ah, ai, delicada flor.

Mariannita foi á fonte,
Lá fóra, aos Olivaes,
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.
A outra ficou em casa,
Dando suspiros e ais.
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.

Os olhos da Mariannita,
São bonitos, na verdade:
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.
Não são grandes nem pequenos
São muito á minha vontade.
Ah, ah, ai, etc.
Ah, ah, ai, etc.

Recolhtda em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno. Esta musica tambem é aplicada para dança de roda.

CANÇÃO DAS MORENAS

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Carolina Rosa Passos.

Andante

519

Se um di-a, mo-re-na, dés-ses ao sol um o-lhar se-re-no, Se um di-a, mo-re-na, dés-ses ao sol um o-lhar se-re-no, nin-guem sa-be qual dos dois fi-ca-ri-a mais mo-re-no; nin-guem sa-be qual dos do-is fi-ca-ri-a mais mo-re-no.

Se um dia, morena, désses
Ao sol um olhar sereno,
Ninguem sabe qual dos dois
Ficaria mais moreno.

Ninguem ha que não conheça
Das morenas a virtude;
Aos saudaveis adoecem;
Aos doentes dão saude.

Quem mulher morena quer
Tem de passar por cuidados;
Não se apanha uma morena
Com os braços encruzados.

Quem o amor d'uma morena
Passa a vida sem provar,
Vae-se embora d'este mundo
Sem saber o que é amar.

Teem as morenas nos olhos
Um certo fogo homicida,
Que, por cada olhar que dão,
Um anno tiram de vida.

Bemdito seja o sacrario,
E bemdito o altar e a cruz!
Bemditas sejam as mães
Que dão morenas á luz!

Este fado foi recolhido em Avanca pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. de Castro Corte Real.

ATRAZ DAS PULGAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Leonor de Souza Guerreiro.

520

Al-gum di-a eu e-ra va-so de flo-res, a-go-ra es-tou chei-a de pe-nas e do-res. Al-gum di-a eu e-ra va-so d'a-le-gri-a, a-go-ra es-tou chei-a de me-lan-cho-li-a.

Algum dia eu era
Vaso de flores,
Agora estou cheia
De penas e dôres.

Eu atraz das pulgas,
Ellas aos saltinhos;
Ai, que já não posso
Com tantos pulinhos.
Com tantos pulinhos,
Com tanto lidar.
Eu atraz das pulgas,
Ellas a saltar.
Ellas a saltar,
Ellas aos saltinhos;
Ai, que já não posso
Com tantos pulinhos.

Algum dia eu era
Vaso d'alegria,
Agora estou cheia
De melancholia.

Eu atraz das pulgas,
Ellas aos saltinhos,
Não te posso amar
Sem te dar beijinhos.
Sem te dar beijinhos,
Não te posso amar.
Eu atraz das pulgas,
Ellas a saltar.
Ellas a saltar,
Ellas aos saltinhos;
Não te posso amar
Sem te dar beijinhos.

Dança.— Os pares correm uns atraz dos outros alternadamente durante os primeiros dois versos, e, no terceiro e quarto, baila-se, e assim successivamente. Esta dança é geral em todo o paiz com algumas variantes.

Recolhida em Moura pelos Ex.mos Snrs. Soeiro de Brito e V. Almada. Ao entrar no prelo o presente fasciculo, chega-nos a triste noticia do fallecimento do nosso amigo e illustrado major Victorino d'Almada, a quem devemos uma numerosa collecção de canções alemtejanas de colaboração com o Ex.mo Snr. Soeiro de Brito intimo amigo do finado. Paz á sua alma.

PULGAS

DANÇA PULADA

Á Ex.ma Snr.a D. Rachel Helena Monteiro.

Allegretto

521

São tan-tas as pul-gas, não pos-so dor- mir, u- mas a sal- tar, ou- tras a fu- gir.

Vivo encommodado,
Sem poder dormir,
A pegar a pulga
E a pulga a fugir!
E a pulga miudinha,
Dos dentes de marfim,
Na cintura da moça,
Quem me déra ser assim!

Pulga eu te juro,
Te dou testemunha,
Te boto no fogo,
Mesmo com a unha.
Pulga eu te juro,
Protesto vingar-me,
Que tu no meu corpo,
Não has de inflamar-me.

Pulga eu te juro,
Te lançar na mão,
Antes que tu pules
Da cama no chão.
Quatro, cinco noites,
Accendo o lampeão,
P'ra matar a pulga
Dentro do salão.

Esta lettra é brazileira, popularissima no Sérgipe.

OH COMADRE

CANTIGA

522

Co- ma-dre, oh mi-nha co- ma-dre, co- ma-dre do co-ra- ção, Por a- mor de ti co- ma-dre, oh co-ma dre mi-nha, Tra- go a vi da em lei- lão.

Co- ma-dre, oh mi-nha co ma-dre, co- ma-dre oh mi-nha Joan na, Por a- mor de ti co- ma-dre, oh co-ma-dre mi-nha, Pas- so u-ma vi-da ty- ran-na.

Recolhidas no Alemtejo.

ROSA BRANCA

CANTIGA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Francelina Basto.

523

Ro - sa bran - ca vem com mi - go, dei - xa fi - car a ro sei - ra que es ta noi - te cho - ve a - gua, Ro - sa mo-lha - da não chei ra

Ro - sa mo - lha - da não chei - ra, vae di - zel - o ao meu pae que o meu pae é teu a - mi - go, lo - go diz: oh Ro - sa vae,

Ao meu amor, coitadinho,
Já lhe dei o desengano:
Que me não chegasse á porta
Senão uma vez no anno.

Rosa branca vem commigo,
Deixa ficar a roseira,
Que esta noite chove agua,
Rosa molhada não cheira.

Rosa molhada não cheira,
Vae dizel-o ao meu pae,
Que o meu pae é teu amigo,
Logo diz: Oh Rosa vae.

Esta mnsíca é aplicada para dança de roda, e n'este caso canta-se primeiro uma desgarrada e depois o estribilho que vae na musica.

OLHA A NOIVA

DANÇA DE RODA

524

O - lha a noi - va que es - tá tris - te, que es - tá tris - te, que tem el - la? Ai dei - xa o pae, dei - xa a mãe, dei - xa o es - ta - do de don - zel - la.

Recolhidas no Alemtejo.

A MIRANDEZA

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Carvalho.

INTRODUCÇÃO

Andante moderato

525

f

Andante

Imite a Gaita de folle

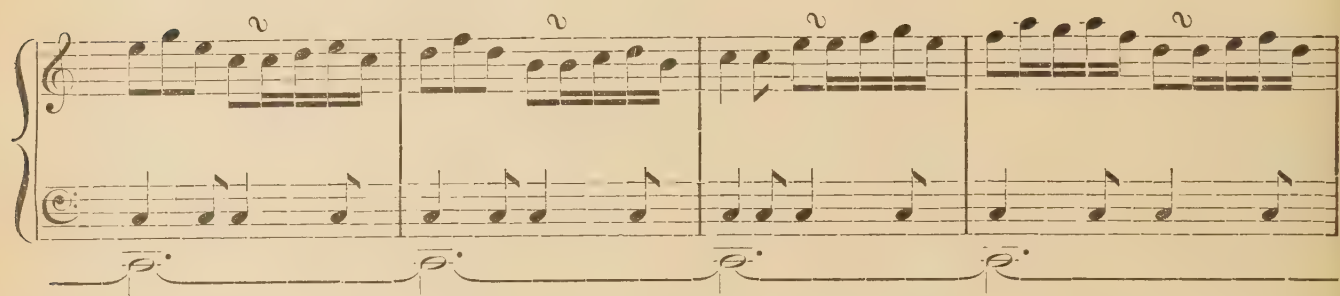
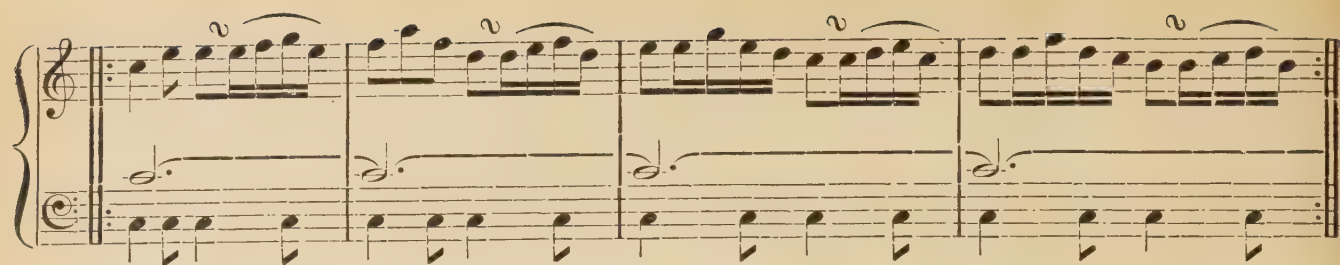
a 8a sempre ligada

tr

tr

tr

tr

tr

A car - ta que me man - das - te a - bri - a com pou - co

harmonico p

gei- to, tra - zia o teu co - ra - ção, ca - hiu - me den-tro do peito.

f

Gaita de folle

8ª sempre firme

Esta chula pastoril, propria da Gaita de folle, é tambem acompanhada por clarinetes, requinta, flauta, tibia, rebeca, tambor e castanholas; muitas vezes substitue-se este instrumental por um *Harmonico*.

AVE-MARIA

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Gracinda Basto.

Andante

526

A - ve Ma- ri - a chei-a de gra - ça o Se - nhor é com - vos - co, bem-di-ta sois vós en-tre as mu - lhe - res bem-di-to é o fru - cto do vos - so ven - tre Je - sus.

San - ta Ma- ri - a Mãe de De - - us ro-gae por nós pec - ca - do - res a - - go - ra e na ho - ra da nos-sa mor - te, a-men Je- sus.

Recolhido este côro popular pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. C. Côrte Real, em 1892, no Pinheiro da Bemposta (Oliveira d'Azemeis) e em 1896 na egreja de Mouriz (Paredes).

MATAR A ZORRA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Dionizia da Silva Porto.

Andantino

527

O - li - vei ra re - cor - ta - da sem pre pa re-ce o - li - vei - ra, mu-

lher bo-ni - ta ca - sa - da, sem- pre pa re-ce sol - tei - ra. Va -

mos a ma-tar a zor - ra com a - bra ços e bei - ji - nhos; el - la fu-giu aos sal-

ti - nhos, fu- giu por-que ti - nha me - do, fo - ram-n'a a-gar-rar só -

si-nha, oh re-gô-gô- gô, oh re-gô - gô- gô; de- bai - xo do ar - vo- re - do.

AS FREIRAS DE SANTA CLARA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Alexandrina de Lemos.

Andante

528

As frei-ras de san-ta Cla-ra, san-ta Cla-ra, san-ta Cla-ra, quan-do vão re-zar ao co-ro, quan-do vão re-zar ao co-ro:
Di-zem u-mas pa-ra as ou-tras, pa-ra as ou-tras, pa-ra as ou-tras, quem de-ra ter um na-mo-ro, quem de-ra ter um na-mo-ro.

f Ce-bo-lo-rio! ce-bo-lo-rio! ce-bo-lo-rio! ce-bo-lo-rio! ba-ca-lhau co-zi-do, ba-ca-lhau as-sa-do, mui-to bem ba-ti-do com seu den-te d'a-lho.

Re-si-na p'ra cu-rar cal-los o-ra pro no-bis.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão rezar ao côro,
Dizem umas para as outras:
Quem dera ter um namoro.
Cebolorio, cebolorio!
Bacalhau cosido,
Bacalhau assado,
Muito bem batido
Com seu dente d'alho.
Resina p'ra curar callos,
Ora pro nobis.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão rezar matinas,
Dizem umas para as outras:
Quem nos dera amar, meninas.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão ouvir a missa,
Dizem umas para as outras:
P'ra rezar tenho perguiça.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Andam n'uma roda viva,
Ora no côro de baixo,
Ora no côro de riba.
Cebolorio, etc.

As freiras de Santa Clara,
Todas têm o seu cãosinho;
Ai que grande estimação
Ellas dão ao seu bichinho.
Cebolorio, etc.

Esta cantiga deve ser coeva dos conventos; porém ainda está muito conservada na memoria popular e d'ella ha algumas variantes, com lettra demasiado livre.

FADO POSTHUMO DO HYLARIO

Á Ex.^ma Snr.^a D. Emilia Rozinda Proença.

Andante

529

Lin- das noi - tes de lu- ar! Os so-nhos vão-se for - man-do; e as

al - mas das ra - pa- ri - gas ba- tem as a-zas can- tan - do. E as

al - mas das ra - pa - ri - gas ba - tem as a-zas can- tan - do.

Oh luar, se tu pudesses,
Ao partir na extrema-uncção,
Levar-me todas as maguas
Que eu tenho no coração!...

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Choram, riem... quantas ancias,
Quantos amores em fumo;
Quantas estrellas perdidas,
Quantas chimeras sem rumo!

Oh lua, tu que és um balsamo,
Tu, que as penas arrefeces,
Se me levasses n'um raio,
Oh lua, se tu podesses!

Branda cassa, —da saudade
O mais doce coadoiro,—
Extranho globo de sonho,
Mixto da prata e do oiro.

Vê se me levas comtigo,
No teu meigo, aereo manto!
Sinto a alma tão cançada,
E as penas pezam-me tanto!

Sinto a alma tão cançada!
Não sei que vozes me dizem
Que talvez, lá nos teus mundos,
As minhas penas suavisem.

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Lua, lua, que mysterio,
Que immensa consolação,
Não dá teu saudoso manto,
A's maguas do coração!

Essas malhas feiticeiras,
Que os teus dedos, lua, tecem,
Quantas penas não embalam,
Quantas maguas adormecem!

Lua dos tristes, fada errante,
Que extranho filtro derramas
Que saudades tu me acordas,
Com que amor que tu me chamas!

Passa um fremito nas veigas,
Passa um fremito nos montes,
Soluçam rolas, voando,
Por sobre invisiveis pontes...

Sonham, tremendo, as olaias...
Lindas noites de luar!
E as almas das raparigas
Choram, riem, a sonhar...

Abre, em sonhos, a minh'alma,
Toda em extasi perdida;
Desentranham-se mysterios,
A's horas mortas da vida.

Oh lua, tu que és um balsamo,
Tu, que as penas arrefeces,
Se me levasses n'um raio,
Oh lua, se tu podesses!

Este fado foi recolhido em Sinfães pelo Ex.^mo Snr. Dr. M. M. Castro Côrte Real, que nol-o enviou com a seguinte nota: «*Fado do Hylario* (ultimo). O fado que vem no Cancioneiro com a designação de ultimo é anterior a este. Este é que é geralmente conhecido pelo ultimo; sempre assim o ouvi designar aos estudantes coevos do grande bohemio.» A lettra é do Ex.^mo Snr. Luiz Osorio. A primeira estrophe que que vae na musica canta-se tambem no fim.

AOS BRINDES

CORO ORPHEONICO

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Ferreira Silves.

Moderato

530

Oh bons a - mi - gos co'os brin-des fei - tos, oh bons a - mi - gos co'os brin - des fei - tos,
Rei-ne a al - e - gri - a, rei-ne a a - le - gri - a, rei - ne a a - le - gri - a em nos - sos pi - - - - tos.
O pri-mei - ro co - po que fôr be- bi - do,
N'um to - que se - ja, n'um to - que se - ja, n'um to - que se - ja em dois par- ti - - - - do.

Foi costume antigo e ainda hoje se usa em algumas reuniões d'amigos, depois de jantares festivos, improvisarem-se coros alegres, de que a presente musica é um specimen vulgar.

MULATINHA DO CAROÇO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia da Conceição Faria Guimarães.

Andante

531

f

p

Eu gos-to da côr mo - re-na, sem-pre a-me - na,

que mi-mo-sa me ar-re- ba - - ta; es - - sa côr é tão fa -

cei-ra, fei - ti-cei - ra, mu - - la - ti-nha que me ma - ta.

Este lundum, popularissimo em Portugal, é brazileiro e a musica é arranjo de J. J. Arvellos. Varios poetas brazileiros escreveram outras poesias para esta musica, das quaes damos duas a *Clara* e a *Mulatinha*.

MULATINHA DO CAROÇO

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebata;
Essa cor é tão faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata!

Eu gosto dos olhos d'ella,
Ai! quando ella
Para mim os quer volver;
Esses olhos luminosos,
Tão formosos,
Dizem—sim—até morrer!

Não gosto da côr do lyrio,
Que delirio
Me causa já de repente;
Nem tambem da côr noturna,
Que da furna
O lethargo traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa côr assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãe Benta.

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão;
Mette, mette a aguilhoada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
Do teu grato camapheu;
Dar-te-hei o que quizeres,
Se o fizeres...
Meu amor do teu nasceu.

E assim, por essa côr
Do meu amor,
Me derreto, me espatifo;
Tenho febres, tenho frios,
Calefrios,
Tenho gosma, tenho typho!

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
O que trago em minha mente,
Nos meus braços, meus cuidados...
Oh! peccados!...
Vai-te embora que vem gente!

A CLARA

Todos fallam com paixão,
E tem razão,
Da morena e linda côr;
Mas tambem a côr que é clara
Não é rara,
Tem encantos, tem amor.

A que é clara e bem rosada,
Idolatrada,
Tem denguices... tem carinhos;
Seus encantos sempre exaltam,
Arrebatam
Seus feitiços mimosinhos.

Eu por ella dou a vida
Tão qnerida,
Meu amor, meu coração;
A que é clara e tão mimosa,
Melindrosa,
Faz-me perder a razão!

Linda côr de casta alvura,
Que tão pura,
Tem dos anjos semelhança;
Se as faces lhe cobre o pejo,
Que desejo
Alimenta minha esp'rança!

A que é clara e bonitinha,
Jovenzinha,
Tem de archanjo a perfeição;
A morena não é tanto
No encanto,
Cá na minha opinião.

Mas se acaso eu me enganei
Ou errei
No que digo com razão,
Moças claras e morenas,
Sempre amenas...
A vós eu peço perdão.

A MULATINHA

A mulatinha é garbosa
E dengosa
Nos requebros que ella tem,
No andar é tão ligeira
E faceira,
Oh! quanto lhe assenta bem!

A sua côr é tão bella,
Tão singela,
E por isso mais amada;
Não fallecia a natureza.
P'ra belleza
Basta sua côr presada.

Em seus olhos a ternura
Tem doçura
Que só descrevem amor,
Tem o alvor da innocencia
Que a decencia
No volver deu-lhe pudor.

Sua falla tem encantos
Que a tantos
Não póde a branca egualar;
Ella sabe ser constante
Ao amante
Sem o saber enganar.

Seus pesinhos delicados
Bem formados,
Dão pulinhos no pisar,
Vai calcando os corações,
(Tentações)
Quem póde vêr sem a amar?

A mulatinha é garbosa
E dengosa,
Tem affectos para mim!
Este dote de candura
E ventura
Foi Deus quem o deu assim...

O MARINHEIRO

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joanna de Sá.

Andante

532

Pa- ra a-dor-me-cer no ri - o, jun - to aos pés d'u-ma ci da - de, não foi fei - to o meu na vi - o que zom-ba da tem -pes - ta - de, Le - va as an - co ras, des - ter-ra,lar-ga,lar-ga,dei-xa a ter-ra, i-ça lon-gos sem pa -rar, fó-ra so-bros e cu- tel-los, u-ma ta-lha aos andri- vel - los! a an-co - ra to-da a bei- jar. u - ma ta - lha aos an - dri- vel - los, a an-co - ra to da a bei- jar.

O MARINHEIRO

Para adormecer no rio
Junto aos pés d'uma cidade
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga! larga! deixa a terra!
Iça longos sem parar!
Fóra sôbros e cutellos!
Uma talha aos andrebellos!
A ancora toda a beijar!

Larga essas vellas de prôa,
Gavia grande e todo o panno:
Meu navio é uma corôa
Na fronte do Oceano!
Eu sou rei, e aqui domino;
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre o meu norte.
Que m'importa o meu paiz?!

Onde nasci não o digo,
Porque não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto.
Só tive contentamento
Quando ouvi a voz do vento
Nas gavias a sibillar:
Quando, sem medo do p'rigo,
Tendo as nuvens por abrigo,
Achei consôlo em chorar.

E chorei, ouvindo as pragas
De meus rudes companheiros:
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu pasmava, contemplava,
E a vista me fascinava
O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Os meus braços estendia
P'ra a curva do horisonte!
Sempre de pé na coberta,
Vendo a aboboda deserta,
Adivinhava o tufão!
D'olhos no tope dos mastros
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem primeiro
Que d'homem tivera a idade:
A escola do marinheiro
Tem por mestre a tempestade.
Oh do leme, encontro! arriba!
Folga a bujarrona e giba!
Olha as bolinas de ré?
Caça gavias e traquete,
Ala o velacho e o joanete,
Vá de largo, bate o pé!

Temos vento les-nordeste!
Já vae o cabo dobrado!
Faz proa de sudoeste!
Aguenta o leme... cuidado!..
Passa a talha na retranca!
Olha a escôta... volta franca!
Arria mais devagar!...
Volta! volta! sete e meia...
O vento não escasseia...
Corre assim que é bom andar.

Meu paiz são estes mares;
Meus campos estes banzeiros;
Este navio os meus lares;
Minha familia os pampeiros.
Diz-me a voz do cataclysmo,
Que dormirei n'este abysmo
Nos echos do temporal,
Envolvido n'estas velas
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal.

Se os outros não acham furo
A' vida que em terra tem:
No temporal o mais duro,
Dentro de ti estou bem.
Sopra o vento, ronca a morte,
Nada temo á minha sorte
Nem te vou desamparar!
Embora cresça o perigo,
Não importa! Irás commigo
Dormir no fundo do mar.

TROVAS E DANÇAS

N.º 1

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Valentina dos Santos Silva.

Tempo de valsa

533

dolce

p

Tens uns o - lhos tão fa - guei - ros

é tão do - ce o teu o - lhar,

que - ro - te rou - bar um

bei - - jo só p'ra te fa - zer co - rar.

D. C.

Estas *Trovas e danças* foram recolhidas em S. Pedro do Sul por occasião da estada de S. M. a Rainha D. Amelia n'aquella localidade, em 1896.

TROVAS E DANÇAS

N.º 2

Á Ex.ma Snr.a D. Aurora de Souza Pereira.

Allegretto (da 2.ª vez com 8ª)

534

f

UMA VOZ

Vin-de, vin - de, oh me-

ni - nas, com pra - zer e a - le- gri - a, can- tae, dan-çae, bai- la - e, a -

té ao rom-per do di - a.

CORO

Vin-de, vin - de, oh me- ni - nas, com pra-zer e a - le -

gri - a, can- tae, dan çae, bai- lae, a - té ao rom-per do di - a.

D. C.

CAÇADOR ATIRA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Olga de Freitas.

Tempo de valsa

535

A - ti - ra, ca - ça dor, a - ti - ra, fa - re - mos u-ma ca-
ça - da; Is - to são ga - lu chos no - vos, a - ti-ram mas não ma-tam na - da.

MOLEIRINHO

DANÇA DE RODA

Tempo de mazurka

556

O meu co - ra-ção pal- pi - ta, o pal- pi - tar é se- gre - do; hei de vir a ser fe - liz, com - ti - go ou tar-de ou ce - do.
O meu a - mor é mo- lei - ro, é mo- lei - ro, mo lei- ri - nho: es - ta noi - te dor - miu el - le en - cos- ta - di-nho ao mo- i - nho.

Altos pinheiros ramudos
Que dão pinhas e pinhões;
Deante da tua vista
Faço render corações.

Agora é que eu vou entrando
Na rua da formosura:
Aqui não ha que escolher,
Cada qual namora a sua.

A' luz d'aquella candeia
Se arranjou meu *casamolho,*
Oh candeia não te apagues,
Que o noivo é torto d'um olho.

Recolhidas no Alemtejo.

A MORTE DE D. PEDRO V

ELEGIA

Á Ex.ma Snr.a D. Branca de Miranda.

Moderato

537

Por-tu-gue-zes bo-tae lu-cto Por-tu-gal es-tá to-do tris-te mor-reu o nos-so mo-nar-cha Pe-dro quin-to já não e-xis-te. Cho-rae po-bres, cho-rae no-bres, Dom Pe-dro quin-to mor-reu, Rei mais a-mi-go do po-vo nun-ca o mun-do co-nhe-ceu.

A lettra d'esta canção, que tinha muitas estrophes, não a podemos ainda recolher toda; n'ella se narravam as virtudes do monarcha e os successos mais importantes do seu reinado. Nunca a perda de outro rei feriu tão dolorosamente o coração do povo como a de D. Pedro V. Entre as manifestações de sentimento que expluiam expontaneas, desde as cidades mais populosas até ás aldeias mais sertanejas, appareceu esta canção que os cegos ambulantes cantavam por todo o paiz, desde os centros populosos das cidades até ás quebradas das serras, sempre rodeados d'um auditorio lacrimoso.

SALVE RAINHA

CANTICO

Á Ex.ma Snr.a D. Celestina de Sá Coimbra.

Andante

538

Sal - ve Ra - i - nha, Mãe de mi-seri- cor - di - a,

Vi - da, do - çu - - ra, es - peran-ça nos - sa, sal - ve.

A vós bra - da - mos os de-gre-da-dos fi-lhos d'E - va.

a Vós sus - pi - ra - mos, ge-men-do e cho- ran-do n'es-te vall' de

la - gri- mas, Ei - a pois advo- ga - da nos - - sa,

es-ses vos - sos | o - lhos mi - se-ri-cor - | dio - sos a | nós vol - | vei

e de-pois d'es-te des- | ter - ro nos mos- | trae a Je - | sus. | Bem - di - to o

fru - cto | do vos - so | ven - tre | Oh cle- | men - te, oh | pie-do-sa, oh | do -

ce sem-pre | Vir - gem Ma | ri - a ro - | gae por | nós | San-ta Mãe de

De - | us, p'ra que se-ja - mos | di - | gnos das pro-mes-sas de | Chris - to. A - | men.

Recolhido na ilha de S. Jorge pelo Rev.mo Snr. P.e Cunha. O canto está na parte do basso. Diz-nos o illustre sacerdote que este cantico é uma reminiscencia do Responso de Santo Antonio escripto em cantochão figurado.

TROVAS E DANÇAS

N.º 4

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Pinheiro.

Andante

540

Sai - ha - mos d'a - qui to - - dos, to - dos de bra - ços da - - dos; e va - mos ao chou - pal pas - sei - o dos na - mo - ra - dos.

Põe-te, sol, põe-te, sol,
Deixa vir a noite feia,
Descanço p'ra quem trabalha
Regalo p'ra quem passeia.

Hei de amar-te de noite,
Já que de dia não posso,
De dia sirvo a meu amo,
A' noite um criado vosso.

Meu amor, vem-me a vêr,
Não tenhas medo á montanha,
Tantas vezes virás só,
Até que leves companha.

Aperta-me a minha mão,
Até que diga—deixa já;
Quem mais aperta mais quer,
Quem mais quer mais firme está.

Aperta-me a minha mão,
Que é um signal encoberto,
Antes que o mundo murmure,
Ninguem o sabe de certo.

Adeus, que me vou embora,
P'r'a terra das andorinhas,
Mette cartas no correio
Se quer's saber novas minhas.

Adeus, que me vou embora,
Faço uma declaração,
Um joven de capa e gorro
Foi a minha perdição.

As saudades são seccuras,
Eu seccuras não as tenho,
Se é por mim que tu procuras,
Eu por ti é que aqui venho.

Eu prendi o sol á lua,
E a lua ao astro real,
Prendo a minh'alma á tua
Com cadeias de cristal.

A DHALIA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Sophia Alvim Azuaga.

Andante

541

Dei - xa, Dha - li - a, flor mi - mo - sa, Dei - xa, Dha - li - a, flor mi -
Tu - a i - ma - gem res-pei - to - sa, tu - a i - ma - gem res - pei-

mo - sa, os - ten - tar tu - a bel - le - za, os - ten - tar tu - a bel-
to - sa, é o em- ble - ma da tris- te - za, é o em - ble - ma ds tris-

le - za,
te - za.

Nas ro xas fo - lhas tens o pa drão, nas ro-xas fo - lhas tens o pa -

drão de quan-to sof - fre meu co ra- ção, de quan-to sof - fre meu co-ra ção.

D. C.

Deixa, dhalia, flor mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza

Nas rôxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma em zelos aceza,
Flor que assim paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas rôxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Comquanto esta canção seja muito conhecida em Portugal, parece que a sua origem é brazileira.

FADO LEANDRO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria d'Almeida.

Andante

542

Eu fui no do-min-go á mis - sa, Deus me quei - ra per-do- ar, Eu fui no do min-go á mis - sa, Deus me quei - ra per - do- ar; o - lha -va mais pa - ra ti do que o-lha-va p'ra o al- tar. o - lha - va mais pa - ra ti do que o-lha-va p'ra o al- tar.

Quem quer vêr um infeliz
Que no triste mundo nasceu?
Para penas está vivo,
Para venturas morreu.

Quem quer vêr um infeliz
Que nasceu ao pé da faia?
Não ha desgraça no mundo
Que n'este infeliz não caia.

Quando eu nasci chorava,
Chorava de ter nascido,
Parece que adivinhava
Que o mundo estava perdido.

Tenho mandado fazer,
Que não posso fazer tudo
Um cofre de paciencia
Para viver n'este mundo.

O cantar é dom dos anjos,
O dançar dos variados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

Fui-me confessar ao Carmo,
Confessei que andava amando;
Deram-me de penitencia
Que fosse continuando.

Se não queres vêr o rosto
Do infeliz que te adora,
Ingrata, quando eu passar
Fecha a porta, vae-te embora

Se fossem pedras as lagrimas
Que eu por ti tenho chorado,
Já eu tinha a casa cheia
De pedras 'té ao telhado.

Linda flor é a perpetua,
Colhida de madrugada,
Sempre parece solteira
A mulher que é bem casada.

Recolhido em Sinfães, em 1896, pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Castro Corte Real. O author chama-se Leandro, musico ambulante, que acompanha um cego.

A BOTICA É BOA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Amelia de Castro.

Andante

543

Oh a-mor, a-mor, que pa-la-vra des-te; Oh a-mor, a-mor, que pa-la-vra des-te; que ha-vias de vir mas nun-ca vi-es-te.

con 8a

A bo-ti-ca é bo-a, *mai-lo* bo-ti-ca-ri-o; Can-ta o pin-ta-sil-go res-pon-de o ca-na-rio.

Por cima se aceifa o trigo,
Por baixo fica o restolho.
Quem namora sempre alcança
Uma piscadella d'olho.

Permitta o ceu que eu te veja
Na praça dando mil ais,
Com seis mil filhos de roda!
Cada filho de seu pae.

Os cravos do meu craveiro
São regados com vinagre.
O que eu passo a teu respeito,
Só o Deus dos ceus o sabe.

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha direita!
Que linda sombra que faz,
Que lindo cheiro que deita!

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha canhóta!
Que linda sombra que faz,
Que lindo cheiro que bóta!

Quem disser que o preto é triste
Hei-de-lhe dizer que mente.
Eu tenho dois olhos pretos
Alegres p'ra toda a gente.

Recolhida no Alemtejo.

O ANTONIO GERALDO

AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Laura dos Santos Godinho.

Andante

544

Seu An-to-nio Ge - ral-do, As-sim me - mo é, o seu boi mor reu, As - sim me - mo é, qu'ha de se fa - zer? as -sim mê - mo é, é ti-rar o cou-ro, as-sim mê-mo é.

Seu Antonho Geraldo, (1)
  Assim mêmo é; (2)
O seu boi morreu,
  Assim mêmo é;
Qu'ha de se fazer?
  Assim mêmo é;
E' tirar o couro
  Assim mêmo é;
P'ra siá (3) M haela,
  Assim mêmo é...
E Brisda (4) Amarella;
  Assim mêmo é.
Vou fazer um peso
  Assim mêmo é,
Para amigos meus,
  Assim mêmo é. (5)
Para Wenceslau
E José Matheus.

Nosso corredor
E' do professor,
Saiba repartir
Com *seu* promotor.
Eu peguei nos rins,
Me esqueci da banha!
São p'ra Manoel Ivo
E Chico Piranha.
A *chan* de dentro,
E' de *seu* João Bento,
A *chan* de fóra
De Domingos da Hora.
Mocotó da mão
E' de Manoel Romão;
Mocotó do pé
E' do padre José;
A passarinha (6)
E' de *siá* Nauzinha,

Saiba repartir
Com Tia Anna Pibinha.
O *figo* (7) do Boi
Foi p'ra *sarandage,* (8)
O resto que ficou
Foi p'ra priquitage. (9)
Siá Nenén abra a porta
Com sentido nos pratos,
Que a gente é muita
P'ra comprar o fato.
A tripa gaiteira
E' de Maria Vieira,
A tripa mais grossa
De Chico da Rocha.
O menino Esculapio
E' menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido. (10)

(1) Por *Senhor Antonio Geraldo,* homem inculto da cidade da Estancia (em Sergipe) é o heroe d'esta rhapsodia. (2) Mesmo é. (3) Por Sinhá ou Senhora. (4) Por Brigida. (5) A cada verso repete-se sempre este estribilho. (6) O baço. (7) Figado. (8) A canalha. (9) Chama-se assim a familia de uns ferreiros que existem no Lagarto, especies de ciganos, de que depois os filhos vão herdando o mesmo officio. Seu maioral nos ultimos cincoenta annos é o *Evaristo-Boi*, varão popular n'aquellas paragens. (10) N'este gosto vai-se dividindo o boi, dando a cada um o seu pedaço, tudo isto debaixo de muita pilheria e gargalhadas.
Recolhido pelo Ex.mo Snr. Silvio Romero em Sergipe (Brazil).

COMPADRE LEANDRO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria d'Assumpção Graça.

Andante

545

Eu hei de ir ao se - mi na - rio p'ra ti - rar a cer - ti dão;

E p'ra ver se lá en - con - tro u - ma ro-sa in-da em bo -tão.

O com-pa - dre Le - o - nar - do foi fa - zer um con - vi - da - do,
Le- vou o vi-nho a-ba- fa - do foi o que eu ou - vi di- zer.

pa - ra co - mer o chou - ri - ço le - vou o vi-nho a-ba- fa - do.
vae de ro - da tro - ca o par, as-sim não me ve - nhas ver.

Eu hei-de ir ao Seminario
P'ra tirar a certidão
E p'ra vêr se lá encontro
Uma rosa inda em botão.

O compadre Leonardo
Foi fazer um convidado,
Para comer o chouriço
Levou o vinho abafado.

Levou o vinho abafado
Foi o que eu ouvi dizer:
Vae de roda troca o par,
Assim não me venhas vêr.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Eu ausente de meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim.

Lá no ceu está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Meu amor, que estás tão longe,
Auzenta-te e vem-me vêr:
Olha que as vidas são curtas,
Pode algum de nós morrer.

Oh sete-estrello que andaes
De noite n'essas alturas,
Dae-me novas de meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

Quem me dera saber lêr,
Prenda que tanto gostava,
Para saber ler as novas
Que o meu amor me mandava.

Recolhida em S. Pedro do Sul, em 1896.

SENHORA PRETA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Avelina Candida Vianna.

Andante

546

A' minha por-ta es-tá lou-ro, á tua es-tá um lou-rei-ro, Quan-do fal-la-res dos ma-is o-lha pa-ra ti pri-mei-ro.

ESTRIBILHO

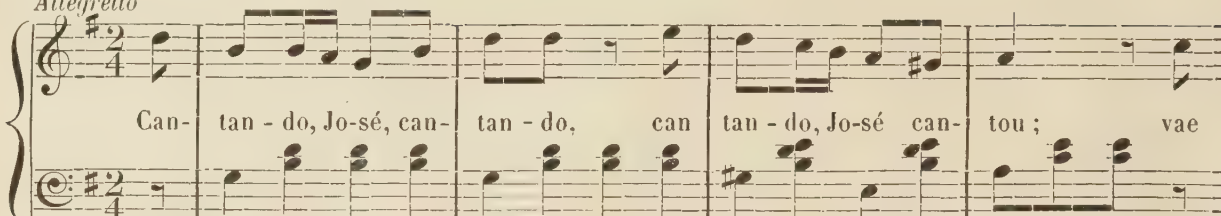
Ve-nha cá, se-nho-ra pre-ta, Po-nha a con-des-sa no chão; Se não ti-nha que ven-der. P'ra que dei-tou seu pre-gão?

8a

D. C.

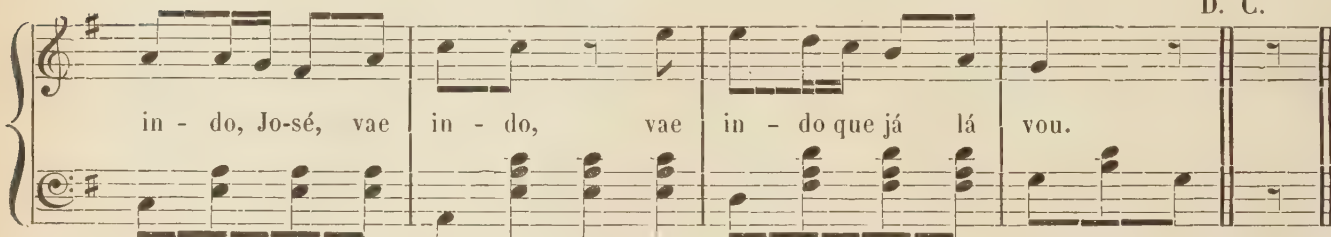
A' minha porta está louro,
A' tua está um loureiro;
Quando fallares dos mais,
Olha para ti primeiro.

Venha cá senhora preta
Ponha a condessa no chão,
Se não tinha que vender,
P'ra que deitou seu pregão.

O' pedra da pederneira,
Deita cá uma faisca.
Quem tem o amor defronte
Sempre co'os olhos petisca.

Venha cá senhora preta
Ponha a condessa no chão,
Não dissesse que vendia
O seu terno coração.

Recolhida no Alemtejo; deve ser antiga. No estribilho tinha mais algumas variantes.

CANTANDO, JOSÉ...

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Bertha do Rosario Vieira.

Allegretto

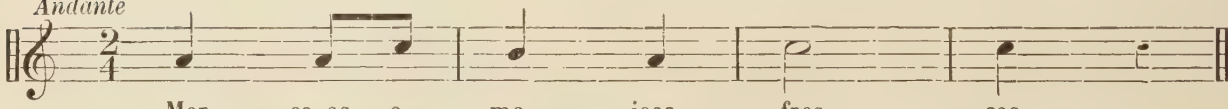
547

Can- tan - do, Jo-sé, can- tan - do, can tan - do, Jo-sé can- tou; vae in - do, Jo-sé, vae in - do, vae in - do que já lá vou.

D. C.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pó;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha avó.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pão;
Não passes á minha porta,
Que me ralha o meu irmão.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem tudo;
Não passes á minha porta
Na occasião do entrudo.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem, tem;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha mãe!

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha faz bolos;
Não passes á minha porta
Que já nos chamaram tolos.

Cantando, José, cantando,
Cantando, José, cantou,
Vae indo, Jose, vae indo,
Vae indo, José, lá vou.

APREGOADOS CLASSICOS

N.º 8

Andante

548

Mer - ca as a - me - - joas fres - - - cas.

N.º 9

Andante

549

Quer a - zei - - to - na.

N.º 10

Andante

550

Quem mer-ca um va - - so de flo - - - - res.

OH SENHOR DA RODA

JOGO

Á Ex.ma Snr.ª D. Leontina Pinto de Lemos.

Andante

551

Oh meu lin-do a mor, eu que - ro - te mais oh meu lin-do a-mor eu que - ro - te mais do que á flor da mur - ta lá dos O - li va - es. Oh Se - nhor da ro - - - da an - de li - gei-ri - nho, não quei - ra fi - car no mei - o só - si - nho.

Os teus lindos olhos
São irmãos dos meus;
Não lhes dou quebranto...
Digo: «benza-os Deus!»

Saudade e amor
Deve haver só uma,
Em havendo duas
Não presta nenhuma.

Quando eu não tinha
De ninguem lembrança,
Vivia no mundo
Com mais segurança.

Quando meu bem esteve
Preso na cadeia,
Lagrimas com pão
Era a minha ceia.

Quando eu não tinha
Comtigo ventura,
O dia p'ra mim
Era a noite escura.

Quando eu não tinha
Nada p'ra te dar,
Logo tu pozeste
Outra em meu lugar.

Recolhida no Alemtejo.

Dança. — Primeiro roda com um cavalheiro no centro. No estribilho os cavalheiros vão abraçando as damas a seguir, e o que está no meio mette-se á roda, e o que ficar sem par vae para o meio.

A SAIA BALÃO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Gracinda dos Anjos Mendes.

Andante

552

Lá nas | mar-gens já não ha bu- | í - nho, Nem p'ra | es - tei-ra d'um mal- sol- | tez, da - do, Já a le- | va-ram as hes-pa-nho - las | to - das p'ra fa - | zer um ba-lão in - ar - | glez. ma - do.

Recolhida em Beja. Parece datar de ha quarenta annos aproximadamente.

SÃO PALMAS

CANTIGA

Allegro

553

An - | da cá, meu | bem, pa - | ra mim cor - | ren - do, dá - | me a tu - a | mão que é | o que eu pre - | ten - do. | São Sa - | pal - mas, são hiu da ca - | pal - mas ba- de - ia, sa- | ti - das na a - hiu da pri - | rei - a, já são, são | o Ga - ri - pal - mas, são | bal - di sa - pal - mas ba - | hiu da ca - ti - das co'a | dei - a. mão.

Recolhida no Alemtejo.

Dança. — Primeiro roda. Na palavra Palmas batem-se as mãos. Os pares estão parados nos primeiros dous versos; depois cadeia em passo cadenciado, voltando a bater as palmas com o seu par. Em seguida mudam de par.

OH PALMAS

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Camilla de Freitas Soares.

554

Tempo de valsa

Eu fui a que dis - se, pe - lo meu pen - sar, quem me a mim faz u - ma ha de m'a pa - gar. Oh pal - mas, oh pal - mas, oh pal - mas ba - ti - das, is - to não são pal - mas são glo - rias da vi - da.

D. C.

A MINHA LAVADEIRA

DANÇA DE RODA

555

Andante

O meu pei-to é u-ma ar - vo-re on-de se en-xer-ta o a - mor, quem vem tar-de le - va a ra - ma, quem vem ce - do le - va a flor.

Já mor-reu quem me la- va - va, mi-nha bel-la la - va - dei - ra, fa - zi - a a rou-pa de ne - ve n'a - quel- la fres-ca ri - bei - - ra.

Recolhida em Vimieiro, em 1850.

O PADRESINHO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julieta Pessanha.

Andantino

556

O la- drão do pa dre-si- - nho deu a - go-ra em na-mo-ra - dor,

pa dre, vo-cê vá-se em- bo-ra Que eu não que - ro o seu a - mor. O a-

mor não é seu é de Ra-pha-el; Ra-pha - el quan-do fôr é de quem qui-zer. Vou cri-

ar mi-nhas rai-vas com meus ca-lundus, p'ra fa - zer as coi-si-nhas que eu qui-zer,

Ai! me lar-gue o ba-ba-do! Ai me lar-gue o di-a-cho, que dia-cho de pa-dre ai! meu De-us que dia-cho de pa-dre meu san-to An-to-nio.

D. C.

O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador;
Padre, você vá-se embora,
Que eu não quero o seu amor.
O amor não é seu
E' de Raphael;
Raphael quando fôr
E' de quem quizer...
Vou criar minhas raivas
Com meus calundús, (1)
P'ra fazer as coisinhas
Que eu bem quizer...
Ai! me largue o babado!
Ai! me largue, *diacho,* (2)
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus!
Que diacho de padre,
Meu Santo Antonio!...

O padre já estava orando,
Quando a *mulata* chegou;
Veio dizer lá de dentro:
—Eu sou seu venerador.
O amor não é seu, etc.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belem,
Em vez de dizer *Oremus*,
Chamou Maricas—*Meu bem!*...
O amor não é seu, etc.

Eu perguntei ao padre:
Porque deu em meu irmão?
—Com saudade das morenas
Não quero ser padre, não.
O amor não é seu, etc.

Esta musica é brazileira. Recolhida pelo Ex.mo Snr. Sylvio Romero em Sergipe. Ha diversas variantes.
(1) Zangas, aborrecimentos, effeitos de *flato*.
(2) Transformação de diabo.

FADO DE TANCOS

Á Ex.ma Snr.a D. Corina d'Oliveira.

Andante

557

f Ve-jo mar e ve-jo ter-ra, ve-jo es-pa-das a lu-zir, ve-jo o mar e ve-jo ter-ra, ve-jo es pa-das a lu-zir; Te-nho o meu a-mor na guer-ra, não lhe pos-so a-cu-dir, Te-nho o meu a-mor na guer-ra, não lhe pos-so a-cu-dir.

Vejo mar e vejo terra,
Vejo espadas a luzir;
Tenho o meu amor na guerra,
Não lhe posso acudir.

Não ha dor que tanto custe,
Como a dor do coração;
Todos os males teem cura,
Só este mal é que não.

Um gallo sósinho rege
Dez gallinhas como quer;
E custa tanto a um homem
Governar uma mulher!

As nuvens no ceu se tingem
N'um arco de sete côres,
São sete as dores de Maria,
São setenta as minhas dores.

Eu sou como o verde tojo,
Que se veste de amarello;
Eu bem sei que te faz mal
O muito bem que te quero.

Ao passar na tua rua
Perdi um lenço encarnado.
N'uma ponta tinha a lua,
E no centro o sol dourado.

Eu sou como o trigo em maio
Ceifado no S. João;
Em qualquer engano caio
Feito pela tua mão.

Quem do meu peito sahiu
Grande delicto causou,
Não venha cá com piedade,
Quem sahiu não mais entrou.

Rio que vaes para baixo,
Passas por um bem que adoro;
Se te faltarem as aguas,
Leva as lagrimas que eu choro.

Este fado data da installação do campo de manobras em Tancos.

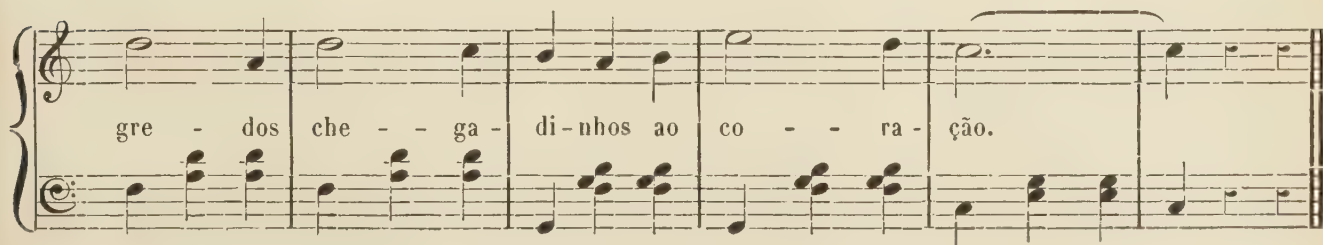
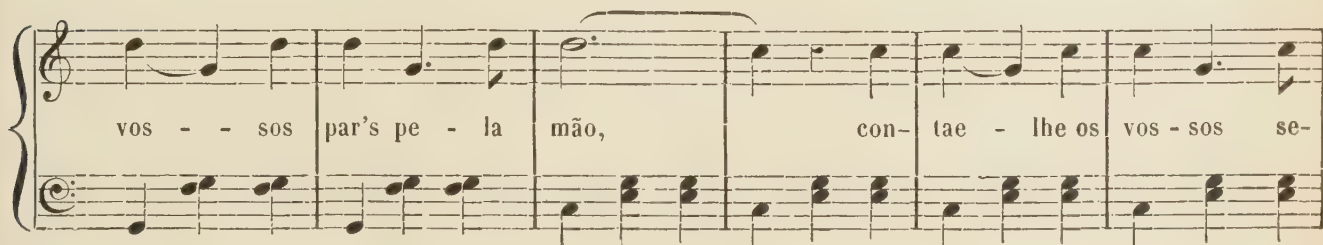
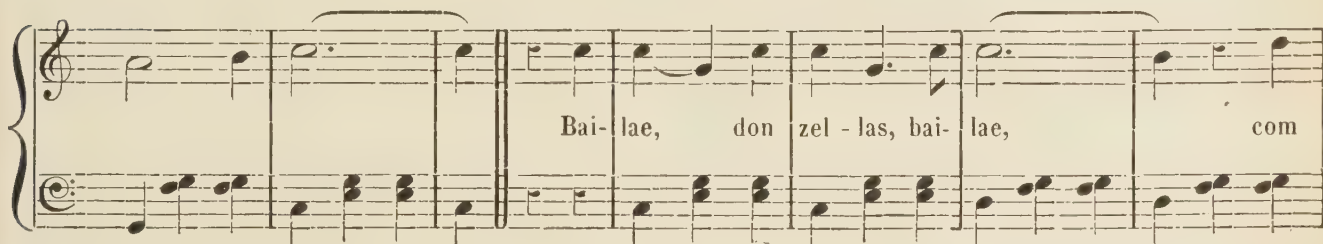
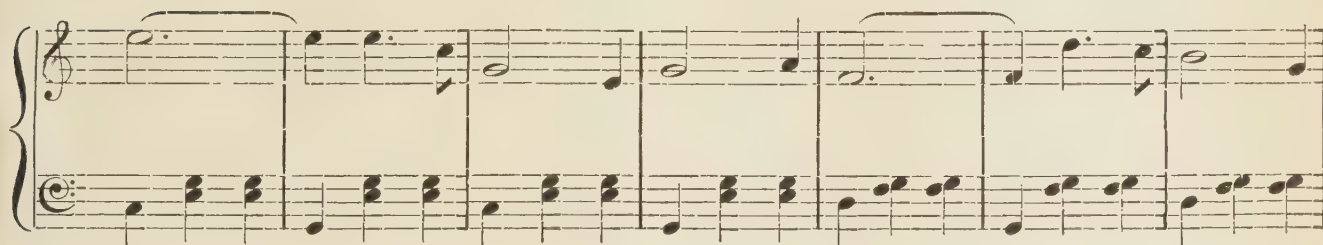
TROVAS E DANÇAS

N.º 5

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Silva Pinto.

Tempo de valsa

558

Bai- lae, don zel - las, bai- lae, com vos - - sos par's pe - la mão, con- tae - lhe os vos - sos se- gre - dos che - - ga - di - nhos ao co - - ra - ção.

TROVAS E DANÇAS

N.º 6

À Ex.ma Snr.a D. Ilda de Castro Silva.

Tempo de valsa

559

Pal-mas dou -ra - das dão- e aos a- man - tes,

so-mos cons - tan - tes os na - mo- ra - dos, que - ro - te tan - to

oh mi - nha qu'ri - da, hei de te a mar, lin - da ra - pa - ri - ga.

AI LAÇOS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Octavia Villas-Boas.

560

Andante

Sau - da - de, sau- da - de, mi-nha lin - da flôr, sau -da - de, sau- da - de, mi - nha lin - da flôr,
Eu te - nho sau- da - de de ver meu a - mor, eu te -nho sau- da - de de ver meu a- mor.

Ai la - ços, ai fi - tes; mor - rer a - ca - bar, com mo - ças bo- ni - tas, mor-rer a - ca - bar, com mo-ças bo- ni - tas.
Ai fi - tas, ai la - ços, Ni - na, nos teus bra - ços, Ni - na, nos teus bra - ços.

Saudade, saudade,
Minha linda flôr,
Eu tenho saudade
De ver meu amor.

Ai laços! (1)
Ai fitas!
Morrer, acabar,
Com moças bonitas,
Ai fitas!
Ai laços!
Morrer, acabar, (2)
Nina, em teus braços.

Dize-me lá o mal
Que t'eu tenho feito?
P'ra de mim fazeres
Tão ruim conceito.

Malo hajam cerros
Que encobrem baixuras,
Que não deixam ver
Certas creaturas.

Mal o haja Elvas,
Tanta peça tem,
Todas embocadas,
Oh meu lindo bem.

Quem brilha em Elvas
São os artilheiros,
Em Villa Boim
São os sapateiros.

O forte da Graça
Anda n'uma onda,
Fugiram os presos
Da casa redonda.

Villa de Estremoz
Santo André no centro,
Onde eu vou á missa
E o meu regimento.

Recolhida no Vimieiro, Alemtejo.

(1) Forma-se a roda, abraçando-se todos. virados para o centro e parados.

(2) Abraça cada um o seu par, e quando repete abraça o par da direita, passando cada dama para a esquerda do seu cavalheiro; d'esta sorte ficam logo os pares mudados.

A OBRA DO FIRMAMENTO

DESCANTE PELA SAGRADA ESCRIPTURA

Á Ex.ma Snr.a D. Belmira Moreira Chaves.

Andante

561

Quan - do o Se-nhor for -mou a o-bra do fir-ma- men - to,

o - bra de gran-de ta -len-to, e ju- i - - - - - - zo.

D. C.

Quando o Senhor formou
A obra do firmamento,
Obra de tanto talento
E Juizo;
Formou tambem um paraiso,
De arvores e flores composto,
Tudo de summo gosto
E perfeição.
E para guarda fez Adão,
E de sua costa a mulher;
E Deus depois lh'a arefere
Assim:
—Fica-te n'este jardim,
De delicias guarnecido,
E olha bem que és o marido
De Eva.—
Adão todo se enleva
Por se ver acompanhado;
Logo foi aconselhado
Pelo Senhor:
—Tudo fica a teu dispôr,
Tudo te ha de ter respeito,
Porém, guarda o preceito
E escuta:
Comerás de toda a fructa,
Sem que haja prejuizo;
Mas agora é bem preciso
Que te explique,
Para que em tua memoria fique,
E gozes com *previnencia:*
Só da arvore da sciencia
Do bem e mal;
Olha que é culpa mortal
Se tal te acontecer...
Olha que has de morrer
Na verdade.—

A serpente com maldade
Eva foi logo attentar,
E ella facil foi pegar
No pomo;
E do qual partiu um gomo
E ao seu marido offereceu;
E Adão da fructa comeu
Tambem.
Ambos egual culpa teem,
Eva e o seu consorte;
Ficaram sujeitos á morte
Chorando.
Apparece o Senhor bradando:
—Adão! onde estás metido?—
«Senhor, estou escondido
Com vergonha.
—Oh que terrivel, medonha,
Foi tua culpa commettida!
Acabou-se a boa vida
Que tiveste.
«Senhor, a mulher que me déste
Cá me veio enganar...
—Vem cá, oh Eva, explicar
De repente.
—«Senhor, a maldita serpente
De certo me enganou!»—
E o senhor por ella bradou
Devéras:
—Oh maldita entre as feras!
Eu te deito a maldição...
Andarás tu pelo chão
De rastos,
Comendo hervas e pastos,
E a terra para alimento;
Ella será teu sustento,
Malvada!

Tu, Adão, com tua enxada
A terra cultivarás;
E tu, Eva, parirás
Com dór.
Nada fica ao teu favor,
Já que a vontade fizeste;
Assim perdeste o celeste
Agasalho.
Tu, Adão, com teu trabalho
Ganharás para comer,
E Eva te ha de obedecer,
A rasão direita.
Aqui ficarás sujeita;
Tu Adão a dominarás,
E te multiplicarás
Com ella.—
Perderam, pois, a capella
Que o Senhor lhe houve guardado,
Tudo causa do peccado
Horrendo.
Alli ficaram vivendo
E o seu peccado chorando,
Ambos supplicando
Perdão.
Aqui abateram então.
Logo Eva concebeu,
Foi quando o Senhor lhe deu
Caim.
Este foi um filho ruim,
Muito tyranno e cruel;
Ao depois lhe deu Abel,
Pastor.
Este foi um resplendor
De voto e de castidade;
Porém Caim com falsidade
O matou.

E o Senhor p'ra elle olhou,
Depois que elle fez o mal,
Pondo-lhe logo um signal
De preto.
Portanto, ficou sujeito
A eterna escuridão,
Negro como um tição
De lume.
Acabou-se-lhe o ciume
Que tinha com seu irmão;
E augmentou-se a geração
Dos peccadores.
E já isto, meus senhores,
Tem durado de tal sorte
Que só finda quando a Morte
Vem.
Ella não respeita a ninguem,
Leva a todos por parelha,
Nós temos bem o espelho
A' vista.
Não ha pessoa que resista
Nem mesmo o padre santo,
Que ella leva a quanto
Topa.
Todos que estão na Europa,
As mesmas pessoas reaes,
Os bispos e cardeaes
Vae levando.
E tambem de quando em quando
Reis, principes e monarchas;
Até mesmo os patriarchas
Levou.
Pois um Deus que nos creou
Quiz pela morte passar,
Como havemos de escapar
A' espada?
Ella é certa e pouco esperada,
Da morte tudo se esquece;
Mas por fim tudo padece
Este lance.
Todos passamos o transe
Da morte com afflições,
Que os mais santos corações
Padeceram.
Aquelles perfeitos morreram:
Em vizo de santidade,
Um Lamé, um na verdade
Que é:
O pai do grande Noé,
Um Abrahão glorioso,
Seu filho prodigioso
Isaac;
Os habitantes de Israc,
Paes e irmãos de Ludim,
Aquelle Labal Caim
Trabalhador.
Um Nabucodonosor,
Mais aquelle santo Job,
Um admiravel Jacob
De Israel;
Adão, seu filho Ijabel,
O grande Melchisedeque,
E aquelle bom Ab-Meleque
Rei!
E eu isto tudo direi,
Certifico e assim é:
Lá tambem morreu José
No Egypto.
Tudo isto está escripto;
E nada póde faltar:
Tambem morreu Putifar
Sacerdote.
Morreu aquelle justo Loth,
E tudo o que era egyptano,
Morreu o rei soberano
Pharaó.
E não foram esses só:
Tambem morreu Batuel,
Agar, mais Ismael
Seu filho.
De nada eu me maravilho:
Tambem morreu Izacar,
E o seu filho Soar
Tambem;
Filhos, irmãos de Rubem,
Os moradores de Babel,
E os fundadores de Batel
Passaram.
Nenhum do transe escaparam
Da vil morte com destreza...
Ella vem com subtileza
E mata.
Segundo a Escriptura relata,
De certo que a ninguem perdôa:
Leva o sceptro e leva a corôa,
E tudo mais.
Não respeita cabedaes,
Tudo leva por igual,
Tambem leva o general
E o brigadeiro.
E morre quem tem dinheiro,
P'r'a morte não ha penhor;
Tambem morre o governador
Na praça.
Morre tudo quanto passa
Esta vida com rigores;
Morrem padres, confessores,
Que estão
Lá em sua religião
Orando a Sam Miguel;
Tambem morre o coronel
Do regimento;
Morrem alferes, sargento,
O soldado e o capitão;
Morrem aquelles que estão
Na enxovia.
Morre toda a fidalguia;
Morre o pobre e o abonado,
E o ser muito endinheirado
Não faz;
Morre o velho e o rapaz;
Morre tudo sem remissão;
Tambem morre o guardião
No convento.
Morrem no acampamento
Tambores e mais soldados;
Morre nos mares salgados
O marinheiro;
Tambem morre o escudeiro,
O medico e o *surgião;*
Tambem morre o escrivão
E o juiz.
Segundo a Escriptura diz,
Só dois foram escapados,
Elias e Enoc chamados
De certo.
Tem morrido no deserto
Aquelles santos levitas,
E o povo dos israelitas
Fallece.
A morte ninguem conhece:
Morreu o sabio Salomão
E o valoroso Sansão
Gigante;
Morre o leigo e o estudante,
Tambem morre o embaixador;
Morre aquelle lavrador
Que anda
De uma para a outra banda
A sua vida girando,
De modo que vá ganhando
P'ra passar,
Sem a morte lhe lembrar,
E ella já batendo á porta,
Que de repente lhe bota
A mão.
Muitos leva sem confissão,
Pois isto me faz tremer,
Vendo podermos morrer
Sem sacramento,
Nem signaes de arrependimento
Sendo a morte de repente...
Pois valei-me o omnipotente
Deus.
Tudo são peccados meus
De que eu tenho de dar conta
A Deus, e sempre com prompta
Vontade.
Pois Deus é de piedade;
Aquelle doce Jesus,
Está c'os braços na cruz

Pregados!
Tudo por nossos peccados
Padeceu morte e paixão!
E nós com ingratidão
O tratamos!
Assim é que lhe pagamos
Todo o bem que elle nos faz;
Mas, lá no *Val de Josaphaz*
Veremos
As contas que cada um demos,
Lá no dia universal,
Quando o Senhor der a final,
Sentença.
Os bons com gloria immensa,
E os maus sentenciados,
Para serem abrazados
No inferno!
Eu peço ao Padre Eterno...
Valha-me todo o christão
N'esse dia de afflicção
E amarguras.
Abrirão-se as sepulturas
C'os corpos resuscitados,
Sendo de novo formados
Como d'antes!
E as boas obras brilhantes
Na presença do Salvador;
E os maus serão com rigor
Tratados.
Ali darão, Senhor, brados,
Bradando só por Elias,
Segundo as prophecias
Rezam.
Ali veremos como prezam
Boas obras que fizemos,
E os peccados que commetemos
N'esta vida.
Mas oh! que terrivel lida!
Oh! que cegueira fatal!
Sendo este mundo um val
De enganos?!
Vive um homem tantos annos
N'esta vida engolfado,
Muitas vezes só obrigado
Se confessa.
Não se lhe dá que se esqueça
D'aquella santa doutrina,
Que a egreja sempre ensina
Aos fieis.
São os homens tão crueis...
Só se enlevam em modiças...
Só ouvem algumas missas
Por comprazer.
A's vezes vão lá p'ra vêr
Moças da sua affeição,
Se levam trajo ou não
A seu gosto.
Se levam lenço bem posto,
Boa meia e bom sapato,
Se tem capote e mais fato
A' moda.
E outros mettem-se na roda,
Que estão de quando em quando
E vão sempre murmurando
Dos mais.
Vão os filhos com os paes
Beber vinho a uma adega,
Se o dinheiro lhes não chega
Pedem fiados.
'Stando os paes embebedados
Dizem, a cambalear,
Aos filhos: — Vamos jogar
Ao vento.
Oh! que mau *educamento!*
Oh! que triste creação!
Eis porque os filhos são
Malcreados.
Mas se estes são casados,
Teem filhos p'ra governar,
Teem-lhes por certo a faltar
Co'o sustento.
Tudo serve de tormento
A's mulheres, se são honradas,
Muitas vezes já cançadas
De bradar.
Apparece para o jantar,
Sabe Deus quando Deus quer,
Uma côdea p'r'a mulher,
Se lh'a dão.
Os maridos, sem discrição,
As levam aos encontrões,
Quando não lhes dão bofetões
Pela cara.
Amigo do jogo, repara,
Mette a mão n'este painel,
E recolhe-te ao quartel
Da saude.
E pede a Deus que te mude
Essa terrivel cegueira,
Que é saude p'r'a algibeira
Do cobre.
Tudo que a mão descobre,
E esse vicio infernal,
Fazem perder o signal
Do ceu.
Isto vae de déu em déu,
E assim domingos passemos,
De modo que sempre busquemos
Divertimentos.
Vai-se tempo e sentimentos
Nos dias santificados,
Que Deus deixou destinados
P'r'o descanço.
P'ra adorar o cordeiro manso
Na sua santa egreja;
Mas a ira de Deus peleja
Com razão
Contra a pouca devoção
Que tem á casa sagrada;
Tanto monta como nada
Rezar.
Não póde a Deus agradar
Esta pouca *desciencia:*
Devemos com reverencia
Adoral-o.
Devemos todos abraçal-o
E a seus santos mandamentos,
P'ra livrar-nos dos tormentos
Que passou.
P'lo sangue que deramou
Pela rua d'amargura,
Tudo para a creatura
Remir.
Devemos todos pedir
A' Virgem Nossa Senhora
Seja a nossa protectora
Em morrendo;
Em quanto formos vivendo
N'este mundo desgraçado,
Tenha sempre o seu cuidado
Em nós.
Pois, ouvi, Senhor, a voz
D'este vosso filho ingrato,
Cuja ingratidão relato
Agora!
Valei-me n'aquella hora
Da morte que ha de chegar,
Valei-me em quanto viver,
Valei-me depois de morrer,
E esta vida findar.

Ouvimos está cantiga em 1865. Não nos foi possivel obter então a lettra, porque o homem que a cantava era analphabeto e só a possuia na memoria. Quando em 1883 appareceu o livro dos *Cantos populares do Brazil*, vimos que o snr. Sylvio Romero, mais feliz do que nós, pôde obter d'um patricio nosso, tambem analphabeto, essa lettra.

Em 1830 já esta musica era conhecida na ilha Terceira, pois com ella se cantava nas ruas a seguinte allusão:

Aos vinte e quatro d'abril,
Das quatro p'ra as seis da tarde;
Embarcaram os voluntarios:
Oh meu Deus, Oh meu Deus que crueldade.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

CANTICO RELIGIOSO

A M.elle Marquise de Chardonnay.

Andantino

562

Co - - ra - ção san - - to Tu rei - na - rás, Tu nos - so en - can - - to sem - - pre se - rás, Tu nos - so en - can - - to sem - - pre se - rás.

D. C.

Como o soldado*
Vela a seu Rei,
Assim meu sangue
Por Ti darei.

Jesus Sob'rano
Em Teu Amor
A nossa prece
Tem seu valor.

No mundo a Egreja
Soffre por Ti;
Na guerra ajuda-me
Tambem a mim.

Se o mundo iniquo
Me combater,
Sempre a teu lado
Hei de vencer.

Anjos, Archanjos,
Santos no Ceu,
Comnosco velam
Ao throno Teu.

Dá-me o triumpho
Na salvação,
P'ra louvar sempre
Teu Coração.

Por inciclica do S. S. o Papa Leão XIII foi instituido no presente anno de 1899 o jubileu do SS. Coração de Jesus com um triduo devoto; nas egrejas do Porto, cantava-se esta musica no coro e o povo repetia-a.

TROVAS E DANÇAS

N.º 7

Á Ex.ma Snr.a D. Ricardina Leite Guimarães.

Andante

563

For- mo-sa hes - - pa-nho-la mo- re - na, se tu tens pe - na meu a-mor le- al, nos meus bra - ços vem ca-hir nos la - ços se to-mar's a- mo - res em Por - tu - gal.

TROVAS E DANÇAS

N.º 8

Á Ex.ma Snr.a D. Petronilla de Veiga.

Andantino

564

f

p

O beijo que te roubei na tua face mimosa, o

signal que te deixei parece um botão de rosa, o

signal que te deixei parece um botão de rosa.

D. C.

LUNDUM DA FIGUEIRA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Ribeiro de Mesquita.

Andante

565

A vi o - la vae na rua, a vi-o - la vae na rua, ai Je sus, per- to vae o to - ca - dor, per - to vae o to - ca - dor; Me - ni-na ve-nha á ja - nel-la, ai, Je-sus, ve - nha ver o seu a - mor. Me - ni-na ve nha á ja - nel-la, ai, Je sus, ve - nha ver o seu a - mor.

D. C.

A viola vae na rua,
Ai Jesus!
Perto vae o tocador:
Menina venha á janella,
Ai Jesus!
Venha ver o seu amor.

Oh meninas da Figueira
Accudam ao Cabedello,
Deu um navio á costa
Com enfeites p'ra o cabello.

A' sombra da laranjeira
Está o meu bem a chorar,
Mais vale não prometter,
Que prometter e faltar.

Quem me déra, oh menina,
A' tua porta morar,
Mas ai, o mundo murmura,
E' preciso disfarçar.

Vem cá tu, meu goivo roxo,
Creado na goivaria,
Quem quer bem chama por tu,
Amor não quer senhoria.

Já te disse, meu amor,
Quem ama que aperta a mão,
Sempre foste e has de ser
Prenda do meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1870.

A YAYASINHA

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira de Castro Monteiro.

Andante

566

Mi - nha do - ce ya - ya zi - nha quan do es-tá to-da en-fa - da - da, dá pan-ca - di-nhas na gen - te... é bem bom, não doe, nem na-da. Gos - to d'el - la só por is - so, que a pan - ca - da tem fei - ti - ço; gos - to d'el - - la só por is - so que a pan ca - da tem fei - ti - ço.

D. C.

Minha doce yayasinha
Quando está toda enfadada,
Dá pancadinhas na gente...
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que a pancada tem feitiço.

A's vezes bulo com ella
Para vel-a amofinada,
Dá-me e... puxa-me os cabellos,
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que o enfado tem feitiço.

Hontem, brincando com ella,
Pregou-me uma dentada,
Clamei-lhe mesmo ferido:
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que a dentada tem feitiço.

Um dia, dando-lhe um beijo,
Poz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse:
E' bem bom, não dóe, nem nada.
  Gosto d'ella só por isso,
  Que seus modos tem feitiço.

Este tango é brazileiro, mas muito vulgar em Portugal, com lettras diversas e sem ella. A musica parece ser de author portuguez.

CANTO DO SUICIDA

VULGO FADO DOS CEGOS

À Ex.ma Snr.a D. Ernestina Herminia Fonseca do Espirito Santo.

567

Andante 8a

An- jo, si - len-cio, não cho-res... a - mei-te mui-to que im- por-ta? An- jo, si - len-cio, não cho-res... a - mei- te mui-to que im -por-ta? Vem bei - jar a fa-ce mor-ta... ou - vi - rás sons do teu no - me, vem bei - jar a fa-ce mor-ta ou - vi - rás sons do teu no-me.

A musica d'este fado foi recolhida em 1874 e não tinha lettra propria; a presente poesia foi-lhe posteriormente applicada.

CANTO DO SUICIDA

Anjo, silencio!... não chores...
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta...
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa
N'estes olhos já não brilhe,
Não chores, anjo, não chores...
Foi um destino... cedi-lhe.

Escuta o hymno, que extremo
Sinto aqui no coração...
Ouves gemer a paixão
N'este adeus ao mundo ingrato?

Luto... mal sabes que luto
Sinto aqui dentro ferver...
N'esta edade em que me mato,
Oh! tanto custa morrer!

Sempre a desgraça!... delicias
Nem uma tive em partilha...
Vi-te tarde, ó casta filha
Dos meus sonhos delirantes...

Olha... eu devo ter dos homens
Uma loisa... pobre sim...
Se m'a derem... vae de lucto
Uma vez chorar por mim.

Uma só não te crimino,
Se depois o esquecimento
Fôr no pobre monumento,
O epitaphio que tiver...

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti...
Extrema crença d'um vivo
Eras tu não te perdi!

Se tivesse esta alma um vôo,
Tu fôras commigo... irias
D'este eculeo d'agonias
Onde vive e viveste!

Estas corôas borrifadas
Do sangue do coração,
Despe-as a fronte pendida...
Deu-m'as o mundo... ahi estão!

Venha o mundo e d'este sangue
Que inunda a face ao precito,
Escreva, cuspa na campa
Esta legenda — É MALDITO!...

Anjo! silencio! não chores...
Amei-te muito, que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

FLOR DA MURTA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Severina Povoas.

Andantino

568

Oh flor da mur-ta ra-mi-nho de frei-xo, dei-xar d'a-mar-te é que t'eu não dei-xo. Mor-rer sim, mas dei-xar-te não; oh flor da mur-ta, a-mor do meu co-ra-ção.
do meu co-ra-ção, ai não dei-xo não.

Esta cantiga parece datar do reinado de D. João V e ser allusiva aos amores d'este monarcha com D. Luiza Clara de Portugal, cognominada a *Flor da murta*. Foi esta dama a mãe dos infantes D. Gaspar e D. José, irmãos naturaes de D. José I. Era casada com D. Jorge de Menezes, de quem diz Camillo Castello Branco: «marido honrado, que morreu de paixão na quinta da Ferrugem em 1735.» Ainda hoje ha em Lisboa a rua da *Flor da murta*, proxima do palacio dos Menezes, á rua de S. Bento.

SENHOR LADRÃO

DANÇA DE RODA

Allegretto

569

Oh se-nhor la-drão an-de di-rei-ti-nho, não quei-ra fi-car no mei-o só-si-nho.

Oh senhor ladrão
Ande direitinho,
Não queira ficar
No meio sósinho.

No meio sósinho
Não hei de ficar,
Que a esta menina
Me vou abraçar.

A esta menina
Que agora entrou,
Deixem-a dançar
Que ainda não dançou.

Recolhida em Coimbra.

OH LADRÃO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Ambrosina Salgado.

Andante

570

Oh la- drão, la-drão, que vi- da é a tua, oh la- drão, la-drão, que vi- da é a tua;
Co-mer e be-ber, pas-se- ar na rua, co-mer e be-ber, pas-se ar na rua.

to-ma, le-va a-mor, que vi- da é a tua, to-ma, le-va amor, que vi- da é a tua,
pas-se- ar na rua, pas-se- ar na rua.

O ladrão, ladrão,
Que vida é a tua!
Comer e beber
Passear na rua.

Toma, leva, amor,
Que vida é a tua!
Toma, leva, amor,
Passear na rua.

O ladrão, ladrão,
Já lá vae p'ra o Pio,
No meio do caminho
Deu um assobio.

PIRIQUITO

CANTIGA

Quasi largo

571

1.a vez

En-con-trei um pe-ri- qui-to na cal- ça-da de San- t'An - na,

2.a vez

t'An - na,

Allegretto

bo-a mei - a, bo - a cal - ça, sa - pa- tos á cas - te- lha-na.

D. C.

Encontrei um periquito
Na calçada de Sant'Anna;
Boa meia, boa calça,
Sapatos á castelhana.

Sapatinho de tres solas
Com saltinho amarello;
Você cuida que me engana,
Não me engana, só se eu quero.

Na calçada de Sant'Anna,
Apesar de bem segura,
Quando o meu amor lá passa
Não ha pedra que não bula.

Recolhidas no districto de Coimbra.

LADRÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Belisa d'Almeida Soares.

Andantino

572

Quan-do eu ia p'ra a es- cola ca - biu- me o li-vro no caes, quan-do

eu ia p'ra a es - cola ca - biu - me o li-vro no caes, a - pe -

nas vi os teus o - lhos já não pu - de es -tu - dar mais, a - pe -

nas vi os teus o - lhos já não pu - de es - tu - dar mais.

D. C.

Quando eu ia p'ra a escola
Cahiu-me o livro no caes:
Apenas vi os teus olhos
Já não pude estudar mais.

Oh ladrão que te vaes embora,
Oh ladrão que te vaes assim,
Oh ladrão que te vaes embora,
Não te lembres mais de mim.

O meu amor é um cravo
Só eu o soube escolher;
Para o craveiro dar outro
Ha de tornar a nascer.

Eu amei dois olhos pretos,
Que me foram dois traidores:
Quem diz que o preto é fiirme
Entende pouco de cores.

Eu já fui o teu amor
Agora já o não sou;
Se ainda para ti ólho
Foi geito que me ficou.

Graças a Deus que já chove
Pinguinhas no meu jardim:
Graças a Deus que já tenho
Meu amor ao pé de mim.

Recolhida em Coimbra. O estribilho *Oh ladrão*, etc., canta-se com a mesma musica.

AMOR BRAZILEIRO

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Hortencia de Souza Figueiredo.

Andantino

573

In - da sou quem e - ra d'an - tes, in - da si - go os mes - mos pas - sos,
Quan - do vou á tu - a ru - a. as pe - dras p'ra mim tem la - ços.

con 8a

Te - nho - te a - mor mais se - gu - ro que ao mes - mo pro - prio di - nhei - ro;

Glo - ria em meu pei - to, ai, a - mor bra - zi - lei - ro.

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos:
Quando vou á tua rua
As pedras p'ra mim são laços.

Tenho-te amor mais seguro,
Que ao mesmo proprio dinheiro,
Gloria em meu peito,
Ai! amor brazileiro.

Oh meu amor, dá-te o somno,
Vae-te deitar a dormir,
Que eu não quero ver penar
A quem hei de possuir.

Julgavas que eu te queria,
Barquinho de cantareira;
Julgavas que eu era tola
Se eu por ti tinha cegueira.

Meu coração está fechado,
Está fechado não se abre:
Foi-se embora o dono d'elle,
Não está cá, levou a chave.

Toma lá que te dou eu
Estas duas laranjinhas,
Já que te não posso dar
Dos meus olhos as meninas.

Recolhida na Figueira da Foz.

O NUNES CACILHAS

MARCHA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Carolina do Valle.

Andante con 8a

574

Se o meu bem soubesse que eu é que cantava, andava tres dias que me não fallava. O Nunes Cacilhas já foi p'ra a parada; a Barbara maluca ficou na sacada. 'Stá bonita a chita, é de ramalhões, a gente vê caras, não vê corações.

Recolhida no Vimieiro, provincia do Alemtejo.

O VALVERDE—LADRÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Guimarães.

Allegretto

575

Oh | El - vas, oh | El - vas, Ba - | da - joz á | vis - ta, já | não faz mi -

la - gres San | Jo - ão Ba- | ptis - ta, já | não faz mi - | la - gres San | Jo - ão Ba -

ptis ta. Val- | ver - de, Val- | ver - de, Val | ver - de, la - | drão, rou- | ba a-go-ra a | mo-ça, rou-

ba que é la - | drão. Já | cá vae rou - | ba - da, já | cá vae na | mão; Já | cá vae fe -

cha - da no | meu co - ra- | ção. já | cá vae fe- | cha - da no | meu co - ra- | ção.

D. C.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. J. Nunes Sereno em Villa Viçosa.
DANÇA.—E' como a do *Snr. ladrão*, e egualmente a lettra.

ALDEIA DAS LARANJAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Ermelinda das Neves.

Andante

576

Por ci-ma se cei-fa o pão, por bai xo fi - ca o res- to - lho; ra - pa - ri-gas não se en - le - vem em ra-paz que em pis ca o o - lho. Oh

con 8a

Al - dei-a das la - ran - jas on - de se ge - ram li - mões, en - con-trei u - ma me - ni - na de pa - lei-o co'os ci - da - dões.

Oh Aldeia das laranjas,
Onde se geram limões,
Encontrei uma menina
De *paleio* co'os cidadões.
De *paleio* (1) co's cidadões,
Ao pé da estrada real:
Quem tem o seu bem á vista
Passa a vida menos mal.
Passa a vida menos mal,
Passa a vida alegremente,
Oh Aldeia das Laranjas,
Ao pé da estrada corrente.

Esta rua tem pedrinhas
Hei de mandal-as varrer,
Com uma vassoura de prata
Que d'ouro não pode ser.

Por cima se ceifa o pão,
Por baixo fica o restolho;
Raparigas não se enlevem
Em rapaz que empisca o olho.

Rigorosa penitencia
Me deu meu confessor,
Que não falla-se contigo
Que te perdesse o amor.

A penitencia é grande
Não a posso cumprir,
Hei de fallar ao amor
Aonde quer que o vir.

(1) *Paleio*, calão moderno que significa conversa.
Recolhida no Alemtejo.
DANÇA. — Em valsa ou em mazurka, mas mais vulgarmente em passeio caminhando os pares uns atraz dos outros passando cada individuo o braço pelas costas do seu par.

O TREVO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Corina Augusta de Macedo.

Andante

577

P'ra a-pa - nhar o tre - vo, o tre - vo, no chão,

p'ra a-pa - nhar o tre - vo na noi - te de San Jo - ão.

P'ra apanhar o trevo,
O trevo no ar;
P'ra apanhar o trevo
N'uma noite de luar.

P'ra apanhar o trevo
Não te encolhas, oh Maria,
P'ra apanhar o trevo
Mesmo ao romper do dia.

P'ra apanhar o trevo,
Oh Maria, não te encolhas,
P'ra apanhar o trevo,
O trevo de quatro folhas.

Esta cantiga appareceu no Porto pelo S. João de 1898; primeiro canta-se uma quadra desgarrada e depois é que segue o estribilho.

FRUM-FRUM-FRUM

CANTIGA

Allegretto

578

Eu já não que-ro, frum-frum-frum, go-sar dos a - man-tes, frum-frum-

frum, o-ra, o-ra se-nhor Ven - tu - ra, frum-frum-frum, o Ven-tu-ra já mor- reu, frum-frum-frum.

Recolhida no Alemtejo.

FADO DO ZÉ POVINHO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria das Dores Souza Barreto.

Andante

579

p

Ao pé do mon-te d'Ay-ró, on-de só d'u ma pé ga - da, ao
pé do mon-te d'Ay - ró on - de só d'u-ma pé - ga - - da, deu
a fon-te da Vir- tu - - de que a - hi nas - ce, vi - da e fa - - ma, deu
á fon-te da Vir- tu - - de que a - hi nas - ce, vi - da e fa - - ma.

Ao pé do monte de Ayró
Onde só de uma pégada,
Deu á fonte da Virtude
Que ahi nasce, vida e fama.

Pelo caminho de cima
Com uma talha apedrada,
Pucarinho de Extremoz
Em prato de porcellana,

Ia Leonor pela sésta
Para a fonte buscar agua,
Lavradora que de todas
E' por formosa invejada.

Leva o cabello em rolete,
Melenas dependuradas.
Gargantilha de belorios
Com relicario de prata.

Colete de seraphina,
Figa de azeviche á banda,
Ramal de coraes no braço,
E camisa debuxada.

A todos quantos encontra
Com seus olhos prende e mata,
E com ser escassa a moça
Dão seus olhos muitas dadas.

Mais passos devo ás pedras
Do que á tua formosura,
Que as pedras duras não fogem
Tu foges e mais és dura.

Se sabeis que vos adoro
Não sejaes esquiva sempre,
Que amor com amor se paga,
E só quem paga não deve.

A lettra que ouvimos cantar com este fado pertence a um poemasinho *Auto da Lavradora de Ayró* publicado em 1678; vem nas *Poesias* de Antonio de Villasboas e Sampaio, impressas em Coimbra em 1841.

D. AGUEDA DE MEXIA

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Ursula de Jesus Ferreira.

Moderato

580

E - ra u - ma me-ni - na bel la, e ra u - ma me-ni - na bel-la, dis -

cre - ta e bem pa-re ci - da, dis - cre - ta e bem pa re ci - da.

D. C.

Era uma menina bella,
Discreta e bem parecida,
D. João a namorava,
Mil requebros lhe fazia,
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;
Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal-a com um mercador
Que áquellas partes vivia.
D. João quando isto soube
Por pouco se não morria:
Foi-se dali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber aonde ia.
O cavallo é quem andava,
Cavalleiro obedecia;
Passou por terras e terras
Nenhuma não conhecia.
A' sua tinha chegado,
Onde estava não sabia,
Té que veio a passear
A' rua de sua amiga;
A's casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é coberto de preto
Mais preto que ser podia.
Mandou chamar uma dama
Por Deus e á cortezia:

—Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tão doloridas?
«Trago-as por minha senhora
Dona Agueda de Mexia,
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria;
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.

Dom João quando isto ouviu
Por morto em terra cahia;
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
A vér o que elle faria.
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama tinha:

Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Santa Maria,
Que me ajudes a erguer
A campa da minha amiga.
Ali a viu tão formosa
Tal como d'antes a via.
Pôz os joelhos em terra,
Os braços ao ceu erguia;
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou por um punhal d'ouro
Por lhe fazer companhia.
Permittiu a Virgem Santa
A Virgem Santa Maria,
Que se não perdesse uma alma
E um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante estendia,
Seus lindos olhos se abriram
A sua bocca sorria;
Volta á vida que se fôra
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae o foram buscar,
Já estava na agonia;
Vêm amigos, vêm parentes
Todos com grande alegria;
E a D. João dão a esposa
Que mui bem a merecia.

Recolhida no Alemtejo.

CANTIGAS CARNAVALESCAS

N.º 1

Á Ex.ma Snr.a D. Justina Candida Malheiro.

Andantino

581

As me- ni - nas d'es - ta ter - ra tem no co - (ti-ro li ro li), tem no co - (ti-ro li-ro li), tem no co - ra - ção can - du - ra,

to - das for - mo- sas e bel - las dão seu pei- (ti-ro li-ro li), dão seu pei- (ti-ro li-ro li), dão seu pei - to, a mor, ter - nu - ra.

As meninas d'esta terra
Todas mimosas flores,
Não ha outras como ellas
Se se casam por amores.

As meninas d'esta terra
Todas felizes o são:
Quando se deixam de amar
Foge amor do coração.

Os rapazes d'esta terra
São uns puros cavalheiros,
Quando quizerem casar
Vão á mercê de dinheiros.

Os rapazes d'esta terra
Tem os corpos elegantes;
Quando fallam ou escrevem
São uns burguezes galantes.

E' muito antiga. Recolhida no Alemtejo.

CANTIGAS CARNAVALESCAS

N.º 2

Á Ex.ma Snr.ª D. Alice Laura de Sá.

Allegretto

582

Mi- nha cai - xi-nha de pra – ta, for - ra- da de pa... for-ra- da de pa... for-ra-

da de pa... pe - lão; quem qui - zer to-mar ta - ba – – co to-me-o

do meu co... to-me-o do meu co... to-me-o do meu co - ra - ção.

D. C

N.º 3

583

Quem qui-zer com-prar to - ma-tes fal-le com o meu... fal-le com o

Quem qui-zer sa - ber o res-to, po - de ir á mer... pó - de ir á

Fi - ca sa-ben - do o ca- mi-nho pa - ra ir á ca... pa - ra ir á

meu... fal - le com o meu hor - te-lã – – – o.

mer... pó - de ir á mer - ca das flo – – – res.

ca... pa - ra ir á ca - ça d'a-mo – – – res.

Estas tres cantigas pertencem ao antigo reportorio carnavalesco, em que o disparate, os termos immundos e demasiado livres, eram a base divertida e engraçada. A primeira foi recolhida no Porto e a segunda no Alemtejo.

FADO DO CELTA

Á Ex.ma Snr.a D. Delphina Alice da Fonseca Ferreira Pinto. *Poesia de A. d'Azevedo C. Branco.*

Andante

584

Oh mi- nha mãe te - nho me - do de fa - zer-lhe a con-fis -são, De lhe con-tar um se - gre - - do, que tra - go no co - ra ção; de lhe con-tar um se - gre - do, que tra - go no co - ra - ção.

D. C.

UM CELTA

—

L'élément essenciel de la vie poetique du celte, c'est la aventure...

E. Renan.

—Oh minha mãe, tenho medo
De fazer-lhe a confissão,
De lhe contar um segredo,
Que trago no coração.

«Pois é justo esse receio
De contar segredo teu
A quem te embalou no seio,
A quem a vida te deu?

—Se eu lh'o revelar agora,
Se o meu segredo disser,
Minha mãe decerto chora...
Quer, pois, que o confesse? quer?

«Advinho-o... foges da casa
Que foi feita por teu pae...
Paciencia, meu filho... Casa.
Espera que eu morra e sae.

Que te custa? eu vou-me embora;
Não tens muito que esperar.
—Valha-me Nossa Senhora!
Não posso vel-a chorar.

«Eu irei lavrar as leiras,
Irei a vinha podar,
Estenderei pelas eiras
O trigo para o malhar.

Casa, filho.—A minha ideia
E' outra, querida mãe:
E'... deixar a nossa aldeia
E ir pelos mundos além.

Desde que vi tantos povos
Lá da serra do Marão,
D'uma fraga onde poem ovos
As aguias pelo verão,

Desejo correr cidades,
Não me sinto bem aqui,
Parece-me ter saudades
De terra em que já vivi.

Quando o sol ás tardes vejo
Ir para onde fica o mar,
Oh minha mãe, que desejo,
Que vontade de embarcar!

«Que te falta aqui, meu filho?
Não tens a junta dos bois?
Campos de trigo e de milho,
A vinha? que falta, pois?

Temes, por ventura, a fome?
—Tem razão. Fico; porém...
Esta terra não me come,
Se morrer depois da mãe.

«Ai! filho, estás enganado,
Infeliz do passarinho,
(Bem diz o velho dictado)
Que nasceu n'um pobre ninho!

Esta canção deve ser cantada a *duo* por uma senhora e um homem (fazendo de mãe e filho como indica a poesia).

ORA ADEUS, ADEUS

CHULA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Salazar.

Andantino

585

O meu bem me | dis-se e a-chei-lhe gra- | ci-nha, o meu bem me

dis-se e a-chei-lhe gra- | ci-nha, 'stá che-ga-do o | tem-po de tu se - res | mi-nha, 'stá che-ga do o | tem-po de tu se - res

mi-nha. O-ra a deus, a- | deus, a-deus que me | vou, o-ra a-deus, a - | deus a-deus que me | vou, não cho-res a -

mor que eu in-da a-qui es | -tou, não cho-res a - | mor que eu in-da a-qui es- | tou.

Ora adeus, adeus,
Adeus que eu me vou:
Não chores, amor,
Que eu ind'áqui 'stou.

O meu bem me disse,
E achei-lhe gracinha:
—'Sta chegado o tempo
De tu seres minha.

Ao cimo da praça
Se vende aguardente,
A dez reis o copo
Que regala a gente.

Oh amor, amor,
P'ra que é que disseste,
Que havias de vir,
E nunca vieste?

Meu bem não tem nada
E eu sou pobresinha;
A sua riqueza
E' egual á minha.

Se eu quizera amores,
Tinha mais de trinta:
Eu tenho só um,
'Stou na minha quinta.

Já tocam os sinos
Lá na freguezia;
Vão os namorados
A' missa do dia.

Toma lá, amor,
Toma lá limão,
Colhido de noite
Pela fresquidão.

Sabe bem o vinho
Por copo de prata,
Não posso q'rer bem
A quem me maltrata.

O meu coração
Ao ver-te se abriu;
Tornou-se a fechar
Quando te não viu.

Por mais que tu queiras
Não foges decerto;
Entra no meu peito
Que é um ceu aberto.

O meu bem me disse:
—Oh linda Maria,
Essa tua cara
E' a luz do dia.

Recolhida na Figueira da Foz pelo Ex.mo Snr. Pedro Fernandes Thomaz.

A NOITE DE NATAL

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Deodata de Magalhães Pessoa.

Andantino

586

O gal - lo ba-teu as a - zas quan - do o Sal - va-dor nas- ceu, quan - - do o Sal - va-dor nas - ceu.

PRIMEIRA VERSÃO

O gallo bateu as azas
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram,
Glorias ao céo descendeu.
Deus andava pelo mundo,
Mas San Pedro assim dizia:

«Quem não quer pobres em casa
Tambem me não quereria?

Vinte quatro de Dezembro
Foi a noite do natal,
Que rompeu a primavera
Meia noite do signal.
Vamos, vamos nossa gente,
Que aqui não fica ninguem,
Vamos visitar Maria,
Teve o Menino em Belem.
Em Belem nasce o Menino,
O bom Jesus verdadeiro,
Que desceu do céu á terra
A livrar do captiveiro.

SEGUNDA VERSÃO

A Virgem nossa Senhora
Está ao portal de Belem,
C'o seu menino nos braços,
Jesus! que está tanto bem!
Cantou-lhe uma cantiguinha:

«Filho meu, que te farei?
«Não tenho cama, nem berço,
«Em braços te embalarei.
«C'o as lagrimas dos olhos
«Filho meu te lavarei!
«Na manguinha da camisa,
«Filho meu, te alimparei.
«Nas mantilhas do meu rosto,
«Filho meu, te embrulharei.

TERCEIRA VERSÃO

A lua vae tanto alta
Como o sol ao meio dia;
Mais alta ia a Senhora
Quando p'ra Belem corria.
San José ia atraz d'ella
Sem alcançal-a podia;
Quando chegou a alcançal-a,
Já seu Menino nascia.
San José foi para o céu,
Os anjos lhe perguntaram:

—Como ficou lá Maria?—
Como Rainha a trataram.
Respondeu-lhe San José
Cantando a Ave Maria:
«Maria lá ficou bem,
Ficou n'uma estrebaria,
Com suas portas de prata,
E paredes de ouro fino,
Quem seria o lavrador,
Que taes portas lavraria?
Era o Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria.

Recolhida na ilha de S. Jorge. Esta musica é antiga, e vae sendo abandonada por outras mais modernas. Canta-se na noite do Natal. A parte poetica foi recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. Teophilo Braga.

OS REIS MAGOS

ROMANCE

Á Ex.[ma] *Snr.*[a] *D. Julia Amelina dos Santos Lima.*

Andantino

587

Che-ga-dos, che - ga-dos são os tres Reis, da par-te, da par-te do O-ri-en - te, da-par-te do O - ri - en - te, vi-si - tar, vi - si - tar o Rei da glo - ria nos - so Deus nos-so Deus Om-ni-po -ten - te, nos-so Deus Om - ni - po - ten -te.

D. C.

Chegados são os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Rei da Gloria,
Noso Deus Omnipotente.
Em caminho de um anno
Gastaram só treze dias,
Com favor muito soberano
Do Infante Rei Messias.
Guiados por uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam ver outra mais bella
Que era o Menino Jesus.
Elles ouviram dizer
Ha presepio em Belem,
Onde estava Deus nascido
Remedio p'ra o nosso bem.

Herodes como malvado,
Como perverso inimigo,
A's avessas ensinou
Aos tres Reis o caminho.
A estrella se escondeu
Chegada a uma cabana,
Logo os tres Reis adoraram
A Jesus neto de Anna.
Oh meu menino Jesus
Em que palhas estaes deitado,
Sendo vós o Creador
Que o mundo tinhas creado!
Offereceram-se ao menino
Cada um por sua vez,
Por a lapinha ser pequena
Não couberam todos tres:

Offereceram-lhe ouro fino
Como Rei oriental,
Incenso como divino
E myrrha como a mortal.
Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o Rei da gloria
Filho da Virgem Maria,
Que nasceu pobre em Belem
Para a todos nos salvar,
Entre a mula e o boi bento,
Que o estava a bafejar.
Patriarcha San José
Pegae no vosso menino,
Que entre palhas 'stá deitado
A chorar que é pequenino.

Os anjos com alegria
Musicas lhe vão cantando,
E' o Rei dos altos ceus
Que na gloria está reinando.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre. Amen.

Este romance é antigo e canta-se na ilha de S. Jorge na noite de Reis. A lettra foi recolhida pelo Ex.[mo] Snr. Dr. Teophilo Braga.

OH LIDAE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Gervasia de Faria Leitão.

Andantino

588

A - gua mol - le em pe - dra du - - - ra ai, ai, ai, tan - to dá a - te que fu - ra, oh li - dae, li-dae, li - dae, oh lun- dum,lun-dum,lum- dum, oh do ré - té - pum.

Agua molle em pedra dura,
Ai, ai, ai,
Tanto dá até que fura,
Oh lidae, lidae, lidae,
Oh lundum, lundum, lundum,
Oh do ré-té-pum.

Quem do alheio se vestir
Na praça se ha de despir.

Quem tem filhos tem cadilhos,
Quem os não tem cadilhos tem.

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece.

Quem canta seus males espanta,
Quem chora seus males augmenta.

Das mulheres que fallam latim,
Ai, ai, ai,
Livrae-nos S. Joaquim,
Oh lidae, lidae, lidae,
Oh lundum, lundum, lundum,
Oh do ré-té-pum.

Tanto dá a agua na pedra
Até que a faz amollecer.

Das mulheres que mi... em pé
Libera nos, Dominé.

Quem boa cama fizer
N'ella se ha de deitar.

A quem doêr a barriga
Que a esfregue com uma figa.

YAYA

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Adelina Ferreira Pinto.

Andante

589

Man dei fa-zer um an ne - li, man- dei fa-zer um an-

nel-li á i - lha de Pa-qui tá, á i - lha de Pa-qui- tá, pa - ra me-ter no de-

di - nho, pa ra me-ter no de- di - nho da mi - nha q'ri - da ya- ya, da

mi - nha q'ri da ya ya. la la la la la la la la la la la la la la la la la la

la la, da mi - nha q'ri-da ya ya, da mi - nha q'ri-da ya- ya.

Esta canção foi recolhida no Brazil pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton. Comquanto a poesia seja creoula a musica é puramente africana.

TODOS BEBEM

AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Pilar Ferreira.

Andantino

590

Ra - pa - zes, me - ni-nos, fa - zem des - a - ti - nos, re - pi - cam os si - nos e be - bem os vi - nhos na ven - - da, na ven - - da, na ven-da, na ven-da Se- nhor.

Rapazes, meninos,
Fazem desatinos,
E bebem os vinhos
Na venda, senhora.

Nizas e casacas,
Capas e capotes,
Bebem aos potes
Na venda, senhora.

Tambem o Quintella,
Com fama de rico,
Tambem molha o bico
Na venda, senhora.

Tambem o Vigario
Com o seu canto-chão,
Bebe p'lo cangirão
Na venda, senhora.

Tambem os Antonios,
Que são capitães,
Bebem aos tostães
Na venda, senhora.

Freiras e frades,
Repicam os sinos
E bebem dos finos
Na venda, senhora.

Esta cantiga é muito antiga, parece datar do reinado de D. Maria I. Deve ter mais lettra mas não nos foi possivel obtel-a.

MEU DOCE BEM

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Valeriana da Penha Peixoto.

Allegretto

591

Eu não que ro mais a mar, que do a mar te-nho me - do, não

me que ro ar ris car a pa - gar o que não de - vo. Vem

a meus bra - ços meu do - - - - ce bem, oh

vem a meus bra - ços que as - sim nos con - vem, oh

vem a meus bra - ços que as- sim nos con - vem.

Recolhida no Alemtejo.

FADO LAZARISTA

À Ex.ma Snr.a D. Carlota Pinheiro.

Transcripto por L. Sollari Allegro.

592

Allegro

f

p Mui-ta ve-lha de-lam-bi-da, pe-los mui-tos an-nos seus, o que dar não pó-de aos ho-mens vai-o a-go-ra dar a Deus. *f*

p Tor-ra-di-nhas com man-

tei - ga, tor - ra di - nhas em Be - lem! não qu're- mos ter ca - ri - da - de de Fran-

ça, tres ao vin - tem. *f*

f

Torradinhas com manteiga,
Torradinhas em Belem!
Não queremos ter caridade
De França, tres ao vintem.

Muita velha delambida,
Pelos muitos annos seus,
O que dar não póde aos homens
Vai-o agora dar a Deus.

Tem contas no toucador,
Traz comsigo o breviario,
Vae buscar allivio ás penas
No santo confessionario.

Que para velha garrida,
Para quem se acabou tudo,
Não ha consolo na vida
Como um frade rochunchudo.

Torradas e mais torradas,
Por cima café, limão:
Venha para cá o diabo,
Mas lá frades, isso não.

Torradas e mais torradas,
Por cima café, limão:
Se não sahem os taes frades
Teremos grande funcção...

A' amabilidade do Ex.mo Snr. L. Sollari e Allegro, distincto paleographo da Camara Municipal do Porto, devemos o presente fado Lazarista que foi publicado em Lisboa no *Asmodeu* de Setembro de 1858. Este fado conservou uma excessiva popularidade durante uma dezena d'annos, e para isso concorreram os factos que lhe deram origem.

Em 1856 foram introduzidas em Portugal as Irmãs da Caridade vindas de França, para o serviço dos hospitaes e das escholas. Esta novidade no nosso paiz excitou em muitas senhoras de todas as classes sociaes, ou por suggestão ou por capricho, o desejo de se filiarem n'aquella instituição. Isto provocou uma corrente de opinião opposta que se levantou por todo o paiz. A imprensa liberal e os comicios, combatendo com as armas desde o mais serio ao mais ridiculo, fizeram com que um dia as Irmãs da Caridade abandonassem precepitadamente os hospitaes e os azylos Foi devido a este successo que o grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhaes instituiu em Lisboa o primeiro asylo de S. João; achando na rua as creanças que as irmãs da caridade haviam abandonado, foi com ellas mendigar donativos, para crear aquelle asylo.

Este fado resume as manifestações populares d'aquella epocha.

DIGA USTED QUE SIM

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.ª D. Ruth de Mattos.

Andante

593

Quem qui-zer com-prar qu'eu ven - do a - mo-res que eu en-gei tei; ai li ai lo pe-la sal - sa sim, pe-la sal-sa não di-ga us-ted que sim, di-ga us-ted que não.

Os no-vos que a-go-ra te - nho são co - mo ou-ro de lei.

Esta cantiga é velha e comquanto tenha a palavra hespanhola *usted*, é portugueza.

O CABELLO ENTRANÇADO

DANÇA DE RODA

Andantino

594

O ca - bel - lo en - tran - ça - do ser - ve de to - da a ma - nei - ra; de di - a ser - ve de ga - la, de noi - te de tra-ves - sei - ra.

O meu coração é terra
Hei de mandal-o lavrar;
Para semear desejos
Que tenho de te lograr.

Nunca vi altar sem velas,
Nem egreja sem senhor,
Nem casada sem marido,
Nem donzella sem amor.

Eu subi ao marmelleiro,
Corri-o de nó em nó;
Quem tem o amor carreiro
Tem paciencia de Job.

Recolhidas no Alemtejo.

PULADINHO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Rita de Freitas Parada.

Allegretto

595

Oh Jo - - sé, se tu qui - - ze - res a tu - - a rou-pa la -

va - da, pa-ga a u - ma la - va- dei -ra, que eu não sou tu - a cre- a - da.

D. C.

Pu-la- di - nho cer - to, cer - to, pu la- di - nho cer - to não, as mo-ças de Vil la

No-va já não vão a Por-ti- mão, as mo-ças de Vil-la No-va já não vão a Por-ti- -mão.

Oh José, se tu quizeres
A tua roupa lavada,
Paga a uma lavadeira,
Que eu não sou tua creada,
Que eu não sou tua creada,
Que eu não sou creada tua,
Oh José, se tu quizeres,
Já te podes pôr na rua.

Quatro coisas ha no mundo,
Que eu desejava saber:
Cantar bem, tocar guitarra,
Jogar o pau, saber ler.

Pauladinho certo, certo,
Pauladinho certo, não,
As moças de Villa Nova
Já não vão a Portimão.
As moças de Villa Nova
Já não vão a Portimão.
Pauladinho certo, certo,
Pauladinho certo, não.

Se tu visses o que eu vi,
Na villa do Vimieiro,
Uma velha a dar n'um homem.
A's mãos ambas co'um cacheiro.

Recolhida no Alemtejo.

VÁ DE GIRA-GIRA

DANÇA DE RODA OU PASSEIO

À Ex.ma Snr.a D. Claudina Rosa de Mattos.

Andantino

596

Não é na Sal - va - da que es-tão meus a - - mo - - res,
é na ru - a no - va, lá dos Mer - - ca - - do - - res.
Vá de gi - ra, gi - ra, brin - ca tu - do, brin - ca tu - - do.
brin - quem to - dos que a-qui es- tão.
es - te par é meu no di - a d'en - - tru - - do.
na ma- nhã de San Jo - ão.

Não é na Salvada
Que estão meus amores:
E' na rua Nova
Lá dos Mercadores.
Va de gira-gira,
Brinca tudo, brinca tudo,
Este par é meu
No dia d'entrudo.
Vá de gira-gira,
Brinquem todos que aqui 'stão
Este par é meu
Na noite de San João.

Oh amor, não digas
Mal da minha gente.
Póde ser que sejas
Inda meu parente.
Vá de caracol,
Minha rica pomba,
Aqui andaremos
Do sol para a sombra.
Do sol para a sombra,
Da sombra para o sol,
Minha rica pomba
Vá de caracol.

Recolhida no Alemtejo.

FADO JOÃO DE DEUS

Á Ex.^ma Snr.^a D. Herminia Ernestina Ferreira Pinto.

597

Andante

f

Quan- do ve-jo a mi - nha a- ma - da, pa- re - ce que o sol nas - ceu. Can- tae, can-tae al - vo - - ra - da, oh a - ve - si - nhas do ceu.

Quando vejo a minha amada
Parece que o sol nasceu;
Cantae, cantae alvorada
Oh avesinhas do ceu.

N'essas aguas do Mondego
Se pode a gente mirar,
Ellas procuram socego...
E vão caminho do mar.

A rosa que tu me déste
Peguei-lhe, mudou de côr;
Tornou-se de azul celeste
Como o ceu do nosso amor.

Não me falles da janella
Que te não ouço da rua;
Falla-me de alguma estrella,
Que te vou ouvir da lua.

Dizes que a lettra não deve
Ser nunca tão miudinha;
Mas grada ou miuda escreve,
Que o coração adivinha.

Não digas que me não amas
A ver se tenho ciume;
Os laços do amor são chammas
E não se brinca com lume.

A virgem dos meus amores
Sobresae entre as mais bellas:
E' como a rosa entre as flores,
E' como o sol entre as estrellas.

Eu zombo do sol e chuva,
Noite e dia, terra e mar;
Ais de uma pobre viuva,
Se os oiço, dá-me em chorar.

A sombra da nuvem passa
Depressa pela seara;
Mas a nuvem da desgraça
Já de mim se não separa.

Eu bem sei qual é a tinta
Que dás ás faces mimosas;
E' o carmim com que pinta
Deus Nosso Senhor as rosas.

Quando eu era pequenino
Que chorava a bom chorar,
A mãe beijava o menino,
No beijo se ia o pezar.

Nunca os beijos que te dei
Me venham ao pensamento...
Correi lagrimas, correi
Para o mar do soffrimento.

Faça Deus maior o mundo,
Terra e mar e ceu maior,
Que nada faz tão profundo,
Tão vasto como este amor.

Se tua mãe te vigia
Faz tua mãe muito bem;
Com joias de tal valia
Não ha fiar em ninguem.

Na alma já não me assoma
Aquella antiga visão;
A rosa perdeu o aroma
A luz perdeu o clarão.

O author da musica inspirando-se na poesia do grande lyrico, baptisou-a com o seu nome. Lettra d'este fado João de Deus.

ILLUSÃO

CANÇONETA

Á Ex.ma Snr.a D. Ophelia de Castro Silva.

Moderato

398

dolce

Quando a vida voava entre sonhos,
n'essa edade de meiga illusão;
Foi então que amei uma virgem
que era o idol'o do meu coração.
N'um olhar eu lhe

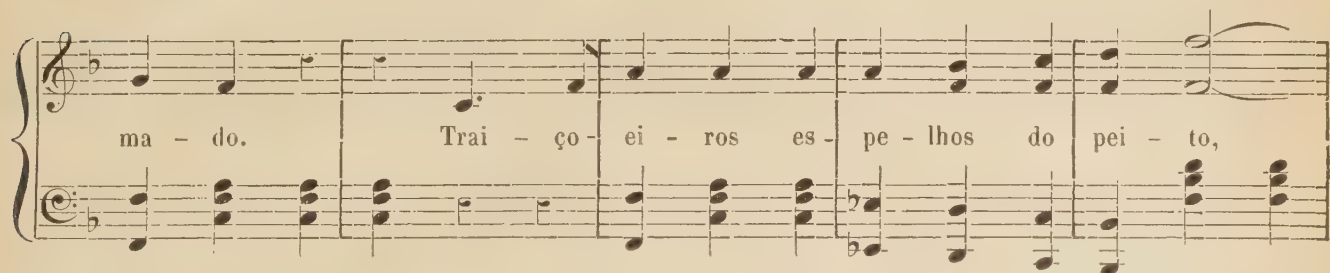
dis - se : eu te | a - mo. | n'ou - tro o- | lhar, res-pon- | deu - me : és a -

ma - do. | Trai - ço- | ei - ros es - | pe - lhos do | pei - to,

taes mys- | te - rios me | tem re - ve - | la - - - | do.

Quando a vida voava entre sonhos,
N'essa edade de meiga illusão,
Foi então que amei uma virgem
Que era o idolo do meu coração.

N'um olhar eu lhe disse: Eu te amo!
N'outro olhar respondeu-me: E's amado!
Traiçoeiros espelhos do peito,
Taes mysterios me tem revelado.

No bulicio importuno do baile,
Onde a dança é o rigor da folia,
Tua imagem era linda e tão bella,
Como um raio do ceu parecia.

Quiz fugir, mas fugir p'ra bem longe,
Para ver se podia esquecel-a,
Era embalde, onde quer que estivesse,
Nunca, nunca eu deixava de vel-a.

Mas a custo se calaram nos labios
As palavras ardentes d'amor;
Não fiz jura, nem quiz ser perjuro
Nem quiz ser alcunhado traidor.

Quiz nos braços d'uma nova amante
Esquecer este meu pensamento,
Deixar uma entregue ao desespero,
Seguir outra, um amor de momento.

Esta canção é brazileira, mas muito conhecida em Portugal.

D'ONDE VENS, OH ROSA?

ORPHEONICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Carolina de Souza Basto.

Adagio

599

D'on-de vens, oh Ro - - sa? eu ve-nho da Ma - - ia, Que tra-zes, oh Ro-sa, lin-da Ro - - sa? u-ma bel - la sa - - ia.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho da Maia.
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma bella saia.

D'onde vens, oh Rosa?...
Eu venho d'alli,
Que trazes, oh Rosa,
Linda rosa?
Que te importa a ti.

D'onde vens, oh Rosa?
Venho de Coimbra.
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma coisa linda.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho de Bemfica.
Que trazes, oh Rosa
Linda Rosa?
Uma coisa rica.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho do Porto
Que trazes, oh Rosa,
Linda Rosa?
Um rapaz garoto.

D'onde vens, oh Rosa?
Eu venho de Lisboa.
Que trazes oh Rosa,
Linda Rosa?
Uma coisa boa.

D'onde vens, oh velha,
Que vens derribada?
Que trazes, oh velha,
Linda velha?
Sardinha salgada.

D'onde vens, oh velha?
Eu venho da praia.
Que trazes oh velha,
Linda velha?
Berbigão e raia.

D'onde vens, oh velho
Que vens derribado?
Que trazes, oh velho,
Lindo velho?
Bacalhau salgado.

E' esta uma das canções que as raparigas entoam a duas e tres partes nas arrancadas do linho. sem acompanhamento, a não ser em occasião de descanço que algum moço pegue na viola e lhe marque o rythmo que lhe addiccionamos.

QUANDO EU ERA PEQUENINO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Celeste da Purificação Teixeira Couto.

Allegretto

600

p

Quan-do eu e-ra pe que-ni-no, que dia-bi-nho Mais tra-ves-so ha-via en-tão? Quan-do as mo-ças me bei-ja-vam, me a-bra-ça-vam, já lhes da-va be-lis-cão; e brin ca-va co'a pri-mi-nha, Ma-ri-qui-nhas, es-con-di-dos no quin-tal; e-ra tão bom o brin-que-do, em se-gre-do, á som-bra do la-ran-jal.

Já beijava-lhe a boquinha
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande
E se expande
Em meu peito mais ardor,
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou acceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha
Brejeirinha,
Vae dizer tudo á vóvó;
Ouço logo uma raspança...
Que mudança!
Até fallam-me em cipó!

Assim é, embora eu jure
E rejure,
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo á priminha
Velhaquinha,
Me responde:—Ora! pois não!

Quando penso no passado
Mal gosado,
Lembra-me um canto que ouvi;
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci:

«O gallo emquanto criança
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate co'o bico no chão.»

Este lundum é brazileiro, mas muito vulgar em Portugal, onde o conhecemos desde 1864.

TRES PALMINHAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda Albina Guimarãer de Cerqueira de Souza.

Moderato con 8a

601

Por pren-da de ro - ma - ri - a u - ma cruz d'ou-ro qui zes - te; Por pren-da de ro - ma- ri - a u - ma cruz d'ou-ro qui- zes - te ; dei - te a mi-nh'al-ma Ma- ri - a, mas nun-ca ao pei-to a trou- xes-te. Dei- te a mi-nh'al-ma Ma - ri - a mas nun-ca ao pei-to a trou- xes - te. Dei - te a mi - nha,

3 palmadinhas

dei - te a mi-nh'al-ma Ma- ri - - - - a e nun-ca ao teu, e nun-ca ao teu pei-to a trou - xes - te.

Dança. — Os pares defronte uns dos outros, meneiam-se como no *Vira* e só batem tres palmas na ultima parte que é repetida. Não lhe conhecemos lettra propria, nem estribilho.

SERRA DE MONCHIQUE

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Angelica Joaquina Baçau.

Andantino

602

De - se - ja - va d'en - con- trar - te n'u - ma ru - a sem sa - bi - da; que te que - ria per - gun- tar que t'im- por - ta a mi - nha vi - da.

ESTRIBILHO

Lá na Ser - ra de Mon- chi - que se for - mou um re - gi - men - to: Ai! de ca- be - ças de sar- di - nhas e o ga - to é o sar- gen - to.

D. C.

Desejava de encontrar-te
N'uma rua sem sahida;
Que te queria perguntar:
—Que te importa a minha vida?

Lá na serra de Monchique
Se formou um regimento;
Ai!
De cabeças de sardinhas
E o gato é o sargento.

Os teus amores, oh menina,
Chegam d'aqui a Lisboa.
A tua louca cabeça
Não vem dar em coisa boa.

Lá na serra de Monchique
Encontrei uma flôr
Ai!
Puz-lhe no pé um letreiro:
Não me deixes meu amor.

A rabaça tambem tem
Repartimentos na folha;
Toda a vida ouvi dizer:
Em quanto ha duas ha escolha.

La na serra de Monchique
Ha alecrim ás mãoschinhas;
Ai!
Tanto merecem a Deus
As altas coma as baixinhas.

Dança.—De roda; no estribilho os pares giram sobre si fazendo *balancé*, e no fim do ultimo verso, que deve ser quasi recitado, param interrompendo a dança e batem fortemente com o pé no chão.

BAHIANA

MIUDINHO

Á Ex.ma Snr.a D. Thereza Maria d'Alvarim Pimenta.

Andantino

603

Mu - la - ti-nha da Ba - hi-a, ai seu bem, já não co-me ba- ca - lhau, já não co-me ba - ca- lhau; co - me bel-lo li-mão do-ce ai, seu bem, bel -la fa-ri-nha de pau, bel- la fa-ri-nha de pau. Já fui á Ba - hi-a, tam-bem ao Pa- rá, quem não tem ca - ra- pi-nha que não ve- nha cá, mas eu que a te-nho por is-so cá ve-nho.

D. C.

Mulatinha da Bahia,
Ai, seu bem,
Já não come bacalhau;
Come bello limão doce,
Ai, seu bem,
Bella farinha de pau.

Já fui á Bahia,
Tambem ao Pará,
Quem não tem carapinha
Que não venha cá;
Mas eu que a tenho,
Por isso cá venho.

Mulatinhas da Bahia,
Ai, seu bem,
Foram-se lavar ao mar;
Deixaram as aguas turvas,
Ai, seu bem,
Sendo ellas um crystal.

Eu fui á bahia,
Eu fui ao Pará,
Meu bem foi-se embora:
—Psiu, psiu, venha cá.
Meu bem foi-se embora:
—Psiu, psiu, venha cá.

Mulatinhas da Bahia,
Ai, seu bem,
Foram passear á praia;
Com sapatinhos de seda,
Ai, seu bem,
Vestidinhas de cambraia.

Eu fui a San Paulo,
Eu fui ao Goyaz,
Cheguei á Bahia
Voltei para traz.
Cheguei á Bahia
Voltei para traz.

Este lundum que no Brazil tinha a designação de *miudinho*, foi trazido para Portugal pelos nossos marinheiros, nos tempos da navegação á véla.

VENHO DO DELGADO

DANÇA

Á Ex.ma Snr.ª D. Isabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta.

Andantino

604

Eu | não que - ro ri - | que - zas, nem | que - ro gen - te | no - bre, | Que em

o Se - nhor | q'ren - do do | ri - co faz | po - bre. | Ve - nho do Del-

ga - do, sem | pés nem pe | ão, | ve nho do Del | ga - do, sem

pés nem pe | ão, Oh a - | mor não me | tra - tes com a - | man-tes, com cha-

lau - tes, com cho- | la - tis, li - pes, | la - pis, la - gri- | mas por ti cho- | rei.

Recolhida no Alemtejo. E' antiga. Dança-se de roda ou em passeio.

CANÇÃO GUERREIRA

DAS

AMAZONAS DE DAHOMEY

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Newton.

Largo

605

Devemos á amabilidade do nosso amigo e distincto explorador africanista o Ex.mo Snr. F. Newton esta e outras musicas indigenas que aquelle dedicado investigador recolheu nos respectivos povos africanos.

A guarda real do soberano de Dahomey, hoje suprimida por influencia da França, era constituida por mulheres. Estas amazonas que acampavam no recinto do paço, renunciavam ao casamento e alistavam-se nas fileiras. Envergavam um uniforme de soldado, um calção encarnado ou verde, uma tunica, uma banda de seda e um capacete. Companheiras dos homens, aos quaes se assemelhavam pelas suas fórmas masculinas, tinham a vaidade de os excederem em coragem e no desprezo da vida, excedendo-os, tambem, muitas vezes, na crueldade rancorosa e fanatica.

D'esta e das seis canções seguintes não recebemos a lettra propria, e como está a terminar a publicação do *Cancioneiro*, para não as adiar para futura edição, resolvemos publicar a musica pela sua importancia.

MARCHA GUERREIRA

Á Ex.ma Snr.a D. Cacilda Fernandes da Silva.

Marcial

606

Recolhida na Africa.

CANÇÃO DE S. THOMÉ

À Ex.ma Snr.a D. Laura Newton.

Andante

607

SELÉ, SELÉ

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José Allen Souto.

Allegretto

608

Recolhidas na Africa.

CANÇÃO DAS LAVADEIRAS

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira Newton.

Andantino

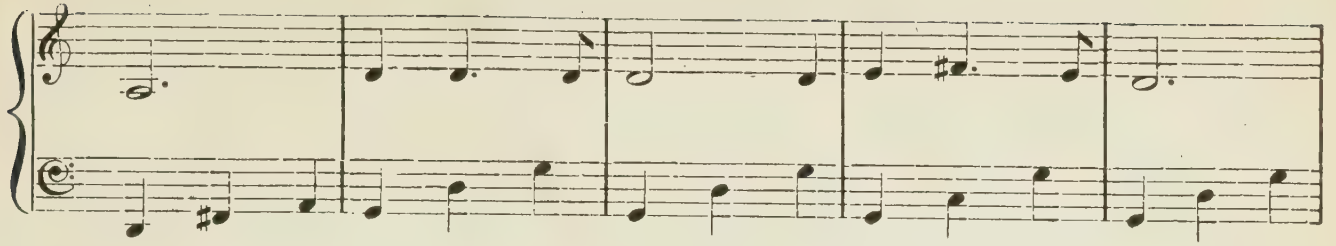
609

ANAGOU

CANÇÃO

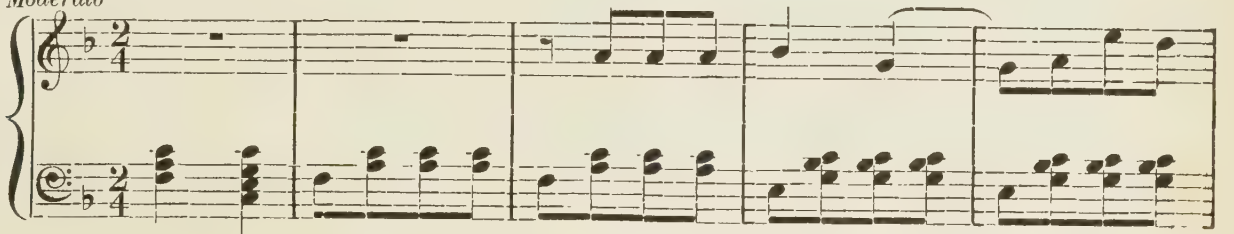
Á Ex.ma Snr.a D. Maria Leonor Allen Souto.

Moderato

610

CANÇÃO DA ILHA DO PRINCIPE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Luizello.

Moderato

611

O NAUFRAGO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Julia de Magalhães.

Andante

612

p Ai do tris-te er-ran-te nau - fra-go, per- di - do no al to

mar, que vê as per - fi das on - - das

o seu bar-qui nho que - brar. que vê as per - fi - das

on - - das o seu bar-qui-nho que - brar.

Ai do triste, errante naufrago,
Perdido no alto mar,
Que vê as perfidas ondas
O seu barquinho quebrar.

Quem virá em seu soccorro,
Onde encontrar praia amiga
Que lhe dê consolo á dôr,
Que lhe suavise a fadiga.

Como a errante andorinha,
Combatida pelo vento,
Cruza o espaço fadigosa
Quasi a cahir sem alento.

Assim eu procuro os mares
Desbordando de amargura,
Sem uma esperança de luz,
Sem futuro, sem ventura.

Devemos ao Ex.mo Snr. Padre João Silveira Madruga a presente canção que nos diz ser muito conhecida nas ilhas dos Açores.

HYMNO NACIONAL 1.º DE DEZEMBRO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Adelaide Mattos Loureiro.

Marcial

613

O va - lor dos Por - tu - - gue - - - - zes é mui

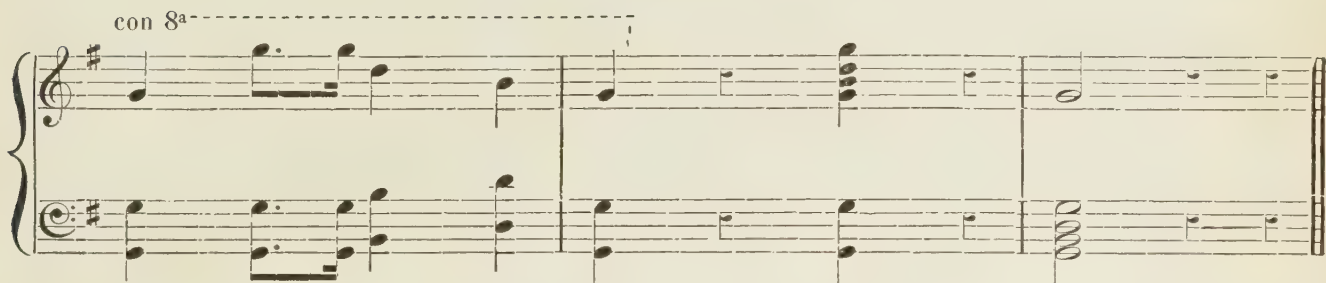
gran - de e mais se au - gmen - - - ta, ven - ceu el - le os Cas - te -

lha - nos em | mil se - is cen-tos e qua - | ren - ta.

CORO

Já mais os po - vos con- | sin-tam, não, não, não, | ju - go es-tra-nho em Por - tu -

gal, não, não, não, Vi - va, | Dom Lu - iz pri - | mei - ro, que é

nos - so ir-mão, Rei sem i- | gu - al, Vi - va | Dom Lu - iz pri -

mei - ro, que é | nos - so ir-mão Rei sem i - | gual.

8ª

8ª

con 8ª

O valor dos Portuguezes
E' mui grande e mais se augmenta,
Venceu elle os Castelhanos
Em mil seiscentos e quarenta.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Valorosos portuguezes,
Festejae dia primeiro
De Dezembro, em que explimos
O ferreo jugo estrangeiro.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Ninguem ha que a patria venda
Ao cruel jugo estrangeiro,
Só algum qual Vasconcellos,
Esse ministro int'resseiro.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Portuguezes denodados,
Filhos da Luza Nação,
Conservae a Liberdade
D'Elrei o quarto João.

Jámais os povos consintam,
Não, não, não,
Jugo estranho em Portugal,
Não, não, não,
Viva D. Luiz Primeiro
Que é nosso irmão, Rei sem igual.

Este hymno não é uma peça artistica, nem na musica nem na lettra, mas tem o merecimento de mostrar na sua rudez os sentimentos de independencia que animam o povo portuguez no seu patriotismo e affecto ao seu rei, quando este lhe sabe conquistar o coração.

Este hymno appareceu em Lisboa por volta de 1864, pouco depois de se organisar a Commissão Patriotica que solemnisa todos os annos a data gloriosa da independencia de Portugal. Não conhecemos o author ou authores.

A MODA GALLEGA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Hartemisia da Conceição Teixeira Couto.

Allegretto

614

mf.

Tra - bal - la - de ra-pa-ces e ni - ñas, pa - ra

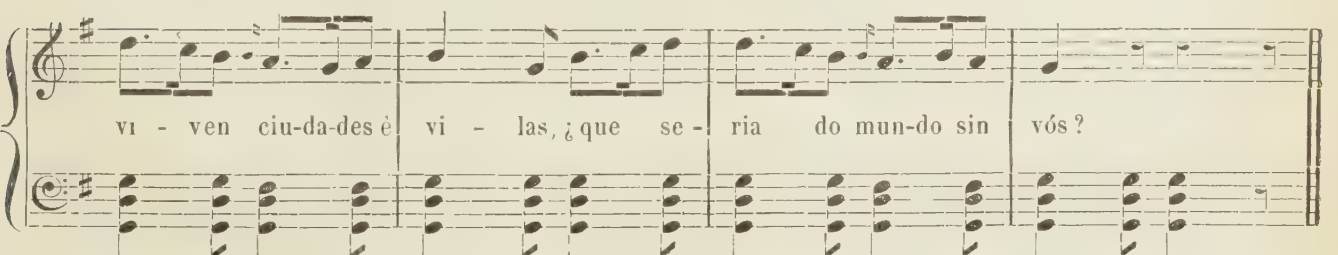
vós o pro vei-to ha de ser; tra - los di - as de ru - das fa - e - nas vi - ran

noi - tes de fol-ga e pra cer.

Tra - los di - as de ru - das fa - e - nas vi - rán

noi-tes de fol ga e pra -cer.

Pas - to - ri - ños das fres-cas mon- ta - ñas, la - bra - do-res das vei-gas tran- qui - las por vós vi - ven ci - u - da-des é vi-las, ¿que se - ria d'o mun-do sin vós?

Por vós vi - ven ciu-da-des è vi - las, ¿que se - ria do mun-do sin vós?

Dança.—A moda gallega é dançada por um par (se ha mais todos fazem o mesmo), dama e cavalheiro defronte um do outro tocando castanholas, balanceam-se em forma de valsa a dois tempos, dando de vez em quando algumas voltas, depois voltando costas com costas, vão andando em volta; em seguida a dama fica no centro, dançando sempre, e o cavalheiro vae dançando em roda virado para a dama; depois fica elle no centro e a dama por sua vez faz a mesma dança rotativa, porém, de costas para o cavalheiro; este vae depois seguindo a dama e procura ensejo de que ella lhe caia nos braços, semelhando um desmaio; voltam-se então um para o outro e dançam como no principio. A musica é feita por gaita de folle, tambor, pandeiro e castanholas.

SANJOANEIRA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Delphina Antunes Leitão.

Andantino

615

Os o-lhos dos na-mo-ra-dos te-em cer-to não sei quê, que ser-vem de so-br'es-cri-pto á car-ta que se não lê, á car-ta que se não lê.

Recolhida na Foz do Douro em 1893.

LUNDUM DA FOZ

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia T. da C. G. Alves d'Azevedo.

Moderato com 8a

616

Eu qui-ze-ra que ao mor-rer mi nh'al-ma fi-cas-se a-qui, só-men-te pa-ra sa-ber o que di-ri-as de mim.

Tris-te vi-da é a da mu-lher, vi-da tris-te e es-qui-si-ta.
Se é fei-a nin-guem a quer, vi-ve em pe-na se é bo-ni-ta.

AS VACCAS

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta da Costa (Braga).

Andante

617

Ao por-tal de vos - sas vac - cas ma- mei lei-te, fez-me som - no; San- to An-tão vos guar - de as vac - - cas mais a vós que sois seu do - - no.

Ao portal de vossas vaccas
Mamei leite, fez-me somno;
Santo Antão vos guarde as vaccas,
Mais a vós que sois seu dono.

Ao portal de vossas vaccas,
Mamei leite nos tetinhos;
Santo Antão vos guarde as vaccas
Mais os vossos bezerrinhos.

Recolhida nos Açores pelo Rev.mo Snr. Padre Cunha. E' muito antiga e ainda hoje se canta e baila na Ribeirinha da ilha do Pico.

OH BRINCHES

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Candida Guimarães Costa.

Andante

618

Pas- sei pe-la tu - a por - ta me- chi - te na fe-cha- du-ra, não m'a qui-zes-tes a - brir, co- ra - ção de pe-dra du - ra.
Oh Brin-ches, oh lin -da Brin - ches, já não te cha-mam al- dei-a, cha - mam - te no-bre ci - da - - de a don - de o *mê* bem pas- sei - a.

Recolhida no Alemtejo.

SERAPHIM JOÃO

MARCHA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Newton.

Allegretto

619

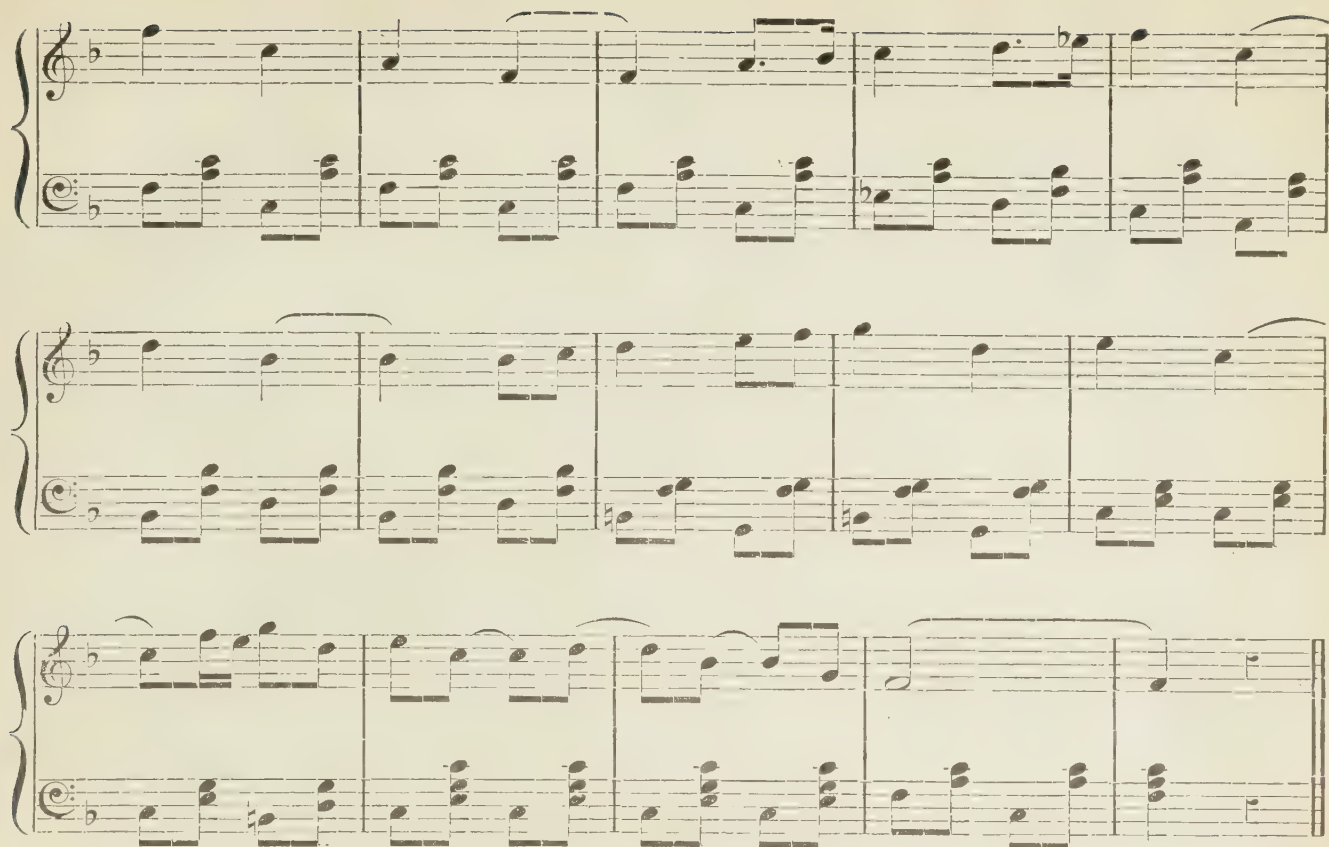
f

da 2.a vez com 8a e f

p

1.a vez

2.a vez

mf.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton na Ilha Brava, do archipelago de Cabo Verde. Esta musica é antiga e applicam-lhe lettra diversa.

ESTRELLA D'ALVA

TOADA

Á Ex.ma Snr.a D. Izaura Newton da Costa Cabral.

620

Andante

VOZ

Es-tlela d'Al-va vae-t'im- bo - la dei-xa o di-a a - ma-nhe- cè.

CORO

Estle - la d'Al - va vae-t'em- bo - la dei - xa o di - a a - ma-nhe- cè.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton. na Ilha do Principe.

E' uso nos casamentos da ilha do Principe os noivos não se deitarem n'aquella noite: andam em romaria pelas portas das egrejas, e só depois que a estrella d'alva desapparece é que retiram para casa. Durante a perigrinação vão cantando esta toada, ora o noivo ora a noiva, a que o coro das pessoas amigas que os acompanham corresponde.

AS BAILADEIRAS DE GÔA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Estephania Martins.

Allegretto

621

Sou fi - lha da no - bre Gô - a, sou da In - di - a na - tu - ral; a - qui te - nho os me - us a - mo-res e o meu rei em Por - tu - gal, a - qui te - nho os me - us a - mo - res e o meu rei em Por - tu - gal.

Sou filha da nobre Gôa,
Sou da India natural;
Aqui tenho os meus amores
E o meu rei em Portugal.

As palmas olham a terra
E as arequeiras o ceu;
Pois vale mais quem se curva
Do que quem tanto se ergueu.

Nem sempre chora quem pena,
Nem sempre o mar mostra escolhos,
Nem sempre ri quem se alegra,
Nem dorme quem fecha os olhos.

Esta musica foi recolhida na India Portugueza pelo Ex.mo Snr. Francisco Newton.

MANDÓ DE GÔA

Á Ex.ma Snr.a D. Bertha Luizello.

Andante

622

Ai se for's um di - a Gô-a, Ma-né Ti-ro-lé, lá ve-rás o que el-la é; Ma-né Ti-ro-lé, as mu-lhe-r's só to-mam chá, Ma-né Ti-ro-lé, os ho-mens to-mam ca-fé, Ma-né Ti-ro-lé.

Recolhida na India Portugueza pelo Ex mo Snr. Francisco Newton.

Errata á pag. 285

608

Dialecto indigena: Ce - lé, Ce-lé, Ce - lé, ten-de pi-tu cu Gin-go to-cá, san Ma Cue que po fla man Por-ta-ge te Gin-go ve-dé.

Traducção litteral: Ce - leste, Ce-leste, Ce - leste, ou-ve flau-ta o Do-min-gos to-car, Se-nhora Ma-ria pó-de descompor, Por-ta-zia tem Do-mingos em verdade.

Já estava esta obra impressa até á pag. 288, quando tivemos a agradavel surpreza de abraçar o nosso amigo, o distincto naturalista o Ex.mo Snr. Francisco Newton, que vinha de Cabo Verde em visita á sua familia. O nosso amigo fez as correcções que inserimos junto, como erratas, e com a competente lettra indigena, como especimen. As outras canções não tem lettra propria porque os indigenas usam improvisos d'occasião.

Errata á pag. 287

Á Ex.ma Snr.a D. Magdalena Luizello.

MOUROS

Moderato

611

Dialecto indigena: Vae pe - la lu - a um ban-do de mue - los, vae pe - la lu - - - a um ban-do de mue - los, pe - lei-já com fô - ça con - ta a lei quis - tám.

Traducção litteral: Vae pe - la ru - a um ban-do de mou - ros, vae pe - la ru - - - a um ban-do de mou - ros, pe - le-jar com for - ça con - tra o rei chris - tão.

CHRISTÃOS

O' - la vá - mo, vá - mo, vá - mo, pa - la a guel-la pe - le - já; a lei mue - lo tem di - nhe - lo con - ta la nós pa - ga - lá.

O - ra va - mos, va - mos, va - mos, pa - ra a guer-ra pe - le - jar; o rei mou - ro tem di - nhei - ro con - tra nós pa - ga - rá.

Esta musica pertence a uma especie de auto que se representa ao ar livre, na Ilha do Principe, extrahido do romance historico Carlos Magno (Calo magáno, lhe chamam os indigenas) Esta representação tem logar nas ruas durante o mez d'Agosto em honra das festas a S. Lourenço: formam-se dois tablados nos extremos d'uma rua, um egalanado de panno encarnado representando uma fortaleza com uma bandeira da mesma côr, tendo no centro o crescente; aqui é a fortaleza dos mouros com o seu rei etc, os actores são todos raparigas pretas, vestidas de encarnado. O outro, adornado com pannos brancos representa tambem uma fortaleza tendo a bandeira branca com uma cruz preta, é a fortaleza dos Christãos, os actores são igualmente raparigas indigenas vestidas de branco. Nas luctas e outras peripecias parlamentares ou de rapina os actores descem dos tablados, e toda a rua é d'elles (ou melhor d'ellas) para pôr em pratica encarniçadamente o seu jogo de scena.

Quando desce dos tablados cada grupo canta as toadas como vão indicadas na musica.

ADDENDA AO PROLOGO

— Pela sympathia e intelligencia que revela da nossa musica popular, o snr. Hussla pode considerar-se, sob o ponto de vista musical, como um naturalisado. Tão portuguez, como Marcos Portugal era italiano. Ha affinidades que em arte conferem uma patria distincta da patria juridica, ainda que o caso constitua excepção.

— Completando as citações do texto, ha a acrescentar o livro de John Milford «Peninsular sketches during a recent tour London, 1816», que insere a pag. 205 uma «portuguese modinha or air» sobre as palavras «Lindos olhos matadores», e a pag. 209 outra sobre as palavras «Por muito minha vontade»; e o «Portugal illustrated in a series of letters by the Rev. W Kingsey — London, 1828», que comtem as canções «Eu bem sei dos teus amores» e «Entreteres meu pensamento», além do nosso Hymno da Carta.

Quanto ao «Album de musicas nacionaes — 1858», attribuido por Grove, no seu diccionario, a João Antonio Ribas, pudemos havel-o á mão depois de publicado o prefacio do 3.º volume d'este Cancioneiro. O seu titulo completo é: «Album de musicas nacionaes portuguezas constando de cantigas e tocatas usadas nos differentes districtos e comarcas das provincias da Beira, Traz-os-Montes e Minho, estudadas minuciosamente e transcriptas nas respectivas localidades por J. A. Ribas — Porto — C. A. Villa Nova.»

Contém a Chula da comarca de Penafiel, Vareira do concelho de Louzada, Trolha d'Afife, As Peneiras Mariquinhas meu amor, o Regadinho, a Raptada ou o Cavalleiro do Mondego, o Fado atroador de Coimbra, a Chula d'Amarante, Manoel tão lindas moças, Tricana d'aldeia (de Villa Real) e o Fado rigoroso.

E' a 2.ª edição do Album a de que nos servimos, e não traz indicação de data.

Novembro de 1899.

M. R.

INDICE

FIM DO TERCEIRO VOLUME

Um assignante d'esta obra que embirra com a musica n.º 601 pediu nos que a substituissemos por outra, ao menos para o exemplar que elle possue, promptificando-se a pagar a despeza que isso occasionasse; nós, porém, gratuitamente lhe satisfazemos o desejo na folha junto que deverá ser cortada e collocada no logar da outra, e egualmente a distribuimos a todos os senhores assignantes pois que pode haver mais algum de identica susceptibilidade